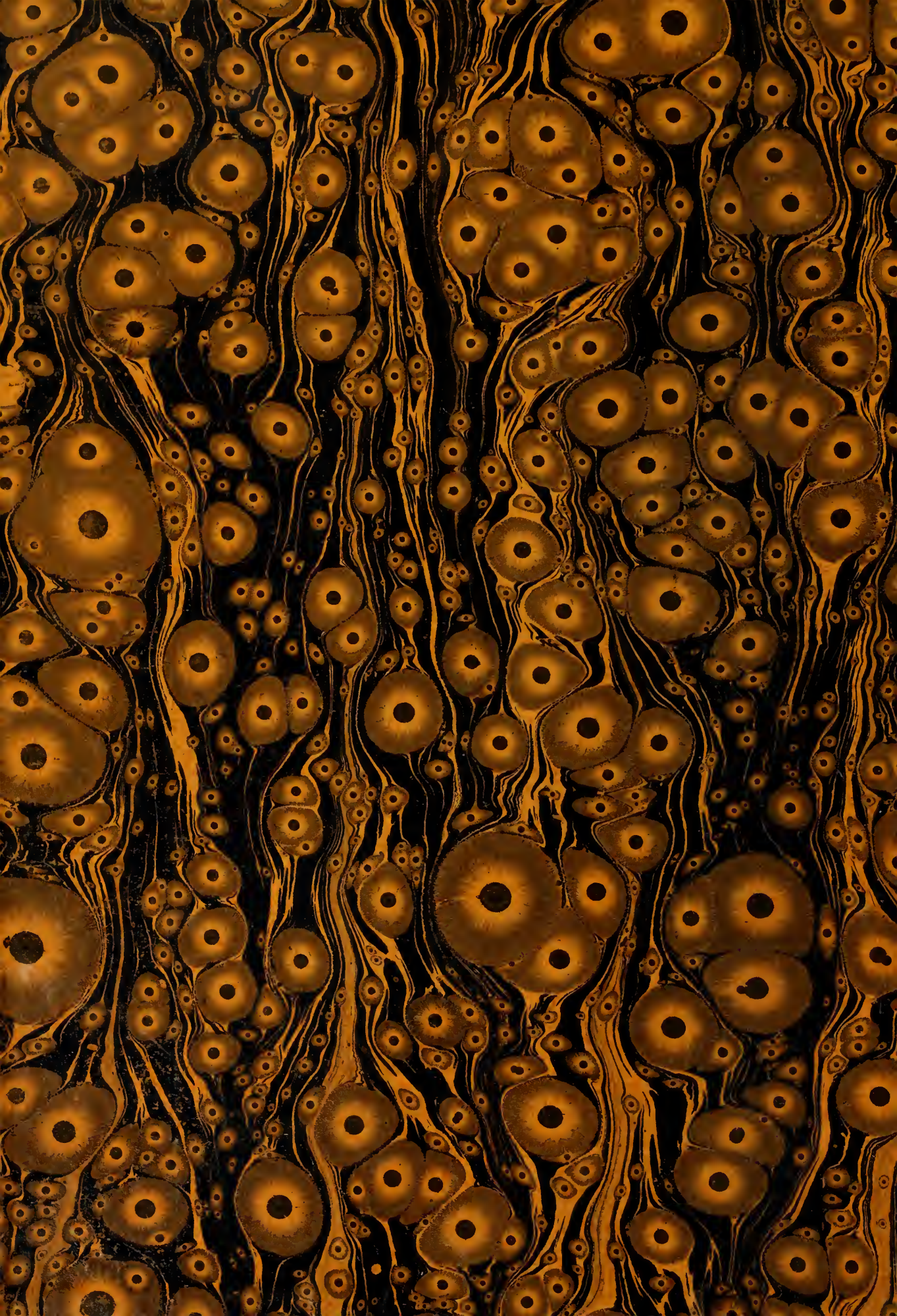
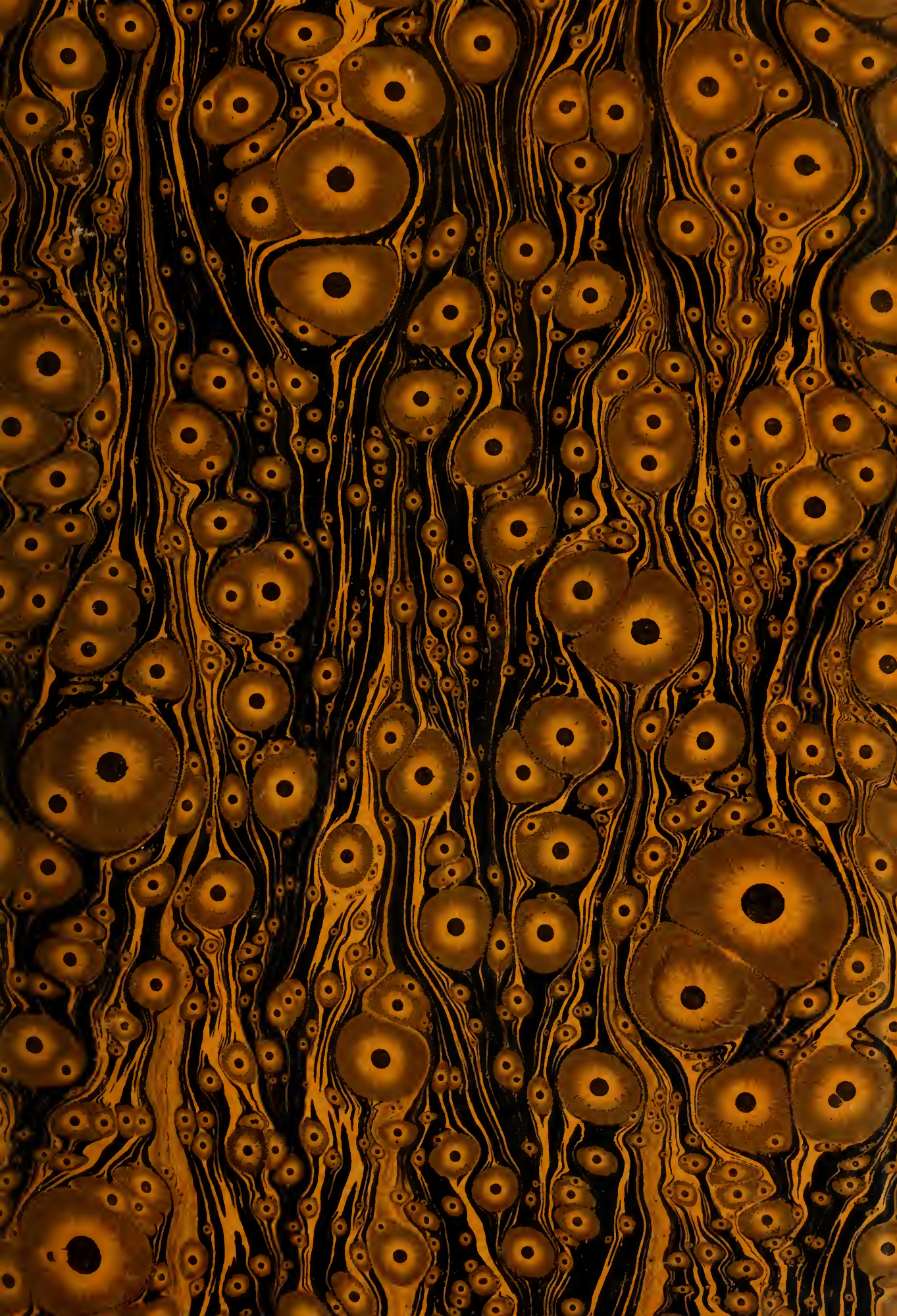
3 1761 07839640 5





OFICINA DE ENCADERNAÇÃO (NO CARMO) C. DO SACRAMENTO, 29

Digitized by the Internet Archive
in 2011 with funding from
University of Toronto

http://www.archive.org/details/primeiraquartap02cace

ESTA É A DITOSA PATRIA MINHA
AMADA
Ex-libris
G. S.

PRIMEIRA PARTE
DA HISTORIA
DE S. DOMINGOS

PARTICULAR DO REINO E CONQUISTAS DE PORTUGAL

POR FR. LUIS CACEGAS

DA MESMA ORDEM E PROVINCIA, E CHRONISTA D'ELLA

REFORMADA EM ESTILO E ORDEM, E AMPLIFICADA EM SUCCESSOS, E PARTICULARIDADES

POR FR. LUIS DE SOUSA

FILHO DO CONVENTO DE BEMFICA

TERCEIRA EDIÇÃO

VOLUME II

LISBOA
TYP. DO PANORAMA—Rua do Arco do Bandeira, 112.

M DCCC LXVI.

OBRAS

DE QUE A. J. F. LOPES É EDITOR,

E SE VENDEM

NA SUA LOJA, RUA AUREA N.º 132 E 134

Panorama, semanario de instrucção e litteratura, fundado em 1837. Uma collecção de 15 vol,.. ..... 22:000
Encadernada..... 27:000
Illustração Luso-Brazileira, periodico universal, collaborado por muitos escriptores distinctos. Tem completos 3 vol, em papel..... 11:600
Encadernados..... 13:600
Historia dos festejos reaes por occasião dos desposorios de S. M. el-rei o sr. D. Pedro v. Um folheto com 10 gravuras..... 200

M. M. B. DU BOCAGE

Obras completas, colligidas, dispostas e annotadas por I. F. da Silva, e precedidas d'um estudo biographico e litterario sobre o poeta, escripto por Rebello da Silva, 6 vol 4:320

BARRETO FEIO

Eneida de Virgilio, traducção com o texto latino, 3 vol..... 2:880

LIMA LEITÃO

Natureza das Coisas, poema de Tito Lucrecio Caro, traduzido do original latino para verso portuguez, 2 vol. 8.º..... 800
Medicina Legal, por Sédillot, 2.ª edição augmentada de notas, 2 vol. 8.º fr..... 1:200

REBELLO DA SILVA

Fastos da Egreja, historia da vida dos Santos, ornamentos do Christianismo, com censura e auctorisação do patriarchado, 2 vol. 8.º fr..... 960
A Mocidade de D. João v, c. d em 5 actos..... 480
Othello ou o Moiro de Veneza, t. em 5 actos, imitação — 1 vol. 8.º fr. 300

MENDES LEAL JUNIOR

Os Homens de Marmore, d. em 5 actos, 2.ª ed. 1 vol. 8.º fr. 360
Homem de Oiro, d. em 3 actos, (continuação dos Homens de Marmore) 1 vol. 8.º fr 300
A Herança do Chanceller, c. em 3 actos em verso, 1 vol. 8.º fr. 400
Pedro. d. em 5 actos, 2.ª ed. 1 vol 8.º fr..... 400
A Pobreza envergonhada, d. em 5 actos com prologo, 1 vol. 8.º fr. 480
Canticos. 1 vol. 8.º fr..... 720
Alva Estrella, d. em 5 actos.... 300

F. SOARES FRANCO

Sermões, 4 vol. 8.º fr. contendo 48 Sermões..... 1920

ANTONIO DE SERPA

Dalila, d. em 4 actos e 6 quadros 1 vol. 8.º fr..... 400
Casamento e Despacho, c. em 3 actos, 1 vol. 8.º fr..... 320

F. D. D'ALMEIDA E ARAUJO

Chronica da Rainha D. Maria II. (completa) 3 vol. em folio... 6:750
1640 ou a restauração de Portugal, facto historico em 4 actos 7 quadros e um prologo..... 300
Minhas Lembranças, poesias..... 500

LOPES DE MENDONÇA

Memorias de litteratura contemporanea, 1 vol. 8.º fr..... 720
Lições para maridos, c. em 3 actos 1 vol. 8.º fr..... 400

L. A. PALMEIRIM

Poesias, 4.ª edição, correcta, 1 vol. 8.º fr..... 600
Dois casamentos de conveniencia, c. em 3 actos, 1 vol.... 360
Como se sobe ao poder, c. em 3 actos, 1 vol. 8.º fr..... 400
O Sapateiro d'escada, c. em 1 acto, 1 vol. 8.º..... 160
A Domadora de feras, c. em 1 acto, 1 vol 8.º fr..... 160

A. CEZAR DE LACERDA

Um Visco. c. em 2 actos..... 160
Scenas de familia, c. em 2 actos. 320
A Duplice existencia, c. em 4 actos..... 240
A Probidade, c. em 2 actos e 1 prologo, 2.ª ed..... 300
Os Filhos dos trabalhos, d. em 4 actos..... 360

PRIMEIRA PARTE

DA

HISTORIA DE S. DOMINGOS

PRIMEIRA PARTE
DA HISTORIA
DE S. DOMINGOS

PARTICULAR DO REINO E CONQUISTAS DE PORTUGAL

POR FR. LUIS CACEGAS

DA MESMA ORDEM E PROVINCIA, E CHRONISTA D'ELLA

REFORMADA EM ESTILO E ORDEM, E AMPLIFICADA EM SUCCESSOS
E PARTICULARIDADES

POR FR. LUIS DE SOUSA

FILHO DO CONVENTO DE BEMFICA

TERCEIRA EDIÇÃO

VOLUME II

LISBOA
TYP. DO PANORAMA—Rua do Arco do Bandeira, 112.

M DCCC LXVI.

LIBRARY
JAN 15 1973
UNIVERSITY OF TORONTO

BX
3542
A.C3
1866
V.2

LIVRO QUARTO

DA

HISTORIA DE S. DOMINGOS

PARTICULAR DO REINO, E CONQUISTAS DE PORTUGAL

CAPITULO I

De huma grande perseguição que em Portugal se levantou contra a Ordem. E dos favores com que a Sé Apostolica acudio aos Religiosos.

Somos chegados com a Historia aos annos do Senhor 1266 na parte que toca á fundação dos Conventos, que he a raiz, e tronco d'ella, despois que nosso Padre S. Domingos nos faltou na terra. E estamos com quatro Conventos de Frades fundados, e hum de Freiras. E ainda que nos temos adiantado tanto nas vidas, e feitos, e successos dos filhos d'elles, que chegamos com alguns aos tempos presentes, sempre nos ha de ficar por guia o anno da fundação de cada hum: assi pera levarmos infiada, e certa a antiguidade de todos, como pera não perturbarmos a ordem das cousas gerais tocantes a toda a Provincia. E por isso he forçado tanto que concluimos o que ha que dizer do Convento, que vai succedendo tornar logo atrás, e levar atada, e direita a conta dos annos. Não ignoro que he desgosto pera quem lê, este modo de dar, e arrepiar carreiras, e tão largas, que chegão algumas a quasi quatrocentos annos. Mas o genero de historia, que temos entre mãos não sofre outra traça (despois de buscadas todas) pera ser intelligivel. Temos exemplo no que faz quem escreve a Cronica de hum Rei, quando trata de seus filhos, que por se não divertir da historia principal, a que está obrigado, se quizesse ir tecendo juntamente com os annos do pai, os

de cada hum dos filhos, lança em hum capitulo junto o que ha de cada filho, hum por hum, até os enterrar todos, inda que vencessem em vida, e annos ao pai, e desobrigado d'elles, prosegue sua narração. Da mesma maneira faço conta que o corpo da Provincia he aqui o nosso Rei, cuja Cronica escrevemos: os Conventos são os filhos: á Cronica do Rei pertence lançarmos em memoria quando, e como lhe naceo o filho, e a filha: e na hora que lhe damos o nacimento, desenrolar logo sua vida até o fim, pera evitar confusão: e despois tornar aos successos gerais, e ir continuando n'elles segundo a ordem dos annos. Com esta começamos a Historia, na mesma iremos proseguindo até o cabo, se Deos for servido dar-nos forças pera lh'o vermos.

Seguindo a metafora proposta, nace n'este anno de 1266 a nosso Rei, que he nossa Provincia, hum filho que he o Convento de Elvas. Mas porque se offerecem juntamente successos de importancia que tocão á Provincia, diremos primeiro estes, e logo tornaremos ao filho. He pois de saber, que correndo com grande credito de virtude, e prosperidade de governo os Conventos que n'este tempo tinhamos em Portugal, sendo estimados dos Reis, e do povo, e trazidos nos olhos dos Provinciais, foi Deos servido pera os fins que elle sabe, que sempre são de nosso proveito, levantar huma rigorosa perseguição contra os Religiosos todos, e contra todos os Conventos, e passou d'esta maneira. Corria o povo com grande frequencia a nossas Igrejas aos Sermões, e doutrinas, e Officios Divinos: e como a vida, e proceder dos Religiosos dizia com o que insinuavão, era grande a devação com que lhes acudia amontoando esmolas, e provimento de toda sorte pera as Communidades, tomando jazigos, e capellas nas Igrejas, encomendando Missas, e suffragios nas sacristias. Foi isto em tanto crecimento (como as cousas do povo seguem sempre estremos) que os Sacerdotes seculares o vierão a sintir, ou como menos cabo seu, ou como detrimento de suas Igrejas, e benesses: levantarão queixa, apertarão com os Prelados, como atrás vimos na cidade do Porto. Começarão os Bispos a fazer caso do negocio, ou temendo que lhes faltassem Curas, ou parecendo-lhes que estavão obrigados a sustentar a causa em que o Clero hia interessado: e a poucos lances determinarão-se em cousa, que foi tirar em claro aos Conventos todo o genero de remedio, tolhião-lhes enterros, impedião esmolas, e offertas, prohibião aos Diocezanos ouvirem os Officios Divinos nas Igrejas dos Frades, castigando com rigor os que faltavão nas

suas, e até nas prégações punhão termo: de sorte que não faltava mais que lançarem-nos das cidades os mesmos Prelados que primeiro nos chamavão pera companheiros de seu ministerio, e nos agasalhavão, e honravão. Encolhião-se os Religiosos no principio por não parecer, que sendo hospedes querião mais lugar na casa alheia do que seu dono lhes dava, padecião sem falar. Crecendo com o silencio o dano, tratarão de o vencer com paciencia: encomendavão a causa a Nosso Senhor com ferventes, e continuas orações, tomando por valedora a Virgem sagrada do Rosario, particular, e universal valedora d'esta Ordem dos principios d'ella, e usando do meio de sua devota Ladainha, antigo refugio de nossos trabalhos. Mas nenhum sofrimento nem moderação nossa mitigava os animos do Clero zeloso de suas prebendas: e como tinhão por si o poder Episcopal, que he alçada suprema, multiplicavão-se avexações, e apertos contra os humildes, sem ser admittida nenhuma composição nem partido de muitos, que algumas pessoas compadecidas da inquietação dos Frades punhão em pratica.

Pareceo então aos Prelados dos Conventos, que excedia os limites da prudencia pairar mais tempo tão porfiada tormenta, porque vinha a redundar a dissimulação em prejuizo geral dos privilegios da Ordem dados pola Sé Apostolica: os quais nenhum subdito pode renunciar; e quando o faça, além de cometer culpa digna de castigo, não val em direito tal renunciação. Assi fizerão queixa na Curia Romana, dando conta de seus trabalhos, por meio do Padre Geral ao Papa Clemente Quarto: o qual lhes acudio logo com hum Breve que achamos originalmente no Cartorio do Convento de Bemfica, e he o seguinte.

Clemens Episcopus, servus servorum Dei, venerabilibus fratribus Archiepiscopo Bracharensi, et Episcopis, ac dilectis filijs Archidiaconis, Decanis, et alijs Ecclesiarum Prælatis, ac Rectoribus Regni Portugalliæ, ad quos literæ istæ pervenerint, salutem et apostolicam benedictionem, etc. Ab omnibus Christi fidelibus, sed ijs præcipuè vos decet inveniri benevolos, quos religiosa vita constituit laudabiles, et Apostolica Sedes habere dignoscitur in filios speciales. Sanè dilecti filij Priores, et fratres Ordinis Prædicatorum in regno Portugalliæ gravem ad nos transmisere querelam, quod nonnulli vestrum ad eos propter Deum, cujus frequenter assistunt obsequijs, affectionem debitam non habentes, ipsos affligunt gravibus molestijs, et pressuris, non permittentes eos uti liberè libertatibus et indulgentijs sibi

et Ordini prædicto ab Apostolica Sede concessis. Cum autem ipsi, quos prædicta Sedes sub sua protectione recepit, ad Apostolicum præsidium propter hoc duxerint humiliter recurrendum: uniuersitatem vestram rogamus et hortamur attentè per Apostolica vobis scripta præcipiendo mandantes, quatenus circa dictos Priores et Fratres pro Divina et nostra reverentia sinceré gerentes charitatis affectum, á quibuslibet eorum molestijs, pressuris, seu injurijs penitus desistatis: ità ipsos libertatibus et indulgentijs hujusmodi uti liberè permittendo, quod super hoc nom aliud adhibere consilium, sed teneamur vobis ad actiones uberes gratiarum. Datum Perusij VII. Cal. Martij Pontificatus nostri anno secundo.

Em vulgar responde assi.

Clemente Bispo servo dos servos de Deos, aos veneraveis irmãos o Arcebispo de Braga, e Bispos; e aos amados filhos Arcediagos, Deães, e outros Prelados, e Reitores das Igrejas do Reino de Portugal, que estas letras virem, saude, e Apostolica benção, etc. Como seja rezão que todos os fieis Christãos achem em vós outros benevolencia, e brandura: com aquelles he bem que sejais mais humanos, que a vida religiosa faz merecedores de honra, e louvor, e a quem a Sé Apostolica mostra ter em conta de filhos especiais. Nossos amados filhos os Priores, e mais Frades da Ordem dos Prégadores, que residem n'esse Reino de Portugal, se nos mandarão gravemente queixar, que alguns de vós não correndo com elles com aquelle termo de caridade que por amor de Deos, a quem servem, sois obrigados: os molestais, e opprimis com pesadas vexações: e não consistis que usem com liberdade das isenções, privilegios, e graças a elles, e á sua Ordem pela Sé Apostolica concedidas. Pelo que recorrendo á mesma Sede, por rezão de os ter tomado de sua proteição, e emparo, a todos universalmente rogamos, e encarecidamentevos exortamos por estas Apostolicas letras, que com encargo de preceito vos escrevemos, que trocando chammente pera com elles, pola reverencia que a Deos, e a nós deveis, todo o rigor em affeito de amor, e brandura, desistais totalmente de os aggravar, e offender em qualquer cousa que seja: e os deixeis usar, e gosar livremente dos ditos privilegios, e liberdades, de tal maneira, que nos fiqueis obrigando, não a tomar novo conselho sobre a materia, mas a vos dar polo que n'elle fizerdes muitas graças. Dada em Perosa aos XXIII de Fevereiro, no se-

gundo anno de nosso Pontificado. (*Responde ao de mil e duzentos e sessenta e seis.*)

CAPITULO II

Dos trabalhos que passavão os Religiosos em quanto lhes tardou o remedio de Roma: e como cessarão todos com as letras do Pontifice.

Em quanto o Breve tardou em chegar ao Reino, crecerão os apertos contra os Frades em numero, e força: e como mal de contagião erão gerais em todos os lugares onde residião. Parece, que queria o Senhor provar, e apurar a constancia da Religião no crisol das tribulações, e dar-lhe muito que merecer. Porque chegou o negocio a tão fortes termos, que resucitarão n'este tempo todas as semrezões com que foi perseguida em Italia, e França quando governava a Igreja o Papa Innocencio IV. As quais erão, que nas Igrejas dos Frades se não admittião seculares nos Domingos, e dias Santos aos Officios Divinos, nem se prégava n'ellas se não despois de acabadas as Missas das Freguezias: nem os Frades podião confessar pessoa nenhuma sem expressa licença do seu Cura: nem se lhes concedia prégar em sua casa, nem fora d'ella, no dia que o Bispo prégava, ou hia ouvir Sermão a outra Igreja, com outras exorbitancias semelhantes: ás quais se juntou agora mandar o Clero fazer petição em Roma, supplicando á Sé Apostolica que mandasse restringir as graças, e favores concedidos á Ordem. Mas esta sobeja diligencia foi a que deu inteiro remedio a todos os agravos dos Frades. Porque se acabou de certificar o Pontifice da rezão que tinhão de se queixar, e do muito que padecião, pois tal requerimento havia contra elles: e doendo-se com entranhas paternais de suas injustas afflições, passou de novo outro Breve, (e não houve mais que tres mezes em meio despois do que fica lançado no capitulo precedente) que foi de grande consolação pera toda a Religião. Porque n'elle honra os Frades dando por certas, e justas suas queixas com huma clausula que só poremos, de que se entenderão as mais, que diz assi.

In quibusdam locis aliquando illas, prout accepimus, persecutiones et angustias sustinetis, ut vix sit vobis possibile, quod ibidem Conditori omnium valeatis, prout cupitis, devotum impendere famulatum. Hinc est, quod nos vestræ providere quieti, ac malignorum malitijs obviare volentes, etc.

E prosegue adiante não só não diminuindo parte nenhuma dos favores antigos, mas ratificando todos com novas ventagens. Cumprio aqui o Pai de misericordias sua antiga promessa (1), tantas vezes repetida de acudir prontamente aos gemidos, e orações dos perseguidos: e enxugou as lagrimas de seus servos, como tinha feito em outras tempestades, de que a Ordem foi combatida em tempos atrás, e particularmente na que atrás tocamos, succedida em vida do Papa Innocencio IV. que largamente conta o Padre Frei Fernando de Castilho (2), a qual ainda que foi geral, não sabemos que tocasse muito aos poucos Conventos, que então havia n'este Reino, e por isso escusamos referil-a.

Com a chegada do Breve primeiro, que foi particular pera este Reino, como temos visto: e com os encarecimentos do segundo, que era geral pera toda a Ordem, foi Deos servido que amainasse a tormenta. O Bispo de Lisboa na hora, que lhe forão presentados por Setembro do mesmo anno, passou logo huma provisão pera todas as Igrejas de sua Diocesi, a qual traduzida em vulgar lançamos aqui, pera que se veja tambem por ella, como por confissão de parte, que escrevemos com pontualidade o que passou: e diz assi.

Matheus por mercê de Deos Bispo de Lisboa. Aos amados em Christo Dayão, e Cabido, e Arcediagos da Sé de Lisboa, e aos mais Prelados e Reitores das Igrejas da mesma cidade, e Diocesi saude, e benção. Recebemos humas letras Apostolicas do Padre Clemente IV. que aqui vão insertas. Pelo que vos rogamos, e com preceito mandamos a todos, e a cada hum de vós, que em conformidade do mandato do Papa Nosso Senhor, e por reverencia sua, e nossos rogos tenhais, e mostreis affeito de caridade com os Priores, e Frades da Ordem dos Prégadores n'ellas declarados: e de todo desistais de lhes fazer molestias, agravos, e semrezões: e livremente os deixeis usar de suas liberdades, e licenças. E todo o bem, e favor que aos ditos Frades fizerdes, porque os amamos com paternais entranhas, eu o agradecerei, como se a mi fosse feito; com apercebimento, que todo, e qualquer agravo que hoje em diante se lhes fizer (o que Deos não permita) hei de castigar, quanto em Deos, e minha consciencia posso, e devo, como intentado, e feito a minha pessoa. Dada em Camara aos dous de Outubro Æra M.CCC.IIII. (Que responde aos annos de Christo de 1266.)

(1) Psalm. 90. (2) M. Fr. Fernand. de Cast. p. 1. liv. 2. cap. 51.

Valerão-se os Frades pera confirmarem o Bispo n'esta boa inclinação de outra Bula que pouco despois teverão em Roma, a qual foi de grande importancia pera se acabarem de render os animos de todos os que lhe fazião contrariedade, e acrecentar nos seculares a devação da Ordem, vendo-a enriquecida de favores da Sé Apostolica, como diremos no Capitulo seguinte.

CAPITULO III

Que contem huma Bula, pela qual o Summo Pontifice mandou festejar em Portugal, e reconhecer por Santo a S. Domingos, e S. Pedro Martyr. Dá-se conta do muito que se estendeo polo Reino a devação de N. P. S. Domingos.

Favorecia o povo por todo o Reino a causa dos Religiosos com hum estremo de piedade, e bom zelo tão declaradamente, que isso lhes dava alento pera sobrelevarem o desabrimento da tribulação em quanto tardou o remedio. Mas do mesmo resultava azedar-se mais o clero, assentando que lhe cumpria não decer de seus intentos: e buscava rezões pera os sustentar, e ao menos reduzil-os a litigio: se os Bispos não atalharão tudo, declarando, e como se declararão sem replica em favor da Ordem. Forão logo perdendo força as opposições, e impedimentos em que andava aceso, e cessarão de todo vendo as grandes honras, e favores com que a Sé Apostolica tratava os Religiosos em o novo Breve que publicarão apoz os primeiros: o qual se bem lhes grangeou credito universal, foi tambem de grande consolação pera todos os devotos, e bem intencionados em suas cousas. Irá logo em vulgar pera que nos escuse relatar de fóra o que contém. He do mesmo Pontifice, e do mesmo anno.

Clemente Bispo servo dos servos de Deos. Aos nossos veneraveis irmãos o Arcebispo de Braga, e Bispos do Reino de Portugal, a quem estas nossas letras forem mostradas, saude, e Apostolica benção. Da excellencia dos merecimentos, com que os bemaventurados S. Domingos Confessor, e S. Pedro Martyr da Ordem dos Pregadores resplandecerão no meio das trevas d'este mundo, procedeo que a santa Sé Apostolica, despois de suas ditosas, e bemaventuradas mortes, os escrevesse no Catalogo dos Santos, mandando solenemente celebrar em cada hum anno as festas dos ditos Confessor, e Martyr, á honra, e gloria d'aquelle Senhor que a cada hum d'el-

les honrou na terra com diversidade de milagres, e no Ceo com premios de luz immortal. O que já de anno atrás se tem largamente publicado pola Christandade, e deve ter chegado á noticia de todos por muitas vias, e principalmente por meio da Ordem, que polo dito Confessor por Divina inspiração foi instituida em amor do Ceo, e desprezo de tudo o da terra. E o dito Martyr a guardou com cuidado de se empregar todo na observancia da lei de Deos, e exercicio de virtuosas obras, até chegar a merecer coroa de martyrio por honra, e defensão da fé Catholica. E pois não he possivel que cousa tão celebre, e tão publica seja de vós outros ignorada, e dos mais fieis d'esse Reino de Portugal não sabida: e he rezão que em todo o caso a estimeis, e venereis. Por tanto vos pedimos, e rogamos a todos, e com encargo de preceito Apostolico mandamos, e em remissão de vossos peccados vos encomendamos que solenizeis a festa do dito Confessor aos cinco dias do mez de Agosto, e a do dito Martyr aos 29 de Abril de cada hum anno pera sempre: e façais que vossos subditos as celebrem com a reverencia devida: e se tomem em vossos Calendarios por lembrança, pera que sua intercessão vos alcançe dos tezouros do Ceo, aquillo que ambos tem já pera si alcançado, e eternamente hão de lograr, e possuir. Dada em Perosa a 20 de Março no segundo anno de nosso Pontificado.

Acabarão de ficar em socego os Religiosos, publicadas estas Bulas, desesperando todo o adversario de poder haver melhoramento contra tamanha força de favor. E como com a paz, e concordia, todas as cousas crecem, por pequenas, e fracas que sejão; e as da Religião, que tem por si a Deos, com maiores ventagens se levantão, he cousa de espanto o grande fruito que por todas as partes do Reino fez esta Ordem, e a prontidão de vontade, com que foi recebida de todo genero, e estado de gente a devação do Patriarcha S. Domingos. De huma cousa, e outra, temos testimunho infallivel no excessivo numero de Igrejas, Freguezias, e Ermidas, e Confrarias que geralmente se forão logo levantando polo Reino, e permanecem hoje. E porque isto redunda em gloria do Santo, e esta historia he sua, sinto-me obrigado a dar noticia d'ellas. Mas são tantas que temo, (como hoje não ha historia sem particular emulo, ou persiguidor) arriscar o credito d'esta, se dando conta do numero, não apontar os lugares, cada hum de per si, pera desengano dos escrupulosos. Por isso iremos fazendo huma como ledainha d'ellas, que ainda

que se estenda hum pouco, espero não será desagradavel, porque se verão de mistura algumas antiguidades notaveis: e se entenderá juntamente a diligencia com que aquelles bemditos Padres antigos nossos irmãos, semeavão a santa Doutrina, não perdoando a nenhuma comarca, por apartada, nem terra por aspera, nem aldea por pequena, mas correndo por tudo, e procurando aproveitar a todos. Que claro está que não podião os povos affeiçoar-se á devação do Santo, nem edificar-lhe casas, sem terem novas d'elle; nem podião ter novas d'elle, sem haver quem lhas levasse: nem lhas podia levar se não quem de raiz as soubesse, e muito de perto lhe tocasse o bem d'ellas, e da honra do Santo. E estes não podião ser outros se não Frades da mesma Ordem, e habito. D'onde fica entendido, e provado que andarão tudo, e não pouparão os pés, pera podermos dizer por elles: *Quam speciosi pedes evangelizantium bona!* (1) Que fermosos são os pés dos correios de boas, e santas novas! E tambem se deixa ver que não foi ocioso seu trabalho, nem pouco o proveito que fizerão, pois assi acenderão nas gentes o amor, e estimação do Santo. Da qual podemos colligir (como nossa humanidade se move tanto por beneficios), que elle as devia obrigar com muitos, como na verdade obrigou; e alguns encontraremos em casos tão peregrinos, que nos fiquem forrando o trabalho de contar muitos. Pois onde houve valia, e poder pera cousas grandes, certo he que não faltaria nas menores. E começaremos esta materia no capitulo seguinte.

CAPITULO IV

Das Freguezias, e Ermidas que ha da invocação de S. Domingos no Arcebispado de Braga.

Começando pola cabeça da Igreja de Portugal, e de toda Espanha, que he Braga, temos em seu Arcebispado sinco Freguezias da invocação de S. Domingos, que são em Valdauta, termo da villa de Chaves: em Ferreiros: em Val de Mendijs: em Soutello junto a Chaves, e em Mirandella, onde chamão o Rego.

No mesmo Arcebispado temos quatro Ermidas de S. Domingos. Huma junto da villa de Guimarães: outra na serra do Alvão, concelho da Ribeira de Pena, junto ao rio Tamega: outra menos de mea legoa da

(1) Rom. 10. Isai 42.

villa de Amarante da outra banda do rio, onde chamão Freirijs, no concelho de Gestaço. Esta ultima he casa de muita romagem, e frequentada principalmente de enfermos das febres, que o povo com nome generico chama maleitas. Sendo, como são, varias as especies, e calidades d'ellas, contra todas tem este Santo especial patrocinio: e são sem numero os doentes d'ellas a que tem valido neste Reino com manifestos milagres. A antiguidade d'esta Ermida teve principio em outra tanto mais antiga, que por ir arruinando de velha, tirarão d'ella os vizinhos huma imagem do Santo de vulto, e a recolherão na concavidade de hum penedo. Mas estando assi desemparado nunca desemparou os que o buscavão em suas necessidades, que todavia era muita gente. Do que naceo juntarem-se hum dia os moradores do concelho: e como corridos de contarem todos, e cada hum por si mercês grandes recebidas do Santo em suas casas, e o Santo não achar em nenhum mais gazalhado, que huma lapa: levantaram-lhe quasi de subito huma boa ermida. E foi tal o gosto, e a devação que como em competencia huns tomarão á sua conta trazer toda a cal, outros dar a pedra, outros a madeira: outros pagarão officiaes, e jornaleiros. E houve homens que se não contentarão com menos, que tomar á cabeça, huns a telha, e outros a pedra até a porem nas mãos dos officiaes. E isto sabemos que succedeo muitos annos antes do de 1540, no qual foi dada á Ordem de S. Domingos a casa de S. Gonçalo. Mas a maior ancianidade se prova por escrituras muito antigas, que fazem menção de hum recolhimento de agoas aqui vizinho, chamando-lhe a poça de S. Domingos. E o nome de Freirijs tambem está mostrando, que devia haver no lugar não só Ermida, mas companhia de Frades. A quarta Ermida he junto do lugar de Lixa, perto da villa de Amarante. Esta quizerão alguns dos vizinhos que mudasse o nome de S. Domingos em S. Roque com medo da peste que os perseguio no anno de 1599. Mas estorvou-o a lembrança que estava viva dos beneficios recebidos do primeiro dono: e ficou-se com seu nome antigo.

No Bispado de Lamego ha tres Freguezias com nome de S. Domingos. A saber, S. Domingos de Fontello; S. Domingos de Escurriquella, que he no concelho de Fontarcada; S. Domingos de Prado, no concelho de Caria.

No mesmo Bispado ha duas Ermidas do nome do Santo. Huma junto da barca de Molledo entre Meijãofrio, e Lamego; outra junto da mesma cidade, que chamão S. Domingos da Queimada. A esta foi em romaria el-

Rei dom Affonso Quinto, segundo parece de sua Cronica, obrigado de muitos milagres que o Santo nella fazia. A tenção era que lhe alcançasse de Deos successor, porque tardava em ter filhos, e alcançou-lhos elle tais que forão santos: porque com este nome celebra a antiguidade a memoria del-Rei dom João segundo polos effeitos que hoje se vem em suas reliquias no nosso Convento da Batalha: e o mesmo possue dignissimamente a Princeza dona Joana, sua irmam, Freira d'esta Ordem no Mosteiro de Jesu de Aveiro, de quem faremos larga menção no titulo d'elle. A mesma jornada com a mesma devação, e intento fez despois el-Rei dom João segundo, seu filho, estando de assento em Abrantes (1). Como não tinha mais que hum só herdeiro que era o Principe dom Affonso, dezejava dar-lhe irmãos, quasi adivinhando sua desastrada morte, que foi em Santarem correndo hum cavallo em idade de dezeseis annos (2). He pratica commum dos moradores d'esta comarca que entre as mercês que aqui alcança de Deos pera seus devotos, he huma dar-lhes filhos que lhe succedão, e alegrem a casa, e sejão vinculo de paz, e concordia no matrimonio; e acodem á Ermida todos os casados que se temem de esterilidade, e não se achão frustrados em suas petições. Por estes, e outros beneficios que cada hora recebem do Santo, he costume de tempos immemoriaes virem a ella algumas Freguezias juntas, e particulares por dia da Ascensão de cada hum anno: sabemos que se juntão n'ella dezoito, que he hum grande povo. E pera ser maior o merecimento da romaria, he de voto, e obrigação de peccado mortal.

O Bispado de Viseu tem duas Freguezias da mesma invocação, que são S. Domingos de Mareco no concelho de Penalva: e S. Domingos de Parada no concelho de Castelmendo.

Tem mais tres Ermidas, que são S. Domingos da Silva, entre Moxagata, e Celorico, junto a Villa pouco, e S. Domingos de Orgens, pouco menos de huma legoa da cidade, que ainda hoje retem o mesmo nome, com quanto está já acompanhada de hum Convento de Religiosos menores. A terceira está em huma quinta que se chama Torneiros, perto da villa de Ladario. He fama que hum Frade, primeiro autor d'ella, fez levar a pedra de junto a huma grande, e dura lagea que servia aos lavradores de eira, em que debulhavão os pães: e contão que quando os carros passavão por cima d'esta lagea, deixavão n'ella impressos os sinais das rodas, como se fizerão caminho por arêa solta, ou terra molle: e

(1) Garcia de Rezende, Chron. del-Rei D. João II, cap. 49. (2) Ibi. cap. 131.

ainda hoje em dia se enxergão. O Frade, segundo a tradição, se chamava Frei Domingos, e a lagea conserva seu nome, ou o do Santo.

No Bispado da Guarda ha tres Freguezias. A saber, S. Domingos de Janeiro, que he huma das sinco Igrejas do Padroado da Coroa Real, nas quais os Reis apresentavão Vigarios. E S. Domingos de Villa Cortez, termo de Celorico. E S. Domingos de Valpicca, termo de Castello bom.

As Ermidas são treze. A primeira he na villa de Fulgozinho. Onde aconteceo hum caso digno de se saber. Passava por ella hum homem honrado, e rico no anno de 1604. Entrou dentro a caso, ou por curiosidade: e foi sem abrir portas, porque as não tinha. E achou muita luz, por ser de telha vam, e estar meio destelhada. A este trato respondia o do altar; e huma imagem do Santo, que era de vulto, e representava extraordinaria velhice, e todavia se conhecia ser sua polas cores, e insignias, estava a huma ilharga do altar, encostada na parede, e não direita. Vendo tanta descompostura quiz remediar o que de presente podia: chegou á imagem, passou-a pera ó meio do altar, assentando-a direita, porque lhe vio fundamento bastante pera isso. Mas em a deixando da mão, ella se veo por si ao chão. Sobresaltado hum pouco do caso, por lhe parecer que cahira sem haver occasião: tornou-a todavia a assentar no mesmo lugar. Porem não a tinha bem largado, quando tornou a cair. Aporfiou terceira vez arrimando-lhe pedras por escóras, e forão tantas que lhe ficarão como hum muro em roda, e caminhou pera a porta. Não tinha dado dous passos, quando sente nova ruina na imagem, e no muro (parece que o Santo se queria ir trás quem se doera de seu desemparo.) Tocado o homem interiormente da estranheza do successo: Ora, disse, Senhor S. Domingos, muito bem vos entendo. Isto he quererdes mudar pousada: e fazeis bem, pois nesta vos vai tão mal. Eu prometo fazer-vos casa, em que estejais com mais decencia, se não for com toda a que se vos deve. Tanto que chegou a sua casa, que era no lugar de Mello, em huma boa quinta, desobrigou-se do voto sem tardança, edificando a prometida obra, e pondo n'ella huma fermosa imagem do Santo, lavrada de pedra de Ansam. E celebrou o dia da collocação, que foi o de sua festa, com solenidade, e custo: e d'ahi em diante ficou fazendo o mesmo cada anno. Não me culpe ninguem de faltar com o nome d'este devoto, que de boa vontade lhe deramos memoria, se o alcançara.

São as outras Ermidas: huma em Aldea Nova, legoa e mea da villa

de Trancoso: outra junto de Castello Branco, que foi edificada polos vizinhos por particular devação, contra os lobos que davão muita perda no gado: e foi tal o soccorro, que acharão no Santo, que a não largarão mais. Outra em Martinhel, termo de Abrantes, na qual se celebra seu dia com Missa solene, e prégação. Outra no termo do Sardoal. Outra junto de villa de Rei, que chamão S. Domingos da Serra. A tres legoas de Abrantes está S. Domingos do Chouto. N'esta tem particular confraria todos os pastores das charnecas á roda, tambem á conta de se livrarem dos lobos. E pera festejarem o Santo mais folgadamente, e com mais concurso de gente, fazem-lhe a festa no mez de Setembro, despois de recolhidas as novidades. E solenizão o dia com meza franca a todos os que a querem. Chamão a isto Vodo, ou por rezão de se fazer por voto (o que o nome acena) ou porque como em voda se parte com todos liberal, e abundantemente. Na villa de Celorico ha duas Ermidas do Santo, huma dentro da villa, outra no termo que chamão S. Domingos de Lagiosa. S. Domingos de Souto de Casa, he no termo de Covilham, huma legoa do Fundão. No lugar das Serzedas he muito antiga a devação, e huma Ermida do Santo em que faz muitos milagres. Celebrão-lhe a festa na segunda oitava da Pascoa da Resurreição. Concorre muita gente da villa, e termo, e dos lugares vizinhos, e são as esmolas tão crecidas, que se affirma abrangem algumas vezes com ellas os mordomos a resgates de cativos. A ultima de todas as d'este Bispado he S. Domingos da Sovereira. E porque merece capitulo particular, polo que n'ella ha que dizer, damos-lhe o seguinte.

CAPITULO V

Da Ermida de S. Domingos da Sovereira: e de hum estranho caso que n'ella obrou nosso Senhor por intercessão do Santo, em favor de hum cativo de terra de Mouros.

São Domingos da Sovereira he junto á villa de Penamacor: Ermida tão antiga, como a noticia do Santo n'este Reino. Porque ha tradição, e memorias que antes que el-Rei dom Dinis começasse a reinar (e começou no anno de 1269) já o Santo obrava n'ella muitos milagres. Chamou-se da Sovereira, por estar arrimada a huma tão grossa, e tão velha, que com o tronco lhe fazia parede de huma banda, e com os braços, e ramada toldo, cobrindo-a toda. De tempos immemoriais he grande o

concurso de enfermos que a visitão, e de sãos que vem comprir novenas: não só das terras vizinhas, mas d'outras muito apartadas: tanto de Portugal, como de Castella: e he tal o successo, que o exemplo dos que recebem saude, faz continuar a devação nos doentes de todo genero de mal, sendo o principal patrocinio do Santo contra as maleitas, doença geral do povo, e dos pobres, que mata com febres, e frios, e fazem huma semelhança das penas do Inferno: d'onde lhe quadra o nome de maleitas, quasi dizendo malditas, como he tudo o do Inferno. Affirmão os antigos que nos tempos atrás estava tão confirmado o credito da casa polo beneficio que n'ella se achava, que se contentava a simplicidade, e bom espirito dos romeiros com levarem consigo, quando se tornavão, das cortiças da sovereira: e tal havia que se não satisfazia com menos que cortar d'ellas, como de reliquias santas, com os dentes. E contão por cousa certa que em tempos, que havia curiosidade pera se porem os casos por escrito, se justificarão muitos em numero, e raros em calidade, de que havia pergaminhos, que o descuido, e antiguidade foi acabando. Todavia conservou alguns em tradição a estranheza d'elles, e huma pintura que ainda dura no retabolo do altar, que como em outros successos antigos temos mostrado, sempre suprio bem as faltas da escritura. Diremos sómente dous de grande maravilha, e por ella bem dignos de memoria: hum que celebra a tradição; outro que autorizão as pinturas.

O primeiro he, que veio a quebrar a sovereira com annos, e velhice de podre, e carcomida; e caindo toda sobre a Ermida com peso bastante pera arruinar huma torre, nem huma só telha quebrou: grande respeito, e grande caso.

No segundo, que consta da pintura, por ser muito extraordinario, se fizerão algumas diligencias juridicas por parte de quem isto escrevia, superfluas todas a meu ver (se he superfluo averiguar verdades com muita exacção) e todas conformarão com o memorial da pintura, e da tradição universal, que todavia se mantem viva entre os moradores; e testimunha o seguinte. Reinando em Portugal el-Rei dom Affonso Terceiro, que foi Conde de Bolonha, succedeo cair em poder de Mouros hum homem natural de Penamacor. Escureceo o tempo as particularidades do nome, e calidades da pessoa, e da occasião, e lugar do cativeiro. Era o tratamento do amo, mais de enemigo, e tyranno, que de amo, e senhor. Porque sendo o pobre, cativo seu, e fazenda sua, assi se deleitava em

lhe fazer cruezas, como se fora Christão livre, ou cuidara que com os tormentos lhe acrecentava vida. Não tinha o atribulado outra consolação no meio dos trabalhos, senão era soccorrer-se ao Santo da sua terra, S. Domingos da Sovereira. E quando a força d'elles lhe arrancava algum gemido (que até o suspirar era culpa diante do barbaro) sempre sahia envolto com o nome de S. Domingos. Era isto tão ordinario, que o Mouro (devia ser algemiado, e d'aqui collijo, que o cativeiro seria em Granada, ou em outra terra de Espanha, das muitas que então, e muitos annos despois senhorearão os Mouros n'ella), veio a notar-lhe a lingoagem. E porque não ficasse cousa em que deixasse de o martyrizar, perguntou-lhe hum dia que arenga era aquella, que trazia na boca continua, quando devia chamar por Alá, nomear Domingos, Domingos (he Alá o nome, por quem os Mouros conhecem a Deos.) Alegremente confessou elle que trazia na boca, e tinha na alma, tendo por obra de fé, e animo catholico pronunciar claramente com a lingoa, o que sintia o coração: e foi proseguindo que era hum Santo, sobido pouco tempo havia da terra ao Ceo, e conhecido na sua por grandes maravilhas que obrava, e em quem elle tinha esperança que o havia de livrar de suas mãos. Caro lhe custou ao pobre a alegria, e liberdade da confissão, pagou-a com rigoroso castigo presente, e com outro mais duro que não tardou. O primeiro não estranhou tanto, como era seu pão quotidiano, offerecendo-o a Deos por honra da fé. Mas com o segundo se vio reduzido a termos de desesperação. Julgou o barbaro que as esperanças do cativo se devião fundar em alguma determinação, e traça de fugida: quiz acautelar-se. Vindo huma noite cansado de servir, e trabalhar o dia inteiro, encerrou-o sobre má cea em hum novo genero de masmorra, que era hum arcaz grande, e forte, que despois de fechado com mais de huma chave, lhe ficou pera inteira segurança servindo de leito. Mas parecendo-lhe, que ainda assi o não tinha bastantemente arrecadado, hia cada dia acrecentando novas cautelas á sua desconfiança. Já lhe lançava algemas nas mãos, já adobes nos pés, despois de encarcerado na arca. E tendo-o assi, perguntava-lhe de cima com escarneo, se esperava ainda no Santo da sua terra.

Considerando com attenção este successo, e outros que com nossos olhos vimos no cativeiro de Turcos, que hum tempo exprimentamos em Argel, cidade da Mauritania: assentamos não ser possivel, se não que era em odio da Christandade, e como em vingança o que este inventava.

Porque qualquer entendimento, por mui rustico que fosse, podia alcançar que muito menos bastava pera haver por bem seguro hum cativo morto de fome, e moido de trabalho. E a verdade he, que saneava a raiva, e o gosto, que tinha de fazer mal ao Christão, com mostrar que nacia de cautela. Mas era já tempo, em que Deos queria declarar ao mundo, quanto acerta quem a este Santo busca, e ama: e quanto podem seus meritos, e intercessão diante da Divina bondade. Huma noite, despois que o Mouro o meteo na triste masmorra na fórma que temos dito, sobre algemas nas mãos, e outros ferros nos pés, lançou-lhe no pescoço hum grosso collar, das argolas do qual sahia huma forte cadea de trinta palmos, com que lhe foi dando voltas, e enrolando o corpo todo. E pera dormir mais a sono solto, lançou sobre o alquicer que vestia, hum alfange em tiracolo, e prendeo hum libreo que tinha ás argolas da arca. Feita esta diligencia estendeo-se sobre ella, e contente do que tinha de novo acrecentado, bateo-lhe de cima, dizendo que se não esquecesse de fazer oração ao seu Domingos da Sovereira, que o viesse livrar de suas mãos. Bem he de crer que se não descuidaria o sepultado de tomar o conselho de seu enemigo, e offerecer aos olhos da Divina misericordia por meio do Santo, aquellas mesmas palavras, e ironia. Como fez n'outro tempo hum Rei Santo, á carta, e blasfemias de hum Gentio (1). Assi se lançarão a dormir á noite ambos em terra de Mouros: assi amanhecerão amo, e escravo, em terra de Christãos, com grande distancia de legoas em meio, e á porta de S. Domingos da Sovereira, em Penamacor. Louvem-vos os Anjos, Deos dos exercitos, *qui facis mirabilia magna solus.* Abrio o Mouro os olhos, vio-se entre montes, e cercado de gente, que polo trajo, e espanto que fazia de sua vista, conhecia ser Christã. Espantava-se o enterrado na arca, ouvindo lingoagem da sua terra, e muitas vozes juntas. Mas nem amo, nem cativo se atrevião a dar credito hum aos olhos, outro aos ouvidos: ambos havião que era tudo sonho. Em fim como não he facil de enganar o sintido da vista, e o Mouro vio que tudo o desenganava, e que estavá entre Christãos, não por sonhos, senão com effeito, que via Igreja, e ouvia som de sinos, que a infidelidade sobre tudo aborrece, acabou de cair que não erão palavras mal fundadas as do seu cativo, quando tanta confiança fazia do seu S. Domingos. Lembrava-se de tudo com estranha confusão, e só desejava saber por ultimo desengano se estava em Portugal. Como tinha conheci-

(1) 4. Reg. 19.

mento das lingoagens de Espanha, perguntou a hum de muitos, que o rodeavão espantados de tal invenção de romeiro, e tais alfaias de romaria, como chamavão a terra, e o sitio em que estavão. Quando soube que tinha diante dos olhos S. Domingos da Sovereira, ficou como fóra de si de pasmado, e attonito: e conformando-se com o tempo, quiz começar a grangear com cedo quem por boa conta trocadas as sortes havia de ser seu senhor.

CAPITULO VI

Prosegue o milagre do cativo: apontão-se algumas particularidades, que o confirmão.

Foi o Mouro logo revolvendo hum molho de chaves que lhe pendião da cinta, e abrindo cadeados, e fechaduras da sua arca. Chegarão os circunstantes com curiosidade a ver que peças traria pera offerecer em tão grande arca o romeiro estranho: se não quando dão com os olhos em hum Lazaro sepultado, e em rosto, e cores defunto: mas vivo na voz, e envolto em novo genero de mortalhas de ferro: e tão carregado d'ellas que de nenhum membro era senhor, senão só da lingoa, com a qual, voz em grita chamava por S. Domingos, como quem tinha já sintido onde estava. Pasmão todos, virão-se huns pera outros fazendo cruzes sobre si, e pondo os olhos no Ceo. Lanção-se logo á arca, querendo cada hum ser primeiro a soltar o aferrolhado: mas erão taes as prisões, que só o Mouro as entendia, porque pera cada huma tinha sua chave. Solto em fim sem outra palavra na boca mais que S. Domingos, deixa-se cair em terra, abraça-se com ella, e beija-a, e vai-se prostrar diante do altar do Santo.

Despois de lhe dar graças com silencio, e lagrimas, tornou pera os que o esperavão alvoroçados, e desejosos de entender a aventura, ou encantamento (que isto parecia mais proprio) com que ali entrara: visto como não aparecião carros, nem azemalas, que pera tal peso menear erão necessarias. Então lhes deu larga conta de sua vida com todo o processso de trabalhos, e duro cativeiro que temos referido: e sobre tudo da oração que sempre fizera a S. Domingos, encarecendo por remate com muitas lagrimas quanto devião estimar, venerar, e servir aquelle Santo, e haverem-se por ditosos em o terem por seu advogado, porque a elle confessava dever a liberdade em que o vião por meio tão estra-

nho, e milagroso: e de si affirmava, e desde logo promettia não fazer outra cousa em toda a vida, senão servil-o n'aquella casa, sem já mais se apartar d'ella. Logo se foi dando a conhecer a parentes, e amigos d'outro tempo: circumstancia que de novo accendeo a devação do Santo em todos, vendo que obrara tal maravilha por hum seu natural. Ficou a arca na Ermida, e os ferros todos: e até as chaves se pendurarão nas paredes por tropheos do Santo: e nella se vem hoje em dia o collar, algemas, adobe, e cadea, e arca, instrumentos de martyrio de hum só homem, bastantes pera martyrizar a muitos juntos. O cativo comprio sua promessa, viveo, e morreo ermitão do Santo. O Mouro penetrado da grandeza do milagre pedio o santo bautismo (divina força da predestinação) e ficou em cativeiro livre, e ditoso servindo a Ermida, e acompanhando o seu cativo. E por morte forão enterrados juntos á porta d'ella, onde os cobre ambos huma só campa com hum letreiro que o declara.

Levou a fama por todo o Reino as novas de tão fermoso milagre com grande gloria de S. Domingos, e consolação de seus devotos: e obrigou a muita gente de todos estados a irem ver por seus olhos o que ouvião. El-Rei dom Dinis tanto que tomou o sceptro, sendo informado da certeza do caso, visitou a santa casinha: e entre outras esmollas que lhe deixou foi huma perpetua, que chamão dos perdidos da villa de Penamacor, e seu termo, que erão da Coroa, e então se houve por boa mercê, e o que d'ella procede goza hoje a confraria. Mas aqui se me offerece nova rezão de queixa da minha Religião, e não só dos tempos antigos: que sobre não pedirem estes ferros pera os engastarem em ouro, como deverão, aconteceo n'elles tanto desemparo, que houve quem se atreveo a tirar da Ermida a cadea; e leval-a á casa da prisão publica de malfeitores a servir de corrente pera os aferrolhar. A restituição devemos a hum Padre de S. Francisco, que doendo-se como bom irmão de tal descuido, com tanta vehemencia o affeou aos naturais, prégando na casa, que de corridos, e affrontados procurarão logo a sua cadea. Era Provedor da Comarca o Licenciado Estevão da Veiga (são estes Provedores Ministros Reais, a cujo cargo está olhar polo beneficio geral das terras, e juntamente polo patrimonio Real) constando-lhe o que passava mandou ver a cadea por officiaes. Declararão por juramento serem de obra mourisca, e muito antiga trinta, e tres fusis d'ella, que se estendião a tres braças: e serem de feitio moderno, e muito differente ou-

tros, com que estava acrecentada. O que visto mandou-a logo cortar, e tornar á Ermida a sua parte.

Na arca começava tambem haver pouco cuidado: porque cada romeiro queria levar comsigo memoria d'ella, por acharem que lhes valia nas maleitas (despois que faltarão as cortiças da sovereira que os annos tinhão consumida) e a continuação de cortarem n'ella, inda que pouco, porque a madeira he mui ferrenha, promettia dano pera o tempo adiante. Acudio-se-lhe, recolhendo-a no vão do altar, e fezerão-lhe porta pera ficar guardada, e poder ser vista dos devotos. Mas não valendo a cautela contra hum poderoso da terra, acudio o Santo por si. E foi o caso, que este homem, ou fosse curiosidade, ou devação indiscreta, cortou da caixa hum pedaço, e ficou-se com elle. Não passarão muitos dias que se vio salteado de furiosas maleitas, e chegado a ponto de tratar da alma, entre os descargos apontou o piadoso furto, e fez entrega ao Confessor pera que o restituisse. Foi cousa averiguada, que ficou logo livre do mal. E porque se visse, que nem a doença, nem a saude forão a caso, tardando o Confessor com a restituição, derão sobre elle outras tais febres, que o não largarão até que o pedaço se tornou ajuntar ao lugar d'onde sahira: sobre o qual se poz um papel com a relação do successo. Mostra-se dentro na arca inda hoje o alquicer do Mouro, que em partes he variado de listas de côres ao modo dos alambeis que se sohião tecer n'este Reino: e com passar de trezentos annos que aqui se guarda, está inda são, e rijo. No retabolo está pintado o successo como atrás dissemos de feitio, e mão muito antiga. Sem embargo de tantos documentos, que fazem a historia certissima, achando-se na villa de Penamacor quem isto determinava escrever pedio ao Juiz de Fóra huma informação de testimunhas em fórma de direito. Era Juiz o Licenciado Estevão Nogueira Cabral, o qual no despacho que deu pera se fazer a diligencia fez o officio de testimunha, dizendo ao pé da petição, de sua letra, e sinal o seguinte.

O que o supplicante diz passa assi na verdade, e á porta da Ermida do bemaventurado S. Domingos estão enterrados este Christão cativo, que huma manham foi achado á porta do dito Santo metido em huma arca, que está hoje na dita casa, com o Mouro senhor. Perguntem-se as testemunhas, etc.

Esta informação, e estormento de testimunhas está guardado no Car-

torio do Convento de S. Domingos de Bemfica. Mas á vista de tal milagre ninguem me culpará, se empregarmos outro capitulo em buscar novas Igrejas, e outras memorias de tão grande Santo.

CAPITULO VIII

Do sitio, e nomes de outras Freguezias e Ermidas, que ha no Reino, da invocação de S. Domingos.

No Bispado do Porto temos só duas Ermidas. A primeira he S. Domingos de Ataes, quasi huma legoa da cidade polo rio acima, e da mesma banda. Está situada no cume de hum monte que chamão Ataes. E alguma gente a nomea pola Ermida que matou o boi, querendo fazer mysterio de hum caso que podia ser muito accidental: o qual foi, que recolhendo-se hum boi dentro por fugir ás moscas, ou ao Sol, acertou de se cerrar a porta, que achou aberta á entrada: e como a não poude abrir, nem em muitos dias acudio por ali gente, foi despois achado morto. Outra temos entre o Mosteiro de Santo André de Ansede, e o lugar de Portomanso acima do Douro. He tão antiga, que de tempo immemorial está mandado polas Constituições do Bispado, que toda esta Freguezia vá a ella em procissão na terceira Oitava da Pascoa de Ressurreição: e nos tres dias das Ledainhas de Maio: e na primeira segunda feira do mez de Agosto. Mandou-a derribar o Padre Frei Estevão Leitão sendo Prior de Lisboa, por estar muito velha, e ser pequena: e no mesmo lugar fez levantar a que hoje vemos. Obrigou-o a este beneficio a anexação que o Pontifice fez do Mosteiro de Ansede, em cuja jurdição cae, ao Convento de S. Domingos de Lisboa, como atrás temos dito.

O Bispado de Coimbra tem da mesma invocação duas Freguezias. S. Domingos da Castanheira, na Ribeira de Pera, que he annexa á Matriz do Pedrogão grande. E foi a rezão de se edificar aqui, que andando huma minina guardando gado, deu com huma imagem de vulto entalada entre dous penedos, e sem saber de que Santo era, nem se era de Santo, com santa simplicidade continuava em fazer oração diante d'ella. Vindo á noticia dos vizinhos, e moradores da Ribeira, acudirão a vel-a, e achando que era de S. Domingos, nos sinais do habito, e insignias que trazia comsigo, edificarão-lhe no mesmo lugar huma pequena

Ermida na qual fundarão despois Freguezia. Porque como da Ribeira ao Pedrogão, d'onde erão freguezes, ha duas grandes legoas, e de fragoso caminho, aproveitarão-se da commodidade alargando a Ermida. E haverá cento e vinte annos que foi fundada, porque pouco mais ha que se descobrio a imagem. A outra Freguezia he S. Domingos da Togeira: e outras duas ha no caminho que vai de Coimbra pera a cidade da Guarda, que são: S. Domingos do lugar de Lava Rabãos: e S. Domingos do lugar de Eiras.

As Ermidas d'este Bispado que chegarão á nossa noticia são oito: S. Domingos da Redinha: da Povoa: de Goes: de Cernache: de villa de Rei: da villa da Sertam: e outra a huma legoa da mesma villa da Sertam. N'esta ha huma solemne confraria do Santo com obrigação de Missa todos os Domingos, e dias santos: e fazem-lhe festa quatro vezes no anno: as tres nas ultimas oitavas de Natal, Resurreição, e Pentecoste: e a outra, que he a mais festejada, por dia de Santo André ultimo de Novembro. A oitava Ermida he S. Domingos em Anadia, na Freguezia de Santiago da Mouta junto á villa de Ferreiros: está posta no cabeço de hum alto monte, e dizem que foi antigamente Freguezia. Contão-se n'ella muitos milagres do Santo, diremos hum só. Deu hum anno na varzea de Quintella, que he da Freguezia, huma praga de bicho, que sendo os milhos já crecidos lhes rohia, e cortava o pé, e se perdia tudo sem remedio. Juntarão-se os vizinhos, forão-se em procissão á Ermida, tomando o Santo por advogado de suas searas. Foi cousa succedida á vista, e olhos de todos. Aparecerão repentinamente nuvens de andorinhas que cobrião o Sol, e como se forão mandadas decerão ao bicho, e tal guerra lhe fizerão, que deixarão a terra limpa levando pera si bom pasto.

Entre Leiria, e o Becco ha huma Igreja de tres naves, cercada de edificios arruinados: em que ainda se enxergão sinais de claustros, e officinas grandes. Chamão-lhe o mosteiro, e persevera tradição, que o foi nosso. Com isto diz ver-se no altar mór huma devota imagem do Padre S. Domingos de vulto, e affirmarem os moradores dos lugares vizinhos, que faz Deos por ella muitos milagres, e he buscada, e visitada de muitos devotos a Igreja. E he cousa certa que ha n'ella huma pedra, da qual, sem haver memoria nem rezão do que move as gentes, levão o pó que raspando podem colher pera reliquia, e mézinha contra as febres, e d'isso está bem comida, e cavada.

Na villa de Tentuguel havia em tempos atrás hum hospital, do qual durão memorias frescas, que foi edificado debaixo dos nomes de S. Pedro, e S. Domingos. Agora está dado a Freiras Carmelitas.

O Arcebispado de Evora deu ao Santo duas Freguezias, huma junto á villa de Seda: outra no termo de Avis.

Deu-lhe mais quatro Ermidas: huma no termo da villa do Redondo: outra quasi duas legoas da villa de Ourique. E em Monte mór o Novo teve o nome de S. Domingos huma Ermida situada na praça velha: que agora o tem de Nossa Senhora da Paz: e foi a causa da mudança edificar-se na villa Convento da Ordem. Em Grandola levantou Ermida ao Santo huma Francisca Nunes; na qual se lhe faz festa com solenidade todos os annos.

Na Igreja matriz do Torrão, ha hum Altar, e Confraria deste Santo, que teve origem de residirem no lugar em tempos passados, algumas molheres virtuosas, com o habito da terceira Ordem Dominica: pera as quais se devia edificar hum Mosteiro, que anda em tradição, houve junto d'esta villa, e em distancia de duas legoas das Alcaçovas, onde está huma herdade que a esse respeito, segundo dizem, se chama inda hoje de S. Domingos. Vindo a desfazer-se, que devia ser por estar em terra erma, e perigosa pera habitação de molheres, passarão os moradores do Torrão a imagem pera a matriz. E instituirão-lhe a confraria que dissemos.

No Bispado de Elvas ha huma Freguezia do mesmo nome.

No de Portalegre huma Ermida, a huma legoa da cidade.

No Reino, e Bispado do Algarve, se principiarão duas Vigairarias da Ordem. Huma em Cinis que com muito fervor fundava Jorze Furtado, Fidalgo honrado: outra em Loulé. Ambas teverão Frades, e ambas se largarão com bons fundamentos.

O Arcebispado de Lisboa se adiantou com o Santo em muitas Freguezias: são seis as de que pudemos saber os nomes. S. Domingos das Abitureiras na Povoa do Conde. S. Domingos de Val de Figueira no termo de Santarem. S. Domingos de Palha Cana, no termo de Alanquer. S. Domingos das Marreiras huma legoa da Eiriceira. S. Domingos da Fanga da Fé. E a ultima S. Domingos de Rana termo de Cascais. Esta Igreja da Rana he sagrada de tempo immemorial: fazem os freguezes a festa principal do Santo na primeira Dominga de Maio, e chamão-lhe a Sagra: deve ser, porque em tal mez se sagrou a Igreja. Outra celebrão

por dia de Corpus, com toda a pompa que o lugar pode, a que acodem muitas cruzes, e bandeiras das Freguezias dos termos de Cascaes e Cintra, e algumas do de Lisboa.

Ha mais quatro Ermidas. Huma nos Coutos de Alcobaça, onde chamão Cornaga. Outra em S. Pedro dos dous Portos. Outra onde chamão a Chancellaria junto a Torres Novas. E n'esta villa ha tambem particular Altar, e Confraria do Santo. A quarta Ermida he em Obedos, assentada sobre a coroa de hum empinado monte: onde por ser tal, e vizinho ao mar, se acende fogo todas as noites, em beneficio dos navegantes fazendo officio de Faro, como pera conhecimento da costa. E fica o Santo aqui acompanhado de parte de suas insignias, porque o alto da capella he o que serve de farol.

Não tenho duvida que se fizeramos diligencia mais apertada, acharamos maior numero: mas bem bastão pera prova do intento, vinte seis Freguezias, quarenta, e duas Ermidas, e muitas confrarias espalhadas por todo o Reino. Mas he tempo de tornarmos ao fio da historia, que nos temos divertido muito.

CAPITULO VIII

Da antiguidade, e principios, e fundação do Convento de Nossa Senhora dos Martyres da cidade de Elvas.

A Cidade de Elvas he hum dos importantes lugares do Reino, por antiguidade de edificio, grossura de terras, e numero de ricos, e honrados moradores. Foi fundada polos Elvos, gente Franceza da Provincia Narbonense. Os Romanos lhe chamavão *Turres albæ*. De huns, e outros podia proceder o nome que hoje tem. Anda na Coroa de Portugal despois da perda de Espanha, desd'o tempo del-Rei dom Sancho primeiro, que a tirou do poder de Mouros, no anno do Senhor de 1200, o titulo de cidade he n'ella moderno, merecendo-o de longe por boas razões. Alcançou-o despois que foi feita Episcopal, por el Rei dom João terceiro. Aqui tem a Ordem dous Conventos: hum de Frades, e outro de Freiras, ambos bem dotados por virtude, e liberalidade dos vizinhos. O dos Frades de que nos toca dizer agora, teve principios muito atrazados do tempo em que vamos, e por isso quasi apagados na memoria dos homens. A meia legoa da cidade havia huma devota Ermida do ti-

tulo de Nossa Senhora da Graça, situada em huma montanha fragosa, de penedias, e intratavel então por espessura de matos, agora aberta toda, e bem cultivada. N'ella se affirma que residirão alguns Frades nossos, dos primeiros que começarão a prégar polo Reino. O que he bem de crer, polo que temos visto nas poucas commodidades que aquelles primeiros irmãos nossos, cheios de espirito do Ceo, buscavão pera o corpo, escolhendo viver nas serras pera se mortificarem, e darem a entender aos povos, que d'elles não querião mais que as almas. Dura hoje na Ermida em penhor do que dizemos, huma imagem do Padre S. Domingos, pintado a fresco sobre o arco do cruzeiro: e ha pouco tempo que durava no altar outra de vulto, que por consumida dos annos, e roida do gusano, como era de madeira, mandou hum visitador que se tirasse por reverencia, e decoro do Santo. Em roda se vem ainda ruinas, que mostrão a quadra do Claustro, e suas colunas, e huma cisterna em meio, e lanços de officinas. E porque tudo conforme, retêm a montanha hoje em dia o nome de S. Domingos: e huma ponte que se passa ao pé d'ella de boa fabrica, e de hum só arco, por rezão das muitas agoas que decem do alto nas invernadas, mostra ser fabrica religiosa; porque como em agradecimento, e memoria de seu autor lhe chamão do Frade. E porque digamos tudo, huma pequena Ermida que se encontra á subida da serra, com ser da invocação de S. Jeronymo está todavia acompanhada de huma imagem de nosso Santo. Sofrião os Religiosos a vivenda cansada, e aspera do monte, em quanto hia tambem quebrando, e abrandando com a santa doutrina a secura, e fereza dos corações Portuguezes, que sendo de seu natural inclinados ao bem, o exercicio das armas, a que andavão entregues pola necessidade continua, em que os tinha a vizinhança dos Mouros, era causa de andarem remontados no que tocava ás almas. Forão libertando as terras, e começando a ter alguma quietação: foi o fogo da palavra divina tambem penetrando, e fazendo seu officio nos bons animos: logo os mesmos houverão por crueza custar tão caro aos Religiosos o beneficio que lhes vinhão fazer, procurarão aliviar-lhes o trabalho, e encurtar-lhes o caminho. Assi se começou a tratar de novo Convento em huma herdade mais vizinha á cidade. Mas parecendo que ficavão ainda longe, hum vizinho honrado por nome Estevão Martins tratou com os do governo trazeremnos pera a cidade a hum sitio pegado com os muros, onde o mesmo possuia hum pedaço de terra, que ao parecer seria capaz de Mosteiro.

Ficando todos d'acordo derão conta aos Frades que andavão já com as mãos na pedra, e cal da segunda morada (erão estes Frei Estevão Mendes, e Frei Alvaro Pires) pedirão-lhes que não perdessem ali tempo, pois tinhão melhor posto na terra que offerecia Estevão Martins. Porque além de ser capaz de Convento, partia com outra da Coroa, em que havia huma boa ermida da apresentação Real, que seria facil cousa alcançar-se del-Rei, e ficarião logo com Igreja. Deixarão-se os Religiosos persuadir vista a maior commodidade. Seguio logo a doação, que he feita em nome dos officiaes da Camara, e Concelho, e diz assi.

Notum sit omnibus hominibus tam præsentibus, quam futuris, quod nos Prætor, Judicesque et concilium de Elbis, et ego Stephanus Martinus, et uxor mea Maria Petri, de nostro beneplacito, et bona voluntate damus et concedimus vobis Fratribus Ordinis Fratrum Prædicatorum pro animabus nostris ad vestri Ordinis Monasterium construendum, et omnia alia facienda, secundum quod vobis videbitur expedire, hæreditatem quam habemus in termino de Elbis, in loco qui dicitur Rossio, cujus isti sunt termini. In oriente Rodericus Pelagij. In occidente Riparius de Cancha. In Aquilone via publica de Cocena. In Africo via publica de Jurumenia. Damus autem vobis ipsam hæreditatem, et concedimus liberè et pacificè cum ingressibus et egressibus et omnibus pertinentijs suis: ut habeatis eam et possideatis in perpetuum, et faciatis etiam de ea, secundum voluntatem vestram, et sicut videritis expedire. Et si aliquis venerit, qui hoc factum frangere voluerit, vel etiam impedire, vel in aliquo contradicere, tam de nostris, quam de extraneis: tam de præsentibus, quam de futuris, non sit ei licitum: sed pro sola tentatione quantum quæsierit, tantum nobis in duplo componat, et domino terræ aliud tantum: et insuper Dei maledictionem, et totius Concilij indignationem incurrat. Et in pœnam per annum a villa de Elvis et suis terminis expellatur. Nos verò supradictum Concilium cum Stephano Martini et uxore ejus Maria Petri hanc chartam fieri mandavimus, et hanc donationem fecimus fieri Fratri Stephano Menendi, et Fratri Alvaro Petri, qui prædictam hæreditatem à nobis pro suo ordine liberè receperunt. Et ut factum nostrum majus robur obteneat firmitatis, hanc chartam nostræ donationis per manum Martini Petri publici tabellionis de Elvis fieri fecimus, et sigilli nostri Concilij munimine roborari. Facta charta mense Martij XVII. Calend. Aprilis Æra M.CCC.IIII. Qui præsentes fuerunt Fernandus Martini Curutelo tunc Prætor. Stepha-

nus Fernandi, et Joannes Menendi tunc Judices, et insuper per totum Concilium: et ego Martinus Petri publicus tabellio de Elvis per mandatum Prætoris et Judicum, et Concilij prædictis omnibus interfui, et hanc literam propria manu scripsi, et signum meum apposui in testimonium hujus rei.

Traduzida em vulgar diz o seguinte.

Saibão todos os presentes, e por vir, que nós o Corregedor, e Juizes, e Concelho de Elvas: e eu Estevão Martins, e Maria Pires minha molher, de nosso beneplacito, e boa vontade damos, e doamos a vós os Frades Prégadores, por nossas almas huma terra, e herdade que temos no termo de Elvas no lugar que chamão o Ressio pera fazerdes hum mosteiro, e o mais que bem vos parecer, cuja demarcação he a seguinte. Ao Nacente parte com terra de Rui Paes. Ao Poente com ribeiro de Cancha. Da banda do Norte com estrada publica de Cocena: e do Sul com caminho que vai pera Jurumenha. E a dita herdade vos damos, e doamos livre, e pacificamente com todas suas entradas, e saidas, e pertenças pera que seja vossa, e a possuais pera sempre, e façais d'ella como fôr vossa vontade, e como virdes que vos está melhor. E se polo tempo em diante vier alguem que esta doação queira desfazer, ou encontrar, ou embargar, ou contradizer em todo, ou em parte, não lhe seja pera isso doado lugar, quer seja pessoa de meu sangue, quer dos que hoje vivem, quer dos que estão por nacer. Antes queremos que só por tal cousa intentar, vos pague o dobro do que demandar, e outro tanto pague a el-Rei. E sobre tudo encorra na maldição de Deos, e na ira, e indinação de todo este Concelho: e seja condenado em hum anno de degredo pera fóra de villa, e termo. E nós o sobredito Concelho juntamente com os ditos Estevão Martins, e Maria Pires sua molher, mandamos passar esta carta, e escritura, e doação a Frei Estevão Mendes, e Frei Alvaro Pires, que em seu nome, e de sua Ordem a dita terra, e herdade aceitão. E pera mais firmeza a mandamos fazer por mão de Martim Pires publico tabalião de Elvas, e sellada com o sello d'este nosso Concelho aos desaseis de Março da Era mil e trezentos e quatro (*responde-lhe o anno de Christo de* 1266) sendo presentes Fernão Martins Curutelo Corregedor, Estevão Fernandes, e João Mendes Juizes, e todo o Concelho junto. E eu Martim Pires publico Tabalião de Elvas, que por mandado do Corregedor, Juizes, e Concelho a tudo fui presente, e de minha mão a escrevi, e em testemunho de verdade n'ella puz meu sinal.

CAPITULO IX

Faz el-Rei doação á Ordem da Ermida de Nossa Senhora dos Martyres pera assento do novo Convento. E o Bispo de Evora dá sua licença pera a obra.

Crecia na cidade o gosto de agasalhar os Religiosos como a competencia. Tinha hum Rui Paes huma boa courela de terra que partia ao Nacente, com a que Estevão Martins doara, como parece da escritura. Vendo que vinha a proposito pera o Convento offereceo-a de boa vontade: e não tardou em fazer sua escritura de doação elle, e sua molher Elvira Gomez. Era o nome da erdade Almocovára: e a doação se fez no mesmo dia, e quasi polas mesmas palavras da primeira: e ambas em seu original se guardão no Cartorio do Convento. A rezão de a Camara e Governo da cidade interpor n'ellas sua autoridade devia ser, ou porque era necessario seu consintimento pera o edificio: ou por ventura, por serem as erdades foreiras ao Concelho, visto estarem no Ressio, que ordinariamente pertence ao commum da terra, e não ficava sendo valiosa a doação sem autoridade, e licença sua.

Suspenderão os Frades a obra nova que intentavão, com a certeza, e melhoria d'este sitio: e poserão em ordem haver d'el Rei a Ermida vizinha de Nossa Senhora dos Martyres (que assi era sua invocação.) Gastarão-se muitos dias no requerimento. E em fim vindo el-Rei por certa occasião a Elvas (era dom Affonso terceiro que foi Conde de Bolonha) folgou de fazer mercê d'ella á Ordem, e dar-se por padroeiro do futuro Convento, como vimos por huma provisão sua, a qual tirada do original que está no Convento, he a seguinte.

In Christi nomine et ejus gratia. Noverint universi præsentem chartam inspecturi, quód ego Alfonsus Dei gratia Rex Portugallensis unà cum uxore mea Regina Domna Beatriz, illustris Regis Castellæ et Legionis filiæ, et filijs et filiabus nostris Infantibus domno Dionysio, et domno Alfonso, et domna Blanca et domna Sancia do et concedo in perpetuum Fratribus Prædicatoribus eremitagium meum, quod vocatur Santa Maria de Martyribus apud Elvas cum tota illa hæreditate, quæ pertinet ad ipsum eremitagium ad construendum ibidem Monasterium Ordinis Prædicatorum da honorem Dei, et B. Mariæ et B. Dominici. Et hoc facio amore Dei, et

pro remedio animæ meæ et parentum meorum, et ut sim particeps in omnibus bonis et orationibus ejusdem Ordinis. Et ut hæc donatio perpetuum robur obtineat firmitatis dedi eisdem Fratribus hanc meam chartam patentem mei sigilli munimine consignatam in testimonium rei gestæ. Datum apud Elvas XX. die Februarij Rege mandante per Joannem Suerij Conelium, et per Rodericum Garciæ de Pavia. Joannes Vincentij notavit Æra M.CCC.V.

Em Portuguez responde assi.

Em nome, e graça de Christo. Saibão quantos esta carta virem, que eu Affonso por graça de Deos Rei de Portugal, juntamente com a Rainha dona Breitiz, filha do illustre Rei de Castella, e Lião minha molher: e com os Infantes dom Dinis, e dom Affonso, dona Branca, e dona Sancha meus filhos, e filhas, dou, e largo pera sempre aos Frades Prégadores a minha Ermida de Elvas, que chamão Santa Maria dos Martyres, com toda a herdade, e terra que lhe pertence, pera effeito de edificarem hum Mosteiro da sua Ordem á honra de Deos, e da Virgem Maria, e de S. Domingos. E isto faço por amor de Deos, e pola salvação de minha alma, e de meus pais: e pera participar de todas as obras, e orações da mesma Ordem. E porque esta doação que assi lhes faço tenha vigor, e firmeza pera sempre, lhes passei a carta presente, autorizada, e sellada com o sello de minhas armas em testemunho de verdade. Dada em Elvas a XX. de Fevereiro. El Rei o mandou por João Soares Coelho, e por Rui Garcés de Paiva. João Vicente a escreveo na Era de M.CCC.V. (*Responde aos annos de Christo* 1267.)

Com isto parecia que não faltava nada aos Frades pera inteiro dominio do sitio, e Ermida, e poderem começar a pôr mãos na obra. Mas acharão que estava de posse d'ella hum Clerigo, e que quando a quizesse largar, era ainda necessaria licença do Bispo de Evora, sem cujo beneplacito se não podia usar da Ermida, nem edificar: porque a cidade, e tudo o mais que hoje he Bispado de Elvas, era então da diocesi de Evora. Huma, e outra cousa se negoceou sem dilação. Renunciou o sacerdote sua posse, e direito nos Frades: e o Bispo sendo-lhe pedida sua licença, e benção em nome dos moradores, e de todo o povo, vendo o gosto que mostravão da obra, passou logo suas letras cheias de graças, e favores, cujo treslado que irá com sua tradução he o que se segue.

Advirtindo primeiro, que não parecendo n'esta licença mais que a primeira letra de seu nome, que he D. (segundo o costume de escrever antigo) alcançamos por rezão do tempo em que se passou chamar-se dom Durão Paes.

Universis Christi fidelibus præsentes literas inspecturis D. permissione divina Elborensis Episcopus salutem in Domino sempiternam. Quia Dominus Alfonsus illustris Rex Portugalliæ concessit jus patronatus, quod habebat in eremitagio S. Mariæ ad Martyres de Elbis Elborensis diœcesis cum omnibus pertinentijs suis Fratribus Prædicatoribus pro remedio animæ suæ, ut ibidem fundent et ædificent Monasterium sui Ordinis. Et quia prædicti fratres sunt nobis valdè utiles et necessarij, ut nobiscum in agro Domini collaborent, eis damus licentiam, quód in dicto eremitagio et suis pertinentijs ac in locis alijs circum adjacentibus licite acquisitis, pro ut eis necesse fuerit fundent et ædificent monasterium sui Ordinis, in quo Domino studeant famulari. Et omnibus illis, qui eisdem Fratribus ad tam pium et laudabile opus manum porrexerint adjutricem de misericordia Dei confisi, et autoritate Beatorum Apostolorum Petri et Pauli, et ea potestate, quam Dominus nobis indulsit, quadraginta dies de injuncta sibi legitimè pœnitencia relaxamus: nihilominus concedentes ut valeant indulgentiæ per Episcopatum nostrum, quas alij Episcopi hujus rei contemplatione nostris subditis duxerint concedendas. In cujus rei testimonium has patentes literas sigillo nostro fecimus consignari. Datum apud Sanctarenam VII. Cal. Augusti Æra M.CCC.V.

Tradução.

Durando, por mercê de Deos Bispo de Evora, a todos os fieis Christãos que estas letras virem, saude eterna no Senhor. Por quanto o illustre Senhor Rei dom Affonso largou o direito do padroado que tinha na Ermida de N. Senhora dos Martyres d'este nosso Bispado em Elvas, dando-a com todas suas pertenças aos Frades Prégadores por bem de sua alma, pera n'ella fundarem hum Mosteiro de sua Ordem. E porque os ditos Frades nos são mui proveitosos, e temos d'elles necessidade pera nos ajudarem a trabalhar na herdade do Senhor, havemos por bem dar-lhes licença pera que na dita Ermida fundem, e levantem Mosteiro da sua Ordem, em que possão servir ao Senhor: e pera o tal effeito se aproveitem das terras a ella pertencentes, e das mais que com bom di-

reito houverem aquirido, na fórma que mais lhes cumprir. E por tanto confiando nós na misericordia de Deos, e pola autoridade dos Apostolos S. Pedro, e S. Paulo a nós cometida, e polo poder que Deos nos deu, concedemos a todos aquelles que pera tão pia, e louvavel obra derem ajuda, indulgencia de quarenta dias das penitencias que legitimamente lhe forem impostas: declarando juntamente que queremos, e havemos por bem que valhão, e tenhão vigor todas as indulgencias que outros Bispos por este respeito concederem aos subditos, e moradores d'este nosso Bispado. Em fé do qual mandamos estas letras passar, e sellar de nosso sello. Em Santarem aos vinte e seis de Julho da Era mil trezentos e cinco (*responde aos annos de Christo* 1267.)

Como não havia outra cousa que tolhesse dar-se principio ao Convento, e toda a cidade estava alvoroçada pera ajudar a agazalhar os hospedes, começou a fabrica com muito fervor no mesmo anno.

CAPITULO X

Da traça que se deu pera a Igreja do Convento: e das esmolas que se procurarão pera a fabrica: e de algumas mercês que polo tempo em diante houverão os Religiosos dos Reis.

Foi a traça da Igreja a mesma que el-Rei dom Affonso tinha dado na de Lisboa, e não só no talho, mas tambem na grandeza, e capacidade: com que na verdade ficou descompassada pera hum povo tanto inferior em numero de gente. Como el-Rei tinha grande animo, quiznos deixar sinais d'elle em hum, e outro edificio: e assi como fez o de Lisboa todo á sua custa, não devia faltar a este com grossas esmolas, visto como em seu ultimo testamento que hoje temos vivo, e originalmente está no Cartorio Real da torre do tombo, se dá por fundador do Convento. Com tudo por algumas memorias antigas nos constou que os Frades se valerão do Papa, e dos Bispos de Portugal, e Castella, como a machina era tão grande, pera acharem soccorro nos povos, por meio de indulgencias que concederão os que o dessem. E por escusarmos leitura, daremos sómente huma certidão passada por hum Escrivão da Cidade, que he bem de ver pola lingoagem, e termo d'aquelle tempo: e diz assi.

Conhoçuda cousa seja a todos aquelles que esta carta virem, que nós Alcaide, e Juizes, et Concelo de Elvas, vimos letras de nosso Senhor o Apostoligo de Roma, que tem os Frades Prégadores, em que dá cem dias de perdon de seus peccados a todos aquelles, que a esse seu logar de Elvas fizerem esmolna. E vimos ainda letras de doze Bispos, que cada hum d'elles dá quarenta dias de perdon de seus peccados aos que a esse logar d'esses mesmos Frades fizerem esmolna. E vimos ainda carta aberta com sello pendente do muy nobre Infante don Fernando de Castella et de Leon, porque manda a todas de sa terra que non filhem dizimo, nem portagem, nem outro direito nem hum a esses Frades Prégadores de Elvas, ou a seus homens: et não fação en al por nem huma maneira, se nom a elles se tornaria. Porèm de todalas cousas que elles comprarem, ou fizerem comprar na sa terra, et de seu Padre assi pera seu vestir, como pera seu calçar, como pera seu comer, como pera suas obras: e outro si manda de todalas cousas que les por esmolna derem. Em testimonyo da qual cousa nos a esta carta posemos nosso sello pendente. E rogamos Martim Pires nosso publico tabaliom de Elvas que ponha hy seu sinal. E eu Martim Pires publico tabaliom de Elvas vì essas sobreditas letras e ly. E a rogo do Alcaide, e dos Juizes, et do Concelo, e d'esses mesmos Frades Prègadores de Elvas, este meu sinal com inha mão hy puz que tal he.

Bem se deixa entender por esta certidão, e pola grande copia de dinheiro que era necessario juntar-se pera tamanho edificio, a reputação, e credito em que estavão os Frades com todo estado de gente, e por toda Espanha. Mas constando isto por tão certos indicios, inda devemos estimar mais outros da moderação, e pouca cobiça com que se havião no que tocava a suas pessoas. Do que apontaremos n'esta casa dous exemplos, que por serem do mesmo tempo, e pertencerem á Historia nos caem a proposito. E seja o primeiro, que tendo os Religiosos necessidade pera ficarem com a largueza conveniente de mais hum pedaço de terra, e partindo com as do Convento huma boa courella que era da Coroa, e fora cousa facil havel-a d'el Rei, mandarão ver, que cantidade lhes bastaria precisamente pera o que havião mister; e achando que com seis alqueires de semeadura ficavão remedeando a falta, isso sómente pedirão, como he de ver do alvará d'el-Rei, que por isso o lançaremos aqui, como jaz no original, mas sem tradução, por encurtarmos escritura, e porque já fica declarada a sustancia, e diz assi.

Noveriut universi præsentem chartam inspecturi, quód ego Alfonsus Dei gratia Rex Portugalliæ una cum uxore mea Regina Domna Beatriz illustris Regis Castellæ et Legionis filiæ, et filijs, et filiabus nostris do et concedo Fratribus Prædicatoribus de Elbis, unam petiam de mea hæreditate regalenga, quam habeo propè domum ipsorum Fratrum. Et ipsam petiam, quam sibì do, debet esse tanta quòd levet in seminatura sex alqueires de tritico: quæ hæreditas tacet inter viam quæ vadit ad fontem de Pias, et ipsos Fratres. In cujus rei testimonium dedì eisdem Fratribus istam meam chartam. Datum Sanctarenæ prima die Maij. Regè mandante per Alfonsum Suerij super judicem. Ioannes Vincentij notavit Æra M.CCC.VI. (responde ao anno de Christo 1268). E he de notár, que chama peça de terra, com nome Portuguez latinizado, o que os lavradores dizem courella de terra.

Mas ainda andarão mais curtos os successores d'estes Padres com el-Rei dom Dinis. Porque nomeando-se el-Rei dom Affonso seu pai por fundador do Convento quando testou, como fica dito, e não lhe deixou nenhum genero de renda nem mantença por titulo algum, nunca pedirão ao filho mais que huma licença pera fazerem lenha pera a casa nos matos do Concelho: e d'isso temos huma provisão de sua mão assinada, e dá por rezão da mercê que lhes faz, com palavras formais: *porque som homens bons, e servem a Deos.*

Com tudo crecendo com os annos o valor das cousas, e mingoando a caridade em commum, foi necessario representar algumas vezes aos Principes as necessidades, e apertos do Convento. Erão muitos dos que forão succedendo no Reino muito liberais, e grandiosos de animo. Sabemos que com os mais teverão entrada, e bom lugar os Religiosos d'esta Ordem: e sendo assi foi tão pouco o que alcançarão os moradores de hum Convento Real, que se deixa bem ver nas mercês, que mais devião ser aceitadas com vergonha, que negoceadas com cobiça. A primeira que houverão foi d'el-Rei dom Pedro bisneto do fundador. Parece cousa de graça o que montava. Erão dez soldos por dia (valia hum soldo o mesmo que hoje val huma moeda de tres reis de cobre a seis seitis por real) e vinhão a fazer dez mil e noventa e oito reis da moeda presente no cabo do anno. Porque na reducção, e declaração que el-Rei dom Affonso quinto despois fez da moeda do Reino miuda assentou, que o soldo, e real branco que era o mesmo, valesse por dezoito pretos,

ou dinheiros, que erão outros tantos seitis. El-Rei dom Fernando seu filho, que despendeo grandes thezouros com estrangeiros em empresas não só desnecessarias, mas muito danosas ao Reino, nenhuma mercê lhes fez de sua fazenda: deu-lhes das alheas os residuos dos testamentos da cidade, e de seu termo: cousa então, e agora de pouca consideração. Confirmou-lh'os el-Rei dom João primeiro seu irmão, que lhe succedeo. Passados muitos annos estreitou-se tudo mais pera os Religiosos, e as rendas Reaes forão em crecimento: teve el-Rei dom Affonso quinto, neto d'el-Rei dom João primeiro, lembrança do seu Mosteiro real de Elvas, fez-lhe mercê em tempo que já os Religiosos podião possuir bens de raiz em commum, de quatrocentos reis brancos em cada hum anno, pagos no Almoxerifado de Estremoz. Montão-se n'elles pola conta que fizemos acima, mil e duzentos reis da moeda que presente corre: porque tinha então cada real branco tres réis dos que hoje são de seis seitis. De todas estas mercês estão os titulos vivos no Cartorio do Convento: e a certeza d'ellas nos obrigou a este discurso pera louvor de nossos antepassados, que podendo deixar-nos grandes riquezas com pouco feitio seu, quizerão antes deixar-nos exemplo de espiritos desinteressados.

CAPITULO XI

Das fazendas, e bens de raiz que algumas pessoas devotas doarão ao Convento. Dá-se conta da vida, e partes de alguns filhos d'elle.

Porém, onde faltou a industria humana suprio o favor Divino. As rendas que dos Reis poderosos, e amigos puderão, e não quizerão os Religiosos grangear, lhes trouxe Deos a casa, sem descomporem os passos de sua obrigação, por meio da gente caritativa, e devota da cidade, que conhecendo, e vendo de perto as faltas, e fomes que muitas vezes padecião: e o trabalho que custava mendigar polas portas, como então costumavamos, acudio com liberalidade a provel-os de bens de raiz, com que a casa sustenta hoje trinta e cinco Frades, senão com grande largueza, ao menos com o que moderadamente basta. Devemos memoria, e agradecimento, em primeiro lugar a duas irmans, que não quizerão guardar pera despois da morte o que podião fazer em vida. Entendião não ser nobre genero de charidade dar a Deos o que se deixava, e ficava no mundo, e não podia acompanhar a seu dono morrendo (como

bem vio, e advirtio a sua mãi, a virgem, e martyr Santa Luzia (1), e por isso creio que ficou em devação encomendarmos-lhe os olhos), determinarão-se largar em saude, e boa idade toda sua fazenda, que era muita, e boa, e entregal-a logo ao Convento, sem reservar pera si mais que huma curta porção em hum estreito recolhimento que buscarão, e no habito da terceira Ordem de S. Domingos que vestirão: e nelle viverão, e acabarão santamente. Chamavão-se Anna Rodrigues, e Maria Lopes.

Seguirão seu exemplo outras duas irmans, Margaida Annes, que de sobrenome se chamava a dona, e Orraca Rodrigues: gente honrada, e muito rica, as quais juntando a si na determinação duas primas suas, Lianor Vaz, e Caterina Estevens de Cellas, de mão commum se desapossarão animosamente por amor de Deos de quanto tinhão na vida, e dotarão ao Convento herdades que rendem hoje quarenta moios de pão, sem pôrem carga nem obrigação aos Frades, mais que ficarem recebidas ás orações, sacrificios, e suffragios da Ordem. Mas quanto menos pretenderão ellas, tanto se esmerou mais o agradecimento nos Religiosos. Porque pera ser perpetuo lhe edificarão logo huma boa capella, que he a primeira do cruzeiro, quando sahimos da Sacristia pera a Igreja, á mão esquerda, e á dotarão de Missa quotidiana. E porque a Margaida Annes foi principal autora, e como capitoa d'esta santa obra, além de particulares esmolas que tinha feito de boas peças de prata pera a Sacristia, e de mil dobras em dinheiro pera reparo da Igreja em tempo que estava mui perigosa, foi conselho conservar seu nome na capella, dedicando-a com hum fermoso retabolo, e imagem da gloriosa Virgem, e Martyr Santa Margaida.

Com particular applicação pera a fabrica da Igreja, e ornamentos da Sacristia, deixarão tambem huma boa herdade, Lourenço Estevens, e Maria Lopes, sua molher, e tambem souberão aproveitar-se da boa calidade da esmola, que foi desherdar-se vivendo.

Cerraremos este capitulo, e o que ha que dizer do Convento, com vermos se achamos alguns filhos d'elle que nos dem materia de escritura. Dos antigos, e primeiros Padres não temos nada que dizer, com trabalharem, e merecerem muito, sendo os primeiros promotores do edificio, e os que n'elle se desvelarão, e cançarão: que bem se deixa entender, que se não forão homens de mui acreditada virtude, era impossivel terem o povo tão prompto, e propicio pera os chamar, e buscar, e trazer

(1) No Breviar. Roman.

como á força pera a cidade, e despois chegarem o Convento á perfeição em que o entregarão aos successores. He desgraça nossa que aquella idade de ouro, como trabalhava só pera Deos, tivesse por honra consagrar-lhe até as memorias que nos puderão deixar de suas obras, e nomes. Assi he força ficarem-nos em silencio muitos varões dignos de eterno louvor, que não ha duvida honrarão com suas virtudes, e exemplos este Convento: silencio por elles procurado, e de nós justamente sintido, que de boa vontade empregaramos a penna em os servir. Diremos de alguns mais chegados a nossos tempos.

Pessoa foi de importancia, e merecedor de lembrança o Padre Frei Umberto Cordeiro, Doutor em santa Theologia: mas não nos deixou o tempo d'elle, mais que o que foi fruito de seu trabalho, e estudo. Escreveo hum volume muito douto, em que juntou com a erudição, e delicadeza de engenho, particular devação. He o titulo «do Amor de Deos, e do proximo.»

O Padre Frei Manoel de Olivença tinha vivido largos annos nos claustros d'esta casa, e nos braços d'esta mãi que o gerara, quando sobre o mal de huma perna, em que o peso dos annos lhe tinha juntado grande carga de humor, e lha trazia feiamente inchada, cahio em huma forte doença de febres. Costumava o bom velho não faltar nunca ao Coro, especialmente a Matinas. Habito alcançado com virtude, e feito com o costume tão saboroso, que o maior mal que na doença sintia (e sintia muitos), era faltar em tal hora da companhia de seus irmãos. He a hora por muitas rezões mais apropriada pera buscar, e louvar a Deos, e mais propria da religião, e religiosos pera velar, e orar, que todas as do dia: velando, e orando polo povo como bons pastores, quando elle ou descança na quietação do sono, ou jaz sepultado na modorra do vicio. Era vespera de huma festa de Nossa Senhora, cerrou-se a noite, lembrou-se do gosto com que se recolhia n'outro tempo, pera se achar primeiro, e mais esperto no Coro, e em suas Matinas: começou a desfazer-se em lagrimas, vendo-se impossibilitado por tantas vias; tomou mal o sono, e tarde, e estava d'elle bem necessitado. Eis que toca o relogio meia noite; segue o sino; soão logo as taboas. Renova-se então a magoa no peito do velho, porque sintio levantarem-se os vizinhos. E não podendo acabar com seu espirito ficar na cama, arremete com fervor, e quasi furioso ao habito, salta fóra do leito, caminha pera o Coro. Não se espantava de si, nem se conhecia, porque o vigor do espirito lhe tinha tirado

a imaginativa; como acontece ao frenetico, a quem dá força na maior fraqueza o humor venenoso da doença. Visto no Coro, espantou a todos. Pareceo que era falta de juizo; acodem a elle, pedem-lhe que se recolha. Quando o bom velho os ouvio, então acabou de conhecer o estado em que estava, de são, e livre não só da febre ardente, que de muitos dias o tinha já meio sepultado na cama; mas tambem da inchação da perna. Assi o affirmou então de palavra aos Padres, assi o confirmou com obras no dia seguinte, ficando no refeitorio, e mais lugares da Communidade entre os sãos, logrando o bem da milagrosa saude. Qual seria a vida de quem assi se levantava da doença, bem se deixa compreender sem lhe buscarmos encarecimentos. E se huma boa, e santa vida assegura o fim d'ella, grande enveja nos deve fazer este Padre com seu proceder, e com sua velhice; com sua morte, e até com suas doenças.

Por illustre em santidade, foi enterrado na Capella mór Frei João Bragado, irmão leigo. Que mais se pudera fazer ao mesmo Rei fundador, e padroeiro da casa, se quizera entre nós enterrar-se? Mereceo sitio Real na morte, quem vivendo não quiz nunca senão o mais infimo, e abatido lugar do seu Convento. E porque nestes dous pontos de hum estremo de humildade de sua parte: e de outro estremo de respeito, e veneração de parte dos que o enterrarão, ficão cifradas todas as grandezas que puderamos dizer d'elle: poremos só aqui em memoria, pera que se não perca nunca a que lhe devemos, o lugar de sua sepultura, que he debaixo d'onde antigamente estavão os orgãos.

CAPITULO XII

Fundação do Convento de S. Domingos da villa de Guimarães.

A muito nobre e antiga villa de Guimarães, berço dos primeiros Reis de Portugal, tronco, e fonte de grande parte da nobreza d'este Reino: não ha duvida que foi hum dos primeiros lugares d'elle, que abraçou as duas Ordens dos dous grandes Santos, grandes amigos, e companheiros S. Francisco, e S. Domingos. Era morada de gente illustre, com quem sempre tem lugar a virtude, ou por brandura, e devação, ou por cortezia, e ponto de honra: condições todas que naturalmente acompanhão o bom sangue: não podia em tal terra faltar gasalhado aos professores de vida santa. E assi como lho derão os moradores d'ella com benignida-

de, e gosto, assi ordenou aquelle Senhor, que nenhum serviço feito a seus servos, por pequeno que seja, deixa sem galardão, que de huma, e outra Ordem visse Guimarães dentro de suas casas varões santos, e gozasse sua presença, e doutrina (mimo, e favor grande do Ceo pera os lugares que o alcanção, se o sabem conhecer, e estimar.) Mas, ou fossem causa as descomposições, e discordias que então havia no Reino entre os estados ecclesiastico, e secular, e outras que forão logo seguindo, que largamente escrevemos atrás: ou a pouca possibilidade dos particulares pera emprender obras de grandeza extraordinaria: sobejando o gosto pera estimar os hospedes de ambas as Religiões, e sendo recebidos com muito amor, e largueza, quanto á sustentação de suas pessoas, e aceitação de sua doutrina, só o gasalhado de casas, e aposento, foi estreito, e pobre. Derão aos Franciscanos hum pequeno Oratorio apartado da villa, onde pouco, e pouco forão engenhando seu recolhimento em fórma de Mosteiro (1), que polo tempo em diante com duas mudanças vierão a ter em perfeição, no sitio onde hoje está. Por maior mimo recolherão aos nossos dentro da villa, e no seu Hospital, que he casa magnifica em edificio, e tratamento de enfermos. Não se espantarão os filhos de S. Domingos do gasalhado, e companhia de pobres, antes a abraçarão com gosto, assi pola occasião que tinhão de exercitar dobrada charidade com os enfermos quando vagavão horas da doutrina publica, como porque era regra que trazião de seus maiores, pera não serem pesados a ninguem em particular, buscarem os hospitaes, assentarem n'elles orando, vigiando, e celebrando como em casa propria, pois era dos desemparados do mundo: d'elles sahirem a prégar, em quanto faltava, ou se hia negoceando commodidade de Convento. Assi o achamos escrito por Frei Estevão Sanhalac, na sua Cronica da Ordem, acrecentada polo Inquisidor Mestre Frei Bernardo de Guido, e nas lembranças do Santo Frei Jordão, Mestre Geral da Ordem: e em testimunho affirmão, que os primeiros Frades que o Padre S. Domingos enviou de Tolosa a Paris, passarão muito tempo em hum hospital, que foi hum anno inteiro desd'o mez de Setembro de 1217 até Agosto do seguinte, em que tomarão posse da Igreja de Santiago, d'onde lhes ficou o nome de Jacobinos. E o Mestre Frei Francisco Diago na sua Cronica da Provincia, e Frades de Aragão (2) escreve que na cidade de Barcelona andarão os nossos Frades

(1) Fr. Marcos na Chron. de S. Francisco p. 1. lib. 6. cap. 30. (2) Fr. Francisco Diago liv. 2. cap. 1. fol. 104.

desagasalhados, até alcançarem a Igreja de Santa Caterina, em que edificarão Convento: e todavia assi mal tratados, e por casas emprestadas guardavão fórma, e governo de conventuaes. e tinhão coro em que se juntavão a rezar, e orar, e sua separação pera os noviços que recebião, e em huma d'estas derão o habito ao grande S. Raymundo. E o mesmo aconteceo a outros Frades nossos na cidade de Vicencia em Italia, como aponta o Mestre Frei Fernando de Castilho (1). E por não pendermos de exemplos estranhos onde os temos caseiros, muitos annos prégarão em Lisboa, e alguns em Coimbra, primeiro que tevessem Convento formado, como a rezão está mostrando, e polo que atrás fica escrito parece claro: visto como nenhuma Religião entrou nunca tão favorecida em cidade alguma, que no primeiro dia achasse Convento feito. Supposta esta verdade, não fica de espantar que sendo o hospital de Guimarães casa abundante de provimento, e de aposento sobejo, fizessem d'elle morada, como fizerão, por mais de quarenta annos. E não lhes faltou mais pera ser mosteiro de Dominicos que a propriedade. Porque a religião andava tanto em seu ponto que em se juntando Frades, logo as ceremonias, e observancia da regra se mantinha rigorosamente. Aqui residia o Santo Frei Pero Gonçalves Telmo, quando prégou por entre Douro, e Minho. Aqui recebeo ao habito a S. Gonçalo de Amarante, e a S. Frei Lourenço Mendes, como tambem recebeo por outras partes outros sogeitos, segundo adiante se verá. Porque n'aquelles tempos nem havia termo preciso de noviciado, e provação, nem lugares determinados pera isso. Os que andavão prégando polo Reino como então se costumava (e chamavão a isto apostolar) levavão licença pera lançar o habito aos que achassem dignos. Porque convinha assi pera povoar os Conventos n'aquelles principios, e permittia-o a pureza, e perfeição dos sogeitos. Os recatos que hoje se uzão (e são mui justos, e necessarios), fez inventar a malicia que despois foi crecendo. A este modo andarão prégando por todas as terras de além Douro, S. Gonçalo apoz S. Pedro Gonçalves, e S. Frei Lourenço Mendes apoz S. Gonçalo. E d'este hospital sahião, e a elle tornavão: e quando se achavão juntos rezavão, e oravão juntamente horas nocturnas, e diurnas, com observancia, e puntualidade de Santos. Prova-se esta habitação continua (alem da constante, e publica tradição que em falta de escrituras tem bastante credito), porque se pegou ao hospital o nome da Ordem de maneira que o titulo porque hoje se conhece,

(1) Castilho 1. part. liv. 2, cap. 69.

e nomea he de Hospital de S. Domingos: e como em casa propria está sobre a porta, e entrada d'elle huma imagem do Santo pintada a fresco, de tempo immemorial, e de feitio, e mão, que dá testemunho claro de altissima antiguidade. E no retabolo da Igreja se vem a oleo outras duas, huma do Santo, e outra de S. Pedro Martyr. E sobre o arco, a que este altar se encosta, parecem pintados seis Frades Dominicos, que em Tolosa de França forão polos hereges martyrizados. De sorte, que só em casa totalmente da Ordem, se podem achar tantos sinais juntos d'ella. Mas muito mais se confirma isto com hum costume, a que se não sabe rezão nem principio, de ir como vai todos os Sabbados do anno hum Frade do nosso Convento dizer Missa ao mesmo hospital. E de todas estas cousas devia nacer huma opinião que anda na Provincia, que a precedencia que o Convento de Lisboa tem de quarto lugar nos Capitulos Provinciaes lhe foi dada por Guimarães: fundando-se os que tratão d'esta materia em terem por certo, e averiguado, que em tempos atrás lhe correra sempre a antiguidade, não do dia da fundação do Convento, se não do tempo que no hospital começarão a residir, e prégar, e continuar Frades da Ordem: como se achou ao certo que succedera consecutivamente desd'o tempo que S. Pero Gonçalves n'elle entrou, até que o Convento foi edificado: succedendo S. Gonçalo a S. Pedro Gonçalves, e S. Frei Lourenço Mendes a S. Gonçalo: e he de saber que S. Frei Lourenço alcançou os tempos da fundação do Convento, e n'elle está sepultado. Confirma-se esta rezão com o exemplo vivo que hoje temos de preceder o Prior de Guimarães, como precede, nos actos publicos da Provincia ao de Elvas, sendo assi que se a tal precedencia estribara nos annos precisos do edificio de cada Convento, manifestamente era primeiro Elvas, pois tem ancianidade em fabrica quasi quatro annos mais. E pois esta lhe não valeo, sendo a causa ventilada no Capitulo Provincial celebrado no mesmo Convento de Guimarães no anno de 1532, sendo Provincial o Mestre Frei Jorge Vogado, nem n'outro muito despois no anno de 1585, em que foi Provincial o Mestre Frei Hieronymo Correa, no qual se tornou a altercar a questão: claro fica que referião aquelles Padres a antiguidade de Guimarães aos principios que temos dito da prégação de S. Pedro Gonçalves, e de S. Gonçalo. E com estes não ha duvida que vencia Guimarães tambem ao Convento de Lisboa em alguns annos, sem embargo de ser começado a edificar ao justo dezenove annos despois. E por esta conta possuía justamente o quarto lugar na Provin-

cia, o qual pode ceder, e cedeo a Lisboa, como a Convento que por grandeza, e sitio he cabeça de todos os mais do Reino. Mas não pareceo justo que cedesse tambem a Elvas: e por isso, dando a Lisboa o seu quarto lugar, se ficou no quinto, e Elvas tem o sexto.

CAPITULO XIII

Chama o governo de Guimarães aos Frades de S. Domingos pera morarem na villa. Dá-se-lhe sitio: edificão Convento: apontão-se os nomes das pessoas que lhe acudirão com esmolas.

Dezenove annos havia que o Santo Frei Pero Gonçalves gozava dos premios eternos, segundo a conta do Mestre Frei Vicente Justiniano Antíst, que diz faleceo no de 1251. E havia doze que o seguira ao Ceo o Santo Frei Gonçalo de Amarante, que acabou no de 1258, e o Santo Frei Lourenço andava em seu ministerio Apostolico, prégando polas terras onde sintia mais necessidade: quando a Camara, e governo de Guimarães, desejando que os Frades de S. Domingos fossem moradores de assento, e não só hospedes em sua terra: ou por ventura temendo-se que nacesse da continuação da morada do seu Hospital, haverem-se por senhores d'elle: e tendo tratado o negocio com os Prelados maiores, em fim alcançarão no anno de 1270 que aceitasse a Ordem sitio, e casa formada na villa.

Entrava o mez de Dezembro d'este anno, quando apareceram em Guimarães o Prior de S. Domingos do Porto com outros tres Religiosos (todos pessoas de importancia), mandados pola Provincia pera a fundação pedida. Mostrou o povo o gosto com que a pedira, e esperava, no gasalhado, e alvoroço com que os recebeo: e elles o que a Ordem tinha de agradar á villa, pois em tal tempo caminhavão. Ordenou-se que o Prior prégasse aos doze do mez pera que se ajuntasse o povo, e vissem os Religiosos nos olhos, e sembrantes de todos a vontade, e promptidão com que de todos erão desejados. Ajuntou-se a terra no dia aprazado, sem faltar homem, porque os do governo por fazerem o auto mais solene mandarão convocar os vizinhos com voz de pregoeiro. Prégou Frei Alvaro, que assi se chamava o Prior; e acabado o Sermão propoz a rezão de sua vinda, e de seus companheiros, que era serem chamados por carta da Camara pera edificarem Convento, e mandados a isso de seus

maiores. Mas que sobre tudo queria saber a vontade do povo, porque a primeira ordem que trazia era não começar nada sem seu beneplacito. Sendo entendida a proposta, não derão lugar a que fosse o Prior com a pratica adiante, mas levantou toda a Igreja huma voz de alegria, dando graças a Deos que os trazia, e ao Prelado que os mandava, e a elles que vinhão, e certificando que todos estavão prestes pera ajudar a obra. Decido do pulpito achou o Prior nos que d'antes o não tinhão visto, a mesma boa sombra, e cortesia, dando-lhe animo, e promettendo que não faltaria nada na terra pera terem muito brevemente hum fermoso Convento: porque nenhuma havia em todo entre Douro, e Minho mais obrigada aos Frades de S. Domingos pola memoria de dous tão grandes Santos, como S. Pero Gonçalves, e S. Gonçalo, que n'ella havião vivido, tratado, e conversado como naturaes.

Tratou-se no mesmo dia em se buscar sitio: e apontando huns, e outros em differentes postos, atalhou as duvidas João Pires Arrudo, pessoa principal da villa, offerecendo pera principio do Convento humas boas casas suas. Sendo aceitadas, parecia que só hum inconveniente tinhão, o qual era estarem na parte mais povoada da villa; porque era de crer que haveria contradição, ou difficuldade em se largarem as que mais fossem necessarias pera a fabrica. Mas foi Deos servido de facilitar tudo de maneira, que antes alguns derão liberalmente o que por alli possuião. Outros, por não serem vencidos em cortezia, ou davão dinheiro pera se comprarem as propriedades que erão necessarias pera largueza do Convento; ou offerecião outras pera se trocarem com os que não quizessem vender. Hum Conego da Igreja Collegiada da villa, fidalgo honrado, a quem as memorias, que temos, chamão grande homem, e era seu nome Pero Soares, possuia huma terra vizinha das casas de João Pires, e em lugar mui accommodado pera o Convento se estender até junto da fonte que chamão da Cuba. Esta pertencia juntamente a Maria Soares, sua irmão, com huma moenda que havia n'ella. Como souberão ambos o que passava na villa, não foi necessario serem rogados: derão-na livremente aos Frades, e despois lhe fizerão outros grandes bens, e esmolas, como diremos adiante. Outro Conego de Braga, pessoa tambem nobre, chamado Gonçalo Gonçalves Peixoto, deu humas herdades, e muito dinheiro de contado pera ajuda da obra, sem mais encargo que pedir aos Frades o encomendassem a Deos entre seus bemfeitores. Este Conego querendo ajudar tambem com alguma cousa perpetua o Convento, porque não po-

dia receber proprios, quando fez testamento poz obrigação aos herdeiros de sua fazenda, que todos os annos lhe mandassem cantar polos Frades d'esta casa huma Missa solene de Requiem, e que fosse (são palavras formaes da lembrança) por dia de lava-pés; e por ella se dessem de esmola cinco livras, que respondem na moeda presente oitocentos réis a 160 réis por livra. Muitas outras pessoas acudirão com grossas esmolas; que na verdade reina na gente d'este lugar hum particular effeito de charidade com as Religiões: e a de S. Domingos o tem experimentado por todas as idades.

Assi crecia a obra: e a vista d'ella espertava novo gosto nos moradores de a verem sobir, e adiantar; pera o que os que não tinhão dado nada abrirão de boa vontade as bolsas, e trazião o que cada hum podia sem serem importunados. E os que já se tinhão offertado tornavão de novo com as mãos cheias, estimando ter maior parte na casa de Deos: que como era sua, e feita com benção, e applauso geral, não tardou muito em se acabar. Consta-nos que, sendo começada na entrada do anno de 1271 reinando el-Rei dom Afonso III, teve fim ainda em sua vida: e por esta conta não passou a fabrica de oito annos de trabalho, porque el-Rei faleceo no de setenta e nove.

Acabado o Convento não quizerão os Religiosos que se acabasse a memoria das pessoas, que mais particularmente se empregarão em favorecer, e ajudar a obra, e davão-se por mais penhorados com os devotos, porque sabião que no edificio de Elvas, além de intervirem braço, e esmolas de Rei, acudio o Papa com graças espirituaes pera obrigar outros povos, e concorrerão muitos Bispos com as suas, os quaes he de crer abririão tambem os thesouros da terra, quando assi communicavão os do Ceo. Poserão em lembrança os nomes de todos pera ficarem sempre vivos, e sabidos por meio da Religião, pera honra geral da villa, e particular dos parentes, e successores. De mão de Frei João de Braga os achamos escritos, que sendo Prior do Convento no anno de 1410, replicou em hum breve tratado que colheo de memorias antigas o processo d'esta obra: no qual despois de nomear as pessoas que atrás apontamos, ajunta Gonçalo Gonçalves Cavalleiro da Rosa, e sua mulher, e Orraca Annes, e dona Orraca Manteigada: as quaes chama donas, e Monjas de Lorvão: e dona Maria, Monja do hospital de Chavo. E dizendo que muita outra gente principal ajudara a obra com particulares dadivas, dá em prova huma clausula de huma escritura que diz andava em

hum livro do tombo do Convento, autorizada com o sello d'elle, e passada em nome do Prior, e Religiosos, cujas palavras formaes erão.

Damos a dona Joana Diz Padroeira, e fundadora do lugar em que a Deos servimos, a Missa do Sabado de Santa Maria e a Missa sesta feira, e isto pera sempre.

E diz mais, que o nome d'esta dona Joana andava escrito no livro da Calenda por obrigação que havia de lhe fazerem cada mez hum Anniversario. E aponta de novo, que o Conego Pero Soares, de que atrás falamos, se enterrou no Convento, e deu huma grande copia de dinheiro de esmola no dia em que faleceo.

CAPITULO XIV

Derriba-se o Convento. Dá-se conta da rezão que pera isso houve: edifica-se de novo em outro lugar: faz-se memoria de algumas pessoas de grande calidade que ajudarão a obra.

Mas este Convento começado com tanto gosto, proseguido com tanta abundancia, e largueza, e acabado com tanta brevidade, que por todas as vias estava ao parecer prometendo perpetuidade, virão muitos dos que o ajudarão a levantar, posto por terra dentro de cinquenta annos: e forão elles os mesmos que na ruina poserão tambem as mãos, e passou o caso desta maneira. Começando a reinar el-Rei dom Dinis pareceo-lhe cousa conveniente fortificar esta villa com nova cerca de muros, ou alargando a antiga, porque tinha crecido muito em povo. E foi tal a traça, que veio a muralha pegar com o Convento, e deixando-o de fóra, foi correndo ao longo da Igreja, e Capellas. Obra em materia de fortificação de todo ponto errada: porque ficou a Igreja com a visinhança, feita padrasto do mundo como despois mostrou o successo. Passados alguns annos nacerão desgostos entre o mesmo Rei autor da fortificação, e o Principe dom Affonso seu filho, e herdeiro (infante era a lingoagem com que n'aquelle tempo se nomeava o Principe). Apartou-se o Principe dos olhos de seu pai: a ausencia agravou os desabrimentos, porque não faltavão atiçadores do fogo da discordia (como he costume pera fins, e interesses particulares). Parou o negocio em campos formados, cercos de terras, e em fim guerra rota entre pai, e filho. No discurso d'ella veio o Principe com poder sobre esta villa. Defendeo-se-lhe com a leal-

dade que devia a seu Rei, e senhor vivo. Mas então se manifestou o erro de quem traçou a cerca da villa, porque por cima da Igreja pretenderão os soldados do Principe entral-a, apertando-a com duros combates, e pelejando de lugar igual, e quasi pé a pé com os de dentro, pola commodidade que lhes dava a visinhança, e altura da Igreja, e capellas: e assi esteve arriscada a se perder. Passada a guerra, cujos successos não tocão a esta Historia, mandou el-Rei notificar aos Frades que dentro de hum anno passasem o Convento a outra parte, com apercebimento que ficasse tão longe do muro quanto parecesse a Mem Rodrigues seu Meirinho mór em Antredouro, e Minho. Assi vierão a pagar os Frades a impericia dos engenheiros d'el-Rei, e as paredes do Mosteiro os defeitos da muralha. Veio Mem Rodrigues, poz balizas, e sinalou a distancia que se havião de afastar. E porque não faltasse novo desgosto, querendo a Ordem começar sua obra foi embargada polo procurador do Concelho, e governo da villa, lembrados do perigo, e medo passado: e parecendo-lhe ainda demasiada a visinhança, se o Convento ficasse no lugar disenhado, que he o mesmo em que hoje está. Com este embaraço se dilatou a nova fabrica até a morte d'el-Rei dom Dinis; e entrando no governo seu filho dom Affonso quarto, mandou que se não innovasse nada no que Mem Rodrigues assentara, porque assi dava por resalvado todo o prejuizo que a villa mostrava temer. Com tal resolução começou a correr a obra, e era novo, e lastimoso genero de trabalho, porque hião desfazendo, e arruinando huns, e compondo, e alevantando outros. Comprarão os Religiosos novas propriedades pera se alargarem contra o campo que chamão do Preposto: fizerão novas trocas com os vizinhos, e novos assentos com a Camara de caminhos, e ressios do Concelho que por alli havia: nos quaes assentos mostrarão todavia os do governo o respeito, e amor que tinhão á Religião. Porque em final determinação derão licença que os Frades metessem dentro da sua cerca a fonte da Cuba com os ressios vizinhos, sem embargo de algumas contradições de pessoas, que de huma, e outra cousa se querião lograr.

Ainda que esta tresladação do Convento foi de pouco gosto pera todos; e não consta que el-Rei, que a mandou fazer, a ajudasse com seu poder, acudio Deos, como costuma ás obras de seu serviço: e fez que suprisse n'esta com sua liberalidade dom Lourenço, Arcebispo de Braga, tomando á sua conta grande parte d'ella. Porque de suas esmolas se fez o coro, e a sacristia, e a maior parte da Igreja. Foi este prelado em

grande estremo affeiçoado á Ordem, e continuo bemfeitor d'ella, e até dos Frades particulares.

Á imitação do Arcebispo se dispoz tambem a nos ajudar hum Fidalgo de illustre, e antiga geração d'este Reino, chamado João Affonso de Briteiros. Este fez todo o lanço da parede da Igreja, que fica pera a rua: e a porta principal, e outras officinas dentro. Pagou-lhe Deos a charidade por hum modo muito seu, ordenando que fosse o premio d'ella, despois de ter dado, e gastado muito com a Religião, dar-se tambem a si mesmo (grande mercê, e grande misericordia do Senhor, quando he servido inclinar vontades, e encaminhar traças pera tamanho bem: e tanto maior quanto he menos entendido no mundo), falecer-lhe sua molher no tempo que andava com as mãos na pedra, e cal. Costumava a cal cegar, e a elle espertou-lhe a vista: determinou-se em ter parte na obra por melhor via: pedio o habito, e recebeo o de irmão leigo: e n'aquella humildade viveo, e acabou santamente. Repartio sua fazenda que era muita, antes de professar dando parte á Igreja de Nossa Senhora da Oliveira, com obrigação de certos Anniversarios, e outros suffragios perpetuos por sua alma, e de sua molher: e todo o restante deu ao Convento, que foi além de ricos moveis, e peças de casa grande, quatro casaes, e o lugar que chamão de Casa nova: o que tudo venderão, ou trocarão os Frades pera o empregarem em acabar o Convento. E ficara ainda sem perfeição, se lhes não valera huma fermosa herança, que alguns annos despois teverão de hum Bispo de Burgos, o qual renunciando a Mitra por fugir das inquietações, e escrupulos, em que toda Espanha andava envolta com scisma que estava levantada na Igreja Romana, por morte do Papa Gregorio onzeno; entre Urbano sexto, verdadeiro successor de S. Pedro, e Clemente Antipapa que em Avinhão de França se fazia chamar Clemente setimo: escolheo pera sua vivenda, e socego a cidade de Braga, onde faleceo, e deixou esta casa por sua universal herdeira. O que principalmente mandou que se fizesse, foi huma livraria, pera a qual deixou desde logo muitos, e bons livros. Empregarão-se os Frades em trazer de fóra a fonte que corre na crasta, e no lavatorio da sacristia, que foi obra de muita despesa. Fizeram tambem livros pera o coro, e outras peças de que havia mais necessidade.

E porque a memoria da prégação de S. Pero Gonçalves, e S. Gonçalo, além da honra, e gloria que rendeo á Religião de S. Domingos, e a este Reino, foi sempre mui venerada do povo de Guimarães, dando-se

por obrigado a celebrar com animo agradecido o beneficio espiritual que de ambos recebeo, instituio logo duas Confrarias em honra sua na nossa Igreja; huma, e outra com particular altar. Da de S. Pero Gonçalves são administradores os officiaes da Camara, e elegem em cada hum anno os Mordomos que hão de servir.

E pera mais veneração impetrarão de Roma correndo os annos muitas indulgencias, que se ganhão polos que visitão a sua capella das primeiras vesperas até ás segundas. Procurou, e alcançou estas graças hum Fidalgo honrado, e natural da villa, que não he rezão ficar em silencio, por nome Pedr'alvares. Mostra-se a grande antiguidade da confraria em hum particular favor com que se autorisou o altar, que foi ser consagrado (cousa que ha muitos annos se não costuma) do que persevera a lembrança em sabermos polo Breve Romano que as principaes indulgencias são concedidas ao dia em que foi sagrado, sem embargo que tambem se ganhão em certas festas do anno. O sitio d'este altar, e capella he o topo do cruzeiro da banda da Epistola.

Ficou no outro topo defronte dedicada a capella, e o altar ao bem aventurado S. Gonçalo com sua imagem de vulto, e sua confraria, e em fim como de Santo em todo pertencente ao tronco, e origem d'este Convento, e como Portuguez ficou em melhor lugar qual he o da parte do Evangelho. Mas andando o tempo pareceo que era devido este sitio á Virgem gloriosa do Rosario; e o Santo lhe deu seu lugar, sendo mudado pera o mesmo que a Senhora tinha, e ficando por duas vias honrado, huma em lhe dar o seu altar, outra em ficar no da Senhora.

CAPITULO XV

Vida, e milagres do Santo Frei Lourenço Mendes; com a notavel obra que acabou da ponte de Cavez.

Pertencem a este Convento como filhos da Religião por meio do gasalhado que ella achou n'esta villa desde seus principios; e por receberem o santo habito no hospital d'ella, habito de pobres em casa de pobres, os dous grandes Santos S. Gonçalo de Amarante, e S. Frei Lourenço Mendes. De S. Gonçalo diremos quando chegarmos aos annos em que lhe foi edificado Convento, aonde parece que mais justamente pertence, por este titulo, e polo mais principal de ter ali suas santas reli-

quias. De S. Frei Lourenço he aqui lugar proprio polas rezões ditas, e porque n'este Convento morou ainda alguns annos, n'elle faleceo, e n'elle espera a resurreição o despojo mortal de seu corpo. Foi Frei Lourenço de geração nobre, o apellido de Chacim apagado hoje, mas no tempo antigo bem conhecido, e aparentado com todo o bom do Reino: como parece do livro de linhagens, que nos deixou escrito o Conde dom Pedro. Tinha passado os annos da mocidade nas vaidades d'ella, entre gostos da terra, e esperanças de valer, que enlevão os animos nobres fazendo-lhe d'isso obrigação, e como herança de seus maiores. Entrava em idade perfeita, tocou-o Deos ouvindo as prégações do Santo Frei Pero Gonçalves: e offereceo-lhe outras esperanças, e outros meios de valer, outra Corte em que merecer, outro Rei a quem servir: descobrio-lhe as alquímias do mundo, representou-lhe a fineza do ouro do Ceo, e por galardões duvidosos, e fracos, premios certos, e immortaes. Tinha o entendimento livre, e naturalmente claro, e assentado: era o chamamento Divino, rendeo-se de todo coração, ficando-lhe só hum pesar de cair na conta tão tarde. Foi-se ao Santo, que polo que tinha experimentado tambem no mundo, era bom mestre de enganados: e suas prégações como verdadeiramente Apostolicas, não offerecião aos ouvintes outros pontos nem outras sutilezas, senão desenganos. Brevemente ficou resoluto no que lhe convinha, e com a mesma brevidade deixou tudo: e tomando da mão do Santo o habito de S. Domingos, ficou-se algum tempo em sua companhia.

Isto he tradição mui antiga, recebida na Ordem, e na villa, e confirmada com a pintura, que não ha muitos annos durava no primeiro retabolo do altar do Santo: o qual por ser velho, e por curiosidade dos Confrades se tirou, pera dar lugar ao novo que hoje vemos. Era de ver n'elle hum Frade todo prostrado, e estendido por terra aos pés do Santo; e affirma-se que foi retrato de Frei Lourenço Mendes, quero dizer do que por elle passou quando entrou na Religião. E dizem que elle foi o que o mandou fazer em penhor da obrigação que reconhecia a quem lhe fizera tanto bem, que o trouxera da morte á vida, e do mundo a Deos: ou como quem já então fazia conta de se enterrar na morte, aos pés do seu altar, e começava a fazer em sombras, e pintura o que havia de ser com effeito, e verdade. Tambem he tradição mui corrente que foi contemporaneo de S. Gonçalo no habito, e residencia da mesma villa, e hospital: não na idade, porque S. Gonçalo era velho, e elle muito

mais moço. Mas o que sabemos de certo he, que como buscou a Deos com animo determinado, assi se lhe entregou sem querer mais nada da terra, e se abraçou com toda a austeridade, e rigor de vida, castigando com ella, e com muita dor de sua alma, os annos mal empregados da idade florida. Decia com humildade, e desprezo de si ao centro da terra, e sobia com ardentes desejos, e oração continua ao mais alto do Ceo. Santo, e divino exercicio, que continuando por muitos dias lhe moveo o espirito a desejar ver empregados n'elle todos seus proximos: e tanto com maior effeito da alma, quanto via a muita rudeza dos homens d'aquelle tempo nas cousas da salvação, e a falta que havia de mestres por toda a parte. Quebrava-lhe isto o coração, e sintia não ser letrado pera poder remediar a todos. Mas conhecendo que não consistia só o ministerio da prégação em penetrar a alteza dos mysterios Divinos, e sabel-os dar a entender aos ouvintes: mas que era a principal parte d'ella insinar os principios da doutrina Christã, e o que basta pera negocear, e alcançar o Ceo: persuadia-se que tambem poderia merecer o nome do habito, que vestia, se prégasse aos mais rudes, e mais necessitados: que d'estes he sempre maior o numero. Foi o instincto de verdadeira charidade, e a obra de verdadeiro humilde. Assi começou a buscar polas aldeas os velhos rusticos, e gente simples: assentava-se com elles, insinava-lhes o que havião de crer, como se havião de confessar, como havião de rezar, e encomendar-se a Deos. Oh quanta rudeza ha n'estas materias, que importão tudo, entre muitos que se prezão de agudos, e sabios em outras, que nada servem! Custava-lhe muito trabalho desbastar aquelles entendimentos grosseiros, e boçaes: mas o Senhor, que promette graça, e favor aos humildes, ajudava-o de maneira que fazia notavel proveito pola terra: e consolando-o com lhe mostrar o fruito, animava-o pera mais trabalhar. Bem he de crer que passaria n'este tempo outras fadigas, que se não quebrantavão o corpo, farião seus tiros ao coração com pena, e tentações apertadas: digo huns desprezos dos parentes, huns risos maliciosos, cousa propria dos que se estimão muito, e cuidão que só acertão com os nomes das cousas. Chamando vileza áquelle pouco caso, que Frei Lourenço por amor de Deos, fazia de si, animo baixo, e apoucado, andar em taes exercicios de doutrina entre enxames de mininos, nas terras grandes: ou nas aldeas entre bandos de pobres, gente rustica, e agreste, pouco cortez, e pouco limpa. Provava o Senhor a seu servo por estes meios; e achando-o fiel, e pru-

dente, e em seu serviço constante, acodia-lhe, com grandes, e extraordinarios favores. He cousa certa, que discorrendo por todos os lugares de Antredouro, e Minho vio confirmada sua doutrina com grandes milagres, dos quaes não chegou aos tempos presentes, a pontualidade dos modos, e numero, senão de mui poucos, chegando-nos a certeza que forão muitos, como se verá polas memorias, que ao diante apontaremos. Persuadia, e aconselhava hum dia a hum homem mancebo, que perdoasse certo agravo, a quem conhecido de sua culpa lhe queria pedir com humildade perdão, e desde logo lh'o mandava pedir por elle. Perdeo-lhe o respeito o agravado, dando feros por resposta, e renovando com ira propositos de vingança. Disse-lhe o Santo que olhasse por si; que aquillo era obra do demonio, em que andava revestido. Pagou a advertencia santa com segunda resposta, nada menos soberba que a primeira. Mas não erão bem passados tres dias, quando o pobre se vio atormentado do enemigo infernal, e conheceo com seu mal, a verdade do bom conselheiro. Vem-se a seus pés com lagrimas, e vergonha; pede remedio, e alcançou-o fazendo o Santo oração por elle. Deixou-o logo o demonio livre: e assi deixou a muitas outras pessoas, que atormentava, só com a voz, e imperio de Frei Lourenço. Da mesma maneira se escreve que obedecião ao tacto de suas mãos as enfermidades, e atè a mesma morte; o que se vio em dous homens que sendo passados da vida, tornarão a ella por sua oração, e merecimentos. E como tudo o mais que podemos contar em materia de milagres, fica sendo de menos consideração á vista de mortos resucitados, diremos sómente hum. Perdera hum pobre Clerigo a vista de um olho, por caso accidental: sintia muito a falta, persuadio-se, polo que sabia das grandes virtudes do Santo, que se lhe posesse suas mãos, receberia saude: foi-se a elle com esta confiança, fez-lhe sua petição chea de fé, e não se enganou: porque d'ali tornou são.

Não devemos ter por menos milagre que os grandes a empreza que acabou da ponte, que chamão de Cavez. Andava prégando por aquellas partes; vio com seus olhos o trabalho, e perigo com que se vadeava o rio (e he o mesmo Thamega, que muitas legoas adiante passa por Amarante, por baixo de outra ponte, obra de S. Gonçalo, que lhe deu o nome) rio grosso de agoas, e furioso a maior parte do anno: considerou a necessidade que os naturaes tinhão de o passar a miude, pera seus serviços: compadecerão-se as entranhas que ardião em charidade. Pa-

receo-lhe que se lhes desse remedio com huma ponte, faria muito ao caso o bem temporal, pera abraçarem o espirito da doutrina. Acommeteo a obra: deu-lhe Deos graça com os poderosos, pera acodirem com esmolas, elle acodia com a presença, e com suas orações, e taes orações que segundo achamos em huma memoria, escrita polo Doutor Frei João de Braga, no anno de 1415, e acrecentada polo mesmo no de 1434, sendo Prior n'este Convento, erão poderosas pera fazer crecer o pão, e o vinho aos trabalhadores; e quando faltava conduto metendo o bordão na agoa do rio, acodia o peixe, e se deixava tomar quanto o Santo queria, como tinha acontecido, poucos annos antes, no mesmo rio, mas em differente paragem a S. Gonçalo, quando lhe lançou a sua ponte em Amarante. O que veremos em outra parte d'esta Cronica, em lugar proprio; ainda que muitos annos despois do successo, por ser assi forçado. E como tambem tinha succedido, e primeiro que a ambos ao Santo Frei Pero Gonçalves Telmo, na que fez sobre o Minho, como adiante se dirá. Aqui diz a mesma memoria, que foi o lugar onde o Santo Frei Lourenço resucitou hum dos dous mortos que atrás contamos. Em fim a ponte se acabou de obra tão firme, que dura até hoje, e promette durar muitos mais annos.

CAPITULO XVI

De hum mysterioso caso que aconteceo ao Santo Frei Lourenço em terra de Chaves, continuando o santo ministerio da pregação.

Em muitas cousas outras se vio a valia que este Santo tinha diante de Deos; mas sobre todas he celebrada huma em que sua divina bondade mostrou querer-lhe fazer extraordinario favor; e por ser tal me pareceo tresladar aqui a relação propria, que d'ella anda no Convento de Guimarães, a qual polo que se deixa ver do pergaminho em que está, he tão antigamente escrita quasi como passou o successo. E tirada de verbo ad verbum diz assi.

Sanctus Frater Laurentius Menendius, qui in isto quiescit Conventu, fuit prædicator Apostolicus sanctæ vitæ et doctrinæ, et in multis partibus hujus regni gloriosè prædicavit. Eleemosynis etiam acquisitis pontem; qui dicitur de Gavez, fecit ædificare. Precibus suis et meritis coram Deo duos

mortuos suscitavit. Item cum apud oppidum de Chaves, ubi prædicabat, quadam die ambularet in agro causa studendi et firmandi memoriam pro concione facienda; socio suo seorsim eum à longè attendente, quidam Angelus ad eum venit per viam, et in eodem loco, in quo deambulabat, illi tradidit quandam parvam arcam ligneam, quam afferebat, multis et variis rereliquiis plenam: et cum illam in manus eis reponeret, sancto viro dixit. Hodie traditur in manus infidelium quædam civitas Christianorum propter illorum peccata; et propterea tibi Deus has reliquias per me tradi jubet, ut illas ad tuum Conventum reverenter custodiendas deferas. Quibus dictis Angelus in eodem loco disparuit: socius verò illius, qui a longe prospiciens per planum et spaciosum agrum, invenem noverat ad D. Laurentium accedentem, et cum eo loquentem: postquam deprehendit illum ab oculis suis sublatum, absque hoc quò per aliquam viam reverteretur, miratus rei novitatem a D. Laurentio quæ sivit postea, quis nam illum convenisset. Accedentem enim, inquiebat ille, prospexi, sed minimè postea discedentem. Ad hæc Beatus Laurentius, Quandoquidem, ait, Deus tibi oculos dignatus est aperire, ut divinum illud cerneres spectaculum, dignabitur ètiam, ut ego tibi occultum mysterium, quod mihi commissum est, revelem. Scias, Frater, quod hodie traditur in manus Paganorum quædam civitas Christianorum: et invenis ille quem vidisti, Angelus erat cœlestis, qui mihi ex eadem infortunata urbe hanc reliquiarum capsulam, Deo ita nobiscum misericorditer operante tradidit. Et deinde illi sacrarum reliquiarum capsulam, quam sub pallio habebat, ostendit.

Em vulgar tem a significação seguinte.

O Santo Frei Lourenço Mendes, que n'este Convento está sepultado, foi prégador Apostolico, de santa vida, e doutrina, e prégou por muitas partes d'este Reino com muito nome, e louvor. E com esmolas que buscou, e ajuntou, fez a ponte de Cavez. Por suas orações, e merecimentos diante de Deos resuscitou dous mortos. Tambem lhe aconteceo na villa de Chaves, onde prégava, que passeando hum dia pola veiga d'ella apartado de seu companheiro, por occasião de hum Sermão que havia de prégar, e o andava passando pola memoria, chegou a elle como de caminho hum Anjo, e lhe entregou huma caixinha cheia de muitas e differentes reliquias: e pondo-a nas mãos do Santo: Hoje, disse, entra em poder de infieis huma cidade de Christãos polos peccados que n'ella se

cometião. E por isso te manda Deos entregar por mim estas reliquias, pera que as leves ao teu Convento, onde com reverencia estejão guardadas. E acabando estas palavras, desapareceo. Mas o companheiro que dado que estivesse longe, como a veiga era cham, e limpa, notara a chegada do Anjo, e julgando ser hum homem ordinario, o vira com elle falar, vendo-o subitamente desaparecido diante de seus olhos, sem tomar nenhum caminho da veiga, pareceo-lhe caso peregrino; e maravilhado de tal novidade, perguntou despois ao Santo, que homem era o que alli fora ter com elle. Porque eu (dizia o companheiro) vi bem quando chegou a vós, mas ao despedir não sei por onde se sumio, que o não pude mais ver. A isto respondeo o Santo Frei Lourenço: Já que o Senhor Deos foi servido de vos abrir os olhos pera tal vista alcançardes, tambem o será de vos eu descobrir o segredo do mysterio que se me fiou. Sabereis irmão, que hoje se perde, e entrega em mãos de infieis huma cidade de Christãos: e aquelle mancebo, que vistes, era Anjo do Ceo, o qual me entregou esta caixa de reliquias tirada da infelice cidade, por particular mercê que o Senhor por suas misericordias me quiz fazer. E apoz isto mostrou-lhe a caixa que tinha debaixo da capa.

Grande altercação ha entre os escritores sobre que cidade seria esta, donde Deos foi servido salvar estas reliquias, pera honrar com ellas hum Convento de S. Domingos, e a villa de Guimarães com honra, e credito de seu servo Frei Lourenço, a quem as mandou entregar. Mas como não sabemos ao justo em que anno as recebeo, todos os discursos, e altercações vão fundadas no ar. O Padre Frei Fernando de Castilho quer fosse a cidade em Africa, e não lhe dá nome; sendo assi que já neste tempo não havia nella lugar de importancia possuido de catholicos; porque toda era conquistada de Mouros. Mais provavel cousa he que fosse na Syria, porque por este tempo a vinhão conquistando infieis. E huns dizem que seria Antiochia, outros Ptolemaida; e assi vão buscando os annos em que se perderão estas cidades, pera os accommodarem ao tempo do successo das reliquias. E a ordem direita devia ser saber primeiro o anno em que as reliquias se derão, porque então ficara facil de achar a cidade perdida correndo as historias antigas. Mas como não he possivel alcançarmos este anno, porque as memorias que temos o não especificão, fica tambem perdido o trabalho de buscar a cidade, visto como cada dia hião os enemigos ganhando muitas.

A memoria referida como fala em Convento do Santo, e n'elle manda guardar as reliquias, mostra que já era edificado este de Guimarães. E ainda que se podia entender por Convento na embaixada do Anjo a residencia de Frades, que de ordinario assistião no Hospital, da qual, como atrás dissemos, lhe ficou o nome de Hospital de S. Domingos: não ha duvida que o Santo vio em seus dias o Convento acabado. Porque nos consta de sua vida, por huma escritura authentica, assinada de sua mão, e sellada com o seu sello, como então se costumava, no anno de 1279, no qual tempo era já o Mosteiro edificado. A escritura temos hoje viva, e por abreviar a deixamos. A materia era partir as terras, em que havião de prégar os Religiosos do Porto, e Guimarães, pera saber cada Convento as que estavão á sua conta. E fizerão a demarcação o Santo Frei Lourenço, e Frei Vicente Egas, ou Viegas, com os Priores Frei João Martins do Porto, e Frei Miguel Sueiro de Guimarães, por mandado, e commissão do Provincial. Pola qual razão como nos consta a verdade da entrega das reliquias ao Santo, e que vivia despois do Convento acabado, e que as mesmas com a mesma caixa estão hoje n'elle, fica o debate de lhes buscarmos a cidade donde vierão, mais curioso, e pera gosto, que importante pera a Historia.

CAPITULO XVII

Da forma, e feitio da caixa que o Anjo deu ao Santo Frei Lourenço: do numero, e calidade das reliquias qne nella havia. Apontão-se alguns testimunhos, que derão estrangeiros, da santidade de S. Frei Lourenço; e o sitio em que estão seus ossos.

A caixa he da feição, e feitio de huma arca ordinaria, com sua fechadurinha de latão na face: tem de comprimento hum palmo grande, e tres dedos; e de largura hum palmo menos tres dedos; e meio palmo de altura. Levantado o tampo, mostra-se por dentro marchetada em partes, e em partes pintada, e está repartida em escaninhos, e gavetas, e todas miudas conforme a estreiteza do lugar, e postas de maneira, que humas tem seus tampãosinhos, outras correm como em escritorio. Por ellas estavão repartidas as santas reliquias, envoltas cada huma em seu sendal: e os sendaes de varias cores. Erão muitas em numero, e todas sinaladas com seus rotulos (exceito algumas poucas que os não tinhão)

de letra, e lingua Latina, cousa que me faz não pouco espanto, quando sospeitamos que vierão de Asia, ou Africa. E porque não nos fique nada por dizer, nem aos devotos, e curiosos que desejar, nomearemos todas as que tinhão letra, que são estas.

Do santo lenho da Cruz de Christo Nosso Senhor. Das mantilhas de Christo quando era minino. Da pedra do sepulcro de Christo. Da pedra d'onde subio aos Ceos. Do veo de Nossa Senhora. Do sepulcro de Nossa Senhora. Dos Santos Apostolos S. Pedro, S. João, Santo André, S. Filippe, Santiago, S. Bertolameu, S. Mathias. Do Maná. Da sepultura de S. João Evangelista. Da vara de Moysés. Dos Santos Innocentes. De Santo Estevão primeiro Martyr. S. Sebastião. S. Lourenço. S. Braz. S. Jorge. S. Verissimo. S. Hypolito. S. Paulo Martyr. S. Crecenciano. Santo Eugero. Do habito de S. Pedro Martyr quando o matarão. De S. Silvestre Papa. S. Martinho, Santo Agostinho. Santo Ambrosio, S. Francisco. S. Domingos. S. Hieronymo. S. Bento. S. Bernardo. S. Roberto. Do Abbade Moysés. Ossos de Santa Maria Magdalena. De Santa Ursula. De algumas das Onze mil Virgens. De Santa Luzia. Santa Ignez. Santa Cecilia. Santa Justina. Santa Comba. Santa Justa, e Rufina. Santa Brigida Virgem. Santa Clara. Huma ambula do oleo que mana do sepulcro de Santa Caterina Martyr. Outra do que mana da sepultura de S. Nicoláo.

Trouxe o Santo Frei Lourenço a sua caixa pera o Convento, como lhe foi mandado; collocou-a na sacristia em lugar decente. E porque as grandezas de Deos he bem que se publiquem; manifestou esta pola terra, dando mostra das santas reliquias; e ao proposito amoestando os povos ao temor de Deos, com o castigo da cidade que desemparara; e ao seu amor com a mercê de mandar aquelle thesouro a Portugal. Nasceo da publicação mandarem os visinhos de Chaves levantar hum padrão no mesmo lugar em que o Santo recebeo a caixa, e pintar n'elle por memoria o successo; como tambem se pintou então na Igreja do Convento, em huma parede junto ao altar de Nossa Senhora do Rosario. Mas porque os Religiosos advirtirão que algumas das reliquias se espalhavão, e corrião risco de se perderem pola continuação com que erão buscadas, e vistas de muita gente, admirada tanto da calidade d'ellas, como da maravilha com que vierão; determinarão com santo zelo segural-as. Pera o que o Doutor Frei João de Braga, segundo elle mesmo refere, ordenou humas taboas grandes que se cerrão como livro, nas quaes as foi assentando cada huma em seu nicho, com suas vidraças sobrepostas, e guar-

necidas de prata, e ouro pera decencia, e arrecadadas com firmeza pera resguardo. E aponta este Padre, que o ouro, e prata, e o custo do feitio recebeo do Padre Frei Pedro de Freitas, que o devia procurar por gente devota, ou havel-o d'entre seus parentes (como d'este apellido florecia então muita nobreza) e por tão boa diligencia nos pareceo que merecia seu nome não ficar fóra d'estas memorias.

Sendo taes as obras de S. Frei Lourenço, e elle por ellas tão digno de lembrança, he muito de sintir não termos nenhuma de como, nem quando, nem onde acabou seus santos dias. Rudeza grande (que não tem outro nome) igual culpa, e ingratidão d'aquella idade. E tambem se perdera a de seus santos ossos, se o Senhor, que sempre foi cuidadoso de honrar até a terra fria dos que o bem servem, os não fizera celebres, e esclarecidos, como fez, com muitos milagres. Trouxerão-n'os comsigo os Frades na tresladação do Convento; e por mão do mesmo Doutor Frei João de Braga tantas vezes nomeado os passarão, segundo elle nos deixou escrito, a hum archete de pedra, que encaixarão em huma parede da Igreja junto a hum altar, que então havia de S. Braz. Aqui ensinou a devação ou a necessidade aos que se querião d'elles valer, hum meio pera os gozar: que foi darem hum furo na pedra que a penetra dentro, e por elle os tocavão com a ponta de huma vara, e achando remedio recebião tambem consolação. Com tudo pelo tempo em diante pareceo indecencia, e pouca fé inquietar as reliquias santas; e pera se evitar, tratarão os Religiosos de as passar a lugar mais alto. E assi parecem agora sobre o alto do retabolo, e altar do glorioso Santo Thomas de Aquino, aonde as fez tresladar hum devoto em outro novo archete bem lavrado, e dourado, e com sua letra, que declara o nome do Santo. Em huma lembrança achamos, que no primeiro Convento estavão junto ao altar de S. Pero Gonçalvez. E por outra se mostra, que quando o Padre Frei João de Braga accommodou nas taboas as santas reliquias da caixinha do Anjo, deixou de fóra em huma arca guardadas algumas que lhe não couberão, e poz com ellas muitas outras das onze mil Virgens, e de alguns Santos mais, as quaes trouxera de Colonia o Doutor Frei Affonso do Rego: e juntamente parte de huma queixada do Santo Frei Lourenço; que quiz deixar de fóra pera consolação de seus devotos.

Mas em falta das mais memorias que desejamos, e poderamos ter por via de nossos naturaes, d'este Santo, temos consolação de referir as que fizerão os estrangeiros; as quaes assi como são prova de sua cha-

ridade, tambem o são da força, que lhes fazia a fama que d'elle voava. O Mestre Frei João Theutonico, no livro que compoz dos varões illustres da Ordem de S. Domingos, tratando dos Santos Portuguezes, diz d'elle humas breves palavras, cuja significação he:

Frei Lourenço prégador mui famoso, não somente resplandeceo em sciencia, e em santidade de vida, mas tambem teve particular graça contra os Demonios.

Conhecida he no mundo por cousa insigne a Abbadia de S. Victor de Paris, de Conegos Regulares. Na livraria d'ella, que tambem he cousa insigne, ha hum grande catalogo de Santos de todas as Ordens; e entre os de S. Domingos, está nomeado o nosso S. Frei Lourenço, com huma curiosa declaração, que he dizer que sua imagem se costumava a pintar arrimada a hum loureiro; o que parece ser allusão do nome Lourenço. Bem conhecido devia ser, onde com tanta particularidade se tratava d'elle. E polo contrario em sua patria, he tão peregrino, que alem de não acharmos o successo de sua morte, ignoramos muita parte de sua santa vida, em que não podia deixar de haver outras cousas grandes. Mas isto he magoa sem remedio, e em que havemos de cair muitas vezes, e em cada Convento. E pola não acrecentarmos com a queixa, passemos adiante, e vejamos se achamos memoria de outros filhos d'este Convento (quando não seja, como não pode ser, dos primeiros tempos) ao menos de alguns mais chegados a nós.

CAPITULO XVIII

Da virtude, e santo fim de alguns filhos d'este Convento.

Por illustre varão, e filho d'este Convento nos conta o Mestre Frei Antonio de Sena (1) a Frei Gonçalo de Guimarães, Mestre em Theologia, e prégador famoso, que floreceo polos annos do Senhor de 1520. Conta-se d'elle que era tão pontual, e continuo nas obrigações principaes de Religioso de S. Domingos, que são altar, coro, e pulpito, que tratando algumas vezes da morte, dizia, que em hum d'estes tres lugares havia de ser a sua. E foi genero de profecia; porque estando hum dia são, e valente, tendo dito sua Missa, e assistindo no coro em huma solene, que ajudava a cantar de festa principal, succedeo que o prégador, a

(1) M. Fr. Antonio de Sena, na sua Chron. fol. 303.

quem estava encomendado o Sermão d'ella, teve hum mal subito, e tão forte, que ficou impossibilitado pera o fazer. E era o defeito grande pera qualquer dia, quanto mais em solemnidade. Não havia de quem valer com confiança, senão de Frei Gonçalo. Mandou-lhe o Prior que acodisse a suprir a falta. Não fez elle mais que tomar a benção, e ir-se ao pulpito. Subido n'elle tomou por thema; *Gaudent in Cœlis animæ Sanctorum.* Tema, que nem vinha a proposito do dia, nem dizia com a occasião de o fazerem tomar o trabalho extemporaneamente. Mas parece que foi espirito do Senhor que o chamava: porque como se estivera á vista da gloria, que gozão os bemaventurados, começou a tratar dos bens, e felicidades d'ella, e foi discorrendo com pontos tão levantados, e considerações tão devotas, com tamanhos encarecimentos de saudades da presença, e visão beatifica do Senhor, que engolfado na suavidade do que dizia, e sintia, se suspendeo a si, e aos ouvintes n'ella, de sorte que encantados todos, como se fora a musica, que dizem das sereas, nem elle se fartava de dizer, nem elles cansavão de ouvir: e quando concluio então lhes parecia que começava. Assi foi geral o espanto, e devação que causou em todo o genero, e estado de gente. Mas pera elle foi canto de cisne, porque subitamente ficou tão enfraquecido que foi necessario virem frades tiral-o do pulpito, e levarem-no em braços pera a cella. Pareceo logo o acidente mortal, e creceo o mal com tanta pressa, que dentro de dous dias se foi gozar dos bens que tão vivamente soube representar, e se lhe representarão. Diz d'elle o escriptor referido que teve algumas cousas quasi milagrosas. E a presente bem merece o nome: porque se consideramos o que em vida dizia, e o que lhe aconteceo na morte, morreo huma só morte, e esta juntamente nos tres lugares que apontava: porque do altar, onde pola manhã estivera, deceo pera o coro, do coro pera o pulpito, e do pulpito pera a sepultura.

Por differente carreira fez o mesmo caminho outro Frei Gonçalo chamado de Santa Maria, e filho tambem d'este Convento. Sendo grande homem de oração sobre outras virtudes de que era espelho, perseguia-o o demonio visivelmente quasi a toda hora, porque em todas o achava orando. Que como a oração não seja outra cousa, senão hum levantamento da alma a Deos, com desejo de o servir, amar, e gozar (oração que todos podem ter com facilidade, e todos deviamos continuar sem se nos passar momento isento d'ella) o enemigo, que nenhuma cousa mais aborrece, fazia-lhe fortes perrarias polo divertir d'ella. E o bom

Religioso andava tão embebido no santo entretimento, que não tinha outra vida: e dos insultos do enemigo fazia tão pouco caso, como se forão cocos de mininos. E todavia erão terribeis os medos com que o acommetia, e procurava inquietar; mas ficava sempre vencido. Não nos deixarão escritas particularidades os que d'isto escreverão: só arrematão dizendo, que sendo sempre vencedor de tão forte contrario, venceo tambem longos annos de vida, e no cabo se foi gozar da eterna com claros sinaes que era chamado do Ceo pera ella.

Não era menos Religioso hum irmão leigo, filho do mesmo Convento, cujo nome estando escrito no livro da vida, não foi Deos servido que o soubessemos, pera o podermos escrever n'este. Tinha corridos sessenta annos de professo, e de muito bom serviço na Religião, quando visitando hum dia na villa a hum Clerigo amigo seu que morria, lhe disse em modo de consolação, e esperança de saude, mas com espirito profetico segundo logo se vio: Ora Padre, bom animo, que assi como fomos amigos em vida, havemos de ser companheiros na morte, e enterrados no mesmo dia. Não estava já o Clerigo em estado de se alegrar com o que parecia boa nova, vista a boa saude de quem lh'a dava, e sua santidade, com que muito se acreditava. Era velho, e a enfermidade mortal, acabou dentro de dous dias. Deu-se recado no Convento. Sahio a Communidade pera o acompanhar á sepultura; tomou sua capa o leigo, e foi-se com ella, que andava bom, e rijo; e tal se levantara aquella manhã. A poucos passos chegou-se ao Prior, pedio-lhe licença pera se tornar, dizendo que se sintia abalado, e temia algum acidente. Como era tão velho que passava de oitenta annos, pareceo bem recolher-se logo. Tornando a Communidade pera casa, visitou-o o Prior, e achou-o em estado, que não houve mais lugar, que pera breve confissão: e sendo absolto das culpas, juntamente o foi das prisões da carne. Assi veio a ser sepultado com seu amigo no mesmo dia.

Não he razão ficar-nos por dizer, porque redunda em gloria d'este Convento, que forão os Padres d'elle fundadores de outros dous nos tempos adiante, que a Ordem aceitou em Villa Real, e Amarante, como veremos em seus lugares proprios. Nem menos pode esquecer a religiosa conformidade, que de tempos antigos se guarda, e mantem entre os Conegos da Igreja de Nossa Senhora da Oliveira, e os Frades do nosso Convento, e do de S. Francisco. Falecendo qualquer Religioso em S. Domingos, dá-se recado ao Cabido, e a S. Francisco; acodem com pontua-

lidade, e como se forão Frades nossos, fazem no Dormitorio o Officio da Commendação. Logo levão o defunto á Igreja dous Conegos, e dous Frades de cada ordem, e os mais acompanhão com suas vélas nas mãos, e assistem no officio da sepultura. No dia seguinte torna o Cabido á Igreja, e canta um Nocturno, e Laudes com Missa polo defunto: e n'elle assiste tambem a communidade de S. Francisco. A mesma correspondencia se tem do nosso Convento com elles; e importa muito esta liga, e irmandade pera conservação de paz, não sómente entre as Religiões, e o Clero, mas pera com seu exemplo acodirem ás desavenças, e enemizades que sucedem entre os moradores, e como de mão commum porem remedio n'ellas.

CAPITULO XIX

De outras antiguidades que ha n'este Convento dignas de memoria; e da grande devação que a villa, e comarca tem com S. Pedro Martyr, e Santa Caterina de Sena.

Ordinario he nos Conventos da Ordem edificar-se juntamente com a Igreja altar, e capella de Nossa Senhora do Rosario, como atrás deixamos apontado. Mas as Confrarias não são igualmente antigas; em humas partes começarão primeiro, em outras despois. N'esta villa se celebra esta festa polo mez de Maio, com solenes procissões publicas, e extraordinarias alegrias; e he cousa tão antiga, que se lhe não sabe principio. Na Confraria, que he mais moderna, entra toda a nobreza da terra; e a capella tem particulares graças que forão impetradas de Roma por hum Religioso d'esta Provincia, pessoa de muita autoridade, e Mestre em Theologia, chamado Frei Gaspar de Lamim.

Mas a festa de S. Pedro Martyr he cousa sabida que começou n'esta villa juntamente com o Convento, e capella que n'elle tem; celebrava-se com procissão publica, e muitos gastos; e era tamanho o concurso do povo de toda a comarca, e outros lugares visinhos, e até de Galiza, que havia no mesmo tempo, e hora duas prégações em lugares distinctos. São de ver humas palavras da bula de indulgencias que o Papa concedeo ao seu altar, que testemunhão bem esta devação, e dizem assi.

Cupientes ut capella Sancti Petri Martyris situata in Monasterio Sancti Dominici Ordinis Prædicatorum in Vimarensi Bracharensis diœcesis, ad-

quam certis anni temporibus, sicut intelleximus, ob Dei et ipsius Beati Petri devotionem, reverentiam, et honorem, tam longinquarum, quam proximarum confluit partium populi multitudo magna congruis honoribus frequentetur, et a Christi fidelibus jugiter: ac ut fideles ipsi eo frequentius devotionis, orationis causa confluant ad eandem, nec non ad ipsum Monasterium, in cujus immunitate dicta capella situata est.

Estava fresco, e como correndo sangue na memoria dos homens o martyrio do Santo; e estava a fé na Christandade de Portugal mui pura como sempre, e sem labeo; era grande o fervor de devação com quem por ella dera a vida. E como os Santos são agradecidos, não faltava com milagres, e soccorros do Ceo aos devotos, como tambem fazia por outras partes. Assi lhe forão levantando por toda Espanha ermidas, capellas, e altares. E em Guimarães era venerado por todo o discurso do anno; e ainda que veio a faltar polo tempo adiante a gente de fóra, com tudo a da villa continuou sempre com o respeito do Santo costumado; e a essa conta quando succede fazerem-se na terra algumas procissões pera alcançar de Deos, ou agoa pera as novidades, ou serenidade de tempo pera a terra, tirão os Frades n'ellas a imagem do Santo. Tem a sua Capella mui boa renda, que lhe foi deixada por Alvaro Pereira, Irmão do famoso Condestabre dom Nun'alvares Pereira, e por Gonçalo Pereira seu parente, que ambos estão n'ella sepultados: e consta que elles forão os que lhe impetrarão de Roma as graças de que gozão os que a visitão.

Não podemos negar estarmos em grande divida ao povo d'esta villa pola affeição que tem aos Santos da Ordem. Porque celebrando com tanta vontade, e obras, como temos dito, a S. Pedro Martyr: passão com muitas ventagens na memoria de Santa Caterina de Sena. Tem-na os moradores da villa, e de toda a comarca por sua particular advogada, e padroeira, desd'o dia que a fama de sua santidade chegou a Portugal. A Confraria he servida sempre polos melhores da terra, seculares, e tambem Ecclesiasticos: e he ordinario andarem em competencias a quem sairá com mais custosa armação na Igreja, com melhores invenções na procissão, que tambem he publica por toda a villa. A festa se celebra o primeiro Domingo de Maio, com numero infinito de povo que a ella acode. Mas o que devemos estimar, e louvar muito na gente d'este grande lugar he, que sendo as festas temporaes, que em honra, e reverencia

dos Santos fazem, todas de muito custo, e concerto, de nenhuma maneira se esquecem das espirituaes, porque pera todas sabem procurar suas indulgencias; e as d'esta Confraria são desd'o tempo do Papa Sixto quarto que foi no anno de 1474. O altar da Santa he visitado este dia, e noite com tanta continuação, que a Igreja está sempre cheia a toda a hora. Os perdões, que se houverão pera o dia da festa, se ganhão tambem em outros tres do anno, que são sesta feira de Endoenças, em memoria das chagas que o bom Jesu em tal dia por salvação dos homens recebeo, e despois por particular favor á sua serva communicou. Os outros dous dias são tambem mui a proposito do espirito da nossa Santa. Hum he o de Santa Maria Magdalena: e outro o de Santa Caterina Martyr. A huma chama a Igreja Apostola dos Apostolos: a outra foi mestra de Doutores.

Está o altar, que se visita, no meio do corpo da Igreja encostado a huma coluna. E se isto acontecera de proposito, por feito o deramos com acertado conselho: porque he tamanha a frequencia, com que he visitado, que se não podera revolver o povo quando estevera em outro sitio ou capella por grande que fora. E em testemunho d'esta devação será bem dizermos o que se vê aqui em hum dia celebre do anno. Ha hum voto antigo d'estas comarcas, polo qual vem as Freguezias juntas com seus Parochos, e cruzes visitar a insigne Igreja de Nossa Senhora da Oliveira, na primeira sesta feira da Coresma, á qual por esse respeito derão nome da sesta feira das cruzes: e todas as que vem de parte que fição caminho por junto do Convento, e outras muitas, assi como vem em procissão entrão pola nossa Igreja só a fim de visitarem o Altar da Santa: e não lhe parece áquella simplicidade bemaventurada que cumprem bastantemente com sua devação, se de passagem não fazem tocar as cruzes na imagem da Santa. Esta imagem he de pintura, e está em hum retabolo alto, e levantado do altar: he tão grande como a natural. Mostrou o pintor n'ella tudo quanto a arte pode alcançar de perfeição em representar hum rosto juntamente grave, e fermoso, e n'elle hum animo, e affeito devotissimo: partes que grandemente arrebatão as almas que alli a vão buscar por advogada, e remedeadora de necessidades. Tem defronte hum devoto Crucifixo, em que está toda enlevada recebendo as chagas. Assi não se sabe a gente sair da Igreja, nem apartar do altar, quando á vista da pintura considerão o estremo de virtudes que resplandeceo no original: e logo se lembrão dos beneficios geraes, e particu-

lares que cada pessoa ou experimentou em sua casa, ou ouvio contar nas de seus visinhos, e conhecidos, que são em grande numero: e tudo ajuda a afervorar, e acender a devação. Diremos alguns no seguinte capitulo pera honra da Santa, e argumento da fé, com que n'esta villa he venerada sua memoria.

CAPITULO XX

De alguns milagres de Santa Caterina de Sena, que se virão n'este Convento.

Foi insigne milagre, e com que a Santa fez esclarecido o poder que sua intercessão tem diante de Deos, hum em que tambem se vio o muito que val a fé de quem sabe pedir. Trazia huma molher (e não era das mais humildes do lugar) huma inchação sobre os narizes fea, e crecida a modo de grande lobinho, que lhe cobria os olhos, e tomava a testa com desformidade tal, que era cousa medonha, e nogenta (tevera principio de huma nacida que poucas vezes tem boa cura, chama-lhe a cirurgia *Noli me tangere*). Fugia a gente d'ella: e não havia animo tão compassivo, e mavioso, que lhe tevesse os olhos direitos. Era polos annos do Senhor de 1596. Vendo-se sem remedio, e aborrecida da vida, tratou do melhor, e ultimo, que devera ser primeiro: foi-se á Santa, prometteo-lhe huma novena diante do seu altar: comprio-a pontualmente: e a Santa lh'a pagou bem, porque no derradeiro dia estando diante d'ella em oração se lhe despegou, e cahio no regaço toda aquella inchação, e carnaça pendente: e foi pera sua casa sã, e livre do pejo, e tormento que sintia, e do asco que a todos fazia.

Huma devota da Santa tinha huma filha minina doente de muito tempo de hum mal tão pouco entendido que nenhum medico atinava com elle: nem havia remedio, que lhe valesse, provando-se muitos, como se aplicavão sem conhecimento da causa. Determinou-se em pôr a cura de todo ponto nas mãos da sua Santa: despede medicos, vai-se ao Convento, manda-lhe dizer huma Missa cantada. He cousa certa que no mesmo dia lançou a minina huma cobra, que sendo medida era já de quatro palmos; e ainda que muito delgada, divisavão-se-lhe polo lombo sinais de conchas. Tornou logo sobre si a enferma, e não sintio mais doença.

Da mesma devação usou outra pobre molher, e tão pobre que vivia de vender peixe na praça. Tendo huma filha cega de cataratas, e faltan-

do-lhe possibilidade pera pagar a quem lh'as tirasse, offereceo-a com huma Missa á Santa, e com confiança que ella faria o officio do catarateiro. E não se enganou; que de seu altar levou a cega pera casa com vista perfeita.

Estranho, e espantoso caso foi, que andando hum minino de mama com humas moedas de cobre na mão, como esta idade tudo leva á boca, engolio huma das maiores que nos tempos passados valia dez réis, e agora val tres. Ainda que por então não sintia dano, tinha a mãi por certo que não poderia viver longo tempo. Fazia continua oração á Santa pedindo-lhe remedio. Alcançou-lh'o ella de quem tudo pode tal, que a cabo de hum anno lançou o filho a moeda sem nenhum dano.

No anno de 1597 andava na villa huma molher natural d'ella, que vivia de esmolas, e de muitos tempos atrás era tão aleijada, que a rasto hia buscando polas ruas o remedio de sua sustentação. Chegando-se a festa da Santa, que este anno cahio aos quatro de Maio, determinou-se em lhe fazer dizer huma Missa, e encomendar-lhe a miseria de sua vida: arrastou-se por todas as ruas, como sohia, pedindo esmola pera ella: e tirando da boca pera acodir á sua devação, foi cousa vista por todo este povo que a conhecia, e celebrada com geral espanto: acabada a Missa, se lhe acabou a aleijão, e se levantou em pé direita, e sã, e assi foi pera sua casa.

Duas molheres ambas enfermas dos peitos de maneira que huma não podia viver de dores (esta era molher de Gaspar Alvares de Almim), a outra esperava acabar depressa, porque sabidamente tinha já cancro. Soccorrerão-se á Santa, e sem outra medicina alcançarão perfeita saude.

Não espantou menos, nem he menos de notar o que agora diremos. Cahio do alto de huma torre do muro da villa (chama-se a torre de S. Domingos) hum pobre homem, e quebrou huma perna de sorte, que os ossos dentro se lhe fizerão todos não só em pedaços, mas quasi em pó, e como arêa: despois de gastada a sustancia da fazenda com cirurgiaens, e varias curas, ficou pendurado sobre humas muletas, e assi passava com muito trabalho. He morte pera os pobres vida sem saude, faltando pés, e mãos pera ganhar a mantença. Encomendou-se á Santa com muita eficacia: resucitou d'esta morte por seus merecimento: e ficando de todo são, e valente, offereceo em memoria do beneficio as muletas ao altar, e n'elle estiverão muito tempo dependuradas, fazendo-se pregoeiras do trabalho, e remedio de quem as deixou, e do valor da Santa.

Muitos outros milagres poderamos trazer; porque, sendo modernos os que temos referido, sabemos de certo que os antigos erão sem conto, e tantos, que a coluna da Igreja, a que o altar se arrima, e o mesmo altar, e retabolo estava tudo cingido de argumentos de remedio alcançado em diversos trabalhos: por huma parte de mortalhas de enfermos, por outra muletas de aleijados, fundas de quebrados: e compostas de cera cabeças, olhos, e braços em sinal dos que n'estes membros receberão saude. Mas não sofre a Historia alargarmo-nos mais n'esta parte. Só direi que podemos ter por certo que não faltarão nunca n'este lugar maravilhas da Santa: vista a geral devação com que he venerada, e servida, e o muito que as poucas reliquias suas, que n'ella ha, são de toda a gente estimadas. Em tempos atrás havia muitas, que os Frades logo nos principios da Confraria fizerão trazer, das quaes o povo fazia tanto caso como de hum grande thesouro; e em todas as Missas da Confraria, que são nas terças feiras de cada somana, queria ver, e tocar o cofre em que estavão. Algumas pessoas principaes, não se contentando só com esta consolação, pedião, e levavão parte d'ellas. Veio hum Prior zeloso, e resoluto, tomou o cofre, encerrou-o em outro guarnecido decentemente, e bem arrecadado de fechadura: e pera tirar todo o cuidado de haver mais diminuição nas santas reliquias como deu volta á chave, mandou-a quebrar á força de martello, com grande alegria do povo que sabe estimar a riqueza que n'elle tem, e acode ainda hoje a estas Missas com a mesmo gosto, e frequencia que antigamente, á conta de as tocar, e reverenciar assi encubertas, e escondidas.

CAPITULO XXI

Do que fizerão por este tempo os Religiosos da Provincia em serviço, e por mandado do Summo Pontifice.

Segundo a ordem, que atrás promettemos, de ir acodindo aos successos geraes da Provincia, que he o tronco d'esta Historia, despois que nos faltou nosso glorioso Patriarcha autor originario d'ella, temos algumas cousas que dizer acontecidas entre a fundação que acabamos do Convento de Guimarães, e a do Convento da cidade de Tuy, que segue apoz elle, e teve seu principio polos annos de 1282. He pois de saber que governando el-Rei dom Affonso terceiro em muita paz, descançado

já, e livre das inquietações que lhe dera por muitos annos sua primeira molher a Condessa de Bolonha (Bilhon chamão em França) lograva filhos crecidos com gosto, e com dispensação Romana, da Rainha dona Britiz de Gusmão filha d'el-Rei dom Affonso de Castella, que muito. mava. Mas como ha homens, a quem parece que he natural andar sempre engolfados em tormentas de trabalhos, e desgostos, nacerão algumas contendas entre seus ministros, e os do estado Ecclesiastico, principiadas de materias de jurdição (como n'este Reino são tão mesturados em muitas cousas os foros Ecclesiastico, e secular) e de pequena faisca, como he ordinario, sahio grande incendio. Chegarão queixas ao Papa, que era Gregorio decimo, entrando no segundo anno de seu Pontificado, que responde ao de Christo de 1282. Quiz ouvir a el-Rei, como era rezão; despachou hum Breve dirigido ao Prior de S. Domingos de Lisboa, e ao Guardião de S. Francisco, com ordem que desse a el-Rei cartas particulares, que sobre o caso lhe escrevia: e tomando reposta sua lhe mandassem aviso do que succedesse, em autos juridicamente processados. O Breve vimos em treslado authentico, e começa assi.

Gregorius Episcopus servus servorum Dei dilectis filijs Priori Prædicatorum: Custodi et Guardiano Fratrum Minorum Ulixbonæ salutem et Apostolicam benedictionem. Cum charissimus in Christo filius noster Rex Portugalliæ Illustris, etc.

E he feito em Civita Vechia cinco dias antes das Calendas de Junho no segundo anno de seu Pontificado: que foi no de 1272, aos 28 de Maio. Cumprirão os Frades pontualmente sua commissão. Houve demandas, e repostas: durou a questão até o tempo do Papa João vigesimo, que outros chamão vigesimo primo, e foi Portuguez, natural de Lisboa, e nacido na Freguezia de S. Gião. Assentou-se este Pontifice na Cadeira de S. Pedro, polo mez de Setembro de 1276: e como o amor, que tinha á sua patria, o obrigava a desejar-lhe quietação e paz, despachou a el-Rei hum Nuncio Apostolico com poderes de Legado a latere. Chamava-se dom Frei Nicoláo Espanhol Religioso da Ordem dos Menores: o qual chegou a Lisboa por Fevereiro do anno seguinte. E indo visitar a el-Rei aos Paços do Castello onde morava, foi acompanhado de alguns Frades de S. Domingos, e outros de S. Francisco. Erão os Dominicos Frei Lopo Rodriguez, que então fazia o officio de Vigario dos Conventos

que havia neste Reino por commissão do Mestre Geral da Ordem, e com elle Frei João de Faria, Frei Martinho João de Amiga, Frei Martim Annes por sobrenome «o que veio»: Frei Thomas de Sintra, e Frei Pedreanes Fisico. Mas sendo recebido del-Rei com toda cortesia, e benignidade devida a seu cargo, não foi Deos servido que por então tevesse o negocio fim: antes durou ainda até á entrada do anno de 1279, e n'elle se quietou toda a differença: mostrou el-Rei como bom, e Catholico Christão que n'ella não tevera nunca outra tenção mais, que conservar com justiça, e rezão o direito de sua Coroa, e patrimonio de seus filhos, e bem de seus vassallos: cousas, a que polas leis de Deos, e do mundo se sintia obrigado. O que tudo declarou com huma larga, e bem composta pratica ao Prior de S. Domingos, e ao Guardião de S. Francisco, que pera isso mandou chamar, como Commissarios que erão do Papa na controversia que corria. E foi isto em presença do Bispo de Evora dom Durando, e do Thesoureiro, e Chantre da mesma Sé: e do Vigario, e Provisor de Lisboa, e de alguns Fidalgos, e Capellães da casa Real. Achamos em memorias que acompanharão aqui ao Prior de S. Domingos Frei Pedro de Alanquer, Leitor de Theologia, Frei Gonçalo Honoriz, Frei Pedro, Fisico, e Frei João Gonçalves, e Frei Bertholameu, que residião no nosso Convento de Lisboa. Pera final conclusão quiz el-Rei que de tudo se fizesse assento publico com assistencia do Principe dom Dinis: no qual poserão seus sellos o Prior, e Guardião, com o Bispo de Evora, e Vigario, e Provisor de Lisboa. E assinarão como testemunhas os mais que presentes erão. E d'este instrumento está o treslado authentico no Cartorio da Sé de Lisboa.

Faleceo el-Rei no mesmo anno. Succedeo-lhe dom Dinis seu filho, com quem despois de reinar se tornarão a renovar algumas das duvidas passadas: mas elle as atalhou logo com muita prudencia, fazendo composição com o Clero por meio de Martim Peres da Oliveira, Chantre de Evora, que despois foi Bispo da mesma cidade: e de dom João Martins, Conego da Sé de Coimbra, que despois foi Bispo de Lisboa, e tambem Arcebispo de Braga. A composição passou por hum assento que continha muitos capitulos: e pera a aceitação d'ella veio hum Breve do Papa Nicolao tercio, que começa: *Per alias nostras literas, etc.*, cuja substancia he nomear por Commissarios pera o tal effeito, e suas dependencias, e annexidades aos mesmos Prior de S. Domingos, e Guardião de S. Francisco de Lisboa. Em todas estas cousas cumprindo os nossos

Religiosos pontualmente o que devião ao mandato do Pontifice, procurarão com todas suas forças servir os Reis, como medianeiros de paz, e quietação: e pola satisfação, que os Principes tinhão de suas pessoas honravão a elles, e a Ordem em todas as occasiões. E logo polos annos de 1280 tratarão de fundar o Convento que a Ordem tem na cidade de Tuy, que he septimo dos que contamos no Reino de Portugal, seguindo a rezão, e fundamentos que no seguinte capitulo veremos.

CAPITULO XXII

Fundação do Convento de S. Domingos da cidade de Tuy.

Está situada a cidade de Tuy na ribeira direita do rio Minho, onde o Reino de Galiza parte com o de Portugal, ficando-lhe fronteira sobre a praia contraria a villa de Valença em lugar alto, e forte. A cidade he Episcopal, e tão antiga, que quer referir sua origem e nome aos Gregos, e ao Capitão Tydeo. Porque em tempos atrás lhe chamavão Tyde, e despois Tude, que vem a ser o mesmo, passando o y Grego em v, como he costume dos Latinos. Trazendo guerra el-Rei dom Sancho primeiro de Portugal com o de Lião dom Affonso polos annos do Senhor 1198 entrou por Galiza poderoso, e fez-se senhor d'esta cidade, e da villa de Pontevedra, e dos mais lugares de sua comarca. E sustentando todos em sua obediencia em quanto viveo, ficarão despois unidos á Coroa de Portugal por muitos annos; do que he bastante prova o testamento do mesmo Rei que os ganhou; no qual se vê que deixando largas esmolas a todas as Cathedraes do Reino, nomea tambem sem clausula nem distinção a de Tuy como de terra sua (1); e não sendo com ella menos liberal que com as mais, lhe manda dar tres mil morabitinos de ouro, que segundo a valia d'aquelle tempo que atrás fica declarada, importava o legado pouco menos de quatro mil cruzados. Esta mesma posse se collige do que escreve o Bispo dom Frei Prudencio de Sandoval (2), dizendo que no anno de 1218 deu el-Rei dom Affonso de Portugal (que era o segundo d'este nome) ao Bispo de Tuy os dizimos dos direitos Reaes de toda aquella diocesi. E em tempo del-Rei dom Affonso terceiro, quando todos

(1) Duarte Nunes de Lião, na vida de D. Sancho I, fol. 66. (2) Na Historia de Tuy fol. 117.

*

os Prelados do Reino se juntarão pera mandarem supplicar ao Papa que o dispensasse no casamento contrahido com a Rainha dona Breitiz, filha del-Rei dom Affonso de Castella (1), e juntamente houvesse por legitimo o Principe dom Dinis, por ser nacido em tempo que vivia sua primeira molher a Condessa de Bolonha, está nomeado, e assinado na supplica dom Egas, Bispo de Tuy. E d'este mesmo Rei escreve dom Frei Prudencio (2), que deu ao Bispado de Tuy os padroados das Igrejas de Afife, e Sá dentro em Portugal. E passados alguns annos, repartindo el-Rei dom Dinis muitas Igrejas de seu padroado entre os Bispos de Portugal (3), deu ao de Tuy como a Prelado de suas terras, o Mosteiro de S. Salvador da Torre junto a Vianna: o qual despois que estes lugares tornarão com a cidade á coroa de Castella, tornou tambem ao padroado Real de Portugal, e correndo o tempo se unio á Meza Primacial de Braga (4); e he o mesmo que hoje possue a Ordem de S. Domingos, por rezão do Convento que temos na villa de Vianna, fundação (como ao diante veremos, se o Senhor for servido chegar-nos a escrevel-a) do santo Arcebispo dom Frei Bertholameu dos Martyres, que com licença del-Rei dom Sebastião, e dispensação do Pontifice o resignou n'ella pera sustentação do Convento.

Havia nesta cidade huma pequena ermida, a que o povo tinha grande devação, por se dizer que fora obra do Santo Frei Pero Gonçalves Telmo, e na mesma se mandara enterrar, por ser pegada com a casa em que falecera. Era o sitio vizinho aos muros da banda de fóra; e assi o achamos nomeado nas memorias antigas, por S. Domingos de par de Tuy. A memoria do Santo, e o grande numero de milagres que cada hora fazia, e o estar seu corpo em lugar, que passava de oitenta annos era da obediencia pacifica de Portugal, obrigou aos Frades Portugueses a pretenderem acompanhar a ermida com Convento, e tratar do Santo polas mesmas rezões que ficão ditas como de Santo pertencente a Portugal. Quatro annos despois de começado o edificio no de 1286, estando juntos em Braga muitos Prelados do Reino como dom Frei Telo, Arcebispo Primás, e dom Almerico, Bispo de Coimbra, dom Vicente do Porto, dom Frei Bertholameu do Algarve (este era frade de S. Domingos) dom João de Lamego, e dom Estevão de Lisboa, e outros Prelados, concede-

(1) Duarte Nunes, vida de D. Affonso III, fol. 87.
(2) Historia de Tuy, fol. 155.
(3) Duarte Nunes, vida de D. Dinis, fol. 133.
(4) Vida de D. Frei Bertholameu dos Martyres, por Fr. Luis Cacegas, liv. I. cap. 25.

rão certas indulgencias a quem visitasse este Convento: devia ser, ao que parece, com tenção de se ajudar a obra com esmolas dos devotos. E nas letras que passarão o nomeão por Convento de par de Tuy.

Passados cincoenta annos, achavão-se os Religiosos todavia desacommodados por ser mui estreito o lugar, e não terem meio pera se alargar, respeito da visinhança do muro. E como desd'o principio da Ordem nos acompanhou sempre o trabalho de mudar casas, e provar sitios, segundo se pode ver polo que temos escrito, na hora que houve occasião de melhorar, nem estranharão tomar o fato ás costas, nem tardarão em o passar a outra parte. Pareceo lugar a proposito huma Igreja, e Freguezia antiga situada na borda do rio, quasi sobre o caes da desembarcação, com praça, e lugar espaçoso. Era annexa á dignidade do Mestre Escola da Sé: e a invocação de S. João Teiçon. Pedio-se, e alcançou-se por industria do Doutor Frei João Rodriguez, e dos mais Padres Conventuaes da cidade, cujos nomes erão Frei Francisco de Bragantinos, Frei Pedro de Pontevedra, Frei João de Camões, e Frei Domingos de Valença. Foi feita ermida morta, e renunciada polo Mestre Escola, e concedida polo Bispo, e seu Cabido, pera effeito de se tresladar a ella o novo Mosteiro. Chamava-se o Bispo dom Diogo de Muros. Houve-se logo licença do Pontifice, que era João vigesimo segundo. E d'este tempo em diante lhe dá sua antiguidade a Historia geral da Ordem, sem embargo que confessa ser mais alta, polo que se collige da tresladação, e da narrativa do Breve Romano.

Ainda que a negoceação, e industria da mudança foi de tantos, a despesa e trabalho do edificio tomou só pera si o Padre Frei Domingos de Valença, da fazenda de Durança Pires, sua prima, que a deu com gosto, ajuntando á doação vestir tambem o habito de Freira terceira da nossa Ordem, pera a qual, por lhe não ficar cousa por dar, deu tambem hum filho, que n'ella foi pessoa de tanta importancia, que veio a ser Provincial de toda Espanha. Era esta dona natural da villa de Valença, e fora molher de hum honrado morador d'ella, por nome Ruy Lopes, e o filho se chamou Frei Martinho de Valença. Ambos, mãi e filho estão sepultados no Capitulo do Convento, em sepulturas altas. Ella tem por cuberta do moimento huma figura inteira de freira, lavrada de relevo na pedra, em sinal do habito que tomara, com huma letra que o declara, e diz: «*Esta he Durança Perez Freyra de S. Domingos.*» A sepultura do Provincial está tambem autorizada com sua figura de frade, esculpida no

marmore, e sua letra breve, que diz: «*Este he Frey Martinho de Valença.*» Esta memoria merecem por fundadores, e autores do Convento, como se vê de hum letreiro entalhado sobre o portal do Capitulo em lingoa Latina, que contém o seguinte.

Istam domum fieri fecit Frater Dominicus de Valentia anno Domini 1330 *pro anima Durantiæ Petri, et pro anima Fratris Martini de Valentia quondam Prioris Provincialis, filij prædictæ Durantiæ Petri: et pro anima Fratris Dominici de Valentia consobrini prædictæ Durantiæ, et cognati Provincialis prædicti. Et iste Provincialis fuit filius honestatis et Religionis: et fuit speculum electorum justitiæ et humilitatis.*

Em Portuguez responde o seguinte.

Esta casa fez edificar Frei Domingos de Valença no anno do Senhor de 1330, pola alma de Durança Pirez, e pola de Frei Martinho de Valença, seu filho, que foi Provincial: e pola alma de Frei Domingos de Valença, primo da dita Durança Pirez, e parente do dito Provincial. E este Provincial foi pessoa de muita honestidade, e religião: e espelho de escolhidos, e de bondade, e humildade.

Pouco faz ao caso a duvida de dous Domingos de Valença: hum tratado como edificador, outro como defunto. Possivel he, que fossem ambos hum só: e se forão distintos, justo foi dar-se parte a todos do merecimento, pois a herança de tão honrada parenta a todos pertencia. Maior duvida temos sobre o nome do Santo da Freguezia. Porque huns lhe chamão, como atrás dissemos, S. João Teiçon, outros Terçon, e muitos Içon. E porque se acha em memorias antigas nomeado por S. João do Porto, não falta quem o queira fazer natural da cidade do Porto em Portugal: mas não havendo melhor prova que o nome, parece engano nacido do sitio em que o Santo tem sua Igreja, e sepultura, que tambem he porto, visto como está no caes, e desembarcação do rio, e á borda da agoa. De qualquer parte que o Santo seja, que o não podemos averiguar, nem de sua vida, e feitos alcançar mais noticia, porque o tempo a tem escurecido de todo; o certo he serem suas reliquias visitadas com devação dos naturaes, e de muitos romeiros de fóra por advogado das febres: e he tradição, que em tempos passados era mui grande o concurso nesta

Igreja de gentes de Portugal, especialmente por dia de S. João Baptista. Do que he bom indicio o que ainda hoje fazem muitos (começou o costume despois que a cidade se tornou a unir com Castella) que he juntarem-se na praia, e areal da banda de Valença, que fica defronte do Santo, e d'alli fazerem sua oração. Outros mais devotos tomão barcos, e vão-se polo rio até emparelharem com a Igreja, e da agoa fazem sua oração. Outros levão trombetas, e atabales, e offerecem-se com este genero de festa significadora de bons animos. Muitos que desembarção tem por devação passar por baixo do altar, e levarem da terra, que lanção ao pescoço dos enfermos: e affirma-se que faz Deos por ella muitos milagres.

CAPITULO XXIII

Do nacimento, e estudos do Santo Frei Pero Gonçalves Telmo. E das rezões que ha pera pertencer ao Reino de Portugal.

Estou considerando no titulo d'este capitulo, que estranhos, e naturaes em lhe pondo olhos parão, e levantão mão da lição; huns com queixa, outros com espanto, culpando-me, e tão bom dia se não for condenando-me de fazermos nossa a fazenda alheia; quero dizer de darmos a Portugal hum Santo nacido em Castella, filho de habito de Convento Castelhano, morto, e sepultado em terra e cidade, que de Portugal não tem hoje nada, nem lhe deve nada. Digo que confesso, e não nego, que o Santo he alheio de Portugal por nacimento, e por filiação, e polo estado em que hoje vemos a terra que cobre seus santos ossos; mas tambem affirmo que se quizerem suspender por hum pequeno espaço a sentença, e escutar poucas rezões, entenderão que com ser esse que dizem, nenhuma sem justiça faço em o dar ao Reino de Portugal; antes cometera erro, se lho não dera. E seja a primeira rezão com que a huns, e outros respondo, a mesma com que faço pertencer a este Reino o Convento de Tuy. Leão as historias antigas, e acharão o que atrás dizemos dos muitos annos que a cidade de Tuy andou debaixo do senhorio de Portugal. E quando este Santo faleceo n'ella, havia já cincoenta e tres que se governava por estylo Portuguez, e ministros Portugueses. E se perseverara nesta jurdição como perseverou o Algarve, e como perseverarão os lugares que chamamos de Riba de Coa, que huma, e outra comarca foi primeiro da coroa de Castella, nenhuma duvida ha que da

mesma maneira se contara por cidade de Portugal, que contamos Silves, Lagos, e Tavilla. E claro está que despois de possuida cinquoenta annos de Portugueses, já se devia falar nella a nossa lingoagem, como dentro nas terras que acabamos de nomear. Correndo logo a cidade de Tuy por terra da coroa de Portugal, em posse pacifica, e quieta, e sem contradição dos Reis a quem d'antes pertencia, bem se infere, que quando o Santo tornou pera ella do caminho que levava pera Santiago, dizendo ser vontade de Deos que ficasse n'aquelle lugar, e alli morresse como adiante veremos, era isto mandal-o ficar em terras de Portugal, e em terras de Portugal fazia conta o Santo que ficava. E não consinto falar-se-me n'este caso em demarcações, e Geografias antigas: porque despois que houve Reis, e Reinos, todas se apagarão, e ficarão os limites estendidos, ou encolhidos segundo o poder, e valia das armas de cada hum. Supposto logo que Tuy estava então dentro do senhorio de Portugal, como na verdade estava: e S. Pero Gonçalves sepultado n'elle, despois de em sua vida ter assistido muito tempo em Guimarães, e recebido nesta villa ao habito muitos filhos, e entre elles os dous grandes imitadores de sua santidade S. Gonçalo, e o Santo Frei Lourenço Mendes: e prégado com continuação por todo entre Douro, e Minho: manifesta injuria fizeramos a todos os Reinos de Portugal se d'elle não trataramos, como de Santo Portuguez. E assi digo que o hei por Santo nosso, como Padua tem por seu a Santo Antonio, que nasceo em Lisboa, e professou em Coimbra: Roma a S. Damaso, que naceo em Guimarães: Milão ao Beato Amadeu, que naceo em Campo Maior junto a Elvas, do sangue e casa dos Silvas: Çaragoça de Aragão a Santa Engracia, que nasceo no coração de Portugal: Cordova ao Martyr Sisenando, nacido em Beja: e Granada ao bemdito João de Deos, espelho de charidade, natural de Monte-Mór o Novo em Portugal: e isto baste pera os estrangeiros. Pera os meus, que ás vezes são peores de servir, e mais duros de persuadir, acrecento que faço este Santo nosso polas mesmas rezões, e fundamentos com que Lisboa honra, e celebra como a natural a S. Vicente, nascido em Castella, martyrizado em Valença de Aragão. E a S. Felix, e Santo Adriano honra, e festeja no Mosteiro de Chellas, sendo naturaes, hum de Africa, outro de Asia, e padecendo hum em Girona, outro em Nicomedia. Evora honra a S. Mancio, cujo nacimento foi Roma: Braga a S. Giraldo, de patria Francez, e a S. Martinho de Dumi, vindo das partes de Grecia.

Mas quando se me não aceite nenhuma d'estas rezões, nem me va-

lhão as da posse dos Reis, que não falta quem m'as encontre, sem me mostrar tempo certo em que Tuy tornasse á coroa de Lião: temos outro direito polo qual irrefragavelmente, e sem duvida pertencem a Portugal não só o Santo Frei Pero Gonçalves, mas todos os mais Santos, que a Igreja de Tuy venera. Porque sendo assi que no tempo em que veio a falecer S. Pero Gonçalves, e grandes annos despois, a maior, e melhor parte da diocesi d'esta cidade era dentro em Portugal nas terras d'entre Douro, e Minho, tão estendidamente, que se contavão nellas duzentas e setenta Igrejas, que todas erão da jurisdição de Tuy; em boa rezão está que se communique aos membros tudo o que á cabeça pertence, com verdadeira irmandade. E d'aqui ficará entendida a antiguidade, e origem da Igreja Collegiada de Santo Estevão de Valença, com toda a rezão de suas rendas, e dignidades que fazem representação de assento Episcopal. Porque he de saber que durando a grande scisma que se levantou na Igreja Catholica por morte do Papa Gregorio undecimo: e dividindo-se os Principes Christãos em favorecer os successores, segundo a opinião que tinhão de cada hum, foi Deos servido que este Reino, e seus Reis seguirão sempre a parte mais sã, e mais segura, que era a de Urbano sexto, e d'aquelles que em fim forão julgados por verdadeiros successores de S. Pedro. E porque no mesmo tempo succedeo seguirem os Reis de Castella a parte contraria com todos seus Reinos, e Igrejas, em que já então entrava, e estava reunida a de Tuy: houve muitos prebendados nella, que não se dando por seguros na consciencia, se passarão á villa fronteira de Valença, que sendo da mesma diocesi, seguia com o resto do Reino de Portugal ao verdadeiro Pontifice Urbano sexto, e seus successores: e juntando-se nella aos Officios Divinos, logravão em paz de espirito suas prebendas. E d'aqui teve principio a falta que hoje tem a Sé de Tuy de suas rendas, e jurisdição antiga, e o crecimento da Igreja de Valença: como tudo nos constou por huma sentença bem digna de se ver, que sobre a materia foi dada por Nicolao de Lapis, Nuncio Apostolico nestes Reinos polos annos do Senhor de 1413, cujo original se guarda nos Cartorios da Sé de Braga, e de Santo Estevão de Valença, que nos foi communicada polo Licenciado Lousada que outras vezes nomeamos.

Havendo pois de escrever d'este Santo, julgamos por lugar proprio este Convento; visto como o primeiro foi fundado na mesma casa em que elle faleceo, como atrás dissemos. E já temos outra vez advertido

que pera evitar confusão determinamos enfiar toda a narração d'esta Historia polas casas, onde os Santos falecerão, ou ficarão por suas reliquias, e não pola ordem dos tempos em que passarão da vida. Naceo S. Pero Gonçalves na villa de Fromista em Castella a Velha, na parte que chamão terra de Campos, Bispado da antiga cidade de Palencia chamada dos Romanos com pouca differença Palancia, e assentada sobre o rio Carrion. Não falta quem o faça natural de Astorga, mas n'isto vai pouco: o certo he que foi filho de paes nobres, e ricos, e criado em casa do Bispo de Palencia que era seu tio: o qual por conhecer nelle habilidade, e ter a occasião em casa dos estudos, que então tinhão assento n'aquella cidade, e d'ella se passarão despois á de Salamanca, o encaminhou pera as letras. Era mancebo, continuava com cuidado na universidade: crece a virtude favorecida: vagando huma conesia deu-lha o tio, e com ella esperanças de o passar a cousas maiores.

CAPITULO XXIV

Da conversão do Santo Frei Pero Gonçalves: e dos meios porque Deos o trouxe á Religião: e do principio de seus milagres.

Pouco tempo tardou que não vagasse maior prebenda na mesma Igreja, que foi o Dayado d'ella: pedio-a o Bispo em Roma pera o sobrinho: concedeo-lha o Summo Pontifice. Tanto que o mancebo teve a nova, determinou festejal-a, e no mesmo dia, que tomou posse da dignidade, que foi o do Nacimento de Christo, quando polo novo titulo tinha obrigação de representar mais modestia, e autoridade em trajo, e em obras, então poz de parte as roupas largas, e com as de moço vão, e alegre, subio a cavallo, a dar vista á cidade, e mostrar-lhe o Dayão que tinha. Não posso cuidar que era isto de todo leviandade, mas creio, que como o tempo era de guerra continua com Mouros visinhos, onde muitas vezes convinha aos mesmos Bispos lançar o treçado sobre o roxete, e empunhar a lança: devia ser permitido aos Sacerdotes manejar cavallos, e exercitar as armas sem affronta da dignidade. Como quer que fosse, elle sahio gentil-homem, e lustroso quebrando as calçadas com o brio de hum ginete fermoso, e pisador, e muito mais com o que levava dentro de seu peito. Assi foi dando voltas á cidade, e passando carreiras onde lhe parecia que mais se acreditava por homem de cavallo. Chegando a huma

praça, onde estava muito povo junto, não esperou ser rogado, concerta-se na sella, lança o ginete. Era o caminho de Damasco em que Deos esperava a outro Saulo pera o fazer vaso de eleição (*). Quando cuidou de parar com bom corpo, e muito ar, cae o cavallo, e lança-o por cima das orelhas: acha-se o nosso Dayão estirado em terra, a capa a huma parte, o chapeo a outra, todo descomposto, e cuberto de lodo, que havia muito onde foi cahir. Acode o povo a levantal-o, huns com compaixão, outros dando-lhe os parabens de ficar sem dano: mas assentou-lhe no coração todo o que podera receber no corpo. Assi ficou sintido, e corrido como se quebrara perna ou braço: e mais quisera quebral-a em qualquer outra occasião, que passar a vergonha presente. Triste, e carregado sem falar palavra, nem responder a ninguem se recolheo a casa: tirou-lhe a dor o sono, e espertou-lhe o juizo pera ver que assi como cahira do cavallo no lodo, e sem perigo, poderia cahir no lago do inferno arrebentando da queda. Considerava as pagas que o mundo dá: quão repentinamente lhe trocara o gosto com que aquelle dia amanhecera em magoas, e a soberba em vergonha. Assentou consigo que não merecia tal mundo ser olhado, quanto mais servido de homem sisudo. Erão isto já raios da graça divina. Esforçou o Senhor o impulso pera não tardar a execução. Quando menos se cuidou apareceo o Dayão cuberto de huma estreita mortalha, que foi hum habito de S. Domingos, dando exemplo de humildade na mesma terra onde o dera de presunção, e vangloria: grande principio, e bom pronostico de qual seria o fim. Os meios forão estudar com novo cuidado, e igualmente exercitar oração, e penitencia, quebrantando os brios da idade, e sangue por todas as vias, mas fiando sempre mais da graça de Deos, que de suas forças: a elle se entregava, a elle pedia o remedio pera vencer, e não ser vencido.

Acabado o estudo, foi exercitando o ministerio da prégação por muitos Conventos. Mostrava zelo da salvação das almas, que he o primeiro ponto de prégador Apostolico: d'este nacia hum fervor grande, com que movia, e acendia os corações dos ouvintes. Não lhe faltava eloquencia, e suavidade no dizer, que he hum esmalte que dá todo lustre, e vida ao que se diz. Mandou-o a obediencia que fosse prégar polos lugares da provincia, como então se costumava: e apostolar em beneficio dos proximos. Correo muita terra, e ajudou-o o Senhor, porque fez grande fruito, reduzindo ao seu rebanho grande numero de ovelhas desgarra-

(*) Act. 9.

das, e trazendo muitos bons sogeitos ao habito. As terras que mais de assento tratou forão Asturias, Galiza, e as terras de entre Douro, e Minho, e Portugal. A ordem com que procedia era: na casa em que se achava a comer, ou dormir, mover praticas da virtude, dos enganos do diabo, e do peccado, representar o rigor do dia do juizo, e as penas dos condemnados: como via temor, e compunção (porque obrigava muito com a vehemencia que tinha nas palavras) passava ao amor de Deos, á sua misericordia, e bondade pera com peccadores arrependidos: e communicando-lhe o mesmo Senhor sua graça, e espirito abrandava peitos de ferro. Em fim o ordinario era não sahir da casa sem deixar todos os moradores confessados, desd'o amo até o mais vil criado. O mesmo procurava nas estalagens com hospedes, e passageiros: e ainda que fosse de passagem não largava a estancia sem tirar algum ganho pera Deos: e se havia doentes que quizessem confissão, a qualquer hora que se lhe dava recado deixava a prégação, reza, comida, sono, e repouso por lhes acudir com mais diligencia que se fora seu parocho. Ajudava o Senhor este santo zelo com famosos milagres.

Prégava hum dia junto de Bayona de Galiza, e era no campo, por ser a gente muita: começou subitamente a toldar-se o Ceo de nuvens grossas, e negras, seguirão trovões, e relampagos, sinais manifestos de chuva, e tempestade. Inquietou-se o auditorio, levantarão-se alguns. Parou o prégador com o que hia dizendo, e pedio-lhes que se não alterassem polo que vião, porque lhes affirmava que o Senhor a que o Ceo, e terra, e a furia dos ventos obedecião, tornaria aquellas carrancas em aprazivel bonança, e não terião gota d'agoa. Logo estendeo o braço contra a parte d'onde mais afuzilava, e vinhão correndo as nuvens: e assi como o levantou, se dividirão a huma, e outra parte: e deixando em meio o Ceo claro e sereno, forão engrossando pera os lados, e á vista se começarão a desfazer em agoa, e pedra, esbombardeando trovões, e raios, que como erão ao longe ficarão servindo de espectaculo, e de huma alegre salva, e materia de louvar a Deos em seu Santo.

Foi este milagre mui falado: e de andar muito na boca dos homens d'aquelles portos de mar, devia ter origem e principio o encomendarem-se a S. Pero Gonçalves os mareantes quando se achão apertados de tormentas: nas quais são notaveis, e sem numero as maravilhas que obrão seus merecimentos em favor dos que o buscão. Mas seguirão logo outros muitos, que acreditarão este. E a fama da santa vida que fazia, e o que

trabalhava por salvar peccadores, e encaminhar ignorantes pera o Ceo, não tinha menos força que os milagres: porque parecia impossivel poder acudir hum corpo só a tanto trabalho, como punha sobre si. De Galiza sabemos que passou a Portugal, e prégou de vagar polas terras de entre Douro, e Minho: e por differentes vezes residio no Hospital de Guimarães, que era assento, e como Convento de Frades de S. Domingos. E n'elle lançou de sua mão o habito aos grandes Santos S. Gonçalo de Amarante, e S. Frei Lourenço Mendes. E esta he a rezão de ser celebrada n'aquella villa, e particularmente no Hospital sua memoria: cessando aqui a rezão das navegações que n'este lugar não ha, visto como não tem mar, nem rio.

Bem são comparados a nuvens os varões Apostolicos: assi voão por todas as partes: assi regão, e fertilizão as terras com as agoas fecundas de sua doutrina. Quasi não ficou lugar em entre Douro, e Minho, que não visitasse, em que não prégasse, onde não fizesse muito fruito. Quando parecia que andava de vagar em huma parte, aparecia, e estava já em outra obrando maravilhas. He cousa averiguada que residio algum tempo na Corte d'el-Rei dom Fernando de Castella. E como nas Cortes ha de ordinario tanto que emendar, e cercear, aproveitou muito n'ella o brado de sua doutrina, e o exemplo de vida. E pola mesma rezão quiz el-Rei que acompanhasse o exercito, quando foi cercar Sevilha. E entre os bens, que sua presença obrou com a gente de guerra, contão alguns Autores que lhe aconteceo a maravilha de se lançar no fogo, por occasião de huma perversa femea, que quiz tentar sua pureza. Mas a verdade he que este caso sucedeo no mesmo cerco, e no mesmo exercito a outro filho de nosso Patriarca S. Domingos, que foi hum que chamarão Frei Domingos o Pequeno, companheiro seu do numero dos dezeseis com que fundou a Ordem(1): e como S. Pero Gonçalves fez tantos outros prodigios certos, e provados, como logo contaremos, e podia tambem fazer este, não me agrada atribuir-lhe os que trazem qualquer genero de incerteza: visto como não ha duvida que succedeo a Frei Domingos.

O que n'este cerco rendeo grande gloria ao Santo, e á Ordem, foi huma companhia de homens do mar, que o vierão demandar, sabendo que estava no exercito, e dar-lhe as graças de sua salvação(2). Erão Portugueses, e contavão, que sendo despachados polo commum da cidade de

(1) Castilho part. 1. liv. 1. cap. 29. (2) M. Fr. Vicente Antist. na vida de S. Pero Gonçalves, cap. 2.

Lisboa com huma não carregada de vitualhas pera provimento do campo Catholico: passado o Cabo de S. Vicente lhes sobreviera hum temporal tão furioso que se derão por perdidos; e desesperando de remedio não souberão outro, se não chamar polo Santo, a cuja virtude tinhão ouvido dizer, que obedecião os ventos, e as tempestades. E no mesmo ponto virão todos sobre a gavía do navio hum Frade de S. Domingos, que não duvidavão ser o Santo Frei Pero Gonçalves. Porque ficando cheios de consolação, e confiança, fora logo acalmando o vento, e abonançara o mar.

CAPITULO XXV

Da ponte que o Santo fez sobre o rio Minho: e da continuação com que prègava: e de alguns milagres grandes que fez.

Passada a guerra, e conquistada Sevilha, como o Santo não sabia estar ocioso, foi dando volta por Castella: e no cabo tornou-se pera os seus Galegos ou Portugueses do Minho, chamado, ou da singeleza da gente, ou da falta que entre elles havia de quem ensinasse. Prégava o Santo em Galiza, e era justo que desse por bem empregado o trabalho n'ella. Porque os lugares se despovoavão polo ouvir: e não contentes com huma só prégação, deixavão suas casas, e hião-se apoz elle, molheres, homens, e mininos, por alcançarem nos outros lugares, a que passava, as palavras de vida, que arrebatavão corações, e os fazião esquecer de tudo. Assi parecia que levava hum exercito trás si. Chegou hum dia ao rio Minho a certo passo, onde de verão havia vão junto ao lugar que chamão Castello não longe da villa de Ribadavia. Disserão-lhe ao passar que na mór parte do anno era o passo occasião de muitas mortes: porque sendo a passagem forçosa aos visinhos pera remedio da vida, acontecia perderem-na muitos. Considerou o Santo o lugar, e com vista de olhos entendeo o perigo que haveria crecendo as agoas de inverno: sintio-se abrazar em zelo de charidade, compadecido entranhavelmente dos pobres, a quem a miseria do estado obrigava pôr em risco vidas, e almas. E fazendo reflecção em quantos irião em máo estado, ou ao menos cheios de descuidos, pera passar n'um momento de hum mundo a outro, propoz consigo lançar alli huma ponte: e como o determinou, assi o disse logo aos que o seguião. Quando menos cuidavão furtou-se a todos, e foi-se á Corte d'el-Rei dom Fernando: deu-lhe conta

do disenho, pedio-lhe ajuda de sua fazenda, e favor de cartas, e recommendações da obra pera os Bispos, e senhores da terra. E dando volta como em posta, não se servindo de outra mais que do seu bordão, nem de mais alforge que a charidade dos fieis, corre pola terra, ajunta officiaes, convoca obreiros. Não havia quem arrostasse á obra, porque a todos parecia disparate. Os que havião de ajudar com esmolas folgavão de as dar á conta das cartas Reaes, e muito mais da virtude, e charidade do Santo: mas da empreza fazião graça, havendo que pera o mesmo Rei era difficultosa: quanto mais pera hum pobre Frade. Aqui se vio como [são encontradas as traças do mundo com as do Ceo. Lançou o Frade seu cuidado em Deos: elle lhe deu animo, e trás o animo forças pera começar, e ver acabada huma fabrica Real, sem ter mais fazenda de seu, que o breviario por onde rezava. He a ponte, como convinha pera hum rio tão caudaloso, alterosa, e grande, lavrada toda de cantaria tão firme, e bem fundada, que prometia durar tanto, como as serras, que desd'a criação do mundo não fizerão mudança, se não acontecera vir a render com a muita antiguidade, e ajudada de algum terremoto, a descompassada abertura do arco maior. Abrio, e fez ruina polo meio da volta: com que está hoje inutil n'esta parte, estando em todas as mais tão forte, e firme como no primeiro dia. Elle era o sobrestante da obra, elle o architeto, e o pagador: e elle em fim o obreiro, porque não se contentava com menos que carregar ás costas a pedra, e cal, pera podermos affirmar, que tambem foi obra de suas mãos a ponte, como de sua industria. Mas provava-o Deos, com muitas vezes chegar a cousa a estado de lhe faltar com que acodir a mestres, e jornaleiros: e com tudo nunca perdia o animo: remetia tudo ao mesmo Senhor com affectuosas orações, representava-lhe o fim que tevera na obra, encaminhado só a seu serviço. Corrião logo da Divina bondade novas, e soberanas misericordias que todas ficarão bem entendidas do que agora diremos. Era hum dia de peixe: sobejava pão, mas não havia com que o comer; a gente que andava na obra, era hum povo inteiro, porque tendo-a por milagrosa, despois que a virão posta em caminho acodia em bandos a trabalhar, assi por darem gosto ao Santo, como tambem polo ouvir; porque nunca deixava de misturar o pão, e pasto espiritual, com o material quotidiano. Houve quem apontou a necessidade. Não esperou o Santo que murmurasse ninguem; e com a mesma confiança com que emprendera tamanha machina, se foi ao rio, sentou-se na praia, levantou os

olhos, e o coração ao Padre Eterno; não foi necessario mais que proporlhe a necessidade, como em outro tempo a Virgem Mãi ao bemdito Jesu; *Vinum non habent* (1). E he de crer, que usaria das mesmas palavras no sentido do que então faltava, senão quando começa a agoa a ferver, e apparecer por ella cardumes de peixe, que hum sobre outro se vinha á praia; e alguns que tem por natureza dar salto no ar, ou por participar d'elle, ou por viço, e ligeireza, agora parecia quererem saitar no regaço do Santo. Estava o povo atonito, e como fóra de si com tal novidade; acodio todo homem, ficou a obra em quedo. Chama o Santo a seu companheiro, que as historias nomeão por Frei Pedro das Marinhas, manda-lhe que seja elle o pescador da nova pescaria. Enchia Frei Pedro os cestos que servião na obra, e lançava em terra. Não fogia nenhum, nem se desviava por isso, perdido o amor natural da conservação, ou movidos todos d'outro instincto mais alto. Despois que Frei Pedro pescou assi quanto pareceo bastante pera a occasião presente, lançou o Santo a benção aos que ficavão, como n'outro tempo fazia o Martyr S. Braz ás feras que o buscavão no deserto (2); e então como se outra cousa não esperarão somião-se no fundo, e desaparecião. Isto lhe aconteceo muitas vezes com grande espanto, e gosto das gentes; e não pequeno beneficio da fabrica, porque a fama do milagre até ao longe despejava os lugares. Outras cousas succederão aqui maravilhosas, mas convém ir abreviando, pois todas são menores á vista do que temos referido.

Acabada a ponte, passou-se pera as terras da jurdição de Portugal, digo pera a cidade, e comarca de Tuy, que já em vida como despois na morte o affeiçoava o Senhor a esta parte. Aqui prégava, e doutrinava o povo sem cessar, andando de lugar em lugar, e de aldea em aldea pera se communicar a todos. Estava hum dia na cidade agasalhado em casa de hum fidalgo, tinha trabalhado no santo ministerio da doutrina toda a manhã, e fazião-se horas de jantar; eis que lhe dão recado de parte de hum Clerigo de Bayona seu conhecido, e devoto, que estava apertado de hum forte accidente, e chamava por elle como por ultimo remedio de sua alma. Não foi necessario pera o Santo maior instancia, que tocarlhe em materia de alma. Na mesma hora se poz ao caminho sem lhe lembrar comida, nem almorço bem merecido já com o trabalho do dia, e necessario pera quem não era moço, e havia de caminhar a pé. Tomou o Santo o caminho com passos de quem desejava chegar a tempo

(1) Joann. 2. (2) Breviario Roman.

á necessidade, e ao amigo. O desejo lhe dava forças, e enleava a fome: e vendo-se só entre os montes buscava companhia que o fazia esquecer de toda a cousa da terra, sobindo aos Choros dos Anjos por meio de huma alta contemplação. Alli se deleitava no que sintia, e sintia os sabores d'aquelle pão sobresustancial que o Senhor com liberalidade communica aos que com determinada vontade o sabem buscar. Assi hia caminhando á pressa, e sem pena. Seguia-o hum bom pedaço atrás seu companheiro, e o messageiro secular que lhe trouxera o recado; e tendo andado tanto sem parar, que sobião, e hião vencendo o alto de huma serra, onde chamão a Portella de Arcelha, começou o companheiro a sintir o trabalho, com ser moço, e robusto, e disse pera o secular: O Padre companheiro, como he avezado a caminhar muito, e comer pouco, não sente o que outrem padece; mede nossas forças polas suas, e não cahe que os mais moços tem mais necessidade de comida, porque tem fogo, digirem melhor, e gastão mais. No mesmo ponto entendeo o Santo por revelação Divina a murmuração: e parando hum pouco chamou por elle, e disse-lhe com muita brandura, e confiança no Senhor: Meu filho, se vos sintis fraco, e tendes necessidade, chegai áquelle penedo (e sinaloû-lh'o com o dedo) e n'elle achareis o que baste pera vos satisfazerdes por esta vez. Foi o companheiro obrigado mais da obediencia, que de esperança da promessa, e do que desejava: acompanhou-o o secular, e chegando ambos acharão com espanto mesa posta. Erão dous pães alvos, e mimosos sobre toalha lavada, e hum vaso de vinho. Trouxerão tudo ao Santo com alegria: mandou-lhes que matassem a fome, e o que sobejasse tornassem ao penedo. Comerão ambos o que lhes bastou, e tornarão alguns sobejos ao lugar. Mas indo hum pouco adiante praticando no successo, e altercando ja como fartos, se fora aquillo milagre, ou cousa succedida, a caso, vencidos da dúvida, ou tentação, determinarão tornar polo pouco que deixarão: e fazendo conta que não serião sentidos do Santo, que hia com todo o espirito occupado no Ceo, tornarão correndo ao penedo, no qual não acharão já nem sinal do que tinhão posto. Assi fizerão volta em seguimento do Santo pasmados todavia, e atemorizados, e com rezão: porque chegando a elle achou o companheiro huma boa reprehensão, dizendo-lhe, que o mesmo que alli posera o pão, e vinho, de que se tinhão aproveitado, tevera cuidado de arrecadar os sobejos: porque se o déra, fora pera acudirem á necessidade, e não pera satisfazerem curiosidade intempestiva, e desnecessaria,

qual fora a sua em tornar a buscar o que tinhão deixado. Dous milagres houve n'este caso, e duas revelações, se bem o consideramos. Mas muitas outras cousas fazia, e dizia o Santo, em que se manifestava espirito profetico que o acompanhava, e poder Divino que as obrava como logo veremos.

CAPITULO XXVI

De hum notavel milagre que o Santo fez: e de seu bemaventurado transito na cidade de Tuy.

Chegava o Santo hum dia de grande calma cansado, e suado, e morto de sede a huma aldea junto á cidade de Santiago. Ajuntava-se á força do Sol, a que lhe fazia o trabalho de huma prégação que acabara em outro lugar. Foi em demanda da casa do Cura, e pedio se haveria hum pouco de vinho com que se poderem restaurar do cansaço elle, e seu companheiro, e passarem adiante onde o esperavão tambem pera prégar. Acodio á porta huma boa velha que o conhecia, e disse-lhe, que de boa vontade o servira com o que havia em casa, mas que alem de ser pouca quantidade no fundo de hum frasco, tinha ordem do Cura de lho guardar com cuidado á pena de castigo. Respondeo o Santo sorrindo-se, que todavia lhe desse o vinho, que poderoso era Deos pera remedear seus servos, e livral-la a ella de dano. Persuadio-se a velha, e folgou de se arriscar, parecendo-lhe que fazia obra de charidade com quem precisamente estava necessitado. Não erão bem sahidos os Frades, quando nas suas costas entra o dono da pousada: e como fervia o Sol, foi-se ao frasco pera matar a sede: espanta-se de o achar pesado, lembrando-se que o deixara quasi vasio; espanta-se mais, vendo-o cheio, e achando licor excellente, não só aventajado ao que deixara. Acode a velha cheia de alegria vendo o milagre, e conta-lhe o que passara com o Santo. Sahio logo o Cura correndo em seu seguimento, alcança-o, conta-lhe a maravilha, e pede-lhe, que torne a servir-se da casa, e delle. Mas não era bom termo pera o obrigar historia de louvor seu: continuou seu caminho.

Era polos annos do Senhor de mil e duzentos e corenta e seis, segundo a conta do Mestre Frei Fernando de Castilho, e segundo outros duzentos e cincoenta e hum, quando o Santo prégando em hum Mosteiro de S. Bento por dia de Ramos, despedio o povo que o acompa-

nhava, dizendo que não era Deos servido que désse trabalho a tanta gente, porque havia muitos velhos, e mininos, e molheres, que padecião muito polo seguir: e que soubessem de certo que naquelle lugar o não verião mais, porque não tardaria muito o fim de seus trabalhos, e de sua vida. E por despedida pedio a todos com humildade de Santo, e humas palavras sahidas da alma, que o encomendassem muito a Deos: porque ainda que não entendia ter dado escandalo a ninguem com sua vida, e trato, com tudo se conhecia por humano, e fraco, e muito necessitado das orações dos fieis. Daqui dizem que foi a Tuy, e prégou todos os dias da semana santa sem descançar: e apontão que huma das cousas que principalmente encarecia nestes derradeiros Sermões, era a necessidade do Sacramento da Confissão, e Penitencia: e despois delles costumava á imitação de nosso Redemptor descansar do trabalho do dia, passando as noites no campo em oração. Não era o Santo tão velho nos annos, como as penitencias, os caminhos, e a força, e continuação de prégar o tinhão reduzido a huma cansada velhice de muita fraqueza, e falta de forças. E o muito, que se forçou nesta semana acabou de o debilitar de maneira, que a primeira oitava lhe sobreveo huma febre rija, e entendendo que era aviso do fim que esperava, fez força, desejando de ir morrer na casa do Bemaventurado Apostolo Santiago. Foi caminhando como pode até o lugar de Santa Comba. Aqui lhe revelou o Senhor que era chegada a hora de receber o galardão de seus trabalhos, e mandou-lhe que se tornasse a Tuy. Cheio de alegria com tal nova chamou seu companheiro, e disse-lhe: Meu filho, o Senhor Deos tem dado termo aos dias de minha peregrinação, poucos são os que me restão. Em Tuy quer que seja o remate: pois elle manda, convem obedecer, tornemos sem tardança, e ahi nos despediremos pera sempre. Chegou com trabalho á cidade, e o abalo do caminho acendeo o fogo da febre. Tinhão contenda naquelles membros santos dous grandes estremos, hum de afflição, outro de alvoroço: atormentava-os a febre com accidentes mortaes, alegrava-os a esperança da gloria com jubilos da alma: e esta lhe suspendia o trabalho da doença de maneira, que se lhe transluzia no rosto o contentamento com que esperava a morte. E como todo o emprego dos trabalhos dos Santos he só pera segurar esta hora, não se esqueceo, vendo-se nella, de se ajudar das armas que Christo nos deixou em sua Igreja, que são os santos Sacramentos da Communhão, e Extrema unção: e recebendo-os com seu costumado fervor, e devoção,

e com huma alegria de quem já reconhecia o porto, e começava a ver os fermosos horizontes da patria celestial, foi-se despedindo dos que estavão presentes com amor, e humildade. Com o hospede da casa teve mais particulares colloquios: dos quaes podemos crer que falava com elle como com toda aquella diocesi, e republica, que nelle se lhe representava, e na republica com a coroa, e jurdição em que estava do Reino de Portugal. Eu me parto, dizia, desta vida com grande confiança no Senhor, que usará comigo na outra de suas misericordias. Pouco tempo o servi, e esse com muitas faltas, e imperfeições. He grande Déos, põe os olhos em si, paga como quem he, não como quem nós outros somos. Como tão benigno, e tão rico, tem-me prometido, que por fazer mercê, e honra a este pobre bichinho, favorecerá esta cidade e sua comarca, e a livrará de muitos castigos que os peccados dos homens sempre estão provocando. Assi me ficarei entre vós outros como visinho, e amigo. A vós particularmente por me sofrerdes nesta casa, e me agasalhardes com tanta charidade, tomara deixar algum sinal de agradecimento. Como pobre, e que outra cousa não possuo, vos peço que aceiteis em memoria esta correa que me cinge: póde ser que algum dia vos sirva. Descançou hum pouco, e apoz hum breve intervallo se foi descançar pera sempre. Do dia certo se perdeo a memoria: e no anno tambem ha a duvida, que atrás apontamos. Mas concordão todos, que faleceo entre Pascoa de Resurreição, e Espirito Santo.

CAPITULO XXVII

Como foi sepultado o Santo, e despois seu corpo tresladado pera a Sé: e n'ella melhorado de lugar duas vezes.

Foi sepultado o Santo com toda a honra, e pompa que podia ser; acudio toda a cidade a acompanhal-o, e o Bispo fez o Officio, e ajudou a meter o corpo na sepultura, que por então foi em huma pequena ermida, que o Santo edificara, por não haver ainda na terra casa da Ordem. Sendo enterrado, não tardou o Senhor em honrar sua memoria polos meios que costuma. Forão grandes, e famosas maravilhas, as que se vião em sua sepultura, e as que sintião em si todos os que a elle se encomendavão. E foi a primeira que no mesmo dia naceo n'ella hum estranho genero de fonte, que manava olio clara, e conhecidamente, olio

admiravel nos effeitos, como mysterioso no nacimento, e semelhante ao que se escreve dos sepulcros de Santa Caterina no Monte Sinai, e de S. Nicoláo em Bari cidade do Reino de Napoles: porque da mesma maneira era singular antidoto contra todas as doenças.

No segundo dia de seu falecimento veio á ermida, em que foi enterrado, huma Senhora principal, que tinha sua casa em hum lugar perto da cidade: porque fora sua devota, e costumava agasalhal-o, e fazer-lhe outras boas obras, e estando desconsolada com a nova de sua morte vira o Santo em sonhos, que lhe dizia que fosse á sua cova, e ahi veria cumprimento da promessa que lhe fizera em vida. Foi o caso, que esta dona pedio hum dia ao Santo, que lhe desse alguma peça de seu uso, pera lhe ficar em memoria, quando Deos o levasse. Defendeo-se o Santo parecendo-lhe acto de vangloria:mas sendo importunado, disse que em vida, ou em morte prometia dar-lh'a. Obrigada de huma, e outra promessa, estava junto da cova em oração: e olhando pera ella notou hum sinal de abertura, que primeiro não vira. E querendo affirmar-se, provando com a mão se se enganavão os olhos, trouxe n'ella hum dente claro, e fermoso, que não teve duvida em ser do Santo, porque a terra se tornou a cerrar como d'antes. Assi o recebeo com lagrimas, e por joia preciosa o levou, e guardou.

Começou logo a ser celebrada, e visitada a sepultura de naturaes e estranhos; e achando todos remedio em seus males por seu meio, crecia cada dia mais o concurso. Por onde, passados alguns annos forão cahindo os cidadãos, e sintindo que era notavel descuido entre gente pia estar tão mal agasalhado dos seus quem tão venerado era dos forasteiros, tomou o Cabido á sua conta o negocio. Mandou lavrar hum moimento de marmore, segundo aquella idade sumptoso, e posto na Sé tresladarão a elle as santas reliquias. Mostrou Deos logo que se havia por bem servido na obra. Porque foi continuando o mesmo manancial do olio, que se via d'antes, do qual achamos em memoria que recolherão os Conegos cantidade, e affirma-se que ainda em nossos dias se guarda algum.

Amoestados o Bispo, e Cabido com tamanho sinal procurarão juntar na Sé todas as reliquias que pudessem haver do Santo: e tendo já em seu poder a capa, e cajado, e outras algumas, pretenderão tambem a cinta. Mas parecendo crueza desapossarem a quem o Santo fizera senhor d'ella, pedirão-lhe parte. Consintio o possuidor: juntarão-se pera a par-

tilha. Porém querendo-lhe pôr a faca (caso prodigioso) saltou o ferro da mão a quem tentava a execução do córte, e foi o salto tão longe, como se tevera azas, ou fora impellido de mão violenta: dando lição aos homens do respeito que se deve não só aos Santos, mas tambem a seus despojos. A evidencia do milagre fez força ao dono, pera entregar de boa vontade á Igreja a corréa inteira em honra de quem lha dera. E o Bispo despois que teve tudo junto determinou juntar-se na morte com o Santo, fazendo conta que lhe valeria muito no ultimo dia grande, tão santa vizinhança, e o que por elle fizera. Fez fabricar outro moimento, e pegal-o com o do Santo, em que se mandou sepultar. Mas não falta quem diga allegando memorias da Igreja, que se acharão separados algum tempo despois com distancia grande hum do outro por obra divina. Cousa he em que com rezão podemos duvidar: assi pola provada virtude do Bispo, que dizem foi dom Lucas, como porque o Santo não podia ser na morte menos humilde, e bem acondicionado do que fora na vida. E consta-nos que despois de outra tresladação que fez das mesmas reliquias no anno de 1520 o Bispo dom Diogo de Avelhaneda pera huma capella que em nome do Santo edificou, na qual as poz por sua mão em huma caixa de prata, e foi o lugar sobre o frontispicio da mesma capella: succedeo outro Prelado tão cheio de piedade, que teve por pouco tudo o que estava feito em seu serviço, e de novo lhe lavrou huma capella de tanta capacidade, que despois de dar ao Santo o melhor, e mais decente lugar, juntou, e agasalhou n'ella com boa ordem todas as ossadas dos Bispos seus antecessores, e pera si fez tambem sepultura. D'onde inferimos que quem a isto se atreveo, bem seguro devia estar dos contos antigos de dom Lucas, pois o tornava à mesma vizinhança com tantos outros. E não he de espantar acharmos os escritores antigos enganados em algumas cousas, que como gente singela escrevião por informações pouco averiguadas, como era forçado em falta de livros: quando n'esta idade, em que tudo anda mais apontado, e sobejão memorias certas, e bem escritas dos tempos atrás, achamos quem se atreveo a escrever de proximo, e imprimir, que este Santo falecera ainda em vida do Padre S. Domingos em huma ermida que edificara com titulo de Santa Marta, pera n'ella fazer penitencia, huma milha de Ribadavia. Por honra da Historia não dizemos o nome de tal Autor, sendo assi que ha tantos erros no que diz, quantas são as particularidades em que se encontra com o que aqui temos escrito, por autoridade de muitos, e co-

nhecidos escritores. E não ignorando ninguem que faleceo o Padre S. Domingos no anno de 1221 por Agosto, em tempo que nem S. Pero Gonçalves era Frade, nem em Palencia havia Convento da Ordem. E por aqui se pode fazer juizo do mais.

Mas tornando á nossa Historia, os milagres da sepultura do Santo forão multiplicando em fórma que os sabidos, e calificados por authoridade do Ordinario de Tuy no anno de 1258 chegarão a numero de cento e oitenta: que era pola conta do Padre Frei Fernando de Castilho, doze annos despois de sua morte (1): e affirma que tinha em seu poder quando escrevia o treslado do processo que o Bispo de Tuy mandara a hum Capitulo geral da Ordem de S. Domingos, celebrado em Tolosa de França pera obrigar aos Frades a procurarem sua canonização: polo qual parecia a contia dita, e n'ella, que forão remediados, e alcançarão saude por merecimento do Santo, entre grande numero de cegos, surdos, mudos, e aleijados, nove endemoninhados, e cinco leprosos, Mas rezão será especificarmos alguns, visto tocar este Santo a Portugal com tanta particularidade como temos mostrado, e empregaremos n'elles o capitulo seguinte.

CAPITULO XXVIII

De alguns milagres que o Santo obrou despois de sua morte.

Hum João Enchanes de Castro, patrão de hum navio, veio visitar o sepulcro do Santo em cumprimento de voto que fizera no mar em occasião de huma perigosa tormenta. Praticando de noite com outros devotos, que na Igreja cumprião suas romarias, sobre beneficios que cada hum tinha experimentado do Santo, não duvidando de nenhuma das maravilhas que se contavão, mostrou-se incredulo na mais sabida de todas, que era do olio que ha tempos estilava, e se colhia do sepulcro: e desatinadamente affirmava que sò a seus olhos creria tal. Passada a pratica, e boa parte da noite, olhando a caso hum dos Romeiros pera a sepultura santa notou n'ella humas gotas grossas como de orvalho, nas quais brilhava, e fazia vizlumes a luz das alampadas, ao modo que faz o raio do Sol em diamantes, ou outra pedraria semelhante. Chamou então polo incredulo, chegarão muitos juntos de perto, e virão todo o marmore banhado d'aquelle olio santo: e o porfioso inda cego em sua dureza poz

(1) Castilho part. 1. liv. 2. cap. 25 e 26.

em cima do lugar, onde mais humidade parecia, huma pequena trombeta que comsigo trazia com a boca pera baixo: e foi o Senhor servido por honra do seu Santo, acrecentar o milagre. Porque contra toda a natureza das cousas, foi o olio subindo polo cano da trombeta até lançar pola boca contraria: e quem não cria huma maravilha ficou convencido com duas.

Sofre Deos incredulos de suas grandezas, sendo afronta, que lhe fazemos duvidar de seu poder infinito: porque tem por propria a honra de seus servos; e como se no descredito d'elles perigara o credito de sua bondade, assi acode com prontidão a satisfazer os duros, e contumazes. Tratavão hum dia os Conegos entre si d'este milagre, e d'outros que cada hora lhes passavão polas mãos, louvando a Deos, e o Santo em todos; e hum d'elles tomando a mão começou a dizer que dos milagres não duvidava, nem da virtude, e merecimentos do Santo; mas que lhe parecia cousa dura tamanho numero de prodigios, como cada homem referia. Porque (dizia elle) eu venho todos os dias pola manhã, e tarde a esta Igreja, e ainda me não aconteceo ver nenhum por estes olhos. As palavras não erão ditas, quando sintirão rumor de gente na porta principal; e virão huns homens que trazião hum minino aleijado de seu nacimento tão miseravelmente, que não era senhor de mover pé nem mão; e passando por entre os Conegos o forão lançar sobre a sepultura santa. Parece que quiz Deos mostrar n'esta hora com mais evidencia as grandezas de sua omnipotencia á vista do Conego incredulo; e mais repentinamente, do que costuma em outros, lhe deu saude. E foi assi que tanto que o moço tocou na lagea fria, no mesmo instante estendeo todos os membros, e se sintio tão robusto, e são como se nunca mal nenhum tevera; e logo andou, e saltou pasmando de si mesmo, e pasmando com todos o Conego que desejava ver milagres, o qual d'alli em diante ficou pregoeiro do Santo.

Era moradora em Santarem huma mulher viuva, natural de Ponte vedra em Galiza (1). Adoeceo-lhe hum filho moço de huma postema em hum pé, e sobreveo-lhe hum mal que vulgarmente chamão fogo de Santo Antão; andava em mãos de mestres, mas com pouca esperança de vida, porque se hia corrompendo o pé, e tinha o pobre por conta tirados d'elle já dezoito ossos. N'este estado se soccorreo a afligida mãi ao Santo da sua terra; e não tardou elle em lhe valer. Paron logo o

(1) Resende na vida de S. Fr. Gil l. 3. exemp. 11.

mal, e cobrou o moço saude sem mais obra de cirurgia. E foi o milagre tão patente, que o moço se criou em devação, e amor do habito de S. Domingos pola memoria de quem lhe dera saude, e em fim o veio a receber, e morrer n'elle na mesma villa de Santarem.

Na mesma villa aconteceo a outra pobre mulher, que indo polo Tejo em hum barco com hum filhinho no collo, cahio com elle no rio, e com o peso, e força da queda ficou logo somida na agoa. Gritou o marido que a acompanhava chamando por S. Pero Gonçalves: como outra cousa não podia fazer, soccorria-se com brados ao Santo: e a pobre mulher sem largar o minino fez outro tanto, segundo despois dizia, em seu coração dando-se por morta. Assi tornou sobre a agoa cinco vezes, e outras tantas foi abaixo: e sendo com a tardança julgada por sem remedio, valerão os merecimentos do Santo pera não perecerem mãi nem filho, e sahirem ambos vivos despois de lidarem com a morte tamanho espaço, que os podemos chamar resucitados.

Hum anno havia, e quasi dous mezes, que estava leproso Miguel Nunes, no lugar de Negros, diocesi de Tuy: e apartado já da communicação dos vizinhos, vivia em desterro, recolhido em huma pobre choupana: encomendou-se com confiança ao Santo, e fez voto de visitar sua sepultura, e levar-lhe certa offerta. Cumprio o voto, foi enfermo, tornou são.

Maria Peres, da Varzea do lugar de Mera, tinha dous males: sobre lepra confirmada cegou de ambos os olhos. Parece que sintio mais a perda da vista, que o dano dos mais membros: encomendou os olhos ao Santo, e sarou logo d'elles. Foi-se visital-o, e dar-lhe as graças por esta mercê. Com a visita recebeo segundo beneficio, porque tornou sã da lepra de que estava cuberta, havia nove mezes.

Martim Perez, de Cobello lugar do Bispado de Tuy, despois de andar doente de dores dos olhos setenta dias, veio em fim a perder a vista, e cegar de todo. N'este estado fez hum voto a S. Frei Pero Gonçalvez, e subitamente se achou sem dor, e com vista.

Hum pobre homem trabalhador, rompendo á força por hum valado de muitos espinhos por necessidade que o obrigou, ficou com dous pregados nos olhos, e com dores tão vehementes que desesperava. Como o lugar he tão perigoso, e as espinhas erão tão delicadas, que se não compreendião de fóra pera se poderem tirar, crecião as dores, e com ellas desconfiança de remedio: começou a chamar com grande fé polo Santo,

e na mesma hora sintio cahir ambas as espinhas, e forão vistas polos que estavão com elle, e ficou são.

Vivia com grande pena em Redondella huma Elvira Martinz, por ver seu marido surdo em tanto estremo, que se não podia com elle tratar se não por acenos. Passarão annos, provarão-se medicinas, era tempo perdido. Ajuntou huma esmola, mandou-a offerecer á sepultura do Santo pedindo-lhe com humildade remedio pera o seu enfermo. Foi cousa de grande maravilha, e louvor de Deos, que quando o messageiro, que levou a esmola, tornou da jornada achou o enfermo com o sentido de ouvir tão perfeito como se nunca n'elle tevera lesão.

No lugar de Santa Leocadia veio a ensurdecer de todo huma Urraca Salvador. E havendo cinco mezes que assi estava sem nenhum genero de melhoria, fez voto de ir visitar o sepulcro do Santo. Na hora que o cumprio começando a fazer oração diante d'elle, começou juntamente a ouvir os sinos da Sé, e d'ahi em diante ficou ouvindo perfeitamente como quando era mais sã.

A hum minino de sete annos levarão seus pais ao Santo com sua offerta, e esmola, porque até aquella idade não tinha falado palavra. Foi o Senhor servido que fazendo elle sua oração subitamente falou. E os Conegos vendo tão subito, tão manifesto, e tão fermoso milagre, ordenarão logo huma solene procissão ao redor da Igreja.

Pero Perez, morador em Vilela, aldea de Santiago, tinha hum filho atormentado do diabo, que chegou de huma vez a tanto aperto com os assombramentos do enemigo, que doze dias continuos não comeo, nem bebeo, nem dormio. Fizerão-lhe os exorcismos da Igreja: Respondeo que trabalhavão debalde, porque só Pero Gonçalves Telmo o lançaria da posse em que estava. Atado de pés, e mãos foi levado a Tuy: como tocou a sepultura do Santo, não só ficou livre de todo, mas nunca mais o enemigo se atreveo com elle.

Com o mesmo remedio foi curada Maria Gonçalves do lugar de S. Pero de Celha, havendo hum anno inteiro que padecia o mesmo trabalho: e alguns dias oito e nove vezes cada dia. Sintio huma noite que lhe dizião em sonhos que visitasse o sepulcro do Santo, se queria saude: creo, e obedeceo; foi ao sepulcro, e tornou sã.

CAPITULO XXIX

Das luzes com que o Santo costuma acudir no mar aos devotos navegantes, que a elle se encomendão.

São os milagres, que Deos obra em sua Igreja, confirmação da fé, prova de seo poder, e calificação, e indicio de santidade da pessoa por quem he servido fazel-os. Grande consolação pera a Christandade, confusão pera os hereges, desengano pera toda a Gentilidade, e argumento sem replica, que só entre os Christãos está a verdadeira lei, e caminho de salvação, e que não ha outro debaixo do Ceo, que nos possa livrar da miseria infernal, a que todos ficámos condenados pola culpa do primeiro pai. Milagre não he outra cousa senão huma obra que passa os limites da natureza, e lhe faz força: e assi se não for o Senhor d'essa mesma natureza, que he Deos, ou quem seu poder tiver, não fará milagre. Logo onde ha milagres está Deos ou poder seu. E pois só na Igreja temos este bem, com grande gozo os devemos festejar, e contal-os com igual alvoroço. E por tanto sem pedir licença diremos mais alguns.

Lemos em Santo Antonino na vida que escreve d'este Santo, que certos marinheiros vendo-se no mar, salteados de hum temporal tão forte, que destroçada a náo, e quebrados os mastos esperavão cada hora ser comidos das ondas, acodirão com efficacia aos merecimentos de S. Pero Gonçalves, e chamando por elle, lhes apareceo clara, e visivelmente, e lhes disse, que ali o tinhão; que não perdessem animo. E logo abonançou o tempo. E por que a náo ficara em estado, que não tinha com que se poder governar, o Santo se fez Piloto, e a foi governando até a pôr em parte segura.

Tambem se averiguou, que em huma náo sobindo hum marinheiro á gavia, como he costume, pera meneo das vélas, foi sacudido da enxarcea por onde sobia, com tanto impeto, que sem lhe valer a força com que hia n'ella aferrado com ambas as mãos, foi como voando ao mar. Hia a náo espedida, o tempo era tormentoso. Vendo-se o pobre homem ficar por popa, e muito longe, chamou polo Santo com grande animo, e fé. Eis que lhe aparece sobre as agoas hum Frade vestido em habitos de S. Domingos, e diz-lhe: Eis-me aqui filho, chamaste por mim, aqui me tens, não hajas medo. As palavras forão seguidas de obras: tomou-o o Santo pola mão, e meteo-o dentro no navio, á vista de toda a

companha, que estava como fora de si polo que via. E logo desapareceo.

Seria estender a escritura infinito, se quizessemos contar todos os milagres que este Santo tem obrado no mar. Porque parece que o quiz Deos dar por advogado aos mareantes, principalmente n'este Reino de Portugal, vistas as grandes navegações que de cento e trinta annos a esta parte tem emprendido os Portugueses, rodeando o mundo por tudo quanto abarca o mar Oceano, com tanto espirito e constancia, que polas nações estrangeiras fomos notados, não só de temerarios, mas de desasizados(1): que assi honrão as obras valerosas, os que pera ellas não tem valor, nem animo. E não debalde, indo-se o Santo pera a cidade de Santiago, como atrás fica dito, lhe mandou o Senhor que se tornasse pera as terras da jurdição de Portugal como era Tuy. Porque d'aqui havia de nascer da parte dos Portuguezes, encomendarem-se a elle com inteira confiança, como a Santo natural: e da parte do Santo acodir-lhes como advogado, e padroeiro, segundo o que a seu hospede disse na ultima hora. Esta correspondencia está tão provada, e confirmada com acontecimentos, entre todos os homens que n'este Reino cursão o mar, que sendo os navegantes sem numero, quasi não ha nenhum, que se não confesse por obrigado a este Santo. E o que lhe devemos he, que nos milagres dos outros Santos, nunca acabamos de estar certos do bem, nem livres do medo, senão despois de alcançado o effeito d'elles: mas S. Pero Gonçalves em sendo chamado, acode logo com luz, como em penhor de sua assistencia, a qual enche de esperança os affligidos, tão certa, que logo se dão por remediados e salvos, por grande que seja o trabalho. E não ha homem que possa dizer, que despois de visto o santo forol fizesse naufragio. He este forol hum lume como de huma véla, o qual não toma lugar certo na náo: ora aparece sobre os mastos, ora nas gavias, ora nas entenas, e ás vezes sobre lugares mais baixos dos navios: e o ordinario he, não se ver senão em tempestades de grande perigo. Tanto que aparece, logo toda a náo lhe dá as graças com grita, e alegria dizendo: Salva Corpo Santo: porque na linguagem ordinaria dos mareantes Portugueses, por este nome de Corpo Santo he conhecido S. Pero Gonçalves. E com este titulo lhe são dedicadas algumas Igrejas, e muitas capellas, altares, e confrarias. E assi como entre nós cá no mar Oceano tem este appellido: no mar Miditerraneo, e en-

(1) Paulo Jovio.

tre os Italianos he conhecido polo sobrenome, que he Telmo: e chamão-lhe lá os marinheiros San Telmo: e com este faz d'elle memoria hum celebrado Poeta seu, dizendo: *Il desiato fuoco di San Telmo.* E com o mesmo guarda hum Castello na fortissima ilha de Malta, escudo, e propugnaculo dos Reinos de Sicilia, e Napoles. Que como aquella Religião traz sempre navios no mar, tambem lhe reconhece obrigação como todos os mais navegantes.

Não ignoramos que segundo as regras de boa filosofia podem proceder de causas naturaes alguns fogos que se vem em noites tempestuosas sobre os mastos, e antenas das náos: pola mesma rezão que vemos correr nas noites claras huns raios que se affigura aos olhos serem estrellas despegadas, e voadoras, sendo na verdade humas exhalações, que levantadas da terra, e sobindo á meia região do ar, com qualquer calor se acendem no alto: e segundo a cantidade da materia durão mais ou menos. Assi he de crer que do bafo, e quentura da náo, e da gente sae hum vapor ou fumo, o qual sendo apertado, e condensado da força dos ventos, e frio, e tentando sobir ao alto como cousa leve, prende facilmente fogo, pola disposição que leva de quentura: e tornando pera baixo faz presa ou detença no primeiro assento que acha de masto, ou gavia, ou entena: e segundo o impulso dos ventos salta de huma parte em outra, e tanto tempo arde quanto he necessario pera se gastar o pavio da exhalação, e nutrimento em que se sustenta. E querem os que fazem este discurso, que seja o tal lume sinal tambem natural de bonança(1): porque no alto, onde se acendeo, achou já, ou mudança, ou mitigação de vento, que o deixou cair no mesmo lugar, d'onde a fumaça se levantou. Ajunta Seneca a esta sua opinião, que os navegantes de seu tempo davão a tal lume (que elle diz aparecia sobre as vélas) o nome dos dous irmãos Castor, e Pollux venerados no mar sem proposito da enganada Gentilidade. Com tudo os que somos Christãos estamos obrigados a sobir com o entendimento a outra metafisica mais alta, de que não teverão noticia Seneca, nem Aristoteles: e tomando exemplo no arco do Ceo, que os Gregos, e Latinos chamão Iris, pola differença de cores que faz nas nuvens em tempo de agoas, o qual não duvidamos ser tambem causado de razões naturaes: digo que assi a Iris, como os cometas, e eclypses, e fogos que apparecem no Ceo, e estes mesmos que dizemos das náos, são, e podem ser humildes ministros, e messageiros da ira, ou misericordia Divina.

(1) Aristot. lib. 1.—Meteor. Seneca lib. 1. Quaest. nat. cap. 1.

Quanto ao arco as letras sagradas nos ensinão (1), que foi dado por Deos ao mundo em penhor, e sinal de que não afogaria a terra com segundo diluvio, cousa de que não podia ser fiadora a natureza. Que os cometas sejão pronostico de indinação do Ceo contra os peccadores, ninguem o pode testemunhar com mais verdade que o Reino de Portugal. Bem o vimos no temeroso raio, que no anno de 577 estendido sobre Occidente com huma grande cauda farpada em forma de açoute, pronosticou claramente o lamentavel fim da jornada del-Rei dom Sebastião: principio das lagrimas que ainda hoje não estão enxutas n'este Reino, nem mostrão esperança de enxugarem já mais. E todavia o arco, e os cometas procedem de causas naturaes. Nem mais nem menos, sendo obra da natureza os pequenos lumes que se vem nas náos, podem tambem ser milagroso indicio de favor que Deos quer usar com os atribulados fieis seus servos, por merecimentos do fiel servo seu, e grande Santo S. Pero Gonçalves. Que se os demonios por permissão Divina fazem algumas vezes maravilhas, que arremedão o poder de Deos, como lemos que obrarão em Egypto (2): mais de crer he, que as faça o mesmo Senhor em honra, e credito de seu Santo, ou ordene, e mande, que as naturaes sejão como huns corredores, e embaixadores da piedade, que quer usar com os atribulados. Quanto mais, que he cousa certissima, que muitas vezes se deixa ver o mesmo Santo em sua propria figura, como em dous exemplos mostramos atrás. E o que excede todo encarecimento do muito que elle val com Deos, e nos prova com evidencia palpavel serem estes lumes miraculosos, e sobre a natureza, he que despois de desaparecidos ficão muitas vezes sinaes, e reliquias de cera, que ardeo em cima das gaveas, e em outras partes em tempo do perigo. E conhecemos em Lisboa hum Piloto da carreira da India, que com veneração, e devação mostrava hum barrete bem sinalado de pingos de cera verde, que affirmava recebera n'elle tendo-o na mão, quando em meio da tempestade salvava o lume santo, que polo alto aparecia. E na cidade de Lagos, no Reino do Algarve, he fama publica, que em hum templo do Santo que ali ha, onde he venerado com nome de Corpo Santo, aparece muitas vezes em noites de inverno tormentosas hum lume muito claro, e resplandecente, que não sómente se deixa bem ver, mas alumia parte do curucheo: e como he visto, se lhe faz salva com repiques de todos os sinos da cidade; e affirmão que passada a tormenta, se tem achado sobre o curucheo mui-

(1) Genes. cap. 9. (2) Exod. cap. 8.

tos sinaes de cera ardida. E pera mais confirmação d'esta opinião he cousa averiguada, que havendo na cidade outros lugares, e campanarios de altura igual, em nenhum se vio nunca tal lume: vendo-se muitas vezes no lugar que temos dito, e tambem na torre dos sinos da mesma Igreja, e algumas vezes em ambas as partes juntamente. E d'estes aparecimentos assi uniformes por toda a parte devia nacer, que nas suas pinturas em altares e bandeiras se lhe põe na mão huma vela acesa. Dos mesmos, fazerem-lhe os homens do mar não só festas, e procissões, em que levão sua imagem com solenidade em andores, e hombros: mas levantarem-lhe Igrejas, ermidas, capellas, e confrarias por todo o Reino. Em Lisboa alem da ermida propria, que tem no bairro a que dá nome de Corpo santo, tem capellas, e confrarias no Convento de S. Domingos, nas Igrejas Parochiaes de S. Miguel, e Santo Estevão de Alfama, e na Igreja das Chagas. Na cidade do Porto na Freguesia de Massarellos ha huma boa Igreja, edificada em seu nome, como a que temos dito de Lagos; e em todas he celebrado, e festejado com os officios Divinos, prégações, e procissões; e não ha homem que cuide sair pola barra fóra, que em seu serviço se mostre tibio ou defectuoso; e pera dizermos tudo em huma palavra, este Santo he o espirito, e animo dos mareantes do Reino de Portugal.

CAPITULO XXX

Das grandes instancias, com que a gente do mar de Portugal tem procurado, e pedido a canonização d'este Santo.

Pouco era tudo o que temos referido pera pagar a tão grande Santó o querer ficar entre nós, e na jurdição de Portugal; pouco era pera igualar os beneficios recebidos em cada não, em cada caravela, e em cada barco, se os animos Portugueses não subirão com generosidade a tratar da maior honra do Santo, qual era procurar-lhe, como hoje fazem á custa de sua industria, e trabalho, e fazenda, que seja posto no numero dos Santos, que a Santa Madre Igreja solenemente tem canonizado. E isto podemos crer que devia Deos revelar ao mesmo Santo quando se hia morrer a Santiago de Galiza, pera que tornasse alegremente pera nós; como alguns annos despois revelou tambem a S. Vicente Ferrer, Frade nosso, que hum minino que tinha diante de si o havia de honrar; e elle lh'o disse logo, e succedeo puntualmente, porque o minino chegando a idade madura veio a ser eleito em Summo Pontifice com nome de Ca-

lixto III, e tanto que o foi canonizou a S. Vicente, pagando-lhe com esta honra a que a ambos profetizou. Assi se determinarão todos os marcantes da cidade de Lisboa, juntos em hum corpo, em seu nome, e de todos os mais portos d'estes Reinos, e ilhas adjacentes de sua Coroa, não perdoar a nenhum trabalho, nem despeza, até verem o Santo canonizado. E havendo muitos annos que trazião o negocio movido diante do Illustrissimo Senhor dom Miguel de Castro, Arcebispo de Lisboa, por cuja autoridade era necessario começar, pera se poderem fazer os requerimentos ordinarios em Roma: como a materia era de tanto peso que não podia correr se não mui devagar; e elle como Prelado mandava fazer muitas diligencias importantes pera se poder resolver, nas quaes se gastou muito tempo; porque se processarão autos juridicos mui largos: determinarão fazer hum acto digno de grande louvor; o qual foi, porque a dilação, e o rodear dos annos não entibiasse o fervor com que procedião, obrigarem-se com voto todos os que se ajuntavão na consulta d'esta obra, de não desistirem d'ella até verem o Santo canonizado. Assi procedendo alcançarão do mesmo Prelado huma certidão pera presentarem ao Summo Pontifice, na qual copiosamente se declarão todas as particularidades porque em semelhantes pretenções se costumão pedir. E porque a certidão em si he de grande autoridade, e contém hum mui grande, e honrado testemunho do animo, e devação d'esta boa gente, tresladaremos aqui alguns pedaços d'ella, que tambem nos servirão de suprir na Historia o que mais podiamos dizer das cousas do Santo. A certidão começa assi.

Dom Miguel de Castro, por mercê de Deos, e da Santa Igreja de Roma Metropolitano Arcebispo de Lisboa, do Conselho do Estado de Sua Magestade n'estes Reinos, e senhorios de Portugal, etc. Fazemos saber aos que a presente virem, como a Confraria de S. Frei Pero Gonçalves Telmo, ou como muitos dizem, do Corpo Santo, sita na Igreja Parrochial de S. Miguel de Alfama d'esta cidade de Lisboa, por seu especial, e bastante procurador, e tambem em nome de muitas outras confrarias d'estes Reinos, muitas vezes com grande desejo, e muita vontade nos poz diante querer tratar com Sua Santidade, e a Santa Sé Apostolica da canonização do mesmo Santo. E com muita instancia outro si nos pedio, que tomando informação com diligencia de sua vida, e milagres, dessemos disso conta a Sua Santidade, e juntamente lhe dissessemos com efficacia, que á honra de Deos todo poderoso, exaltação da Santa Madre Igreja, e consolação uni-

versal do povo, e especialmente dos homens do mar houvesse por bem de o canonizar. E considerando nós tanta devação, e como mais vezes nos forão dadas sobre isto petições, por autoridade do nosso official mandámos perguntar trinta e sete testemunhas sobre a devação, e veneração do dito Santo n'estes Reinos: e em particular em quatro Igrejas d'esta cidade; e a requerimento, e instancias dos sobreditos mandámos tirar da Igreja de Tuy, onde o corpo do glorioso Santo está collocado, hum processo no anno de mil e quinhentos e oitenta e dous: no qual em Latim, e em lingoagem Castelhana largamente se contém a vida, e diversos milagres do dito Santo. E assi mais huma relação autentica do Cabido da mesma cidade de Tuy das cousas que n'elle se celebrão à honra do dito Santo. O que visto, e como creceo tanto a devação d'esta santa obra, que já forão feitos deputados d'ella o Padre Mestre Frei João de las Cuevas da Ordem dos prégadores, confessor do serenissimo Principe Alberto, Archiduque de Austria, Legado de Sua Santidade, e da santa Igreja de Roma n'estes Reinos, e senhorios de Portugal: e dom Pedro Alarcon, cavalleiro da sua Camara. E foi outro si feito procurador geral de todo o negocio André Dias da Cruz: por elles em nome de todos nos forão presentados muitos documentos, e cousas de consideração, e dignas de fé, que tudo o assima dito largamente affirmão, e aprovão.

E mais abaixo procede dizendo.

As quaes cousas parecendo-nos de muito momento, e considerando a diligencia, cuidado, e instancia, com que quasi, digamos, sem tomar folego os devotos pera exaltação da memoria do Santo querião tudo justificar: não foi possivel não deferirmos as suas petições. Mas pera que tudo se fizesse com aquella deliberação, madureza, conselho, e autoridade que em cousa de tanto peso se requeria, mandámos os sobreditos documentos a alguns Reverendissimos Senhores Bispos, e muito Reverendos Doutores, Religiosos, e pias pessoas, a fim que cada hum por si com grande cuidado, e por tempos, e dias, tudo perfeitamente vissem, e considerassem: e despois nos referissem o que sentissem do negocio, e todos invocando o favor divino com seus escritos, razões, e conselhos nos ajudassem. O que com diligencia fizerão, como consta dos seus votos por elles assinados. As quaes cousas todas ponderadas, e consideradas, entendemos, que atenta a vida, e santidade d'este santo varão, assi pera reparação, conversão, e proveito das almas dos fieis, como por tantos, e diversos multiplicados

milagres que por virtude divina, e merecimentos do Santo, assi na vida como despois de sua morte consta que fez: e vista a tão continua, e como digamos envelhecida observancia, com que este Santo na dita Igreja de Tuy já com Missa particular, e agora de commum de Confessores he venerado; e que na procissão que lhe fazem no dia despois da oitava da Pascoa, concorrendo a ella, e estando presente grande multidão de povo, e gente d'aquellas partes, costumão solenemente levar o proprio cinto, e cajado, e habito do Santo ao seu sepulcro: d'onde pera remedio dos enfermos, e exaltação da santa fé Catolica se prova que manou oleo muitas vezes. E alem disto ás segundas feiras, e sabbados, celebradas as Missas, e outros divinos officios á honra do Santo, como he costume, com a Cruz diante vão rezar ao mesmo sepulcro. E n'estes Reinos, e em especial em Lisboa nas Igrejas de S. Domingos, e Parochiaes de S. Miguel, e Santo Estevão de Alfama, e na Igreja das Chagas, e na ermida ou Capella do mesmo Corpo Santo ha imagens, altares, capellas, oratorios, e confrarias. E na Freguezia de Massarellos da cidade do Porto ha huma Igreja feita em louvor, e honra do mesmo Santo. E o dia de sua festa por toda a parte se venera, e celebra com officios divinos, prégações, e procissões com a maior solenidade que ser pode: e tanto se estima este bemaventurado Santo, que quasi a nenhum dos que hão de ir por mar lhe parece poder alcançar de Deos Nosso Senhor porto seguro senão por sua intercessão.

E hum pouco mais abaixo.

Todas estas cousas atentadas, e considerada principalmente a autoridade do Serenissimo Principe Legado, ao qual de tudo demos conta, e tudo houve por bem: e atenta outro si a autoridade dos Bispos assima referidos, e de outros muitos gravissimos varoens, e Inquisidores que os aprovarão: e o mui douto parecer do muito Illustre e Reverendissimo Senhor Conde João Baptista Bilha, Colleitor de Sua Santidade ao presente residente n'esta Corte, e de outros Doutores, e pios homens que outro si apontarão em direito sobre este negocio: e tambem o mandado de procuração do Reverendissimo Senhor dom Bertolameu de Plaça, Bispo de Tuy, e da sua Igreja, em cujos nomes outro si os ditos deputados com instancia, e devotamente procurão esta santa obra: e antiguidade do tempo que de mais de trezentos annos a esta parte na dita Igreja de Tuy em particular, e em outras muitas assidua, e devotissimamente se veneron a memoria do Santo, e outras muitas suas confrarias d'estes Reinos. Determina-

mos finalmente ser muito justa a pretenção dos ditos devotos, que com tanto trabalho, e gasto procurão, e desejão: e que nós com a humildade, e reverencia possivel, não confiando na nossa fraqueza, mas na grandeza, e antiguidade do proprio Santo, e na doutriaa, prudencia, zelo, charidade, e liberalidade do Santissimo Padre o Papa Nosso Senhor, pera maior confirmação dos catolicos, confusão das heregias, e conservação, e firmeza na fé d'estes Reinos: concorrendo nós com elles n'esta parte, supplicassemos a Sua Santidade que com esta canonização, como saudavel consolação, remedee o affeito que tão devoto povo parece que trás nas entranhas: e haja por bem de lhe fazer esta mercè. O que com ajuda de Deos Nosso Senhor fazemos por estes escritos. Protestando porém como nós não queremos, nem podemos definir, nem determinar nenhuma cousa n'esta materia: mas sómente pedimos isto com efficacia, a fim que este fidelissimo povo com a devação de hum Santo tão exemplar, se não resfrie, ou polo tempo em diante, da sua ajuda que tantas vezes tem experimentada, por ventura não desespere. Em fè do que nós, e os ditos Reverendissimos Senhores Bispos de nossos proprios sinaes, e sellos assinamos, e sellamos esta carta, que outro si assinarão os outros Doutores assima ditos, que derão seus pareceres, que tudo pera maior corroboração serd tambem justificado polos Notarios publicos abaixo escritos. Dada em Lisboa aos vinte e sete dias do mez de Agosto de 1592 annos.

Dom Miguel Arcebispo de Lisboa.

Cornelio Bispo de Laonia. Emánuel já Bispo de Ceita e Tangere, Dayão da Capella del-Rei. O Doutor Simão Borges, Prior de Santa Cruz, Desembargador da Corte Ecclesiastica de Lisboa, e seu Chanceller. O Doutor Antonio Fernandes Varejão, Chantre da Sè de Lisboa. João de Estay, Protonotario Apostolico, e Conego da Sè de Lisboa. O Doutor Antonio da Cruz visitador d'esta Cidade, e Prior de S. Martinho. Pero Lourenço de Tavora Conego de Lisboa, Licenciado em Theologia. Francisco Rebello Conego Doutoral de Lisboa. Pedralvares de Freitas administrador da jurdição Bispal de Thomar da Ordem de Nosso Senhor Jesu Christo. Emanuel Machado da Fonseca Prior de S. Christovão de Lisboa. Dom Simão Prior do Mosteiro de S. Vicente da Ordem dos Conegos Regrantes Theologo. Bertolameu da Conceição Reitor do Mosteiro de Santo Eloio da Ordem de S. João Evangelista Theologo. Frei Manoel Ribeiro Abbade do Mosteiro de S. Bento, Bacharel em sacra Theologia. Frei João de Andrada Theologo da Ordem de S. Bernardo. Frei Manuel Coelho Mestre em santa Theologia da Or-

dem dos Prègadores. Frei Marçal Guardião do Convento de S. Francisco, Theologo. Frei Belchior Urbano Mestre em Theologia da Provincia de Santo Antonio da Ordem de S. Francisco. Fr. Antonio da Trindade da Ordem de Santo Agostinho, Mestre em Theologia. Frei Angelo Pereira Doutor Theologo, Prior do Carmo. Frei Christovão de Jesu Doutor Theologo, Ministro da Santissima Trindade de Lisboa. Frei Gonçalo de Torralva da Ordem de S. Hieronymo de Belem. Theologo. Luis de Moraes Sacerdote Theologo da Companhia de Jesu.

Foi esta certidão acompanhada de huma carta do Presidente, e Vereadores da Camara de Lisboa, pedindo o mesmo com grande encarecimento, e efficacia de rezões: e d'outras que algumas cidades, e villas principaes d'este Reino tambem escreverão. E procedendo-se no negocio em Roma com todo o calor, ultimamente no anno de 1610 escreveo el-Rei dom Filippe segundo de Portugal ao Papa Paulo quinto, pedindo-lhe com instancia esta canonização: e mandou ao seu Embaixador que residia em a Corte de Roma, e ao Agente de Portugal que n'ella tambem assistia, que da sua parte a requeressem. E que em quanto tardava a final conclusão pedissem, que se podesse rezar do Santo por toda a Ordem de S. Domingos. Concedeo o Pontifice logo este ultimo ponto, como constasse estar beatificado pola Sé Apostolica.

Estando lançados tão bons fundamentos, era necessario juntar-se copia de dinheiro pera se suprirem as despezas das diligencias que de novo se havião de fazer por ordem, e mandato do Papa: e tendo os mareantes alcançado licença sua, pera poderem pescar nos dias santos, e prohibidos, com declaração que o procedido d'este trabalho ficasse applicado, e depositado pera o gasto das taes diligencias. E sendo começada a executar com grande vontade dos povos por todo o Reino, ilhas, conquistas, e Senhorios d'elle, succedeo certo encontro, pera maior merecimento dos mesmos homens, que graciosamente offerecião em serviço do Santo o suor, e trabalho de seus braços, o qual foi tão poderoso que fez parar a pescaria. E como em negocios grandes não podem as resoluções deixar de ser mui vagarosas, e esta depende dos Conselhos, e Conselheiros Reaes occupados sempre em materias precisas, e de quotidiano trabalho, está ainda hoje por determinar a causa do encontro da pescaria, e pola mesma causa estão paradas as diligencias que já se houverão de começar, e puderão estar acabadas. Porque as fazendas particulares dos mareantes não são bastantes a suprir a despeza d'ellas, nem parece rezão que d'elles se espere.

FIM DO LIVRO IV.

LIVRO QUINTO

DA

HISTORIA DE S. DOMINGOS

PARTICULAR DO REINO, E CONQUISTAS DE PORTUGAL

CAPITULO I

Fundação do Convento de S. Domingos da cidade de Evora.

Não houve mais que seis annos de espaço entre a fundação do Convento de Tuy, e a que temos entre mãos da cidade de Evora: e houve nellas esta differença, que o Convento de Tuy foi principiado em vida do Mestre Geral da Ordem Frei João de Vercellis: e este de Evora governando já a Ordem seu successor, e septimo Geral d'ella Frei Munio, Castelhano natural de Çamora, que foi eleito no Capitulo geral de Bolonha celebrado no anno de 1285. Era septimo anno despois del-Rei dom Dinis levantado por Rei, e corria o de 1286, quando os nossos Frades começarão huma humilde fabrica nesta cidade, junto da ermida de Santa Victoria martyr, fabrica só pera gasalhado, ermida pera continuarem com suas horas do Coro, e com toda a mais ordem da regular observancia. Foi o principio da obra com esmolas dos fieis, e com vontade, e boa graça da Camara, e governo da terra. Mas porque era necessaria licença del-Rei tomarão os Frades a cargo negoceal-a: e dando-lhe conta de sua determinação, e do prazmo que tinhão da Camara, mandou-lhes el-Rei passar hum alvará, cujo treslado poremos aqui tirado do proprio, porque he de ver em nota, e palavras, e diz assi.

Dom Dinis pola graça de Deos Rei de Portugal, e dos Algarves, a vós Juizes, e Concelho de Evora saude. Sabede que os Frades Prégadores me disserão, que a vós prazia, e tinhades por bem de morar em essa villa tanto que soubesseis que prazia a mim. Sabede que a mim praz, e tenho por bem, ca os tenho por homens bons que amo, e prezo. E morando elles ahy tenho que sera a serviço de Deos, e a vosso proveito. E todo o bem, e toda a esmola que lhes façades será em elles bem empregada, e eu gracirvolaey. Outro si me disserão que Mestre Paio, e Martim Migueis Tabellioens dessa villa não querem a elles dar testimonyo de cousas que passarão de seu feito. Porque mando a vós Juizes vista esta carta digades da inha parte a esses Tabellioens que lhes dem seu testimonyo em aquella guiza que lhe lo devem dar de direito, e al não façades. E esses Frades ou alguem por elles tenhão esta inha carta. Dada em Lisboa XXIX dias de Junho. El-Rey o mandou por Lourenço Escala seu Paceiro mór. Martim Martinz a fez Era de M.CCC. XXIII. (Que responde ao anno do Redemptor 1286.)

Como nestes principios não interveio maior força que a dos Frades, foi a fabrica mui pobre, e mais conforme ás dos primeiros fundadores da Ordem, que á grandeza da cidade. Mas cabião em gasalhados curtos animos grandiosos, e capazes da soberania do Ceo. Assi o mostravão na aspereza de vida, na mortificação, e recolhimento; e sobre tudo na grande continuação do exercicio do pulpito, e doutrina, com que edificavão aquelle grande povo, de maneira que erão vistos com geral satisfação, e affeição. Ao que ajudava ver-se grande mudança, e emenda nos costumes, muita continuação dos Sacramentos, concurso geral da terra aos sermões, e particular de muitos ao trato, e communicação dos Frades mais assinalados em virtude: e todos o erão.

Doze annos durou esta estreiteza de casa com tanto aperto, que havendo terra do Concelho á roda pera se poderem bem alargar, e animos na gente do governo prontos pera a darem: só por não pedirem pera si, ou mostrarem cobiça sofrião toda a descommodidade. Tinhão os olhos nas moradas eternas: quanto ás do mundo, como vivião desenganados, que nem são permanentes em si, nem he permanente quem as logra, nenhuma pena nem cuidado lhes dava o bem, nem o mal dellas. Mas não faltou quem com bom zelo propoz na Camara o que padecião por mal agasalhados, e o que merecia sua visinhança pera cousas maiores. Folgavão os que governavão de lhes dar tudo o que quisessem de

campo, não só o necessario: e valeo mais o gosto com que o derão que a mesma dadiva. Porque se juntou toda a nobreza do lugar com o Prior, que era Frei Domingos de Amares, e forão cordeando a terra por onde elle quiz, e apontou. E ficou em memoria, que vendo o Prior que seria beneficio da cidade alargar-se certo caminho, que então hia por entre hortas, e hoje he rua publica, cortou de seu moto proprio por hum ferrejal do Convento, que partia com o caminho, tanta parte quanta pareceo necessaria pera ficar bem espaçoso. Huma, e outra cousa consta de hum assento que ainda hoje se lê no livro dos acordos da Camara, que por ser obra de charidade merece por gratidão ficar nestes escritos perpetuada, e diz assi.

Era de M.CCC.XXXVI. (responde ao anno de Christo de 1298) *sendo Prior Frei Domingos de Amares, diante do Alcayde mór, Juiz, Vereadores, Tabelliaens, Almotaceis, Cavalleiros, e homens bons, andou o dito Prior com elles apègando, e mostrando-lhes por onde queria pôr o muro do encerramento do Mosteiro. E elles vendo, e considerando como fazia mister ao Mosteiro, teverão-no por bem. E o Prior lhes deu huma peça do seu ferrejal, porque ficou mais larga, e melhorada a carreira que vay por entre as portas. E todos isto outorgarão, e não foy quem o contradissesse. Mestre Payo Taballiom o escreveo.*

Ordinario he nas cousas naturaes serem de mais força, e mais substancia as que mais de vagar procedem em seus principios, e crecimento, e não durarem muito as que arrebatadamente sobem. Assi he Deos servido algumas vezes levar as suas no começo a passo lento, e descobrir a grandeza de seu poder no processo. Estes tenros, e vagarosos principios teverão despois fermosos, e importantes augmentos, procedidos só da misericordia, e liberalidade Divina. Porque inspirou no animo de hum Fidalgo honrado, e rico chamado Martim Annes, que tomasse á sua conta edificar-nos huma Igreja tal qual convinha pera tamanho povo, que sintia muito a estreiteza da ermida, quando se ajuntava nas pregações. Não tinha herdeiro forçado, determinou que o fosse este edificio, e n'elle o mesmo Deos. Assi a começou com magnificencia de Principe: e porque lhe não pode ver o fim nos dias que viveo, deixou por sua morte applicado pera ella tudo quanto lhe pertencia, e podia testar de seus bens, que erão alem de boa copia de dinheiro amoedado, peças ricas de

ouro, e prata, e muita fazenda de raiz. E fez declaração, que despois da Igreja acabada, a qual mandava que corresse pola traça começada, se empregasse o remanescente em aperfeiçoar a capella mór de seu Coro, e o Convento de hum claustro, e outras officinas taes, que ficasse capaz de viverem, e servirem nelle a Deos muitos Religiosos. Era sua molher dona Caterina, pessoa tão perfeita em todas as partes de huma honrada matrona, que confiadamente lhe encomendou Martim Annes todo o cuidado, e despesa da obra. E ella mostrou bem quem era na facilidade com que se desapegou d'esta administração, e do gosto de manejar fazenda. Porque poucos dias despois que perdeo o marido, estimando tudo menos que a elle, chamou o Prior do Convento, que era Frei João Estevens, e renunciou nelle todo o direito que tinha no governo da fazenda, e fabrica, entregando-lhe logo com effeito todo o dinheiro, prata, e ouro que pera ella deixara applicado o defunto, e metendo-o juntamente em posse dos bens de raiz, com encargo que elle cumprisse o testamento assi, e da maneira que nelle se declarava, e principalmente no que tocava ás obras apontadas. E porque desejava imitar a seu marido no herdeiro que soube escolher, e de alguma maneira aventajar-se (como na verdade faz pouco quem dá fazenda, ainda que muita seja, pera despois da morte, quando já a não pode lograr) ajuntou sobre a renunciação, que tinha feita, huma doação de tudo o mais que á sua parte lhe ficava, dizendo por huma escritura publica, que visto não ter herdeiro por linha direita ascendente, nem descendente, por fazer serviço a Deos, e bem á sua alma, e em remissão de seus peccados, dava, e doava desde logo ao Convento de S. Domingos todos os bens que possuia, e lhe pertencião na cidade de Evora, e seus termos: a saber, casas, vinhas, herdades, adegas, louça, lagares, e toda a mais fazenda que por qualquer via lhe pertencesse: e até as casas em que vivia: e de tudo era contente que logo tomassem posse os Religiosos real, e autual, sem pera si reservar cousa alguma, porque as mesmas casas ella fazia conta que as tinha da mão d'elles: e esta doação fazia sem pôr mais encargo, nem obrigação ao Convento, que de huma Missa quotidiana polas almas de seu marido, e sua. E as palavras formaes, com que conclue esta escritura, são as seguintes.

Que lhe mantivessem hum Capellão pera sempre, que dissesse cada dia Missa calada de Requiem, e á sesta feira de Santo André por sua alma, e do dito Martim Anes: e que o Frade, que disser estas Missas, aja tres

soldos de cada dia, ss. vinte e hum soldo pola Doma pera seu mantimento.

Pera satisfação dos curiosos, que folgarão saber quanto responde á esmola d'estas Missas reduzida ao valor da moeda presente: he de saber que seguindo o assento que el-Rei dom Affonso quinto mandou tomar em seu tempo, valia hum soldo, que he o mesmo que hum real branco, dezoito dinheiros ou pretos, que são os que hoje chamão seitis. E por esta conta tres soldos erão nove reis da moeda presente: e tanto se dava por esmola de huma Missa: e sessenta, e tres reis polas sete Missas de toda a somana: que isto he o que o testamento chama Doma (1). Este Fidalgo está enterrado no Coro, debaixo da cadeira do Supprior; e da banda de fóra ao pé do pulpito, onde se costuma dizer o Evangelho, está posto este letreiro:

Sepultura do nobre Martim Anes, que começou edificar este Mosteiro. Cœnobitæ gratitudinis ergo posuerunt.

Querendo dizer, que os Frades em rezão de agradecimento lhe derão tal jazigo. Da mesma maneira está sepultada sua molher da outra banda, debaixo da cadeira do Prior: e na parte de fóra ao pé do pulpito, onde se canta a Epistola, tem este epitafio:

Sepultura da nobre dona Caterina, molher que foi de Martim Anes, a qual fundou este Mosteiro, e em sua vida o dotou de todos seus bens.

Estes montárão tanto polo tempo adiante, que são hoje a melhor parte da sustentação do Convento, e mantem de ordinario quarenta Religiosos. Passados duzentos e tantos annos, reinando já em Portugal el-Rei dom João o III, parecendo que o Coro era estreito pera fazer proporção com o corpo da Igreja, aceitarão os Religiosos que o Conde de Prado dom Pedro de Sousa o alargasse huma terça parte mais: e por este beneficio lhe derão enterro a elle, e a dona Joanna de Mello sua terceira molher no mesmo lugar.

(1) Orden. d'el-Rei D. Manoel lib. 1. tit 1.

CAPITULO II

Dos Padres Frei Alvaro Murzello, e Frei Fernando Amado, filhos d'este Convento. E dos principios de vida do irmão Frei Pedro leigo.

Em quasi todos os Conventos he força renovarmos a magoa do pouco ou nada que achamos posto em memoria dos Frades antigos, grandes em virtude, maiores em constancia de encobrirem suas proezas: mas igualmente crueis pera com os que somos seus successores, pois nos podião mover muito com seu exemplo: e calando o que fizerão, parece que nos envejarão o bem, e ganho que teveramos de os imitar. Neste de Evora temos a queixa mais viva, porque parece que se apostarão os Padres, que nelle viverão por espaço de duzentos, e tantos annos, a enterrar comsigo sua memoria, como por teima. E só do tempo de nossos pais a esta parte temos alguma noticia.

O primeiro, de quem hei de fazer menção, sem ter quasi que dizer delle, he o Padre Frei Alvaro Murzello, que faleceo neste Convento alguns annos antes do de 1527 com tal opinião de santidade, que o Mestre Frei André de Resende na vida que escreveo do santo Irmão Frei Pedro, porteiro delle, o nomea por velho santo: e fica entendido, que por isso os Padres, segundo adiante veremos, ordenarão, que na sua cova fosse sepultado o mesmo Irmão, fazendo conta que juntavão hum Santo com outro.

Seja o segundo o Padre Frei Fernando Amado, de quem todavia achamos alguma cousa, de que se podem inferir muitas que elle trabalhou sempre por encobrir como Santo: e os que dellas teverão noticia em sua vida, que forão os Padres que o tratarão de perto, não souberão escrever como descuidados. Era filho d'este Convento, e dizia mui bem o nome de Amado com sua condição, e modo de vida. Amado de Deos, e amado dos homens: de Deos polo alto gráo de suas virtudes; dos homens polo espelho que tinhão nelle pera se comporem, e ordenarem bem suas vidas. Mostrou isto mais claro no fim da carreira, porque então, quebrado o vaso do barro mortal: *Impleta est domus ex odore unguenti* (1): quando se foi de nós então se descobrio o cheiro celestial, e suavissimo do precioso licor que encerrava. Era muito velho, e havia annos que vivia entrevado: e porque batalhava já com as agonias da

(1) Joann. 12.

morte tres dias havia, vigiavão-no aos quartos alguns irmãos da casa de Noviços. E como era morte de santo, acompanhavão-na com musica alegre, cantando-lhe a espaços os hymnos de Nossa Senhora, de quem fora particular devoto. Huma tarde estando já muito no cabo, e mui enfraquecido, hião os moços cantando, e quando chegarão ao verso: *Maria mater gratiæ, mater misericordiæ, etc.* Eis que subitamente se enche de novo fogo, e nova luz aquella véla que estava quasi apagada. Acorda do sono da morte o que nelle jazia sepultado, levanta os braços cahidos, e sem força, e com huma extraordinaria alegria de rosto, e olhos esforça a fala que tinha perdida, e dizia alto, e de bom som, juntando as mãos, e batendo as palmas: Cantai, cantai filhos, cantai isso. Ficarão os moços atonitos, parecendo-lhes que resucitava o morto, ou que era novo genero de paroxismo. Mas tirou-os de duvida o Irmão Frei Pedro leigo Porteiro, que acaso se achou presente: o qual com os joelhos em terra, e as mãos, e olhos levantados ao alto contra o leito do enfermo adorava com devação, e alegria, dizendo palavras formaes: Levantai-vos fradinhos, fazei reverencia á Madre de Deos. Os Noviços pasmados entre medo, e alvoroço, com a novidade que vião no são, que tinhão por Santo, e lhe davão credito, tanto como com a do enfermo, que era tido na mesma conta, e todavia continuava com a festa de mãos, e prazer notavel do sembrante, lanção-se por terra, ainda que nada vião, repetindo e continuando o mesmo verso. Passado hum espaço tornou o velho ao seu tormento, e agonia, como acontece a hum espelho quando o apartão dos raios do Sol, que o fazião reverberar outros claros, e fermosos. Mas ficando cheio de animo com o Sol da visão sagrada, abraçou-se com hum Crucifixo, e com o Santo nome de Jesus na boca, e as lembranças da visita passada no coração, ajudado de Frei Pedro, que o não largava, passou a melhor vida.

Se polo espirito deste Padre havemos de tirar quaes forão todos os antigos deste Convento (que não duvido serião semelhantes), e se pola perfeição de hum Irmão leigo, de que agora diremos, devemos julgar a virtude dos outros deste grão, em grande divida estamos a Evora por tal gente. E não tenho duvida, que assi como dentro de pequenas provincias acontece haver lugares que produzem huma fruita, ou hortaliça, que em outros por nenhuma maneira se quer dar: tambem ha casas que provocão, e obrigão a mais santidade, e mais pureza de vida humas que outras. Faz muito ao caso começar hum Convento a florecer com gente

santa, porque move, e acende o exemplo que se conta de perto com se apontar com o dedo, e ver-se com os olhos a sepultura de quem o deu. Importão tambem muito as reliquias, e ossos dos Santos: porque he de crer que suas almas no Ceo mais particularmente devem rogar polas terras, e sitios em que ganharão como ás lançadas com seu trabalho essas Comendas da gloria celestial de que gozão. E d'aqui deve nacer acodir Deos a estas partes com mais influencias de sua divina graça. Neste Convento he pratica da provincia, que se dão bem Frades leigos. Porque ha longos annos que se vão continuando, e succedendo huns a outros alguns sogeitos de virtude maciça, e de grande conta. Dos mais antigos pereceo a memoria particular: e fica sendo o primeiro pera esta historia o Irmão Frei Pedro porteiro: que se o nomearamos polo Santo Frei Pedro, não fizeramos temeridade: tal foi sua vida. Mas a antiguidade não he mais alta que a memoria de nossos pais.

Nasceo Frei Pedro em hum lugar do termo da villa de Aveiro, de gente pobre, e humilde. Sendo moço, como a terra he de muita navegação, inclinou-se á vida do mar, e começou conforme á idade, e pobreza a servir de grumete, que he como a primeira, e mais infima classe d'aquellas escolas. Despois de ter feito algumas viagens, offerecendo-se-lhe huma que devia ser comprida, tratou do alforge da alma, como outros tratavão do corporal: foi-se ao Convento de S. Domingos pera receber os Sacramentos da Confissão, e Communhão: aparelho que pola misericordia de Deos he mui costumado n'este Reino entre toda a gente do mar. Foi sua dita encontrar com hum Padre que havia nome Frei Antão, aventajado em espirito a muitos mui observantes, que aquelle Convento sempre criou, e então com mais ventagem criava. Este como tal conheceo no moço disposição, e sitio pera se fundar n'elle bom edificio de virtude: porque no meio da idade, em que fazem força continua os vicios do jogo, do interesse máo, dos juramentos, da gula, e luxuria, com pouca lembrança ás vezes de haver outra vida, achou no moço cuidado de Deos, e da salvação, e a este modo o processo de seu viver. Teve lastima que levasse tal caminho huma alma tão composta, e propoz-lhe com boas rezões, que o trocasse, e buscasse a Religião. Mas não foi necessario despender muitas, achou-o pronto, e prestes, e duvidando só da parte dos Religiosos, da qual temia ser engeitado por inabil, porque não sabia ler. Muitos negocios acontece perderem-se, por não haver quem comece a movel-os. Alegre Frei Antão com o lanço, facilitou-

lhe a entrada: foi recebido ao habito pera Frade leigo, e passado seu anno de provação, admittido á profissão com gosto, e satisfação de todo o Convento.

CAPITULO III

Das penitencias que o Irmão Frei Pedro fazia despois de professo, do cuidado que tinha dos pobres sendo porteiro: e das grandes persiguições, que padeceo do demonio até o mudarem pera Evora.

Tal noviciado tinha feito Frei Pedro, que se polo estilo d'elle correra despois de professo merecera louvor: porque de muitos se cuida, e em alguns se acha, que a vida do primeiro anno he como lição de ostentação em escolas, que se estuda de proposito pera render descanço, e livrar de cuidados pera o diante. E elle ao contrario quando podera descançar, deu-se por obrigado a crecer, e florecer, e frutificar como arvore prantada ao longo das agoas sagradas da Religião, e nos atrios da casa de Deos (1). O primeiro cuidado foi domar a carne com apertada penitencia, e foi tal a constancia, e a determinação, que sabidamente todos os dias de sua vida, senão erão os Domingos, forão hum jejum continuo. Nunca comeo carne, nunca bebeo vinho. E parecendo-lhe que ainda podia o corpo com mais, e merecia mais aperto, nunca lhe deu cella, nem leito, nem cama pera dormir, até poucos dias antes de seu falecimento, que então obrou a força da obediencia o que seu espirito refusava, como ao diante veremos.

Despois de gastar o dia em serviço da Communidade no officio de que acertava estar encarregado, quando os companheiros se encerravão nas cellas pera descançar, caminhava elle pera a Igreja a tomar disciplinas, e orar, disciplinas de sangue, e oração de joelhos nus em terra, pera o que escolheo a capella da Magdalena, buscando com bom juizo pera penitencia a companhia de quem n'ella soube ser estremo. Se apertava o sono, juntava as mãos no chão, inclinava sobre ellas a cabeça, e n'esta postura o tomava tão curto, e cançado, como de tal jazida se pode entender. E porque n'ella de força era breve, tornava logo á oração: e assi passava até Matinas, ás quaes assistia com muita devação. Despois de Matinas fazia volta pera a sua Santa, e pera os seus exercicios, até serem horas de acodir a seu officio.

(1) Psalm. 1. Psalm. 91.

Costuma a facilitar as cousas, a continuação d'ellas. Nos caminhos de Deos faz maiores effeitos, porque não só facilita, mas torna tudo suave. Crecia Frei Pedro nos exercicios santos, e juntamente em andar contente, e alegre. Era publico entre os Frades este seu genero de vida, mas pasmavão, e não podião entender como se compadecia com elle a boa sombra de gesto, e palavras que a todo tempo lhe vião. A outros huma noite mal dormida em cella fechada, entre boas mantas, e sobre boa cama trazia o dia todo carregados, e desabridos, e as cores perdidas: elle passando-as todas, e inteiras sobre as lageas em huma Igreja mal reparada do vento, e do frio, e do sereno, e quasi sem dormir bocado, e sempre vestido, nunca amanhecia triste; nunca infiado: e o que mais he (redundando como he de crer no corpo os gozos do espirito) nunca lhe faltava a sua cor natural no rosto, que era huma alvura rosada. E esta conservou como por dom divino até na última idade, de sorte que muita gente se enganava com elle, julgando-o por muito mais moço do que na verdade era. Assi foi ganhando reputação entre os Religiosos, e por ella lhe encomendou o Prior o cuidado da portaria; no qual se governou com muito siso, e madureza, e sobre tudo com huma entranhavel charidade pera com os pobres, assi no repartir das esmolas que ficavão da mesa da Communidade, como em lhes procurar outras, negoceando por seu meio na cosinha panela particular, com que podesse acodir com cousa mais sazoada aos velhos, e doentes. Isto fazia com tanto gosto, e fervor como se em cada hum d'aquelles desemparados do mundo vira a mesma pessoa do bom Jesu. Assi era chamado pola terra o servidor dos pobres; e huma dona principal da villa, cujo nome era Dona Caterina, mandou por seu respeito pintar as paredes do alpendre da portaria, e a pintura continha aquelles banquetes, que Frei Pedro fazia aos pobres; ali estavão representados em fileiras, como elle os ordenava, cada hum com os sinaes de sua miseria, aleijão, ou doença; e o porteiro entre elles com o escapulario preso no cinto, repartindo-lhes a comida com rosto alegre, grave, e honesto, qual era o seu a toda hora, e n'aquella muito mais.

Mas esta occupação do dia não lhe diminuia nada da sua costumada das noites, em que seu espirito achava outras delicias de grande sabor. Trabalhava polo desviar d'ellas o enimigo commum, envejoso de nosso bem, ora com medos, ora com fortes tentações, e despois com lhe aparecer visivelmente. Porém o bom soldado seguia sua carreira com os

olhos n'aquelle Senhor que nos manda lançar n'elle todos os cuidados, com certeza de nunca nos desemparar. Algumas vezes lhe dizia o maldito, que tudo quanto fazia era tempo perdido, que nada lhe havia de aproveitar, e em fim havia de ser seu: elle com todo o coração em Deos respondia confiadamente: Melhor o fará meu bom Jesu, que por mim morreo.

Passados oito annos d'esta vida, e crecendo Frei Pedro sempre em maiores gráos de amor de Deos, entrou todo o Inferno em nova raiva contra elle; deixarão artificios de palavras, e ciladas: começarão guerra descuberta. As mais das noites o acometião os Demonios, e como em vingança do pouco caso que até então fizera de suas fantasmas, lhe fazião corporalmente crueis perrarias; e huma noite passou tanto adiante a furia, que como jogando com elle a pela, o arremeçarão contra o moimento, que está na capella onde erão suas penitencias (he sepultura de hum fidalgo antigo do appellido de Albuquerque) do qual jogo ficou Frei Pedro com huma grande ferida na cabeça: e durou ainda despois tanto com grita, e estrondo infernal, que foi sintido dos Frades a tempo que decião pera Matinas: e correndo todos á capella, porque já entendião o que podia ser, acharão o pobre Irmão estirado em terra, todo moido, e além da ferida arrepellado, e arranhado no rosto, e orelhas lastimosamente; assi foi levado em braços pera a enfermaria. Grande lastima fazia aos Religiosos o que cada dia lhe vião padecer por este modo: mas elle não deixava o posto, nem temia a guerra: porque se muito perdia no corpo, vencia, e ganhava mais no espirito. Vindo ao Convento o Vigario da Observancia (cargo que muitos annos durou em tres Conventos d'esta provincia, que forão Bemfica, Azeitão, Aveiro, e então ainda continuava) houve pareceres que fosse Frei Pedro pera outra casa, a ver se a mudança do sitio lhe aliviava a persiguição. Mandou o Vigario a Frei Pedro Dias, Religioso insigne da mesma Observancia, e eleito Prior de Evora, que o levasse comsigo. O que elle fez com melhor vontade do que foi a com que os pobres de Aveiro tomarão sua ida, os quaes quando se acharão sem elle vierão em bandos á portaria a fazer lamentações, e a queixar-se que em Frei Pedro lhe tinhão tirado remedio, e remediador.

CAPITULO IV

Vai Frei Pedro mudado pera Evora, dá-se-lhe cuidado da portaria, e dos pobres. Referem-se alguns meios que buscava pera ser desprezado, e abatido.

Mudou Frei Pedro a terra, mas não mudou o officio. Porque o Prior como sabia quem tinha n'elle pera tudo o que era dar boa conta da entrada, e sahida de hum grande Convento, que he o posto da portaria, em que consiste grande parte da honra, e credito da Religião, logo lhe entregou o cargo, e juntamente o cuidado dos pobres a elle annexo. Fez Frei Pedro hum, e outro officio com tanta humildade junta com muita prudencia, que ficou perpetuado em ambos, e n'elles viveo, e morreo. Era sofrido, e juntamente inteiro: facil, e tambem esquivo: sofrido com os colericos. inteiro com os demasiados, facil pera os modestos, e muito esquivo pera os inquietos, e contra qualquer máo exemplo, e em fim fiel a Deos em tudo, e á Religião. Acontecendo tratarem-no asperamente de palavra alguns Religiosos, humas vezes polo tentarem, outras resentidos da demasiada cautela com que se havia no officio, nunca se lhe ouvio reposta de impaciencia: contra os ditos ou feitos, que o podião offender, usava sempre de humas palavras do monte, que muitos atribuião a rudeza julgando-o d'ellas por ignorante, e grosseiro. E na verdade, ou erão ditas pera mitigar a colera aos apaixonados, com materia de riso, ainda que fosse com descredito seu: ou era artificio santo pera se fazer desprezar, e ter em pouca conta (filosofia do Ceo, encontrada em todo com a natureza humana, amiga de se levantar, e engrandecer, e honrar) respondia: *Mal de meu peccado, ora folga-te tu com isso.* Se o colerico se ria como quem ouvia hum desproposito, elle fazia o mesmo, e acabava-se o desgosto. Se acontecia acender-se mais, então mostrava verdadeira religião, lançava-se-lhe aos pés sem detença, com a vénia feita, e por huma via, ou por outra fazia cessar a ira, e a contenda.

Mas via-se n'elle que tinha particular gosto de ser maltratado, ainda que fosse contra toda rezão. Succedeo hum dia vir o Prior de fóra, e chegando á portaria, em tempo que Frei Pedro andava polo Convento em busca do Supprior, pera negocio de sua obrigação, tocou tres ou quatro vezes a campainha: e como faltou quem abrisse, foi entrar pola Igreja. Era Prior Frei Pedro Ferreira, homem austero, e muito obser-

vante: na primeira occasião que se offereceo tirou-o a Capitulo, reprendeo-o asperamente, estranhando-lhe não o achar na portaria, e mandou-o tomar huma disciplina. Nunca o penitente se deu por mais favorecido, descobrio os hombros não só com facilidade, mas com alegria. Carregou-lhe o Prior a mão, e despois que satisfez sua severidade, esperava que o subdito dissesse, como então se costumava, *peccavi*, pera com isso parar, e em quanto o penitente tardava com este conhecimento da culpa, o Prelado não cessava do castigo, como contra espirito rebelde, e teimoso. E tendo-o por tal, porque não fazia o sinal de culpado, levantou o braço, e a voz, e apertando a disciplina, e mandando-lhe juntamente que dissesse, *peccavi*, descarregou de novo com tanta força, que já não era disciplinar, se não ferir, e arrebentar o sangue. E o pobre porteiro em lugar de *peccavi*, que o Prior esperava, dizia com humildade: Dai boas, dai, dai. Correndo o sangue, e lavando-lhe as costas, acodio o mestre de noviços, que era Frei João de Aveiro, Religioso de autoridade, e velho, e lançando-lhe sobre a cabeça o escapulario, pedio ao Prior que cessasse: e disse a Frei Pedro que acabasse de dizer, *peccavi*. Acodio elle todo risonho dizendo: Verdade he que *peccavi*, mas por isso mais disciplina, e mais castigo. Cahio então na conta o Prior, com todos os presentes, que era santidade o que julgavão por pertinacia, e vendo-o ferido, e chagado, mas nada descontente por isso, ficarão compungidos e confusos, e movidos a lagrimas.

O mesmo gosto mostrava se alguma vez era mandando assentar em terra, ou fazer penitencia de pão, e agoa, segundo he estilo da Religião em culpas ás vezes bem leves. Como elle nunca bebia vinho, era viço, e gloria a penitencia: mas o Prelado pera mortificação, mandava-lhe pôr vinho em lugar de agoa. Isto sentia muito, e com tudo por encontrar o gosto, que tinha n'aquella abstinencia, bebia hum pouco, e logo mandava pedir misericordia na bebida, e tornava á sua agoa. Procurando tambem vingar-se do appetite da gula, e de caminho ficar julgado por vil, e baixo, como em tudo pretendia, fazia de ordinario na mesa misturadas de peixe com os legumes, ou ervas, e com a mostarda, e azeite, e vinagre, revolvendo tudo, e comendo-o assi com asco proprio, e dos vizinhos: e se lhe perguntavão pola rezão, dava-a tão pouco politica, como era a obra, dizendo que fazia desde logo o que no estomago havia de acontecer despois. E se lhe punhão nome de torpeza ou grosseria, aco-

dia logo com a sua reposta, que como armas de prova fazia servir pera tudo: *Mal de meu peccado, folga-te tu com isso.*

Nos dias que na Communidade se comia carne (como antigamente era costume no Convento de Evora) domingos, e terças e quintas feiras por particular despensação que havia, fazia elle huns caldos pera si de ortigas, e malvas, e algumas folhas de couve, com pouco azeite, sem procurar outra cousa. Mas nos dias, que havia peixe no refeitorio, comia sua pitança, salvo á sesta feira, que não tomava mais que o caldo, ou ervas: e porque erão guisadas com mais cuidado que as suas ortigas, pera lhe tirar todo o bom sabor lançava-lhe em cima hum golpe de agoa: e se lhe perguntavão a causa, dizia que pera esfriarem. Por hum dia de Pascoa, mandou-lhe o Prior Frei Manoel Estaço na mesa hum peito de perdiz: e ou fosse charidade, ou tentação, Frei Pedro respondeo por quem lh'o trouxe, que se lha mandava comer por obediencia, que o faria: mas se esta força não havia, fosse servido de lhe não espertar a gula, que segundo a sua era desenfreada temia que tomasse fogo com aquelle mimo, e que tevesse despois muito trabalho em a domar, e reduzir á rezão. A este modo se mortificava em tudo o mais, em que a carne costuma receber deleitação.

E porque o vestido, e atavios da pessoa são cousas de que nossa humanidade se paga muito, até entre os que não vestimos mais que huma mortalha, de nenhuma maneira se podia acabar com Frei Pedro, que vestisse habito novo. Quando o que trazia chegava a estado de parecer indecencia usar d'elle por esfarrapado, e roto, então vestia outro, que fosse deixado de algum Frade leigo como elle: e este havia de ser dos mais velhos, e do pano mais grosseiro. A tunica interior de junto ás carnes, que na Ordem he costume ser de estamenha, usava elle de burel grosso, e aspero. Assi se armava contra o mimo, e vangloria. E pera ficar em tudo desfigurado, e a quem o visse desprezivel, e aborrecido, como o mundo está tão posto em fazer honra ao bom trajo, e composição exterior, lançava no inverno sobre o habito hum bernio grosseiro, e velho (chamamos bernio a hum genero de mantas de lã de felpa grossa, e muito encorpada, que por virem de Irlanda, que tambem se diz Ibernia, retem comnosco parte do nome da terra) e representava assi entrajado huma figura monstruosa: porque além do bernio metia entre a tunica, e o habito huma almofada de lã sobre o estomago, de que era indisposto polas penitencias que fazia. Este genero de vestido era causa

de o fazer hum alvo de apodaduras de quantos o vião, humas leves, e engraçadas, outras pesadas, e descortezes: levava elle todas por huma medida, sem lhe passarem do bernio pera dentro, recebendo-as com o seu mote costumado, que a tudo oppunha: *Mal de meu peccado, etc.*

CAPITULO V

De alguns casos, em que se notou o bom entendimento, e capacidade de Frei Pedro.

Todas as traças, que temos contado do tratamento exterior de Frei Pedro, hião a meu ver encaminhadas a alcançar aquelle alto ponto, que Christo em seu Santo Evangelho nos manda procurar pera entrarmos em posse do Reino dos Ceos, avisando-nos, que sem elle nunca acertaremos com a porta: *Nisi efficiamini sicut parvuli, non intrabitis, etc.* (1). Se não tornarmos aos annos da infancia negoceando por entendimento o mesmo que aquella idade faz por natureza, que he estarmos como mortos, e insensiveis em todas as paixões humanas, nunca poderemos chegar a huma grande perfeição. Assi tinha Frei Pedro disfarçado o bom juizo natural, que se fazia julgar por rustico, e ignorante: e todavia, alem da muita prudencia com que se governava na sua portaria, não faltarão occasiões em que mostrou que lhe sobejava agudeza de engenho, e bom discurso.

Conta o mestre Frei André de Resende, que sua vida nos deixou escrita, e a elle seguimos no que d'ella escrevemos, que sendo noviço no mesmo Convento, e achando-se huma noite despois de Matinas no Coro, acertára de ver a Frei Pedro, que estava na crasta, arrimado a huma coluna com os olhos pregados no Ceo, e com tamanha attenção que se atrevera a lhe perguntar despois com curiosidade pueril, que era o que o tinha assi embebido? E elle lhe respondera com a sua mansidão e bondade, que estivera notando huma cousa assaz digna de consideração (que alli acabara de alcançar) muito encontrada com a pratica que corria entre os marinheiros: que lh'a diria pois era amigo de saber. E começara dizendo, que a pratica dos mareantes era ser a estrella do Norte aquelle ponto que chamamos Polo do mundo, e Polo Arctico: e que elle havia muitos tempos a tinha achado falsa, e n'aquella casa se

(1) Math. 18.

confirmara em sua opinião. Porque da coluna em que estava encostado marcára a estrella por cima de hum acipreste alto que lhe ficava defronte, e sendo a noite muito serena, e quieta, alcançara pola demarcação feita que a estrella rodeara claramente seguindo o movimento ordinario do Ceo, que chamão rapto, que he de Oriente a Ponente. Pola qual razão movendo-se ella com o Ceo, e fazendo, como fazia circulo, não podia ser o Polo do mundo, porque este de força havia de ser ponto fixo, e ponto indivisivel: e assi a verdade era que a estrella não era o Polo, mas estava perto d'elle: e se os marinheiros se governavão por ella, obrigava-os a rezão de não haver outra estrella mais chegada ao ponto verdadeiramente imperceptivel. E proseguindo Frei Pedro a materia, lhe fora lendo huma lição de Mathematica com tanta claridade, distincção, e sutileza, que a não entendera muitos annos despois dos mestres de Paris tão bem como de sua boca. E esta prova dá de seu bom entendimento este autor: mas logo diremos outra que mais o confirma.

Foi eleito em Provincial o Mestre Frei Manoel Estaço, sete ou oito annos despois de acabar o Priorado de Evora: e governando-se no cargo com algumas faltas, e defeitos notaveis, foi deposto, e penitenciado. Hum dia estando Frei Pedro entre as duas portarias, foi-se o Mestre a elle pera se consolar, e desabafar com homem que tinha por santo. E Frei Pedro despois de algumas rezões lhe disse as seguintes: Padre Mestre, se o que agora me ouvir lhe der alguma pena, peço-lhe por santa charidade me perdoe. Bem estará lembrado que por vezes o avisei com humildade, e amor do muito descuido com que governava a si, e a nós sendo Prelado de uma Religião tão honrada, e acreditada no mundo. E não faço caso de cousas em que muitos vos culparão: porque galgos, caçadas, banquetes, cosinha particular, isso só a vós fazia dano, e quando muito alargava hum pouco mais as despezas da casa em que estaveis: mas desordens no provimento dos cargos, não buscando o mais digno, senão o mais amigo: desprezar, e ás vezes perseguir o que falava verdade, como a teimoso, porque a falava: honrar ou alevantar o adulador, e pouco verdadeiro, porque vos não resistia; sofrer que o relaxado no ponto da perfeição religiosa, em lugar de ser castigado triunfasse: em que esperaveis que havia isto de parar? Muito deveis a Deos por vos dar esta quebra em vida: quebra leve, e castigo de pai he, com tempo de arrependimento, e penitencia dos erros que passarão em vosso tempo na Provincia em geral, e nas consciencias de alguns em particular. Por-

que, Padre Mestre, pera entender isto não hei mister as vossas letras; todas as culpas, a que o vosso governo deu occasião, tanto são vossas, como de quem as cometeo; que se eu sendo piloto de huma náo der ácinte com ella à travez, claro está que se me confessar comvosco, me não absolvereis, sem fazer restituição, podendo, aos que por minha vontade fiz perder a fazenda. Ora tende paciencia, e encomendai-vos a Deos. E sem mais dizer lançou-se-lhe aos pés. A verdade he desabrida, e sempre amarga; na prospera fortuna quando se não teme dano, gera odio; na adversidade quando se vê o mal ao olho, ainda magôa. Assi não se atreve a dizel-a, senão quem deveras serve a Deos, e não quer do mundo nada. E porque o affligido Mestre tinha a Frei Pedro em tal conta, levantou-o, e abraçou-o, pedindo-lhe que o encomendasse a Deos. De parte d'este colloquio forão testemunhas alguns Padres que a caso chegarão, e hum d'elles foi Frei João Caldeira; e todos ficarão espantados das rezões, e do acerto d'ellas, mais que da liberdade.

D'aqui inferimos que a ignorancia, que em suas palavras, e termos ordinarios representava Frei Pedro, era hum habito adquirido de não querer dar mostras de prudencia humana a hum mundo de que não fazia caso; pera poder dizer com S. Paulo: *Non enim judicavi me scire aliquid inter vos, nisi Jesum Christum* (1). E n'outra parte: *Nos stulti propter Christum* (1).

CAPITULO VI

Das muitas persiguições que o demonio fazia a Frei Pedro, e do valor, e paciencia, com que se havia n'ellas.

Não valeo a Frei Pedro a mudança de terra, e Convento pera o livrar dos enemigos que o perseguião em Aveiro. Porque não estava a causa de seu mal na terra, como foi imaginação dos que o fizerão mudar, senão na enveja, e perversidade de quem lhe desejava beber o sangue: e tambem em sua virtude, na qual hia adiantando cada dia com novas forças, e novos merecimentos. Assi ao passo que elle sobia, se desvelava Satanas polo derribar: e quando mais não podia, polo inquietar, perseguir, e maltratar. Estava hum dia em oração diante do Santissimo Sacramento na capella mór, senão quando soa do alto da Igreja nas linhas de ferro, que atravessão o emmadeiramento, huma voz de

(1) 1. Corinth. 2. (2) 1. Corinth. 4.

gallo, mas temerosa, e horrenda. Conheceo Frei Pedro d'onde, e de quem era o cantar: e polo mesmo caso, ainda que hum pouco torvado, fez coração, e deixou-se estar seguro, e confiado, como quem se achava diante d'aquelle Senhor, a quem obedece o Inferno, e sem cuja licença não pode nada. Sintio-se Lucifer de se ver pouco temido. Eis que dece o gallo batendo as azas com ruido infernal, e vem-se-lhe assentar sobre os hombros, e postos os pés cada hum sobre seu hombro começa a feril-o com os esporões nas faces, e com o bico pola cabeça: e sopesando-se sobre os pés cantava importunamente, e fazia-se sentir de maneira do pobre Frade, que segundo despois contou, não julgava que tinha menos sobre si que huma torre: mas fazendo o sinal da Cruz, fugio o enemigo d'ella. Com este alivio mudou de lugar pera repousar hum pouco ao seu modo. Ao entrar de huma capella deu de rosto com huma estranha figura de homem, estatura desmesurada em corpo, vestido negro que arrastava, barba e cabello disforme, e os olhos ardendo como brasas abanadas, pera não poder encobrir quem era. Assi passeava; e como de quem fala entre dentes, ouvia-se-lhe hum rumor entre raivas de homem irado, e roncos de porco. Armou-se o servo de Deos do santo sinal de nossa redempção, e pronunciando o salutifero nome de Jesu: Vai-te, disse, de diante de mim, besta infernal: da parte de Deos to mando: que por mais que faças, já me não hasde espantar. Desapareceo logo a fantasma: e elle em lugar de repouso, que d'antes procurava, como bem necessitado d'elle, poz-se de novo em oração até acodir a Communidade a Matinas: com a vista dos Frades ficou desassombrado, e descançou da fadiga passada.

Outra noite estava em oração diante do Santissimo Sacramento na Igreja: eis que soa na porta principal hum extraordinario ruido, como de muita gente junta, com furia de vozes, e alaridos: huns dizião fogo, fogo; outros acodi, acodi. O sino parecia que se quebrava com repiques, como he costume em verdadeiro sinal de fogo: quem se não havia de enganar com tantas cousas juntas? Virou a cabeça, olhou pera a porta: taes labaredas se lhe representarão, tantos vultos de homens que chegavão, que acodião, que passavão, huns pedindo machados pera atalhar o fogo, outros agoa pera o apagar, que em fim Frei Pedro se houve por obrigado a deixar a oração, e acodir. Levanta-se, corre. Não quiz mais o enemigo que esta perturbação: com tão pouco se paga aquelle vil, e baixo, quando outra cousa não pode: chegando á capella de Jesu desapareceo tudo a modo de sonho, como na verdade era. Ficou Frei Pedro

corrido de dar credito ao incendio fantastico: e por vingança do enemigo, e do seu medo deixou-se estar orando sem tomar momento de repouso até acodirem os Frades ao Coro.

D'estas illusões lhe fazião os demonios tantas, que polas ter em costume, ainda que muitas vezes o ferião, e maltratavão, já as não sentia. E tanto que saltavão com elle, ou lhe aparecião na hora da oração, não fazia mais que pôr o rosto em terra sobre as mãos, e fechando os olhos dizia: Eia proviços mando-vos eu: dai embora por esse corpo quanto quizerdes, fartai vossa furia; que por mais que façais não hei de levantar os olhos a ver vossas figuras tão más como vossas obras. E assi sofria tudo com paciencia, havendo que o recebia da mão de Deos, cujos ministros, e algozes sabia serem os que o perseguião. Mas não he pera esquecer hum gracioso medo que lhe fizerão sem outro dano.

Ha neste Convento de Evora huma casa grande onde cae a escada que dece do dormitorio: he lugar em que se juntão os Padres a tomar hum pouco de recreação, conversando nas horas que o Prelado dá licença: e do effeito tem nome de palratorio. Havia n'um canto d'ella huns riscos de carvão que debuxavão huma figura de Frade, pintada por algum ocioso na parede branca. Entrava Frei Pedro pola casa rezando pera sobir ao dormitorio ás Matinas de Nossa Senhora, a tempo que dada meia noite, decia o Sacristão pera espertar os Frades: senão quando vê que o Frade pintado se meneava todo como vivo, estendendo os braços, abrindo as mãos, e estirando huns dedos disformes, armados de unhas grandes como prezas de ave de rapina, e a cara toda afogueada. Parou Frei Pedro hum pouco com espanto do que poderia ser: começa o pintado a despedir chammas e labaredas dos olhos, como de huma fogueira, com tal impeto, que quasi chegavão a elle: logo abria huma boca de inferno, e fazendo cocos, e gestos temerosos, ora marchava, e batia os dentes, ora lançava a lingoa fóra, lingoa luciferina tão longa como huma espada. Cahio Frei Pedro em quem podia ser o que movia a pintura: arremete a ella sem nenhum pavor, e começa a dar-lhe punhadas no rosto dizendo com colera palavras formaes: *O' mal de meu peccado: e bem: Frade sois vós: acertar muito nas mds hóras, e hir pera vosso lugar.* Nesta fadiga estava quando o Sacristão acabou de decer a escada, e o achou pelejando com a pintura, e lhe ouvio as rezões que temos referido: e vio que apoz ellas juntava o escapulario nas mãos, e esfregando a parede trabalhava por borrar, e apagar o debuxo.

Muito espantava a todos o pouco medo que Frei Pedro havia de fantasmas, e visões nocturnas: mas a alguns fazia maior espanto hum costume, que n'elle era tão ordinario, que por nenhuma occupação o perdia. Falecendo algum Frade no Convento, todos os dias que se usa na Ordem dizer-se por elle responso cantado sobre a sepultura despois das graças ao jantar, outros tantos era a tal sepultura cama de Frei Pedro: sobre ella jazia toda a noite em oração continua polo defunto, despois de lhe acodir com a obrigação, que pola Ordem tem os Frades leigos. Este modo de vida o tinha tão acreditado por toda a Provincia, e especialmente na cidade de Evora, que de todos era havido por Santo, e a gente que estimava sua salvação, desejava ter parte em suas orações. D'aqui naceo, que falecendo em Evora dom Fernando de Castro, que chamavão por sobrenome o Magro, avó do Senhor Arcebispo, qne hoje he de Lisboa dom Miguel de Castro, sua molher que era huma senhora muito religiosa, e amiga de Deos, despois de fazer por sua alma todos os suffragios que era obrigada, desejou que tambem Frei Pedro polo que sabia de sua virtude lhe désse de suas orações: e pera o obrigar mandou pedir a Frei Lopo Soares, que era Prior do Convento, acabasse com elle sem força que fosse visital-a a sua casa. O que n'isto succedeo, que he cousa digna de se saber, diremos no capitulo seguinte.

CAPITULO VII

Da opinião que commummente havia da santidade de Frei Pedro; e quanto caso se fazia de suas orações.

Como Frei Pedro tinha o officio de Porteiro, e era velho não sahia nunca de casa, e despois que na terra o tinhão por Santo, havia menos rezão pera andar por fóra. Por onde os Frades receosos de que se podesse cuidar, que folgavão de assoalhar sua santidade, duvidavão em o mandar a casa d'esta Senhora, como homens pouco amigos de engrandecer cousas proprias, e contrarios a todo genero de vangloria, e hypocrizia. E tal era o parecer dos Religiosos velhos, e discretos da casa. Mas fez ella tantas instancias (como as molheres são efficazes no que emprendem, e mais no que apetecem) que se não pode o Prior defender, e mandou a Frei Pedro que por merito da santa obediencia acompanhasse ao Padre Frei Alvaro Mendes que mandava fóra, sem lhe declarar outra

cousa. Chegados onde erão mandados foraõ recebidos da devota Senhora com tanto alvoroço, que veio ao meio da casa só á conta de Frei Pedro, e posta de joelhos lhe lançou mão da capa pera lh'a beijar. Naõ se pode bem dizer nem crer o sobresalto, e alteração que o santo velho recebeo. Não foi só alteração, foi tambem escandalo, e retirando-se com força, disse em voz alta palavras formaes: Nome de Jesu, molher que fazeis? Mal de meu peccado, que eu sou Frade leigo ignorante: lá beijai os habitos ao Padre que he Sacerdote. E com esta ultima palavra, virou as costas, e caminhou pera a porta cheio de paixão, e affronta: e com tal determinação em se ir ou fugir, que foi necessario a Frei Alvaro, que era Religioso velho, e sisudo, lembrar-lhe de parte de Deos, e do Prelado o cumprimento da obediencia, e mandar-lhe por ella que se assentasse. Estava a humilde Senhora todavia de joelhos a estes debates, e sintida do successo: e Frei Pedro detendo-se, como ouvio falar em obediencia respondeo ao companheiro: Pois levante-se ella, e fale como ha de falar a hum Frade leigo. Sentados todos começou a Senhora a propor o que queria d'elle, que era que em suas orações tevesse particular cuidado de encomendar a Deos a alma de dom Fernando seu marido. Aqui tornoû Frei Pedro a desconsolar-se, e a queixar-se de novo, e como sem paciencia dizia com sua lingoagem ordinaria: E bem, mal de meu peccado, que vistes vós em mim, pera isso me encarregardes? Lá, lá aos Sacerdotes, cujo esse officio he. Mas replicando ella com muita mansidão, que todavia lhe pedia da parte de Deos, e por seu divino amor o fizesse elle tambem: então por se ver d'ali fóra, juntamente lhe disse a ella que faria o que podesse como peccador: e a Frei Alvaro, que se fossem. Sahio Frei Pedro como quem sahe de prisão, ou de bataiha, tendo por verdadeiro oprobrio ver-se honrado, e respeitado. Todavia como se tinha obrigado pola palavra, fez hum anno inteiro oração particular polo encomendado. E a santa viuva estimando a promessa, quiz dar azas á oração com alguma esmola (azas mui poderosas pera remir grandes faltas) e porque devia notar a pobreza do vestido, que Frei Pedro trazia, mandou fazer hum habito inteiro, e pedio ao Prior que por obediencia lh'o fizesse vestir, e trazer. Satisfez o Prior a esta devação, e Frei Pedro á obediencia que o Prior lhe poz: mas foi de maneira que o vestido novo lhe rendeo novo tormento, porque despois de o vestir lhe lançava por cima o velho: e sobre a capa nova o seu bernio feito pedaços, até que o habito perdeo a alvura, e na capa cegou a graça de no-

va: e pera que esta mais em breve se deslustrasse, pois era força usar d'ella, teve-a pendurada alguns dias na portaria, e offerecida a quantos se querião servir d'ella entrando ou sahindo.

Maior exemplo he do que se estimavão as orações de Frei Pedro, o que agora diremos. Estando a Corte em Evora, forão hum dia el-Rei dom Manoel, e a Rainha dona Maria ouvir Missa a nossa casa, como costumavão muitas vezes. Quando se quizerão hir entrarão polas crastas pera sahirem pola portaria. Forão os Frades fazendo-lhes companhia em communidade, segundo costume: e ficando arrimados polas paredes em fileira, forão os Reis agasalhando a todos com os olhos, e sembrante como em despedida; e chegando a Frei Pedro, disse-lhe a Rainha: Frei Pedro rogai a Deos por mim. Ao que elle respondeo com huma moderada inclinação, sem dizer nem fazer outra cousa. E ainda que dos Frades foi atribuida tal resposta a confusão, e embaraço de hum homem pouco pratico em encontros de Corte, se nos deixarem dar nosso parecer, atrever-me-hei a affirmar que procedeo como sabio nos estilos que deve haver entre os que seguem a Religião, por ser o silencio a moeda de mais valia que n'ella corre: e não como ignorante nos de palacio, onde entre os que melhor falão, nenhuma cousa mais acredita hum avisado, que saber calar. Não havia menos opinião da virtude de Frei Pedro, e sua valia com Deos entre os Prelados maiores da Provincia, que vem as cousas de mais perto, e julgão com pesos mais certos do que faz o povo, que se leva da fama, que muitas vezes he sem autor, e sem fé: viera de Castella a este Reino o insigne Religioso Frei João Furtado, insigne em letras, e em virtudes, chamado por el-Rei dom Manoel pera reformador do Mosteiro de Lisboa, e da Batalha. Despois de acabada a obra muito a serviço de Deos, e com quietação, e consolação dos Religiosos, não pode el-Rei acabar com elle que quizesse ficar na Provincia, e menos que tudo aceitar o governo d'ella, que todos os bons havião por bem empregado em sua pessoa, pola Angelica modestia, e grande discrição de que era dotado além das mais virtudes. Resoluto em se hir respondia a el-Rei com muita humildade, que Religioso havia na Provincia de maiores partes que as suas, a quem Sua Alteza podia seguramente encomendar o governo d'ella, pera o qual já não era necessaria sua assistencia, e sua vinda se podera bem escusar. Despedido d'el-Rei, e passando por Evora, quando se houve de partir, despois que os Padres juntos com elle disserão as orações costumadas *pro iter agentibus*,

no Capitulo, chamou a Frei Pedro, e disse-lhe: Hermano Fray Pedro ruega a Dios por my. Frei Pedro respondeo: Se eu Padre ousasse, com mais rezão pediria isso a V. R. Pues sea assi, replicou o Padre Frei João, dize tu cada dia por my una Ave Maria a nuestra Senhora, e yo te prometo que cada vez que celebrare, haga de ti memoria en el memento de la Missa. Frei Pedro se chegou a elle, e beijou-lhe a ponta do escapulario: e o Padre o abraçou tão amorosa e apertadamente, que parecia querel-o meter nas entranhas: do que davão sinal algumas lagrimas que não podia repremir. E dizendo-lhe ultimamente: Dios te conserve en su servicio; se partio. E consta-nos que escrevendo despois a alguns Padres da Provincia, se mandou encomendar com particularidade em suas orações.

CAPITULO VIII

De alguns casos, em que mostrou espirito de Profecia.

Em pago de tantos trabalhos, e annos tão bem vividos quiz o Senhor honrar a seu servo com espirito de profecia revelando-lhe as cousas futuras. E ainda que este espirito só por si não seja argumento de santidade, porque como he graça do Ceo graciosa, ou gratis data, como lhe chamão os Theologos, pode acontecer achar-se em gente pouco perfeita, e em peccadores, do que ha exemplos: com tudo quando concorre com vida inculpavel, he grande argumento de valer muito com Deos quem a alcança. Quando havia de haver algum enterramento em casa, era cousa ordinaria avisar Frei Pedro aos Frades alguns dias antes: e isto com tanta certeza, e distinção, que declarava se havia de ser Frade do Coro, ou Irmão leigo: Irmão da Ordem, ou outro secular: varão, ou femea. E era já o negocio tão corrente, que nenhuma admiração causava, e isto dizia quasi sempre tres dias antes. Aconteceo dizer hum dia: Despois d'amanham teremos trabalho com huma defunta Irmã da Ordem, que cá se ha de vir enterrar. Não tardou muito que vierão á portaria pedir hum habito. E verificou-se logo que era pera mulher, e Irmã da Ordem como tinha dito. Chegando o dia apontado, veio recado ao Convento que a enferma aliviara com notavel melhoria, e alegremente pedira de comer, com que enchera os seus de esperanças de vida, e saude. Não faltarão travessos que forão dar a nova a Frei Pedro, motejando-o de enganador. E elle respondia com pronunciação tartamuda, e rustica: *Que escrisse,*

escrisse. Querendo significar o dito de Pilatos: *Quod scripsi, scripsi.* E na verdade logo se vio que falara ao certo, porque o aliviar da doente foi hum ultimo esforço da natureza, como de candea que se quer apagar: e passado hum breve intervallo tornou a cahir em termos mortaes, e apressados de sorte que no mesmo dia se veio enterrar ao Convento.

Outro successo affirmou, que teve o cumprimento alguns annos despois de sua morte, e então espantou assaz, e renovou em todos a memoria de sua santidade, e a saudade de sua boa companhia. Sendo o Mestre Frei André de Resende hido a França a estudar, onde andou alguns annos, faleceo sua mãi em Evora, que era huma honrada, e virtuosa dona. Por ser irmã da Ordem, e muito devota d'ella, mandou-se enterrar na crasta do Convento, e os Religiosos lhe derão o jazigo de boa vontade. Mas não vinhão n'isso os testamenteiros: e havendo porfias entre elles, e alguns Padres, que tomavão mal encontrar-se a ultima vontade da defunta, acodio Frei Pedro, e disse-lhes, que pera que se matavão, que a sepultura não havia de ser, nem em huma parte nem na outra, senão onde elle apontava: á entrada do Capitulo da banda de dentro, e batendo c'os pés no chão, aqui disse, ha de ser sua sepultura. Pareceo o dito cousa ridicula, até aos mesmos Religiosos por falar em enterrar mulher no jazigo dos Frades. E assi não fazendo ninguem caso do seu dito, venceo a teima dos testamenteiros, que por seus respeitos escolherão a cova na Igreja, e n'ella a sepulturão. Passados seis annos, e sendo falecido tambem Frei Pedro, tornou de França o Mestre Frei André seu filho: e sentido de a não achar enterrada no lugar que em vida escolhera, e declarara, pedio licença ao Prior, que era o Doutor Frei Antonio Freire, pera fazer tresladação de seus ossos pera a crasta. Concedeo-lh'a o Prior tão ampla, que lhe mandou escolher o lugar que quizesse: e elle tomou-o á entrada do Capitulo da banda de dentro com pretenção que cobrindo-o, como fez, com huma campa de bom marmore bem lavrada, e entalhado n'ella hum letreiro composto de sua mão, e ao seu modo, seria occasião de que os Padres lembrados dos beneficios recebidos da defunta, e de sua virtude, lhe não faltassem com suas orações: e ainda que podera tomar lugar mais dentro, deixou de o fazer considerando que não era bem pejar o jazigo dos Religiosos, tendo por assaz favor o em que ficava. Feita a tresladação, veio de Montemór ao Convento o Padre Frei Affonso Banha, que lá residia por confessor das Freiras do Mosteiro da Annunciada: e achando a nova sepultura celebrou

com lagrimas por todo o Convento, e particularmente com Frei André o que acabamos de contar, que ouvira affirmar ao Santo Frei Pedro havia tantos annos: e chamou pera testemunha a Frei Thomas Cruzado, que então era Sacristão, e se achara presente, quando Frei Pedro com grande energia affirmava, que n'aquelle sitio havia de ser sepultada a boa velha sua mãi. Cousa que Frei André não soubera, nem entendera nunca. E assi ficou havida por famosa profecia, entre as outras que de Frei Pedro se contavão.

Esta foi cumprida despois de sua morte, mas em sua vida lhe ouvirão outra todos os Religiosos, que causou mais espanto, e mais pavor: e foi que havia de dar peste na cidade com terrivel contagião, e d'ella havião de morrer no Convento sete Frades. E na pontualidade com que despois virão que passou tudo sem discrepar em nada, reconhecerão por divina a revelação.

Mas não he maravilha dar Deos noticia das cousas da terra a este seu servo, quando pera as do Ceo lhe abria os olhos. Bastante indicio he o que atrás contamos na morte do santo velho Frei Fernando Amado, em que vimos que querendo a Mãi de Deos com sua presença consolar na ultima hora a seu devoto, e assistindo com elle Frei Pedro, e juntamente hum rebanho de noviços mininos como cordeirinhos, que Frei André de Resende affirma, que sendo por todos dezoito, nenhum d'elles passava de treze annos: com tudo em nenhum houve luz pera alcançar a divina visão mais que n'elle, e no enfermo. Grande sinal que tambem a sua innocencia se aventajava a tão tenras idades, e em tantos sujeitos. Declara o mesmo Frei André que elle, e Frei Antonio Farto, que ambos erão do numero d'estes noviços, cantavão os hymnos quando a Senhora apareceo, e dizião juntos hum verso, porque concertavão bem, e todos os mais respondião com outro. Tudo o que mais podemos contar de Frei Pedro fica muito abaixo de tamanha honra como esta foi do Ceo. Com tudo, pera gloria de Deos, diremos mais duas cousas, das quaes huma he manifesto milagre, e a outra tem muito de milagrosa. Era polo estio, Evora he terra calmosa. Tinha o Prior dado cargo a Frei Pedro que pera a hora que os Padres quizessem entrar á meza, tivesse os jarros cheios de agoa fresca, tirada d'aquella hora do poço. Era cousa precisa, e que havia mister não discrepar momento: succedeo hum dia de grande sol recrecer tanta occupação na portaria, que não a podendo vencer até ao ponto que era necessario acodir com a agoa, entrou o Prior polo refei-

torio pera fazer sinal, e vio juntamente os jarros vazios, e emborcados, e chamou Frei Pedro, e reprendeo-o. E não deixando de fazer sinal, forão entrando os Padres: e Frei Pedro foi correndo fazer sua diligencia ao poço. Mas antes que os Padres se assentassem, e elle tornasse, foi cousa certa, que os jarros se acharão todos direitos, e cheios de agoa fresca, e boa. Este caso teve por testemunhas o Prior com toda a Communidade. O que agora diremos contava Frei Affonso das Vinhas, Irmão leigo seu contemporaneo, e pessoa de grande virtude, de quem ao diante faremos maior menção. E affirmão o Mestre Frei Antonio de Sena na vida de Frei Pedro, que compoz em Latim, e Frei André de Resende na que escreveo em vulgar, que o ouvirão de sua boca.

Era costume antigo, por dia da Santissima Trindade, dar-se no Convento meza franca a todos os que a querião (chamava-lhe vodo a linguagem do povo): ajuntava-se a ella o commum da cidade, e do termo com tão grande concurso, que toda a casa, Igreja, claustros, e dormitorios estavão o dia inteiro abertos, e era a inquietação mui grande de musicas, jogos, bailes, e folias, que tudo acode onde ha comida. Quando amanhecia o Domingo da festa, Frei Pedro ouvia a primeira Missa que se diz de madrugada, e entregando as chaves a quem o Prior lhe nomeava (os pobres não havião mister procurador em tal conjuncção, porque n'ella lhes sobejava tudo) encerrava-se em huma cella com humas poucas de ervas, que da tarde antes tinha colhido, e não sahia d'ella senão de noite. Dizia Frei Affonso, que notara alguns annos, estar a cella o dia todo ferrolhada por fóra, e sendo noite abrir-se, sem haver pessoa que visse, nem soubesse quem tinha cuidado de ser porteiro. E que desejando alcançar o segredo d'isto, vigiara de proposito a porta ao tempo, e conjuncção que costumava a sahir da clausura: e vira que se abria, e corria o ferrolho, estando pegada com ella huma sombra clara, e muito bem devisada, a qual virão despois algumas vezes outros Religiosos, que com curiosidade se quizerão certificar. A causa de Frei Pedro se recolher assi julgamos que devia ser, além da perturbação que causão em hum bom espirito as descomposições populares de homens, e molheres em tempos semelhantes, querer fugir a vangloria de ser visto, e tratado de tanta gente, quando todos o tinhão já por Santo, e como a tal o honravão.

CAPITULO IX

Da gloriosa morte do santo Irmão Frei Pedro.

Era Frei Pedro já muito velho, e das penitencias, e má vida antecipadamente consumido ainda mais que dos annos. Entrou hum inverno aspero com grandes frios, e ventos agudos. E como a sua vida era passar a noite sem cama, e sem abrigo sobre a terra nua, como temos dito: e de proximo tinha tomado como de empreitada fazer oração sobre a cova de hum Frade defunto de poucos dias, segundo seu santo, e antigo costume; o frio do tempo junto com o da idade, o congelarão huma noite de maneira, que amanheceo sobre a sepultura do morto tambem quasi morto, Estava todo inteirissado, e sem movimento: derão-no por acabado os Frades que assi o acharão, e forão correndo dar aviso ao Prelado. Revolverão-no lastimados do successo, e então lhe virão acaso os joelhos que tinha pregados na terra fria, cubertos de huns callos tão grossos, e duros, como se forão de hum camelo. Foi levado em braços á enfermaria: tornou em si, e contra sua vontade se deteve n'ella tres dias, lembrando sempre, e repetindo que houvesse cuidado dos pobres. Mas não fazião elles entretanto menos lembrança d'elle, porque pedião com clamores que lhe dessem seu pai. E sendo igual a desconsolação n'elle por faltar no santo ministerío de charidade, posto que o successor não era menos diligente; em fim foi restituido a seu officio, ainda meio tolhido. Mas poz-lhe o Prior preceito que d'ali em diante se recolhesse de noite em huma cella, e dormisse sobre hum feltro em huma barra de taboas, ao menos em quanto durava o rigor dos frios. Obedeceo Frei Pedro como bom Religioso sujeitando a vontade ao mandato do Prelado. Mas o espirito andava tão rigoroso, e pronto em quebrantar a carne insensivel já, e quasi morta, que as mais das vezes tomava o sono com os joelhos nus sobre o ladrilho, e arrimado somente á barra, e não dando mais que os braços áquella honrada, e mimosa cama.

Estas violencias continuadas em idade que passava de setenta annos acabarão de prostrar as forças da natureza, que todavia era robusta, e abreviarão-lhe a resolução. Entendendo o servo fiel que era chegado o prazo de seus trabalhos, e a hora da paga: que rezão parecia que a quem profetizou as mortes alheas, não faltasse o Senhor com revelação da propria: confessou-se com hum Padre muito observante, e velho, que pou-

co ha nomeámos, Frei Affonso Banha, e disse-lhe que n'aquelle mesmo dia se havia de partir pera outra vida. Era isto hum Domingo despois da Epiphania anno de 1528. Espantou-se muito o confessor, porque o vio andar de pé, e ao parecer em disposição de quem não poderia acabar tão depressa. Mas elle se affirmou no dito. O que visto por Frei Affonso, como sabia muito de Frei Pedro, avisou ao Prior ao sahir do Coro, dizendo-lhe que seria bem mandar olhar por elle. Era o Prior Frei Ambrosio de Oliveira, homem seco de condição, e duro de persuadir: nem lhe deu credito, nem fez caso do dito. Porque se ajuntou ao que tinha de natureza vel-o por seus olhos commungar com os mais Irmãos de casa de noviços á Missa do dia. Deu-se Frei Affonso por obrigado a tomar á sua conta o que encomendara a quem o não cria, e obrigou-o mais hum auto que soube fizera o Santo aquella manhã na Sacristia. Era costume n'aquelles tempos, quando os Irmãos havião de commungar, pedirem-se perdão huns aos outros prostrados com venia. He acto que move a devação, e compunção os mesmos que o fazem, e traz todos amigos, e conformes (no Convento de Bemfica o vimos usar, sendo Mestre de noviços o Padre Frei Christovão de S. Domingos de longos annos exercitado n'este importante ministerio) e rezão fora que tal costume se não perdera. Estando este dia juntos os Irmãos que havia, foi elle o primeiro que se prostrou em terra, e acrescentou de novo falar com todos em geral dizendo estas palavras: Meus Irmãos, a qualquer de vós, que por minha culpa tenha offendido, peço por amor de Deos que me perdoe: e polo mesmo Senhor vos peço a todos que lhe rogueis por mim. Apoz isto despois de levantados foi abraçando a cada hum por si, e dizendo-lhes: Ficai-vos com a paz de Jesu Christo, e fazei polo servir com todas vossas forças. Bem pareceo aos mais que tinha mysterio a despedida, e espantarão-se da novidade: mas como não sabião outra cousa passarão por isso. Acabada a Communhão, deceo Frei Pedro do altar com notavel alegria de rosto, dizendo em voz baixa, mas claramente entendida dos que hião perto, aquelle verso do Psalmo: *Ibi lætabimur in ipso*. He a significação: Lá nos alegraremos no mesmo Senhor. E repetindo-o muitas vezes com grande suavidade da alma caminhou pera a sua portaria. Entre tanto fez sinal pera o jantar o sino da crasta. Começou a Communidade a comer. Estava Frei Affonso sobre aviso, notou que não parecia Frei Pedro; ficou sobresaltado, pedio licença, e foi-se á portaria. Achou-o encostado no seu assento, que era hum banco de res-

paldo, que pera elle se mandara fazer por sua velhice. Perguntou-lhe porque não fora á mesa. Padre, respondeo, já não he necessario. E levantando as mãos repetia o verso; *Ibi lætabimur in ipso.* Deixou-se estar Frei Affonso hum pouco. Chamarão á campainha, e Frei Pedro levatanndo-se pera acodir á porta, segundo seu costume, cahio desfalecido em terra. Erão horas que a Communidade sahia já do refeitorio a dar graças na Igreja, acudirão os Frades todos, levarão-no á enfermaria. Querendo lançal-o sobre hum leito, fez sinal que o posessem no chão. Polo não desconsolarem trouxerão o seu feltro, estenderão-no em terra, e lançando-se n'elle de boa vontade, pedio logo que lhe trouxessem o Sacramento da Extrema-unção: e esteve promptissimo em quanto lhe foi ministrado, e no cabo beijou a Cruz, e levantando as mãos ao Ceo disse: *Benedictus Deus, qui non amovit orationem meam, et misericordiam suam a me* (1). Querendo dizer: Bemdito seja o Senhor, que nem apartou de si minha oração, nem de mim sua misericordia. São palavras do mesmo Psalmo, donde tomara as que atrás temos referido: e sendo assi que se alguma vez tomava Latins na boca, não se lhe deixava entender cousa distinta, como quem era totalmente idiota, e rude pera os especificar, referio estas com tão propria, e tão espevitada pronunciação, que todos os Padres ficarão cheios de maravilha, e julgarão que já erão raios da sciencia, e claridade Divina, que começavão a allumiar, e enriquecer aquella alma. Sobrevindo-lhe logo huma pequena onda de esmorecimento cerrou os olhos e a boca, e ficou livre dos trabalhos da vida, sobindo a alma aos braços de seu Criador.

CAPITULO X

Das exequias, e officio da sepultura: e do sintimento geral com que forão celebradas.

Temeo-se grande tumulto de povo em casa se se publicasse a morte do Santo Frei Pedro antes de sepultado: determinou-se darem-no á terra acabadas Vesperas. Durava ainda o costume de se lavarem os corpos dos defuntos (cousa desuzada já hoje por pouco decente, e parecida com as superstições gentilicas) encomendou-se o cargo a dous Sacerdotes velhos, hum Frei Affonso Banha, seu Confessor, outro Frei Estevão Acha. Estes padres lhe acharão hum aspero, e largo cilicio tão aper-

(1) Psalm. 65.

tado, e unido com a carne de muitos annos, que lh'o não poderão tirar, senão cortado. E as Religiosas do Mosteiro de Nossa Senhora do Paraiso da cidade o pedirão, e guardarão com devação em memoria de seu dono. Fez-se o officio da sepultura a portas fechadas no claustro: e foi sepultado no cemiterio commum do Capitulo, na cova em que de alguns annos atrás jazia o Padre Frei Alvaro Murzelo: e foi a rezão alem da que atrás tocamos, que largo tempo fora seu Padre espiritual. Não bastou tanta prevenção pera encobrir o que se fazia: e concorreo tanta gente ao terreiro da Igreja, e batião com tanta força nas portas, que não faltava mais que pôrem-lhe machados pera as arrombar. No dia seguinte amanheceo no meio da Igreja huma eça honestamente composta pera celebrar o officio funeral com a pompa devida a tão benemerito filho. Acodio a cidade toda com tanto numero de gente, que não havia quem se podesse valer com aperto: e cuidando que tinhão ali o corpo presente descobrirão, e revolverão o tabernaculo, e tumba da eça algumas vezes. Foi solenizado o officio com muitas lagrimas dos Religiosos, pranto do povo, e clamores desconsolados dos pobres. Vierão celebrar no mesmo dia polo defunto dez Clerigos pobres, a que costumava dar de comer todos os dias com caridade, e respeito entre as duas portarias: e erão tantas as lagrimas, e soluços de cada hum, quando chegavão a dizer seu responso, que nem peito nem voz tinhão pera o pronunciar. Ajudava-os a Igreja toda obrigada da dor propria, e da que via nelles: que pode muito no sentimento, como em tudo a companhia, e exemplo. Mas excede quanto se pode escrever o que passou na sepultura, quando acabado o officio se houve de cantar sobre ella o ultimo responso. Entrou o povo traz a Communidade sem ficar homem nem molher na Igreja: ali foi a força, e a confusão de novo, por chegarem a tocar a terra que cobria o corpo santo, e amado de todos, o pranto renovado, e trocado em gritos, e alarida, o canto dos Religiosos de maneira perturbado, e interrompido, que nem pera rezar se ouvião, nem pera cantar se entendiao. Acabado tudo, não acabava a gente de se apartar do lugar, mostrando tal affeição com elle, que parecia quererem desenterrar o defunto. E não faltando receios d'isso nos Religiosos, fizerão ficar homens de guarda no Capitulo, que tarde, e com trabalho puderão ver despejado. Então cahirão na conta, de quão acertado fora o conselho do enterro secreto. Porque segundo Frei Pedro era amado, e sua virtude em alto grão estimada, não houvera forças que poderão tolher aos homens

tratarem-no com pouco respeito, á conta de se enriquecerem de suas reliquias. Bem soube dizer hum gentio (1), que se a virtude podera dar vista de si, e de sua belleza, não houvera olhos que podessem com a claridade de seus raios, nem corações que do fogo de seu amor se defendessem. Não andava Frei Pedro pola terra, não visitava as casas, nem sabia as ruas: só era visto quando entre os pobres esfarrapados repartia pedaços de pão, e pouca comida, tão remendado, e tão pobre como elles. Mas estando escondido no canto de seu Mosteiro era conhecido de toda huma grande cidade; e d'entre aquelles remendos dava taes luzes a virtude, que cegava olhos, e abrasava almas, quando vivo com sua presença, e despois de morto com saudades d'ella.

Os Religiosos, que mais sabião d'elle, e mais perdião em tal companheiro, havendo que por ser como em causa propria estavão obrigados a encobrir o sentimento, e usar menos demonstrações, fizerão todavia este dia huma assaz piadosa. Era tarde quando se deu fim á solenidade; fez-se sinal pera o jantar, acodirão todos os Padres ao sitio em que se juntão pera entrar no refeitorio (chamamos-lhe poio) mas não havia nenhum tão amigo de si, que em tal dia cuidasse em comer. Foi a junta pera pedirem de acordo ao Prelado, que á honra do defunto comessem os pobres o jantar inteiro da Communidade. Deu o Prelado a licença: sahirão quatro Padres a repartil-o. Mas ainda aqui teve mais força o amor de Frei Pedro, que a fome, e necessidade: creceo a saudade nos pobres com a vista de novos repartidores, renovou-se o pranto com a falta do antigo. Não he genero de encarecimento. Sobião os gritos ao Ceo, as lagrimas, e suspiros não davão quietação, nem logar de comer: pedindo-lhes os Padres que comessem pola alma de Frei Pedro, e elles pola mesma rezão perdendo o gosto, e apetite da comida.

Não se poz pedra nem letreiro na sepultura de tal Santo, que declarasse o dia em que faleceo, e sinalasse o lugar em que foi lançado. Assi ficou seu corpo como o de Moysés, sabido o monte, mas ignorado o sitio (2). Seguirão nisto os Padres d'aquelle tempo o brio, por não dizer descuido, dos antepassados: e confessarão-no os successores, perdendo a memoria do lugar certo em que jaz, não havendo duvida que he dentro do Capitulo. Não quero culpar ninguem, por não renovar a cada passo magoas sem remedio: e dou-me por satisfeito com que dentro se vê hoje

(1) Marc. Tull. (2) Deuter. 31.

*

huma pedra em lugar alto com hum letreiro Latino, que contém o seguinte.

Frater Petrus hujus domus Cœnobita laicus in hoc sacello sepultus est in incerto loco: cujus vita sanctimonia et prophetia clara literis proditur. D. A. M. DC. I.

A significação he.

Frei Pedro frade leigo d'este Convento está sepultado nesta capella sem constar de lugar certo. De sua vida illustre por santidade, e profecia andão livros escritos. E esta memoria se lhe poz no anno do Senhor de mil seiscentos e hum.

Dado fim á vida d'este Santo, não será bem ficar-nos por dizer a rezão que tevemos pera escrever d'elle neste Convento, sendo filho de Aveiro, contra a ordem que até aqui levamos. E digo que fizemos nelle exceição, obrigados do nome que tem por toda a Provincia de Frei Pedro de Evora: polo qual he tão conhecido, que fora culpa notavel contra seu nome, e contra a devação que Evora lhe tem, se lhe não deramos memoria neste lugar.

CAPITULO XI

De outros filhos d'este Convento dignos de memoria.

Vivia por este mesmo tempo, e no mesmo Convento outro Irmão leigo, que na idade podia ser pai do Santo Frei Pedro, e na Religião era seu discipulo: chamava-se Frei Affonso das Vinhas. Tinha quasi noventa annos de idade, e assi na oração como em outros exercicios de virtude trabalhava por seguir as pisadas do que tinha por mestre: e sendo a idade tal que de muito atraz o desobrigava dos rigores ordinarios da Ordem, elle não só os aturava com toda pontualidade, mas nenhuma sesta feira do anno deixava de jejuar a pão, e agoa: estimando a vida larga, não pera alivio, e descanço, mas pera lavar com mais penitencia culpas da mocidade. Que se pera este fim não queremos os annos dilatados, todo o outro he indigno: porque sendo o quartel da ultima velhice todo *labor, et dolor*, só pera o offerecermos a Deos com as diligencias d'este bom velho o deviamos prezar ou sofrer. Ajuntava a

esta penitencia hum exercicio não menos pesado pera forças tão quebradas da idade, o qual era varrer por sua mão o claustro do Convento duas vezes cada semana: e não se contentava com menos que varrer tambem o pateo d'elle. Como era já havido por incapaz de officio certo, e por isso não fazia nenhum, dizia que folgava de merecer nisto o pão que comia, pois era vivo pera pejar huma cella, e hum lugar no refeitorio: e morto pera servir, e trabalhar. Conta-se d'elle, que até o ultimo dia de tão larga carreira conservou no sembrante huma composição de tanta modestia, e gravidade, e no trato, e conversação tanta mansidão, e sofrimento, que era hum particular, e aprazivel espectaculo: porque não representavão menos aquelles noventa annos, que hum novicinho dos mais mortificados, e melhor criados do Convento.

Deve-se segundo lugar por antiguidade despois de Frei Pedro ao Padre Mestre Frei André de Resende, natural da cidade de Evora, de geração nobre, e filho de habito do Convento, e que nelle foi noviço em vida do Irmão Frei Pedro, como parece do que atrás temos contado. Costumavão n'aquelle tempo alguns Frades, que tinhão desejo de saber, e possibilidade de bolsa, sahir do Reino; e hir-se estudar a Paris, pola falta que havia de estudos em Portugal. Assi o fez Frei Andre, e porque tinha boa habilidade tornou aproveitado nas letras, principalmente nas humanas, e na lingoa Latina, com a qual deixou escritas algumas obras que hoje são de muita estima. Entre ellas foi huma a vida de S. Frei Gil de Santarem, que despois se imprimio em Paris: e he a mesma que nós seguimos nesta historia. Tambem tirou á luz algumas antiguidades da cidade de Evora, com juizo, e curiosidade de bom antiquario: e compoz hum officio de S. Gonçalo de Amarante, com huns hymnos de tão fina poesia, que se sente n'ella o cheiro da melhor, e mais polida dos celebres Poetas antigos. Em Portuguez escreveo a vida do santo leigo Frei Pedro, de quem, como d'ella consta, foi particular conhecido, e amigo. E por todas estas rezões nos pareceo digno d'esta memoria.

D'este Convento era filho, e n'elle vivia, e d'elle foi pera o Ceo no anno de 1574 o Padre Frei Pedro de Montemór, velho na idade, e envelhecido em virtudes, e nos santos exercicios d'ellas. Vivia huma vida commum, em conversação igual, e religiosa, sem singularidades que em publico o fizessem notavel: más a alma, que pera com Deos era singularmente santa, mostrou no cabo os bons empregos da longa vida. Esperava já pola ultima hora em remate de huma comprida doença, arma-

do dos santos Sacramentos da Igreja. E era vigiado dos Irmãos de casa de noviços, como quem naturalmente hia acabando. Parecendo a alguns que fazia já termos pera espirar, eis que esperta ou resuscita subitamente, e mostrando extraordinarios sinaes de alegria no rosto, que já cobrião sombras de morte, chama pelos noviços dizendo com voz que espantou de robusta, e vigorosa: Irmãos, Irmãos fazei reverencia, e saudai a Sacratissima Virgem Mãi de Deos, e Senhora nossa, cantai-lhe com muita devação a sua Antifona: *Salve Regina.* Prostrarão-se os innocentinhos por terra entoando entre gozo, e temor os versos santos, mas não dando fé do que o enfermo via. E elle cheio de consolação, e prazer, como quem adormecia com a musica que pedira, dormio no Senhor.

CAPITULO XII

Do insigne varão o Padre Mestre Frei Luis de Granada.

Deu o Romano Emilio Paulo, venturoso conquistador da Macedonia, dous filhos seus a duas familias gravissimas (1), quaes erão a dos Scipiões, e a dos Fabios, pera continuarem nellas como adoptivos appellido, e successão: sahirão ambos taes, que honrarão o nome de quem os buscou, e não menos o de quem os deu. Bem quadra isto com dous insignes varões que nos deu Castella: hum o Mestre Frei Francisco de Bobadilha, de quem havemos de escrever ao diante (2): outro o Mestre Frei Luis de Granada, de quem agora diremos; ambos adoptivos d'esta provincia, e ambos pera grande louvor d'ella, e da terra que os gerou, e nol-os deu; hum perfilhado neste Convento, que foi o Padre Frei Luis, o outro no de Bemfica. Mas confesso que pera escrever do Mestre Frei Luis, me acontece o mesmo que Marco Tulio de si affirmava quando queria orar: Elle tremia com todos os membros; a mim cabe-me o coração, e a penna, e as mãos se me tornão paraliticas. Porque escrever maravilhas de varões pouco conhecidos no mundo, por grandes que ellas sejão, he obra de gosto, mais que de trabalho: mas falar de quem está celebrado por todas as provincias, e nações do mundo, não só por pennas alheias (3), mas muito mais pola sua propria, temo ficar tanto atrás do que se lhe deve, que fiquem por minha culpa muito abatidas suas grandes calidades. Assi

(1) Tit. Livio. Decad. 5. lib. 3. (2) Part. 2. lib. 1. (3) M. Fr. Ant. de Sena, na Chron. fol. 321.—Marietta, na vida d'este Padre—Serafino Razzi na Chron. da ordem fol. 275.

offereço fazer officio de escritor singelo apontando sómente os passos, e successos de sua vida. E aconselharei a quem quizer saber muito d'ella, e d'elle, que tome nas mãos seus livros, e d'este não faça caso: porque aqui não achará mais que hum debuxo (como dizem) de morta color, e lá achará o mesmo Frei Luis vivo, e com todas suas cores. São os escritos hum verdadeiro retrato de seu autor. Que se he verdade, como he, que a voz ordinaria, o riso, os meneos, e até o passeio descobrem o que jaz escondido no peito de qualquer homem (1), mais rezão he que seja descoberto polo que he verdadeiro parto do entendimento, como são os escritos de cada hum. Quem quizer saber qual era o espirito d'este Padre, quaes suas letras, seu entendimento, sua eloquencia, e suas forças em trabalhar: leão por elle, e por suas obras. Taes são ellas, que já não ha nação no mundo onde não hajão penetrado. Chegarão aos Turcos, passarão aos Persas, e até aos ultimos Chins; e está averiguado que se tem já traduzido em nove lingoas; e que são lidas com louvor até dos mesmos inimigos da fé (que não pode ser maior encarecimento) hereges de todas as seitas, Mouros, Gentios, e Judeus. A todos espantão, e a muitos convertem.

Começando pois o que toca á nossa obrigação. Naceo este Padre na cidade de Granada no anno de 1504, que foi o mesmo em que Deos quiz dar á sua Igreja, e despois vestir no mesmo habito o grande lume de santidade o Papa Pio V. Sendo minino succedeo ter rezões com outro, das quaes vierão aos cabellos, e a tratarem-se mal; foi sua ventura acertar de os ver de huma janela o Marquez de Mondejar, e mandando-os apartar, ouvir despois o que o nosso disse em sua desculpa; que forão humas rezões tão concertadas, e com tanta viveza, e graça representadas, que o Marquez affeiçoado, e espantado, quiz saber seu nacimento: e constando-lhe da pobreza, e humildade d'elle, mandou a hum criado que tomasse a cargo fazel-o aprender, e estudar. O nacimento, que o mesmo Padre nunca negou, antes com muita alegria confessava muitas vezes, era ser filho de gente tão humilde, e de huma mãi tão pobre, que se sustentava de servir os Frades do nosso Convento de S. Domingos, que chamão santa Cruz la Real, ora lavando, ora amassando (2). Nesta idade das primeiras letras lhe começou Deos a dar inclinação, brio, e desenvoltura pera prégador: ouvindo os sermões nas Igrejas ajuntava despois por ouvintes outros de sua idade, e referia-os com tanta ener-

(1) Eccles. 19. (2) M. Fr. Francisco Diago na vida d'este Padre cap. 2.

gia, que fazia movimento notavel, e tal que lhe chamavão os mesmos com termo, e lingoagem pueril: el Evangelizadero.

Crecendo nos annos affeiçoou-se á casa, onde elle, e a mãi comião o pão, pedio o habito, terçou por elle pobreza, e habilidade. Acreditou logo seu noviciado com pedir ao Mestre licença pera partir sua pitança com a mãi. Em huma só obra duas virtudes: piedade com quem o gerou, abstinencia comsigo. Nos principios tomou apellido de Sarria por alguma relação que teria com Galiza. Como tinha já fama de habil foi mandado apoz a profissão ao Collegio de S. Gregorio de Valhedolid. Com o estudo descobrio engenho, juizo, madureza, e adiantou em tudo tanto, que com poucos annos de escolas deu grande letrado, e famoso prégador. Tornou passado o estudo pera a natureza, e Convento de que era filho, e foi exercitando o pulpito com tal espirito, que ouvindo-o hum grande servo de Deos, e estremado prégador, disse por elle, que não cuidava menos, senão que assi como Santo Thomas viera ao mundo pera alumiar entendimentos, nacera tambem Frei Luis pera abrazar corações. E na verdade foi verdadeira profecia. Porque procedendo o tempo, assi nas praticas particulares, como no pulpito, e em seus escritos mostrou ser hum estremo n'aquella parte que nas da oração tem o primeiro, e mais essencial lugar, que he mover, e persuadir. Porque sendo todas as outras, e a mesma oração ordenadas só ao fim de obrigar os ouvintes a se deixarem vencer do que ouvem, claro fica que melhor orador será quem d'esta mais tiver. Ajuntava-se que já nesta primeira idade era conhecido por recolhimento, oração, e penitencias: e como sobia ao pulpito a persuadir o que fazia, sahia a lingoagem ardendo em fogo, e tão viva, e affervorada que fazia maravilhosos effeitos.

Aconteceo-lhe hum dia em hum auditorio de grande numero de povo (dizem que foi em Cordova) ou fosse por ser mandado prégar de repente, ou por outra rezão que não consta (1): posto no pulpito tirou de hum Missal que levava, e por ser em sesta feira da semana Santa começou a ler: *Passio Domini Nostri Jesu Christi*: e sem ler mais, foi declarando que cousa era paixão, quem era o que padecia, e porque padecia. Fez tamanha impressão o novo modo de propor, forão os termos tão levantados, e sintidos, pronunciados com tanto encarecimento, que o povo todo arrebatado, e compungido entrou em hum pranto nunca visto, e tal que nem o prégador teve lugar de hir adiante, nem o

(1) M. Fr. Francisco Diago na vida d'este Padre cap. 2.

povo pera mais ouvir, e foi força acabar. N'este tempo tinha trinta annos de idade, e foi a occasião de hir a Cordova, encarregar-lhe o Mestre Geral da Ordem Frei João Fenario vindo pessoalmente visitar a provincia de Andaluzia, que tresladasse o Convento de Scala Cæli de Cordova, que estava em huma serra, e em sitio pouco sádio, pera dentro da cidade.

CAPITULO XIII

Vem o Mestre Frei Luis a Portugal á petição do Cardeal Infante: perfilha-se polo Convento de Evora. He eleito Provincial. Dá-se conta da ordem que tinha em Lisboa em sua vida, e estudo.

Foi o Convento de Scala Cæli fundado por hum Frade Portuguez, de que he rezão ficar memoria n'estes escritos: ainda que seja com pouca distinção, e clareza, sabemos que se chamava Frei Alvaro, e que na mesma casa he tido por Santo: do que he bom argumento sabermos tambem que foi muito estimado da Emperatriz dona Izabel, molher do Emperador Carlos quinto, e irmã del-Rei dom João o terceiro de Portugal. Tanto credito tinha já acquerido o Mestre Frei Luis nos trinta annos de idade, que com muita segurança foi eleito por hum Geral pera tal cargo. Mas n'esta residencia de Cordova, e na tresladação que fez do Convento adiantou muito mais em reputação de virtude, e penitencia, e espirito. Porque aqui começou ajuntar com a prégação o trabalho de escrever livros espirituaes: nos quaes se occupava com grande continuação, e encerramento: e pera dar boa conta de tudo mesturava com tal exercicio estreitas penitencias. Conta d'ellas o Mestre Frei Francisco Diago, Aragonez, que succedeo huma noite a certos fidalgos mancebos passarem por junto do Convento, e ouvirem a toada de huma rigorosa disciplina, que por ser no silencio de alta noite, e tomada com força se deixava bem ouvir: e de mistura com ella soavão a espaços huns gemidos tão profundos, e tristes, que ficando por huma, e outra cousa penetrados de dor, e compunção os ociosos, desistirão da jornada, que não devia ser muito do serviço de Deos; do que foi sinal que no dia seguinte entrarão polo Convento, e averiguado que era elle o penitente, lhe derão as graças da mudança do conselho.

Tratou-se entretanto na Provincia fundar Convento em Badajoz. Pareceo que não podia ir pessoa pera o effeito mais a proposito; e enco-

mendou-se-lhe o cargo. D'esta visinhança de Portugal entrou por elle a fama de suas prégações, e vida; e chegando ao Infante, e Cardeal dom Anrique á cidade de Evora, da qual tinha aceitado a prelacia, não tardou em pedir ao Padre Geral que lh'o desse pera esta Provincia, nem se contentou com menos que trazel-o perfilhado logo polo Convento da mesma cidade. Que por essa rezão lhe coube aqui seu lugar. N'esta cidade procedeo de maneira, que sabidamente foi de grande utilidade pera todo o Arcebispado, e não menos pera o Reino. Porque com as prégações. confissões, conselhos, e devação em que occupava os dias, servia aos presentes; e com os livros que compunha, a que dava as noites, acodia aos ausentes naturaes, e estranhos. Por maneira, que nenhuma hora sua deixava de ser fructuosa.

Com taes occupações se fez por estremo amado do Cardeal, e del-Rei dom João seu irmão, e de todos os Principes do Reino, que então erão muitos; e de seu conselho, e letras se ajudavão nos negocios mais graves. D'aqui foi tirado pera Provincial d'esta provincia, quando acabou a vida antes de acabar seu quadriennio, o Mestre Frei João de Salinas; e foi eleito por fim de Outubro do anno de 1557. Teve esta honra huma particularidade bem de estimar; que havendo muitos annos que a provincia desejava, e procurava ser governada por sujeitos Portuguezes; porque havia n'ella pessoas de grande talento; os mesmos, que podião pretender o cargo, forão os que lhe derão o voto. Estimou o Cardeal a honra do prégador, porque vio n'ella acreditado seu juizo. Mas não o foi menos no cuidado com que o Mestre Frei Luis exercitou o cargo. Á sua diligencia devemos o Convento que a Ordem tem na grande villa de Montemór o Novo, como diremos em seu lugar; á mesma deve o Convento de Lisboa o Mosteiro, e Igreja que hoje possue de Ansede como atrás fica contado; e a cidade de Braga, e o Reino todo lhe está obrigado polos bens, qne resultarão da eleição do grande Arcebispo dom Frei Bertolameu dos Martyres. Porque elle foi o promotor, e principal conselheiro d'ella: sendo assi, que a Rainha dona Caterina, que ficou governando o Reino por falecimento del-Rei dom João o terceiro, e em nome del-Rei dom Sebastião seu neto, logo se servio d'elle, e o fez seu confessor. E tambem sabemos que no Convento de S. Sebastião de Setuvel teve tanta mão, ainda que foi começado por mandado del-Rei dom Sebastião, sendo Provincial o Padre Frei Estevão Leitão, que elle foi o que lhe lançou a primeira pedra, e assistio nos principios da fa-

brica como autor principal d'ella. Acabados os quatro annos de seu cargó, e alguns mezes mais, por Junho do anno de 1562, ficou-se no Convento de Lisboa, e n'elle residio despois em quanto viveo.

As occupações de sua vida sempre forão as mesmas que dissemos de Evora até o ultimo suspiro. Da ordem que tinha n'ella, e n'ellas diremos agora alguma cousa. Levantava-se de ordinario ás quatro da manhã: gastava até ás seis, parte em oração mental de que foi sempre tão grande seguidor, como bom escritor; parte em se aparelhar pera o santo sacrificio da Missa. Celebrava ás seis com tanta devação, e reverencia, que movia muito a quem o via, e ouvia: e não lhe ficava dia sem este divino pasto, porque era lingoagem sua, que o melhor aparelho pera elle era a continuação quotidiana, reprovando muito os que por medo, ou demasiada reverencia se privão de tamanho bem, que se nos dá de graça; e o mesmo Senhor, que o dá, tem por honra sua aceitarmol-o. Seguia ao sacrificio oração, e graças: e hindo-se pera a cella chamava de caminho quem lhe escrevia.

O modo de escrever era mandando primeiro ler algum livro que ouvia por espaço de huma hora: logo começava a dictar, passeando quasi sempre; e dictava até as dez. Então despedia o escrevente, e tomava elle a pena, e escrevia até ás onze em materias differentes das que tinha dictado. A horas de jantar decia a comer sempre na Communidade o que n'ella se dava, não lhe esquecendo nunca deixar boa parte pera os pobres. Se algumas vezes jantava fora da mesa conventual por indisposição, ou por lhe ter tomado o tempo algum negocio forçado, fazia ler em quanto comia do que pola manham tinha dictado, e mandava riscar ou acrecentar o que lhe parecia. Isto fazia ou por não perder o tempo, ou por não ficar comendo sem a lição que houvera de ter na Communidade. Levantado da mesa hia visitar os enfermos: e a visita não era só perguntar pola saude, mas tambem se tinhão falta de alguma cousa, principalmente se erão hospedes em que estava mais certa a necessidade: e porque a modestia não aceita offerecimentos, e a presumpção ordinaria he contra elles, que por isso lhe chama o mundo comprimentos como cousa superficial, e que não tem raiz na vontade, avisava os enfermeiros que de segredo se informassem da verdade, e dando-lhe conta do que achavão provia-os do que tinha com largueza. Da enfermaria buscava a conversação dos Padres onde estavão juntos, quando havia licença de palrar, e alegremente se detinha com elles até meia hora: e tornan-

do pera a cella repousava outra meia, e ás vezes só hum quarto, cousa que não se podia chamar sono.

Se havia Noa, acodia a ella, e sempre estendia o espaço, porque não era facil em despegar do sabor da oração. Nos tempos em que não havia Noa, logo á huma chamava o escrevente, e gastava até noite, ou até Completas dictando. Despois de Completas, em que nunca faltava, ficava ordinariamente em oração até ás dez, e isto em pé, ou assentado no chão. A cea, quando era tempo d'ellas, fazia de ordinario com dous ovos, que por sua mão assava ao lume de huma vela, com artificio que pera isso tinha por escusar criado, que nunca teve: e esta cea tomava polas onze da noite. Tal era a vida do Padre Frei Luis em S. Domingos de Lisboa, e por este teor a continuou em quanto teve forças, e robusteza, ajuntando ao que temos dito cilicios, e disciplinas continuas, mais ou menos asperas, segundo os tempos; porque d'estas alfaias possuia differentes generos, e como cousa amada, só d'ellas tinha chave; cilicio de sedas seco, e bem fero pera de ordinario, de ferro delgado ou latão, que chamão folha de Frandes, de que se fazem os ralos, usava em Quaresma, e dias particulares: e ao mesmo modo disciplinas grossas, e outras de rosetas.

CAPITULO XIV

Da pobreza voluntaria que o Padre Frei Luis seguia, e de sua grande humildade. Contão-se alguns casos em que se vio o que amava as virtudes.

A pobreza da cella era notavel pera em homem que havia governado a Provincia, e fora tão estimado em todo tempo dos Principes, naturaes, e estrangeiros como adiante veremos. Não havia n'ella píntura rica, nem peça de estima, nem livrarias pomposas por numero de livros ou calidade, ou concerto: tinha os que convinhão pera estudo, não pera ostentação. Na cama não havia differença das communs dos Frades ordinarios, senão em ser a sua mais pobre que muitas. O mesmo passava no vestido: não possuia mais que duas tunicas, nem mais que huns sós habitos, que lhe duravão muitos annos, porque os não largava se não no ultimo fio. Averiguou-se que se servia de hum sombreiro que tinha de uso quarenta annos, e huma capa de doze. E não nos espantaramos muito, se lhe faltara dinheiro de que se poder ataviar como pro-

prio, ou se em seus amigos não houvera charidade pera lhe acodirem. Sobejava-lhe dinheiro da impressão de seus livros, que podemos chamar proprios, porque os Prelados não lhe punhão n'elle taxa. E os amigos erão taes, que o importunavão que aceitasse d'elles, se quer o necessario pera viver com comodidade: porque tinhão poder, e desejos pera lhe darem até o superfluo. Mas elle nem d'estes queria nada: e o que lhe vinha dos livros aplicava á Communidade, ou despendia em esmolas. Ao seu Convento de Granada mandou poucos annos antes que falecesse huma esmola grossa negoceada com seu suor, porque era procedida de suas impressões. E com tudo são mais dignas de memoria as palavras com que a offereceo, que a mesma obra: escreveo ao Prior, que nos livros da receita do Convento mandasse fazer assento que Frei Luis de Granada, filho da lavadeira, e amassadeira d'elle, por ser filho de habito do mesmo enviara a tal esmola. Assi nos deixa em duvida quem teve aqui primeiro lugar, se a charidade acodindo á casa pobre, que era mãi: se a humildade em se lhe dar a conhecer por filho tão pequeno. Mas tal era Frei Luis, que quanto mais illustre, e levantado se via no mundo, tanto mais cuidado tinha de se humilhar, e abater, e reconhecer seus principios.

Em Setuvel lhe aconteceo, quando entendia na fundação do Convento de S. Sebastião, visitarem-no huns almocreves de Andaluzia, que vinhão a fazer peixe. Havia entre elles alguns que na verdade erão seus parentes. Recebeo a todos com tanta festa, e tanto amor partindo com elles do que tinha pera seu gasto, que acodirão outros a vel-o, e dar-se-lhe tambem por parentes: e o bom velho dizia-lhes com graça, e grande affabilidade as palavras seguintes: *Algunos arrieiros sabian yo que eran mis parientes, pero no pensava que eran tantos.*

A mesma humildade mostrou com hum amigo, e devoto seu, que doendo-se da singeleza que lhe enxergou no vestido em hum inverno ventoso, e frio, lhe quiz fazer hum genero de roupa, que alguns necessitados, ou amigos de si usão sobre o habito (chama-se na Ordem argao). Respondeo, que verdade era, que andava falto de roupa: mas que lhe lembrava que a mantilha, com que sua mãi o cobria quando ella pobre, e elle descalço, e esfarrapado hião buscar os pedaços de pão, e o caldo da portaria do Convento de S. Domingos de Granada, era muito mais velha que a capa, e habitos que de presente tinha. E acrecentou, que muitos homens de melhor sangue havia na cidade, que passavão mais

necessidades que elle. E por tanto a estes buscasse, e acodisse com o preço do argao, que seria melhor emprego: que elle com a sua pobre capa se dava por bem cuberto pera todo o inverno. Replicou o devoto confundido da resposta dizendo, que todavia sabia que a capa tinha já doze annos de idade, e não podia tolher o frio a quem tão velho estava como elle. Não se dobrou com nada, nem aceitou a offerta.

Ao Archiduque Alberto, quando governava este Reino, fez queixa hum criado seu, por quem mandara visitar ao Mestre estando enfermo, dos estremos de pobreza de hum homem que merecia ser visitado com recados de Sua Alteza; mantas de panno grosseiro, de consumidas do uso finas, e delgadas, tunicas grossas, e asperas, e tudo tão velho que competia com seu dono. Mandou logo o Archiduque que lhe levassem huma cama inteira nova, e seis tunicas de linho fino. Aceitou tudo como cortez, por honra de quem o mandava, mas de nenhuma cousa usou, antes ficando-se em sua pobreza fez com o Prelado que aplicasse tudo pera a enfermaria.

Despois que chegou aos ultimos tempos da idade, que Deos pera beneficio commum, foi servido estender-lhe até os oitenta e quatro annos, foi remitindo algumas cousas dos rigores referidos. Que quando a vida humana pola demasiada idade torna á fraqueza da infancia: quando a lingua enfastiada não sente já sabor nem gosto, os dentes ou são caidos, ou nadam na boca(1), o estamago não digere, e em fim tudo he trabalho e dor, ninguem pode culpar que seja aliviado dos pesos communs quem desd'a mocidade aturou o jugo com constancia. Todos estes males padecia o bom velho: e sobre elles foi Deos servido, que tendo naturalmente a vista curta, viesse a perdel-a de todo em hum olho á pura força de estudo. Foi-lhe mandado fazer hum sermão de hum dia pera outro, em occasião precisa; trabalhou toda a noite, deitou-se junto da manhã pera quietar a cabeça; acordando achou que se lhe vasara a minina do olho. Mas nem deixou o sermão, nem desmaiou: tão conforme vivia com a vontade de Deos. Antes dando-se por cego, e refirindo a elle tudo, determinou offerecer-lhe os sentidos, que lhe ficavão com novo sacrificio de verdadeira humildade, e bom exemplo pera os tempos presentes. Merecem os cegos de ordinario a esmola tangendo: considerou que podia tambem assi merecer o pão da Religião, e poz em execução o pensamento, aprendendo a tanger tecla, e soube-o fazer fa-

(1) Psalm. 89.

cilmente, porque o ajudava o canto do orgão em que era destro. Com tudo, ou fosse que a falta de huma vista, como he costume, esforçasse mais a outra, ou que quisesse o Senhor não privar sua republica dos fruitos de tal espirito, e de taes olhos: achando que a não perdia de todo, tornou a entender com os livros, e tomar a penna, e empregal-a como d'antes: e valia-se de hum meio com que sentia alivio, que era escrever em papel de cores. E alguns d'estes vierão a nossa mão escritos no tempo que começava a querer-nos dar de sua letra a vida do Santo Arcebispo de Braga dom Frei Bertolameu dos Martyres, que ainda vivia.

CAPITULO XV

De sua morte, exequias, sepultura, e epitafio d'ella.

Vivia o Padre Frei Luis já n'este tempo quasi meio morto nos sentidos: mas fresco, e bem robusto nas potencias da alma. Enchia-o o Senhor de consolação, e gloria com lhe mostrar grandes fruitos de seus estudos, fazendo-lhe vir ás mãos alguns de seus livros traduzidos em quasi todas as linguas de Europa, e em algumas de fóra. Porque sabidamente tinhão chegado á Turquia, e á Persia, como o escreve o Padre Frei Antonio de Gouvea, da Ordem dos Eremitas de Santo Agostinho, que despois foi eleito Bispo da Christandade d'aquellas partes com titulo de Sirene, affirmando(1) que vio presentar a el-Rei da Persia por mão de hum gentilhomem Veneciano o seu livro do Symbolo da Fé ricamente encadernado, e traduzido em lingua da terra.

Mas porque o enemigo do genero humano a nenhuma idade perdoa, e ainda n'aquella ultima velhice por ventura, tentaria levantar azas de vangloria: permitio o Senhor que succedesse na cidade de Lisboa hum caso, que grandemente quebrantou o santo velho. E foi tão vivo o desgosto, que recebeo, por ser materia em que o mesmo Senhor fora offendido, que finalmente, segundo a opinião commum, elle lhe abreviou os dias da vida: e veio a falecer ultimo dia do anno de 1588 em idade que tinha comprídos oitenta e quatro, e passava d'elles tantos mezes, quantos tinha tomado do de 1504 em que nacera. No dia seguinte depois de Completas foi dado á terra. Celebrarão-se suas exequias com grande concurso de povo, acompanhamento de gente nobre, e Religio-

(1) Lib. I. cap. 13. fol. 38.

sos de diversas Ordens, dos quaes foi tratado como varão que tinham por Santo, beijando-lhe muitos os pés, e mãos, e outros tomando, e levando retalhos do habito. Deu-se-lhe sepultura no ante coro, cuberta de huma campa de jaspe, e entalhada n'ella a letra seguinte, que foi escolhida entre muitas, que em seu louvor se fizerão, por ser mais conforme com a certeza de suas cousas.

Frater Ludovicus Granatensis ex Prædicatorum familia, cujus doctrinæ maiora extant miracula Gregorij Decimi Tertij Pontificis Maximi oraculo, quam si cæcis aspectum, mortuis vitam impetrasset, Pontificia dignitate sæpius recusata clarior; mira in Deum pietate, et in pauperes misericordia, insigniumque librorum ac concionum varietate toto Orbe illustrato, ætatis suæ anno 84 *Ulyssipone moritur magno Reipublicæ Christianæ desiderio pridie Kalend. Januarij anno* 1588.

Em vulgar responde o seguinte.

O Padre Frei Luis de Granada da Ordem dos Prégadores, cuja doutrina foi tal, que por dito do Papa Gregorio decimo tercio maiores milagres obrou, que se de Deos alcançara vista pera cegos, e vida pera mortos: mas muito mais famoso, porque sendo buscado muitas vezes pera Bispo, sempre enjeitou a honra: insigne por devação, e amor de Deos, e por caridade com os pobres: tendo allumiado toda a redondeza da terra com diversidade de excellentes livros, e sermões, faleceo em Lisboa aos oitenta e quatro annos de sua idade com grande saudade de toda a Republica Christã, ultimo dia de Dezembro, e do anno de 1588.

CAPITULO XVI

Do grande credito que sua pessoa, e escritos tinhão por toda a Christandade entre todo genero, e estados de gente.

Derão grandes, e illustres testimunhos das letras, e erudição, do espirito, devação, e santidade d'este varão, sabios e doutos escritores, senhores Ecclesiasticos e seculares, Reis e Principes, e em fim o Principe e senhor de todos, que he o Vigario de Christo na terra. E começando polos letrados, segundo o que propuzemos seja o primeiro o in-

signe varão não só em letras, mas tambem em virtude Martim de Aspilcueta Navarro, o qual no prologo do seu Manual de Confessores, que imprimio em vulgar no anno de 1557, allegando alguns homens doutos diz assi: *De los quales fue aquel de singularissima vida y espirito, summo predicador e igual escritor Fr. Luis de Granada, gran gloria de los Dominicos, etc.*

Não dizem menos as palavras do Inquisidor de Sicilia dom Luis de Paramo, no livro que compoz do principio da Santa Inquisição (1); e significão traduzidas o seguinte: *Bem entendia isto o Padre Frei Luis de Granada: no qual resplandeceo em grande maneira o conhecimento da Divina sabedoria, etc.*

Mais que ambos se estende o Padre Frei Fernando de Castilho, que como quem era de casa, e sabia muito do sojeito fala assi (2):

Entre los quales contamos al Padre Frai Luiz de Granada, Predicador universal de todas las provincias de Christianos, que desde su celda ha muchos dias que haze este officio, alumbrando y enseñando al mundo con sus muchos libros y tratados llenos de espirito y erudicion: por quien se ha renovado en nuestros tiempos el santo exercicio de la Oracion, y se ha hecho una general reformacion de las costumbres en el pueblo Christiano, tal y tan grande, que aunque en este lugar lo quiseramos passar en silencio (por ser vivo el autor) no lo consintieran los Reinos y Provincias Catholicas en España, Italia, Francia, Flandes, Alemania, ni las Indias Orientales y Occidentales: adonde con los trabajos deste Padre descançan, y se consuelan los fieles, y traen sus libros entre las manos cada uno en la lengua vulgar de su tierra, aprenden la Castellana para entenderlos o aprovechar-se d'ellos toda suerte de gentes en todas naciones, y de todas edades, de todos officios, y de todos estados: confessando por sus bocas sin contradicion alguna, que no es pequeña señal de aver sido inspiration del Cielo.

Seria fazer grande volume se escrevessemos tudo o que muitos disserão. Bastará hirem allegados na margem. Busque-os quem for curioso.

Não engrandecem menos as letras d'este Padre todos aquelles que com seus escritos quiserão honrar-se, ou aproveitar aos outros, como fi-

(1) Lib. 2. tit. 3, cap. 2. §. 1.

(2) Na Chron. da Ord. part. 1. lib. 3. cap. 43.

zerão muitos, entre os quaes foi o Padre Frei Barnabé de Xea, com hum livro intitulado: *Annotationes in Evangelia totius anni de Tempore et Sanctis, ex omni in universum, quæ hucusque extat doctrina admodum Reverendi Patris Magistri Fratris Ludovici Granatensis.*

O mesmo fez Miguel de Isselt Alemão, o qual escreveo dous livros em lingua Latina, e chamou a hum d'elles: *Flores colhidas de todas os livros espirituaes que compoz o Padre Frei Luis de Granada.* E o titulo do outro he: *Paraiso de Oração tirado das obras do Padre Frei Luis de Granada, e de outros Padres Santos.*

O devotissimo Lourenço Surio traz em suas obras alguns sermões inteiros, declarando que são do Padre Frei Luis de Granada, como se póde ver nas festas da Visitação, e Assumpção de N. Senhora.

O Bispo de Novara Cesar Speciano, que despois foi Nuncio Apostolico na Corte de Castella, fala tão largamente, e com tanta admiração nas cousas do Padre Frei Luis, que se não fora sua grande autoridade, e sabermos as poucas relações que com Portugal teve, o puderamos lançar de suspeito. Veja-se o livro que escreveo da vida do grande Arcebispo, e Cardeal de Milão S. Carlos. Porque seria cousa mui comprida apontarmos aqui tudo o que diz.

O que não fez por escritos publicos, mostrou em obras, e cartas particulares o santo varão dom João de Ribera, filho do Marquez de Tarifa, Arcebispo de Valença, e Patriarcha de Antiochia. Com as cartas se encommendava affectuosamente nas orações do Padre Frei Luis, sendo taes as proprias, que podia valer com ellas a muitos. E juntava a suas cartas esmolas grossas de dinheiro pera serem repartidas por tão justo dispenseiro, como tinha por certo que o era o Padre Frei Luis.

De senhores particulares do Reino, e de fóra d'elle, que com grande familiaridade tratarão este Padre estimando-o muito, poderamos apontar grande numero: mas bastará pera exemplo nomearmos alguns estrangeiros, como forão o grande Governador de exercitos, o Duque de Alva dom Fernando Alvares de Toledo quando se achou em Lisboa, onde acabou: e o Duque de Beijar, que sendo ainda Marquez de Gibraleão veio disfarçado a Lisboa, e o visitou, e se lhe descobrio em sua cella. De Italia vierão fidalgos principaes em habito de peregrinos, affirmando que o fim principal de sua peregrinação era quererem conhecel-o de rosto. Sobre todos se lhe mostrou domestico, e amigo o Principe do mar João André de Oria vindo a Lisboa no anno de oitenta e dous: porque não

se contentou com menos que tomar papel, e tinta dentro na sua cella, e escrever á princeza sua molher, pedindo-lhe os parabens de tão boa ventura sua, como julgava que era poder fazer aquella carta de tal lugar.

Podemos colher de tudo o dito, e affirmar com rezão que não houve entre os nacidos homem, que sem ser Principe secular nem Ecclesiastico fosse mais estimado, nem mais famoso no mundo. E com tudo ainda nos fica muito que dizer. Fama publica he confirmada por dito, e escritos de muitos, que a Rainha dona Caterina o escolheo, e nomeou pera Arcebispo de Braga. E seu neto el-Rei dom Sebastião lhe quiz dar outros Bispados. E quanto á primeira prelacia não só a não aceitou; mas deu pessoa em seu lugar pera ella, como atrás fica dito, que foi fazer Arcebispo, que he mais que sel-o. As outras refusou com humildade, e valor Apostolico. El-Rei dom Filippe primeiro d'este nome em Portugal, quando entrou n'elle, mostrou tanto desejo de o ver, que estando ainda em Almada o mandou chamar, e lhe falou, e o tratou com grande benignidade: e com a mesma lhe ouvio alguns sermões na capella Real de Lisboa.

Dos Cardeaes S. Carlos de Milão, e Frei Miguel Bonello Alexandrino sabemos certo, que o primeiro foi efficaz promotor com os Papas Gregorio XIII, e Xisto V pera que o honrassem não só por escrito, mas com o capello de Cardeal: e o segundo o estimou tanto, que vindo a Portugal por Nuncio, disse publicamente, que o gosto de o poder ver lhe fizera o cargo saboroso: e ambos o tratarão por cartas toda a vida, com particular familiaridade pedindo-lhe suas orações.

CAPITULO XVII

Que contem humas letras Apostolicas, com que o Summo Pontifice honrou sua pessoa, e escritos.

Resta-nos pera conclusão do mais que podiamos dizer do Padre Frei Luis, o que he maior gloria, e maior encomio seu, digo as honras que o Principe supremo da Igreja lhe fez. Constão estas de hum Breve que o Papa Gregorio decimo tercio lhe mandou, que anda acostado a algumas obras suas, e diz assi.

*

Dilecto filio Aloysio Granatensi Ordinis Prædicatorum Gregorius Papa Decimus Tertius. Dilecte fili, salutem, et Apostolicam benedictionem. Diuturnus atque assiduus labor tuus in hominibus, tum à vitijs deterrendis, tum ad vitæ perfectionem vocandis fuit semper nobis gratissimus: ijs vero ipsis, qui suæ cæterorumque salutis, et Dei gloriæ desiderio tenentur, fructuosissimus jocundissimusque. Multas olim conciones habuisti, libros præstanti doctrina et pietate refertos edidisti, idem quotidie facis, nec unquam cessas præsens atque absens quam plurimos potes Christo acquirere. Gaudemus isto, tum aliorum, tum tuo ipsius tam præstanti bono et fructu. Quot enim ex concionibus scriptisque tui profecerunt (profecisse autem per multos, quotidieque proficere certum est) totidem Christo filios genuisti, longèque illos maiori beneficio affecisti, quam si cæcis aspectum, aut mortuis a Deo vitam impetrassses. Præstat enim multò sempiternam illam lucem et vitam beatissimam (quoad mortalibus datum est) nosse, et piè sanctèque viventem ad eam aspirare, quam mortali hac vita et luce frui, omni cum terrenarum rerum affluentia et voluptate. Tibi verò ipsi quàm multas ta Deo coronas comparasti, dum omni cum charitate in eo studio versaris, quod constat esse longè maximum. Perge igitur rt facis, in istam curam toto pectore incumbere, quæque habes inchoata (habere enim te nonnulla accepimus) perficere, et proferre ad ægrorum salutem, debilium confirmationem, ralentium et robustorum lætitiam, utriusque, tum militantis tum triumphantis Ecclesiæ gloriam. Datum Romæ apud sanctum Marcum sub annulo Piscatoris die XXI Julij M.D.LXXXII. Pontificatus nostri anno undecimo.

Antonius Buccipalulius.

Em vulgar responde o seguinte.

A nosso amado filho Frei Luis de Granada, da Ordem dos Prégadodores, o Papa Gregorio Decimo Tercio. Amado filho, saude, e benção Apostolica. Sempre nos foi agradavel o trabalho, com que continuais, e perseverais assi em procurar apartar os homens de peccados, como em os convidar, e chamar pera a perfeição da vida: trabalho cheio de fruito, e gosto pera os mesmos que desejão a salvação dos proximos, e sua, e estimão a gloria, e honra de Deos. Muito tendes prégado em tempos atrás; muitos livros tendes composto de santa, e poderosa doutrina: o mesmo fazeis de presente, não cansando de ajuntar gente pera Christo

ao perto, e ao longe. Muito nos alegra isto: tanto polo bem, e fruito que resulta pera outros, como pera vós mesmos. Porque quantos se aproveitarão de vossas prégações, e livros (que averiguado he terem valido a muitos, e cada hora valerem, e aproveitarem a outros) tantos filhos gerastes pera Christo: e muito maior bem lhes fizestes que se, sendo cegos, ou estando mortos, lhes alcançareis de Deos, pera huns vista, e pera outros vida; porque muito mais importa chegar ao conhecimento da soberana luz, e bemaventurança eterna, quanto he licito a hum homem mortal, e aspirar a ella por meio da virtude, e santidade, que gozar da luz, e vida presente, ainda que seja com toda a abundancia dos bens, e gostos da terra. No que tambem ganhastes pera vós muitas coroas empregando-vos por amor de Deos em taes cuidados, nos quaes sois continuo, e aturado. Por onde prosegui, e trabalhai como fazeis a toda a força, e levai adiante as obras que tiverdes começadas, que sou informado trazeis algumas entre mãos, e fazei polas acabar, e publicar pera saude dos enfermos, confirmação dos fracos, alegria dos sãos, e valentes, e honra da Igreja militante, e triunfante. Dada em Roma em S. Marcos aos vinte e hum de Julho de 1582, aos onze annos do nosso Pontificado.

Sucedeo ao Papa Gregorio na Cadeira de S. Pedro o Papa Xisto quinto da Ordem de S. Francisco, o qual conhecendo o valor do mesmo Padre, e o muito proveito que tinha feito na Republica Christã com seus escritos, determinou em galardão d'elles fazel-o Cardeal: e estorvou-se a promoção, porque muito antes de entrar em creação de Cardeaes publicou, e communicou esta vontade a alguns do sagrado Collegio: e chegando a nova, como logo chegou a Portugal, sabemos de certo que se affligio com ella sobremaneira: e que com toda instancia escreveo a seu grande amigo o Cardeal Alexandrino Frei Miguel Bonello, Frade nosso, que mostrasse o amor que lhe tinha, e a honra que sempre lhe fizera em lhe estorvar esta. E por tal modo deixou de vir a effeito. Do que dão bons testimunhos o Bispo de Novara Cesar Especiano, na vida de S. Carlos: e os Padres Frei João Marieta, e Frei Francisço Diago em seus escritos.

CAPITULO XVIII

Do Padre Frei Reginaldo de Mello, filho d'este Convento.

D'este Convento de Evora era filho, e n'elle acabou seus dias o Padre Frei Reginaldo de Mello, de espirito verdadeiramente Apostolico, e tão penitente que até a ultima doença, de que faleceo, e ainda no discurso d'ella até á hora que foi ungido, andou sempre cingido á raiz das carnes com huma cadea de ferro de duas voltas, fechada com cadeado, e a chave perdida, pera perder tambem toda esperança de alivio. A este modo era todo o trato da vida. Na cella não havia mais livros que hum Flos Sanctorum pera estudo, hum breviario pera rezar, hum enxergão de palha, e mantas de saco pera cama, hum pequeno banco de pinho pera assento, negro, e defumado de velho. De toda a mais commodidade, e alfaias que a velhice permitte, e as doenças desculpão estava totalmente erma. As tunicas que vestia (havendo por cousa mimosa a estamenha, que usamos commumente em Portugal, pola mistura que tem de linho) erão de huma que na Provincia chamamos de Elvas, e não tem mais differença do saco que ser mais solta, e mais delgada, sendo da mesma lã, e tão seca, tão mordente, e aspera como o mesmo saco. O dormir inverno, e verão era vestido, seu escapulario posto, e capello metido na cabeça. Nunca comeu carne, salvo por doença: nenhuma sesta feira de todo o anno tomava mais mantença que hum bocado de pão, e este á noite, acompanhado de huma laranja azeda em honra do fel, e vinagre de Christo Senhor Nosso: nos mais dias, de tudo quanto vinha á meza, tanto que lh'o punhão diante, tirava precisamente ametade pera os pobres, com quem tinha tão particular devação que nunca sahia fóra de casa sem levar alguma cousa pera lhes dar: e era costumado todas as sestas feiras buscar cinco mais necessitados; e em reverencia de Christo, pai d'elles, repartir-lhes huma pobre esmola que buscava, e negoceava como podia, que erão quando mais não alcançava cinco moedas de tres reis cada huma, com ellas cinco quartos de pão. Esmola fraca, e pobre, mas era tudo, ou ainda mais de quanto abrangia a possibilidade de quem tudo tinha deixado por Deos, e do mundo não queria nada. Sua vida se resolvia em hum perpetuo encerramento na cella, despois de livre das occupações ordinarias do Convento: e n'ella em hum perpetuo exercicio de novo genero de oração, que era toda la-

grimas, e gemidos. A todo tempo que o buscassem, vertião seus olhos agua, e o peito batião suspiros, sem se poder reprimir nem encobrir: obra de que se arguião grandes, e soberanas causas, as quaes elle tinha cuidado de esconder com hum segredo tão constante, que se mostrava bem verdadeiro imitador dos nossos antigos Padres. Mas por toda a Provincia tinha nome de santo, conjeiturando os que bem julgavão por rezão de espiritual Filosofia, que não podião sahir duas fontes de agua perene, senão de hum coração que ardesse em fogo (fogo de amor divino) conforme ao que está escrito: *Fulgura in pluviam fecit* (1). Por ser tal foi buscado desde moço pera Supprior em alguns Conventos, e despois pera Vigario de Freiras, e foi Prior em Evora, como se vê de sua sepultura, e em outras partes.

Temos hum bom testimunho de outro grande mestre de espirito, que foi o Arcebispo Primaz dom Frei Bertolameu dos Martyres, varão nunca louvado quanto merece. Chama-lhe em huma carta (2) o seu Apostolo de Coira, porque em tal tempo andava prégando naquelle districto, que he da diocesi de Braga. Mas era testimunho de amigo: que se por tal podia causar sospeição, daremos muitos de hum enemigo capital qual era Lucifer, que descobria com raiva as virtudes que aborrecia no servo de Deos. Perseguia-o na cella, e fora della a todo tempo, fazia-lhe medos, perturbava-o na oração. Porem havia-o com soldado velho, e sabio, que d'elle nenhum caso fazia: e quando mais afrontado se via, pagava-se com lhe dizer quem era, em muitos vituperios: dos quaes ficou hum em memoria que por mais injurioso, e mais sintido do enemigo, devia o Santo repetir muitas vezes: pera notar de feo, e nojento a quem foi tão fermoso, que competia com a estrella d'Alva (3), acertava-lhe com o nome: chamava-lhe moquenco.

Sendo muito velho, e cahindo na ultima doença, de que acabou, deu ella causa de se lhe sentir o ferro que cingia, porém já tão tarde que foi ao receber da santa Unção. Entendido do Prelado mandou-lhe com preceito que o lançasse fóra. Mas que remedio, que não havia chave? Deu-lho a mesma infirmidade, que o tinha reduzido a estado, que fazendo-lhe a cadea d'antes algumas chagas de apertada, agora lha despirão facilmente polos pés: tão consumido estava. E he circunstancia de grande consideração que vivendo muitos annos entrevado, e tolhido de

(1) Psalm. 135. (2) No livro de sua vida, impresso em Vianna livro 2. cap. 11.
(3) Isai. 14.

quasi todos os membros, e sendo penoso pera quem jaz qualquer cingidouro, sofreo este, que por ser de ferro havia de ser penosissimo, até á ultima hora. Lidava já com a morte, e não se podia acabar com elle que mudasse a cama: obrigou-o Prelado com obediencia. Passarão-no a colchões, e lençoes. Mas foi matarem-no mais depressa com o mimo: como aconteceo ao outro, que tirado do lago meio congelado, mas vivo, acabou logo na recreação do fogo que aceitou. Com rios de lagrimas pedia que o tornassem ao seu antigo, e conhecido leito, se querião que vivesse algum dia mais. Não consintio a charidade dos enfermeiros, pagou-o a vida do Santo, concluio-se logo.

Em premio de virtude tão provada, e sinal de tempos mais politicos, ou menos severos, se esculpio huma letra Latina em sua sepultura de que he bem se não perca a memoria, quando a pedra se gastar. Diz assi:

Reverendus Pater Frater Reginaldus de Mello quondam hujus cœnobij præfectus vir sanctitate, et austeritate vitæ insignis hic situs est.

Aqui jaz o Reverendo Padre Frei Reginaldo de Mello, Prelado que foi d'este Convento, varão insigne por santidade, e rigor de vida.

Mas ainda se vê descuido nesta memoria; pois lhe faltão os annos que teve de idade, e o em que acabou. Procurámos averiguál-os, e achamos que o transito foi no de 1596 polo mez de Maio, e que já então passava alguns de setenta. A cadea se estimou. como era rezão, e anda hoje no deposito do Convento guardada em huma bolsa por thesouro, e moeda de preço.

CAPITULO XIX

Da estranha penitencia, e morte do Padre Frei Duarte de Oliveira.

Poucos annos despois faleceo n'este Convento o Padre Frei Duarte de Oliveira, que á grande virtude, e vida mui religiosa, e boas letras ajuntou famosa eloquencia. Foi hum dos Padres que n'esta Provincia maior nome ganharão na prégação, e com mais justiça o possuirão: por que se vião nelle juntas todas as partes que a outros illustrão repartidas, graça natural, meneo airoso, e grave, elegancia de palavras, agu-

deza de rezões, e conceitos: e de tudo isto tinha tanto, que não podia acabar comsigo fazer sermão curto: e só d'isso era tachado. Porque faltão n'esta idade os entendimentos de hum Tullio, que sendo perguntado qual lhe parecia melhor de todas as orações de Demosthenes, respondeo que a mais comprida. Digna reposta de tão grande juizo. Porque na verdade nunca o que de sua natureza he bom, pode perder, ou danar-se por muito: nem o que he máo, melhorar por pouco. Como prégava com obras e palavras, era sua prégação fogo que abrasava, espada que penetrava. Assi era estimado, e buscado de todos, e particularmente amado do grande Prelado dom Theotonio de Bragança.

Como era de continuo occupado n'este ministerio, sintia não poder acudir aos exercicios de penitencia, tanto quanto seu espirito o inclinava. E era ponto, em que ordinariamente fazia muita força, amoestar a todos prevenção, e provimento de penitencia pera o dia da morte, onde he obrigação satisfazer de contado: affirmando com exemplos dos Santos, que até aos mais perfeitos (não só aos pecadores) convinha fazer alforge d'ella, e não guardar a paga pera a outra vida. N'este discurso se affervorou hum dia com grande vehemencia, e por remate fez huma exclamação a Deos com affeito, e palavras sahidas da alma, pedindo-lhe que fosse servido dar em sua vida algum meio, com que n'ella pagasse as penas, que por seus peccados havia de padecer no Purgatorio. Não despreza o Senhor petições justas, porque d'elle nace o espirito pera sabermos pedir: e não devia ser esta sua só d'aquelle dia. Passado pouco tempo, começou a sintir-se indisposto, passou alguns annos cahindo, e levantando. Em fim veio a cahir de todo com hum mal de tal calidade (como ha tantos, e tão varios pera hum miseravel corpo humano) que sem o acabar, lhe acabou, e jarretou todos os membros, sintidos, e potencias, e deixou-lhe só sinal de vida no movimento do pulso, e olhos: ficou em tudo o mais como hum tronco, provido de espirito vegetativo, recebendo a mantença, se lha davão: e não na pedindo, se lhe faltava. Foi caso novo, e nunca ouvido, que passou neste estado sem mudança seis annos inteiros: e no cabo de tão longa, e extraordinaria penitencia, foi Deos servido que tornasse em si pera morrer. Era por fim de Dezembro do anno que acabava de 1600, e em dia de S. João Evangelista: notava o enfermeiro, que havia dous dias que quasi não comia nada do que lhe dava, e tirava muito do peito com o folego apresurado; pareceo-lhe que era acabar, chegou-se a elle, bradou-lhe di-

zendo, que soubesse que era dia do Evangelista S. João; que se era seu devoto, comesse por amor delle. Espertou a esta voz como quem sahe de huma pesada modorra, ou de encantamento; ouvio, entendeo, falou, e respondeo; foi correndo o enfermeiro ao Prior que era o Padre mestre Frei Antonio Tarrique, deputado do Santo Officio, que lhe desse confessor; mandou-lhe o Padre Mestre Frei Antonio da Resurreição, que então lia no Convento, e agora lê na Universidade de Coimbra cadeira de Prima de Theologia. Achou-o com perfeito juizo, e discurso, e conhecido do estado em que estava, que era no ultimo fio da vida. Assi se confessou como virtuoso, e como letrado; e estava tanto no cabo, que não houve tempo pera lhe darem o Viatico, e sómente foi ungido, e acabou logo. A vida passada era tão boa, e a confissão presente foi tal, que o Prelado affirmou, que se o dia seguinte, em que o derão á terra, não fora dos Santos Innocentes, em que a Igreja muda paramentos, com os de festa lhe houvera de celebrar as exequias, como a Santo, que por tal o tinha, e que não era inconveniente o successo de não poder receber o Santissimo Sacramento, porque todos sabião que muitas vezes o recebera quando andava enfermo, antes de cahir naquelle adormecimento mortal.

Conta-se d'este Padre, que com ser continua a sua occupação de prégar, todas vezes que era chamado pera fazer alguma confissão, acudia muito levemente, e de boa vontade. E succedendo hum dia chamal-o hum irmão leigo, em conjunção que ao mesmo parecia impossivel deixar o que fazia, elle se levantou, e largou tudo, dizendo: Vamos, vamos. Que sei eu se me faltará a mi a Confissão, quando eu faltar com ella ao proximo? Pagou-lhe Deos n'esta parte tanto á medida da necessidade, como vimos; pera exemplo, e aviso do que está escrito; que pola mesma vara que medirmos pera nosso proximo, se ha de medir pera nós (1).

Mas devemos n'este passo grandes louvores á Misericordia Divina, que dando trabalhos, logo sabe dar os meios pera serem toleraveis. Assi proveo a Frei Duarte de hum enfermeiro, que como se fora mãi, e mãi muito maviosa, e elle filho minino, e muito querido, assi curava d'elle, assi o alimpava, e pensava, e amimava; e fazendo rara, e penosa penitencia na penitencia alhea constantemente o servio até o ultimo espirito. Grande gloria da Religião, e grande boa ventura dos que a sabem buscar, pois só n'ella se achão estes milagres de charidade. Não diremos o nome, por seguirmos o que havia o Espirito Santo, que he não

(1) Math. 7.

louvar ninguem em vida (1). Baste ficar sabido que era Irmão leigo, pera se consolarem elle, e os de seu estado, e nos animarmos todos os que trazemos este santo habito a exercitar com todas as forças esta virtude, lembrados que por testamento nos foi encommendada por nosso santo fundador.

He este Convento pobre de antigualhas dignas de escritura. E porque se veja que nos não faltou diligencia pera as inquirir, daremos aqui huma letra de uma sepultura, que achamos no claustro, ao parecer das bem antigas da casa, que pola sentença não desmerece este lugar.

Ne fleas viator. Hoc non mortem putavit Franciscus. Quiescunt boni mortui. Cessant peccare improbi. Quasi dizendo: Não me chore ninguem: que eu Francisco, não tive por morte o acabar. Descanção os que bem acabão. Acabão de peccar os que mal vivem.

No Capitulo jazem dous Bispos, ambos Frades Dominicos, e filhos do Convento de Lisboa: ambos titulares, e do serviço da Santa Sé de Evora, no tempo que d'ella era Prelado o Cardeal Infante, que despois foi Rei dom Anrique. Hum he dom Frei Gaspar dos Reis, Bispo de Tripoli: outro dom Frei Jeronymo Pereira, Bispo de Salé. De ambos fazemos atrás larga menção (2).

CAPITULO XX

Da fundação, e primeiros principios do Mosteiro de S. Domingos das Donas de Santarem.

Pera tratarmos da fundação do mui observante, e antigo Mosteiro de Religiosas de S. Domingos da villa de Santarem, a quem a idade antiga com cortezia, e devação, e por mais respeito, e honra, poz nome das Donas, he necessario tomarmos o principio de muito atrás, e tornarmos com a historia aos annos, e memoria do glorioso Padre S. Frei Gil. Porque assi como nosso Santo Patriarcha foi o primeiro autor de recolher donzellas em perpetua clausura, começando em Tolosa, e despois em Roma, e Madrid: foi tambem S. Frei Gil principio, e causa originaria em Santarem do primeiro encerramento de virtuosas donzellas, e de outras mulheres, que deixando o mundo se determinarão a seguir o Divino Esposo, em huma vida quanto ao corpo penosissima, mas pera o espirito verdadeiramente Angelica. E passou o negocio d'esta maneira. Despois

(1) Eccles. 11. (2) Liv. 3. cap. 35.

que a religiosa donzella Elvira Duranda obrigada da visão celestial, que largamente contamos no segundo livro (1), deu de mão a todos os bens, e esperanças da vida secular: e ficou voluntariamente reclusa entre quatro paredes, polos annos do Senhor de 1240, sem mais differença de sepultura, que ficar-lhe na pequena cella huma mui estreita fresta, ou séteira, que lhe servia de luz, e de receber por ella o mantimento, e a seus tempos os Santos Sacramentos da Confissão, e Communhão: não pode largar nunca a devação da casa em que Deos a alumiou. Vestia o habito de S. Domingos, confessava-se, e consolava-se com os nossos Religiosos, e esforçada de suas exortações, e conselhos corria o caminho d'aquelle deserto com alegria, e constancia. Algumas vezes a visitava, e consolava o Santo Padre Frei Gil; e vendo o valor de espirito com que procedia, dava graças ao Senhor, espantado do muito que pode a mais fraca natureza, quando he ajudada da graça. Animava-a, e encomendava-a a Deos com grande affeito: e quando se achava entre seculares falava n'ella com tanto louvor, que juntas suas palavras ao que toda a villa por seus olhos via, e sabia da perpetua penitencia a que se condenara, espertarão santa enveja em muitas donzellas nobres, e compungirão outras mulheres pera se determinarem a semelhante empreza. Começarão duas, seguirão outras, e pouco, e pouco mais, fazendo suas cellinhas separadas, e cada huma de per si: e trazião todas o habito de S. Domingos, á imitação de Elvira Duranda, como fora a primeira n'aquelle genero de vida: e por sua conta acodião os nossos Frades a todas com a administração dos Sacramentos. D'aqui naceo então dar-lhes o povo nome de Freiras de S. Domingos, não tendo porém d'este Santo mais que a piedade, com que o Santo Frei Gil, e seus Frades por sua ordem lhes assistião: e a devação, e o habito que ellas voluntariamente usavão: como n'aquelle tempo não havia rigores, com que hoje se costuma acudir a semelhantes eleições.

Não havia ainda em Santarem Mosteiro nenhum de Freiras. Porque o de Santa Clara, que foi o primeiro, não teve principio senão dezenove annos despois d'este em que vamos, que foi o de 1259. Assi forão as reclusas em tanto crecimento, que chegarão as cellinhas a formar huma boa rua, e erão em numero quasi vinte: e como estavão divididas, e postas em ordem occupavão muito sitio: e este se estendia da ermida da Trindade contra o Convento de S. Francisco. Nos primeiros annos erão estimadas de toda a terra, e de todos os Religiosos bem vistas,

(1) Liv. 2. cap. 22.

como gente santa, e que na verdade o era. Mos correndo o tempo começarão os Padres Menores, que por este tempo erão vindos a fundar em Santarem no sitio que hoje tem, a haver por pesada a visinhança. Porque imaginando d'antes, que como aquelle genero de Religião fora principiado sem fundamento, assi cahiria brevemente por si, vião agora que levava caminho de se perpetuar: era a rezão, que as que falecião deixavão as cellas a parentas ou amigas, que logo as pejavão: e não faltava quem de novo edificasse outras. E sintião os Frades prantar-lhes em suas portas hum mosteiro (que por tal o havião já) de molheres. Fizerão primeiro requerimento aos Frades do nosso Convento, pedindo-lhes, que pois aquellas molheres erão já em tanto numero, que fazião hum bom mosteiro, e trazião o habito de S. Domingos, e se davão por Freiras suas no vestido, na obediencia, e no governo, quisessem tiral-as da visinhança do Convento alheio, e passal-as pera junto de si. Defendeo-se o nosso Prior com a verdade, dizendo que as chamadas Freiras sendo como erão emparedadas, lhe não pertencião a elle, nem á sua Ordem em nada. Porque no temporal era cada huma senhora de si: e só no espiritual lhes acodia, como estava obrigado a todas as mais pessoas d'aquella villa quando o buscavão: e se o fazia com mais prontidão, não era respeito do habito, pois esse tomado por eleição propria, e não dado por Prelado da Ordem, pouca obrigação lhe punhão: senão por ser gente que procedia com grande exemplo de virtude, e muitas d'ellas erão do melhor da vila: e huma cousa, e outra as fazia não só dignas de favor, mas tambem de veneração. E pola mesma rezão ficavão elles Padres Menores obrigados a não as inquietar. Não se derão elles por satisfeitos de resposta tão justificada, e pozerão logo o negocio em praça, e em litigio, requerendo juntamente as emparedadas pera despejarem o sitio. He de advertir pera o diante, que os escrivães dos autos, que na contenda se processarão, como se fazião em Latim, quando falão n'estas molheres lhe chamão *Dominas*: que he o primeiro fundamento, que achamos pera n'este nosso Mosteiro começar o nome de Dominas, que hoje dura. Advogou polas emparedadas virtude, e nobreza, e a posse em que estavão. E como os Reis d'este Reino por sua muita Christandade vigiarão sempre sobre a quietação, e bom governo das Religiões, que era grande meio pera a observancia andar em seu ponto: el-Rei dom Affonso terceiro, que então reinava, affeiçoado a huma, e outra Ordem, escreveo logo aos Geraes de ambas dessem traça como a questão se definisse ex-

trajudicialmente, e sem passar a escandalos, por juizes arbitros. Correo a materia com toda a formalidade como era guiada por el-Rei. Nomearão-se juizes, forão confirmados por seus maiores. Houve juntas, e consultas, e era el-Rei de animo tão pio, ou havia tão pouco em que entender n'aquelle bom tempo no governo do Reino, que se quiz achar n'ellas, e dar seu voto na sentença como qualquer dos Juizes. Sentenciou-se a causa em dezesete de Novembro de 1261. Mandou-se que até dia de Natal proximo fossem os Frades de S. Domingos obrigados a fazer mudar as reclusas (chama-lhes a sentença Latina, *Fratrissas*) que trazião o seu habito, e pera onde ficassem apartadas dás Igrejas de S. Francisco, e da Trindade: porém com tal declaração, que se ellas por terem comprado o sitio por seu dinheiro, ou polo direito da posse quizessem n'elle continuar, despirião logo o habito Dominico, e ficarião incapazes de nomearem por morte as cellas em outras mulheres pera effeito de seguirem n'ellas o mesmo modo de vida: e juntamente não receberião, ou consentirião em sua companhia d'aquelle dia em diante outra nenhuma emparedada. Publicou-se a sentença, e mandou el-Rei pendurar n'ella o sello Real. Mas não bastou isso pera as emparedadas consentirem no julgado, ou se haverem por obrigadas ás condições d'elle: antes appellarão pera Roma, e souberão propor sua queixa, e ordenar tão bem suas rezões, que o Summo Pontifice, que era Urbano quarto, cometteo o conhecimento da causa ao Bispo de Lisboa: diante do qual provando as reclusas, como provarão, que algumas d'ellas erão mais antigas no sitio, que os Padres Franciscanos na villa, só por este fundamento, que era bastantissimo, julgou, e assi ficou determinado que fossem conservadas em sua posse por todo o tempo de sua vida.

CAPITULO XXI

Mudão as emparedadas em encerramento commum o particular que tinhão: e ficão no mesmo posto em forma de Mosteiro. Recrecendo novas queixas, dá-lhes o Convento de S. Domingos o sitio da Madalena.

He nossa natureza mui amiga de se perpetuar. Festejando as emparedadas muito a sentença não se pode crer quanto se desgostarão do ponto ultimo, que restringia todo o favor ás vidas das possuidoras. E forão logo cuidando que remedio haveria pera vencerem esta contrárie-

dade, e continuarem por si hum genero de vida tão bem recebido na terra. Pareceo-lhes que se deixassem a singularidade em que vivião, e se reduzissem a viver juntas em Communidade, e com sua clausura, ficarião habilitadas pera a Ordem as receber por Freiras suas, como recebera as de S. Sixto em Roma: e assentavão, que como tivessem tal patrocinio, não tinhão que temer, porque a mesma Ordem pugnaria polas perpetuar recebendo noviças, e litigando por ellas com melhores armas que as da primeira controversia. Só nos modos sintião difficuldade: porque estavão certos novos embargos, novas altercações, e desgostos. Em fim resolverão trocar huma vez a clausura, por termo que aparecesse a cousa feita antes de sintida, e da melhor maneira que podesse ser: se não fosse da que mais cumpria: e deixar o mais a beneficio do tempo, e da ventura. Não nos consta se foi o conselho communicado com os Frades: mas sabemos que o poserão ellas em execução com grande animo, e segredo igual. E passou assi.

Derão conta a alguns parentes do disenho: e como as mais d'ellas os tinhão na terra ricos, e poderosos, e que tomavão mal perder-se aquella Congregação, apercebeo-se caladamente todo o necessario de materiaes, e petrechos, officiaes, e trabalhadores: e teve a traça tão bom succeso, que anoitecendo hum dia no seu encerramento particular, amanhecerão no outro com clausura commum: e de emparedadas aparecerão soltas, e livres das sepulturas, e ficarão juntas em communidade. Foi a ordem que cerrarão de taboado alto, e empinado pola banda de fóra as distancias, que havia entre todas, e cada huma das cellas: e no topo da rua junto do oratorio, que tinhão, ficou huma só porta pera serventia, e portaria commum; sua campainha no alto. Em quanto os carpinteiros andavão cerrando, e cercando, trabalhavão pedreiros em abrir as cellas, e desencerrar as reclusas. E porque não faltasse nada pera representação de perfeito Mosteiro, abrirão porta no oratorio guarnecida logo de grades de ferro, que estavão feitas com sua casinha de coro por dentro, composta da mesma madeira, segundo o tempo sofria pera assistirem nos officios divinos. Feito tudo com pressa, e brevidade não cuidada, faltava só huma cabeça, que governasse, e a quem obedecessem todas. Como era ponto importante, tambem amanheceo Prioresa eleita, e obedecida, que foi Sancha Martins antiga, e mui santa religiosa.

Foi grande o alvoroço na villa com a nova transformação, e como erão favorecidas do povo, recebida com geral aplauso. Não podemos averiguar

em que anno ao certo succedeo esta mudança: mas lançando contas, e conjeituras achamos, que devia succeder muito adiante do de 1265. E a rezão que temos he, porque os que escrevem a visão, que foi causa do primeiro emparedamento de Elvira Duranda, affirmão que ella a não declarou, senão despois da morte de Frei Gil: e como este santo faleceo no de 1265, logo ainda vivia Elvira Duranda: e parece que a mudança se não devia fazer em dias de sua vida; porque se ella vivera, não lhe podia nenhuma preceder no cargo de Prelada. Donde ficamos colligindo, que como alcançou de dias ao Santo, e não foi eleita em Prelada da nova Congregação, e clausura, devia acontecer a mudança despois de sua morte, e polo mesmo caso adiante do anno de 1265. Assi ficarão vivendo em sua communidade, e melhorando pouco as imperfeições da obra subita, e tumultuaria, até que o tempo, que com seu curso vai sempre acarretando novidades, produzio outra maior, que em fim foi meio de paz, e quietação de todas.

Levantarão grandes queixas os Padres Menores, vendo o que estava feito, julgavão que sua pretenção ficava em peior estado, e as reclusas mais corroboradas em sua posse: lançavão todas as culpas sobre o Prior, e Frades de S. Domingos, e não admittião nenhuma rezão em contrario, ou por acreditarem as suas, ou porque na verdade assi o entendião: e não pararão até darem com a queixa no Mestre Geral da Ordem. Estava o Prior innocente, e mostrava ser injustamente culpado. Mas os homens prudentes até as culpas injustas atalhão, se o podem fazer sem muita quebra (que he grande sizo fugir de andar em linguas, e juizos das gentes.) Passados alguns annos de queixas, e demandas, lembrarão-se os nossos Padres, que tinhão ocioso o sitio de junto á Madalena na porta de Mansos: onde havia casas antigas, e officinas principiadas do tempo que n'elle pretenderão fundar Convento os Padres que vierão de Monte junto. E como não havia pera elle comprador, nem era rezão vender o que com esmolas fora adquirido: obrigados da devação, e constancia com que as emparedadas tinhão batalhado por ficarem no habito, e governo da Ordem, acordarão dar-lh'o: e assi de hum golpe acabar de cortar muitos inconvenientes juntos. Como o determinarão, assi o effeituarão com grande gosto, e alvoroço das pobres molheres, e dos Padres de S. Francisco, e de todo o povo: d'ellas por se verem em lugar que já tinha nome de casa de S. Domingos, do qual se promettião certeza de não serem engeitadas da Ordem, que lh'o dava: d'elles por se acharem des-

afrontados da visinhança, e livres de demandas; do povo porque amava e tinha em grande conta as mesmas molheres.

CAPITULO XXII

Passão-se as reclusas ao novo sitio da Madalena. Dá-se rezão do nome de Donas, com que até o presente se nomeão as Religiosas d'este Mosteiro.

Não quizerão perder tempo as devotas reclusas: e compondo brevemente algumas cousas da nova casa, que se não podião escusar, passarão a ella acompanhadas dos Religiosos de S. Domingos, e de todo o povo com triumpho, e alegria geral. As memorias, d'onde colhemos o que vamos escrevendo, nomeão vinte e duas: a saber Maria Domingues a Castelhana, Tareja Martins, Maria Martins Pereira, Estefania Bassinha, Maria Pires Bassinha, Caterina Pires, Maria Giraldes, Maria Garcia, Elvira Fernandes, Esteva João, Tareja Vicente, Maria Sueira, Elvira Paez, Maria João Pacharra, Gracia Martins, Maria Fernandes Batalaria, Ouroana Catanha, Maior Velasques, Domingas João, Maria Paula, Tareja Affonso, dona Enxemna ou Eugenia. D'estas vinte duas a dona Enxemna, apontão as memorias, que veio despois de novo. E tambem nos deixão em alguma duvida de qual das nomeadas era a Prelada: mas parece que devia ser Maria Domingues, que chamão a Castelhana, assi por estar nomeada em primeiro lugar, segundo costume das escrituras dos Religiosos, como porque se declara nas mesmas memorias quando d'ella fazem menção, que era havida por Santa. De Sancha Martins primeira Prelada quando se puserão em Communidade não ha lembrança entre as nomeadas n'esta passagem. D'onde inferimos que sem duvida era morta: e polo mesmo caso que houve espaço de tempo, e annos entre aquella primeira mudança de vida, e esta segunda do lugar. Do anno certo, em que esta foi, tambem nos falta certeza, mas por successos sabidos confirmaremos logo que succedeo do anno de 1280 pera diante, despois que dissermos alguma cousa da paz, e nome, que começarão a lograr de donas, não de Freiras de S. Domingos.

Tinha-lhes custado tanto tempo, e trabalho chegarem a alcançar este titulo, que assi o estimavão como se juntamente tiverão alcançado o effeito, e sustancia d'elle. Alegravão-se de se verem em socego, e tinhão

por gloria resultar-lhes das opressões recebidas com as demandas, e requerimentos dos Padres seus visinhos, sahirem de emparedadas (que era huma vida cativa, e sem ordem nem instituto certo) pera hum modo de viver regular, e bem ordenado: e de huma pobre cerca de taboas sem força de verdadeira clausura, pera hum Mosteiro formado em todas suas partes, e acompanhado do titulo, que já antes de o povoarem possuia, de S. Domingos. Tanto que estiverão juntas n'este sitio ficarão em Santarem tres Igrejas do titulo de S. Domingos, que erão esta das Donas, e a de Monteijras na Ribeira, onde primeiro morarão os nossos Frades, como atrás fica dito: e a terceira do nosso Convento que hoje permanece. E estas duas de Marvilla, pera haver distinção se nomeavão huma por Igreja de S. Domingos dos Frades, e a outra das Donas. Não faltou quem cuidasse, que tivera principio este nome de Donas no tempo em que viverão sem profissão, nem regra, nem mais que huma simples clausura, que forão muitos annos: nos quaes como as não podião nomear por Freiras, os que querião falar com propriedade, davão-lhe o nome honesto, e cortez de Donas. Outros julgavão mais materialmente; porque tomando argumento da significação vulgar que hoje tem o nome de Donas, quizerão que este Mosteiro tivesse principio em algum ajuntamento de molheres viuvas honradas, que deixada casa, e fazenda, quizerão consagrar a Deos todos os cuidados da vida. Mas na verdade huns, e outros se enganarão: porque o nome de Donas reduzido á sua verdadeira significação tem seu principio no Latino *Dominas*, que he o mesmo que senhoras: com o qual geralmente erão tratadas as molheres moças, e donzellas, e mais em especial as nobres, entre os Romanos mais cortezãos. Parece de Autores antigos em muitas partes. Suetonio(1) falando de Claudio Emperador, e de Messalina sua molher, diz assi: *Postquam in triclinio decubuit, cur Domina non veniret, requisivit.* Querendo dizer que despois de estar posto á mesa, perguntou porque não vinha a senhora, que era Messalina. E melhor se vê em Estacio na poesia de Achilles, quando introduzindo humas Ninfas, que finge acompanhavão sua Princesa nas agoas do Hellesponto, diz: *Dominas non explicat aquor* (2). E n'outra parte até huma Furia do inferno honrou por moça, e donzella com o mesmo nome: *Et occursu Dominæ pavet* (3). Com a mesma significação forão tratadas nos tempos mais modernos, como se colhe da glossa sobre hum canon das Decretaes, onde aponta que o tal canon reprende

(1) In Vita Claud. Tib. cap. 37. (2) Statius Achill. lib. 1. (3) Ibi, Thebaid. lib. 1.

os que vão ás Igrejas com tenção de verem as donzellas, e diz: *Ut videant dominas* (1). Começando este titulo nas moças, e donzellas em tempos mais antigos, foi-se aplicando a todas as molheres nobres, ou polo muito que se estima o titulo da mocidade (como he natural em todos sintirmos polo maior defeito da vida a carga da idade) ou porque na verdade em toda a bem composta republica a nobreza he a que senhorea, e manda. D'onde veio dizer Plinio Segundo, quando trata dos trajos das Romanas nobres, declarando que só ellas podião por lei usar ouro, e pedraria: *Inserta margaritarum pondera è collo Dominarum auro pendeant* (2). Que he o mesmo que dizer, que as nobres, e senhoras podião trazer ao pescoço fios de perolas engrazadas em ouro. D'esta pratica procedeo a cortezia ordinaria na lingoagem Italiana como mais visinha da Latina, nomeando a toda molher nobre por Madona, como Madona Laura, Madona Vittoria, quasi dizendo *mea domina*. D'este mesmo principio se introduzio em Espanha o titulo de Dons, e de Donas em homens, e molheres, tão estimado do povo, que quem sabe pouco da singeleza e bom termo antigo, cuida que falta nobreza onde este falta.

Mas sendo este nome de Dominas corrente, e ordinario da gente nobre, e não só das moças, e donzellas: tanto que houve freiras logo lhes pertenceo por ambos os titulos: de donzellas, porque esta idade, e estado he o que melhor se dispõe a fugir do mundo, e que mais agrada ao Senhor d'elle: de nobres, porque das taes se povoão pola maior parte os Mosteiros, ou porque he verdadeira nobreza servir a Deos, pois segundo as leis toda a molher segue a condição do marido, e como as freiras buscão, e recebem por esposo ao mesmo Christo, ninguem ha mais nobre que ellas: assi as nomearão logo por Dominas, e senhoras todos os escritores antigos, e o Martyrologio de Usuardo na vida de Santa Clara, pera dizer que começou esta Santa huma ordem de Freiras pobres, diz: *Pauperum Dominarum Ordinem inchoavit* (3). Começou huma ordem de senhoras pobres. Seguirão estes escritores ao dignissimo de ser seguido, e imitado S. Hyeronimo, em muitos lugares de seus escritos, e particularmente onde parece que foi sua tenção declarar-nos em todo o que vamos provando. Escreve a Santa Eustochio, e começa hum periodo: *Hæc idcirco, Domina Eustochium, scribo. Dominam quippe vocare debeo sponsam Domini mei* (4). Declara-se o Santo, e diz que a chama Do-

(1) 2. part. Decret. Caus. 27. quaest. 1. 1. Can. 28. Odi. (2) Plin. l. 33. c. 3.
(3) Martyr. de Usuardo. (4) S. Hieron. epist. 22. c. 1.

mina, e senhora, porque assim he rezão nomear a quem era esposa do Senhor.

D'onde fica claro, e entendido que o titulo de Donas, que nossos antepassados derão em Santarem ás suas emparedadas, antes, e despois de recolhidas no novo Mosteiro, que hoje conservão suas successoras, foi frase de gente cortezã, e que sabia tratar com respeito a virtude, e nobreza: como tambem o fazião os Reis de Castella, e Portugal com o exemplo que sempre derão a seus vassallos de piedade catholica. Consta de palavras formaes de huma provisão passada por el-Rei dom Fernando, que chamarão o Santo, em favor das Freiras de S. Domingos de Madrid, e trazida polo Mestre Frei Fernando de Castilho, que são as seguintes.

Facio chartam concessiones, confirmationes et stabilitatis Deo, et vobis Dominabus de Ordine Prædicatorum apud Madrid commorantibus præsentibus et futuris etc.

E a mesma honra, que por esta provisão se vê dada ás Religiosas de Madrid, dá el-Rei dom Affonso seu filho ás do Mosteiro, que fundou na villa de Caleruega, nas casas em que naceo o Santo Patriarcha, só com esta differença, que aquella era com língua Latina, e esta na Castelhana, e o que a Latina chama *Dominas*, a Castelhana diz com verdade *Dueñas*. Mas o que he mais de espantar, o mesmo Mestre Geral da Ordem não negou o titulo de *Dominas* ás nossas Freiras de Santarem quando as recebeo, e encorporou na Ordem E el-Rei dom Dinis lhes dá o mesmo de Donas em huma provisão sua, como huma cousa, e outra veremos adiante.

CAPITULO XXIII

Das diligencias que fizerão as Emparedadas despois de mudarem o sitio, pera serem recebidas, e encorporadas na Ordem.

Cessarão as demandas, e contendas com a mudança, e passagem que as pobres reclusas fizerão pera a casa nova. Mas entrarão com a paz em novos cuidados de alcançarem com effeito o que já tinhão em sombra, e aparencias; que era serem pola Ordem admittidas a seu governo, obediencia, e proteição. A este fim forão fazendo suas diligencias sem per-

der conjunção, mandando efficazes requerimentos aos Capitulos geraes com largas relações do estado do Mosteiro, dos apertados encerramentos em que tivera principio, e da estreiteza, e recolhimento, e religião com que procedia. E com ellas alcançarão que fosse sua petição vista, e bem ouvida em hum Capitulo, e aprovada n'outro. Mas faltava ser confirmada em terceiro, segundo o estilo, que então guardava a Ordem nas aceitações dos Mosteiros. Julgavão aquelles primeiros Padres, que sendo carga mui pesada pera gente, que buscava perfeição, encarregar se de governo de molheres, governo, e comunicação encontrada sempre com o espirito, metessem tanto intervallo em meio (e polo menos fosse o espaço de tres Capitulos geraes) pera que a dilação madurasse o conselho nos aceitantes, e descobrisse nos requerentes a firmeza de tenção, e devação com que buscavão a Ordem, e com que se sujeitarião ás leis, e austeridades d'ella.

Entrava o anno de 1287. Estava publicado Capitulo geral pera Bordeos, cidade de França sobre o Oceano Gallico. Pareceo ás reclusas que lhes convinha fazer ultimo esforço n'elle, e aproveitar se de todos os meios de diligencia, e negoceação, pera inclinarem os Capitulares a piedade. Em primeiro lugar acordarão que seria ponto mui efficaz aparecer no capitulo huma d'ellas requerendo a causa de todas, e representando sua communidade como carta viva. Elegerão logo huma boa velha por nome Domingas João, velha, e muito antiga nos annos, mas inteira, e firme na desposição, e endurecida nas mortificações de emparedada, em que se criara, ás quaes ajuntava calidades de nobreza, e virtude conhecida, e grandes espiritos. Buscarão favores, e cartas dos Fidalgos da Corte, porque o Mestre Geral era Castelhano. A Camara, e o governo de Santarem quiz tambem ajudar o requerimento, e acreditar a santa messageira, e deu-lhe suas cartas pera o Padre Geral. Com o primeiro bom tempo do anno partio Domingas João, e seguio seu caminho com tal cuidado, que muitos dias antes da santa Pascoa de Pentecoste se achou em Bordeos, espantando aos Religiosos, e a terra toda a nova peregrina, e a calidade do requerimento. Mas ninguem se espantou mais, que o Geral da Ordem, quando posta a seus pés lhe presentou as cartas que levava, e em poucas, e discretas palavras relatou o intento de sua jornada. E disse-lhe o bom Padre maravilhado: *O mulier, magna est fides tua.* Logo foi vendo as cartas da Corte de Portugal, que davão noticia

das partes, e calidades da portadora, e do que hia buscar: e abrindo as letras da Camara vio que continhão o seguinte.

Noverint universi præsentis scripti seriem inspecturi, quod nos, Prætor, Alvasiles, et Concilium Sanctarenense, pro salute animarum nostrarum, et ad servitium Dei, et honorem nihilominus nostræ villæ nec non et ad cultum divinum specialitur ampliandum, rogamos Reverendum, ac religiosum virum Dominum Fratrem Munionem Magistrum Ordinis fratrum Prædicatorum, vel Priorem Provincialem Hispaniæ, qui fuerit pro tempore: quod mittat nobis sorores sui Ordinis, quas rogamus et vocamus ad habitandum in villa nostra, et ad monasterium construendum suffragante divina potentia proponimus dare operam efficacem. In cujus rei testimonium huic literæ sigillum nostrum duximus apponendum. Datum Santaren, XIX. Kalend. Januarij Æra M. CCC. XXV.

Em vulgar querem dizer.

Saibão quantos o teor d'este escrito virem, que nós o Corregedor, Alguazis, Concelho, e Camara de Santarem, por salvação de nossas almas, e serviço de Deos, e pera honra d'esta nossa villa, e em particular pera augmento do culto divino, pedimos, e rogámos ao Reverendo e Religioso senhor Frei Munio, Mestre da Ordem dos Frades Prégadores, ou ao Prior Provincial, que for de Espanha, que haja por bem mandarnos Freiras da sua Ordem, as quaes queremos, e procuramos pera ficarem moradores d'esta villa, e fundarem n'ella hum mosteiro: e pera a obra d'elle com o divino favor offerecemos dar ajuda com effeito, e boa diligencia. Em fé do qual mandamos selar estas letras com o sello da villa. Em Santarem aos dezanove antes das Calendas de Janeiro da era de mil e trezentos e vinte e sinco (*que responde aos* 14 *de Dezembro do anno de Christo de* 1286.)

Havia no Capitulo muitos Frades, assi Castelhanos como Portuguezes, que já tinhão noticia das demandas, e afflições, que as reclusas havião padecido: derão conta d'ellas, e da pretenção da messageira aos capitulares: lastimarão-se todos dos trabalhos passados, e não menos do presente de tão longa jornada. Requerião por ella os annos, o bom termo, e gravidade da pessoa; não houve quem fizesse duvida no despacho

quando se tratou a causa no definitorio. Assentou-se, que o Mosteiro das reclusas fosse pola Ordem aceitado, e n'ella, e em seu governo encorporado. E o Padre Geral como pai pio, e quasi natural pola visinhança de Çamora, d'onde tinha o nome e nacimento, quiz honrar a Portugueza, e na pessoa d'ella a todas as que a enviarão, vestindo-lhe da sua mão o habito santo na Igreja do nosso Convento de Bordeos com solenidade, e concurso dos capitulares, e de muita nobreza da terra: e com hum estremo de espiritual consolação da que o recebia. E não cessando ella de dar graças a Deos polo bom remate de seu requerimento, e parecendo-lhe todo o tempo largo de se ver já de volta em Santarem, e entre suas irmãs, deu pressa no despacho dos papeis necessarios, e repostas do Padre Geral: o qual com sua benção a despedio, e com a patente, que poremos no capitulo seguinte.

CAPITULO XXIV

Que contem a patente com que foi aceitado da Ordem o Mosteiro das Donas de Santarem.

O teor da patente era este: *Noverint universi præsentes literas inspecturi, quod nos Frater Munio Magister Ordinis Fratrum Prædicatorum, licet indignus: et Priores Provinciales provinciæ Franciæ, provinciæ Romaniæ, provinciæ Teutoniæ, provinciæ Bohemiæ, provinciæ Poloniæ, provinciæ Greciæ, provinciæ Provinciæ, provineiæ Lombardiæ, provinciæ Angliæ, provinciæ Ungariæ, et provincia Daciæ, Definitores Capituli Generalis anno Domini* 1287 *apud Burdigalam celebrati, illud quod ad Religionis augmentum, et animarum profectum circa Sorores nostras Monasterij, quod est extra muros villæ Sanctarenensis, diœcesis Ulyxbonensis ad portam de Mansos, juxtá heremitagium S. Mariæ Magdalenæ situatum: per unum Capitulam Generale inchoatum extitit; et postmodum per aliud Generale Capitulum approbatum, ut videlicet sub cura nostri reciperentur Ordinis, et incorporarentur eidem: nunc auctoritate duximus præsentium confirmandum. In cujus confirmationis testimonium ego præfatus Magister voluntate et assensu dictorum definitorum appensione nostri sigilli præsentes feci literas roborari. Datum apud Burdigalam anno Domini, et Generali Capitulo prætaxatis. Item ordinamus, volumus, et concedimus, quod nec Priorissa, nec Conventus per se, nec omnes insimul, nec quælibet per se possit aliquid dare, aut donare,*

aut commutare ultra valorem quinque librarum monetæ Portugallensis tam de mobilibus, quam de immobilibus, tam de rebus quæ spectant ad communitatem Conventus, quam etiam de his quæ Dominæ, seu Sorores retinent de licentia Prioris nostri, specialiter ad suas necessitates, sine licentia Magistri Ordinis, vel Patris Provincialis, vel alterius à nobis, aut ab aliquo eorum dati.

A declaração em vulgar he a que se segue.

Saibão quantos as presentes letras virem, que Nós Frei Munio, Mestre da Ordem dos Frades Prégadores, ainda que indigno: e os Priores Provinciaes das provincias de França, Romania, Alemanha, Boema, Polonia, Grecia, Proença, Lombardia, Inglaterra, Ungria, e Dacia, todos Definidores do Capitulo Geral celebrado em Bordeos no anno do Senhor de 1287, acordamos agora, e houvemos por bem de ratificar, e com a autoridade d'estas letras confirmar aquillo mesmo que já estava por hum Capitulo Geral começado, e por outro approvado, e julgado por conveniente, e acertado, assim pera augmento da Religião, como pera aproveitamento das almas, emquanto toca ao requerimento das nossas irmãs moradoras no Mosteiro da villa de Santarem, situado fora dos muros, á porta que chamão de Mansos, junto com a Ermida de Santa Maria Madalena do Bispado de Lisboa: polo qual pretendião ser recebidas debaixo da administração da nossa Ordem, e encorporadas n'ella. E em testimunho d'esta confirmação, que assi fazemos, eu o sobredito Mestre de parecer, e beneplacito dos ditos Definidores as presentes letras fiz auctorizar, e corroborar com nosso sello pendente. Dada em Bordeos no anno do Senhor, e no Capitulo Geral atraz declarados. Assi mais ordenamos, queremos, e outorgamos, que nem a Prioressa, nem o Convento por si, nem todas as Freiras juntas em corpo de Communidade, nem cada huma por si possão sem licença do Mestre da Ordem dar, ou doar, ou trocar cousa alguma que passe do valor de cinco livras da moeda Portugueza. O que entendemos assi de bens moveis como de raiz: e assi dos que pertencem ao commum do Convento, como dos que as Donas ou Sorores em particular possuem pera suas necessidades por licença de seu Prior ou Vigario. E neste caso, que a nós reservamos, poderá tambem dispensar o Padre Provincial, ou qualquer outra pessoa, que nossa commissão tiver.

Com esta patente, e ordenação assi junta, sem outro preceito nem advertencias (como n'aquelles bemditos tempos tudo era singeleza, e pouca cautela) se poz a caminho a Madre Domingas João polos mesmos passos por onde fora. Dava-lhe azas o gosto do bom despacho, e brevemente entrou em Santarem: e sendo recebida de suas irmãs, e companheiras com o amor, e alvoroço que se deixa entender, tudo foi dobrado depois de entendido o bom successo de sua jornada. E não faltarão sautas envejas do premio que já trazia d'ella, sendo a primeira professa de toda aquella Communidade. O desejo de se verem brevemente no mesmo estado começou de alvoroçar todas, vista huma carta, e commissão que Domingas João mostrou do Padre Geral pera o Padre Frei Gonçalo Origijs (chama-lhe a commissão Latina, *Gonsalvus Honorii*) morador no Convento dos Frades da mesma villa, com ordem pera lhes fazer profissão, como veremos logo.

CAPITULO XXV

Vão duas Religiosas do nosso Mosteiro de Chellas fundar o das Donas de Santarem. Dá-se conta das grossas esmolas que acudirão ao Mosteiro, tanto que foi admittido ao governo da Ordem.

Era Frei Gonçalo Origijs hum Religioso velho, e de muita autoridade, e tal em sua vida, e costumes como os criava então o Convento de Santarem, que segundo nos referem os escritores d'aquelle tempo, erão todos santos. Mandava-lhe o Padre Geral que tevesse o governo das Freiras, e Mosteiro, com titulo de Prior, que era o mesmo que agora Vigario. E porque a nova observancia costuma entrar nas casas onde se pranta, com pessoas criadas, e versadas n'ella, dava-lhe ordem pera trazer do nosso Mosteiro de S. Felix de Chellas duas Religiosas, que pediria em seu nome á Prioressa: das quaes instituiria huma em Prioressa do novo Mosteiro, e logo lançaria o habito a todas, e a seu tempo lhes faria profissão. Não houve dilação em virem as Religiosas de Chellas, que forão as Madres dona Maria Mendes de Ansião, e dona Estevainha Bassinha, pola grande instancia que fazião as de Santarem, que não havião por bom o despacho do Capitulo, emquanto lhes tardava a execução d'elle. Mas de força tardou mais do que cuidarão, porque não pareceo bem a Frei Gonçalo, que começasse a correr o rigor da observan-

cia em quanto havia falta no edificio pera verdadeira clausura. Assi se trabalhou no que convinha sem perder hora, até vespera de Pentecoste do anno de 1290: no qual dia o Prior Frei Gonçalo confirmou em primeira Prioressa a Madre dona Maria Mendes de Ansião. Começou logo o Mosteiro a correr em perfeita clausura, e em todo rigor das constituições com excessiva alegria das Religiosas, e de todos os devotos da Ordem. Começou tambem a mostrar-se a charidade dos moradores da villa, em acodirem muitos com grossas esmolas ao novo Mosteiro, assi pera ajuda da sustentação corporal, como do edificio: e algumas de renda perpetua em bens de raiz.

De uma dona principal ha grandes memorias n'este Mosteiro, que com particular devação se lhe affeiçoou, e tomou á sua conta fazer a Igreja. Chamava-se dona Estevainha Pirez de Casevel. E porque succedeo falecer antes de ser de todo acabada: pera que outrem não tivesse parte na obra que começara, deixou-lhe hum legado de quinhentas livras, com que se poz em sua perfeição. E por singular bemfeitora foi enterrada na capella mór, que agora possuem os herdeiros de Manuel Telles de Menezes, Commendador da Commenda das villas do campo de Ourique, da Ordem de Santiago, que vivem, e tem sua casa na mesma villa de Santarem.

Tambem a Prioressa do Mosteiro de Chellas quiz acodir com obras de charidade ás novas filhas, em testimunho do que estimava a honra de tal fundação, e fez doação á casa de Santarem de todo o patrimonio que possuião as duas fundadoras, e juntamente do que ficara da irmã de dona Estevainha, que era huma d'ellas, despois de o lograrem em sua vida. Lançaremos aqui a doação na mesma lingoagem, e polas mesmas palavras em que jaz no pergaminho original, o qual está vivo, e guardado no Cartorio das Freiras de Santarem. E não no haverá por sobeja curiosidade quem se lembrar das queixas, que fizemos n'outra parte d'esta Historia, de huma pedra, que posta na Igreja de Chellas está sem rezão tirando pedras a todas estas verdades; e diz assi.

Conhoscão quantos esta carta virem e ler ouvirem, que eu Tareja Fagundijs Prioressa do Mosteiro de Chellas entendendo acrecentar o serviço de Deos, e a saude das almas, dou e outorgo licença a dona Estevainha dita Bassinha, e à Maria Menendez dita de Ancion, de morarem em Santarem, e de poderem hy fazer e acrecentar Mosteiro de Donas da nossa

Ordem, segundo como Frei Gonçalo Origijs mandar: e outorgo e mando que ellas possão reter quanto ellas hão tambem de seus patrimonios, como donde quer que o ajão, ou aver possão: e mettão-no em prol do lugar, segundo como dito Frei Gonçalo por bem tever. E outro si outorgo so esta condição á dita dona Estevainha o que foi de sua irmã. E isto outorgo a tal condiçom, que o nom possão em nenhuma guisa alhear: mas depoz morte dellas aja todo o Mosteiro de susodito das Donas da nossa Ordem de Santarem. E se por ventura em Santarem nom forem Donas que tragão habito da nossa Ordem: ou forem, e não obedecerem aos Frades Prégadores, quero e ordinho que se torne tudo quanto as ditas dona Estevainha e dona Maria ouverem a nós. Em testemõyo da qual cousa dey a ellas esta carta aberta, scellada do meu sello. Dada em Achellas quinze dias andados de Dezembro. Era M. CCC. XXIX. (Que he anno do Senhor de 1291.

Crecia o Mosteiro em virtudes, e religião: e não he de espantar que ao mesmo passo lhe entrassem por casa os bens da terra: os quaes corrião a elle com tanta abundancia, que houverão as Religiosas por necessario valerem-se de licença del-Rei pera os poderem possuir: por lhes não prejudicar huma lei que n'este tempo se tinha publicado, a qual ordenava aos Religiosos que não aceitassem heranças, nem doações de bens de raiz, nem os comprassem por si, nem por interposta pessoa: e pera mais cautela mandava aos Taballiães com rigorosas penas, que em suas notas não lançassem semelhantes escrituras, nem com sua presença as autorizassem, ou aprovassem. Reinava el-Rei dom Dinis. Elle assinou a lei, e em seu nome se publicou, e n'elle ficou lançada entre as do Reino: mas seu grandioso animo, e os dos Reis seus successores fizerão d'ella tão pouco caso, que nunca encontrarão doação nenhuma de fazenda, por grossa que fosse, feita ás Religiões por pessoas particulares. E assi ficou servindo a lei de resplandecer mais a benignidade real, que na verdade elles como pais no amor, e verdadeiros Reis nos espiritos enriquecerão de seu patrimonio todas as religiões que ha em Portugal: e pagou-lh'o Deos com as inestimaveis riquezas, grandes, e poderosos senhorios que lhes deu fora d'este pequeno canto de Espanha. Mas tornando á Historia, succedeo vir el-Rei a Santarem na entrada do anno de 1298. Então lhe pedio a Prioressa dispensação do rigor da lei no que tocava ao seu Mosteiro. E alcançou-a não só em particular, mas em

geral pera heranças, e doações, que era o que mais cumpria ás Freiras. Mandou-lhes el-Rei passar sua carta do teor seguinte.

Dom Dinis pola graça de Deos Rey de Portugal, e do Algarve. A quantos esta carta virem faço saber, que eu querendo fazer graça e mercè ás Donas da Ordem de S. Domingos de Santarem, façolhâla em esta maneira. Mando que aquellas Donas que hy entrarem em Ordem, que mandem, e dem seus herdamentos áquelles que tiverem por bem. E outro si mando, que aquelles ou aquellas que hy quiserem deixar seus herdamentos por sas almas, que o possão fazer. E mando aos Taballiaens que lhes fação ende cartas, e estromentos: e ás justiças que ponhão hy os seellos dos Concelhos. E todo aquesto faça-se sem engano. E que ellas não comprem, nem mandem comprar nenhuns herdamentos. Em testemõyo desto dei-lhes esta incha carta. Datum em Santarem dez dias de Maio. El-Rei o mandou. Martim Loredo a fez, Era M. CCC. XXXVI. (Que he o anno de 1298).

CAPITULO XXVI

Que contém huma escritura que fez a Madre Dona Maria Mendes sendo reeleita em Prioressa: em reconhecimento de ser o sitio, e Mosteiro das Donas fazenda propria do Convento dos Frades.

No mesmo anno que el-Rei passou a provisão atràs lançada, havendo já sete e meio que Dona Maria Mendes governava o mosteiro, sendo Mestre Geral da Ordem o Padre Frei Nicolão Trevisano, e Provincial de Espanha Frei Domingos de Alquezar, foi reelegida, e de novo confirmada em Prioressa por Frei Martinho de Carvalhosa, novo Prior ou Vigario d'elle em nome do dito Provincial. E no mesmo dia de sua reeleição, que foi aos dez de Fevereiro do anno apontado de 1298, como alcançada, e corrida, ao que parece, de haverem passado tantos annos de seu governo sem fazer alguma demonstração publica da obrigação em que aquellas Religiosas estavão aos Frades, por lhes darem graciosamente o sitio, e a casa que possuião: foi a primeira cousa em que entendeo, sem querer pôr mão em outra, chamar dous Taballiães, e mandar-lhes fazer huma escritura de declaração, e obrigação: declaração de ser a casa dos Frades, assi como as Freiras a possuião: obrigação de não disporem d'ella as Freiras em nenhum tempo sem especial licença dos Frades. A escritura se lan-

çou em notas em lingua Latina como então se costumava, e na mesma será rezão que a treslademos aqui com sua tradução. Mas porque contem outras muitas cousas, poremos sómente a parte que toca a este ponto, que he a força, e principio d'ella, e começa d'esta maneira.

Noverint universi præsentis instrumenti seriem inspecturi, quod nos Maria Menendi dicta de Anciom, Priorissa, et nos Maria Giraldi, Caterina Petri, et Joanna Gonçalvi, Maria Roderici, Sancea Egea, Tarasia Durandi, Toda Alfonsi sorores Sancti Dominici Ordinis Prædicatorum, commorantes in monasterio, quod est extra muros villæ Sanctarenensis, Ulixbonensis diœcesis, ad portam de Mansos, propè Heremitagium sanctæ Mariæ Magdalenæ: de nostra spontanea et libera voluntate recognoscimus et confitemur, quod territorium, in quo monasterium nostrum est situatum seu ædificatum, cum toto circuitu suo fuit emptum in propria pecunia Conventus Fratrum Prædicatorum Sanctarenensis. Et proinde nos non possumus illud dare, nec donare, nec cambiare, nec aliquo modo commutare, nec alienare, nec aliquid aliud de eo ordinare, nisi in ipso sub eorum Ordenis obedientia Deo famulari, secundum quod ipsi duxerint ordinandum. Et si aliqua vel aliquæ de nobis, vel de futuris aliquid aliud contrarium voluerint assentare (quod Deus avertat) vel eis non obedire: volumus et concedimus, quod Prior Fratrum Prædicatorum Sanctarenensis, et fraires ejusdem Conventus possint locum seu Monasterium prædictum accipere, et de eo facere quidquid voluerint, tam in vendendo, commutando, dando, quam etiam alios Religiosos seu Religiosas plantando, vel totaliter, si eis visum fuerit, destruendo, tanquam veri domini de re propria, empta, possessa, et ædificata. Quia simpliciter confitemur, quod nullam aliam jurisdictionem habemus in loco seu Monasterio prædicto, nisi quantum nobis ipsi impendere voluerint pro eleemosyna: ut ibi Domino sub eorum habitu, obedientia et Constitutionibus Jesu Domino altissimo famulemur. Recognoscimus, et confitemur, quod ædificia et domus ibi constructæ totum fuit pro eorum solicitudine et labore procuratum.

Segue a tradução.

Saibão quantos o teor d'esta escritura virem, que nós Maria Mendes de Ancião Prioresa, e nós Maria Giraldes, Caterina Pires, Joanna Gonçalves, Maria Rodrigues, Sancha Viegas, Tareja Duranda, Toda Affonso,

Sorores Religiosas de S. Domingos da Ordem dos Prégadores, moradoras no mosteiro, que he sito fóra dos muros da villa de Santarem á porta de Mansos, junto da Ermida de Santa Maria Magdalena, Bispado de Lisboa: de nosso proprio moto, pura, e livre vontade conhecemos, e confessamos, que o sitio, e lugar em que este nosso mosteiro está edificado com tudo quanto se estende, e alarga em roda foi comprado com dinhiro do Convento dos Frades Prégadores d'esta villa. E portanto declaramos, que nós o não podemos dar nem escaimbar, nem de alguma maneira trocar, nem d'elle por nenhuma via dispor: se não somente servir n'elle a Deos debaixo da obediencia, e ordem que elles professão, e segundo a forma, e leis, e ordenações que por elles nos forem dadas. E sendo caso que alguma ou algumas de nós, ou das que despois de nós vierem, intentar (o que Deos não permitta) alguma cousa em contrario, ou refusem obedecer aos ditos Religiosos, queremos, e outorgamos, que elles possão de novo lançar mão d'este sitio, e mosteiro, e d'elle fazer o que quizerem, assi por venda, troca, escaimbo, ou doação, como recolhendo n'elle outras Freiras ou Frades, ou se lhes parecer derribando-o por terra como verdadeiros senhores, que d'elle são, por ser cousa sua propria, e comprada por seu dinheiro, e por elles possuida, e edificada. Por quanto claramente confessamos, que nenhuma outra jurdição temos no dito sitio, e mosteiro, senão aquella que elles por esmola nos quizerem deixar lograr, pera n'elle servirmos a Nosso Senhor Jesu Christo no mesmo habito, obediencia, e regra, que elles tem, e guardão. E assi reconhecemos, e confessamos que as casas, e edificios, que no mesmo lugar estão levantados, procederão todos, e tiverão principio de sua agencia, e diligencia etc.

No fim da escritura estão nomeados, e assinados os Taballiães, ante quem passou, que forão Martim João o que a escreveo, e Salvador Dias o que a justificou, e concertou diante de quatro testimunhas: e declara que forão a ella presentes o Prior do Convento dos Frades, que tambem o era das Freiras, Frei Martinho da Carvalhosa, e Frei Martim Paes, Frei Egas Gil, Frei Domingos de Santarem Doutor, Frei Egas Solha, Frei Estevão Mendes o velho, Frei Pero Fernandes, Frei Fernando de Estremoz, e Frei João de Estremoz, e Frei Domingos Longo.

CAPITULO XXVII

Que contém huma petição que o Mosteiro das Donas fez ao Summo Pontifice pera ficar unido á Ordem pera sempre: e o despacho, que houverão.

Não se pode negar que todas as cousas, que muito se estimão trazem comsigo hum trabalhoso contrapeso, que he o receio, e sobresalto de se perderem. Bem se deixa entender da nota, e termos da escritura, que acabamos de tresladar, como de todas as mais diligencias, e trabalhos com que estas Religiosas procuravão valer-se do amparo, e abrigo da Ordem, o amor, e devação que lhe tinhão. Mas esta mesma affeição as inquietava com humas continuas desconfianças de lhes parecer, que tinhão feito pouco, ou que podião fazer mais pera confirmação, e inteira segurança do bem que possuião, e como ganhado á ponta da lança de muito trabalho, e orações, e lagrimas prezavão. E vierão a assentar, que se confirmassem o estado presente por hum breve Apostolico, ficaria fundado com toda a força que podião esperar de valias da terra. Seis annos adiante, no de 1304, sendo Prioressa Tareja Affonso mandarão ordenar huma petição, cujo treslado tirado do Latim, que escusamos por hir abreviando, he o seguinte.

Tareja Affonso Prioressa, e todo o Convento das Sorores, que morão em Santarem debaixo do governo, e habito da Ordem dos Frades Prégadores, prostradas por terra diante do Beatissimo Padre, e Senhor o Senhor Benedicto Summo Pontifice da santa Igreja de Roma, com mui profunda humildade beijão devotissimamente seus santos pès. Santissimo Padre: posto que nós, e todas as mais Sorores, que nos precederão n'este nosso mosteiro sempre estivemos, e queremos estar debaixo do governo, cuidado, e disciplina da Ordem dos Frades Prégadores de quarenta e cinco annos a esta parte: e ha muitos que fomos misericordiosamente recebidas pola dita Ordem por tres Capitulos Geraes hum apoz outro, e n'ella segundo seus estatutos encorporadas. Com tudo prostradas todas como estamos aos pés de vossa santissima Paternidade, de commum acordo humildemente lhe pedimos, e rogamos haja por bem de nos querer pera sempre encorporar na dita Ordem, assi a nós, como a todas as mais que pera este mosteiro vierem, e como o mesmo mosteiro com tudo o que n'elle, e por

rezão d'elle possuimos, na mesma forma, e modo que n'elle estão unidas as Sorores do mosteiro de S. Xisto d'essa cidade de Roma. E pera que, Santissimo Padre, aquietemos de todo vossa santissima conciencia, e possamos mais facilmente alcansar a graça, e misericordia, que com muita instancia lhe pedimos, confessamos, que nunca diocesano nenhum, nem outra pessoa alguma em seu lugar visitou este nosso mosteiro, nem poz, nem tirou prelada, nem ordenou cousa que tivesse sombra de governo, jurdição ou dominio: mas sempre professamos a regra de Santo Agostinho, e fomos sojeitas á Ordem dos Prégadores segundo suas constituições sem nunca haver quem isto nos contradicesse. Polo que huma, e muitas vezes humilde, e devotissimamente pedimos a vossa santissima Paternidade, e clemencia com toda a instancia que podemos: e polo sangue de Jesu Christo, que vos fez seu Vigario, que não dilate vossa clemencia concedernos o que a saude de nossas almas com devação lhe pede. E pera que vossa clemencia, Santissimo Padre, misericordiosamente se incline com mais brevidade ao bom despacho d'esta nossa petição, e ella tenha credito, e firmeza, rogamos a Miguel Martins Taballião publico d'esta villa, que a puzesse em publica, e autentica forma diante de testimunhas. O que assi fizemos com receio, que o sello do Convento, se com elle a sellassemos como carta, se poderia quebrar ou cahir por algum desastre. Feita em Santarem aos treze dias de Março da Æra M. CCC. XXXXII. (Responde ao anno de Christo 1304) *Testimunhas que forão presentes: Frei Fernando Fructuoso Prior, Frei Martinho de Carvalhosa. Frei Fernando do Santo Ladrão, Frei Lourenço de Almada, todos Frades da Ordem dos Prégadores, e moradores no Convento de Santarem. Martim João Taballião, João Soeiro, e Mateus Domingues.*

Quando esta suplica chegou a Roma era falecido o Papa Benedicto n'ella nomeado, e foi apresentada a seu successor immediato, Clemente quinto, o qual obrigado das piedosas rezões que continha, despachou hum moto proprio ao Provincial de Espanha, em que lhe mandou que elle, e todos seus successores tevessem cuidado d'este mosteiro, visitando, consolando, e governando as Religiosas d'elle, e mandando-lhe administrar os Sacramentos assi, e da maneira que dos annos atrás erão costumados. Quietarão com isto em suas desconfianças: e postos de parte todos os cuidados da terra (que muito divertem, quaesquer que sejão, do maior bem) entregarão a Deos seus corações em perfeita, e amorosa união: e começou a florecer n'aquelle cantinho de Portugal hum paraiso

de deleites alegrando o Ceo, e a terra com flores e fruitos de excellentes virtudes.

CAPITULO XXVIII

De algumas religiosas insignes em virtude, que houve n'este mosteiro desd'o principio da primeira reclusão.

Seja a primeira, e primeiro contada entre as Religiosas d'este santuario da terra, e jardim do Ceo, aquella que foi primeira planta d'elle, sendo a primeira emparedada de Santarem, e causa principal de o lograrmos hoje: digo Elvira Duranda; que pois o principio de sua vida, foi offerecido a Deos, como contámos, e os meios forão encerrar-se entre quatro paredes pera se entregar toda ao divino esposo, sem querer mais da terra, que áquella estreita sepultura, bem merece celebrada por autora de huma vida tão extraordinaria, e cativeiro terribel de todos os gostos d'ella: assi como louvamos a hum Paulo primeiro ermitão, e hum Antão primeiro pai dos animosos moradores do deserto. Que se merecerão muito por se atreverem a viver entre brenhas, e rochedos, cercados de tigres, e leões, sendo homens: póde ser que foi maior a determinação de molheres fracas fazer deserto no meio da mais populosa villa do Reino, e condenar-se ás penas, e faltas d'elle: á vista de gente alegre, farta, descançada, e descuidada. E he bem de crer, que como os pais das Religiões tem aventajados gráos de gloria no Ceo pola occasião, que derão aos muitos filhos, que com seu exemplo fizerão de si agradavel sacrificio a Deos: nem menos os deve ter Elvira Duranda como fundadora da vida das reclusas, e polo principio, que d'ellas veio a ter este mosteiro das Donas. E não será parte ignorarmos o fim que teve, pera deixarmos de lhe dar este lugar. Porque bastante causa he pera darmos por averiguado que foi fim santo, e de santa, sabermos como sabemos, que na hora que o Senhor foi servido manifestar-lhe aos olhos corporaes a luz do Ceo, que vio decer sobre o Santo Frei Gil, obedeceo sem detença ao chamamento da outra, que lhe amanheceo na alma: logo fugio a todos os gostos, e comodidades do corpo, e se enterrou voluntariamente em vida pera resucitar com Christo. E he bem de notar que o mesmo Senhor lhe começou tambem em vida a pagar de contado o cento por hum de suas divinas promessas, rodeando-a de muitas companheiras, e imitadoras de sua mortificação, que por ella, e por seu exemplo seguião ao cordeiro amador divino das almas puras: gloria sem preço pera quem foi a pri-

meira na santa empreza. Sabemos d'esta heroica Religiosa, que o fim com que se animou a tão dura vida, foi hum vivo desejo de imitar a penitencia, e oração do Santo Frei Gil. E sabemos tambem, que o alcançou de dias: por onde falecendo elle (como temos dito em seu lugar) no anno de 1265, quando o não passasse mais que hum só, já fica com mais de vinte e sinco de sepultura em vida, visto como ella se emparedou no anno de 1240. Tambem nos consta que do Santo era visitada, e tratada na reclusão com muita particularidade, e que n'ella acabou a vida: o que tudo são rezões que a fazem digna de illustre lugar na terra, e de não duvidarmos, que o terá illustrissimo no Ceo.

Assi como Elvira Duranda merece fama, e honra por primeira reclusa, e autora de tal genero de vida em Santarem: nem mais nem menos devemos honra, e louvor á primeira Prelada, que as reclusas tiverão por digna do cargo quando fizerão a transformação de prisão particular pera encerramento commum. Esta foi Sancha Martins: que quem entre vinte almas dedicadas a Deos com voluntario, e perpetuo carcere, se adiantava tanto em virtude, e partes, que por acclamação mereceo o titulo de cabeça, e Prioressa entre todas, não ha que cuidar, senão que devia ser hum Serafim entre Anjos. E sem nos constar, nem acharmos d'ella outra cousa escrita, isto só basta pera a fazer muito estimada.

Mas na Prelada, que levarão quando deixado o sitio das contendas se passarão pera a Madalena, que os nossos Frades lhe derão, achamos alem da rezão, e conjeitura do cargo huma memoria que nos affirma, era tida, e havida por santa: chamava-se Maria Domingues a Castelhana. E tal foi a primeira Prelada, que povoou o lugar, que hoje he possuido do mosteiro das Donas, antes de admittido ao governo da Ordem. E na verdade não he de espantar, que fossem taes as partes, quando sabemos que foi seu cultivador, e hortelão primeiro o Santo Frei Gil: a quem devemos referir não só o bem, que então havia, mas o que hoje dura, e permanece de verdadeira observancia: e foi continuado por todas as idades em muitas almas, que com excellentes virtudes, e maravilhas celestiaes honrarão seu nome, e a casa, e a Ordem: das quaes alcançámos ainda algumas os que hoje vivemos. Porém he grande lastima, que sendo sabidamente muitas em numero as que assi procederão, não haja memoria particular senão de mui poucas. E esta que ha he quasi por cifras, e colhida por indicios com que o Senhor as quiz descobrir na morte, ou depois d'ella. E tantas virtudes havia em todas as mais, que se com

o fim da vida não aparecia cousa particular em alguma, nas geraes dos rigores, e austeridades da Ordem (cujo seguimento continuado he o maior louvor d'ella) vivião com tanta pontualidade todas, que todas sem differença erão humas, e todas erão santas. Polo mesmo caso houve nas mais antigas hum obstinado silencio de suas virtudes, e tal que só no dia do juizo as haveremos de saber. Nas que seguirão despois mais vizinhas a nossos tempos, havendo cuidado pera notar o valor de cada huma, faltou pera se pôr em escrito: e assi as mais das cousas que d'ellas sabemos chegarão a nós por tradição das Religiosas velhas: e ainda d'estas, como o tempo gasta as memorias, muitas se forão perdendo, ou escurecendo, como aconteceo nos marmores, e estatuas desenterradas d'entre ruinas de famosos edificios; d'onde he ordinario não sahirem mais que pedaços, e troncos de corpos, ou de colunas com tão pouca distinção de membros, que escassamente alcançamos parte sã, em que os olhos possão louvar a mão d'aquelles excellentes artifices antigos. Com esta condição iremos trazendo á luz as breves, e confusas memorias, que de algumas Religiosas d'este Mosteiro podémos achar; as quaes servirão pera que os bons entendimentos fação juizo da ventagem, que haveria nas que forão nacidas em melhores tempos, e nas que atraz d'essas passarão, de que não sabemos, nem podemos dizer nada.

CAPITULO XXIX

Das Madres Sor Sentiz, e Sor Joana Lourenço.

Começaremos por huma, de quem já o nome nos vem espedaçado, e não lhe alcançamos outro senão o de Sor Sentiz: era em todas as mais virtudes eminente, mas na da oração se avantajava tanto, que todas as vezes que no Coro entrava (e não faltava nunca d'elle) hia já tão abrasada no amor d'aquelle Senhor que havia de louvar com suas companheiras, que á vista de todos aparecia envolta em chammas, e labaredas visiveis de fogo vivo, que a acompanhavão, como se fora hum Serafim, e duravão n'ella tanto tempo, quanto tardava o Officio Divino: e assi como se hia acabando, hia tambem mingoando o fogo. Então ficava toda trespassada em hum profundo roubo dos sentidos sem dar acordo de si, nem de cousa da vida: e n'este estado se averiguava, e via muitas vezes que a força do espirito levantava em alto o peso mortal da terra grossa do corpo, e ficava suspendida no ar, como quem já em vida começava a voar pera os braços do Divino Esposo. Era tanto o que se sa-

bia, e publicava por toda a villa de suas virtudes, que sendo falecida, e enterrada dentro no cemiterio commum como he costume, não tinhão as Freiras huma hora de socego em todo o dia, com a inquietação que lhes dava o povo, que acodia a visitar sua sepultura, obrigado de muitos milagres, que por seus merecimentos obrava o Senhor, em cegos, e aleijados, e em todo genero de enfermidades. E como nossa natureza se leva tanto de novidades, e casos extraordinarios, crecia cada dia mais o concurso da gente. Mas era intoleravel o trabalho, e desassocego que padecião as Freiras, porque a singeleza, e facilidade do tempo antigo não acabava comsigo ter as portas á devação, pera se poder fazer a romagem por seculares, com o decoro que convinha, onde havia clausura. Assi queixando-se ellas, e o povo não afroxando na devação, vierão a partido com os officiaes da Camara, e governo da villa, que se passasse pera a Igreja o corpo santo: onde sem dar perturbação na Communidade podesse ser de todos a toda hora visitado. Fez-se a tresladação com alegria geral da terra. Não cabião os devotos na Igreja, com ser grande. Mas foi caso peregrino, que desd'a hora que veio pera a Igreja, não fez mais milagre: sintirão ao que parece os ossos santos, ainda n'aquelle estado tirarem-nos da sua clausura, e da companhia de suas irmãs, em que por gosto, e obrigação tinhão vivido muitos annos, e por morte não querião faltar huma hora. Quarenta annos contados esteve na Igreja, e em todos elles nem hum só milagre se contou. Corre o mundo traz seu interesse: tanto que virão trocada a seu parecer a condição na Santa, trocarão-se tambem os homens: perdeo-se a devação. E as Religiosas com bom conselho tornarão a recolher pera dentro as reliquias santas. Na execução d'esta segunda mudança usarão de huma bem considerada ceremonia: quiserão ver se recebião o que derão, pois o successo ao parecer dava a suspeitar outra cousa, com a falta dos milagres de quando o derão. Acodirão todas de dentro com cirios accesos nas mãos a receber o santo deposito á porta: acompanhavão-no de fóra o Prior, e muitos Padres. E á vista de todos foi o caixão, em que estava, despregado. Sendo aberto deu claro testimunho do que em si guardava, com hum cheiro celestial, e suavissimo, que encheo de nova devação, e goso a todos os presentes. Virão-se as reliquias, e notou-se com espanto a toalha, em que estavão envoltas, tão limpa, tão alva, e tão nova como se n'aquella hora alli fora posta. Assi inteiro, e sem mais diligencia, que a que diremos no capitulo seguinte, foi de novo cravado o cai-

xão, e metido em hum moimento de pedra, que estava feito à medida, e ficou em lugar decente na crasta do Coro debaixo. E pera que louvemos a Deos, que em seus Santos he maravilhoso, tanto que aquelles ossos secos tornarão ao posto da clausura regral começarão a reverdecer, e florecer de novo com grandes, e notaveis milagres.

Cae-nos em proposito este exemplo pera louvarmos aqui aquella parte da reformação, que introduzio a Observancia, contra hum errado costume da Claustra: que era sahirem as Religiosas da clausura, sem lhe ser estranhado, e visitarem suas amigas: cousa, que esta defunta nem em seus ossos mirrados aprovava, com não passarem da Igreja. E todavia he bem que fique aqui notado pera grande louvor d'esta casa, que com essa só liberdade se vivia n'ella, em tudo o mais tão reformadamente no tempo da Claustra, que muitas Religiosas d'ella teverão por ponto de menos valer, aceitar as regras da Observancia, não por refusarem os apertos, senão porque nunca se podesse cuidar, que havia cousa digna de reprensão em suas vidas. E muitas por esta conta deixarão o Mosteiro; ainda que despois tomando melhor conselho tornarão todas, como diremos em seu lugar. Mas das que ficarão, e aceitarão a observancia foi huma a Madre Joana Lourenço, pessoa de tal virtude, que ficou em lembrança darem muitos Fidalgos de Santarem suas filhas a este Mosteiro, só por receberem d'ella a criação. Esta foi a primeira Mestra das Noviças, que entrarão despois de aceitada, e assentada a Observancia. Era devotissima de Nossa Senhora. Na oração nunca tinha limite, nem lugar certo. Sempre orava, e sempre ardia em zelo da guarda da Religião, dizendo, e obrando (que ha muitos zeladores de lingoa, e poucos de obra, e estes são aquelles a quem S. Francisco dizia: *Fate fate, non parlate.*) He cousa certa, que estando na ultima hora mui fraca, e desfalecida, levantou a voz com huma força milagrosa, e com tão alto, e não esperado tom, que foi ouvida em huma varanda mui distante da casa, em que faleceo. E o que disse foi: Chama-me a minha mui alta Senhora. E acabou logo.

CAPITULO XXX

Da Madre Sor Caterina Rodrigues: da grande tribulação em que viveo, e da gloriosa morte, com que acabou.

Assi como a Madre Sentiz, de quem escrevemos no capitulo prece-

dente, se aventajou no santo exercicio, e fervor da oração, não faltando em nenhuma das outras virtudes monasticas: da mesma maneira teve a Madre Caterina Rodrigues, de quem agora diremos, hum espirito invencivel pera se quebrantar com penitencias, e contradizer á natureza com paciencia. Começou-se a mortificar com huma estreitissima regra no comer, e beber. E porque o sono he parte de sustentação corporal, ainda que lhe fazia crua guerra com se matar de fome, e sede, ajuntou-lhe dous contrapesos: primeiro, cortal-o, e abrevial-o muito notavelmente nos tempos, que era força dar-lhe sua hora; segundo, essa hora, que lhe dava, era com tal trato, que o dormir, que a natureza fez pera repouso, e alivio dos trabalhos do dia, pera ella era hum vivo tormento. Porque se havia de dormir, nem havia de ser em cama, nem se havia de despir. E he cousa averiguada, que toda a vida passou as noites sobre huma taboa, e sempre vestida, sem mudar, nem aliviar roupa, nem fazer differença de noite da que usava de dia; que entre todas as mortificações he a maior, que se pode contar. E d'aqui fazião juizo os medicos, que lhe procedera huma doença de incuravel lepra, que em fim a veio a matar. Mas erão juizos humanos: a verdade foi, que quiz o Senhor provar a sua serva, e ver se a achava igualmente fiel, e sofrida nos trabalhos, que vinhão de fóra, como era nos que tomava por sua mão; que vai muito a dizer de aspereza voluntaria, a aspereza forçada. Deu-lhe o Divino Esposo a doença, e pera lhe dobrar o merecimento fortaleceo-a de huma estranha paciencia, com que a levava. He mui natural nas molheres sentirem mais os males quando causão asco, e se trazem consigo deformidade, não ha pera ellas maior mal. Com tudo, antes que este acabasse de a penetrar de todo, nenhum exercicio da Communidade deixava, nunca faltava do Coro, nem da sua oração, em que era continua. Ao Santissimo Sacramento venerava com huma especial devação, e affeito da alma cordialissimo: era tal o respeito com que hia diante d'elle todas as vezes, que havia de commungar, que tres dias antes, e tres despois guardava inviolavel silencio: e quando se offerecia cousa de tanta necessidade, que era força responder, fazia-o por acenos.

Creceo o mal, veio a cahir, e como outro Job cobrio-se de chagas: e estava tal de asquerosa, e disforme, que fazia medo: do que nacia, que havendo na casa gente mui charidosa, todavia algumas vezes acontecião descuidos, e a pobre enferma padecia muito: mas nunca de sua bo-

ca se ouvio palavra, de que as enfermeiras pudessem colligir nem hum leve sentimento, ou desconsolação de se ver mal tratada. Tudo referia a Deos, dando-lhe graças polo trabalho da doença, que de sua bendita mão lhe vinha: e polo que lhe davão as faltas de quem a curava, que tambem conhecia, que elle as permitia, e ordenava. Rara paciencia, e digno espelho pera nos vermos n'elle os que hoje vivemos, e entendermos nosso pouco espirito polas queixas sem fim, em que nos faz romper qualquer pequena falta, e em muito leve doença. Bem podemos cuidar, como Deos não faz nada debalde, que tanto pera nosso exemplo, como pera merecimento de sua serva lhe deu este martyrio, e a armou de tão sobido genero de sofrimento.

Passou o mal a outro estremo, e chegou a estado, que se pera remedio de cura, ou de alivio, ou de limpeza a havião de revolver no leito, nem ella podia sofrer as dores, que lhe causava qualquer movimento, nem as enfermeiras a lastima, e asco que juntamente lhes fazia. E com tudo a primeira voz, que se lhe ouvia entre profundos gemidos, era de louvores de Deos; e algumas vezes estando só, passava com elle as horas em huns colloquios tão humildes, e amorosos, que davão claros penhores de sua conformidade. Vindo a falecer, como já em vida estavão aquelles membros cheios de corrupção, houve receios entre as Religiosas, que o halito d'elles, e da roupa fizesse então mais penetrativa a contagião, que aquelle mal de si tem. E quando se juntarão pera a commendação da alma, e enterro, procurou cada huma hir a seu modo provida de defensivos. Mas anticipou-se a misericordia do Senhor a descobrir os ganhos, que a defunta levava de seu martyrio. Tanto que entrou em artigo de morte, virão-se na enfermaria, e em todo o Convento duas cousas de grande maravilha: huma foi, sentir-se hum cheiro tão suave, e excellente, que a juizo de todas excedia os melhores perfumes, e cassoulas da terra: a outra foi, ouvir-se hum rumor, e susurro, que ninguem duvidava ser de grande numero de abelhas juntas, que sem serem vistas vencião com o ruido, que fazião, as vozes da Communidade, que rezava. Assi foi levada á sepultura com turibulos do Ceo, e musica funeral, dobrada com grande consolação das Religiosas. Porque o bom cheiro foi penhor de que podião estar seguras de contagião: e a musica invisivel he bem de crer (e assim foi juizo das que mais sabião d'ella) que fosse das almas Santas que vinhão acompanhar pera a gloria a quem sahia do purgatorio, que em vida tão constantemente padecera,

e que por ellas como Santa que era, devia muitas vezes offerecer ao Senhor. De huma, e outra cousa houve logo manifestos sinaes: porque da enfermidade não resultou dano a ninguem: e o preço de sua santidade em valia com Deos resplandeceo de maneira, que as Religiosas, que algum achaque ou doença sentião, visitando sua sepultura alcançavão saude. E passando a fama á villa sararão muitos enfermos, recebendo, e tocando com devação a terra d'ella; o que teve principio no caso, que agora diremos.

Trazia huma Religiosa hum mal em huma mão de tanta pena, e tão pouco entendido, que não tinha vida nem socego, nem os medicos lhe atinavão a cura. Tanto que a enferma faleceo, sonhou que lhe dizião, que metesse a mão na sua cova, e teria remedio. Não fez caso do sonho; mas tornando-se-lhe a fazer a mesma representação segunda e terceira noite, o desejo da saude, e medo de parecer supersticiosa, fez que desse conta a seu Confessor. Elle lhe respondeo, que não cresse em sonhos, mas que visitasse embora a sepultura, e se encommendasse a quem tão santamente acabara. Fez huma, e outra cousa, e estendeo a mão doente sobre a cova cobrindo-a com a terra d'ella. Foi caso publico, e visto de todo o Mosteiro, que dalli a tirou sã tão solta, e livre de todo mal, que da outra nao tinha differença.

Acreditarão este milagre outros muitos, que logo seguirão: como foi hum, que muito espantou. Estava atribulada, e cheia de medo huma Madre, que havia por nome Anna de Santo Antonio, por lhe nacerem sobre a menina de um olho tres empollas, que lhe tolhião a vista com ameaças de maior mal. Visitou a sepultura com devação, e desejo de saude, e alcançou-a. Particularmente se virão notaveis effeitos nas febres importunas, que o povo chama maleitas. E foi assi, que havendo naquella conjunção no Mosteiro de Santa Clara da mesma villa algumas Religiosas enfermas d'ellas: só com esta terra que pedirão, e lhes foi ás mãos, alcançarão saude. E muitos annos despois sararão com ella em differentes tempos dous officiaes pedreiros, que fazião as obras do mesmo Mosteiro das Donas; hum que a mandou buscar, porque a doença prolongada o tinha posto em estremo de fraqueza: outro que a tomou por suas mãos, porque passando as sezões em pé, e não deixando o trabalho, em que assistia no Mosteiro, foi aconselhado das Madres, que chegasse á cova, e se valesse della. E ainda no tempo presente as Religiosas, que na mesma casa adoecem d'estas febres, ou de outro qualquer

mal, logo acodem ao primeiro sitio, em que aquelle santo corpo teve sepultura: e experimentão na terra d'elle a antiga virtude. Digo, primeiro sitio, porque quando a Madre Sor Sentiz, de que atrás escrevemos, foi tresladada da Igreja pera dentro, pareceo bem que ficassem duas Santas juntas, por ser o caixão capaz das reliquias de ambas: e começando a aparecer por entre a terra, que se tirava, os ossos santos, foi sahindo d'elles hum cheiro de notavel fragrancia, e recreação, que refrescou a memoria do successo de seu enterro; e logo forão juntos com os da Madre Sentiz, e collocados no moimento de pedra, que atrás contámos.

CAPITULO XXXI

Das Madres Sor Eyria Alvares, e Sor Breitiz Feijó, e outras sem nome.

Ficou do tempo das Madres Sor Sentiz, e Sor Caterina Rodrigues huma bendita velha, que as antigas, que a alcançarão, affirmavão chegara á idade de cem annos. Devia ser natural da villa, porque tinha o nome de Eyria, e chamava-se Eyria Alvares. Esta Madre fez seus empregos em abstinencia: e sabendo quanto importa pera meio de alcançar, e conservar todas as virtudes, cuidou huma estranha invenção pera nunca deixar de ser abstinente, e sempre aborrecer a comida. Era a invenção trazer de continuo na boca hum paninho de sal, com que alem de mortificar o appetite da comida ganhava huma lembrança continua de guardar silencio, no qual se affirma que tambem era unica, porque nunca lhe ouvião falar senão o que era mui necessario. Quando chegava a comer, em tudo o que lhe davão lançava de novo muito sal, e juntamente vinagre, pera que ou perdesse algum bom sabor se o tinha, ou a lingua, e garganta o enjeitassem por intoleravel, e fero. Por estas virtudes, e outras era tida em grande conta; e a Rainha dona Caterina, molher de el-Rei dom João o terceiro, que ainda alcançou, fazia d'ella tanto acso, que quando hia a Santarem, e entrava no mosteiro, sempre a chamava pera junto si, e o nome que lhe dava era de sua amiga; e algumas vezes lhe mandava pratos da sua mesa, ajuntando lembranças, que comesse d'elles sem as suas salsas ou misturas, de que já tinha noticia. Mas erão perdidos os avisos, porque ella não sabia desistir da mortificação. A este modo de proceder continuando por quasi cem annos de idade pera confusão de gulosos, e deliciosos, que com a variedade, e abun-

dancia dos manjares mais escolhidos corrompem a natureza, e fazem a vida enferma, e curta; ajuntava a boa velha huma continua oração com tanto fervor de espirito, principalmente quando ouvia missa, com a consideração dos mysterios da Paixão do bom Jesu n'ella representados, que ao levantar da Sagrada Hostia sentia em todos os membros hum martyrio de impetuosas, e gravissimas dores, que a obrigavão a derramar infinitas lagrimas. E porque estas lhe davão honra com quem as via tão bem empregadas, dizem que fez petição ao Divino Esposo, que lh'as tirasse, dobrando-lhe a afflição, e o martyrio. Assi aconteceo, que subitamente se lhe secou o afleito de chorar, crecendo a causa, e a rezão que d'antes o acendia, que erão os mesmas dores, mas com aventajado tormento segundo sua petição; do qual se lhe vião no rosto, se não era em lagrimas, clarissimos sinaes em tudo o mais. D'este grande favor do Ceo deu conta a pessoas de credito pera honra, e gloria de Deos; e tal estava a casa, que toda ardia em amor divino, e tudo se podia crer das moradoras d'ella. E foi bom argumento huma revelação, que em particular segredo descobrio a huma Madre, que muito amava, chamada Inez do Sepulcro, que na vida espiritual instruia. Contou que vira hum dia a Igreja, e Mosteiro cercado todo de hum resplandor celestial, que hia parar como em fonte no Sacrario do Santissimo Sacramento; da qual visão se persuadia, que tudo naquella casa era santidade. A vida santa seguio morte gloriosa: foi-a desemparando o calor natural vencido da longa idade. Sobreveio-lhe hum accidente dos qne são corredores da ultima hora; acodio a Communidade ao som das taboas, que logo soarão por toda a casa. Quando tornou em si disse, que se podião recolher, e quietar, que ainda não era tempo, e como o fosse ella avisaria as enfermeiras pera fazerem sinal. E como se tivera as horas, e o tempo na mão assi aconteceo: e assi acabou.

Por differentes vias corria a mesma carreira da oração, e penitencia a madre Breitiz Feijó. Oitenta annos que teve de vida, e consta que viveo alguns mais, empregou todos em se mortificar, e orar: sempre seguio as horas, o lugares da Communidade sem faltar em nenhum: todo o mais tempo não sabia buscar outra estancia senão o Coro. Alli, como se fora hum Padre do ermo, varão robusto, curtido do Sol, e do frio, passava as noites inteiras, e o que tinha livre dos dias: os joelhos sempre em terra, e as mãos, e olhos ao Ceo, tão absorta n'elle, que de nenhuma cousa de cã parecia ter sentimento. Huma noite de Natal

despois de dizer a lição oitava, que lhe tocou, fez huma muí humilde inclinação diante do Santissimo Sacramento, e disse estas palavras: Senhor, ficai-vos embora, que já cá vos não direi outra. E assi foi. Adoeceo pouco despois de hum prioriz agudo, que em breves dias a transpoz no Ceo. Sendo falecida lhe foi achada, e tirada huma cinta de ferro de largura de tres dedos companheira sua, ao que se podia julgar, de toda a vida.

Cerremos este Capitulo com duas irmãs, que sendo-o por sangue, e nacimento, tambem o forão em nos negar a antiguidade seus nomes. Mas nesta semelhança, e igualdade tinhão huma differença, que esmerando-se ambas em desejos de agradar o divino esposo das almas, huma o buscava na quietação, e suavidade da oração: a outra em andar todo o dia da enfermaria pera a cosinha, e da cosinha pera a enfermaria negoceando com cuidado ora o comer, ora as mesinhas, ora a limpeza, e commodidade das enfermas. Sucedeo em huma noite tormentosa dar hum acidente a huma religiosa: estavão apagadas as alampadas dos dormitorios: foi correndo a solicita Marta, que tinha por dita a aspereza da noite pera acrecentar merecimento do serviço; e como n'outra parte não havia luz, entrou polo Coro a buscal-a, e tornou com ella. Mas com ser a deshoras, e em tal noite, achou a irmã, que vigiava nelle em oração diante de um Crucifixo. He fama confirmada com tradição recebida de mão em mão por todas as idades, que falou o Senhor da Cruz á que n'elle estava toda enlevada (que vendo em tal tempo a irmã ficou todavia perturbada) e o que lhe disse foi, que mais merecia sua irmã por andar naquella hora desvelada em acodir ao serviço da enferma, que ella com assistir alli a noite inteira orando. Dignas palavras de quem as disse: e grande consolação pera todos os que na Religião se occupão por obediencia em serviços das Communidades, que ao parecer são distractivos, e de pouco merecimento. Saibão certo, que pera nosso ensino sucedem estes casos, e ficão em memoria. Que assim como S. Paulo, quando guardava as capas dos que apedrejavão ao Santo Protomartyr Estevão (1), levava sua parte em cada huma das pedras, que tiravão os que o tinhão feito depositario da roupa, porque de tal serviço resultava poderem mais soltamente menear mãos, e braços; nem mais nem menos, qualquer Religioso, que com bom animo se emprega em servir sua Communidade, por humilde, e abatido que seja o officio, viva con-

(1) Act. 7.

fiado, que a elle refere o justo premiador das boas obras grande parte do que ganhão os mais abrasados espiritos prégando, doutrinando, confessando, e sacrificando. Este Crucifixo, que assi falou, dizem que he o mesmo, que hoje está na enfermaria d'este Mosteiro.

CAPITULO XXXII

Das Madres Sor Caterina Nunes, Sor Caterina Pacheca, e Sor Caterina da Costa.

De outras tres Madres, tambem do tempo antigo temos que tratar, todas tres raros espiritos, e raro cada hum por sua via, e todas tres de nomes Caterinas. A primeira será a Madre Caterina Nunes, de quem sabemos, que até o ultimo ponto da vida, que foi mui comprida, continuou com huma abstinencia semelhante ás que se escrevem dos Padres do ermo. Passava as Coresmas inteiras sem mais mantimento, que pão, e laranjas. Nos dias de Communhão por respeito d'aquelle alto Senhor, que recebia, não comia nada até o dia seguinte. Sua perpetua residencia era no Coro, donde nunca sahia senão por grande necessidade. Em tudo quanto dizia, e fazia se lhe enxergava andar abrasada em amor divino. Nunca nomeava a Christo senão polo seu bom Jesu, ou polo seu cordeiro sem magoa, e o nomeal-o era com entranhavel alegria. Conheceo a hora de sua morte. Estando enferma da doença, que a levou, mandou-lhe a Prelada huma noviça, que assistisse com ella pera a vigiar, e servir. Não o consentio, dizendo, que não queria cansar a ninguem antes de tempo: que quando o fosse, ella teria cuidado de avisar. Passou assi alguns dias, e no cabo d'elles advertio as enfermeiras, que era chegada a hora, que a não deixassem, e mostrou-lhes onde tinha junto todo o necessario pera sua mortalha. E assi se foi pera o Ceo como hum Anjo.

He segunda a Madre Caterina Pacheca, Religiosa de grande oração mental, exercicio seu de toda a vida: e viveo tanto, que chegou a não se poder bolir senão sobre muletas, porque se ajuntava aos longos annos outra aleijão, que tinha natural. Estando doente na enfermaria lhe fez o Senhor hum soberano favor. Era huma noite da Semana Santa, e da quinta feira pera a sesta: estava bem esperta, e empregada toda na consideração dos mysterios de tal tempo, eis que começa hum ruido por toda a casa, como de tropel de gente, que vinha andando á pressa, e em-

puxando-se, e forcejando com grita, e vozeria, e grande rumor: e no mesmo tempo sentio mover, e estremecer-se todo hum devoto Crucifixo, que tinha á cabeceira. Não caindo no que poderia ser, e ficando torvada, começou a ouvir huma voz de pregoeiro mui alta, e retinida, que distintamente declarava a morte, que Pilatos mandava dar ao bom Jesus, como quando hia caminhando pera o Calvario polas ruas de Jerusalem. N'este passo foi tal a dor da devota enferma, que levantou a voz em grita dizendo: Senhor, Senhor, isto não he pera mim, que vos creio, e confesso, e sei que isto, e muito mais passastes por mim: lá Senhor, aos infieis, que vos não crem, mostrai estes sinaes. Acodirão as enfermeiras, e outras enfermas, que estavão perto, ao grito com espanto (que do mais não sintirão nada) e obrigarão a velha santa a declarar a causa.

Chamava-se a terceira Religiosa Sor Caterina da Costa, que por muito zelosa da Religião, e guarda da regra servio longos annos o cargo de Suprioressa. Na virtude do silencio se esmerou com grandes, e notaveis particularidades, e com as mesmas em huma affectuosa devação com as almas do fogo do Purgatorio. Assi não se tinha por maravilha, que quem tratava sempre com defuntos guardasse silencio com os vivos. Mas todavia espantava muito o continuo trato, que tinha com as almas desejando fazer-lhes bem, e o grande desassombramento, e pouco medo com que falava com ellas, procurando saber suas necessidades, e remedeal-as por todas as vias, que podia. Da morte de seu pai foi avisada por elle mesmo, que lhe appareceo, e deu conta do estado em que estava, e do que havia mister que fizesse por sua alma. Estava huma noite no seu leito em oração, sentio por junto d'elle como estrepito de gente, que passava: levantou a cortina, e vio huma comprida procissão, e toda a companhia d'ella vestida de branco. Como acostumada a semelhantes visões não só se não perturbou, mas perguntou confiadamente aos de mais perto, quem erão, e a que vinhão alli. Responderão que erão almas do Purgatorio, e vinhão visitar, e consolar por particular privilegio, e mercê de Deos huma sua devota daquella casa, que muitos bens lhes fazia, e estava doente. Tão desassombrada se achava a boa velha, que fez segunda pergunta, se havia de morrer a que querião visitar: e foi-lhe respondido, que d'aquella doença não. Era a enferma a Madre Micia dos Apostolos, de quem adiante falaremos, pessoa bem merecedora de taes visitas: a qual com ser ainda então moça, era já tão estimada de todas as Madres, que o gosto de as alegrar com a boa nova obrigou

a santa velha a descobrir a visão. Faleceo em boa velhice cheia de dias, e com grandes sinaes de Santa.

CAPITULO XXXIII

Da Madre Sor Breitiz Salema.

Segue a estas Religiosas antigas a Madre Sor Breitiz Salema, tambem antiga como ellas, mas aventajada, se se pode dizer, em hum santo proposito, com que se determinou a retratar em si em supremo gráo todas as virtudes juntas de huma perfeita Religiosa, e em cada huma ser unica. E não cuide ninguem, que he isto termo rhetorico, e querer sair do estilo devido á historia. Não he sempre seca a verdade: fariamos contra ella, se por medo de parecer amigos de encarecer, usaramos termos breves, e ordinarios, e menos significativos do que merece hum valor não costumado nem ordinario, como foi o d'esta Madre. E todavia por fugir ditos, e opiniões iremos escrevendo singelamente o que d'ella achamos, e sem mais cores nem ordem, que a que tem em sua fonte. Primeiramente, porque se não possa duvidar do que dissermos de suas cousas, fundou a vida em huma profunda humildade, tomando por sua vontade todos os mais baixos, e abatidos officios da casa. Ella era a que alimpava todas as immundicias do mosteiro, e até as escravas ajudava a servir como se fora huma d'ellas: e isto não era só sendo moça, senão tambem despois de muito velha, que sempre andava com a vassoura na mão varrendo tudo o que não estava muito limpo. No Coro nenhum officio estimava como o de noviça. Assi quando as Madres hião a elle, já tinha candeas acesas, livros postos, e registrados, e tudo tão a ponto sem ser de sua obrigação, como se na verdade estivera á sua conta. Era-lhe facil esta diligencia, porque dormia muito pouco (que he outra grande virtude monastica) e nenhuma na casa se levantava primeiro a Matinas: e como se trouxera comsigo o relogio, assi estava pronta na hora, e pola mesma rezão ella era a que de ordinario espertava, e tangia a Matinas. A falta de sono não lhe procedia de natureza pouco inclinada a elle, se não de quebrantada, e vencida com força de abstinencia: soberana virtude, e de todas as outras conservadora. Affirma-se d'ella, que nunca comia mais, que pão seco: ora seco, ora em sopas, que devia ser despois que a idade lhe foi roubando os dentes.

A sua pitança da mesa lhe levavão sempre presos da cadeia publica, que tomava á sua conta pera os manter, ou outros pobres. Eis-aqui como se alternava a abstinencia com a charidade, ou como huma virtude era origem da outra. Mas pois tratamos da charidade, que usava com os necessitados das portas afora, não deixemos pera mais longe a que das portas adentro exercitava. Toda sua vida costumou servir as enfermas, alimpar-lhes os leitos, hir, e vir á cozinha polo jantar, e cea de cada huma com tanta diligencia, que ainda despois de velha competia com as mais piadosas servidoras. E pera que abramos os olhos, considerando com espanto os juizos de Deos, sendo as obras de charidade tão estimadas d'elle, que de sua boca nos affirma aceitar por feitas em serviço seu, as que por qualquer necessitado fizermos; no mesmo exercicio acontecerão á santa velha dous casos, hum dos quaes lhe custou perder huma mão, e o outro a vida, e passarão assi. Indo depressa acodir a huma enferma com certa cousa, que na mão levava, ou se ferio n'ella, ou se queimou (o certo não consta) de tal sorte, que a poucos dias lhe saltarão herpes, e posta em cura ficou com vida, mas porque foi necessario sarjar-lhe a mão ficou aleijada: e com tudo nada escarmentada, nem menos solicita nos officios de piedade. Era polo mez de Agosto, e em dia de nosso Padre, e casa revolta, e toda occupada em festejar o Santo. Então he o tempo em que padecem os enfermos, porque festas grandes são só pera os sãos, e todos se querem achar n'ellas. Erão horas de jantar, e passava de horas; vio a santa velha, que não havia quem se lembrasse de huma pobre doente, fraca, e necessitada; não se quiz valer do privilegio da festa, nem da idade que já então era quasi decrepita, nem desculpar-se com o perigo do Sol de Agosto, havendo de fazer o caminho pera a cozinha por lugar descoberto a elle; foi correndo, chamou, bateo, porque a achou fechada. Havia dentro tanto em que entender, que ou não foi ouvida, ou a não quiserão ouvir. Fazia-lhe guerra pera que se tornasse o ardor da calma, que sem reparo alli fervia, mas era maior o que se sentia de charidade em suas entranhas; bater, e gritar parecia-lhe genero de impaciencia, e importunação, sendo seu costume sofrer tudo, e a todas, não ser pesada, nem dar escandalo a ninguem. Escolheo por menos mal o que era mais em dano seu, que foi esperar, e sofrer o Sol; mas dalli trouxe logo huma sezão; e segundarão outras, que a levarão em poucos dias. Assi foi martyr da charidade, e juntamente da paciencia, e mansidão: pois com huma pequena

falta, que fizera em qualquer d'estas virtudes, escusava a doença; porém affirma-se, que era tão de bronze na paciencia, e tão de rosas na mansidão, que nem com huma escrava se lhe vio nunca sinal de ira; e sobejando nas Communidades grandes, como foi sempre a d'aquelle Mosteiro, occasiões de encontros, e desgostos, ella os sabia levar, ou desviar de modo, que nunca perdeo a paz da alma comsigo, nem com outrem desd'o dia que vestio o habito da Religião.

Sendo tal nas virtudes, que tem respeito ao proximo, era prontissima muito mais do que se pode encarecer nas que só tem por objeito a Deos. Como sohia chamar, e espertar a Matinas polo pouco que dormia, e era a primeira que a ellas vinha, assi assistia n'ellas, e em todos os mais Officios Divinos, com tanto espirito, e tão enlevada no que rezava, que seu rosto a quem a via no Coro parecia de hum Anjo. Despois das horas a que era obrigada assistir sempre se ficava em oração, e n'ella continuava com attenção estranha. He cousa certa que em tempo de recreações, quando por dar algum alivio ao trabalho de todo o anno concede o costume da Ordem dispensação nas Matinas da meia noite, a Madre Breitiz Salema não podendo acabar comsigo deixar de acodir áquella hora a louvar o Senhor, caminhava só pera o Coro, e alli aturava toda a noite em peso, até horas de Prima, tão esquecida de si, e de tudo o da vida, que por muito rumor que se fizesse, ou caso extraordinario que acontecesse, nenhuma cousa bastava pera tolher aquelle sono do Ceo. com que o Senhor sabe recrear as almas, que o amão. Quando se achava assi só no Coro, o posto que tomava era no meio d'elle, pera ficar defronte do Santissimo Sacramento. A postura não assentada como fazem as fracas, e mimosas, se não joelhos em terra, e mãos levantadas, e todos os sentidos passados ao Ceo por alta comtenplação. Acontecia em tardes de verão entrarem as Religiosas, e verem-lhe o rosto cuberto de moscas, que a comião, sem fazer sentimento, nem dar acordo de nada. Mas o que mais espanta he, que até a hora da morte nunca cessou, nem afroxou n'este estilo, e ordem de vida: antes perseverou sempre, seguindo o Coro dia, e noite, e residindo n'elle, salvo em quanto era occupada em officios da Communidade, ou acodia ao serviço das suas enfermas.

A oração tão continua ajuntava huma entranhavel devação com a Virgem gloriosa do Rosario, empregando em seu serviço, e ornato de sua Confraria tudo quanto lhe vinha ás mãos, e podia grangear. Quando che-

gou ao fim da vida, das sezões que dissemos, acompanhando-a a Communidade, sobreveo-lhe hum desmaio que pareceo termo de quem queria acabar. Quando todas cuidarão que se finava, ella tornou rindo com hum gesto, e viveza de sã. Disse-lhe huma das que estavão mais perto: Que he isto Madre, de que rides? Vistes por ventura aquella Senhora de quem sois tão devota? Respondeo a enferma palavras formaes: Ella me deu a sua graça. E sem dizer outra cousa rendeo a alma ao Creador. Seguirão-na as Madres de commum consentimento, não com canto funeral, e triste, mas como em triunfo com hum alegre *Te Deum laudamos*, segundo era decente a quem morria com o sinal que o Espirito Santo dá da molher, que canoniza por Santa, dizendo: *Et ridebit in die novissimo* (1): Morrerá rindo.

CAPITULO XXXIV

Das Madres Sor Anna Villela, e Sor Anna Carreira.

A Madre Anna Villela ganhou nome de esmoler não tendo de seu nada, e vivendo entre Freiras pobrissimas. Mas aqui cabe o louvor que teve a velha do templo por boca da summa Verdade (2): que deu mais que os ricos, que vazavão bolsas, só com dar os seus dous seitis, porque elles davão das bolsas cheias, e do que lhes sobejava; ella dava da boca, e tirava da sustentação d'aquelle dia. Nem mais nem menos fazia esta Madre: partia a pobre pitança polo meio: juntava-lhe o que podia polas amigas, e pola mesa, e consolava hum pobre. Isto fez sempre, e cada dia sem mudança. Mas havendo quem lh'o estranhava despois de velha, e fraca, dizendo que havia mister ajudar-se do mantimento, com lembrança que a charidade começava pola propria pessoa (que até idiotas sabem Theologia em proveito do corpo) ella respondia, que huma ametade queria pera a alma, e a outra bastava pera o corpo. Toda a vida teve de costume levantar-se infalivelmente á meia noite: e rezava logo com particular devação os sete Psalmos penitenciaes: e quando chegava ao verso do setimo, que diz: *Expandi manus meas ad te: anima mea sicut terra sine aqua tibi*: a estas ultimas palavras batia nos peitos com huma pedra com tanta força, que acordavão as Religiosas ao estrondo dos golpes: e o costume de as ouvirem cada noite, e ás

(1) Proverb. 31. (2) Luc. 21.

mesmas horas, e saberem todas d'onde procedião, veio a facilitar o que d'antes causava medo, e torvação. Era tão obediente, que tendo muito amor a huma gatinha, que criara, e mandando-lhe a Prioressa, que não entendesse com ella, por lhe parecer que se occupava, e inquietava mais do necessario, ou por ventura pola provar; obedeceo tão fielmente, que nem olhar pera ella se atrevia. E acontecendo chegar-se a ella o pobre animal polo instincto natural da criação, torcia o rosto pola não ver, mas os olhos davão sinal arrasando-se de lagrimas polo muito que lhe custava a força que se fazia, por não faltar na maior da obediencia.

Creceria muito este volume, se houveramos de proseguir todas as cousas que ha dignas de memoria nas vidas d'estas Madres. Assi nos contentamos com tocar sómente algumas, e cortar muitas, porque as que se apontão parecem bastantes pera se entender o espirito, e valor de cada huma. Anna Carreira se chamava huma Madre, que veio buscar esta santa morada, despois de muitos annos de mundo empregados em pensamentos altos, e esperanças de grandezas da terra, porque ajuntava com bom sangue partes naturaes excellentes, e o que o mundo mais estima, muita, e grossa fazenda. Guardava-a Deos pera si, foi-lhe abrindo os olhos do entendimento, que tinha esperto, e assentado, mostrou-lhe em cabeça alheia successos avessos, desastres não cuidados, esperanças cortadas em flor. Resolveo-se polo discurso do tempo, que só a Religião, e o buscar a Deos era porto seguro de corpo, e alma. Sem mais esperar deixa tudo, entra polo Mosteiro huma noite (proprio tempo de quem foge) abraçada com hum Christo crucificado, não se fartando de lhe dar graças: porque nenhum outro conselheiro achara do bem, em que se via de o buscar, ainda que tarde, senão só a elle. Trazia grande animo, mas erão as forças fracas, e essas debilitadas com o habito da vida empregada em delicias de gente rica. Assi fizerão a batalha mais perigosa, e a vitoria de mais merecimento. Como quem pera ella se armava de hum arnez trençado, vestio logo hum gibão inteiro de cilicio, e deu-se tal manha com todos os rigores da Ordem, que ninguem os executava melhor. Porém era á custa de muitos trabalhos, e contradição da carne, e da natureza: e tambem do que o enemigo commum lhe procurava com tentações persuadir, como despois pareceo.

Passou seu anno de noviça: fez profissão com alegrias, e jubilos da alma. Mas Lucifer, que ardia de raiva, e enveja de se ver atropelado, e vencido de huma fraca molher, determinou-se com ella em guerra des-

cuberta, e guerra de mãos: salta n'ella na mesma noite da profissão, lança-lhe mãos á cabeça, afferra-lhe do veo: defende-se a professa, e grita, e em fim fica com vitoria. Não quiz todavia o soberbo apartar-se sem alguma vingança. Tinha a nova professa no seu leito hum caixão de muitos brincos de porcelanas, vidros, cristaes, e outras miudezas, que como erão de casa rica, todavia tinhão valia. N'estas fartou o odio. Acharão-se pola manhã todas feitas pedaços, e tão esminçadas, e moidas, que só mãos do diabo poderão tal obrar. E forão vistas por todo o Mosteiro com espanto, e lastima: mas só pola professa com gosto, por lhe não ficar cousa da terra em que o occupasse. Caindo o enemigo na conta, que fizera lanço contra si, tornou outras noites a perseguil-a, procurando arrancar-lhe o veo da cabeça, e arrepelando-a: feitio, e obras que a fundavão cada hora mais no amor de Deos. E assi dizem, que a estancia do leito, onde estas perseguições padecia, lhe servia mais de oratorio, que de cama, mais de trato com Deos, que de sono. Porque passava as noites orando com tal enlevamento da alma, e dos sentidos, que acontecia entraram Freiras a tomar luz da sua candea, e assentarem-se a rezar junto d'ella, sem ella dar fé de nada, nem acordo de si. Mas logra-se mal tudo o que tem estremos de bom, porque o não merece o mundo. Viveo poucos annos despois da profissão; e acabou como viveo com morte de Santa. Do que houve fermoso testimunho alguns annos despois. E foi assi, que abrindo-se a sua cova pera lançarem n'ella outra defunta, sahio de dentro hum cheiro de tão excessiva suavidade, e fragancia, que os Religiosos, que fazião o officio, culpavão quem tinha o cargo da Sacristia, affirmando, que em lugar de incenso se queimavão no turibulo pastilhas, ou beijoim. Porém averiguada a verdade com vista da naveta, cahirão que a madre Anna Carreira era a que convertia com sua santidade aquelle pó, que tocava seus ossos, em barro de cheiro, e pastilhas do Ceo: e como estava fresca a memoria de suas virtudes, não se estranhou a maravilha.

CAPITULO XXXV

Das Madres Sor Filippa de Castro, e Sor Filippa Godinha.

A duas Annas Santas succedem duas Filippas, que o não forão menos. Ambas chegaram com a idade a nossos tempos. Ambas muito pe-

nitentes, e de grande oração. Huma foi a Madre Sor Filippa de Castro: outra Sor Filippa Godinha. A primeira teve particular excellencia em ser amiga do bem commum da casa, e estimar o particular de cada Freira mais, que o proprio: e não houve nunca occasião tão pesada, que lhe abatesse o fogo da charidade, que tinha pera com todas. Por ser esta foi vinte annos porteira: e nunca o trabalho do cargo a fez afrouxar na penitencia, ou descuidar na oração. Todos os sabbados do anno jejuava a pão, e agoa, á honra de Nossa Senhora, de quem era devotissima. O mesmo fazia todas as vesperas das suas festas, e das festas dos Apostolos: e na Quaresma ajuntava a esta penitencia as quartas feiras. Por maneira, que contados os dias, vinha a fazer interpoladamente em cada hum anno quasi duas Quaresmas de pão e agoa. Na oração assistia com tanto gosto, e assi a continuava, como se outra cousa não tivera em que entender: e tal era a consolação de seu espirito n'ella, que lhe tresbordava no rosto, e parecia, a quem a via, que se estava rindo. Veio a falecer de uma febre ardente acompanhada de modorra, e frenesi, que a consumio em termo breve: mas foi o Senhor servido que antes de acabar tornou em si, e com perfeito juizo, e conhecimento do estado em que estava, tratou de sua alma, e se despedio de todas: e com grande animo, e conformidade com Deos se foi pera elle.

A penitencia da Madre Filippa Godinha foi cousa extraordinaria, e fóra do commum. Por ella era chamada de todas: «O Padre do ermo», e havida por santa. Nunca trouxe tunica de linho, nem de estamenha. Vestia sobre as carnes hum cilicio inteiro, que era hum gibão de pano baixo, e aspero, trajo de molheres do povo humildes, que ellas chamão sainho, por ser maior, e mais comprido de talho, que o gibão. Cama tinha, mas não pera dormir n'ella: só lhe servia de nome, de effeito nunca, porque nunca se deitava n'ella. E tal era esta cama de estado, que tambem fora penitencia por si soffrel-a: e pera se mortificar em todo tempo, soffría-a nas doenças. Era hum enxergão velho, e podre, acompanhado de hum colchão de lan quasi vazio, em cima por lençoes, e mantas huns pedaços de cubertas, que sendo de panno do monte seco, e aspero, a muita velhice e roturas as fazião brandas. Outra cousa não havia n'ella. N'esta affirmão que a virão deitada em doença gravissima, que padeceo de febres ardentes sobre huma inflammada erisipula. Tomava muitas diciplinas, jejuava todas as sestas feiras do anno a pão e agoa, e na Quaresma tambem ás quartas feiras. A oração era pasto suavissimo de sua al-

ma, e suas delicias. Pera gozar d'ella nem na ultima idade podia acabar comsigo ficar de Matinas. A todas acodia com hum cuidado invencivel, e despois ficava de ordinario no coro até pola manhã. Era grande amiga do silencio, e não abria a boca senão pera cousas mui forçadas. Se ouvisse pratica espiritual acodia, e respondia, alargava-se, principalmente quando se tratava da Paixão de Christo, de que era mui devota. Na hora da morte foi perseguida do enemigo infernal, que a tentou visivelmente. Defendia-se com obras, e palavras, como outro S. Martinho: armava-se com o santo sinal da Cruz, e dizia-lhe: Renego de ti, e de tuas más obras. Vai-te pera o teu logar. Aqui não tens que fazer. Sou alma de salvação. Meu Deos morreo por mim, elle me ha de salvar polos merecimentos, que pera mim ganhou na Cruz: e juntamente polos de meu Padre S. Domingos, cuja filha sou. Outras vezes fechava os olhos pera huma parte do leito, outras fazia sinaes de desprezo, e estendendo o braço, e cerrando a mão dava figas. Em fim quietou; e com o nome de Jesu na boca, e na alma passou á quietação perpetua.

CAPITULO XXXVI

Da Madre Sor Maria de Mendoça.

Começamos a escrever de gente, que conhecemos de mais perto: e ainda que he costume do mundo fazer muito caso das cousas antigas, e muitas vezes sem mais rezão, que o gosto, e inclinação, que nossa natureza tem a estimar mais tudo o de longe, e que não tem uso: a verdade he que o ouro velho não he melhor por mais velho, senão por mais fino: e quem o achar hoje tão subido em quilates, como he o dos portugueses del-Rei dom Manoel, ou dos dobrões de duas caras dos Reis dom Fernando, e dona Isabel, não tem pera que desejar, nem envejar mais velhices. Porque com o mesmo fogo, que apurou o antigo, podemos levantar o novo a igual, e maior fineza. Da mesma maneira veremos d'aqui em diante neste Mosteiro alguns espiritos, que não devem nada em valor aos muito atrazados em annos, e muito abalisados em boas calidades: e não ha que espantar, pois sabemos que huns, e outros são obra sahida de huma mesma forja, e das mãos do mesmo official, que he Deos. Bem o podemos dizer pola Madre Sor Maria de Mendoça, que se-

gundo sua grande religião, zelo, e espirito de governo, se cahira nos tempos muito antigos, receberamos sua memoria como cousa estranha, e peregrina; e todavia acharemos que foi igual ao valor dos que celebramos por muito afastados da idade presente. Quinze annos teve o trabalho de Prioressa. Soube ajuntar no officio dous estremos, com que se fez grandemente estimar, que forão ser temida, e amada: pera o que lhe valeo huma natureza, que tinha, mui humilde, e soffrida: e igualmente inteira, e varonil. São estremos tão necessarios em quem tem qualquer administração, que por isso vemos hoje tanta falta de bons governadores, e bom governo por toda a parte, porque não ha quem estude em os alcançar, e manter juntos. Huns cuidão que tudo se alcança com rigor, dão em tyrannos, e ganhão odio dos subditos. Outros seguem tanta brandura, que de frouxos, e pera pouco se fazem desestimar, vão-se com todos, não contradizem nada: e cuidando ganhar amor por esta via, vem pola mesma a ser mais aborrecidos, que os tyrannos. A Madre Maria de Mendoça na sua pequena Republica assim ordenava suas cousas, que nem por branda era pouco respeitada, nem por esquiva odiosa. E não devemos cuidar, que lhe vinha isto de ser lida nas Politicas de Aristoteles, ou Republicas de Platão: a causa original era, porque se governava segundo o conselho Evangelico, com simplicidade, e entranhas de pomba, com prudencia, e inteireza de serpente. A sua amiga, por mui especial que o fosse, não se havia de desmandar, nem fazer cousa mal feita, que logo não tevesse a repreensão, e a pena, se convinha: a quem não era muito de seu seio, se fazia o que devia, e procedia com bom termo, tinha de sua boca gloria, e louvores, e a honra do melhor cargo, se pera elle prestava. Assi trazia em igual balança pena, e premio com todas, e sem distinção com nenhuma. Com tal arte tinha aquella Communidade tão obrigada, que em quanto viveo, todas as vezes que lhe coube, foi buscada á força pera Prelada, sem lhe valer huma pesada, e incuravel enfermidade de hum cancro, que lhe hia comendo o peito direito com intoleraveis dores, e com fluxos de sangue, que lhe acodião a miude, e a punhão no ultimo da vida. Valia-se em tanto mal de huma entranhavel devação, que sempre teve com a Paixão de Nosso Senhor Jesu Christo: pera a consideração da qual tomava muitas horas, principalmente de noite. Sabia-se d'esta Madre de muitos annos atraz, que em soando nos relogios as doze já estava esperta, tanto ao justo como se alguma pessoa tivera cuidado de a chamar. Logo se levantava a meditar a sagrada Pai-

xão, e n'ella lhe dava o Senhor altos, e devotos sentimentos. Dizia ella (e sua vida merecia credito em maiores cousas) que todas as vezes que ouvia cantar os gallos n'aquella hora, lhe atravessavão o coração gravissimas dores, com lembrança das negações de S. Pedro. E que desd'a quinta feira até o sabbado por toda a roda do anno sentia em sua alma huma grande desconsolação, lembrada da que o Senhor padecera n'aquelles dias, e das magoas, e saudades da Virgem sua Mãi.

Com a idade, e enfraquecimento da natureza foi lavrando o cancro, e sendo muitas as penas, e miserias de tal doença, e o ver-se comida em vida, era admiravel a paciencia com que as levava. Acontecia ouvirem-na as que passavam por seu leito entre os gemidos, que a força das dores lhe arrancava, falar algumas palavras, não de queixa nem sentimento, mas de amores, e requebros, que dizia á mesma chaga, como quem esperava, que havia ella de ser meio de sua gloria. Assi lhe chamava de ordinario a sua rosa. Tinha com todo este trabalho compridos tres annos de Prelada, que forão os ultimos de sua vida: então conhecendo a hora de sua morte, pedio absolvição do cargo, e durou despois que o largou, hum mez. N'este tempo, quando entendeo que estava perto do fim, chamou suas parentas, que tinha muitas, despedio-se d'ellas, e mandou que a deixassem por não receber torvação na vista de suas lagrimas. Pouco despois começarão as Madres a Ladainha, e orações d'aquella hora: as quaes acabadas, pedio com muita quietação que lhe rezassem em voz alta algumas cousas de devação; e estava tanto em si, que rezando-lhe o Responsorio de Nosso Padre: *O spem miram, etc.*, quando repetião: *Imple Pater quod dixisti*, levantava os olhos ao Ceo como quem lhe pedia o mesmo. Pedio despois que lhe dissessem o Responsorio de quinta feira da Cea: *In monte Oliveti, etc.* Forão-no dizendo, e quando chegarão a dizer: *Pater, si fieri potest*, entrou em passamento com os olhos pregados em hum Christo crucificado, que tinha diante, e assi acabou sem tazer geito nem differença na boca, nem na cor. Foi este bemdito transito, como de quem era tão devota da Paixão, em huma sesta feira de Março do anno de 1575. E não se podendo sepultar aquelle dia por ser tarde, quando veio o seguinte, tomando-lhe algumas Religiosas as mãos pera lhas beijar, notou-se com espanto, que estavão tão brandas, e assi se meneavão como se forão de pessoa viva. Era esta Madre filha de Ayres de Sousa, Commendador das Commendas de Nossa

Senhora de Alcaçova de Santarem, e de Rio maior da Ordem de Avis: e de dona Violante de Mendoça.

CAPITULO XXXVII

Da Madre Sor Guimar de Sousa.

D'esta Religiosa, a quem demos o capitulo precedente, era prima com irmã a Madre Sor Guimar de Sousa, da qual podemos dizer que foi hum retrato de toda a bondade. Porque em tudo o que tocava ás leis da Religião se esmerou perfeitamente, e em especial em ser pobre de vontade, e com effeito; que he ponto, em que ha muitos, e grandes ganhos secretos. Padecia faltas de muitas cousas necessarias, e não só as levava com paciencia mas com alegria. Na obediencia era tão pronta, que em ouvindo o nome da Prelada em qualquer estado que estivesse, ainda que fosse comendo, e pera cousas de pouca importancia, tudo deixava, com quanto por ser muito doente tinha a escusa na mão. Dava-se á oração quasi continuamente, e esta era sua principal occupação. Não falava, nem consentia falar de pessoa ausente em sua presença, senão com louvor. Era mui humilde de coração, e obras: o que se via em que despois de ser duas vezes Prioressa, e no tempo que o era, ensinava de boa vontade a ler, e cantar as que sabião pouco: e isto sem lh'o pedirem, mostrando particular gosto do trabalho que tomava em as instruir (verdadeiro officio de Prelados, mais que occuparem-se com todo o cuidado, como acontece muitas vezes, em temporalidades, havendo que só consiste n'ellas toda a sustancia do cargo.) Era muito escrupulosa nas cousas de sua obrigação: e d'aqui lhe nacia folgar de ensinar as ignorantes, e juntamente tratar com letrados pera aprender o que não sabia. Por estas virtudes alcançou de Deos hum soberano favor por ella com longas instancias requerido, que foi dar-lhe n'esta vida a sentir parte dos tormentos, que padeceo na Cruz. O modo era acodirem-lhe em certos dias humas dores tão excessivas em todos os membros, que affirmava não erão menos, que se hum por hum lh'os fossem espedaçando todos: e porque ficava de todo tolhida, não tinha remedio pera as passar senão deitada em cama. Quando lhe começarão, como os medicos não entendião o que era, applicavão remedios, e mesinhas; e ella por se encobrir,

ainda que sabia d'onde vinhão, soffria tudo ajuntando martyrio a martyrio. Durava-lhe o acidente de ordinario vinte e quatro horas, as quaes passadas, como no mal não havia causa natural, ficava livre de todo, até que o Senhor era servido mandar-lhe outro. Como forão continuando os acidentes, por escusar medicos, que os Prelados logo chamavão, tomou por meio dar conta a seu confessor, e declarar-lhe a verdade, que pera gloria de Deos se veio a manifestar, e era publica no mosteiro. Mas ficou em perpetuo segredo o que fora de mais honra d'esta Madre, quero dizer os meios por onde entendeo, que era dado por Deos, e a sua petição hum tormento, que podia ser natural: o que de força havia de ser por revelação, e com outras particularidades, que se deixão bem entender, e ella por sua humildade se não atreveo a declarar. Por estas, e outras cousas, que se notavão de sua vida, era tida de todas em grande conta: mas no cabo da carreira succederão outras, que confirmarão bem tal opinião. Estando enferma da ultima doença, que a levou, juntou-se a Communidade huma tarde parecendo que entrava em passamento. Vendo as Madres juntas, disse-lhes que se podião hir; mas que no dia seguinte ás dez da manhã estivessem com ella, que então as havia de deixar. Toda aquella tarde, e noite passou em palavras de muita edificação: e chegando a hora, que tinha dito, se foi ao Ceo no mez de Março do anno de 1578. Ordenou-se acaso abrir-se-lhe huma sepultura nova, e derão os officiaes em huma piçarra tão seca, e dura, que tudo o que tiravão era pedra, e á força de alavanca: e parecendo que pera cobrir o corpo faltaria terra, e seria necessario mandar vir alguma de fóra, notarão os religiosos, que assistirão ao officio, não sem grande maravilha, que despois de cuberta, e cerrada, e igualada a cova, não sómente houvera falta de terra, mas antes sobejara muita além de hum monte de pedras, que estava junto, que d'ella se tirara. E fazia o caso mais notavel não ser a defunta corpulenta, antes hir muito extenuada da doença, Mas outro, que logo succedeo, fez esquecer este. Vierão tochas alugadas pera o officio, como he costume, mandadas polo Cerieiro da casa, e dadas, e tomadas por peso, e por escrito. Arderão á missa, e officio, que foi cantado com muita solenidade, como era rezão por Prelada, e que todas tinhão por santa. Quando foi a entrega não só se não achou deminuição na cera, mas houve tanto crecimento no peso, que bastou pera pagamento do aluguer. Não faltarão sonhos, e visões em algumas pessoas de boa vida, que derão testimunho da gloria a que subio: mas podendo ser

mui certas polo que merecia, escusamos contar verdades sonhadas, á vista das palpaveis que temos referidas.

CAPITULO XXXVIII

Das Madres Sor Filippa de Paiva, Sor Guimar Velha, Sor Isabel da Rosa, Sor Breitiz de Mendoça, e Sor Lianor do Rosario.

Seis annos adiante no de 1584 faleceo n'esta casa a Madre Sor Filipa de Paiva com grandes sinaes de salvação no fim, como tinha dado com verdadeira observancia por toda a vida. Foi o mal de que acabou, huma trabalhosa hidropesia, que soffreo com grande paciencia, não deixando nunca hum santo exercicio de estar sempre com Deos por meio da oração. Estimava esta Madre em tanto grão o estado da Religião, e a boa ventura que considerara ter alcançado n'elle, que a nenhum officio da Communidade, por humilde que fosse, torceo nunca o rosto: ainda sendo muito velha servia todos com alegria, e tinha por honra fazel-os com perfeição, e a gosto das outras Religiosas em quanto se estendia sua obrigação. Assi até a hora da morte foi sempre occupada. Era tão charidosa, que a todos amava, e desejava agradar, como se cada huma fora sua irmã por sangue: pagavão-lhe todas na mesma moeda, porque alem das boas entranhas, que lhe conhecião, achavão em suas mãos huma certa virtude pera qualquer dor, ou outro mal que a cada huma succedia, em que tinhão tanta fé, que como se n'ella tiverão certa a saude, assi era chamada das enfermas. Acodia a boa velha sempre com alegria, e sentião de suas mãos recreação, e alivio. Mas a mestra verdadeira era a Virgem gloriosa do Rosario, cujo azeite levava sempre comsigo, e este era o que obrava o remedio por meio da sua serva, que com perpetuo amor se empregava no cuidado, e veneração da sua imagem, que a seu cargo tinha: e quando faleceo fazia entre as Madres, e em serviço da mesma Senhora o officio, que chamão de mordoma, que era estar obrigada aquelle anno a lhe fazer a sua festa. Parece que quiz a Mãi de misericordia que lh'a fosse celebrar entre as santas Virgens do Ceo.

Por Fevereiro do anno de 1590 faleceo a Madre Sor Guimar Velha, que merece fazermos d'ella memoria pola perseverança, que toda a vida teve na oração, de sorte, que servindo sempre os officios do mais tra-

balho da Communidade, tomava por alivio do muito, que n'elles cançava de dia, orar toda a noite, que era descançar com Deos do que trabalhava por Deos. Era muito devota do Santissimo Sacramento; e todos os empregos de cousas, que fazia por suas mãos, e fazia muitas, offerecia pera o culto divino: e as que pera elle não convinhão, fazia vender pera que servissem por outra via. Assi enriqueceo com sua industria a sacristia, e se lhe deve grande parte dos concertos, que n'ella se vem hoje.

A Madre Isabel da Rosa fez huma vida tão santa, e esmerou-se tanto em todas as virtudes, que mereceo ser crida na hora da morte, dizendo que estava com ella o grande Arcebispo de Florença Santo Antonino Frade nosso. Sabia-se d'ella que toda a vida lhe rezara cada dia o seu officio inteiro, assi como o rezamos em sua festa.

Quatro annos foi Prioressa n'este Mosteiro a Madre Sor Breitiz de Mendoça com grande satisfação de toda a Communidade. Sobre muitas virtudes, de que era dotada, na da humildade foi hum estremo. Porque até as escravas ajudava a trabalhar quando entendião em cousa, de que ella podia lançar mão: o que tambem lhe nacia de humas entranhas brandas, e piadosas pera com todas. Tinha muita oração, e era especialmente devota de nosso Padre S. Domingos, em cujo dia não sabia dar hum passo fora do Coro, gastando-o todo em meditação da alteza de suas virtudes, as quaes lhe fazião do Santo tamanha saudade, que segundo affirmava, não podera ser maior, se muito familiarmente o tratara, e conversara.

Sor Lianor do Rosario se chamava huma moça, que da India oriental veio com outra irmã sua (e vierão ambas em tenra idade) a tomar o habito n'este Mosteiro, por serem filhas de hum homem nobre natural da mesma villa. E foi o tempo, que o logrou, tão curto, que passava pouco de dezoito annos quando se partio d'elle pera o Ceo, tanto ao certo na opinião de todas as Religiosas, que justamente lhe podemos applicar o que por outrem foi dito: *Consummata in brevi explevit tempora multa* (1), em vida curta obras de longos annos. Desde minina começou a ser santa. De dia quando a mestra dava recreações, a sua era furtar-se ás companheiras, entender com livros de devação, ou ir-se ao coro: com tanta constancia, que a tinha pera se ouvir chamar de hipocrita, e não se render, nem escandalizar, nem fazer máo rosto. De noite dormindo em companhia de outras mininas na enfermaria, por não ter ainda

(1) Sap. 4.

leito, era ordinario as que acordavão acaso, ou se levantavão fóra de tempo, acharem-n'a posta de joelhos rezando diante de huma imagem de Nossa Senhora. Estando no coro era tanta sua composição, e devação no modo de rezar, que fazia espanto a toda a Communidade. Esta foi quando minina, e noviça: tanto que fez profissão, entendendo que votara pobreza, desapropriou-se logo de tudo quanto tinha de brincos, e curiosidades de Freiras, que sem encontrar o voto se possuem, ou com licença, ou em nome da Communidade, ou por não serem de valia: e quiz desembaraçar-se de sorte, que até as necessarias largou a sua irmã; e quando sucedia ter necessidade de alguma, contentava-se com a pedir por emprestimo, ou por esmola, e nunca como sua. E pera mais inteiro desapropriamento nem a chave de hum pobre bofeto, que lhe ficou, quiz nunca possuir: aberto o tinha sempre, ou a chave junto d'elle no leito. Juntava a esta pobreza muitas disciplinas tomadas com rigor, estreita abstinencia, e huma obediencia mui pronta. São os officios das novas professas na Religião os mais trabalhosos que n'ella ha, pera se acostumarem bem, e se hir dando alivio ás mais antigas. Ella aceitava, e fazia todos com gosto, e perfeição: e por muito cansada que ficasse, nem cortava polo coro, nem por huma pesada carga voluntaria, a que se tinha obrigado, de rezar hum Psalteiro cada dia. Ao coro acodia com estranha continuação, e a obrigação do Psalteiro cumpria puntualmente. E assi quasi não tinha momento, que não fosse dado a Deos. Era o trabalho muito, a idade tenra, e a natureza fraca, foi sentindo o peso, e enfermou gravemente. Soube-se de certo que entre as cousas, que pedio a Deos na profissão, foi huma, que despois de professa lhe encurtasse os dias, pera ir mais cedo gozar de sua visão beatifica: outra que fosse seu fim de doença vagarosa, pera que conhecesse a morte, e até o ultimo tivesse fala, e juizo. Cumprio-lhe Senhor misericordioso sua petição em tudo, porque raramente consente, que fiquem baldados desejos santos. Abreviou-lhe o desterro, e deu-lhe a enfermidade que desejava: fez-se tisica, foi-se consumindo de vagar, falando, e tratando com todas, e vendo, e entendendo que hia acabando.

Visitou-a o medico hum dia, e entendendo pelo pulso, que se lhe apertava o prazo, avisou que lhe acodissem com o Sacramento ultimo da santa Unção. Sentio-se a carne quando o soube: que não ha tão valeroso soldado, que não tema ao entrar na batalha, e não se chama esforçado o que carece de medo (que isso he ser temerario) senão aquelle que

atropelando, e vencendo os medos se arremessa animosamente ao perigo. Podia ser tambem confiança da mocidade: em fim fez resistencia, e refusava dispor-se pera o Sacramento. Mas como era verdadeira filha de obediencia, na hora que a Prelada lhe disse que convinha, não sómente consentio logo, mas as horas, que despois durou, gastou todas em fazer escrupulo, e pedir perdões da difficuldade que mostrára. Entregou-se á disposição Divina com huma conformidade, que parecia communicada do Ceo, dando graças sem fim ao Creador pola trazer á Religião, e a esta Ordem, e casa, e lhe dar a morte que desejara, e pedira. Quando lhe chegou a hora, pareceo a todas as Religiosas, que tivera verdadeiro conhecimento, e revelação d'ella. Porque grande espaço d'antes pedio que lhe chamassem huma amiga sua, e esteve tratando, e falando com ella de vagar; e despedindo-a, pedio logo que lhe dessem a candea. Entrou na batalha, e estando já mui quebrada, tornou em si com viveza, e alegria, e fez sinal pera a Madre, que lhe tinha a candea, chamando-a, como que queria dizer alguma cousa que via: mais já não havia força pera satisfazer á vontade, nem formar muitas palavras, e só lhe foi ouvida huma clara, e distintamente, que foi: Nossa Senhora do Rosario. E com esta Senhora na alma, e na boca, e segundo opinião das circunstantes, tambem nos olhos, passou à melhor vida por Julho do anno de 1592.

CAPITULO XXXIX

Da Madre Sor Micia dos Apostolos.

Seguio a huma moça muito moça, e muito santa, huma velha muito velha, mas tambem muito santa: foi a Madre Sor Micia dos Apostolos, cujas grandes virtudes, e longa vida de força nos hão de obrigar a huma narração hum pouco mais dilatada. Faleceo quasi seis annos justos despois de Sor Lianor do Rosario, por Junho de 1598, e teve os mesmos principios de vida, mostrando logo nos seis pera sete annos de idade, em que entrou no Mosteiro, hum peso, e gravidade, que dava pronostico de grandes aventagens pera o tempo adiante. Aborrecia os passatempos de minina, com gosto da oração, e coro, e huma entranhavel charidade pera com as enfermas, empregando as forças, que ainda não tinha, em servir todas, e com mais affeição ás velhas com quem era seu mais gosto tratar pera aprender d'ellas a orar, e meditar, e os

modos de mais agradar a Deos. E como n'este ponto consiste todo nosso bem, sendo assi que pela oração, e meditação se une com Deos nossa alma: e quanto esta união he mais perfeita, tanto ficamos mais visinhos aos bens da gloria, que esperamos, bem podemos assentar, que quem n'ella se aventajar sobirá brevemente ao cume de todas as virtudes. Porque a oração he fogo, que purifica a alma da escoria dos vicios, que a affeão: he thesouro que a enfeita com joias, e louçainhas de virtudes, que a fazem bella, e fermosa aos olhos do Creador: he espelho que nos descobre os defeitos mais escondidos da alma: e emfim he huma cadea composta toda de fusis de ouro, como lhe chama o divino Dionysio Areopagita, pola qual nos alamos com facilidade da terra ao Ceo. N'esta virtude foi insigne esta Madre muito alem do que se pode encarecer, e por aqui podemos fazer juizo quanto se adiantaria nas outras. Era cousa averiguada no Convento, que quem a quizesse achar, em nenhuma parte a tinha certa como no coro. Hora de palra, nem conversação sua ninguem a teve nunca, se não era estando enferma, porque estava presa da doença. A seculares nunca tratou, nem pera elles chegou á grade, senão foi despois de Mestra de noviças pera acompanhar as subditas por obrigação do officio: e avisar a seus pais, ou irmãos do que convinha pera ellas. Por não deixar a oração lhe acontecia ir muitas vezes a Matinas sem se deitar: e despois d'ellas ou ficava no coro, ou se se recolhia ao leito, era pera orar de novo diante das imagens, que alli tinha. E quando por fraqueza natural a vencia o sono, vingava-se de si com se encostar hum pouco assi vestida sobre o ladrilho: e pera que durasse menos o descanço, ou fosse misturado com pena, tomava por cabeceira huma pedra. Soube-se isto, porque lhe virão no leito huma muito grande; e não atinando a que fim, a curiosidade de entender nos feitos alheios obrigou algumas Madres a querer saber de que lhe poderia servir hum penedo, onde se buscão cousas de recreação, ou alivio: e virão por seus olhos, que lhe servia de almofada.

Não podia deixar de sentir o enemigo infernal, polo capital odio que nos tem, os ganhos que esta alma fazia pera si, e pera muitos por taes meios. Atrás contamos de huma visão, que teve a Madre Caterina da Costa, e da reposta, que lhe foi dada polas almas, que se lhe representarão. Basta repetir aqui sómente, que sendo ainda muito moça a Madre Sor Micia, e estando julgada á morte de huma grave doença, alcançarão as almas, por quem orava, poderem vir consolal-a, e darem novas de

que tinha vida, como a santa velha logo contou, e o successo confirmou. D'aqui ficaremos facilmente crendo alguns insultos, que o diabo lhe fazia, ainda que não passavão de huns leves escarneos, porque não tinha licença pera maior vingança. Entre outros sentio huma noite, estando rezando junto do leito, que lhe tiravão polo Rosario, que na mão tinha; apertou depressa a mão, e com toda a força; mas não lhe valeo contra a do enemigo, sendo tanta a que poz polo sustentar, que lhe ficarão as unhas assignaladas nas palmas. Bem entendeo d'onde lhe vinha o tiro, e o que pertendia quem lh'o fizera: trazia outras contas ao pescoço, acabou por ellas o que lhe restava, a pesar de quem lh'as roubara. No dia seguinte chamou humas dicipulas, fes desmanchar a cama, e revolver o leito, a ver se topava com as contas furtadas. Como as não achou, e passarão mais quatro dias, foi-se diante da imagem de Nossa Senhora do Rosario, queixou-se, e pedio-lhe que mandasse ao enemigo lhe fizesse restituição do furto; que tinha devação, e amor áquelle Rosario (devia ter n'elle contas bentas de Roma, e de indulgencias em favor das almas, como he ordinario.) Forão testimunhas algumas noviças das mesmas, que tinhão revolvido cama, e leito havia quatro dias, sem o poderem achar, que logo despois d'esta queixa derão com elle em cima da mesma cama. Era a Madre tão digna de credito, e tão fóra de todo genero de jactancia em cousa sua, que seu simples dito pudera igualar grandes testimunhos.

Mas o que mais espanta he, que nem a força de annos muito crecidos, nem de doenças, com que elles a forão quebrantando, bastava pera amainar no fervor, e continuação de estar sempre unida com Deos orando. Mandando-lhe a Prelada, por lastima do que trabalhava, que ficasse do coro: fazia coro do leito, e era ordinario n'ella perseverar na oração até ouvir a meia noite, e então tomava hum pouco de repouso. Sua humildade era tal que decia por ella tanto, quanto subia pola oração. Tinha-se em sua opinião, e palavras pola maior peccadora do mundo: e tudo o que fazia julgava por nada, e dizia que se alguma cousa trabalhava, era porque se não perdesse huma alma remida com o sangue de Christo. A charidade com pobres, e com enfermas chegava-a muitas vezes a deixar de comer de todo. Assi esmaltava esta virtude com estreita abstinencia: gracioso esmalte pera os olhos Divinos, e grande exemplo pera todos os charidosos. Nos lugares das Communidades não faltou nunca em quanto teve forças pera andar: e se lhe dizião, que lhe faria

mal o vento por sua idade, e doenças, respondia que olhasse, e pagasse cada huma por si, que ella nunca deixaria de fazer o que era obrigada.

CAPITULO XL

De outras virtudes da Madre Sor Micia, e de sua santa morte: e da Madre Lianor de Moraes.

Assi como a Madre Sor Micia, no cumprimento das cousas da Religião era por estremo observante, tinha tambem muita liberdade em advirtir as Preladas, e as subditas do que via em casa desordenado: mas com tal humildade, e prudencia, que com ser no trato austera, e grave, e serem as materias de repreensão pouco saborosas, era bem ouvida, e obedecida. Estas virtudes a fazião sobre maneira amavel, e respeitada de todas as Religiosas: e d'ellas naceo porem algumas em pratica fazel-a Prioressa. Aqui resplandeceo grandemente sua humildade. Assi se deu por agravada, como se fora conjuração pera a lançarem fóra do Mosteiro. Desconsolou-se, chorou, e em fim ficou entendido que só officios de trabalho, ou baixeza aceitaria; de honra, e autoridade nenhum. D'onde veio, que por mais de vinte annos foi Mestra de noviças, e outros tantos Cantora mór; e era tão incansavel, e amiga de trabalhar, que lhe aconteceo servir ambos os cargos juntos. E n'este tempo até as servidoras ensinava: e nunca deixava de visitar as enfermas, affirmando todas, que sentião notavel melhoria em seus males, só com ella lhes pôr as mãos na cabeça.

Com Nossa Senhora do Rosario teve particular devação, e foi a que ordenou fazerem-lhe festa as Religiosas dentro, o que d'antes não havia, tomando titulo de mordomas as que a fazião: e ella foi a primeira mordoma, e a que poz em costume cantar-se-lhe todos os dias a *Salve*, como hoje se canta; e muitas vezes lhe aconteceo, por não faltar dia, cantal-a só, ou com as mininas que havia. Ella costumou acender-lhe a sua alampada do dormitorio nas suas festas, e todos os sabbados do anno.

Bem se deixa entender, que não seria menos devota do filho quem assi servia, e venerava a mãi. Tudo o que por sua industria, e diligencias podia ajuntar empregava em ornamento da sacristia, e serviço do Santissimo Sacramento: fez-lhe tres alampadas de prata, duas á sua custa,

e huma de esmolas, que tirou polas Religiosas. Nos dias de Communhão tinha grande silencio, e se não era em cousas de grande importancia, ninguem lhe ouvia palavra. E o mesmo fazia desd'a quinta feira da Cea do Senhor até o sabbado despois de Missa: e tambem ao dia de Paschoa. E da quinta pera a sesta sempre assistia de joelhos diante do Santissimo Sacramento com os olhos feitos rios de lagrimas: e se as dicipulas lhe perguntavão pola causa d'ellas pera aprenderem, e porque a não vião chorar nunca senão com grandes occasiões, respondia com singeleza santa estas palavras: Vou visitar aquella gente santa, que está desconsolada: entendia polos Santos Apostolos, de quem tinha o nome, e era por estremo devota, e como tal solenizava seus dias. e vesperas. Mas entre as festas, que com mais espirito celebrava, era huma a de todos os Santos: guardava n'ella silencio perpetuo, falando só com os olhos, e com grande abundancia de lagrimas, e confessava que lh'as arrancavão á força humas vehementes saudades, que n'este dia tinha da Gloria, e de tal companhia.

Veio a adoecer da doença de que Deos a levou, hum dia despois de S. Pedro Martyr, estando confessada, e commungada da mesma festa: durou-lhe a enfermidade trinta e cinco dias. Nesta, e em outras, que teve por toda a vida, mostrou paciencia de Santa, não soffrendo que por ella deixassem as Religiosas de acodir aos Officios Divinos, e ficava de boa vontade só, porque ellas não desacompanhassem o coro. Pagava-lh'o bem o Senhor, porque huma manhã despedindo a todas pera o coro teve huma visita do Ceo, que contou a humas particulares amigas com palavras geraes dizendo, que homens de muita magestade lhe cercarão o leito: e apertada que dissesse mais, acrecentou, que entendia erão os seus Santos Apostolos.

Hum dia antes que falecesse perdeo a fala com hum paroxismo, que lhe sobreveio; mas no geito, com que acodia ao que lhe dizião, mostrava estar com perfeito juizo. Assi se foi resolvendo aquella vida, e esteve lidando até o outro dia. Na noite antes de acabar tornou a cobrar a fala, e estando mui em si, perguntou com voz clara, que gente era a que via, e que vinha ali fazer, ou pera onde hia. Respondendo-lhe as circunstantes, que todas erão suas filhas, e amigas, tornou dizendo, que a ellas conhecia muito bem, mas a gente, que dizia, era outra, e muita. E o caso foi, que toda aquella noite se ouvio polo dormitorio huma estropeada, e rumor como de gente junta, que obrigou algumas Religiosas a

levantarem por vezes as cortinas, pera verem se erão algumas mininas das que havia em casa. Entre o tumulto soavão campainhas com hum tinido tão esperto, que até a enferma perguntou se vinha o medico: e ficou-se entendendo que devião ser as almas santas, que toda a vida pera aquella hora com devação chamara, e que Deos permittia sentir-se sua assistencia no rumor, e campainhas pera exemplo de todas, e certificação da santidade d'aquella, que vinhão buscar. A ultima palavra, com que acodio, despois que vio não satisfazião á sua pergunta, foi formalmente: Nunca me desespantarei d'esta gente: e trás ella com muita quietação rendeo o espirito, ficando-lhe no rosto huma fermosura, e resplandor a juizo de todas como de hum Anjo. Houve de sua gloria muitos sinaes, que não referimos por serem testimunhos singulares Hum só diremos, que foi publico a toda a Communidade. Por Agosto primeiro seguinte quizerão as amigas honrar-lhe a memoria, e satisfazer a suas saudades, mandando-lhe cobrir a cova com huma grande campa: e porque sahio muito grossa, foi necessario tirar tanta terra, que se temeo chegassem a descobrir o corpo. N'este tempo estando as Madres temerosas de poder sahir algum sentimento de corrupção, foi o Senhor servido de as consolar com hum suavissimo cheiro tão vivo, e manifesto, que recendia por todas as crastas, e subio ás varandas, e em fim encheo o Mosteiro.

Não será rezão ficar fóra d'estas memorias a grande simplicidade da Madre Sor Lianor de Moraes, que sendo doente muitos annos, e de doenças trabalhosas, nunca se pode acabar com ella que comesse carne. Ajuntava a isto oração de noites inteiras, muita devação, muitas disciplinas: e lembrada das bofetadas, que o bom Jesu em seu divino rosto sofreo, recebia com grande espirito, e força muitas de suas proprias mãos. Muito antes que acabasse a vida avisou a algumas amigas o tempo em que havia de ser, sinalando o meio da Quaresma d'aquelle anno, e pontualmente assi succedeo.

CAPITULO XLI

Da Madre dona Jeronyma, Religiosa da terceira regra, e Ordem de São Domingos.

A este lugar se deve concluirmos com tudo o que achamos na villa de Santarem pertencente á Ordem: e não desdirá o fim dos principios,

e meios. Que se começa a historia d'ella com Frades cheios de grandezas do Ceo, e a proseguimos com Freiras semelhantes: será o remate com huma da terceira regra, de tanta excellencia de virtudes, que se com a comparação não temeramos offender sua humildade, por primeira a poderamos contar entre todas. Atrás fica dito (1) como da Ordem militar, que nosso Santo Patriarcha instituio pera servir a Igreja com armas materiaes contra hereges, teve principio a terceira regra, ou como outros lhe chamão, a terceira Ordem da penitencia de São Domingos: despois que foi cessando na Igreja a necessidade d'aquelles ministros, e crescendo o respeito dos Tribunaes do Santo Officio, e Inquisidores Apostolicos. Apontamos juntamente a aprovação que esta terceira Ordem teve do Ceo, dando-nos n'ella muitas pessoas insignes em virtude, e algumas famosas Santas. Estas pois forão exemplo polo tempo em diante a muitas matronas desejosas de sua salvação, que achando-se no mundo presas de obrigações forçosas de filhos, ou fazenda, ou pobreza, não podião obrigar-se ao encerramento dos Mosteiros; pera lançarem mão do mesmo remedio, e assi ficarem no mundo com profissão, e votos de Religiosas, e postas na estreita vereda do Ceo, que suas almas pretendião. N'este Reino houve sempre algumas, que seguirão este instituto, principalmente nos lugares grandes, onde havia Conventos da Ordem, como ao diante veremos: das quaes se não fazemos historia particular, he por ser o intento d'esta, escrever sómente das que com eminencia de virtudes se fizerão dignas de memoria, qual foi na villa de Santarem a Madre dona Jeronyma, a quem damos, e cabe este lugar: e quaes forão outras Religiosas em outras partes do Reino, das quaes faremos menção em seus tempos, e lugares.

Madrugarão as bençoes, e graças do Ceo em favor da Madre dona Jeronyma: e o Senhor, que com ellas a prevenio, deu-lhe tambem lume no entendimento pera as saber agasalhar. Sendo ainda de mui pouca idade, e vivendo em casa de seu pai Pero Carvalho, todo seu gosto era passar o tempo com livros devotos, dar voltas ao seu Rosario, e offerecer-se a Deos por meio dos Santos Sacramentos, a que a levava a inclinação, e já os buscava de vontade quanto era licito a quem vivia sujeita. Era seu pai rico, e valido, e estimado d'el-Rei dom João: e tinha poucos filhos. Desejava liar-se por meio de dona Jeronyma com alguma casa grande do Reino. E ainda que como fidalgo, e Christão sabia estimar a boa incli-

(1) Liv. I. cap. 17.

*

nação da filha, imaginava que os exercicios santos continuados a divertirão de pensamentos, e vida secular, e se engolfaria tanto nos de Religiosa, que já lhe via amar, e seguir, que não poderia despois dobral-a a seu intento: determinou dar-se pressa em a casar. Entretanto (como o enemigo das almas tem muitas vezes feitores, que o servem de graça, enganados de boa tenção) não faltava em casa quem perseguia a santa donzella, ora acompanhando-a importunamente pera a divertir do que chamavão malenconia, sendo gosto de estar só com o seu Rosario, que era estar com celestial companhia: ora escondendo, e furtando-lhe os livros santos, em que só achava sabor. Mas não bastando nada pera lhe torcer os olhos, e o animo do que já conhecia por melhor, acodio seu pai de subito, e sem usar de preambulos, nem outro meio de querer descobrir mais de seus pensamentos, fez-lhe saber que a tinha casada. Era filha, e obediente: e mais obediente pola mesma razão, que buscava a Deos: falou-se-lhe em cousa feita, que ao parecer não poderia tornar atrás, beijou-lhe a mão em sinal de consentimento, não de alvoroço, nem gosto.

Do pouco gosto, com que aceitou o estado, alem de outros sinaes, que se lhe virão no rosto, foi hum de obra, que muito admirou a todos os seus. Era o casamento com dom Francisco Coutinho muito illustre em sangue, abastado de fazenda, e rico de pretenções por ser herdeiro, e successor da grande casa, e Condado de Marialva: e sobre tudo de gentil presença, e em idade florida, que não chegava a dezoito annos. Tanto que o casamento esteve assentado, continuava a rua da desposada como bom galante, com passeios, e mostras de contente e affeiçoado. He cousa certa que, sendo persuadida dona Jeronyma por gente sua, não que lhe desse vista de si, se não que o quizesse ver por detrás de huma janella sem ser vista, não houve quem tal podesse acabar com ella. Quem assi procedia no fervor da mocidade bem se deixa entender como viviria polo tempo adiante, quando o governo da casa, a criação dos filhos, os perigos, as doenças, e os mais cuidados ordinarios de casas grandes, e casados, lhe forão mostrando que só vive com descanço quem sabe fugir ao mundo. Podemos dizer que todo o tempo de casada foi pera ella hum martyrio continuado. Porque a administração da casa, em que entendia com diligencia de prudente mãi de familias, levava-lhe muito tempe: a obrigação de se compor, vestir, e toucar ao uso das casadas moças, e de sua calidade dava-lhe pena, e tristeza: porque alem de haver

por horas perdidas, não só mal gastadas, as que dava a tal emprego, considerava que só a alma era a que devia ser ataviada, e enfeitada, e que só isso era rezão que estimasse seu marido. Mal se pode encontrar sempre o entendimento. Ainda que de ordinario procurava acommodar-se ao tempo, e uso, algumas vezes deixava tudo, e parecia toucada com huma simples, e honesta toalha: quando outras se matavão por ir assoalhando pedraria, e ouro, pompas de riqueza, e gentileza.

Não lhe faltarão desgostos sobre a materia, humas vezes com sua irmã dona Joana molher de Pero de Sousa, Commendador das Commendas de Nossa Senhora de Alcaçava, em Santarem, e de Rio Maior da Ordem de Avis: e outras com o mesmo marido. Tinha dom Francisco bom entendimento, conhecia seu grande preço, e não vendo n'ella cousa que o descontentasse, sintia poder-se julgar da desigualdade do trajo, e descuido, que ella em si mostrava, que vivia descontente; ou era menos venerada d'elle, do que suas partes merecião. Mas estes tormentos, que Deos permittia pera prova de paciencia em sua serva, e ella lhe sabia offerecer em agradavel sacrificio por sua alma, e do mesmo que lh'os causava, teverão fim por hum meio d'aquelles com que o Senhor do Ceo sabe dispor o que he servido suavissimamente, como logo veremos.

CAPITULO XLII

Como enviuvou, e fez profissão: e da vida, e penitencia, que fazia despois de professa.

Estava dom Francisco em Lisboa, só, e em negocios da sua casa. Amanhece hum dia salteado de huma febre com encendimento temeroso, que crecendo por horas acometeo a cabeça, e deu em modorra. Desconfiarão os medicos. He cousa de espanto como abre os olhos, e entendimento qualquer tribulação: só por isto se devião desejar as doenças. Ensinou a força do mal ao enfermo, que tinha em Santarem (era sua residencia ordinaria n'esta villa) e dentro em sua casa melhor medico, que todos os de Lisboa, e que só lhe podia dar saude sem estudar por Hipocrates nem Avicena: o qual era dona Jeronyma sua molher. Já como quem via Ceo claro, e sem nevoas reconhecia por solida, e verdadeira a virtude, que d'antes se lhe afigurava hipocresia, ou superstição. Manda-lhe pedir encarecidamente lhe acuda com sua presença. E

estava tanto em si no meio dos accidentes da doença, que na hora que a teve comsigo se deu por são. E como quem tinha experiencia dos modos, por que a podia grangear, pedio-lhe que em seu nome quizesse logo visitar o Santissimo Sacramento, e em seu nome confessar-se, e commungar. Louva ella a Deos em seu coração, reconhecendo o poder divino, e cobrando de tal lingoagem grande animo: e deu-lh'o o mesmo Deos logo pera antes de sahir de casa lhe prometer saude com palavras singelas, e humildes, e esperanças fundadas no Ceo. E não se enganou na confiança, nem na promessa. Porque quando tornou da Igreja achou o doente tão notavelmente aliviado, que parecia impossivel poder succeder tal sem milagre. E foi pratica commum dos de casa, que d'ella, e de sua devação procedera a melhoria, e a saude, que logo foi cobrando. Tornarão-se ambos pera Santarem com huma paz, e concordia do Ceo, ficando ella já com largueza, e liberdade pera viver a seu modo com seus santos exercicios, e deixar os cuidados da composição corporal, que como profanidades aborrecia.

Assi viverão muitos annos até o de 1578, em que succedeo a lastimosa empresa, com que el-Rei dom Sebastião passou pera as terras de Africa tudo o melhor de seu Reino por meio da batalha, que temerariamente quiz dar a Moley Maluco senhor d'ellas. Foi dom Francisco na jornada acompanhado de seu filho mais velho, e de muitos parentes de sua casa, com grossa despesa de armas, e cavallos, e familia, obrigado de promessas, que el-Rei lhe fez de o ouvir á volta na pretenção da casa, que dissemos de Marialva. He Marialva huma boa villa em grossura de terras, e termo, forte por sitio, muralha, e torres de boa cantaria: e tão antiga, que dos dous nomes Latinos, e Romanos: *Marij et Arva*, tomou o que de presente goza: como se disseramos: *Marij arva*, que he o mesmo, que campos de Mario. A esta villa erão como annexas muitas villas, e lugares grandes ficando ella por cabeça do estado: o qual pertencia direitamente a dom Francisco por morte do ultimo possuidor, que fora o Infante dom Fernando por meio da Condessa dona Guimar com quem foi casado. El-Rei dom João terceiro, irmão do Infante, encorporou por sua morte a casa na coroa: e era o direito de dom Francisco tão claro, que só ser ouvido em justiça pedia. Foi Deos servido por seus occultos juizos, que acabasse junto em hum dia o Rei, e o Reino: e no mesmo teve dona Jeronyma em seu oratorio noticia certa, que morrera seu marido. Affirmava seu Confessor, que ella lh'o dissera

por taes palavras, que sem revelação era impossivel poder acontecer.

Ficando assi livre quanto ao mundo, e atribulada com a perda de marido, e filho, e fazenda, determinou entregar-se de todo a Deos. Continuava com este proposito os officios divinos no nosso Convento de São Domingos, e tinha n'elle por seu Padre espiritual ao Padre Frei Francisco dos Anjos, Religioso exemplar, e letrado. Passado pouco tempo tocou-a Deos com nova afflição levando-lhe de huma apressada doença o filho mais velho despois de resgatado, que era a luz de seus olhos, e muito digno de ser amado por suas partes. Pareceo-lhe aldrabada da mão divina, porque tardava na execução do que trazia determinado em seu peito: chama o Confessor, faz diante d'elle sacrificio de si a Deos com tres votos em suas mãos professados de obediencia, castidade, e pobreza. Era isto por minha conta despois de entrado o anno de 1581, porque a relação que temos de seu Confessor dá a entender, que foi alguma cousa mais de quatro annos antes de sua morte: e ella faleceo por Outubro de 1585.

Na hora que tomou sobre si o suave jugo do Senhor, foi admiravel a resolução com que se lhe entregou, e á pontualidade com que guardou os preceitos da profissão. E porque estes são fundamento de toda a religião, d'elles he bem que comecemos o que havemos de dizer de sua vida. Affirma seu Confessor, que tambem foi seu prelado toda a vida, que nenhuma cousa das que a nossa regra sujeita á autoridade dos Prelados, fez nunca sem sua licença: e nem visitar huma parenta, ou amiga sua se atrevia, sem ella. Da pureza de sua alma, e consciencia testimunha o mesmo Confessor, como Juiz que era d'ella, que não vira em sua vida mais rara innocencia: sendo assi que até aos grandes Santos se atreve o inferno a fazer dura guerra, e em o vencer consiste a santidade. A pobreza não só guardava, mas como joia preciosa a estimava, e dizia muitas vezes, que desejava ver-se em estado dos mais humildes, e mais desemparados pobres, e que lhe fosse necessario ir polas portarias dos mosteiros mendigando o pão de cada dia: e sentia afflição de se ver com criados, e servida, e se não fora por respeito dos filhos, que criava, de todos se despejara. Assi quando acontecia falar na pobreza, o nome que lhe dava era de sua senhora: e sendo verdadeiramente pobre de espirito, pera o ser tambem de obra, nenhuma despesa fazia comsigo por leve que fosse, nenhuma cousa possuia por sua conta, sem particular licença do Confessor.

Como a vida d'antes era inculpavel, e com os votos ficou como cidade fortalecida com tres cercas de muro fortissimo, parece que assaz fazia entendendo na vigia, a guarda d'elles pera merecer grandes louvores, ainda que não passasse adiante. Mas tinha ouvido que nos caminhos de Deos era o parar, e contentar-se, hum genero de tornar atrás. E temerosa de lhe poder acontecer tal fraqueza, vestio-se logo das armas de que canta a Igreja, que reprimem vicios, levantão espiritos, e dão forças e esforço pera a larga jornada do monte Horeb: jejuava quasi todo anno: carne não comia nunca senão constrangida de grande força de doença: e as sestas feiras passava com pão, e agoa, e o pão era o que em casa se dava aos escravos. Mas nem aqui parava, ao jejum ajuntava continuo cilicio, ao cilicio disciplinas de sangue tão copiosas, que por muita diligencia, que fazia polas encobrir, e dissimular, o ladrilho, e paredes do oratorio as accusavão de maneira, que era necessario lavar o chão, e caiar as paredes. E porque era muito fraca de membros e compleição veio o Confessor a tomar-lhe as disciplinas de rosetas, e mandar-lhe, que de todo deixasse este genero de penitencia: e os cilicios lhe tolheo tambem, dispensando só com as sestas feiras pola não desconsolar: porque segundo a grande devação, que tinha com a paixão de Christo tudo quanto n'ellas fazia lhe parecia pouco pera o muito que se sentia obrigada. Na cama não havia lençol, nem mais que hum colchão singelo, e huma só manta: e ainda d'este modo usava d'ella á força de obediencia, e respeito de suas indisposições. As tunicas pola mesma causa não erão de lã, mas de huma estopa tão crua, e seca, que ficavão na aspereza semelhantes ás de lã. Com este modo de vida chegou brevemente a estar tão deslapidada, e consumida de carnes, que fóra de pelle, e ossos não havia n'ella outra cousa. Mas quanto perdia do corpo, tanto engrossava, e acrecentava no espirito.

CAPITULO XLIII

Da continuação, e fervor que tinha na oração: e dos grandes mimos, e favores que n'ella recebia do Senhor com visões e particularidades extraordinarias.

He grande, e poderoso meio o da penitencia pera levantar de ponto as virtudes do espirito. São corpo, e alma duas balanças, que nunca se

achão iguaes: e como sempre pesa huma mais que a outra, quando a do corpo sobe adelgaçada, e purificada com o fogo dos trabalhos, e afflições enche-se a da alma de riquezas do Ceo, e engrossa com peso de graças: por maneira que das perdas do corpo enriquece a alma E esta deve ser a causa, porque os Santos, ainda aquelles que desd'o nacimento conservarão a primeira graça polo santo bautismo recebida, não deixarão nunca da mão a penitencia até o ultimo espirito: e della nacia ficar tão ligeira em muitos aquella terra mortal, e pesada dos corpos pola força, e virtude, e peso das almas, que a qualquer impulso do espirito facilmente sobia por esses ares como se trocara natureza. N'este fundamento podemos fazer conta, que tinhão principio os grandes fervores, que esta Madre tinha na oração, e a grande sede com que a ella se dava. Porque sabemos que todas as vinte e quatro horas do dia natural lhe parecião tempo curto pera orar: e affirmava que as duas, ou tres horas que por obediencia dormia, tinha por furtadas á alma, porque as não dava ao espirito, e oração. O seu gosto era estar continuamente só, e sem tratar com ninguem pera tratar só com Deos: e por isso se molestava grandemente com todo genero de visitas.

Na Igreja desd'o ponto que commungava, que era ás oito horas, até ás onze, que acabava a Missa conventual, estava sempre de joelhos, tão immovel, e sem abalo como se fora huma estatua: e tão enlevada no Ceo, que se a não advertião que queria o sacristão cerrar a Igreja, não dava acordo de hora nem tempo, e quando se levantava era como arrancada á força. Acompanhava esta oração com hum orvalho celestial de lagrimas em tanta abundancia, que parecia dom de Deos, porque era impossivel haver sem milagre tanto humor pera vir aos olhos em quem quasi não comia, nem bebia, nem dormia: e he averiguado, que lhe não bastavão dous e tres lenços, que sempre levava á Igreja, e acontecia-lhe mandar pedir outros a seu Confessor. E tudo dizia, que era pouco pera o que desejava, e lhe parecia obrigação chorar quando lhe lembrava qualquer culpa das com que tinha offendido a hum Deos tão digno de ser amado, sendo assi, que a dor, e compunção de huma só venialidade lhe fazia desejar ver-se mil braças debaixo da terra.

Não podia deixar de ser mui favorecida tal oração d'aquelle Senhor, a quem as lagrimas dos justos não só deleitão vistas, mas tambem as ouve, como se lhe fizerão musica (1): e isto he querer significar, que o

(1) 4. Reg 20. Psalm. 38 e 55.

obrigão muito, como tambem disse, que lhe dava brados o sangue de Abel (1). Notarão alguns Padres que quando assi orava, lhe resplandecia o rosto com huma luz tão viva, que parecia espelho ferido de raios do sol. E em hum estormento de testimunhas, que se tirou diante do Ordinario em Santarem pouco despois de falecida, houve algumas que deposerão, verem-na levantada no ar. E affirma seu Confessor, que erão grandes as consolações, e mercês, que de ordinario recebia do Senhor, grande a alteza de visões que tinha, e que quasi nunca commungava, que o Senhor não alegrasse sua alma, e confirmasse sua fé com alguma particularidade divina, que lhe mostrava visivel na hostia sagrada. E foi huma d'ellas vista por algumas das testimunhas, que deposerão diante do Ordinario assaz espantosa: porque affirmão verem distinctamente muitas vezes as fórmas, que commungava, tintas, e como borrifadas de sangue. D'aqui lhe vinha hum tamanho gosto d'aquelle divino pasto, que o Confessor por suas grandes instancias, e obrigado do que sabia de sua consciencia lhe concedeo poder commungar cada dia, cousa que ella estimou como singular favor do Ceo: e tanto que alcançou a licença, nunca mais até morte perdeo o uso d'ella. E todas as vezes, que chegava á sagrada mesa, hia já tão absorta na consideração do mysterio, e tão vencida do divino cheiro dos unguentos, e botica celestial, que era necessario de proposito espertal-a o Confessor, que era o mesmo que lhe ministrava o Sacramento.

Este fogo Divino recebido na alma com os apparelhos, e premissas, que temos dito, lh'a veio a purificar em tão alto grão, que quasi nem huma venialidade se achava nella. Da sua boca não sahia palavra ociosa, nem suas orelhas sofrião ouvil-a, nem soffria que ninguem diante d'ella falasse senão de Deos: e por isso lhe era penosa a hora, que entendia no governo de sua casa, em que era força assistir: e até a seu Confessor estranhava tratar-lhe de materia, que não fosse do Ceo, ou de sua consciencia. A Igreja continuava todos os dias tendo saude, porque todos os dias commungava como fica dito. As prégações ouvia com grande attenção, condenando por culpa grave o contrario, pois pola boca do Prégador fala Deos com os homens. Á imitação de Santa Caterina de Sena, Freira do mesmo habito, e terceira regra, tinha particular respeito. e affeição a todos os Religiosos; e venerando n'elles a dignidade Sacerdotal, chamava-lhes sepulcro de seu Senhor, e com todos os que se que-

(1) Genes. 4.

rião valer d'ella exercitava huma incansavel charidade: em especial com os Padres da Ordem de S. Francisco, dos quaes como mais necessitados era continua enfermeira: e com tanto amor, que dizia de si, que nenhuma necessidade veria nos proximos, que se não vendesse com muito boa, e alegre vontade pola remedear. A este respeito era sua casa huma botica franca, e continua pera todos os pobres da villa: e porque não houvesse falta, procurava fazer bastante provisão pera todo o anno do que cumpria pera doentes. E não se contentava com acodir aos pobres sabidos, e publicos: remediava de secreto a muitos, que sabia padecião grandes faltas; e o querel-as por honra encobrir, as fazia mais pesadas, Aos presos socorria com esmolas. Aos enfermos do hospital não se satisfazia com mandar mimos: determinou hir pessoalmente servil-os, e cural-os; e se o deixou de fazer, foi porque seu Confessor lh'o tolheo. Escrito está, que aceita o Senhor como feito á sua propria pessoa qualquer bem que fazemos ao pobre(1). Estes, que fazia, lhe pagava em altos interesses de misericordias: porque alem das consolações interiores, que como temos dito lhe communicava na oração, acodia-lhe com grandes illustrações da alma, e com huns raptos dos sentidos muito amiudados, que com tal pasto lhe cevavão o espirito, que se fora licito não quizera nunca tornar em si. Affinava-se, e crecia a charidade nos favores, e rendia-lhe novos merecimentos, e maiores mercês. Affirma seu Confessor, que o mesmo Christo Senhor nosso se lhe mostrou muitas vezes no tempo, que rezava o Officio Divino: e em hum dia da Ascenção, festa de que era devotissima, lhe fez hum raro favor, que passou d'esta maneira. Achando-se no nosso Convento como costumava, e assistindo áquella hora em que o bom Jesu se foi pera o Pai Eterno, acompanhava com a consideração, por huma parte a gloria com que hia capitaneando exercitos de almas santas, por seu sangue da prisão antiga resgatadas, e triunfando do inferno: por outra os gozos, e jubilos, com que era recebido da Corte Celestial: seguia-o cheia de prazer até o Ceo empirio. Logo decia com o pensamento a ajudar a sentir as saudades da Mãi sagrada, e dos Santos Apostolos, que com almas, e olhos se hião apoz elle tão arrebatados, e suspensos, que parecia quererem voar. No meio d'estas considerações solenizadas humas, e outras com lagrimas, hora de alegria, hora de magoa: eis que subitamente lhe começão a cahir sobre o peito muitas rosas, que vindo subitamente do alto, e por boa conta dos

(1) Matth. 25.

jardins do Ceo, ella por humildade não se atrevia a cuidar tal. Mas visto, e contado o successo por pessoas, que se acharão presentes, e virão, e tocarão as rosas, estava claro, que não havia outra parte d'onde a tal tempo pudessem vir. Porque nem na Igreja, nem nos altares havia nenhuma, e era o cheiro, e a vista tal, que bem testimunhava de que jardim vinhão.

No mesmo Convento em huma noite de Natal, cantando-se o officio d'aquella santa festa, vio hum Anjo, que com balanças hia pesando a devação, e attenção de cada hum dos Religiosos, e despois levava pera o Ceo seus merecimentos, e os louvores que davão a Deos. No meio d'estes mimos, ou pera os sabermos estimar, ou pera exercicio de paciencia, permittia o Senhor, que lhe apparecesse o demonio algumas vezes. Procurava o maldito perturbal-a, e divertil-a da oração, representava-se-lhe tão feio, e temeroso como he. Mas havia-o com quem estava encastellada na fortaleza da pedra, que he Christo, e vestida nas armas da fé: nenhum caso fazia d'elle, tratava-o com desprezo, e sem nenhum medo: dizia-lhe o que era costumada responder a qualquer pensamento ocioso, que n'outro tempo se lhe offerecia. Erão as palavras: Andar, andar embora; outrem está já senhor da pousada. Desaparecia logo corrido, e raivoso, e vingava-se em lhe apagar a candea, com que rezava: e huma noite que sintio mais ver-se desprezado, apagou-lh'a com a mão da mesma Madre, de modo que lhe deixou queimado hum dedo.

CAPITULO XLIV

De algumas mercês que Deos fez a differentes pessoas por meio de suas orações: e de huma mui soberana, que lhe fez a ella: e de seu bendito transito.

Assi como o Senhor piadoso permittia as vexações, que temos contado, pera prova do valor de sua serva, tambem lhe acodia logo com a paga de contado em novos favores. Era muito devota da Santa Madalena, e do Padre Santo Thomás, e de Santa Caterina de Sena, a quem chamava sua mãi. Hum dia se vio visitada de todos tres juntos, certificando-a com celestial consolação, que erão suas orações aceitas diante de Deos. E vio os effeitos d'esta verdade em muitas cousas. Porque quasi nenhuma pedia com efficacia, que não alcançasse. Foi huma o remedio de hum cativo dos que se perderão na batalha de Alcacere: remedio,

não da liberdade corporal, mas da espiritual, que mais lhe cumpria, porque fora escandalosa sua vida passada. Petição he esta, que muito agrada ao Rei da Gloria. Concedeo-lh'a, e foi servido, que acabando o corpo consumido dos trabalhos, e miserias do cativeiro, visse ella a alma alegre, e consolada, e com gráos de gloria dando-lhe as graças do bem que por seu meio, e intercessão gozava.

O mesmo lhe aconteceo com hum preso da cadea de Santarem, a quem culpas enormes fazião indigno de todo bem diante dos olhos do povo, mas não nos de dona Jeronyma, que considerando que fora remido com o sangue do bom Jesu, despois de lhe mandar acodir com esmolas, estranhadas sempre de toda a terra, que o conhecia por facinoroso, e desalmado, determinou soccorrer-lhe a alma com fervorosas orações: soccorro não sómente não estranhado no Ceo (quanta differença vai bom Deos dos vossos caminhos aos caminhos dos homens!) mas tão bem agasalhado do Senhor d'elle, que foi servido viesse a morrer de sua doença nos ferros, com sinaes de predestinação quanto ao mundo, e com certeza quanto a ella.

A mesma experiencia se vio da valia da sua oração em muitos casos de menos importancia, mas tambem milagrosos. Porque alcançou saude pera muitos enfermos de doenças, que a fisica não sabia curar. Dous Frades nossos referirão á sua virtude verem-se livres de huns accidentes, que padecião de grande perigo. A muitas molheres valeo em partos perigosos: e particularmente a duas, que estavão julgadas por mortas, pareceo claramente que não podia ser sem milagre.

Mas de tudo isto devemos fazer pouco caso á vista de outro grande, e soberano favor, que soube negocear, e alcançar. Affirmava o Confessor, que andara a santa Madre muito tempo em requerimento com seu amado Jesu, que pera satisfação de culpas, e augmento de amor lhe concedesse poder sentir em si alguma parte das dores, que por ella padecera na Cruz: e ajuntava que fossem interiores, e secretas. Porque queria só o tormento, e não a honra d'ellas. Alcançou-lhe o despacho desejado a perseverança com que o requereo. E começou a padecer gravissimas dores no lado esquerdo, e nos pés e mãos, acontecendo-lhe a tempos serem tão crecidas, que por muito que trabalhava dissimular, não podia sustentar-se sobre os pés, e ficava de todo manca: e nas mãos era tal o martyrio, que se lhe abrasavão em fogo da força d'elle. Mas sem outro nenhum sinal de fóra. Só no lado foi o Senhor servido, pouco mais de

hum anno antes de seu falecimento, abrir-lhe huma chaga patente, e clara, que alem da dor interior, lhe dava por fóra grande trabalho. Porque o sangue, que lançava, se lhe pegava na tunica, e causava tormento de ferida fresca: do qual obrigada fez queixa ao Confessor, pedindo-lhe conselho se aplicaria remedios humanos ao mal que sabia, e conhecia não ser humano. Quiz elle então, que vissem a chaga algumas donas de sua casa pera com testimunho de muitos olhos se poder resolver: e o que d'ella nos deixou escrito he, que era comprida, e rasgada, e por baixo do peito esquerdo, e resumbrava sangue continuo. Estas palavras, que temos dito, são as proprias do Confessor: no termo de comprida parece querer entender, que era de alto a baixo, e não atravessada, como nos representão os pintores a chaga do lado do Senhor crucificado. Em humas Endoenças da sesta feira pera o sabbado (dias que ella costumava passar na Igreja) foi tanta a vehemencia de dores, que lhe acodirão ao peito, que a forçarão deixar a Igreja, e hir-se a casa levada em braços como doente de huma grande enfermidade: e sem se poder d'outra maneira valer, se lançou em cama: onde a força d'aquelle mal sobrenatural a teve tão tolhida, e atormentada, que foi impossivel levantar-se por alguns dias.

Mas chegava-se a hora em que o Senhor tinha determinado alivial-a de todos os trabalhos: e pera crecerem os pesos da gloria á medida do que aos seus fieis tem prometido, deu-lhe huma doença, que toda foi de novas, e agudissimas dores. Assi jazia consumida de suas penitencias, e sobre grande fraqueza padeceo aquelle intoleravel martyrio em todos os membros: e estes já não erão mais que huma armação ou notomia de ossos, que o fraco alento da vida sustentava ainda juntos. A alma estava toda enlevada em seu Deos: mas entre tanto fazia a natureza seu officio no corpo mortal oprimindo-o com a afflição da doença, que lhe hia acabando a vida, e juntando-se a ella hum tormento novo de huma grande dor, que intensamente lhe atravessava ambos os lados. Este lhe durou de oito dias antes que falecesse até á hora em que Deos a levou, e lhe abrio nova ferida no lado direito.

N'este estado vio junto de si hum vulto, que a seu parecer era como de hum cordeiro, do qual sahia huma voz que lhe dizia estas palavras formaes: Verás quanto és amada polo que fores padecendo. Palavras, que todos os atribulados devião trazer impressas no coração, pera estimarem, e abraçarem com gosto seus trabalhos não só pera se consolarem n'elles, como se consolou muito a nossa enferma: a qual chamando seu Confes-

sor, lhe pedio que logo as escrevesse pera nunca d'ellas se poder esquecer, despois de lhe contar a visão.

Com muitas outras consolações a favoreceo o Senhor no meio d'este purgatorio, que sendo durissimo de levar ellas lh'o hião fazendo paraiso. Foi huma mostrar-lhe a hora de seu transito tanto ao justo, que mandou escrever a seu filho mais velho dom Manoel Coutinho, que estava em Lisboa, que até vespera de São Francisco, terceiro dia de Outubro, se achasse em Santarem se a queria ver antes de acabar: e com a mesma certeza fez escrever cartas a algumas pessoas devotas com quem se communicava, despedindo-se d'ellas, e ordenou seu testamento, e pedio, e recebeo todos os Sacramentos da Igreja.

Na madrugada do dia em que faleceo aos tres de Outubro se lhe representou á vista hum altar cercado de resplandores, e fermosura celestial, e todo semeado de rosas: e n'elle hum Sacerdote, que lhe dizia Missa, e de sua mão a commungava. Pode-se crer, ainda que o não declarou, que seria o mesmo Christo de quem tantas mercês cada hora recebia. Acompanhava-a seu Confessor, a quem contou a visão, e por occasião d'ella lhe refirio n'esta hora, que quando recebera as chagas interiores nos pés, e mãos, e a exterior do lado vira decer do Ceo humas linhas de fogo, e sangue, que a ferirão, e certificarão da mercê que o Senhor lhe fazia. Tinha pedido a Deos, que fosse sua morte em dia de quinta feira, por ser dedicado á solenidade do Santissimo Sacramento de quem era grandemente devota: e na hora em que Christo sobio aos Ceos, que sempre chamava a sua fermosa hora. Tudo lhe concedeo o Senhor, porque o dia da vespera de São Francisco, que foi aos tres de Outubro, cahio em quinta feira, e n'ella a levou pera si, no ponto da huma hora despois do meio dia. Foi cousa de grande espanto pera todos os que se acharão presentes, e acompanharão á sepultura, a suavidade, e novidade do cheiro, que d'ella sahia, e a formosura, e graça extraordinaria, que se lhe notava no rosto. Foi enterrada como Religiosa no cemiterio do Convento, e levada na tumba dos Frades, e por elles: anno de 1585, aos quarenta e tres de sua idade, ou pouco mais.

FIM DO LIVRO V.

LIVRO SEXTO

DA

HISTORIA DE S. DOMINGOS

PARTICULAR DO REINO E CONQUISTAS DE PORTUGAL

CAPITULO I

Das causas, e rezões que se offerecem pera o Reino de Portugal ter produzido tanta gente santa, como parece d'esta Historia.

Notado tenho em escritores antigos Gregos, e Latinos, no processo de suas obras cortarem algumas vezes o fio da historia, e suspendendo a narração entreterem-se a si, e ao leitor com alguns discursos, que lhe caem a proposito, mais vezes de curiosidade, que necessidade (1). Parece-me isto o mesmo que acontece a quem tem passado largo caminho, que ou se assenta de cançado achando sitio deleitoso: ou de contente, se chega a posto, que lhe começa a descubrir, inda que seja de longe, o fim da jornada. Com tão bom exemplo, e com tanto papel escrito, como atrás deixamos: e achando-nos no ultimo dos seis livros, que damos a este primeiro volume, que he quasi estarmos á vista do fim d'elle, licença temos pera discursar hum pouco sobre hum pensamento, que se me tem offerecido nas materias, que vamos tratando, não indigno do emprego de algumas regras.

Passando os olhos por tanto numero de gente santa, e tão santa como temos visto até aqui, em Provincia tão estreita, e Conventos tão poucos, persuado-me que deve haver alguma rezão mais alta, que as ordinarias de frutificar n'este Reino com tanto excesso a doutrina de S. Domingos.

(1) Thucid. lib. 2 de Bell. Pelop.—Tit. Liv. dec. 2. lib. 1. e dec. 4. lib. 1.

E não hei por bastante dizerem-me, que o fez a força da boa semenetira, e a diligencia do primeiro, que n'ella poz a mão. Porque se isso houvera de bastar, perguntariamos logo como não respondeo com a mesma fertilidade em outras regiões maiores por terras, por grandeza de Conventos, por numero de Religiosos: pois não se me pode negar, que nenhuma em sua quantidade deu tantos, e tão grandes Santos a esta Ordem, como Portugal. Offerece-se-me aqui o que dizem os Astrologos de humas matas, que ha em certa parte de Macedonia, as quaes crião ferocissimos Leões, não se criando em nenhuma outra de todo o Reino: e dão por causa a influencia, e constellações do Ceo, a que querem attribuir produzirem humas regiões flores, e frutos, arvores, e animaes, que outras não levão, sendo o terreno igualmente fecundo. Assi me parece, que dar Portugal tão crecida novidade de virtudes heroicas a esta Ordem, como tambem a tem dado a todas as outras Religiões, foi particular influencia da misericordia Divina, que superabundou n'elle com enchentes de mercês suas, desde o tempo que subindo Christo Senhor Nosso aos Ceos, foi servido que se santificasse este pequeno torrão, primeiro que toda outra parte de Europa, e de Espanha, com a presença, e prégação do grande Apostolo Santiago. E porque não devia ser sem particular ordem, e revelação do Ceo tal jornada, podemos dizer, que em certo modo quiz o Senhor cumprir na terra a animosa petição dos dous irmãos, e de sua mãi, dando a hum o braço do Oriente em Efeso, e mandando o outro a este ultimo Occidente a huma das maiores cidades, e de mais conta que então havia n'elle. Esta era a que já possuia o nome de Brachara Augusta polo imperio Romano, e por elle era assento, e corte de justiça, e cabeça de provincia. Aqui prégou o Santo, e ajuntou discipulos, que como rios derivados da fonte do Paraiso regarão despois com as agoas de sua doutrina todo o resto de Espanha, e com o sangue muitas cidades. Mas o primeiro, que o derramou pola fé em toda Espanha, foi aquelle a quem o Santo dando-lhe a cadeira Episcopal de Braga tinha dado tambem com ditoso, e bem estreado pronostico, pera ser pedra fundamental das Igrejas de Espanha, o nome de Pedro: e deixando-o n'ella, se tornou com os mais a padecer em Jerusalem.

Esta grande honra de Espanha, foi tanto maior, e mais particular pera o Reino de Portugal, vistos taes principios, que a ella, e a elles devemos referir hum excessivo numero de gente santa, que com raro valor de virtudes o tem honrado por todas as idades, em todas as cida-

des, e villas, e por todas as Ordens, que sustenta. E tenho por certo, que não ha de tardar em sahir á luz hum Martyrologio de Santos Portugueses, que faça espanto, e devação em toda a terra. Mas porque he tão antigo como o mesmo mundo, não faltarem emulos, ou envejosos n'elle de qualquer favor extraordinario, seja do Ceo, ou seja da terra: brevemente mostraremos a verdade d'estes com testimunhos irrefragaveis.

E será o primeiro de pessoa maior de toda exceição, qual he o Papa Calixto (1), cujas palavras nos provão a vinda do Santo a Galiza, sua prégação, escolha, e conversão de discipulos, e são as seguintes.

Novem verò in Gallæcia dum adhuc viveret Apostolus elegisse dicitur, quorum septem (alijs duobus in Gallæcia prædicandi causa remanentibus) cum eo Hierosolymam perrexere etc.

E deixando escritores Espanhoes, que nos podem dar por suspeitos, que todos affirmão o mesmo, desde Santo Isidoro, até os mais modernos: e deixando os Breviarios de Braga, Çaragoça, e Toledo dignissimos de toda a fé por antiguidade, e calidade, póde quem for curioso satisfazer-se d'esta verdade polos escritos dos Bispos Cabelionense, e Esquilio, de Santo Antonino, e Beda, e Vincencio no Espelho Historial, e sobre tudo da tradição geral, e immemorial, que tem tanta força como historia viva (2).

Constando pois, como consta, da vinda do Santo a Galiza, não temos pera que nos cançar na prova de que prégou em Braga. Porque está entendido, que sendo (como outras vezes temos mostrado) esta cidade, e toda a terra de alem Douro nas antigas demarcações de Galiza, e sendo povoação tão celebre por todas as vias, a nenhuma iria o Santo primeiro dar novas da vinda do filho de Deos á terra. N'ella prégou, e converteo, e escolheo nove discipulos, de que não podemos duvidar serem vizinhos, ou moradores de Braga. De serem tão poucos não ha que espantar, porque ainda então não prégavão os Apostolos o Evangelho mais que aos do sangue Hebreo. Do numero certo nos avisa o Papa Calixto nas palavras acima referidas: e em outras, que logo seguem, nos dá conta da vida, e

(1) Calixt. Papa in prologo transl. S. Jacob. (2) S. Isid. Breviarios de Braga, Çaragoça e Toledo. Episcop. Cabelion. Episcop. Esquil. S. Anton. Beda in Collect. Vinc. in Spec. p. 2. lib. 1.

*

lugares da morte dos sete d'elles, dizendo que de Jerusalem vierão acompanhando seu santo corpo defunto até o sepultarem em Galiza: e d'ahi se forão a Roma, d'onde tornarão sagrados Bispos polos Apostolos São Pedro, e São Paulo: e convertida gente sem numero em Espanha, acabarão a vida Torquato em Acci,, Thesifon em Verja, Segundo em Avila, Endalecio em Urci, Cecilio em Eliberi, e Esicio em Catersa, Eufrasio em Andujar. O Latim he:

Ejusque corpus post passionem per mare ad Galiæciam deportaverunt: de quibus Beatus Hieronymus in martyrologio suo, sicut didicit à Beato Cromatio, scripsit quod, sepulto in Gallæcia beati Jacobi corpore, ab Apostolis Petro, et Paulo infulis Episcopalibus apud Romam ordinantur, et ad prædicandum Dei verbum ad Hispanias adhuc gentili errore implicatas diriguntur. Tandem vero peregrinatione sua inenarrabilibus gentibus illustratis Torquatus Acci, Thesiphonis Vergi, Secundus Abulæ, Endalecius Urci, Cœcilius Eliberi, et Esicius Catersæ, Eufrasius Eliturgi circiter Idus Maij quievere.

Tendo por si esta relação não só ao Papa Calixto, mas a São Jeronymo, e São Cromacio, como d'ella parece: foi Deos servido acredital-a de novo, não ha muitos annos, com o thesouro de reliquias, que descobrio em Granada sendo Arcebispo n'ella dom Pedro de Castro: com o qual se achou particular informação do martyrio de tres Santos d'estes, que lhes dá os mesmos nomes, e os chama discipulos de Santiago (1). E assi fica certa, e sem duvida na parte que toca aos dous discipulos, que sem os nomear, diz ficarão em Galiza pera continuarem a prégação, dos quaes foi hum o bemaventurado Protomartyr de Espanha São Pedro de Rates, primeiro Prelado, e Primás d'ella, e immediato successor do Apostolo Santiago, e de sua mão constituido na cadeira de Braga: e tão verdadeiro imitador de seu mestre, que assi como Santiago foi o primeiro dos Apostolos, que padeceo por Christo, foi elle o primeiro martyr não só de Espanha, mas de toda Europa, dando o sangue pola fé no anno de Christo de quarenta e sinco segundo os Historiadores de Espanha, e outros, e o Martyrologio Portuguez. E foi o martyrio no lugar de Rates quatro legoas de Braga (2): d'onde sendo primeiro descuberto por luzes do

(1) Greg. Lopes Madeira sobre as particularidades d'estas reliquias. Fr. Bernard. de Brito na Monarch. Lusit. p. 2. l. 5. c. 5. (2) Martyr. Lusit. Vaseu no 1.º tom. des ua Chron. Bernard. Bispo Lodovense 3. p.

Ceo, e despois por grandes milagres, em fim foi levado pera a sua Sé de Braga polos annos do Senhor de 1552. Mas tornemos á nossa Historia.

CAPITULO II

Do principio que teve o Mosteiro de Freiras de Corpus Christi em Villa nova do Porto.

Cinquenta e oito annos correrão despois que no Capitulo geral de Bordeos foi admittido á Ordem o Mosteiro das Donas de Santarem, até o de 1345, em que se fez nova fundação, e doação junto á cidade do Porto da casa, e Igreja de Corpus Christi: e porque no discurso d'estes annos não succedeo levantar-se no Reino outro nenhum edificio pertencente á ordem de São Domingos, tem aqui esta casa seu lugar: e no numero, e antiguidade dos Mosteiros de Freiras he o terceiro, e no de casas em geral, undecima. He pois de saber, que reinando em Portugal el-Rei dom Affonso o quarto, que por valor mereceo o nome de Bravo, vivia em Villa nova do Porto huma Dona muito rica, e nobre, por nome dona Maria Mendes Petita, filha de Sueiro Mendes Petite, a qual ficando viuva de hum fidalgo honrado do apellido dos Coelhos (apellido que n'aquelle tempo tinha no Reino muito lugar, e nome) desejosa de empregar parte de sua fazenda em hum Mosteiro de Freiras pera serviço de Deos, e recolhimento seu em vida, e morte: começou junto das casas, em que vivia, huma fabrica grande de claustros, e officinas sem dar conta a ninguem da tenção, e fim pera que assi edificava, e procurando que se não entendesse, que fazia Mosteiro. Tanto que a teve acabada, mandou pôr mãos no que faltava pera descobrir seu intento, que era a Igreja. Pera este effeito meteo numero de officiaes, e fez grande, e extraordinaria diligencia por ver se a podia levantar antes dos encontros, que tinha por certos na hora, que se entendesse na terra seu disenho. E não se enganou: porque tanto que no processo da obra apareceo traça, e forma de Igreja, acodio logo o Cabido da Sé a impedir, e embargar tudo. Era dona Maria muito poderosa por fazenda, e valia, tinha de proposito muitos materiaes juntos, sobejavão officiaes, e trabalhadores: não fez caso dos embargos pera deixar de continuar a obra: antes corrião a passo igual embargos, e edificio, e huma cousa, e outra hia a toda a furia. Assi em quanto se litigava creceo a Igreja de maneira, que se poz em sua

perfeição. Não faltando na casa outra cousa mais, que quem a povoasse, foi-se dona Maria a ella com seus criados, e chamando o Prior do nosso Convento da cidade, que era Frei Vicente de Barcellos, fez-lhe por huma publica escritura doação de toda aquella fabrica em nome da Ordem, e da Prioressa, e Freiras do Mosteiro de São Domingos das Donas de Santarem: e elle, e seu companheiro o Doutor Frei Pedro de Caires a aceitarão no mesmo nome. He de ver a escritura, cujo original se guarda no cartorio do Mosteiro, e tresladada pontualmente diz assi.

Saibão todos qte em presença de mim Afonseanes Taballeom de Nosso Senhor el-Rei em Gaya e em Villa Nova e em seus termos e julgados, e das testimunhas que a diante som escritas, dona Maria Meendes Petita filha de Soeiro Meedes Petite, disse que ella ao louvor, e a honra, e a serviço do Corpo de Jesu Christo fizera, ordinhara, fundara, e edificara casas moradeas, casa santa de Igreja pera se fazer officio divino em Villa Nova de par de Gaya. E porque o ella assi fizera a serviço e ao louvor de Deos Padre, Filho e Espirito Santo, entendendo ella que o dito logar podia ser servido, teuido a serviço de Deos por Donas da Ordem de S. Domingos. Porém a dita dona Maria disse que ella dava, doava fazia doação pera todo sempre de todas as sobreditas casas que ella fizera na dita Villa Nova, assi como estão cerradas, tapadas, muradas com sa Igreja, como parte pola fonte por cima das casas contra o monte como estava cerrado, tapado: de contra Douro caminho publico: de contra Abrego caminho publico: ás Donas Pregaretas da Ordem de S. Domingos de Sàntarem que ellas o pobrem, morem, fação ahy serviço de Deos. A qual doação dona Maria disse que fazia por sa alma e d'aquelles de quem alguma cousa houvera como não devia, assi que nunca por filho nem filha, nem por neto, nem por neta nem por geração, nem por divido, nem por linhagem nunca podesse ser embargada nem torvada a dita doação que ella fizera das ditas casas ás sobreditas Donas. E que aquelle ou aquella tambem de sa parte, como da estranha que a dita doação das sobreditas casas erdades quisessem embargar, ou torvar por alguma guisa, primeiramente seja maldita da maldiçom de Deos Padre, e da sua com Judas o tredor no inferno fossem malditos, confusos, condanados. E de mais disse que ella dava maldiçom pera todo sempre a toda sua geraçom que o embargassem, e que assi secassem como secava a silva no Agosto. E logo na dita hora a dita dona Maria se sayo das ditas casas, e meteo em corporal possessom Frey Vicente de Barcellos e Frey Pe-

dro de Caires Doutor da Ordem de S. Domingos do Porto, e em nome das ditas Donas em corporal possessom das sobreditas casas erdades, por terra, por telha, per chaves, e os sobreditos receberom a dita posse. E a dita dona Maria disse que tolhia, renunciava todo o direito, e juro, e posse que ella nas sobreditas casas havia, e que dava, e doava, e outorgava à Prioressa de S. Domingos e ás outras Donas que hy viessem pobrar com ella. E de mais logo a dita dona Maria pera dotar o dito logar pera serviço de Deos, e pera se poderem manter aquellas Donas que hy servirem a Deos, deu e doou ao dito lugar, e dotou das sas erdades: Convem a saber as sainhas de Tavaride, que forom de Pedro Afonso Ribeiro que estão na freguezia de Buarcos: e a erdade de Castro que foi de Guiomarianes Coelha que está no termo de Leirea: e as casas do campo do sergueiro com seus exidos e com sas pertenças que estão em Villa Nova de par de Gaya: e a vinha que foi de Domingos Teeyga de Gaya: assi que pera sempre as ajão pera seu mantijmento. E logo outro si a dita dona Maria disse que lhes dava a possessom das ditas erdades, e que as tomassem e houvessem sempre para todo sempre cada que quissesem, e mandou dar ás sobreditas desto hum estromento feito em Villa Nova de par de Gaya onze dias do mez de Outubro Era de M. CCC. LXXXIII. annos (que he anno do Senhor 1345). *Testimunhas Martim Afonso clerigo, João Salvadoriz, Pero Fernandes clerigo, Vasco Lourenço homem de dona Maria, Domingos Martins clerigo da dita dona Maria e outros. E eu Afonseanes Taballiom sobre dito, que este estormento por mandado e outorgamento da dita dona Maria fiz: estas cousas presente fuy, e porem meu sinal hy fiz que tal he.*

Estava o Cabido sentido, e queixoso do artificio, com que dona Maria procedera primeiro, e da força com que depois se mantinha contra seus embargos: mas quando chegou á sua noticia o auto de doação, e posse que não pode ser secreto, como passou entre tanta gente, levantarão montes de requerimentos em todos os auditorios Ecclesiasticos, e seculares: em huns embargando a posse, e doações dos Frades, em outros o dote da fazenda: e por remate não pedião menos senão, que se derribasse o Mosteiro por se haver edificado sem licença nem consentimento do Bispo, e Cabido. Corria o litigio com grandes altercações, e contendas: de sorte que os Frades por não escandelizarem a parte do Clero forão suspendendo a vinda das fundadoras, que já estavão nomeadas polo Provincial no Mosteiro das Donas de Santarem.

CAPITULO III

Pede o Cabido Juiz Apostolico ao Pontifice pera a causa dos embargos, que tinha posto ao Mosteiro. Pede D. Maria licença pera fundar. Dá-se o Juiz, e dá-se a licença.

Passados muitos dias, vendo o Cabido, que lhe não valião suas diligencias contra dona Maria, porque em nenhum requerimento erão providos, suplicarão ao Papa que lhes desse hum Juiz Apostolico pera a causa, que não fosse morador d'aquelle Bispado, porque todos os naturaes, ou que n'elle tinhão domicilio havião por suspeitos. Nomeou-lhes o Pontifice ao Bispo de Viseu: mas não lhes foi por isso melhor, porque a fundadora assi como tinha mais justa causa, e sua calidade era tanta, que se fazia respeitar por toda a parte, tambem alcançou mais favor da Sé Apostolica: e impetrou hum Breve com que cessou toda a contenda em cabo de muitos annos de trabalhos, e desgostos com o Cabido, polo modo que agora diremos. Offereceo ella, que dotaria o Mosteiro em quinhentas libras de renda, afóra hortas, e casas, que tinha junto do Mosteiro, que tambem lhe aplicava. Com este dote lhe foi despachada huma mui ampla licença pera a fundação do teor seguinte. E porque fica declarado o que contêm escusaremos traduzil-a.

Innocentius Episcopus servus servorum Dei, dilectæ in Christo filiæ nobili mulieri Mariæ Menendæ Portugallensis diœcesis salutem, et Apostolicam benedictionem. Tuæ devotionis merita, quibus in sinceritate fidei æterno Regi placere desideras, ac Romanam Ecclesiam revereris, rationabiliter nos inducunt, ut desiderijs tuis, illis præsertim, quæ tuæ salutis commodum, et Divini cultus augmentum respiciunt, opportunis favoribus annuamus. Exhibitæ siquidem nobis pro parte tua petitionis series continebat quod tu de salute propria cogitans, cupiensque terrena in cœlestia, transitoria in æterna fœlici commercio commutare, in quibusdam domibus tuis in Villa Nova Portugallensis diœcesis, et ad te spectantibus, ac sufficientibus, pro uno Monasterio inibi construendo, præcordialiter desideras quoddam Monasterium Canonicarum Ordinis Sancti Augustini, quæ sub cura, et secundum instituta Ordinis Fratrum Prædicatorum perpetuo vivere debeant, cum Ecclesia seu Oratorio, cœmiterio, domibus, et alijs officinis, pro certo competenti numero earundem Canonicarum fundare et ædificare, ac de bonis

tais proprijs sic Monasterium præfatum dotare, quod ipsius Monasterij fructus, redditus et proventus quingentas libras monetæ Regni Portugalliæ valeant annuatim, et nihilominus jus patronatus ejusdem Ecclesiæ dictæ diœcesis, et hortos, et loca quædam eisdem domibus contigua, et plura alia ad te similiter spectantia pro sustentatione dictarum Cononicarum, et aliarum inibi pro tempore degentium in augmentum dotis hujusmodi eidem Monasterio assignare. Quarè pro parte tua nobis extitit humiliter supplicatum, ut tibi fundandi, dotandi, et ædificandi Monasterium hujusmodi licentiam concedere dignaremur, Nos itaque hujusmodi tuum desiderium in Domino commendantes, ac propterea volentes votis tuis anuere favorabiliter in hac parte, tibi fundandi et construendi dictum Monasterium in eisdem domibus cum Ecclesia, seu Oratorio, et alijs officinis prædictis dote supradicta de bonis prædictis eidem Monasterio primitus assignata, jureque Parrochialis Ecclesiæ, et cujuslibet alterius in omnibus semper salvo, plenam et liberam autoritate Apostolica tenore præsentium licentiam elargimur. Nulli ergo omnino hominum liceat hanc paginam nostræ concessionis et voluntatis infringere, vel ei ausu temerario contra ire. Si quis autem hoc attentare præsumpserit, indignationem Omnipotentis Dei, et Beatorum Petri et Pauli Apostolorum ejus, se noverit incursurum. Datam Avinione Tertio Nonas Martij Pontificatus nostri anno primo.

Foi despachado este Breve em cinco de Março do anno de Christo de 1353, que justamente responde ao primeiro anno do Pontificado d'este Papa. N'elle acho duas cousas dignas de consideração: huma pera honra da nossa fundadora, que he o titulo, dizendo: *Nobili mulieri*, o qual lhe não dera, se não constara ser pessoa de muita calidade. Outra o nome que põe ás nossas Freiras de Conegas de Santo Agostinho governadas polos Frades Prégadores, e por suas Constituições. O que quero que ainda nos sirva, ou pera confirmação do que escrevemos na fundação do nosso Mosteiro de Chellas(1), ou pera perdão do sentimento com que alli nos queixamos.

Resta pera satisfação de tudo o que o Breve contêm averiguarmos a valia, que então tinhão as quinhentas livras de renda, com que a fundadora se obrigou a dotar o Mosteiro. Valião as quinhentas livras ao justo dezoito mil reis da moeda, que hoje corre: e não era pequena renda pera aquelles tempos, em que a falta da moeda era geral, e a gran-

(1) Liv. I. cap. 23.

de abundancia, e barateza dos fruitos da terra, junta ao pouco numero de povo que então havia no Reino pera os gastar, fazião riqueza do que hoje quasi não he dinheiro, nem fazenda consideravel. Mas porque esta conta, e redução da moeda antiga ao valor da presente nos ha de servir pera o diante, e alguns escritores falão n'ella com menos advertencia, mostraremos a certeza das livras mais em particular. Sendo assi que o discurso dos annos faz continuas mudanças em tudo o da terra, isto he certo, que em nenhuma cousa as vemos maiores, que no uso da moeda, dependendo d'ella todo o trato, e governo da vida humana. A cidade de Roma, que se manteve quinhentos e oitenta e cinco annos sem conhecer outra moeda mais que de cobre, e a primeira que bateo de prata, foi cinco annos antes da primeira guerra Punica (1): lemos que n'esse cobre fez grandes mudanças levantando-lhe o preço, e adelgaçando a moeda tanto em peso, que por duas vezes desempenhou a Republica: huma na primeira, outra na segunda guerra Punica. Ao revez o vimos n'este Reino os que nos lembramos do anno de 572, no qual el-Rei dom Sebastião com grande conselho abateo o mesmo cobre de maneira, que a moeda que valia dez, ficou em tres, e a este respeito todas as mais. Enchia-se o Reino de cobre, fugia a prata, e ouro: remediou-se o mal com a baixa. E comtudo á vista de tal exemplo vemos em Castella de vinte annos pera cá subida a mesma moeda (chamão-lhe lá de velhon) ao dobro do que antes valia: por maneira, que cada arratel de cobre em sahindo sinelado dos crunhos Reaes, val tres vezes mais do que se acha nas tendas em pasta. Assi he certo, que como Espanha tem mais ouro, e prata, que todas as mais Provincias da Europa: e pola mesma rezão he maior sua valia n'ellas, que n'ella: podemos dizer, que todas ellas batem cobre pera Espanha: e Espanha ouro, e prata pera ellas: com grande perda nossa, e proveito do estrangeiro, a quem a cobiça, e ganho excessivo insinão a ser moedeiro do cobre, e passador de huma, e outra moeda. Seja exemplo que vimos por nossos olhos em Argel, no anno de 577 em que ali fui cativo, correr escudos, e reales de oito, e de quatro em cantidade admiravel, e o preço era dezaseis reales o escudo d'ouro, doze os reales de oito, seis os de quatro: sendo a distancia de não muitas legoas de Espanha, e o commercio muito continuo. Por rezão d'estas alterações, e danos forão sempre os Reis de Portugal acodindo com ordenações, e declarações importantes, como parece das que el-Rei dom Ma-

(1) Plin. Natur. Hist. l 33. c. 3.

noel nos deixou(1), que ainda hoje durão, nas quaes se refere a outras dos Reis dom Affonso quinto, e dom Duarte: e de todas se collige a grande variedade, que os annos hião fazendo na moeda, em pesos, valias, feições, armas, e divisas de cada huma, e até nos nomes. El-Rei dom Duarte mandou, que por cada huma das livras antigas (e chamou antigas as de contrato, e escrituras feitas antes do anno de 1395) se pagassem setecentas das correntes de seu tempo: e declarou logo, que a tal livra antiga valeria vinte reaes brancos: e cada real branco dez pretos. El-Rei dom Affonso quinto, que lhe succedeo, sem fazer novidade nas livras, levantou a valia dos reaes brancos a dezoito pretos, ou dinheiros. Erão pretos, e dinheiros, e seitis huma mesma cousa. E os reaes brancos o mesmo, que soldos. Reinando el-Rei dom Manoel, porque já então se não batião reaes brancos, nem dinheiros, ou pretos do peso, e valia antiga: e recrecião muitas duvidas sobre os pagamentos de contratos feitos em tempos atrás, declarou por atalhar todas, que a valia intrinseca dos reaes brancos era por cada hum dez seitis, e quatro quintos de seitil, dos que em seu tempo mandava lavrar, que são do valor dos mesmos, que hoje ha(2). Assi fica entendido, que como aquella livra antiga valia vinte reaes brancos: e o real branco valia intrinsecamente dez seitis, e quatro quintos de seitil dos que hoje durão, respondem a cada livra antiga ao justo nos reaes do tempo presente, trinta e seis reis: e conseguintemente as quinhentas livras multiplicadas por trinta e seis reis, produzem, e nos dão os dezoito mil réis, que dizemos no principio d'este discurso.

Resta-nos averiguar, que genero de moeda erão as livras correntes, ou modernas tão miudas em conta, que setecentas d'ellas não valião mais que huma das antigas: porque a mais baixa moeda das que a Ordenação d'el-Rei dom Manoel faz memoria são mealhas, cuja valia era meio seitil(3). Viemos a descobrir esta curiosidade por huma carta de venda, que achamos entre pergaminhos antigos do tempo d'el-Rei dom Affonso quinto, pola qual vende hum lavrador a João Fogaça, Commendador de Cezimbra, hum pedaço de pomar por contia de mil reaes brancos, e declara que serão de trinta e cinco livras o real. Por onde fica averiguado o que buscavamos; visto como as trinta e cinco livras multiplicadas por vinte, fazem setecentas: e fica tambem entendido, que com haver livras, que valião cada huma vinte reaes brancos, havia outras que trinta e cinco

(1) Ord. d'El-Rei D. Man. liv. 4. cap. 1. (2) Na mesma Ord. liv. 4 tit. 1. §. 17.
(3) Ordem d'el-Rei D. Man. nos mesmos liv., tit. e §.

d'ellas não valião mais que hum real. Estranha differença, e variedade causada só do rodear dos annos. Não peço perdão d'estas miudezas, porque nenhuma lingoa se aprende sem o seu alfabeto: e estas o são da moeda de Portugal.

CAPITULO IV

Dota a fundadora o Mosteiro em conformidade do Breve: vão duas Religiosas do Mosteiro das Donas de Santarem dar-lhe principio.

Como por este tempo residião os Pontifices Romanos com toda sua Corte no Reino de França, na cidade de Avinhão, tardarão pouco as letras Apostolicas em chegar a Portugal, e ás mãos da fundadora: e tanto que estas recebeo, tratou logo de fazer vir do Mosteiro das Donas de Santarem as Religiosas, que o Provincial tinha deputado pera darem principio ao novo Mosteiro. Mas porque era ponto principal dotar-se primeiro nas quinhentas livras de renda, que pera aquelles tempos não era pequena difficuldade, veio a celebrar-se a escritura de nova doação, e dote juntamente na entrada do anno seguinte: a qual tirada do Original, que as Freiras guardão em seu Cartorio, contêm o seguinte.

Saibão todos, que em presença de mim Afonseanes Taballiom de nosso Senhor el Rey em Gaya, e em Villa Nova, e em seus termos e julgados, e as testimunhas que adiante são escritas, estando dona Maria Meendes Petita filha de Sueyro Meendes Petite em Villa nova de par de Gaya no seu Mosteyro, a dita dona Maria Meendes disse, que a ella fora outorgado hum privilegio e graça especial de Nosso Senhor o Papa Innocencio Sexto, no qual era conteudo entre as outras cousas, que o dito Senhor Papa dava licença á dita dona Maria, que ella pudesse fundar e edificar o dito Mosteyro, e as cousas que a elle pertencessem: e que lhi era mandado na dita Bolla que ella assinasse de renda ao dito Mosteyro em cada hum anno em dote quinhentas livras de dinheiros Portugueses dos seus bens, entè que as ditas cousas fossem feitas. E dizia que ella pera satisfazer ao mandado e Bolla do dito Senhor Papa assinara já ao dito Mosteyro as trezentas livras, polo seu logar e erdade que ella ha em termo de Leirea, que chamão o Crasto: e outrosi as sas casas que estão na dita Villa de Leirea, que estom na ribeira do rio, e as sas marinhas do sal que ella ha em Tavaride termo de Monte mayor o velho: e outro si o seu logar e er-

dade de Mourentaes com todas sas pertenças, e sas erdades que avia em Villa Nova e em seu termo: as quaes erdades dizia que valião as ditas trezentas livras de renda em cada hum anno, ao tempo que ella fizera a doaçom d'ellas ao dito Mosteyro, segundo mais compridamente he contendo em hum estormento que ende tinhão as Donas de S. Domingos de Santarem, porque forão metudas em posse das ditas quinhentas livras: que porem dava e fazia pura venda ao dito Mosteyro pera todo sempre de todo o seu terço das sas erdades de Santarem, e outrosi do seu terço das sas erdades de Leirea, e da sua quintaa da Mota. E que outrosi lhe fazia doaçom de mil livras de dinheiros Portugueses, que dizia que lhe avia de dar seu filho Pero Coelho de por sa morte per sa alma, por rezom da quintaa de Carapeços que d'ella comprara: e dizia que mandava que as desse ao dito Mosteyro so pena de sa maldiçom. E dizia, que por estas erdades e dinheiros era entregue o dito Mosteyro das ditas quinhentas livras e mais. E pidia a Frey Antoninho da Ribeira Priol de S. Domingos do Porto, que presente estava, que em nome da dita Ordem recebesse a dita doaçom pera o dito Mosteyro e Ordem ser entregue das ditas quinhentas livras de renda, como dito he. E dizia, que por este estormento d'esta doaçom metia em posse o dito Prior de todas as ditas erdades e fruitas, e novos, e rendas dellas com todalas pertençaas que a ellas pertencem, e de direito deviom pertencer segundo dito he. E que outrosi lhe fazia pura doaçom do padroado da Igreja de Santa Maria de Beatodos, que he no Bispado do Porto, que a ella he dada e outorgada pera a aver o dito Mosteyro, e que ficava pera lhe entregar as cartas que tinha, porque dizia que lhe a dita Igreja era outorgada, deste dia atá quinze dias. E mandou e outorgou que esta doaçom, que assi fazia, que valesse pera todo sempre sem contenda nenhuma. E disse, que mandava e rogava a todos os seus filhos e parentes que comprissem e aguardassem as cousas susoditas so pena de sa maldiçom se contra isto fossem. E que assi como prende a silva no Janeiro que prende e he bem desposta, e crece e vay adiante, que assi vão todos aparentalados de sa geraçam, que esto temerem e aguardarem. E assi como seca a silva no Agosto, a que talhão a raiz, assi sequem, vão à vessas aquelles, e a todas a geraçom que contra isto forem, e o nom quiserem guardar, e lhe sequem as maons, e os membros, que nunca se possão delles ajudar. E mandou e rogou a mim dito Taballiom que d'estas cousas, e doaçom fizesse hum instrumento, e o desse ao dito Priol, que presente estava, per a dita Ordem. E logo o dito Priol disse, que elle recebia a dita doaçom e

cousas em ella contendas, e que se dava dellas por bem entregue em nome da dita Ordem, e pedio desto hum estormento. Feyto foi no dito Mosteyro doze dias de Abril da Era de M.CCC.LXXXXII. (Que responde ao anno do Senhor de 1354.) *Testimunhas Afonso Martins escolar, morador em Gaya, Antonio da Maya, e outros. E eu Tabelliom sobredito que este estormento por mandado e outorgamento da dita dona Maria fiz, e meu sinal hy fiz que tal he.*

Dotado assi o Mosteiro em conformidade do Breve Apostolico, vierão traz o dote as Religiosas de Santarem. Erão duas, e ficou uma por Prioressa, que havia nome Sor Marinha Affonso Lobata. Entrarão logo muitas noviças da cidade do Porto, e de outras partes, que estavão apellidadas por dona Maria: e dentro de poucos annos começou a florecer n'elle tanta virtude, que toda a terra se dava por mui obrigada á Padroeira, polo animo, e valor com que emprendera, e levara ao cabo tal obra. Mas o Cabido entre tanto não desistia do seu litigio diante do Bispo de Viseu, Juiz Commissario da causa, ou fosse polo muito, que se tinha empenhado n'ella, ou pola confiança que lhe davão as palavras do Breve, que o Pontifice declarava não entender prejudicar em nada ao direito da Igreja Parrochial. Nem tivera fim sua porfia, se o mesmo Bispo se não fizera medianeiro de composição, e paz, a qual em fim se veio a concluir por huma escritura publica celebrada no mesmo Mosteiro tantos annos adiante d'este, em que vamos continuando, que havia já numero de professas, que acodirão a ella em corpo de Communidade perfeita. Na calidade do concerto não ha cousa que sirva a esta Historia, e por isso deixamos a escritura: mas não se póde deixar huma graciosa particularidade, que n'ella aponta o taballião dizendo, que o Cabido da Sé se achou aqui junto, e congregado por som de trombeta, e as Freiras tambem juntarão seu Cabido entre si por som de malhos. E dá por rezão. que havia interdito na cidade, e sua comarca.

CAPITULO V

Em que se faz memoria de algumas pessoas de grande calidade, que deixarão esmolas, e fazenda a este Mosteiro: e d'outras que nelle tomarão sepultura.

Não achamos memoria, que a fundadora se recolhesse n'este Mos-

teiro em sua vida, como fazia conta segundo atrás vimos. Mas consta-nos que está n'elle enterrada; o que descobrimos desejando dar-lhe a memoria, que nos merece, polo testamento de hum de seus filhos chamado Estevão Coelho, o qual mandando-se sepultar aos pés de sua mãi, e deixando parte de sua fazenda ás Freiras, diz assi em humas verbas, que são bem de notar, e por isso vão aqui como as achamos em seu original.

Mando que a Prioressa e Donas d'este Mosteiro de Corpus Christi me soterrem na Igreja ante o altar principal: ou a par de inha madre, nu ella qui sè. Seja no dito Mosteiro mais abaixo que ella, o qual ella fundou. Mando que as dîtas Donas do que lhe deixo dem em cada hum anno sinco livras ao Prior Provincial em a sa pessoa, e dem-lh'as em praça. E elle emcomende-me no Cabido Provincial, e faça comprir este testamento aos testamenteiros. Mando que dem de cada hum anno quarenta soldos a qualquer que for Prior de S. Domingos do Porto. Outros quarenta a qualquer que for Prior de S. Domingos de Coimbra que me fação emmentar em seus Cabidos. Peço que se encerre inha hospeda no dito Mosteiro e faça hi sa morada honesta como cleriga da Ordem.

Crecendo com os annos a reputação d'esta casa, e a boa fama da religião, com que n'ella se vivia: começou a ser favorecida da gente nobre com largas esmolas, e algumas de bens de raiz, e renda perpetua, só por terem parte em suas orações. Sabem os virtuosos, que o dar fazenda aos pobres de Christo, e principalmente áquelles que o bem servem, he o mesmo que pola em banco seguro, e dal-a a ganho certo, e sabido. Assi achamos, que o fizerão João Pires de Alvim, e dona Branca sua molher, os quaes por suas mortes deixarão muita fazenda a esta casa. Assi o fez sua filha a Condessa dona Lianor, molher do grande Condestabre dom Nuno Alvares Pereira, honra, e gloria do nome Portuguez. Esta Senhora vindo a falecer no Porto, onde tinha sua casa em tempo, que o Condestabre seu marido assistia em Braga em humas Cortes, que el-Rei dom João primeiro alli ajuntara: como em vida fora grande affeiçoada da nossa Ordem, e bemfeitora das Religiosas d'este Mosteiro, quiz mostral-o tambem na morte: mandou-se enterrar entre ellas, e deixou-lhes huma esmola perpetua pera sua vestiaria; e outra pera hum Capellão que na mesma Igreja celebrasse cada dia polas almas d'ella, e do Con-

destabre. E pera mais significação do amor, que tinha á Ordem, nomeou por testamenteiros a Prioressa dona Sancha Lourenço, e a Frei Vasco do Valle, Prior do nosso Convento do Porto. Esta esmola ficou despois á conta do Condestabre, e elle pera que fosse mais suave ás Freiras a cobrança, deu-lhes huma quinta em Barroso, onde chamão Revoredo, junto a hum sitio, em que ellas tinhão outra: e ambas juntas tornarão polo tempo adiante á sua casa: porque as derão as Freiras por titulo de emprazamento a seu genro o Senhor dom Affonso filho del-Rei dom João o primeiro, e primeiro Duque de Bragança, e de Barcellos casado com a senhora dona Breitiz sua filha.

No corpo da Igreja (pera que nos não fique esquecida nenhuma das antiguidades da casa) está embebido na parede da banda da Epistola, hum arco da pedraria lavrado á antiga, que cobre huma grande sepultura: sobre ella parece deitado hum vulto de cavalleiro armado esculpido de relevo na pedra, que a cerra quando se estende o moimento: no alto do arco tem hum pequeno letreiro aberto na pedraria, que nos descobre alem do nome de quem n'ella jaz, huma curiosidade não indigna de memoria: e diz assi.

Aqui jaz Alvareanes de Sarnache cavaleyro, criado que foi del Rei dom João, cuja alma Deos aja, e Anadel mór dos Besteiros de cavallo: e Alferez que foi dos namorados da Batalha Real; e em todas as outras guerras: o qual se finou Era de M. CCCC. XXXXII. (Responde ao anno de Christo de 1404.

CAPITULO VI

Da grande religião, que n'este Mosteiro floreceo sempre: do rigor, e austeridades, que se guardavão: e de alguns casos raros, que ficarão n'elle em tradição.

Teve asta casa desde seus principios, e polos tempos adiante até o presente muitas Religiosas de grande perfeição de vida: e entre ellas forão insignes algumas por particulares mercês recebidas do celestial amador das almas, humas vezes com luzes do Ceo, que se vião em seus transitos, outras em cheiros celestiaes quando se temião os de corrupção: e com outras maravilhas. Mas não tivemos dita os que hoje vivemos, que houvesse então quem ou por honra da virtude, ou pera pro-

veito da posteridade quizesse escrever: acontecendo aqui como em todos os mais Conventos nossos o mesmo descuido, que he forçado repetirmos sempre, de nossos maiores, porque não fiquemos em culpa de pouco diligentes os que n'esta ultima idade tivemos por sorte o trabalho de escrever, de que elles com nosso dano se quizerão forrar. Acontece donde ha muita gente junta ouvirem-se ao longe humas vozes mal declaradas, outras confusas, ou cortadas, as quaes todavia colhidas por quem está attento, se vai fazendo juizo por conjeituras, e boa estimativa, dão grande noticia, inda que falte certeza formal, do que passa no lugar donde ellas sahem. Assi desejando fazer relação particular d'aquelle valor antigo, de que temos grandes vozes, e atoadas de testimunhos geraes mui certos, não achamos mais, que huns longes de alguns successos estroncados, que passarão de boca em boca, e de idade em idade: dos quaes por estarem acreditados com a antiguidade do tempo, e com as boas calidades das pessoas por quem vierão passando, gente religiosa, e verdadeira, apontaremos alguns. E creio que quando não fizerem historia muito saborosa, polo menos hão de criar conceito nos animos de quem a ler que devia ser muito crecido, e espantoso o som de virtudes, donde retumbando taes eccos chegarão a nós. E ficar-nos-hão devendo os leitores a miudeza, e cuidado com que os vamos colhendo assi n'este, como em quasi todos os mais Conventos da Provincia: trabalho mui semelhante ao que se escreve de quem ajuntou os Oraculos da Sibylla Cuméa, que sendo escritos em pequenas folhas de arvores, e estas lançadas com descuido em parte, onde o vento assoprando as revolvia, desordenava, e confundia: ficava tudo junto escurecendo mais o segredo dos Oraculos, ainda que não diminuindo nada na verdade, e autoridade d'elles (1). E com proposito de não cansar mais ao leitor nem a mim em todo o resto da Historia, nem com queixas, nem com desculpas, ou encarecimentos em tal materia, passaremos adiante.

Poucos annos despois de fundado o Mosteiro succedeo hum caso que pera todas as idades ficou impresso na memoria das moradoras d'elle: e sendo antiquissimo, se conta com tanto espanto e respeito, como se fora de fresco acontecido, pera exemplo de huns espiritos leves, que sem mui graves causas se deixão tentar, e vencer de hum appetite de sahir com facilidade d'aquella sepultura santa, a que voluntariamente se condenarão com voto de não resucitarem d'ella senão pera o Ceo. Foi

(1) Virg. lib. 6. Æneid.

o caso que dando peste na cidade, e na villa, forão as Madres persuadidas por gente amiga de sua saude corporal mais do necessario, que sahissem em Communidade pera huma quinta do Mosteiro, lugar sadio, e de bons ares. Ficarão na clausura só tres, das quaes huma poucos dias despois foi ferida do mal, com tanto espanto das ausentes quando o souberão, que dando-se por mui seguras no sitio, em que estavão, avisarão as duas em que na hora que a companheira espirasse despejassem o Convento, e se fossem pera a quinta. Sentio a enferma alguma inquietação n'ellas, ou, como santa que era, alcançou do Ceo sua determinação. Chamou-as, e disse-lhes: Vós irmãs esperaes, que morra eu pera desemparardes o vosso mosteiro: pois eu vi o minino Jesu, quando a Communidade se foi pera a quinta, que me dizia: Vós outras ides-vos: não sabeis logo que estou eu em toda a parte? Por isso fiquei: e com quanto estou morrendo, não me pesa de ter ficado. Chamava-se esta Madre Francisca de Abreu. Faleceo logo: e as duas mais cheias de medo, que conhecidas da advertencia santa, fugirão logo pera as companheiras. Porém huma d'ellas estando huma noite ainda assombrada do pavor passado, mas bem esperta, vio entrar pola casa onde todas se recolhião a dormir, sinco tochas ardendo. Fosse revelação do Ceo, ou malenconia da terra (1) (que acontece muitas vezes advinharem os tristes) na noite seguinte aparecerão feridas do mal outras tantas Religiosas, e todas morrerão. Insinadas as vivas, ainda que tarde, no dano alheio tornarão pera a villa, onde tudo ardia em fogo de contagião, e mortes: e com tudo tanto que estiverão encerradas no seu Mosteiro, foi Deos servido que nenhum mal tiverão.

Apoz esta antiguidade he primeira tradição tambem antiga, e geral da casa, que huma das virtudes, que as Religiosas d'ella com mais ventagens abraçarão, foi o rigor da penitencia, exercitando-se todas como á competencia em varios generos de asperezas, que ficão mais dignos de louvor, e espanto pola delicadeza ordinaria do sujeito feminil. De muitas se diz, que desd'a hora, que vestirão o santo habito nunca mais souberão o nome á cama: quando havião de dar algum alivio aos membros cansados dos exercicios diurnos, e nocturnos, o maior favor era encostar-se vestidas como andavão de dia, sobre huma taboa nua. E porque fosse a jazida mais penosa, não era mais larga nem mais comprida que o tampão de huma arca ordinaria, e pequena. E pera tal serviço como

(1) Arist. lib. de Divinat. per somn.

gente pobre, e humilde mandavão buscar estes tampãos pola cidade: e aponta a tradição, que lhes chamava a lingoagem d'aquelle tempo mantalotes. Outras com santa constancia nunca mais comerão carne. Muitas jejuavão todo anno inteiro: muitas grande parte d'elle a pão, e agoa por intervalos. Outras havendo por mimosas as tunicas de estamenha, que são ordinarias na Ordem, usavão por toda a roda do anno de humas, que fazião de pano dos montes seco, e mordente como saco, alem de outros generos de cilicios. E castigada a carne por este modo, e cultivada, e curtida assi aquella terra viva, não fica de espantar a grande abundancia de flores, e fruitos, que nos espiritos criava.

Da Madre Anna da Conceição se conta, que a maior parte das noites passava em oração alternada com disciplinas de sangue tão despiedadas, que dava sinal d'ellas o chão, onde as tomava. E com trazer de continuo cingido, e apertado hum largo cilicio de sedas de cavallo, quando se hia ao leito pera satisfazer á fraqueza natural com hum pouco de sono, achava n'elle huma manta de tal feitio, que era outro cilicio, porque não parecia menos, que composta de tojos, e abrolhos: e por maravilha se guarda, e mostra ainda hoje: e só á força de muita necessidade, e grande falta de sono podia grangear repouso a quem n'ella se envolvia sobre huma taboa. E com tudo porque se veja com quanto pode a natureza sujeita, e bem acostumada, viveo assi muitos annos. No cabo d'elles mostrou Deos áquella santa Communidade hum juizo final temeroso, e muito digno de ser notado com todas as potencias da alma, principalmente dos que vivem com qualquer descuido d'ella. Estava já mui consumida da doença, e quasi acabando: eis que huma tarde começa subitamente a entrar em grande inquietação, e afadigar-se muito fóra do ordinario, e a espaços tremia, e fazia grandes sinaes de medos, e ora falava, ora esperava como quem escutava pera dar resposta. Acodem as Religiosas, cuidão que he accidente de acabar, e dando-lhe attenção entenderão claramente, que estava o demonio á vista feito accusador de huma parte, e ella accusada como rea da outra. E inferia-se, que era accusada de culpas da mocidade, e descuidos da observancia: porque humas vezes respondia em voz alta dizendo: Si, he verdade, que eu fiz isso: mas despois fiz tal, e tal penitencia, e hia apontando cada huma por si. A outras cousas respondia: Já me confessei muitas vezes d'essa culpa. E de huma vez acodio dizendo distintamente: Em penitencia d'isso deci do Coro de cima descalça de madrugada, e ajuntava quantas ve-

zes, e quantas sestas feiras. Era este hum exercicio, que todo o Mosteiro sabia, que ella costumava a fazer, como correndo as estações de Roma, ou visitando os lugares santos de Jerusalem. Em fim cessou a batalha, ficando todas mui compungidas na consideração da pureza d'aquella alma, que a todas era notoria, e do rigor da residencia, que por seus olhos lhe virão tomar. Mas ella ficou cheia de alegria, como quem cantava vitoria: e descançando hum pouco, foi receber a coroa, e descançar pera sempre.

CAPITULO VII

Das Madres Sor Brazia Annes, e Sor Joanna da Gloria.

A Madre Brazia Annes foi molher de grande oração, e particularmente amiga de ajudar com ella as almas do fogo do Purgatorio: santa, e mui christã, e piadosa devação. Costumava sempre que podia, ganhar por mão ao relogio nas horas de Matinas, pera entrar n'ellas com mais espirito, pedindo-o com profunda humildade ao Divino Sacramento, diante do qual se prostrava aquelle espaço. Indo huma noite pera entrar no Coro, segundo seu bom costume, sentio que se rezava dentro: ficou sobresaltada, culpando-se não só de faltar na sua hora, e exercicio, mas de não ter ouvido sinos, nem taboas. Entrou, e foi acompanhando as que rezavão. Acabada a reza, vio que se forão sahindo huma, e huma, e notou, que em lugar de irem pera o dormitorio, encaminhavão todas pola escada abaixo. Pareceo-lhe novidade, quiz entender a que hião, e vio que chegando ao lugar das sepulturas se forão sumindo n'ellas, e desapparecendo. Não podia deixar de causar pavor tão estranha vista em qualquer animo, por mui varonil, e esforçado, que fora: tal ficou Sor Brazia, que cahio em terra esmorecida, e assi esteve até que soando os sinos da meia noite, cobrou animo, e alento pera se poder levantar, e recolher. Mas servio-lhe o successo pera duas cousas: primeira pera ser mais continua na oração, que fazia polas almas: segunda pera perder o medo a visões nocturnas, e a outras fantasmas, com que o demonio começou a perseguil-a. Erão muitos, e varios os generos de inquietações, que lhe dava. Porém quantas mais erão em numero, e força, menos caso fazia d'elle, e dellas, havendo-as por jogo de mininos.

Huma noite, que sendo já muito velha, se lhe poz diante com vista horrenda e fera, a tempo que andava com hum hysope de agoa benta

na mão, correndo as sepulturas, e rezando sobre ellas, não só procedeo no que fazia animosamente, mas despois que concluio com a devação, arremeteo a elle com o hysope na mão direita, e o bordão que trazia na esquerda: e o covarde lhe deu as costas, e foi fugindo polas crastas. Esta Religiosa, ou fosse a causa entrar já crecida na Religião, ou ter de seu natural a lingoa grossa, e empeçada pera o Latim, nunca em toda a vida soube nem pode fazer legitima pronunciação na reza. Quando veio a falecer, que foi de grande velhice, mais que de doença, estando em todo seu perfeito juizo, entre muitos sinaes que de sua predestinação se notarão, foi hum, que ao tempo de espirar começou a rezar o Cantico: *Nunc dimittis servum tuum*, e o levou até o cabo com huma expressiva tão clara, tão distincta e desembaraçada, que se teve em toda a Communidade por cousa prodigiosa: e assentarão, que aquella voz devia ser já a mesma, com que seu espirito investido da claridade Divina havia de louvar logo a Deos entre os Coros das Virgens.

Desde minina se diz, que foi a Madre Sor Joanna da Gloria tão affeiçoada aos bens do Ceo, com hum perpetuo aborrecimento das falsidades da terra, que quando chegou a professar, por isso escolheo o sobrenome da Gloria: não porque houvesse mister espertador pera a mais estimar, e amar, mas porque a queria começar a possuir em esperança, e nome, em quanto lhe tardava na realidade. Com a profissão, e com o nome, e juntamente com os annos foi crecendo tanto n'este amor, que veio a dar em hum estremo poucas vezes visto, mas digno de ser envejado, e imitado; assi poderamos todos. Tão enlevada andava n'elle, que nem queria, nem podia lembrar-se de outra cousa, nem havia nenhuma, que fosse poderosa a divertil-a. Só o Ceo lhe parecia fermoso, só digno de ser buscado: e quando lhe punha os olhos, era com hum geito, e affeito tão saudoso, que mostrava não quizera nunca tornal-os á terra: seguião suspiros, e gemidos, e sem se poder reprimir arrebentava em rios de lagrimas. Deteve-se uma noite no coro, vio-se só diante do Senhor da terra, e Ceo, ajudava o sitio, a escuridão, o silencio; foi-se engolfando em huma tão profunda, e dilatada consideração da Gloria, que não appareceo em muitas horas no Convento. Deu isto cuidado ás amigas, e sendo buscada, forão dar com ella, e acharão-na de tal maneira extatica, que de viva não tinha mais, que a respiração: chamada não acodia, empuxada não sentia. Despois que a fizerão tornar d'aquelle ditoso trasportamento, começarão-lhe a dar pena com repreensões de se deixar

estar só, e a taes horas em lugar temeroso: e ella respondia com quietação, que ali estiverão sempre com ella, e estavão ainda duas Religiosas. Tal opinião havia de Sor Joanna, que sem ellas serem vistas, foi ella crida. E não he de espantar, porque já era publico no Mosteiro, que tinha visões, e representações de cousas grandes da outra vida provadas, e certas: e como d'esta só tratava, tão desassombradamente falava com os defuntos, como com os vivos: e acontecia aparecerem-lhe Religiosas defuntas de muitos annos, que não conhecera: e polos sinaes que dava de cada uma, se averiguava entre as que forão de seu tempo, que não era engano.

Sendo de vinte annos, e andando sã, e rija, disse a humas Freiras, que quando fosse noite olhassem pera o cemiterio: e onde vissem huma luz azulada como de vela acesa, alli havia de ser sua sepultura: e porque duvidavão, apontou-lhes o lugar com o dedo. Tiverão por certo as que isto ouvirão, e despois virão a luz, que não viviria muito quem tal dizia. Passados poucos mezes veio a adoecer consumida de suas saudades, e de grande violencia de penitencias, com que as acompanhava; porque todas as quartas feiras, e sestas e sabbados da quaresma levava a pão, e agoa, e muitos dias d'estes tambem pola roda do anno. Assi foi a doença prolongada, e de muito tempo. N'ella lhe succedeo hum caso, que podendo ser accidental, teve muito de milagroso. Era em grande estremo devota do Santissimo Sacramento, e costumava celebrar sempre as vesperas da Communhão com huma aspera disciplina, e com não dormir em cama. E era sua maior consolação na doença receber muitas vezes o Divino pasto, porque com elle como com verdadeiras arras da Gloria, hia suportando as demoras, e prisão da enfermidade. Mas querendo o Senhor dar-lhe merecimento, foi servido, que lhe acodissem huns vomitos, que ella houve polo mais penoso accidente de todos os que em seu mal padecia: e era a causa, porque como continuavão, tomou-se assento que não commungasse. Perdia com isto a paciencia, porque nem acabava de morrer, nem melhorava: e o medo dos vomitos tinha atadas as mãos ao Vigario, pera se não atrever a consolal-a com a Santa Eucharistia, como fazia d'antes. Queixava-se, chorava, e movia todas a piedade com as lastimas, que dizia, affirmando, que o fogo em que sua alma ardia de ancias, e desejos dos bens Celestiaes, só o Senhor d'elles sacramentalmente recebido com sua presença o refrigerava, e só mitigava as saudades, e esperanças tão dilatadas de o chegar a ver

ace a face: que se erão irmãs, se erão amigas persuadissem ao Padre Vigario usasse com ella de misericordia, e não temesse nenhum desastre; que nem o Senhor o permittíria, nem seu estomago regeitava senão peso de comida, e já tinha experimentado, que se não revolvia tomando cousas leves. Mas não bastava nada pera dobrar o Vigario. Queixava-se então ao Senhor, pedia-lhe que viesse de sua mão a misericordia, que nos homens não achava: e quando entendia que commungava a Communidade, da cama em que jazia cantava tambem em alta voz os hymnos do Sacramento, que soavão no coro, acompanhando-os com lagrimas. Hum dia de festa solene estando as Freiras commungando, representou-lhe a devação, que seria genero de alivio em tanta fome, se recebesse polo calis com que se dava a Communhão a suas irmãs, hum pouco de lavatorio em que o Vigario purificava os dedos: mandou-lh'o pedir com grandes encarecimentos. Não fez o Vigario difficuldade na petição, despois de commungar as Religiosas, e ter purificado os dedos no calis da Communhão: quando o houve de dar a quem o levasse á enferma, permittio o Senhor que em lugar d'elle, desse outro que tinha no altar, no qual estava huma fórma consagrada, que sobejara. Foi correndo a messageira com alvoroço, mas sem saber o que levava: quando a enferma descobrio o calis, e reconheceo dentro o thesouro celestial, julgou que fora compaixão, não erro do Vigario, e satisfez seus desejos com cordial consolação. Tinha acabado de a levar, e começava a entoar por graças aquella parte do hymno: *Tantum ergo Sacramento, etc.*: eis que chega correndo huma Religiosa com recado da Prioressa, que não commungasse até ella chegar, porque tinha que lhe dizer primeiro. E foi o caso, que o Vigario abrindo o sacrario pera recolher a fórma, cahio no erro, e mandou com diligencia avisar a Prioressa, que o remediasse polo modo, que temos dito. Entrou a Prioressa afadigada atrás a messageira, que mandara diante, e ambas tiverão da enferma a mesma resposta. Meu Senhor Jesu Christo (dizia ella cheia de espirito, e alegria) que sabe a grande fome, que minha alma padece tantos mezes ha d'este Divino manjar, e a muita necessidade que d'elle tenho, ordenou que commungasse eu n'esta tão grande solenidade, e que pera isso me confessasse (como me confessei hontem). Se o Padre Vigario cuida que errou, erros ha no mundo, que são acertos, e misericordias de Deos: a elle dou as graças.

Quando veio a falecer passava poucos mezes de vinte hum annos.

Muitos dias antes declarou, que havia de acabar no dia de Ramos primeiro seguinte, e até a hora sinalou, e tudo succedeo pontualmente: e foi sepultada no mesmo sitio, que muito antes, estando sã, mostrara. Passado algum tempo, fez assento a terra da sepultura, de modo que ficava notavelmente baixa, e desigual: pera se accommodar, e igualar, arrancou-se o ladrilho, bolio-se a terra; foi cousa de espanto, que em se movendo aquelle pó frio, e seco, sahio d'ella tanto, e tão singular cheiro, que o official deu brados de maravilha: mas as Religiosas, que conhecião quem ali jazia, sem maravilha derão graças a Deos.

CAPITULO VIII

Das Madres Sor Isabel de Abreu: e Sor Isabel de Moraes.

Succedem duas Isabeis tão semelhantes ambas em virtudes, e merecimentos, como no nome: e como forão differentes só no appelido, assi se differençarão em poucas cousas da vida. Ambas erão mui devotas da Paixão, ambas pedirão a Deos com particular efficacia lhes desse a sentir alguma parte das dores, que n'ella padecera o bom Jesu: e a ambas foi concedido. E porque lhes não fosse causa de vangloria tamanho favor, permittio o Senhor, que cada huma d'ellas padecesse hum forte estimulo de Satanás, que as espantava, e perseguia com terribeis illusões, e tentações.

A Madre Isabel d'Abreu começou a sentir suas dores pouco mais de seis annos antes que falecesse. Erão taes, que em quantas junturas de membros tinha, em todas a hum mesmo tempo era martyrizada com incomportaveis tormentos: levava-os ella com o mesmo animo, e devação com que os pedira, gemendo muitas vezes, e gritando a boca com a opressão das dores, mas dando graças em seu coração a quem lh'as dava. Estava hum dia mui desfalecida com ellas, cercavão-na muitas Religiosas, e persuadião-na que se animasse, e tivesse paciencia: pareceo-lhe que erão rezões de gente, que se despidia; interrompeo a pratica, e pedio com encarecimento, que a não deixassem só, dando por rezão, que crecião seus males como estava desacompanhada. Fizerão todas juizo, que erão queixas de quem ja não podia com o trabalho, e acodirão-lhe de novo com lembranças da obrigação, que tinha de soffrer com valor o que pedira por favor, e alcançara por misericordia. Vio-se culpada, e re-

preendida, pareceo-lhe força declarar o que até então encobrira. Madres, respondeo, não me agastão dores, antes cada momento lhes lanço mil bençoes, porque se o corpo padece, triunfa a alma. O que me agasta, e muito me inquieta, he huma dura perseguição, que o demonio me dá com sua vista horrenda, e fera, na hora que me acha só: e basta estar comigo qualquer pessoa pera não ser atrevido: parece que por meus peccados tenho merecido esta guerra.

A Madre Isabel de Moraes tinha-se determinado a huma perpetua mortificação de todas as corporaes commodidades. Avezou-se a quebrar o sono, que he grande parte da sustentação da vida, e alivio de quem trabalha: e veio a sugeital-o de maneira que era huma tyrannia, porque lhe não dava entre dia, e noite mais que duas horas, sendo assi, que sempre andava occupada nos mais trabalhosos officios de casa. Foi muitos annos Sacristã, sem consentir companhia, que a descançasse: com muito gosto lavava só, encrespava, e perfumava toda a roupa de seu cargo: e á força de braço trazia limpo, e luzente todo o estanho, e arame da sacristia. O tempo que forrava do trabalho, descançava em continua oração: n'ella seu principal exercicio era meditar a Paixão de Christo, compadecendo-se dos tormentos, e affrontas a que o bom Senhor se quiz offerecer por ingratos; e abrazava-se em desejos de ter parte n'ellas, por não ser de todo ingrata. Por fim da oração, conhecendo que pedia muito, ajuntava em parte de requerimento muitas disciplinas, e outras penitencias secretas. Assi alcançou o despacho tanto á medida do que desejava, que brevemente se vio cercada de tantas, e tão fortes doenças, tantas, e tão continuas dores, que bem parecia cousa contra natureza tamanha complicação de males, e tal força de tormentos padecidos juntamente. Choravão as Religiosas lastimadas do que lhe vião padecer, e ella alegre no meio dos martyrios, que a rodeavão como a outro Job, chamava-lhes pesadas consoladoras: pois, em lugar de lhe ajudarem a dar graças ao Senhor por lhe ter ouvido sua oração, erão cruelmente piadosas, mostrando sentimento de seu bem. Com todos estes males não podia acabar comsigo deixar hum genero de cilicio, que trazia cravado nas carnes, que melhor podemos chamar cinta de ferro. Era huma faixa larga feita de huma folha de arame, que ordinariamente se chama folha de Frandes, passada de muitos furos, de tal modo abertos, que lançava cada hum pera fóra tres e quatro pontas, que onde alcançavão ferião, e penetravão como cravos. Acertou de lh'a ver huma sobrinha, de que se

não acautelava tanto, como das outras Freiras; accusou-a á Prioressa, porque sabia que nenhum outro remedio valeria. Em fim tirou o cilicio por obediencia, e com dores dobradas: humas polo tormento, que lhe dava desaferral-o da carne, que de muito atrás tinha atenazada: outras polo que sentia não acompanhar com mais aquella mortificação os tormentos do bom Jesu. Mas ficou-lhe em lugar do cilicio huma perseguição infernal do tentador das almas, que como era noite lhe aparecia, e se atrevia a pôr em pratica a quem com tanta perfeição vivia, não menos que desesperação da misericordia de Deos (grande ponto pera nos abrir os olhos, e cuidarmos que fará, e quão atrevido será com os que somos fracos, e peccadores quem assi acomette a gente santa) algumas vezes lhe ouvirão dizer as Religiosas, que dormião perto, estas palavras: *Maldito, vai-te ao inferno, a que estás condenado pera sempre; què por muito que faças, não deixarei nunca de dar graças a meu Deos polas grandes mercês que me faz em me dar doenças, e dores, que tantos annos lhe pedi.*

Quando a importunação crecia usava do mesmo remedio, que a Madre Isabel d'Abreu; chamava por sua sobrinha, ou qualquer outra Freira, e como tinha companhia ficava em paz. Costumava a dizer muitas vezes, que na festa de Natal havia de morrer: e veio dar fim a seus trabalhos na primeira Oitava, e ultima hora d'ella, quando já se tangia o primeiro de matinas de S. João Evangelista, mas não nos constou em que anno. Pouco antes que espirasse advertio as enfermeiras, que era tempo de fazerem sinal pera se juntar a Communidade como he costume na Religião: e deu por rezão que estava alli o Minino Jesu, que a queria levar comsigo.

CAPITULO IX

Das Madres Sor Caterina de Soagoa, Sor Breitriz Rabella, e Sor Isabel Affonso.

A Madre Sor Caterina de Soagoa passou toda a vida em rigor de penitencias, e fervor de oração; e com taes azas tintas, e variadas de fermosas cores de todas as outras virtudes, voou pera as moradas eternas. Nunca despois que tomou o habito comeo carne, nunca deixou de dormir vestida, e apertada, e composta como andava de dia; e era o leito huma taboa seca, desacompanhada de todo o genero de roupa, ou ou-

tro gasalhado; e por morte lhe foi achada á raiz das carnes huma cinta de ferro de quatro dedos de largo, companheira inseparavel de toda a vida.

Da Madre Breitiz Rabella, por outro nome da Trindade, se conta por especial excellencia que entre todos os exercicios santos da Religião o que mais lhe levava a alma, e o gosto era a devação do santo Rosario: pera o rezar com mais atenção, e socego levantava-se de madrugada. Parece que tinha ouvido o que diz o Espirito Santo, ou elle lh'o tinha communicado; *Quoniam oportet prævenire solem ad benedictionem Dei, et ad orientem lucis adorare Deum* (1). Convêm que madrugue mais que o sol, quem quer louvar a Deos, e receber d'elle mercês; convêm levantar pera o adorar tanto que se levanta, e aparece a primeira luz. Assi o fazia com grande perseverança, deleitando-se na vista da estrella d'alva em saudar a verdadeira aurora, por quem considerava que tevemos no mundo todos os bens do Ceo. Tardando o sol lembrava-se das ancias, com que os Santos Patriarcas, e Profetas desejavão o verdadeiro, que veio alumiar as almas, e do intimo do coração dizia com Isaias: *Rorate cœli de super, etc.* (2). Acabai já Ceos de nos mandar esse divino orvalho. Lembrava-se do affecto, com que a Virgem desejava vel-o, e adoral-o nacido na terra, e dizia: *O oriens splendor lucis æternæ et sol justitiæ, veni et illumina sedentes in tenebris* (3). Ó raio bellissimo, luz da luz eterna, e sol de justiça, chegai já, e vinde alumiar os que vivem em trevas. Despois de nacido o sol alegrava-se nos gozos da Virgem, quando se vio mãi, e mãi de Deos, e sua pureza com tal filho mais pura, mais honrada, e mais sagrada. N'estas, e em outras semelhantes considerações hia dando voltas ao seu Rosario, e acompanhando-as a espaços com copiosas lagrimas, ora de gozo, ora de magoas, segundo os mysterios.

Sabe o enemigo do genero humano, quanto se adianta em todas as virtudes polo meio do santo Rosario. E como em todo o exercicio d'ellas está certa a tentação pera prova, e merecimento, permittio Deos que procurasse a toda a força divertil-a de tal devação com medos, e fantasmas. Despois que vio que não aproveitava por aqui, aparecia-lhe visivelmente ao tempo, que queria começar a rezar pera a pertubar, ou inquietar quando mais não podesse. Aconteceo-lhe deitar-se huma noite com mais cuidado do ordinario de se levantar a tempo, pera cumprir mais á seu sabor com o santo exercicio. Quando espertou vio tanta cla-

(1) Esth. 5. (2) Isai. 45. (3) Mal. 4.

ridade na casa, que teve por certo ser o sol nacido. Levantou-se á pressa, e com desgosto, e repreendendo-se da tardança: e vendo que havia silencio por toda a casa, caminhou pera o sitio costumado, que era o coro, e começou sua devação. Mas não he de dura nenhuma falsidade, e as do diabo mais depressa mostrão o fio, e descobrem seu dono. Eis que subitamente desaparece a luz, e fica tudo em trevas, e noite escura: e pera mais certeza de que fora fingida, e falsa a claridade a que se levantara, soarão logo no relogio as tres horas. Caindo então na conta do lanço, com que Lucifer procurou desgostal-a, foi rezando, e meditando com muito maior consolação seu Rosario, do que fora a pena com que o começara.

Na ultima doença, quando lhe foi declarado que acabava, recebeo o desengano não só sem sobresalto, mas com muita alegria. E dispondo-se pera a hora, que esperava, e que tinha por ditosa, e fermosa, não largava das mãos o santo Rosario. Hia-se-lhe a vida traspondo por momentos, e a passo igual se vião em seu rosto novos, e mais claros sinaes de gozo: dos quaes obrigada huma Religiosa, e tendo por certo que devião nacer de alguns favores, que n'aquella hora lhe fazia a Virgem do Rosario, que tanto servira sempre, pedio-lhe que pera gloria da mesma Senhora, e edificação das que estavão presentes declarasse alguma cousa. Mas são os Santos mui avaros em revelar semelhantes mimos: respondeo com palavras geraes, que muitas mercês lhe fazia sua Senhora n'aquelle temeroso trance. Instando a Religiosa por alcançar alguma particularidade, e apertando muito, em fim confessou que a Senhora estivera ali com ella; e não falou mais. Esta Madre foi duas vezes Prioressa: e huma tença que tinha, não pequena pera o tempo de então, despendia toda com Religiosas necessitadas, e em concertos da sacristia.

A Madre Sor Isabel Affonso foi huma das antigas, que n'este Mosteiro se criarão: e como tal tão observante d'aquellas primeiras, e apertadas austeridades, que por certo se conta que desd'a hora que professou nunca mais comeo carne, nem teve outra cama senão hum matalote como os que atrás dissemos; e as tunicas, que usava, erão de pano de lã grosseira dos montes, por maneira, que andava vestida em hum cilicio inteirisso. N'esta aspereza viveo longos annos; e sem a mudar acabou santamente.

CAPITULO X

Das Madres Sor Justa Vieira, Sor Violante, e Sor Juliana.

Trinta annos achamos que foi Prioressa neste Mosteiro a Madre Sor Justa Vieira: e se a morte a não absolvera do cargo nunca os Prelados nem as subditas consintirão que o deixara. Tão inteiro, e tão suave era seu governo. Todo seu cuidado empregava por manter a casa no rigor primeiro, em que fora criada: e ainda que os Capitulos que fazia espiravão fogo de espirito, com que o pegava ás mais tibias, erão suas obras taes, que não havia quem à vista d'ellas mostrasse frouxidão pera as maiores austeridades. Nunca se achou que nas ordinarias da Ordem se valesse do privilegio de Prelada pera dispensar comsigo: antes acrecentava a ellas particulares penitencias, que em quem preside bem se sofre serem publicas, e sabidas, polo muito que move o exemplo das cabeças. Entre outras se faz memoria das tunicas, que usava, de pano basto de lã como saco, que era andar toda envolta em hum aspero cilicio, como dissemos da Madre Isabel Affonso. Com o Angelico Doutor Santo Thomas tinha grande, e particular devação, e pagava-lhe elle com lhe alcançar de Deos muitos favores. Muito tempo antes de sua morte declarou o dia, e hora em que havia de ser; e succedeo sem falencia.

Resta-nos dizer de duas Religiosas, que sendo falecidas ha menos de vinte annos, e sendo ambas nobres por geração, e muito mais por virtude, já não podemos alcançar d'ellas mais que meios nomes. Pera ficarem assi menos de espantar as faltas dos antigos. Seja primeira a Madre Sor Violante tão devota, e bemfeitora das almas fieis do Purgatorio, que cada dia lhes rezava hum psalterio, pedindo a cada huma, que quando se achasse livre do carcere, e á mesa do Rei da Gloria, como o outro criado de Faraó (1) se lembrasse da sua prisão d'ella, alcançando-lhe huma suave sahida das miserias da vida, e vindo-a ajudar, e acompanhar na hora da liberdade. Acompanhava esta devação, pera que fosse mais meritoria com muita abstinencia, disciplinas, e cilicios, esmerando-se sobre tudo em hum grande cuidado de guardar silencio, e não o quebrar nunca nos tempos, que a regra o encomenda. Viveo esta Religiosa muitos annos sem quebra nem mudança de seus santos exercicios: e perseverando assi com muito exemplo aconteceo huma noite acharem-na

(1) Genes. 40.

morta pola maneira seguinte. Dormia a Sacristã em seu leito cançada do trabalho do dia. Eis que alta noite sente chamar-se por seu nome, e abrindo os olhos vê hum vulto de Freira com lume nas mãos, mas lume, segundo despois dizia, escuro, e cego, e como de candea, que se vai apagando; e ouvio que lhe dizia com voz distinta, e clara, porém não conhecida, palavras formaes: Levantai-vos, e ide acodir a Sor Violante, que está morta. A novidade do aviso, e a falta de luz bastante, e de conhecimento da fala obrigou a Sacristã a perguntar-lhe quem era; e ouvio segunda voz, que lhe disse: Eu sou a Madureira. Havia no Mosteiro huma Religiosa d'este nome, amiga da Sacristã, e com quem algumas vezes costumava a ter graças; despedio-a asperamente, e como merecia huma ociosidade a taes horas (se o fora) e tornou-se a quietar. E com tudo fazendo reflexão no que ouvira, e na calidade do dito chamou huma companheira pera irem juntas. Foi circunstancia, que tambem deu cuidado, que procurando levar lume comsigo, não acharão em toda a casa alampada acesa, e foi força valerem-se de pederneira, e fusil. Chegando ambas ao leito de Sor Vialante acharão verdadeiro o aviso da voz, e espertarão á pressa a Communidade, pera a commendação da alma. Ficou-se fazendo discurso entre as Religiosas, que fora Deos servido dar-lhe hum transito abreviado, e sem pena por rogativas das almas santas, e polas mesmas permittira, que fosse avisada a Sacristã por termo tão extraordinario pera lhe não tardarem os suffragios, e orações da Communidade, ou em satisfação de alguma leve culpa, ou em augmento de gloria; o que tudo trabalhara por encontrar, e dilatar o demonio com a falta de luz, e apagando as alampadas; e cahião que a messageira podia ser huma discipula da mesma Sor Violante, que tambem se chamava Madureira, e não havia muito que era falecida.

Quasi polo mesmo tempo se foi pera o Ceo contra Religiosa, que lhe demos por companheira: chamava-se Sor Juliana, porque nacera em tal dia: fora duas vezes Prelada com notavel exemplo de virtude, e observancia regular, e nos exercicios particulares era por excellencia devota das cinco preciosas chagas de Nosso Senhor Jesu Christo, venerando-as com todos os generos de devação, que sabia, e podia, e offerecendo-lhes sua alma com continuas orações. Andando tempo foi Deos servido tocal-a de hum ar de parlesia na lingua, que lhe tolheo a fala: e muda viveo muitos annos. Vindo depois a falecer no mesmo dia de santa Juliana, em que nacera, vio-se n'ella hum caso estranho: tornou-

lhe a fala, e disse a huma amiga, que a curava, que n'aquella hora lhe tinhão ali trazido sinco serejas. Espantada a enfermeira de ouvir nomear serejas em Fevereiro, e parecendo-lhe delirio de quem morria, aporfiou a enferma que sabia o que dizia, e que debaixo da cabiceira lh'as tinhão postas, e ahi as acharia, se as quizesse buscar e ver. Estavão já juntas outras Freiras: obrigadas da teima com que affirmava cousa tão sem proposito levantarão o travisseiro, e acharão que onde dizia, em lugar de cinco serejas, estava tinto o lençol com cinco gotas de sangue fresco postas em Cruz, que fizerão espanto, porque se juntava ao dito da enferma (que pouco tardou em se finar) não verem donde podesse ali vir tal sangue: e pareceo hum principio de paga da santa devação das Chagas, e penhor da gloria, que por ella a esperava.

CAPITULO XI

De alguns grandes milagres, que nosso Senhor tem feito n'este Mosteiro por huma imagem, que n'elle ha do Padre S. Domingos.

Podemos dar por boa prova da grande religião d'este Mosteiro a providencia, com que o Santo Patriarcha, que lhe deu nome, e regra acodio sempre, e acode ainda hoje ás necessidades, e doenças, e desconsolações das filhas, que n'elle tem. Guarda-se aqui de tempos antigos huma imagem do Santo venerada de todas as Religiosas, tanto por ser sua, como pola experiencia, que tem de lhes fazer Deos por ella muitas misericordias. E porque assim como são muitas em numero, são tambem em calidade mui notaveis, do que se segue honra pera o Santo, e pera a casa: parece rezão apontarmos algumas de mais sustancia pera gloria de Deos, e do seu Santo, cuja esta Historia he; e pera louvor, e estima da gente, que tão propicio sabe ter o Senhor a que serve: cousa que não pode ser, segundo se deixa bem ver, sem muita pureza de almas, e conciencias. Mas antes de entrarmos na relação d'ellas diremos, e louvaremos hum santo costume, que estas Madres tem de acompanharem com assistencia perpetua o Santissimo Sacramento acódindo todas, e revezando-se no serviço com tal ordem, que em nenhuma hora do dia nem da noite fica só: o qual he hum genero de laus perennis, qual o mesmo Rey, e Senhor nosso tem na sua corte do Ceo. Serviço dignissimo, que em todas as casas de religião se fizera, e que

não tenho duvida a todas rendera grandes interesses espirituaes. Estas Madres se obrigarão a elle polo titulo do Mosteiro: mas não ha nenhuma, que deixe de ter pola sustancia do que devemos, a mesma obrigação, que esta mantêm polo nome. E tornando ao que propuzemos venhamos aos milagres do Santo.

Quatro annos havia que a Madre Francisca da Ascenção estava entrevada de parlesia, e tolhida de todos os membros, que não era senhora de mover pé nem mão. Em todo este tempo provarão os Medicos varios remedios, e sem aproveitar nenhum ficou havida por incuravel. Quando assi se vio, pedio á Prioressa, que lhe mandasse trazer ali a imagem que dissemos, de nosso Padre, affirmando que só a elle queria por Medico, como sabia que o fora de outras enfermas. Juntou-se a Communidade, trouxerão-lh'a em procissão. Vio-a, venerou-a, abraçou-se com ella com devoto affeito da alma, porque os braços estavão mortos; e lembrando ao Santo com grande fé a sua antiga promessa de não faltar aos filhos, ainda que ausente, pedio que lh'a deixassem ficar sobre a cama. Deixarão-lh'a: continuou ella com seus devotos coloquios; e sobrevindo-lhe hum leve sono, começou a sonhar que se chegava ao leito hum veneravel Religioso da Ordem, e pondo-lhe a mão sobre hum braço lhe dizia: Filha, não te agastes. A vista, e visinhança do Religioso causou sobresalto, e o sobresalto lançou fóra o sono. Acordando achou, que tinha abraçada a santa imagem com aquelle braço recolhido debaixo da roupa, e que não só o sentia com vigor, e força, mas de todo são, e assi todos os mais membros.

Sendo o caso tão extraordinario, que espantou quantos conhecião esta Madre, e sabião do seu mal, ficou esquecido com muitos outros mais antigos, polo que succedeo á Madre Caterina da Assumpção no anno de 1595. Cahio esta Madre de hum lugar muito alto: e estava tal quando lhe acodirão, que nenhum sinal nem sentimento tinha de viva. Provarão-se remedios de ventosas, e sangrias a ver se tornava: não bastou nada, e parecia tudo por de mais, porque se via que de pisada, e moida estava toda negra. N'este estado lhe acodio a Communidade, e hum povo de irmãs carnaes, que n'ella tinha, que não era menos de sinco: trazem-lhe a imagem do Santo com uma devota procissão cantando entre lastimas, e lagrimas a antiphona: *O lumen Ecclesiæ, etc.* Ouvio Deos por meio de seu servo ambas as Communidades. Foi cousa que passou a olhos, e face do Convento inteiro: no mesmo instante que pozerão a santa ima-

gem junto da que choravão por defunta, abrio os olhos, e falou, e alegrou a todas com esperanças de vida. Tornarão a mais consoladas com a imagem ao seu altar. Entre tanto apareceo o Santo clara, e visivelmente á atribulada Madre; e como já estava em seu acordo, e reconhecida da mercê recebida nos principios de remedio, foi-se prostrando como póde a seus pés pera lh'os beijar. Fogem os males da presença dos Santos. Assi desapareceo o Santo dos olhos da enferma, e desapareceo juntamente toda a lesão, e quebrantamento de seus membros, ficando em tão perfeita disposição, e saude, como tinha antes do desastre. Foi este milagre mui celebrado, e com publicos estormentos autenticado, e em fim prégado nos pulpitos.

Não foi menos estimada a saude, que subitamente, e polo mesmo meio recebeo a Madre Sor Antonia da Encarnação. Estava sangrada vinte e oito vezes, de humas febres tão rijas, que nem com tanta evacuação de sangue davão sinal de amainar, e sobre todo o mal endoudecia com frenesis. Fez-lhe o Medico ultima visita n'este estado, e avisou a Prioressa, que não haveria lugar pera outra, porque não tinha de vida mais que tres horas. Era pola manhã: acodio a devota Prelada aos remedios do Ceo cheia de fé, mandou-lhe dizer logo huma Missa a nosso Padre, e recommendou ás Religiosas levassem a santa imagem á sentenciada enferma, apellando da sentença da terra pera a misericordia do Ceo. Levarão-lh'a: sobreveio-lhe sono, cuidou-se que era o da morte; e foi o Senhor servido, que acordou d'elle com certeza de vida, e saude perfeita, que logo seguio.

Melhor succedeo á irmã Joanna Bayoa, que com hum só milagre do Santo negoceou remedio pera duas necessidades muito differentes entre si, e ambas muito importantes. Passava de quarenta annos que estava recolhida no Mosteiro a titulo de servidora. E havendo muitos que pedia com devação ao Santo, a fizesse Freira sua, adoeceo gravemente de esquinencia acompanhada de febre ardente, que brevementente a poz no fim da vida. Dada por morta, ungida, e já sem fala; propoz huma Freira velha á Prioressa, que pois morria, sequer por agradecimento do bom serviço da enferma lhe dessem a consolação de morrer no habito que tanto desejara em vida, como se sabia: que pois morrendo lh'o havião de vestir, como a irmã, que já era da Ordem, mais valia vestir-lh'o em tempo, que ainda o pudesse estimar, e agradecer, visto como de qualquer maneira o havia de lograr poucos dias, ou poucas horas. Inclinou-

se a Prioressa, ajudarão todas as Madres, foi-lhe vestido o habito com a solenidade ordinaria, cantando a Communidade o hymno: *Veni Creator Spiritus*; e mostrando a enferma, no que se podia entender, que morria consolada. Immediatamente como a quem estava desconfiada de todo o remedio humano lhe trouxerão a imagem de nosso Padre, e huma Religiosa lhe fez lembrança, que pois tinha já o habito do Santo se encommendasse a elle como filha sua. Fizerão todas oração com ella (que val muito diante de Deos oração de gente junta, e unida em seu serviço, e nome) foi logo tornando em si, e dentro de poucos dias de leiga, e enferma, e morta, achou-se viva, e sã, e Freira, confessando dever tudo ao Santo, polo meio da sua imagem. Foi despois consultado no caso o Padre Provincial: e tomada informação de como passára, deu sua aprovação, e licença pera se lhe fazer profissão a seu tempo.

A Madre Sor Ursula de São Domingos tinha já recebido o Santissimo Sacramento por viatico, e tratava-se da unção em huma forte doença, que por momentos a hia consumindo. N'este estado pedio, que lhe trouvessem a santa imagem: foi caso raro, que parece não houve meio em chegar a imagem, e fugir o mal: repentinamente ficou sã.

O mesmo aconteceo a outra Religiosa em semelhante estado, e igual perigo. Via-se acabar sem remedio, gritou agonizadamente, e em alta voz polo Santo: e bradava dentro em sua alma com outra mais alta de fé, e esperança. Adormeceo despois, representou-se-lhe que via o Santo, e lhe dizia, que se não desconsolasse, que brevemente teria saude: e assi aconteceo.

A Madre Sor Elena da Conceição andava atribulada de hum grande inchaço, que lhe nacera debaixo de hum braço, temendo que poderia ser mal contagioso. Acodio com orações ao glorioso Confessor S. Roque. Resolveo-se, e ficou bem. Passados alguns dias levantou-se-lhe outro no pescoço da grossura de hum ovo. E dado que já receava contagião, todavia acodindo ao mesmo Santo, fez oração a nosso Padre São Domingos, que como pai lhe valesse diante de Deos com sua intercessão. No meio d'este requerimento feito com devação, e confiança de boa filha foi tentar com a mão o tumor, e achou o pescoço desembaraçado, e igual, e sem sinal de inchação, como se nunca tevera nenhum mal.

Recebendo as Religiosas d'este Convento tantos favores de nosso Patriarcha, facil fica de crer qualquer outro que affirmarmos que as mesmas recebem dos mais Santos da Ordem: que onde o Pai se mostra tão

amoroso, não podem os filhos ser menos brandos, nem torcer o rosto á gente, que elle assi empara. Puderamos ajuntar milagres mui provados, e casos notaveis, com que alguns Santos nossos estrangeiros, e naturaes acrecentaram sua devação n'esta casa, e acreditarão a grande observancia, com que n'ella se vive: mas de proposito, e determinadamente os deixamos, porque os Santos estrangeiros não são da obrigação d'esta Cronica, e os naturaes tem n'ella lugar proprio, aonde pertencem suas maravilhas. Só as do Santo Patriarcha proseguiremos, como a historia he propria, e originalmente sua, em qualquer parte que as encontrarmos.

CAPITULO XII

Origem, e principio da fundação do Real Convento de Nossa Senhora da Vitoria, no lugar da Batalha.

Achava-se el-Rei dom João o primeiro d'este nome, e decimo no numero dos Reis de Portugal nos campos de Aljubarrota, termo da cidade de Leiria, alojado em hum estreito arraial, e acompanhado de poucos vassallos, ainda que fieis, e animosos, e determinados. Tinha defronte outro Rei tambem João, e tambem primeiro dos Reinos de Castella, o qual trazia comsigo todo o poder de suas terras, e muita gente das de Portugal, que o seguia, ou por interesse proprio, ou enganada da causa. Era força vir ás mãos. E como todos os successos da guerra são incertos, e a batalha em grande estremo arriscada da parte dos Portuguezes, polo pouco numero d'elles, comparado com a multidão contraria, que cobria montes, e vales: vendo todavia que por ser buscado, e dentro em seu Reino, não podia escusal-a sem grande descredito, e perda de reputação: procurou na hora que se determinou em pelejar, valer-se do soccorro do Ceo, e pedir a vitoria áquelle Senhor, que as dá, e tira, e por isso se chama Deos dos exercitos. E invocando por medianeira a Virgem Mãi, porque em vespera de sua gloriosa Assumpção foi a jornada, prometeo que sahindo vencedor lhe edificaria hum famoso Mosteiro. Foi Deos servido fazel-o vencedor: ficarão vencidos nas armas, os que vencião em poder e confiança: e podemos crer que foi a causa de sua destruição seguirem, e sustentarem, como seguião, e sustentavão as partes de hum Clemente Antipapa scismatico, e levantado contra o verdadeiro pastor da Igreja, e Vigario de Christo Urbano sexto, successor

de Gregorio undecimo. Com a vitoria deu Deos ao Portuguez tambem o Reino, que brevemente foi reduzido todo á sua obediencia. Mas no tempo que tardou em o quietar de todo, não quiz dilatar o cumprimento, e desobrigação do voto. Com as armas ás costas revia traças, consultava Architectos, buscava officiaes: e ganhando por huma parte á força lugares rebeldes, que lhe resistião, hia por outra edificando paredes sagradas. E foi assi, que já havia tres annos que a obra do Mosteiro corria, quando estando de cerco sobre o Castello de Melgaço, assentou de o dar á Ordem de São Domingos, segundo o achamos declarado no testamento, que muitos annos despois fez em huma verba, que diz assi:

Porque nós prometemos no dia da batalha que houvemos com el-Rei de Castella, de que Nosso Senhor Deos nos deu vitoria, de mandarmos fazer á honra de Nossa Senhora Santa Maria, cuja vespera então era, á cerca donde ella foi, hum Mosteiro: o qual despois que foi começado, nos requereo o Doutor João das Regas do nosso Conselho, e Frei Lourenço Lamprea nosso Confessor, estando nós em cerco de Melgaço, que ordenassemos que fosse da Ordem de S. Domingos. E nós duvidamos de o fazer, porque assi foi nosso promettimento de se fazer á honra da dita Senhora Nossa Santa Maria. E responderão-nos que a dita Ordem especial era muito da dita Senhora, declarando-nos as rezões porque: as quaes vistas por nós, acordamos, e proue-nos de ordenar o dito Mosteiro que fosse da dita Ordem, etc.

Tanto que el-Rei se fez senhor de Melgaço, e se veio recolhendo pera baixo, parou na cidade do Porto, e n'ella mandou passar carta de doação á Ordem no principio do anno de 1388, cujo treslado tirado do proprio, que se guarda no Cartorio do Convento, he o seguinte.

Dom João pola graça de Deos Rei de Portugal, e do Algarve. A quantos esta carta virem fazemos saber, que por honra da Virgem Maria nossa defensora, e d'estes Reinos, consirando as muitas estremadas graças, que do seu bento Filho a rogo d'ella sempre recebemos, assi em guarda de nosso corpo, como exalçamento dos ditos Reinos em as guerras e mesteres em que somos postos, especialmente na batalha e campo que houvemos com os Castellãos, dando-nos d'elles vitoria maravilhosa, mais por sua misericordia, que polos nossos merecimentos, propozemos em renembrança dos beneficios por ella recebidos de edificar, e mandar fazer casa de oração, em

a qual á honra, e louvor da dita Senhora se faça serviço a Deos. A qual de feito já mandamos começar apar da Canoeira. E porque segundo Deos, e verdade os Fraires Prégadores da Ordem de S. Domingos som mui devotos em ella, assi por as suas obras, como polo habito que de suas mãos receberão, são outro si merecedores de todo bem, e mais, que a Nosso Senhor, e a dita Senhora sua Madre servem em cada hum dia, e saberão servir ao diante rogando a elles por nós, e polos susoditos Reinos. Porende nós suzodito Rei a honra e louvor dos suzuditos Senhores de nosso proprio movimento, livre vontade, e por comprir outro si aquillo que presuposto haviamos, damos, doamos, e dedicamos á Ordem de S. Domingos o nosso Mosteiro de Santa Maria da Vitoria, que nós ora mandamos fazer a par do dito logo da Canoeira, termo de Leiria, á honra da dita Senhora com todos seus direitos e pertenças. E rogamos aos Frades da dita Ordem, áquelles, a que de direito he cometida a administração d'ella, especialmente a Frei Lourenço nosso Confessor, que tome o encarrego e posse da dita casa, e Mosteiro por esta nossa carta: a qual queremos e outorgamos que seja firme e valedoura pera todo sempre. E mandamos outro si, e rogamos a todos nossos filhos, nossos ereos, e successores que hajão o dito Mosteiro encomendado, e o acrecentem sempre de bem em melhor, e defendão em os privilegios e liberdades, que lhe per nós, e per os Padres Santos forem dados: em quanto seu poder abranger, e ao dito Mosteiro for necessario e compridouro, sob pena de nossa benção. E pera esto outro si haver mais pronta e comprida executação, rogamos, e mandamos ao Doutor João das Regas do nosso Conselho, que perante nos e suzoditos successores seja prometor e requeredor de todo o bem, prol, e honra do dito Mosteiro e Frayres d'elle. E em testemunho d'esto lhe mandamos dar esta carta assinada por nossa mão. Dada na cidade do Porto quatro dias de Abril. El-Rei o mandou. Alvaro Gonçalvez a fez Era de M. CCCC. XXVI. annos. Rei. (Responde ao anno do Senhor de 1388).

Era Mestre Geral da Ordem n'este tempo o Padre Frei Raymundo de Capua, que foi Confessor de Santa Caterina de Sena, e na scisma, que se levantou na Igreja por morte do Papa Gregorio undecimo seguio as partes do verdadeiro successor de S. Pedro, e Vigario de Christo Urbano sexto. Este Geral sendo o Convento aceitado pola Provincia, confirmou a aceitação. Tomou-se logo posse pola Ordem, e foi mandado assistir n'elle o Padre Frei João Martins, Mestre em Theologia, e pessoa

de grande nome n'este Reino em virtude, e letras. A obra corria por ministros Reaes; elle com seus companheiros não fazião mais que dizer sua Missa, prégar-lhes nos dias de festa, e residir como em casa sua: mas não davão voto nem traça, nem ordem em cousa alguma, porque toda a fabrica estava á conta del-Rei, e dos que em seu nome presidião n'ella.

CAPITULO XIII

Do sitio que el-Rei escolheo pera o Mosteiro, e das razoens que o moverão a edificar nelle.

Quiz el-Rei fazer hum templo, e Mosteiro, que excedesse todos os famosos da Christandade, não só de Espanha; e na verdade alcançou com effeito e realidade, o que pretendeo com o desejo e animo. Porque na sua idade, e em muitos annos despois não foi edificada tão grande, nem tão magnifica, nem tão perfeita, e polida fabrica. Chamou de longes terras os mais celebres Architectos, que se sabião, convocou de todas as partes officiaes de cantaria destros, e sabios, convidou a huns com honras, a outros com grossos partidos, obrigou a outros com tudo junto. Á voz da grandeza da obra acodio de todo o Reino numero infinito de pionagem a servir, e trabalhar, e ganhar jornaes (que este bem tem as obras grandes, manter muitos pobres). Havia muito dinheiro, e fidelidade nos ministros, voava a obra, não só corria. Mas antes que entremos nas particularidades da fabrica, não será emprego sem proveito buscarmos com hum breve discurso, que causas moverão hum Rei prudente, concebendo em seu grandioso espirito levantar huma machina, que fosse maravilha do mundo, fundal-a em huma charneca quasi deserta, não só falta de bosques alegres, de fontes, e frescura: e em sitio baixo e humido. Achão-se nas cidades, e povos grandes, ou perto d'elles muitos olhos, e muitos bons juizos, pera verem, louvarem, e estimarem as cousas insignes: bosques, e frescura ajudão muito, ornando, e acompanhando os Conventos grandes: os lugares eminentes dão lustre, e fazem crescer na prospectiva, e representação qualquer edificio, porque se começa de muito longe a lograr com os olhos dos que a elle vem: e logra-se com saude dos que dentro vivem: sendo polo contrario o sitio humilde encobridor da grandeza, e abatedor da magestade, occasião de enfermida-

des, e como sepultura do mesmo, que se pretende tenha vida, e grande luz, e aparato sobre a terra. Não offerece pequena duvida esta questão: mas solta-se com a determinada vontade, que el-Rei teve em não alongar o sacrificio do sitio, em que recebera a mercê, segundo o declarou na verba do testamento, que referimos: e havendo de ser a fabrica no lugar, em que começou a batalha (no qual logo mandou levantar huma ermida a S. Jorze, que hoje dura) ou em seus contornos, não offerecia a comarca toda mais accommodado assento que este, que a carta del-Rei chama de apar da Canoeira. Porque sendo a terra seca por todas estas partes, aqui achou huma boa ribeira de agoa de todo o anno pera serviço do Mosteiro: e logo abaixo pera vista huma estendida, e fertil veiga regada da mesma, e d'outra maior ribeira. E fez conta, que onde houvesse agoa, e gente curiosa não faltaria todo genero de frescura: e quanto á baixeza do sitio, essa venceria com a eminencia, e grandeza da obra, que imaginava: a qual por ventura lhe fazia tambem crer, que chamaria a si tanto numero de visinhos, que viessem a formar huma illustre povoação. A humidade affirmavão os Architectos, que enxugaria com o edificio, ao menos quanto bastasse pera não ser prejudicial á saude. E não se enganarão; porque se bem a casa tem ainda muito de humidade, não ficou enferma. Acrecentava-se ficar em distancia de pouco mais de meia legoa de S. Jorze, onde foi o primeiro rompimento da batalha: e com taes considerações juntas ficarão vencidas todas as mais difficuldades.

Requeria esta machina pera a podermos bem representar aos olhos do leitor, obra mais de pincel, que de pena, mais pintura, que descripção historiada; porque toda a narração fica curta nas excellencias d'ella, visto não podermos alcançar com a escritura particularizar miudezas, que he cousa muito facil a quem usa de cores, e sombras: sendo assi que o Historiador offerece as cousas por maior, da mesma maneira que o pintor em virtude da arte descobre as mesmas tanto polo miudo, que em nada falta. Em prova d'isto tem acontecido, que alguns estrangeiros pessoas de grande juizo, que em suas terras teverão noticia d'esta fabrica por narração copiosa, e pontual de Frades nossos, succedendo despois verem-na com seus olhos, fizerão estremos de espanto; porque acharão lhes descobria mais a vista, do que podera referir a fama. E erão homens que tinhão visto, e considerado tudo o bom de Europa. Com esta salva daremos relação d'ella, e será com a maior clareza, e particularidade que podermos.

CAPITULO XIV

Descreve-se a Igreja pola parte interior, com as medidas, e calidade do edificio.

O primeiro nome, que el-Rei deu ao Convento quanto ao sitio, foi de apar da Canoeira, como parece da doação, por não haver outro lugar mais visinho: e he huma aldea distante d'elle pouco mais de meia legoa: o que lhe ficou despois de edificado foi da causa de sua fundação, chamando-se da Batalha. Os nossos velhos mais santos, que atilados chamarão-lhe impropriamente na lingoa Latina, *De Bello*: e não fora o nome senão mui proprio, e acertado (como muitas vezes acontecem acaso grandes acertos) se o tomaramos na significação que tem sendo adjectivo, por cousa bella, e fermosa, e não polo substantivo, que he guerra.

Começou a Igreja com desmesurada grandeza, e sumptuosidade tal, que aos mesmos edificadores fazia impossivel o fim da obra, lançando conta ao que convinha subir polas regras de boa proporção, e ao que era forçado gastar de tempo, e dinheiro pola despeza que levava. Só o corpo d'ella, desd'a porta principal, que abre onde se poem o sol, e corre contra o nacente segundo a postura das Igrejas antigas, tem trezentos palmos de comprimento, até o primeiro degráo da Capella mór: aos quaes juntos sessenta, que ha d'este degráo até á parede, em que encosta o altar mór, fica todo o comprimento do templo de tresentos e sessenta palmos. A largura he de cem palmos, que vem a ser ao justo a terça parte de todo o comprimento, que dissemos até o primeiro degráo da Capella mór: e a esta medida responde a altura na proporção da arte, que he tal, que hum valente braceiro chega mal tirando com huma pedra ao alto do tecto: porque como he abobada, sobe ainda grande espaço sobre as paredes, tanto quanto requer a distancia em que estriba. Assi tem de altura até o ponto mais subido da maior abobada cento e quarenta e seis palmos.

Das tres naves em que se divide a Igreja tem a do meio trinta e tres palmos de vão, e as dos lados a vinte e hum e meio cada huma. O que falta pera encher a conta dos cem palmos, que demos de largura a todo o corpo, he occupado dos pilares, que fazem divisão ás naves, que são oito por banda: cujas bases assentadas em quadro fazem doze

palmos por cada testa. Cada nave tem sua abobada por si. As abobadas, pilares, e paredes são tudo cantaria, assentada com tanto primor, e cuidado, que quasi querem enlear os olhos as junturas, mas se se deixão enxergar, porque não podia al ser, he tão sem offensa da arte, que difficultosamente se divisa n'ellas sinal de cal. A grossura das paredes he como a das bases dos pilares, de doze palmos por todo. A pedraria he lavrada toda do maior polimento, que a arte usa, salvo de brunido, e lustrado. A calidade da pedra toda huma, e não deve haver em toda Espanha outra melhor pera semelhantes edificios: porque quanto á côr tem hum estremo de alvura, e quanto á fortaleza he bastante dura, sem ser demasiado aspera ao lavrar. Mostra-se huma, e outra cousa em que passando já de duzentos annos de idade o edificio, nem na gastão o discurso, e injurias do tempo, nem o que lhe tem trocado da alvura lhe tira muito da primeira graça. E acontece-lhe n'esta parte o mesmo que ao rosto de hum homem, que foi muito alvo, que por muito que se queime, e curta da força do sol, e do ar, nunca no queimado perde de todo o sinal das primeiras cores. Assi esta pedra vai tirando com a antiguidade a hum tostado nada desengraçado, e não a pardo nem escuro, ou denegrido, como vemos em outros generos de pedra.

O cruzeiro tem de largo trinta palmos, que responde ao justo á quinta parte de todo o seu comprimento, que he de cento e cincoenta. As paredes do corpo do templo são todas lisas, e cheas, não vasadas nem cortadas (como he ordinario em outros) com numero de Capellas. Sómente na entrada da porta principal se abre á mão direita hum grande arco pera huma fermosa quadra, da qual diremos adiante. A frontaria do cruzeiro a hum, e outro lado da Capella mór está dividida em quatro Capellas duas por cada banda. A primeira, e mais vizinha á sacristia he dedicada a Santa Barbara, e jaz n'ella em huma sepultura baixa hum Cardeal, de cujo nome, e sangue se perdeo a memoria: tem-se por certo seria chegado á casa Real. A segunda he de nossa Senhora do Rosario. Vê-se n'ella hum bem lavrado moimento alto, em que el-Rei dom Affonso quinto mandou tresladar a Rainha dona Isabel sua molher, que faleceo em Evora no anno de 1455. A terceira, que he collateral á Capella mór da parte da Epistola, tem a vocação de Nossa Senhora da Piedade, e n'ella está depositado o corpo del-Rei dom João o segundo. A quarta deu o autor de toda a obra ao grande Mestre de Christo dom Lopo Dias de Sousa, que n'ella jaz sepultado, lugar bem merecido de

seu valor, e bons serviços. O Conde de Miranda Anrique de Sousa, que hoje vive, como successor e herdeiro que he da casa d'este Mestre, recolheo em nossos dias n'ella sua molher dona Mecia. No meio da Capella mór logo abaixo dos degraos do altar jazem el-Rei dom Duarte, e a Rainha dona Lianor sua molher em duas grandes caixas do mesmo marmore, de que he toda a fabrica: as quaes são lizas, e sem lavor, e sem letra alguma: só tem em cima os vultos de ambos lavrados de relevo inteiro em todo o primor da escultura, e dizem que estão tirados ao natural. O de el-Rei com a mão direita travada com a direita da Rainha: a esquerda del-Rei sobre huma acha de armas, e da Rainha occupada com hum livro. Dos topos do cruzeiro toma hum a porta travessa da banda da Epistola, o outro enche o altar de Jesu com hum grande, e fermoso retabolo de pedraria lavrado á moderna. Estas cinco Capellas, assi a maior, como as quatro collateraes, podemos dizer que não tem retabolo algum. Porque dado que na maior, e na do Rosario vejamos hoje retabolos, são ambos cousa tão pequena em corpo, e tão pobre em feitio, que claramente mostrão não dizerem com a mais obra do Convento, nem com a tenção do fundador: principalmente estando ermas as outras tres: e estando em todas cinco aberto em frestas pera luz o mesmo sitio que houverão de cubrir os retabolos, se forão proporcionados com as Capellas. Donde se pode colligir, que o animo do fundador não foi tratar de retabolos de pedra nem madeira. Porque se o fora, ou os fizera desde principio, ou deixara o lugar livre pera se fazerem ao diante. E assi he meu parecer, que foi sua determinação como de espirito em tudo grandioso fazer retabolos de prata, e estes levadissos, com tantos corpos de prata de Santos, que pera qualquer festa ficassem os altares cubertos d'elles: e fundo-me em que já quando faleceo tinha dado á sacristia quinze corpos, como veremos a diante. Em todas cinco Capellas tomão o verdadeiro lugar dos retabolos humas grandes frestas altas, e rasgadas, as quaes todas estão guarnecidas, e cerradas de suas vidraças illuminadas de finas cores, e varias pinturas de devação, e tambem assentadas, que cursando no sitio grandes ventarias, e sendo maior a bataria das tempestades, quanto mais altas são as paredes, com tudo a maior parte das vidraças está ainda hoje inteira, e com o assento da primeira mão, sem haver mister segunda do reformador d'ellas, que assiste na casa particularmente assalariado pera as fabricar, e manter em sua perfeição. A Capella mór tem quatorze frestas das quaes lhe ficão no lugar

do retabolo dez: a saber cinco baixas, e cinco altas: e cada huma a quarenta e dous palmos de rasgado de alto a baixo: e por que ficão direitamente humas sobre outras, vem a abrir cada duas em altura oitenta, e quatro palmos. E todas dez tem huma mesma largura de tres palmos, e meio de vão cerrada de suas vidraças, sem divisão nenhuma de pedra. Assi vem a dar cada huma das dez frestas cento e quarenta e sete palmos de abertura, e outros tantos de vidraça, e de luz.

As outras quatro lhe ficão nos lados, e tão altas que tomão luz sobre as Capellas collateraes, a duas por banda. Estas tem vinte palmos de alto, e doze de largo com dous pilares polo meio, de grossura de hum palmo cada pilar pera fortaleza da vidraça. E por boa conta vem a dar cada huma d'estas frestas duzentos palmos de luz, e outros tantos da vidro.

As quatro Capellas collateraes tem cada huma suas tres frestas com alguma differença entre si. Porém as mais são de quarenta palmos de alto, e tres de largo, com outros tantos de vidraça.

CAPITULO XV

Descreve-se a Capella particular, em que el-Rei jaz, e que pera si escolheo como fundador.

Dissemos atrás que entrando pola porta principal da Igreja abria hum arco á mão direita. O que dentro se vê, he huma grande sala quadrada de noventa palmos por cada lado, fabricada da mesma sorte de cantaria da Igreja, e cuberta de abobada com hum simborio, que artificiosamente nace do meio d'ella sobre oito pilares como a effeito de meter mais luz dentro, mas na verdade pera lustre, e magestade da Capella, e juntamente estribo da abobada: porque sóbe em grande altura em forma oitavada, e trinta e oito palmos de diametro, seguindo a situação das colunas, e fazendo duas faces de hum mesmo lavor, e feitio, huma pera dentro, e outra pera fóra: e vai vasado todo em roda até a mais alta parte d'elle em frestas mui rasgadas, e grandes, e tão largas, como he cada parte do oitavado, e todas são cerradas com suas vidraças de cores como as da Igreja, e Capellas: e n'ellas se vem debuxadas as armas do Reino, e divisas do Rei, que as mandou fazer. E porque o simborio se levanta demasiadamente sobre as primeiras frestas, corre huma divisão, ou cordão de cantaria em redondo, pera firmeza da obra, e sobre ella sobem

outras frestas em direito das que ficão debaixo, com o mesmo lavor, e guarnição de vidraças, e illuminação: até pegarem na chave, onde fecha toda a obra, a qual fica tão alta, que d'ella ao pavimento, ou lageado da Capel a ha noventa e dous palmos. Este simborio assi feito faz pavelhão a duas sepulturas, e hum altar, que ao justo lhe ficão debaixo, e entre as colunas em que estriba. As sepulturas fez el-Rei pera si, e pera a Rainha dona Filippa, sua molher, engeitando com aquelle seu grande animo o melhor lugar na casa propria, e feita com seu trabalho, e despesa. São dous grandes moimentos tão juntos, que parecem hum só. O marmore muito aivo, e fino, lavrados todos em roda de hum silvado de meio relevo com seus espinhos e amoras, e a espaços huma letra Franceza, que diz: *Il me plait, pour bien.* He a empresa de fundamento tão alto, que nos dá n'ella este Principe hum conhecido penhor de seu bom juizo. Porque se a tomamos na verdadeira significação do nome Latino: *rubus*, que he silva, ou sarça, representa-nos hum Moysés libertador do seu povo, chamado por Deos do meio d'ella, e não refusando a empresa, como elle: mas obedecendo sem tardança com a palavra: *Il me plait*, como quem queria dizer, que alegremente se offerecia a todo trance, e trabalho polo bem dos seus, e amor de quem o mandava. E se a tomamos polo Rhamno mysterioso, e parabolico do texto sagrado (1), que tambem he genero de sarça, ou silva: confessa-se por outro Abimelech, no que toca a seu nacimento, e principios: mas com meios, e obras de tanto valor, e virtude, e com fins tão cheios de prosperidades, que foi n'ellas hum Abimelech ás vessas. Porque este pera reinar só, matou aleivosamente setenta irmãos filhos legitimos de seu pai, sendo elle bastardo: e o nosso esteve tão longe de ambição, que reconhecendo por mais proximos, e mais dignos herdeiros do Reino, a dous irmãos seus que andavão ausentes, não pretendeo mais que libertal-o pera elles, com nome de defensor: e o de Rei não tomou, senão despois que o povo junto, e a falta dos irmãos lhe fez força (2). E se o outro foi fogo, que sahio do Rhamno, que abrazou sua cidade, e os seus, e a elle mesmo: o nosso foi fogo, ou luminaria de honras, de vitorias, e acrecentamento de titulos pera Portugal: e de tão boas venturas pera si, que viveo longos annos rico, e contente, e acabou em paz rodeado de filhos, e netos; e foi tão amado de seus naturaes, como Abimelech odiado, e malquisto de todos. Assi que por toda a parte está a empresa sentenciosa, e quadra bem

(1) Jud. 9. Isid. ibid. in Gloss. Ord. (2) Chron. de Portugal.

com seu autor: no Rubo em sentido direito, e no Rhamno em contrario, que lhe dá mais graça: a qual se colhe tambem da segunda parte da letra, que he: *Pour bien*, como acenando el-Rei, que se Abimelech foi Rhamno pera males, e desaventuras, elle foi pera todo o bem, paz, amor, e quietação: como se dá a entender na abundancia de fruitos, de que as sarças estão povoadas, e nos mesmos fruitos, que fazem a empresa mais enfatica com o nome Portuguez, que tem de amor. E porque todos sabem que em muitos lugares, e em alguns ornamentos da sacristia se acha a letra dividida em duas partes: como que não tem respondencia huma com outra, (e na verdade assi parece) podemos aplicar o *il me plait*, por resposta animosa do Autor ao chamamento Divino, em quanto entende pola sarça o rubo de Moysés: e o *Pour bien* por reposta aos enemigos, que o tinhão em seus principios polo Rhamno de Abimelech.

Sobre os moimentos parecem dous corpos deitados, do mesmo marmore, lavrados de relevo inteiro, hum del-Rei, que está armado de todas as armas salvo as da cabeça, e o outro da Rainha, que fica á mão direita del-Rei, e estão travados polas direitas. As cabeceiras d'estas sepulturas ficão pera a porta principal, e em cada huma esculpido seu letreiro, que por serem em demasia largos, terão particular capitulo. Fica o altar que dissemos contra os pés das sepulturas, arrimado ás colunas, que sustentão o simborio: por maneira que o altar, e sepulturas fazem huma capella particular por si, e não pequena no meio de toda a quadra.

Na parede fronteira, que fica á mão direita dos Reis, parecem quatro sepulturas debaixo de quatro arcos lavrados de obra miuda, e encaixados na grossura da parede, que tomão todo o lanço d'ella. Na face de fóra, que só descobrem, representão escudos de armas, e divisas em lavores de meio relevo com empresas, e tenções dos que n'ellas jazem, que são os quatro filhos, que el-Rei teve despois do Principe herdeiro dom Duarte, que lhe succedeo no Reino, pera quem deixou a Capella mór. E não se faz conta do Infante dom Affonso, que morreo moço, e foi enterrado na Sé de Braga, sendo primogenito.

Jaz na primeira o Infante dom Pedro como mais velho entre os quatro: foi Duque de Coimbra, e de Monte mór, e Governador d'este Reino na menoridade del-Rei dom Affonso quinto, seu sobrinho e genro, por tempo de onze annos, que se affirma foi o mais inteiro, e santo gover-

no, que n'elle em muitos annos se gozou. Este he o Infante, de quem o povo conta que andou as sete partidas do mundo: e não ha duvida que correo muitas terras, e em Alemanha se achou com o Imperador Sigismundo em alguns feitos notaveis: e de Italia passando por Padua trouxe algumas reliquias do nosso Portuguez Santo Antonio, que deu á sua Igreja de Lisboa; e merece-nos esta memoria, porque sabemos que foi grande affeiçoado da Ordem de S. Domingos; em tanto grão, que todas as vezes que se offerecia tratar dos filhos d'ella, erão suas palavras como se fora hum d'elles, dizendo os Frades da nossa Ordem. Foi indigna de suas grandes virtudes a morte, com que acabou (paga vergonhosa, e costumada do mundo, pera que ninguem se engane com elle, e segredo ineffavel do Altissimo) morreo em huma batalha (chamão-lhe da Alferroubeira as memorias antigas) em que só elle era buscado, e quasi só elle morreo, merecendo só viver. Mostra-se em huma parte da sepultura a divisa da Ordem da Garrotea, de que era Cavalleiro, com a letra d'ella. He Ordem dos Reis de Inglaterra, que communicão aos Principes amigos, e outras pessoas insignes. A outra parte se vem humas balanças, e de mistura com ellas alguns ramos, de que pendem humas bolotas como de azinheira, e huma letra Franceza de huma só palavra, que he *Desir*. Ainda que dizem que a rezão das balanças era devação particular, que tinha este Infante com o Archanjo S. Miguel por certo milagre, que se lhe attribuio em seu nacimento, a empresa quadra bem a quem tinha á sua conta a administração da Republica, e he verdadeira promessa de guardar justiça: mas porque o prometer muito não cáe em gente sisuda, offerece boa vontade com a letra *Desir*, que diz desejo.

E sendo, como são, mui louvadas em toda a empresa as letras breves, não nos quiz faltar n'esta parte, e com huma só palavra de duas syllabas satisfaz bastantemente não só ao corpo da empresa, mas a tudo o que se deve, e póde esperar de hum singular governador, offerecendo-nos juntamente verdadeira imitação dos grandes sabios de Grecia, os quaes havendo por nome arrogante o de Sabios (porque na verdade só Deos he Sabio) trocarão-no com o de Filosofos, que he o mesmo que amigos, ou desejosos de saber(1). Assi o Infante prometendo-nos com humildade não effeitos, mas vontade no governo publico, com ella só assegura effeitos excellentes, como outro Salamão, a quem os bons desejos

(1) Plutarc. Cicer. 1. de Officiis et 1. de Legibus.

alcançarão do Ceo o maior saber da terra (1). E como seja natural dos homens suspirar polos tempos antigos, e idades douradas, quando havia abundancia de todos os fruitos, e se vivia em perpetua paz, e sem opressão de ninguem: parece que no ramo das bolotas quiz significar, que procuraria introduzir com seu governo outra tal idade, visto como este fruito he d'aquelles, que sem nenhum cuidado nem trabalho produz a terra, e o colhem os homens, e d'elle se mantinha o mundo n'aquelles bons tempos primeiros, como se acha escrito em todos os que d'elles tratão (2). Ao que se ajunta o costume, que havia entre os Romanos antigos, de honrar com coroa de arvore produzidora de bolotas, o cidadão que na batalha salvava de morte a outro. E esta se chamava *Corona civica*. E era tanto mais estimada que as de ouro, e todas as outras, que despois de entrados os Emperadores (3), elles a aceitavão por insignia de sua clemencia; e se conta de Augusto Cesar, que dando de sua mão outras, se deixou coroar de huma d'estas, como dada polo genero humano: devia ser pola paz geral, que deu no mundo. E como o Infante era no Reino tão grande pessoa, e todavia queria mostrar que governava como igual a iguaes, e como cidadão a cidadãos, e assi havia de procurar o bem de todos, por todas as vias lhe cahia a proposito a empresa.

Tem segundo lugar nas sepulturas, como na idade, o Infante dom Anrique, Duque de Viseu, e senhor de Covilhã, e Mestre da Ordem de Christo. Dizem que foi eleito Rei de Chypre, e dá testimunho o vulto, que cobre sua sepultura, que está coroado de Coroa Real. O que sabemos de certo he, que foi sua alma coroada de muitas, e grandes virtudes, vivendo em perpetua continencia vida solitaria e filosofica, exercitando todas as boas sciencias, e em especial as da Cosmografia, e Geografia, que lhe abrirão o caminho pera intentar os primeiros descobrimentos dos mares, e terras incognitas da costa de Africa, como poz por obra. A este fim vivia em Sagres no Algarve; e huma aldea, que hoje se chama do Infante n'aquelle Reino tomou d'elle o nome. Pagou-lhe Deos tão santas occupações com longa, e quieta vida, e morte semelhante a ella. Tem no escudo a divisa da Garrotea: parece que sendo moço professaria esta Ordem, a que o devia inclinar o parentesco del-Rei de Inglaterra. Em outro escudo tem a sua Cruz de Christo. E entre os lavores da sepultura se vem huns trossos pequenos, de que nascem huns raminhos, que na feição, e fruitos parecem de carrasco, porque as bo-

(1) 3. Reg. 3. (2) Plin. lib. 16. cap. 1. (3) Ibid. lib. 16. cap. 4.

lotas são muito redondas, os ramos torcidos, e curtos, e as folhas cercadas de pontas agudas. Quem tratava de cultivar os desertos da Libia tão agrestes, e feros, com infinitos perigos de mar e terra, como elle pretendia com seus descobrimentos (que todavia forão principio de amansar aquella barbaria, e dar-lhe a conhecer o verdadeiro Deos) bem podia significar sua boa tenção, e a difficuldade da empresa, na fereza, e humildade de hum carrasco, e no fruito seco, e sem proveito, que d'elle nace, com a letra tambem Franceza: *Talaint de bien faire.* Talento, e animo de bem fazer. Porque na verdade, ainda que lhe custavão muita fazenda, e trabalho, nunca estendeo os pensamentos a cuidar que poderião ser de mais utilidade, do que são os carrascos, e seus fruitos no monte: e declarou-o melhor em hum livro, que mandou escrever do successo d'estes descobrimentos, em que usava com a mesma letra differente corpo de empresa, mas muito aventajado em agudeza de significação e graça. Erão humas piramides que forão obra dos Reis antigos do Egypto, e sendo emprego, e trabalho sem nenhum fruito, havidas por huma das maravilhas do mundo: e na verdade ficavão dizendo melhor com o animo, e obras do Infante, e com a sua letra. Este livro enviou o Infante a hum Rei de Napoles: e nós o vimos na cidade de Valença de Aragão entre algumas peças ricas, que ficarão da recamera do Duque de Calabria ultimo decendente por linha masculina d'aquelles Principes, que ali veio a acabar com titulo, e cargo de Viso-rei.

Succede-o logo o Infante dom João Mestre de Santiago, e Condestabre de Portugal, o qual casando com huma neta do Condestabre dom Nuno Alvres Pereira, filha do Duque de Bargança dom Affonso seu irmão, teve duas filhas, por cujo meio participão hoje do sangue d'este valeroso Portuguez dom Nun'alvares os mais dos Reis, e Principes grandes da Christandade. Sua divisa são huns ramos estendidos com huns fruitos picados, e redondos, como medronhos, e por entre elles pendem humas bolsas quadradas ao uso antigo com tres vieiras sobre cada bolsa. A letra em Francez, como as de seu pai, e irmãos (era n'aquelle tempo a lingoa Franceza estimada, e corrente entre os Principes por cortezã, e polida) *Je ay bien raison*, responde em Portuguez: Eu tenho bem rezão. Como não sabemos feitos particulares d'este Principe, tambem ignoramos em que funda a rezão, que teve pera se contentar tanto como affirma da empresa dos medronhos, que não duvido seria mui acertada. Só a devação que tinha ao glorioso Bautista, como do seu al-

tar colligimos, e o veremos adiante, nos obriga a discursar, que esta, e o ter seu nome, o fez contentar de huma arvore, e fruito silvestre, pera lhe descobrir sua affeição: como sabemos que o Santo nunca buscou melhores mantimentos. E não fica desairosa a junta de dous Santos, hum de devação, outro de obrigação. Porque, se a fruita do mato denota o Bautista: a bolsa, e vieiras são divisa de Santiago, e da Ordem de que era Mestre.

A ultima sepultura, e quarta he do ultimo, e quarto irmão, o Infante Santo dom Fernando filho sexto em numero del-Rei dom João. Foi Mestre de Aviz. A divisa de seu escudo são as Quinas Reaes sobre a Cruz floroteada da sua Ordem. A empresa, que se vê no campo do moimento, são huns ramos como os do Infante dom João; mas com esta differença, que aquelles vão estendidos, e estes enlaçados em circulo huns com os outros: e os fruitos d'estes tem differença no nacimento d'aquelles. Por onde houve quem quiz dizer que estes ramos circulares fazendo, como fazem, feição de coroa, erão de espinheiro; e dizião bem, se lançarão puas ou espinhos, o que não fazem. A empresa n'este sentido era bem fermosa, e juntamente profetica: e os espinhos, que não teve quando se esculpio, que foi muito antes de seus trabalhos, experimentou o Santo entre os Mouros. Pode bem ser, que como amava a coroa de Christo, e seus tormentos, como Santo que era, não se atreveo, por humildade, a declarar ao mundo o que tinha em seu animo: por não parecer que blasonava virtudes ante tempo. Mostrou-o despois com effeitos, e bem á sua custa; e estes são os espinhos, que faltão no lavor, e corpo da empresa. E ainda que lhe não vemos letra no moimento, elles mostrarão que assi muda publicava, e soava mais que todas as de seus irmãos.

Da mesma maneira que os Reis tem seu altar junto de si, que he da invocação da Cruz, tem os quatro Infantes outros quatro altares juntos, e distintos por seus arcos formados na grossura da parede no lanço da quadra, que fica contra os pês dos Reis: ornados todos com seus retabolos pequenos segundo o sitio, e de pintura antiga, mas perfeita, A invocação dos altares he segundo a devação que cada hum teve em vida. O primeiro, que segue logo apoz a sepultura do Infante Santo, he da Assumpção de N. Senhora. Mostra-se que pertence ao mesmo Santo, porque nos paineis, que cercão a Senhora, se vê retratado com suas cadeas, e successos de seus trabalhos. O segundo he do Bautista, e diz

com o nome, e devação do Infante dom João. No terceiro fez o Infante dom Anrique pintar o Infante dom Fernando, porque o tinha por Martyr, e com elle erão todas suas devações. O do Infante dom Pedro, que he o quarto, tem o seu Anjo S. Miguel, cuja insignia trazia por divisa, como atrás vimos. A parede fronteira d'esta, que fica na cabeceira dos Reis, está toda occupada de grandes almarios de madeira, em que se guarda o necessario pera se officiarem os sacrificios, que cada hum d'estes Principes tem quotidianamente, como ao diante especificaremos. E pera se conhecer cada hum, e a que Principe pertence, vem-se na madeira lavradas as divisas, tenções, e letras de todos. E porque nos não fique nada por dizer do que toca ao Infante Santo, achamos aqui com as suas coroas parte do que faltou em sua sepultura, que he a letra, e Franceza tambem, como tem os mais, e diz assi: *Le bien me plait*, significando: *O bem me agrada.* E porque a verificou com obras em vida, e morte, como ao diante veremos, nunca crerei de seu espirito que a usou, nem admittio vivendo: salvo se quizermos dizer que os ramos da sua empresa são de era, e não de espinheiro, como outros querem, e parece mais conforme á razão pola falta dos espinhos. E então está bem a proposito a letra. Porque sendo assi, que na era ha duas calidades, huma muito boa, que he subir arrimada a qualquer planta tão alto como ella, por levantada que seja, e d'ella mesma tomar forças pera o fazer; e outra não tão boa, que he danificar o tronco que a sustenta; mostra com a letra que só da melhor se satisfaz: a qual em hum varão, que desde seu nacimento foi exemplo de santidade, como adiante veremos, diz bem com a constancia que n'ella teve até o fim. E conforma com a pureza de sua alma, considerada huma particularidade, que os naturaes referem d'esta planta dizendo, que se da madeira d'ella se fizer hum vaso, e n'elle se lançar juntamente vinho, e agoa, o vinho se sumirá, e perderá todo, e ficará só a agua pura(1). E tal he a fabrica da Capella, e enterro d'el-Rei dom João primeiro, e dos Infantes seus filhos.

CAPITULO XVI

Descreve-se a Igreja pola parte de fóra: e todo o edificio juntamente polo alto.

Da parte de fóra da Igreja ha duas entradas, huma que faz a porta

(1) Plin. lib 16. cap. 49.

principal, e outra a travessa, que toma o topo do cruzeiro fronteiro ao altar de Jesu, como fica dito. O portal e frontispicio da principal merecia só hum livro pola calidade da obra, se houveramos de particularizar tudo o que n'ella ha de colunas, de figuras, de lavores, e variedade de feitios, desd'a primeira pedra, que descobre sobre a terra até o remate, que levanta grande altura sobre a maior abobada. Porque cada palmo tem tanto que ver de delicadeza, e artificio, de trabalho, e magestade, que considerado com attenção impossibilita o engenho, e embota a pena pera o declararmos, e se entender com todas suas partes. Só hum espelho, que se abre no alto, em meio do frontispicio pera dar luz dentro, parece que se não podia obrar com mais sutileza, e cuidado em trancinhas de agulha, ou em lavor de cera, ou no espelho de huma viola. E quadra-lhe bem esta ultima comparação pola forma circular, e redonda, e pola representação, e miudeza do feitio. Os vãos, que na viola ficão abertos pera darem lugar ás vozes, que forma no interior, ficarão cá cerrados de vidraças, como as que temos dito atrás, debuxadas todas de cores finas, e pinturas varias de armas, e divisas do Reino, de tenções, e empresas del-Rei. E como são muitos os vãos, porque o circulo he mui dilatado, communica dentro muita claridade, e paga com a graça das cores o que ellas lhe diminuem na pureza da luz. Mas faz pasmar a firmeza, com que se mantêm obra tão miuda, tantos annos ha, em lugar tão alto.

Não espanta menos a firmeza, numero, e grandeza de outras vidraças, que dão luz á Igreja, e cruzeiro. Só no corpo da Igreja abrem trinta frestas, todas tão rasgadas de alto a baixo, e ao respeito e proporção tão largas, que em noite clara, sendo a casa tão descompassada de grande, como temos dito, e a luz das vidraças em parte embotada com a pintura, e cores, que atrás dissemos, pode-se estar n'ella não só sem pavor, mas como em meio de huma praça.

Não será desagradavel declararmos a medida de algumas, que fizemos tomar pera credito do que dizemos, por mão de Architecto. No alto da nave do meio ha dezeseis frestas, a oito por banda, que sobem dezoito palmos até os capiteis, e tem de largura nove, dividida cada huma com dois pilares, de grossura de hum palmo cada pilar, pera firmeza das vidraças. Assi ficão em cada fresta sete palmos de vidro, e luz, que multiplicados polos dezoito da altura, fazem cento e vinte seis.

As duas naves tem ambas doze frestas. Quatro a do Sul, em que fica

encostada a Capella do fundador: e oito a contraria. Cada fresta vinte e dous palmos de alto, e sete e meio de largo. E porque tambem são divididas a dous pilares, de grossura de palmo, como as da nave do meio, ficão com cinco palmos e meio de vidro: e vem a ter cada fresta por esta conta cento e vinte e hum palmos de abertura, e luz: e outros tantos de vidraça.

Da mesma altura, e largura d'estas ha outras duas frestas, que acompanhão a porta principal, huma de cada lado, e fazem o numero que dissemos de trinta. E vem a ser huma tamanha cantidade de vidraças, que por cousa prodigiosa se póde ter entre as que mais espantão d'esta casa.

Ajudão a claridade outras tres no cruzeiro, das quaes só huma, que fica sobre a porta travessa, sobe quarenta e dous palmos, e tem de largo quatorze, lavrada toda de huma artificiosa rede de pedraria, e os vãos tomados de suas vidraças. Estas com as da Capella mór, e collateraes, afóra o espelho do frontispicio da porta principal, que allumia por muitas, fazem a casa por estremo alegre, e muito clara, e bem assombrada. O que me faz cuidar, que sendo assi que n'esta mesma conjunção teve tambem principio o famoso templo da Sé de Milão (chamão-lhe lá *il Domo*) o qual se começou a fabricar em vida do Pontifice Urbano sexto, que presidio na Igreja de Deos onze annos até o de 1389 (1), ficou com tacha de escuro, e malenconico: devião esmerar-se os Architectos d'este nosso, em o fazer por contraposição em todo estremo claro, e bem assombrado. Defendem os Milanezes a seus artifices, attribuindo a conselho, e bom juizo, o que foi defeito, e culpa: e dizem que como geralmente he havido por mais grave, e de mais pessoa o homem carregado, e feio: assi faz mais devação a Igreja sombria, e escura. Mas não me convencem, porque dado que o argumento seja verdadeiro quanto aos homens, nos templos que são retrato do Ceo, e assento da luz eterna, não parece rezão haver nenhum commercio com o horror das trevas. E tornando á historia, estão estas vidraças todas tão fortes no assento, tão cristalinas na vista, e tão vivas nas cores, que passando já de duzentos annos que servem, parecem na representação obra moderna.

Cobre-se esta Igreja, e abobada, que já dissemos era de pedraria, com hum telhado tambem de pedraria, composto de humas grandes lageas direitas, e adelgaçadas em corpo, e grossura, que ficão arremedan-

(1) Histor. de Pont. de Ilhescœs p. 2. l. 6. c. 8.

do huns meios taboões grossos, e começando a assentar na parte inferior humas, e sobrepondo outras até o alto, fica armado hum telhado immortal, que sofre sem dano, e sem perigo ser passeado, e corrido: e pera as immundicias, que os longos annos fazem crecer, se varre, e alimpa á vassoura. Cerca-o em roda huma grinalda de pedraria formada em laços, e seus florões altos a espaços, com que fica como coroado, e de toda a mais obra do alto differençado.

Pera se poder ver, e gozar esta grande machina toda por junto ha duas serventias, que do baixo da Igreja levão ao mais alto do telhado d'ella. Estas são abertas na grossura do muro do cruzeiro, entrando pola porta travessa á mão esquerda: e fica huma junto da porta, e outra junto ao altar de Jesu. Ambas vão em caracol, e com cento e vinte degraos, que tem cada huma, vencem a maior altura. Mas alem d'estas ha outra subida por dentro do Convento facil, e suave, por escadas largas, e bem lançadas: e recebe a vista particular deleitação estendendo-se de cima por huma serra de penedia, que das serras ordinarias não differe em mais que em ser esta lavrada, e polida a força da arte, e as outras informes, e descompostas, e ao natural: nas quaes assi como ha desigualdades ora com vales fundos, ora com picos, e rochedos, que se vão ás nuvens: da mesma maneira se vem n'esta suas differenças. Porque em humas partes se levanta a penedia, como na Igreja; em outras abate, como no refeitorio, capitulo, e ádega; logo por outras partes sobem curucheos mui altos, e de obra tão espantosa, que igualando as da natureza na eminencia, deixão-na muito atrás no que he artificio: porque vão fabricados por tal ordem, que dão facil subida ao alto: mas não sem medo, polo muito que alevantão. D'estes ha tres: hum que fica sobre o simborio da Capella do fundador, fazendo-lhe huma fórma de pavelhão: como a faz o simborio á mesma Capella (segundo atrás tocamos) e he por estremo fermoso. porque sobe piramidalmente sincoenta palmos, e leva huma sacada em roda de quatro palmos de praça, guarnecida de seu perapeito lavrado em rede, e coroado de humas metas, como flores de lis: o que tudo junto faz huma machina muito crespa, e vistosa. Outro tem seu nacimento quasi sobre a casa, que chamão da prata, entre a crasta, e a sacristia: e tem de altura sessenta e tres palmos. Não faz menos representação de grandeza a torre dos sinos, e relogio, conformando n'ella com tudo o mais do edificio.

CAPITULO XVII

Da sacristia, e do thesouro de Reliquias, ouro, prata, e ornamentos com que el-Rei a enriqueceo.

Da Capella de Santa Barbara, que pega com a de Jesu ao topo do cruzeiro, se entra pera a sacristia. Esta sacristia não he casa em si notavel por grandeza, ou composição: mas bem de ver polo thesouro sagrado de Reliquias, ouro, prata, e ornamentos de brocados, telas, e sedas de toda sorte, que o fundador com liberalidade verdadeiramente Real n'ella amontoou, que hiremos apontando. E começando polo de mais estima, que são as reliquias, he de saber, que achando-se o Emperador de Constantinopla Emanuel Paleologo na cidade de Paris em França, aonde viera no anno do Senhor de 1401, a effeito de pedir, e juntar socorro entre os Principes Christãos do Occidente, contra a força, e poder da casa Ottomana, que vinha conquistando a Asia, e ameaçava a Constantinopla, e Europa, e sendo mandado visitar, como era rezão, por parte del-Rei dom João, respondeo á visita com lhe inviar hum presente de preciosas Reliquias, muito de estimar pola calidade d'ellas, e credito que lhes dava a autoridade de tão grande Principe: e juntou a ellas huma certidão de sua mão assinada, e com hum sello pendente d' ouro autorizada: da qual daremos aqui o treslado em Portuguez: porque sendo bem digna de ser lida, escusa-nos recontar de fóra o numero, e calidades das Reliquias, e diz assi.

«Emanuel Paleologo, em Christo fiel Emperador a Deos, e Governador dos Romanos, e sempre Augusto, a todos, e a cada hum dos que virem estas letras Imperiaes, saude em aquelle que he verdadeira salvação de todos. O piadoso salvador, e redentor nosso Jesu Christo offerecendo-se a si mesmo a Deos Padre em sacrificio sem macula no altar da Santa Cruz, deixou aos fieis christãos as insignias de sua paixão pera memoria de suas maravilhas. Polo que tendo nós na nossa cidade de Constantinopla algumas santas Reliquias do mesmo nosso Salvador, e de muitos Santos seus, dignas de serem veneradas, como o temos de tradição dos serenissimos Emperadores nossos Pais por estormentos autenticos, e Cronicas aprovadas: as quaes cousas forão por elles guardadas, e conservadas, como tambem o são por nós com a diligencia, e reverencia devida: E succedendo ora passarmos a estas partes occidentaes,

por causa das persiguições, e oppressões dos Turcos crueis enemigos do Santissimo nome de Jesu Christo, que elles com todas suas forças trabalhão por extinguir na terra, e principalmente nas partes de Thracia: a effeito de buscar defensa, e ajuda pera os christãos das provincias orientaes, que estão polos ditos infieis opprimidos, trouxemos connosco parte das ditas Reliquias, e Santuarios. E sabendo por certeza, que no Illustrissimo Principe dom João por graça de Deos Rei de Portugal nosso parente, digno de toda honra, florece o zelo da fé e religião christã: por tanto porque sua devação creça sempre no Senhor, houvemos por bem dar-lhe algumas das ditas cousas sagradas: e lhe damos agora ao mesmo serenissimo Principe huma pequena Cruz de ouro, dentro da qual estão Reliquias dos bemaventurados Apostolos S. Pedro, e S. Paulo, e de S. Jorze, e de S. Braz. E no meio da dita Cruz está huma pequena particula da espongia, com que derão a beber a Christo o fel, e vinagre. E pera certeza, e cautela de todas as cousas ditas, pedimos que se escrevesse esta carta ao mesmo serenissimo Principe, assinada por nossa propria mão com letras Gregas de tinta vermelha, como costumamos no nosso Imperio, e a autorizamos com a firmeza de nosso sello pendente de ouro esculpido de letras Gregas. Dada na cidade de Paris aos quinze dias do mez de Junho de 1401. Demos tambem ao sobredito Rei huma pequena parte da vestidura de nosso redentor Jesu Christo, que he de cor, que tira a roxo, e he d'aquella, cuja borda, tanto que a tocou a molher que padecia a doença de fluxo de sangue, logo ficou sã. Esta santa Reliquia está inclusa em hum viril de cristal engastado em ouro. Emanuel Paleologo.»

Estas santas Reliquias recebeo el-Rei, e na mesma forma, que lhe vierão á mão, e acompanhadas da mesma certidão do Emperador mandou entregar n'este Convento, e sacristia. O sello he redondo. Tem de huma parte hum I. grande Latino, que posto no meio corta quasi todo o campo de alto abaixo, e juntamente huma medalha do rosto do Emperador, e huma letra, que diz: *Emanuel in Christo Imperator Paleologus.* No reverso parece huma imagem de Christo, e outro I. tambem grande, e Latino, e huma letra que dis: *Jesus Christus.* O Latino I. mostra o titulo de quem se prezava de Emperador dos Romanos, como parece da certidão, que atrás fica lançada.

Estas são as Reliquias. A prata, e ouro diremos agora. Deu el-Rei quinze corpos de prata de fundição mui prima, e custosa, que represen-

tavão outros tantos Santos de sua devação. Vinte oito calices quasi todos dourados. Catorze pares de galhetas. Sinco caldeiras com seus hissopes. Oito turibulos, e seis navetas pera elles. Nove cruzes meãs pera servirem nos altares. Quatro grandes, das quaes erão tres pera as procissões, e huma de pé pera o altar mór. Dous castiçaes grandes altos, e dourados, e doze menores. Seis grandes tocheiras, das quaes erão duas douradas, e ha memoria, que pesavão noventa, e hum marcos só estas duas. Sete alampadas de grande corpo, e peso. Huma lanterna. Sinco caixas de hostias. Sinco portapazes. Dous gomis com seus pratos grandes de agoa ás mãos. Duas campainhas. Pesava esta prata ao que se podia entender mais de mil e duzentos marcos: e valia muito por feitio, e por ser grande parte d'ella dourada; e reduzida a peso ordinario passava de dezoito arrobas; magnifico, e real emprego em serviço da casa de Deos pera em tempo que não havia India, nem Indias.

Os ornamentos, que mandou fazer pera celebração das Missas, serviço d'ellas, e paramentos dos altares, erão onze de riquissimos brocados com suas capas, e frontaes, e panos de estante, tudo do mesmo. Os mais d'estes erão guarnecidos de sanefas de imaginaria, ou broslados de ouro, e de obra muito rica. Havia mais trinta e dous ornamentos de sedas custosas, varios em cores, guarnições, e sortes de sedas, alem de muitas vestimentas particulares de brocados, telas, e sedas pera serviço ordinario, e quotidiano. Havia muitos, e grandes panos de ouro, brocado, e veludo: e outras cortinas de sedas, que servem pera ornato da Igreja, e altares, e pera cobrir as sepulturas dos Reis, quando se cantão seus anniversarios.

D'esta prata, assi por muita d'ella ser superflua, e algumas peças não servirem a nosso modo, se vendeo quantia que pesou oitocentos e onze marcos: e juntamente se venderão quatro ornamentos dos mais ricos, e outro se fundio, que era coberto todo de escamas de prata de martello tão juntas, e sobrepostas, que não davão sinal nem conhecimento da seda, e o fazião tão pesado, que servia mais na sacristia pera se mostrar por ostentação, e magestade, que no altar pera se poder com elle celebrar. O conselho da venda não foi dos Frades; mas de gente de fóra, que julgou seria conveniente fazer renda pera sustentação, e fabrica do Convento, d'aquillo que ou estava ocioso, ou era sobejo: e impetrou-se hum Breve da Penitenciaria em Roma dirigido aos Bispos de Lamego, S. Thomé, e Targa, e passado no anno quarto do Papa Paulo

tercio: em virtude do qual mandarão effeituar a venda; e do procedido d'ella se fez emprego em algumas cousas muito necessarias pera o Convento, mas pouca renda.

CAPITULO XVIII

Descreve-se o mais interior do Convento.

Entra-se da Sacristia no Capitulo. He esta casa de tal fabrica, que não deve haver outra mais espantosa em quanto se sabe de estremos de architectura. Porque sendo quadrada, e tendo trezentos, e quarenta palmos em ambito, e oitenta e sinco por cada lanço, he fechada de abobada de cantaria sem coluna, nem esteo, nem cousa que a sustente, nem mais repuxo da banda de fóra, que a companhia do edificio, que lhe fica nos lados. Assi está em fórma, que a quem põe os olhos no alto engana, e faz parecer pola grandeza da casa, que se sustenta sem concavo. He fama, que ao tempo que se fabricava, cahio duas vezes ao tirar do simples com dano de officiaes, e el-Rei desejando, que todavia ficasse a casa sem o desar de colunas em meio, prometeo mercês ao Arquitecto; as quaes o fizerão espertar de sorte, que tornando-a a fechar affirmou que teria melhor successo; porém ao tirar da madeira do simples dizem, que não quiz el-Rei arriscar os officiaes, e mandôu vir das prisões do Reino alguns homens, que estavão sentenceados a grandes penas, pera que sobre elles cahisse o terceiro dano quando succedesse. N'esta casa está depositado el-Rei dom Affonso quinto, neto de quem a fez. Levanta-se no meio d'ella hum estrado grande de madeira, a que se sobe por muitos degráos continuados de todos os quatro lados. No alto parecem dous tumulos juntos cubertos de panos ricos; em hum está o corpo d'este Rei, no outro o de hum neto seu, que foi o Principe dom Affonso, filho del-Rei dom João segundo, que morreo desastradamente em Santarem correndo hum cavallo nas praias do Tejo (1).

Segue ao capitulo a crasta, que abre porta no meio d'ella outra, que bem corresponde na grandeza, e sumptuosidade a toda a melhor da casa. He quadrada, e tem por cada lanço duzentos e sincoenta palmos, dos quaes vão cubertos trinta ao longo das paredes de abobada sobre grandes arcos de pedraria, altos, e espaçosos, de obra Gothica, lavrados

(1) Cron. del-Rei D. João II.

todos de laçarias, e entalhados de alto a baixo de lavores, e feitios de tanta miudeza, e excellencia, que mostrão bem que não erão menos engenhosas as mãos, que n'elles se empregarão, que as que obrarão o frontispicio do templo: nem menos curioso quem governou humas, que quem assistio nas outras. A praça de dentro fica dividida em ruas, e passeios, e grandes canteiros povoados de diversidade de arvores, e flores, offerecendo cada hum aos olhos hum particular jardim, ornados todos em roda de pedraria. No meio abre hum grande poço de muita agoa: e a hum canto se levanta huma fabrica de fonte mui alterosa com grandes pratos, recebendo os maiores a agoa dos mais levantados, e menores, até cahir em seu tanque. Serve a fonte n'este sitio, porque lhe fica defronte a hum canto do corredor do claustro a porta do Refeitorio: e offerece aos que vão entrar n'elle lavatorio pera as mãos, e recreação pera a vista, em quanto se espera sinal da mesa no poio, que fica no mesmo corredor, e encostado de huma, e outra banda da porta com seus assentos altos, e respaldos de madeira.

Fica esta porta no fundo do segundo lanço do claustro, se damos o primeiro lugar ao que he mais vizinho do capitulo, e corremos sobre a mão esquerda. D'este segundo lanço toma huma grande parte o Refeitorio, começando do canto onde tem a porta. Pode-se contar por peça bem digna de toda a mais obra. Porque sendo capaz de grande numero de Frades em comprimento de cento e trinta e tres palmos, e largura de trinta e dous, que vem a ser quasi a quarta parte do comprimento: he mui clara, e tão alta, que não corre sobre ella outra nenhuma obra, e he de abobada de cantaria, semelhante ás que temos referido.

Todas as mais officinas baixas, e geraes do Convento, como celleiros e adegas, tem a capacidade conforme, tanto polo que demanda a grandeza d'elle, como pola necessidade do recolhimento dos fruitos, e do numero dos moradores, que sustenta, que por rezão do estudo continuo sempre he mui crecido, como ao diante se dirá. Só a adega tem de comprido cento e setenta palmos, e quarenta e tres de largo, e he cuberta de sua abobada.

Corre a outra parte hum claustro de menos campo, que o grande, quasi ao meio em toda sua conta; mas em seu tanto mui bem obrado. Assi visto, e considerado de fóra o Convento representa huma boa villa, ou muitos Conventos juntos. Porque os dormitorios, hospedarias, enfermarias, livraria, e casa de Noviços, que por cima se estendem, fazem

que se possa crer assi, pola grandeza que em cada cousa ha. A casa de Noviços só por si he como hum bom Convento na capacidade de corredores, e numero de cellas, e concerto de Oratorio, e recreação de seu pomar, e jardim. O dormitorio do Convento he hum estendido corredor forrado de madeira, e com seu telhado ordinario, por respeito da saude dos Religiosos: mas como tudo o mais, em grande altura. Faz no topo hum eirado descuberto sobre huma grande cerca de vinha, e pomares, que colhe dentro huma boa ribeira de muita agoa, e pégos fundos que a tempos ajudão a aliviar o trabalho da reclusão, e estudo aos Padres, com pescarias de cana, e redes. N'este corredor, e na enfermaria, e hospedarias ha mais de sessenta cellas. Em casa de Noviços vinte quatro.

Os recebimentos da portaria da banda de fóra, e de dentro, a largueza das entradas, e passagens pera casas de differentes serviços, e misteres, e as muitas que ha, representão em tudo grandeza de machina Real. E pera em todas haver disposição, e commodidade, limpeza, e bom serviço, atravessa todo este edificio por baixo do lageado huma grossa levada de agoa, que sem dar vista de si purifica, e leva fóra todas as immundicias da casa.

CAPITULO XIX

Descreve-se a obra que hoje se vê na capella imperfeita, detrás da maior.

Com esta descripção assi humilde, e pouco atilada temos mostrado quanto nos foi possivel a sumptuosidade, e magnificencia do edificio, que se vê acabado, e perfeito. Mas outro ha imperfeito, e menos antigo, que se chegaramos a ver n'elle a ultima mão, viramos em summo gráo acrecentada a magestade d'esta casa. No corredor que dece do Convento pera a capella de Santa Barbara, fica por detrás d'ella huma pequena porta, pola qual quem sahe, dá logo em outra pouco maior, que no alto sobre a lumieira mostra entalhada de meio relevo huma Cruz de feição das que usão os Cavalleiros da Ordem de Christo; e por baixo d'ella dous instrumentos com que os Mestres de Mathematicas dão a entender os movimentos do Ceo, e postura da terra (chama-lhes a linguagem vulgar Esferas). Estas fazem guarda a huma tarja, que entre si tem, na qual se vê huma abreviatura de tres caracteres juntos, que são hum C

grande, e n'elle hum E, como este: e da ponta baixa do C pega, e dece hum Y Grego. Pode-se crer, que quiz o autor da obra advertir de sua tenção aos curiosos, que a entrassem a ver, mas que lhes custasse advinhar, e com mais trabalho, que se propusera algum hieroglifico Egypcio, ou Oraculo das Sibyllas. E digo com mais trabalho, porque fora mais facil o juizo nas cousas d'este genero, que todavia com palavras, e figuras á vista, pode-se fundar algum discurso mais certo: o que não acontece em poucas letras, tanto mais duvidosas na significação imaginada de seu dono, quanto mais faciles de receber, como camalião as cores, ou como cera as figuras, que lhes quizermos dar. Esta porta com suas empresas, e cifra mysteriosa offerece entrada pera hum pateo descoberto, que fica direitamente detrás da Capella mór da Igreja, e ao justo defronte d'ella mostra huma fermosa portada, que se forma de huns cordões, que começando do baixo sobem ao alto: e em volta sem fazer final de capitel, nem outro genero de divisão em nenhuma parte, tornão a decer pola outra até o chão: e começando a fazer com o primeiro, que fica mais fóra de todos, huma grande abertura de portal, os que se lhe juntão, que são seis, vão recolhendo, e apertando a entrada com tal diminuição, que vem a ficar em huma moderada porta, São os cordões todos sete desiguaes em grossura, como tambem são differentes em feitio: mas todos entalhados de variedade, e sutileza de lavores tão perfeitos, e com tanto primor, e mimo obrados, como se fora na mais facil, e obediente madeira de quantas servem pera escultura. Assi fazem a obra admiravel de custosa, considerado o tempo que levaria de lavrar, e polir cada pedra, e as muitas que se perderião estalando com a força do ferro, e sutileza do lavor. Em quatro cordões d'estes he parte do feitio huma letra interposta a espaços, a qual escrita com os mesmos caracteres, que tem esculpida, he a seguinte: *Tanyas erey*. E faço declaração dos caracteres tão apontada, porque quando estivemos n'esta casa de passagem pera Entre Douro, e Minho á impressão que fizemos em Viana do livro da vida do Santo Arcebispo de Braga dom Frei Bertolameu dos Martyres, achei que todos os Religiosos d'ella lião n'elles: *Tangas e Rey*, fazendo *g* do *y* Grego interposto em *Tanyas*, e partindo em duas dicções o *e rei*, o que conhecidamente he contra a fórma da escultura, como então lhes mostrei, a qual continúa as letras na propria feição, e modo, que aqui vão escritas, sem fazer differença em hum numero quasi infinito. A grande multiplicação d'esta

letra me poz em cuidado de lhe querer buscar alguma sahida entre os Padres velhos, que por tradição dos mais antigos poderião alcançar o que se praticava d'ella quando se esculpia. E não procuravamos cousa impossivel, pois não tem maior ancianidade, que a vida del-Rei dom Manoel. Nem da lingoagem se podia fazer facil discurso, visto não ser Latina, nem das mais vulgares, que hoje se falão na Europa. Mas não pudemos achar quem nos quietasse com cousa fundada, nem n'esta letra, nem na outra cifra da entrada do pateo. E como seja obrigação de quem escreve dar seu parecer nas difficuldades, que a Historia offerece, não me será contado a temeridade procurar desatar, ou cortar com hum breve discurso este nó Gordiano, ainda que só a Alexandres toque desatar os que são dados por Reis. Como lhe não achei conformidade com a lingoagem da patria, lancei-me ás estranhas, e communicada a letra com pessoa de juizo assentamos ser Grega. Porque *Tanyas* he accusativo do nome Grego *Tanya*, que he o mesmo que região: e *erei* he o imperativo do verbo *Eréo*, cuja significação he buscar, inquirir, investigar. E fica-se dizendo em nome do Senhor do Templo a el-Rei dom Manoel, que o edificava, segundo hiremos mostrando: Buscai, inquiri novas regiões, e climas: como animando-o a não desistir de seus valerosos pensamentos. E quadra bem a significação com a empresa, que então actualmente occupava este Principe, do descubrimento da India; e tambem com a divisa da sua mysteriosa Esfera, que aceitada por elle a outro fim, foi pronostico de se lhe haver de sugeitar grande parte do mundo.

Mais trabalho nos dá a cifra da primeira porta, que como he de letras, que não fazem dicção certa, fica exposta a quantos sentidos lhe quizermos aplicar, segundo já nos queixamos atrás. A primeira dúvida he, a que lingoagem havemos de attribuir estes caracteres. Obriga-me a dal-os por Gregos, acharmos Grega a letra, que já fica declarada: e força-me a companhia de que estão cercados das Esferas, e Cruz de Christo, a ter por sem duvida, que jaz n'elles algum grande mysterio. Parece que quiz o autor da fabrica, que tevessemos aqui huma representação do antigo, e celebrado templo de Delfos em Grecia; do qual lemos, que sobre a porta tinha huma quasi semelhante cifra: e na entrada outra letra, que falava com os que o visitavão. Era a letra: *Gnoti se auton*, que quer dizer: Conhece-te. Era a cifra *Ei*, que significa: Vós sois. Esta cifra deu tanto que fazer aos sabios antigos, que só d'ella escre-

veo Plutarcho hum livro (1): no qual despois de longos discursos assenta, que por este *sois*, de presente, se não pode entender outra cousa, senão hum só, e eterno Deos. E são suas palavras:

Deus enim Est, et est nulla ratione temporis, sed æternitatis immobilis, tempore et inclinatione carentis: in qua nihil prius est, nihil posterius: nihil futurum, nihil præteritum, nihil antiquius, nihil recentius: sed una cum sit, unico Nunc sempiternam implet durationem.

E mais abaixo: *Non enim multa sunt numina, sed unum.* Quasi dizendo, que só Deos se pode, e deve dizer que He, e que este Ser he sem nenhuma dependencia, ou rezão de tempos, mas só de huma perenne, e immovel eternidade, eternidade carecente de tempo, e de mudança: e tal que se não dá n'ella nenhuma cousa primeira nem derradeira: nada futuro, nem passado: nada mais antigo, ou mais moderno: mas como he huma só, com hum só Agora, e he presente, enche, cumpre, e declara sua perpetuidade eterna, e sem fim. Porque a verdade he, que não ha muitos Deoses, senão hum só. Até aqui Plutarcho. Favorecem este sentido o doutissimo Padre Francisco de Mendoça da Companhia de Jesu no seu primeiro tomo sobre os Reis: e Eusebio no da Preparação Evangelica (2). E he a doutrina tão conforme com o que temos no sagrado Texto, que se póde cuidar, que a bebeo o Gentio onde se lê: *Ego sum qui sum; qui est, misit me ad vos.* Eu sou aquelle que sou: aquelle que he, esse me manda a vós outros (3). Resolve ultimamente este Autor que a cifra *Ei*, he hum aviso, que nos está obrigando a temor, e amor, respeito, e devação de hum Deos, que eternamente permanece, que isto dizem as palavras, com que vai cerrando o tratado: *Hoc enim pronuntiatum est, ut nos percellat, et ad venerationem Numinis, ut pote quod sit semper, excitat* (4).

Assi não tenho duvida, que o mesmo se nos representa cá na nossa cifra: e que he reposta del-Rei ao Senhor que o manda empregar em descobrir novos mares, e novas terras, quasi dizendo: *Eu acho, Senhor, que só vós sois eterno, immortal, e infinito: e pola mesma rezão só digno de ser buscado. Essas terras, e mares, inda que forão de muitos mundos juntos, em fim tem termo, e limite.*

E não obsta, nem desfaz este sentido a letra C, porque ou serve só de guarda às outras duas: ou de nos apontar na eterna essençia o sagra-

(1) Plutarc. lib. de Ei apud Delph. (2) Franc. de Mendoça pag. 557 col. 1. lit. C. — Euseb. lib. 11. cap. 7. (3) Exod. 3. (4) Plutarc. lib. de Ei apud Delph.

do mysterio da Trindade das pessoas Divinas, que o Gentio ignorou. E mostra-o de duas maneiras: primeira, sendo como he, terceira letra do nosso alfabeto: que he a mesma rezão com que Plutarcho prova que a cifra *Ei*, era figura do numero quinario (1): segunda, fazendo com as duas numero de tres, como faz abraçando o E, e pegando no Y. E he de considerar, que se fez com bom juizo, a que á primeira vista representa impropriedade, digo a escolha da terceira letra, tomada antes do alfabeto Latino, que do Grego, pera juntar com as duas Gregas: porque fica sendo hum testimunho da verdade Catholica, dado por quem era filho da Igreja Latina.

E concluindo advirto aos que tem noticia do Grego, que não fação escrupulo se acharem y Grego onde pertence i Latino, ou *jota* Grego: que isto devemos perdoar aos officiaes da escultura idiotas, visto terem ambas as letras a mesma força na nossa lingoagem, e modo de escrever.

Passada a porta leva os olhos apoz si hum edificio imperfeito, e descuberto, que de presente he huma grande praça de capellas formada em perfeito circulo, e contão-se n'elle sete. E assi como a traça de estarem em campo redondo, mostra não se pretender preferencia por quem as ordenou, em nenhuma: da mesma maneira se teve cuidado de se buscar igualdade, ao que parece, no corpo, feição, forma, e feitio de todas, e cada huma por si, que he quanto se pode desejar por todas suas partes excellente de arcos, e laçarias, de policia de escultura, de graça, sutileza, e diversidade de lavor: mas em nenhuma se enxerga differença tal, que a faça aventajada, ou mingoada de autoridade. Porém he grande lastima, que estando, como estão, todas as capellas acabadas em sua perfeição, e as paredes em roda levantadas até o ponto d'onde segundo a arte havia de começar a subir a abobada maior, pera cobrir todas, e tornar o que hoje he praça aberta em capella fechada, que não fora demasiado custo á comparação do muito que já está feito, parou a obra n'este estado: e testimunha bem a fortaleza d'ella estar tantos annos ha, como logo veremos, batida das inclemencias do tempo, e enxergar-se-lhe mui pouco dano.

O fim, a que tirava a magnificencia d'esta nova fabrica, se deixa bem entender: visto como todos os corpos de Principes que no Convento estão recolhidos despois del-Rei dom João primeiro, e seus filhos, jazem n'elle a titulo de deposito: e parecia justo, que algum herdeiro, ou mais

(1) Ibid ad medium.

piadoso, ou mais desoccupado tomassé a seu cargo agasalhal-os em proprio domicilio. Quem foi aquelle que de tal pensamento se deixou levar, e primeiro poz mão na obra, ha varias opiniões. Porém de que se acabou, e fez a maior parte do que está levantado por ordem del-Rei dom Manoel, ou de consentimento seu, e em seu tempo, não he materia de duvida, porque está verificado com argumentos, e provas certas. He a primeira verem-se no lugar mais autorizado d'ella, qual he a capella, que entre as sete fica fronteira da entrada, as esferas, que atrás dissemos, da primeira porta, certa, e sabida divisa del-Rei dom Manoel, que nunca trocou. Seja a segunda ler-se nos remates dos angulos da mesma capella a letra; *Tanyas erey*, em suas targetas entre dous laços. D'onde infirimos, que esta letra tão repetida na fermosa prospectiva da portada, como a cifra das tres letras da primeira porta, erão manifestamente pertencentes ao mesmo Rei, pois huma, e outra se vem agermanadas com as esferas. E não faz em contrario a Cruz de Christo, que atrás vimos na primeira entrada; porque foi dignidade do Mestrado que possuio antes de reinar, e despois a unio pera sempre á Coroa. Mas toda a duvida nos tira huma letra Latina esculpida sobre a porta, por onde se entra no primeiro pateo da banda de dentro, que diz: *Perfectum est opus anno* 1509. Querendo significar, que se poz n'aquelle estado de perfeição em tal anno; que era o mesmo em que havia já muitos, que gloriosamente reinava gozando das victorias, e thesouros da India.

Não falta quem funde em boas rezões, que foi autora a Rainha dona Lianor sua irmã, obrigada de dous tão grandes penhores, como tinha sem sepultura propria no Convento, que erão el-Rei dom João segundo seu marido, e o Principe dom Affonso seu filho; e como possuia grossas rendas, e era Princeza de grandes espiritos, e el-Rei dom Manoel seu irmão lhe reconhecia, além do sangue, e estado, particulares obrigações, pola diligencia com que procurara sua successão no Reino, a que el-Rei dom João se mostrava manifestamente contrario; podia bem aplicar-se a semelhantes grandezas. Ajuntão os que tem esta opinião, que o deixar o melhor lugar, que era a Capella do meio, pera el-Rei dom Manoel sinalando-a logo com suas letras, e divisas, fora querer imitar o estilo, e moderação del-Rei dom João o primeiro; e pola mesma rezão escolhera pera si, e pera el-Rei dom João segundo seu marido huma das collateraes, em que se vê o pelicano ferindo o peito, empresa sua muito sabida. Mas pode mais o tempo, que todas as determinações dos ho-

mens. Estas ficarão sem effeito, e elle vai já roubando o lustre a toda a obra, e acabando-a antes de acabada; e em fim virá a consumir huma machina dignissima de perpetuidade.

O que me obriga ajuntar aqui o juizo que fez d'ella, e de tudo o mais d'este Convento, huma pessoa de grande entendimento, e que tinha visto, e considerado todas as fabricas de mais importancia da Christandade, que foi o grande Mestre Frei Vicente Justiniano nosso Geral, e Cardeal. Testimunho sem suspeita por ser de estrangeiro, e de varão muito religioso, e santo. Este Padre vindo a este Reino notou n'elle algumas cousas, que referiremos, pera que se veja quão bem sabia notar. Disse por Lisboa: *Vidimus Orbem in urbe.* Como se dissera: Vimos em huma cidade todo o mundo junto. Disse por Setuvel: *Vidimus oppidum lapide cinctum pretioso*: Vimos huma villa murada toda de pedras preciosas: foi a rezão, porque toda a pedra d'ella he jaspe, nem aquelles contornos produzem outra. Disse por Coimbra: *Vidimus urbem undique ridentem.* Vimos huma cidade tão bem assombrada, que por onde quer que a olheis, parece que se vos está rindo. E quando chegou a ver este Convento, disse com admiração, e affirmação: *Vidimus alterum Salomonis templum*: Vimos outro templo de Salomão.

CAPITULO XX

Dos suffragios que el-Rei ordenou n'esta sua casa por sua alma, e dos Infantes seus filhos: e da esmola, e offertas, que com elles sinalou: e da dispensação que houve pera o Convento possuir proprios.

Segue ao edificio temporal de pedra e cal, de ouro e prata, o espiritual de sacrificios, e suffragios, que os Reis pera sempre instituirão n'este Convento pera gloria de Deos, e beneficio de suas almas. Na Capella d'el-Rei dom João o primeiro se dizem cada dia por todo o discurso do anno cinco Missas a hora de Prima, com assistencia da Communidade: huma cantada por el-Rei, e Rainha, e as quatro rezadas polos Infantes seus filhos; e estas se rezão em quanto aquella se canta, e todas se dizem nos altares, que correspondem ás sepulturas de cada hum. Nos dias festivaes são todas da festa, que a Igreja celebra: em todos os outros são de Requiem, e só a que se diz polo Infante Santo he da solenidade de todos os Santos. Além d'estas Missas se celebra outro gran-

de numero polos Reis, e Rainhas, Principes, e Infantes, que n'esta casa jazem, segundo como cada hum dispoz em seu testamento. Cantão-se em cada hum anno dous anniversarios solenes por cada hum d'estes Principes: hum no dia do seu falecimento, outro na semana, que segue ao dia da Commemoração dos finados. Mas ha esta differença, que no que se faz por el-Rei dom João primeiro aos quatorze de Agosto, e dom João segundo aos vinte e cinco de Outubro, que são os dias em que falecerão, he costume pontualmente guardado haver prégação com memorias de suas proezas, e virtudes. No ultimo d'estes anniversarios, que toca ao Infante Santo, deixão os Religiosos a musica funeral, e triste, e cantão huma Missa solene officiada com orgãos, e paramentos brancos, que he Missa de todos os Santos, como atrás dissemos, em quanto não he canonizado nem beatificado. Pera os dias d'estes anniversarios se cobrem as sepulturas todas de panos de ouro e seda, guardando com estes Principes defuntos toda aquella solenidade, e magestade, que por quem forão lhes he devida.

Com cada anniversario ficou limitada sua offerta de certa quantidade de trigo, vinho, e cera: e como a nossa Ordem foi fundada em comer peixe continuo, quizerão os Reis pios que se juntasse tambem á offerta humas tantas duzias de pescadas secas, por ser genero de peixe, que por grande, e sadio serve bem pera as Communidades: e tambem porque nos portos de mar mais vizinhos ao Convento costumava pescar-se em grande copia. E como os anniversarios são muitos, e as offertas realengas, chega o trigo a cincoenta e dous moios e meio, e o vinho a quarenta e tres pipas: vinte e quatro arrobas de cera, e duzentas e quinze duzias de pescadas. Esta offerta reduzida a dinheiro mandão os Reis pagar de presente aos quarteis nas suas rendas do Almoxarifado de Leiria: e porque o preço das cousas levantou muito, faz somma de huma boa esmola, e he a principal parte da sustentação dos Religiosos. Mas no tempo que el-Rei dom João fundou a casa, como a offerta era mais curta, e tudo valia pouco, considerou logo não ser rezão, que Frades por elle escolhidos pera seus Capellães perpetuos, e moradores de huma charneca sahissem de casa a mendigar entre vizinhos pobres sua pobre mantença, como a nossa Ordem fazia então por toda a Christandade: e usando de paternal providencia suplicou ao Papa Bonifacio nono, que dispensasse com este Convento, pera poder ter proprios, e rendas perpetuas, e acceitar heranças pera gozar em commum. E o Pontifice o hou-

ve por bem, e mandou despachar hum Breve com a execução cometida ao Bispo do Porto dom João Esteves: do qual emanou a licença seguinte, que não irá traduzida em vulgar, visto como a sustancia fica já declarada, e entendida..

Joannes Dei et Apostolicæ Sedis gratia Portugallensis Ecclesiæ Episcopus executor ad infra scripta per Sedem Apostolicam specialiter deputatus: universis et singulis tam præsentibus quam futuris, ad quos literæ præsentes pervenerint, salutem in Domino sempiternam. Literas Sanctissimi in Christo Patris et Domini nostri, Domini Bonifatij Papæ Noni, nobis per serenissimum Principem Dominum Joannem Regnorum Portugalliæ et Algarbij Illustrem Regem præsentatas, nos noveritis cum ea qua decuit reverentia recepisse: quarum literarum tenor sequitur in hæc verba. Bonifatius Episcopus servus servorum Dei, venerabili fratri Episcopo Portugallensi salutem et Apostolicam benedictionem. Exhibita nobis nuper pro parte charissimi in Christo filij nostri Joannis Portugalliæ et Algarbij Regis Illustris petitio continebat, quod cum olim Portugalliæ et Algarbij regna invaderentur per schismaticos, idemque Rex una cum dilectis filijs populo Regni Portugallensis contra eosdem schismaticos manu armata in campo exivissent, et dictis schismaticis prostratis et conflictis victoriam maximam de eisdem schismaticis reportassent: Dictus Joannes Rex credens firmiter se hujusmodi victoriam habuisse precibus et meritis Beatæ Virginis Mariæ, in loco ubi eandem victoriam habuit ad laudem dictæ Virginis fundari et construi fecit unum locum cum Ecclesia, domibus et alijs necessarijs officinis pro usu et habitatione fratrum Ordinis Prædicatorum, in quo iidem fratres perpetuum Domino redderent famulatum: qui quidem locus vulgariter nuncupatur Sanctæ Mariæ de Victoria: ipsumque locum a quinque annis citra, eisdem fratribus pro eorum usu et habitatione donavit et concessit: in quo nonnulli fratres ejusdem Ordinis commorantur. Cum autem, sicut eadem petitio subjungebat, dictus locus propter nimiam distantiam à conversatione fidelium sit plurimum separatus, dictique fratres eleemosinas de quibus vivere valeant, a Christi fidelibus ad sufficientiam pro eorum vitæ sustentatione, habere non possint: dubitetque dictus Rex, ne dicti fratres hujusmodi locum propter penuriam et indigentiam victualium relinquere cogantur: pro parte ipsius Regis nobis fuit humiliter supplicatum, ut fratribus dictæ domus qui sunt, et erunt pro tempore, ut possessiones et alia bona mobilia et immobilia, quæ ipsis à Christi fidelibus donari,

*

seu in testamentis et ultimis voluntatibus relinqui, seu legari continget, pro ipsorum victu et vestitu et alijs necessitatibus obtinere liberè et licitè valeant, licentiam concedere de benignitate Apostolica dignaremur. Nos igitur de præmissis certam notitiam non habentes, atque desiderantes cultum Divinum nostri temporibus non minui sed augeri, ipsius Regis in hac parte supplicationibus inclinati, fraternitati tuæ per Apostolica scripta mandamus, quatenus, si est ita, fratribus domus prædictæ, ut ipsi hujusmodi possessiones et bona mobilia et immobilia, si ut profertur, eis à Christi fidelibus dari, concedi, aut erogari, seu in testamentis et ultimis voluntatibus relinqui, seu legari contingat, recipere et perpetuo retinere, pro ipsorum victu et vestitu, et alijs necessarijs liberè et licite valeant: quibuscunque constitutionibus Apostolicis ac statutis, ordinationibus et consuetudinibus dicti Ordinis contrarijs, nequaquam obstantibus, Apostolica autoritate licentiam largiaris. Datum Romæ apud Sanctum Petrum Nonis Martij Pontificatus nostri anno secundo.

Post quarum quidem literarum præsentationem et publicationem, fuimus pro parte præfati Domini Regis cum instantia requisiti, quatenus ad executionem ipsarum procederemus secundum traditam per Sedem Apostolicam nobis formam. Nos igitur Episcopus præfatus, volens mandatum Apostolicum exequi, ut tenemur, ut de contentis in eo informaremur plenissimè, ad dictum locum personaliter accessimus, et per oculorum inspectionem, et multos testes idoneos et omni exceptione maiores comperimus fuisse verisima illa, quæ pro parte præfati Domini Regis fuerunt certa præmissa, Romano Pontifici intimata. Propterquæ auctoritate præfati Domini nostri, et vigore potestatis per eum nobis super hoc traditæ, ut fratres domus prædictæ qui sunt et erunt pro tempore, possessiones et alia bona mobilia et immobilia, quæ ipsis à Christi fidelibus donari, concedi, aut erogari seu in testamentis et ultimis voluntatibus relinqui, seu legari contingat, recipere et perpetuo retinere pro ipsorum victu et vestitu et alijs necessarijs liberè et licite valeant: quibuscunque constitutionibus Apostolicis ac statutis, ordinationibus et consuetudinibus dicti Ordinis contrarijs nequaquam obstantibus, auctoritate præfata plenam licentiam concedimus ac etiam largimur. In quorum omnium testimonium has patentes literas manu nostra signatas, ac sigilli nostri appensione munitas præfato Domino Regi, ac fratribus dicti Monasterij duximus concedendas. Datæ fuerunt hæ in civitate Viseensi die sexta Martij de anno Domini Millesimo tercentesimo nonagesimo secundo. Joannes Episcopus Portugallensis.

Em virtude d'esta dispensação começou o Convento a possuir em propriedade bens de raiz, e rendas; e foi o primeiro que em toda a Ordem usou d'ellas, e el-Rei dom João tambem o primeiro que lh'as deu. Mas affirma-se, que os Religiosos sentirão muito a novidade, tanto por verem quebrar aquelle primeiro rigor tão encomendado por nosso Santo Patriarcha, e despois confirmado em tantos Capitulos geraes: como tambem por começar a dispensação por elles, e por este Reino. E ainda que conhecião a impossibilidade, que era viverem de esmolas em tal sitio tantos Religiosos, como el-Rei queria, e erão necessarios pera as obrigações, que lhes punha, tomarão antes arriscar-se a todo o trabalho, que afrouxar em ponto tão essencial. Assi fizerão suas diligencias por não aceitar a renda, e titulos d'ella, lembrados, e lembrando, que havia cento e tantos annos, que a Ordem sem quebra se sustentava dos pedaços de pão dos fieis, e estavão certos lhes não faltaria no futuro o Pai das misericordias. Porém el-Rei levava o negocio não só por prudencia humana quanto aos Frades, mas tambem quanto a si mesmo, porque havia por desautoridade, e menoscabo do nome Real viver de esmolas de particulares a casa, que tinha titulo de sua. E sem embargo da resistencia, que fizerão por algum tempo, lhes fez aceitar, seis annos despois, huma quinta vizinha, que havia dias tinha comprado, a fim de a encorporar, como encorporou, com o Convento. E além do que montavão as offertas, que nomeou pera seus anniversarios, e dos Infantes seus filhos, que tudo ficou consignado nas rendas do Almoxarifado de Leiria, mandou por legado de seu testamento lhe fossem compradas mais rendas, como logo veremos.

CAPITULO XXI

Faz el-Rei doação de huma quinta ao Convento. Dá-se conta do cuidado que teve em seu testamento, que ficasse com bastante sustentação: e das causas que a tolheram.

Tinha hum Fidalgo por nome Egas Coelho huma boa quinta no mesmo sitio em que se fundava o Convento. Pareceo a el-Rei, que lhe armava pera os Frades terem logo gasalhado em quanto o não dava a obra nova, e que era bem acharem alguma cousa feita, de que se poder ajudar. Mandou-lha comprar, e despois que teve a dispensação atrás referida obrigou-os a entrarem de posse d'ella pola doação seguinte.

Dom João pola graça de Deos Rei de Portugal, e do Algarve. A quantos esta carta virem fazemos saber, que nós por serviço de Deos, e renembrança da victoria que nos deu da batalha, que houvemos com aquelle, que se chamava Rei de Castella entre Leiria, e Aljubarrota, por bem, e salvação de nossa alma fizemos edificar hum Mosteiro em honra de Santa Maria, em cuja vespera houvemos a dita victoria, na quintam do Pinhal, que foi de Egas Coelho, e de Maria Fernandes de Meira sua Madre, a qual lhe por nós foi comprada. E parte de huma parte com João da Beesta, e da outra com Janebra Pirez, e entesta com caminho publico. E porque nós havemos dado o dito Mosteiro a Ordem de S. Domingos, e lhe houvemos letras de Nosso Senhor o Papa, o dito Mosteiro podesse haver bens de raíz patrimoniaes, pera que os Frades que hi estivessem o podessem haver de se manter. Porém nós com a Rainha dona Felippa minha molher, e com o Infante dom Afonso nosso filho primogenito, e erdeiro fazemos livre, e pura doação antre os vivos ao dito nosso Mosteiro da dita quintam, com todas suas erdades, montes, e arvores, e agoas, e pertenças d'ella: e por esta carta tiramos, e tolhemos de nós a posse, uso, e propriedade da dita quintam, investimos, e poemos em ella o dito Mosteiro, e queremos que a haja livremente, e sem outro embargo algum pera todo sempre, não embargando quaesquer leis, decretaes, costume, constituições, foros, façanhas, e outros quaesquer direitos, e cousas que esta doação poderião annular, e embargar por alguma guisa: posto que taes sejão, de que em esta doação devesse ser feita expressa menção, os quaes nós havemos aqui por expressas, e expressamente nomeadas, e queremos que não hajão em esto lugar, nem lhes possão empecer: mas que esta doação seja firme, e valiosa pera todo sempre: e suplimos todo falecimento de solemnidade que de feito, e de direito for necessaria pera esta doação firme ser, e mais valer. E prometemos de a não revogar nem ir contra ella. E rogamos aos Reis que depoz nós vierem que lha não contradigão, e lha fação guardar. E em testimunho desto lhe mandamos dar esta nossa carta. Dada em Coimbra xiiij dias de Janeiro. El-Rei o mandou. Alvaro Gonçalves a fez. Era de M. CCCC. XXXVI. annos (que responde ao de Christo de 1398).

Como os Religiosos se mostravão tão pouco amigos de possuir renda estavel, e certa (sendo assi, que nem com muita agencia he facil de negocear, ainda polos que são cubiçosos, qualquer requerimento de fazenda Real, pola sequidão, e tenacidade ordinaria dos Ministros) ou fosse descuido, e desazo

seu, ou as muitas occupações del-Rei, e as grandes despesas, que fez na conquista da cidade de Ceita em Africa, veio a falecer despois de longos annos de vida sem lhes deixar renda comprada, nem mais assentamento, que o trigo, vinho, pescadas, e cera, que se lhes pagava no Almoxarifado de Leiria. Mas entendendo que em seus successores não faltaria a liberalidade, que tal casa, e taes capellães merecião, pois todos por morte havião de vir a ter necessidade d'ella, e d'elles, mandou por verba de testamento o que em vida não pode comprir por obra, ordenando, e mandando se comprassem herdades, e bens de raiz pera sustentação dos Religiosos. A verba he de ver pera louvor da moderação dos Padres nossos antecessores, que sendo os Reis n'aquelle tempo muito liberaes, e tanto mais grandiosos quanto menos ricos, nunca lhe quiserão ser pesados requerentes, crecendo cada dia as obrigações, e o preço das cousas, e o numero dos Religiosos. A verba diz assi:

Consirando nós depois a maneira que estes Frades de S. Domingos tem entre si em semelhantes casos, ordenamos que se tenha esta ordenança no acabamento do dito Mosteiro, e seu bom soportamento, e mantimentos dos ditos Frades: a qual mandamos, rogamos, e encomendamos ao dito Infante Duarte meu filho, e a outro qualquer que vier, que seja Rei, e Senhor dos ditos Reinos. que a faça comprir, e guardar pela guisa que por nós he determinado. Primeiramente mandamos, que o dito Mosteiro se acabe de crastra, casarias, e de todos os outros edificios, que a bom comprimento do dito Mosteiro forem necessarios, polas rendas de Leiria. e seu termo com seu Almoxarifado: e pola guisa que se ora faz: e sejão em elle manteudos, e governados aquelle numero de Frades, que agora, e de cote igualmente está, assi, e pola guisa que ora som: os quaes tenhão aquella maneira de rezar suas horas, e dizer suas Missas, responsos, e fazer saimentos por minha alma, e da Rainha minha molher, em cuja gloria Deos acrecente, e assi como se ora faz: e acrecentando por minha alma despois de nosso enterramento aquellas Missas, e horas, que o dito Infante, ou outro que tras nós ficar Rei destes Reinos ordenar atá o dito Mosteiro ser acabado, e o numero dos trinta Frades em elle postos, e governados como a juso faz menção, e d'aqui ávante se tenha a maneira por nós ordenada. E acabado o dito Mosteiro de todas as obras necessarias como dito he, polas ditas rendas de Leiria, e termo, e seu Almoxarifado, tirando aquillo que for necessario pera governança dos ditos Frades, se

comprem tantas, e taes herdades, e bens, porque se possão rezoadamente manter, e governar de comer, beber, vestir e calçar os ditos trinta Frades da dita Ordem de S. Domingos, convem a saber, vinte de Ordens sagras, e os dez Noviços, e Frades leigos: e alem d'esto certos servidores, assi como amassadeira, cozinheiro, azemel, lavandeira, çapateiro, e outros semelhantes se lhe forem necessarios. E aquestes trinta Frades ordenamos que estém continuadamente no dito Mosteiro, etc.

Isto ordenou el-Rei em tempo que já não podia fazer mais, que encommendar. Assi não deixe ninguem de fazer o que he obrigado por rezão, ou por consciencia: em quanto tem tempo, á conta de mandar, e encommendar ao herdeiro, ainda que filho seja, e tão santo como foi el-Rei dom Duarte: porque o que não tolhe condição, tolhem casos, e desbaratão desastres. Entrarão pestes apoz a morte del-Rei, que descomposerão a Corte, e o curso dos negocios, e a todo Reino: foi muito curta a vida del-Rei dom Duarte; o que junto com a pouca agencia, e diligencia dos nossos Religiosos, deu causa a que nunca chegasse a effeito a disposição d'esta verba, na parte que toca a se nos comprarem, e darem herdades, e renda pera congrua sustentação da casa. Ficámos em fim em hum Convento Real vivendo até hoje de esmolas: porque esmola he o que recebemos das offertas, que atrás disse, as quaes acompanhão, e são devidas aos sacrificios, e orações dos Religiosos. E ainda n'estas offertas era tão curto o favor pera a casa, que quando el-Rei dom Filippe primeiro em Portugal, e segundo no resto da Espanha entrou n'este Reino, se achou por conta, que mandou fazer, que de cinco partes, que estavão taxadas a estes suffragios por estatutos do Synodo Provincial do Arcebispado, não recebia o Convento mais que huma só, na contia, que no Almoxarifado de Leiria se lhes pagava. Por onde se vivia n'elle com muito aperto. Era el-Rei sabio, e inteiro, dava fé de todas as materias tocantes a bom governo de seus Reinos, vio a quebra, reconheceo a obrigação de seus antecessores, emendou-lhes liberalmente suas faltas, e ficou suprindo com sua grandeza o desazo dos Frades: ao qual attribuia o padecermos tanto á vista dos Reis de Portugal magnificentissimos em todo o tempo com as Religiões. Merece memoria quem advertio a el-Rei, e procurou, e chegou ao cabo o melhoramento, que foi o Padre Frei João da Cruz, da primeira vez que foi Provincial. E com tudo, dado que se vive hoje com

mais largueza, e a casa sustenta de ordinario setenta Religiosos, ainda he de esmolas: porque a mercê apontada ficou feita nas mesmas offertas: reduzirão-se sómente a hum ponto mais alto, e conveniente na valia.

CAPITULO XXII

De algumas graças espirituaes, que el-Rei impetrou pera o Convento. E de outras cousas que ordenou pera bom governo d'elle, e conservação do edificio.

Temos visto atrás que a dispensação, que el-Rei dom João nosso fundador nos alcançou, servio quanto a elle, só pera a quinta que nos deu: e quanto aos Frades, pera pobres herancinhas de particulares: porque alguns bens, que polo tempo adiante nos derão os Principes, forão a titulo de esmola, e por rezão de suffragios, e obrigações, que nos encarregarão, como logo veremos. Porém não podemos negar que foi na verdade liberal, e grandioso Rei: e a falta, que nos fez, naceo mais de confiança demasiada nos successores, que de culpa sua. Mostrou-o bem em todas as mais cousas que ordenou em favor, e honra d'esta sua casa. Porque no espiritual, além da dispensação dita, impetrou do Summo Pontifice particulares graças, e indulgencias pera os Noviços que n'ella recebessem o habito, ou se criassem, ou falecessem. E quanto ao corporal não lhe esqueceo provel-a de cousas importantes: ordenando que assistisse hum medico continuo em lugar vizinho, d'onde acodisse aos enfermos, obrigado não só com salario conveniente, mas com honras, e privilegio de medico da casa Real. E huma cousa, e outra deixou estabelecida, e firme como por lei. Nem se descuidou sua providencia da necessidade, qne tem todos os grandes edificios de reparo continuado contra as injurias do tempo: e ordenou hum ministro, que com nome de Almoxarife, ou provedor das obras do Convento assistisse na vizinhança d'elle, a quem acodissem muitos officiaes de todos os mesteres, todas as vezes que se offerecesse necessidade de refazer, ou concertar alguma parte. E estes honrou com izenções, e liberdades: e pera que nunca houvesse falta, nem dilação no que cumprisse quiz que fosse o numero mui crescido. São cento e vinte e cinco pedreiros: sincoenta e seis cavouqueiros: vinte carreiros: dez servidores: e hum ferreiro, com dous carpinteiros sómente, visto como nos principios não havia cousa de ma-

deira, e carpintaria, mais que portas, e janellas, e tudo o mais he pedraria. Pera este genero de gente, e seu ministerio foi bastante a honra dos privilegios pera os ter sempre promptos, e prestes sem outro salario: porque este se estima muito em todas as occasiões: e ao tempo do trabalho levão sua paga ordinaria polo estado da terra. Mas porque o numero, e grandeza das vidraças he parte mui principal da fermosura, e aparato do Convento, e como cousa mais fragil tinha necessidade de remedio mais propinquo, assinou particular porção pera hum vidraceiro assistir, e entender quotidianamente no reparo d'ellas. E o partido he por rezão do salario, que leva, remedear á sua custa o que se for danificando das vidraças até medida de hum palmo; e passando de palmo fazer-se á conta do que ficou deputado de renda pera semelhantes despezas.

Rezão he que fique em companhia das grandezas d'este Rei a memoria que hum filho seu quiz deixar de seu nome n'este Convento. Foi este o Infante dom Anrique: a memoria, huma villa, que lhe deu no Bispado de Lamego, que chamão Valdija, a qual, ainda que he de pouco rendimento, fica em honra, e credito da casa.

CAPITULO XXIII

Que contém o epitafio latino da sepultura del-Rei dom João.

Parecia-me que não satisfaziamos a obrigação em que a este Principe estamos, por nos dar casa em vida, e se recolher commosco na morte, e nos querer pera o diante por capellães perpetuos, se passaramos a outra cousa sem ficar n'estes escritos huma breve memoria de seus gloriosos feitos. Mas fez-me anteparar o receio de que poderião perder muito de sua luz na pobreza de nosso estylo, além de encontrarmos as leis da historia geraes, e particulares d'esta, que trata só de gente desprezada do mundo, e fugitiva d'elle. Porém este mesmo medo me descobrio hum meio pera sem offensa do Rei, e da historia nos desobrigar da divida: o qual he lançar aqui de verbo ad verbum a letra que atrás prometemos de sua sepultura, mandada entalhar n'ella por el-Rei dom Duarte seu filho, que he a seguinte.

In nomine Domini. Serenissimus et semper invictus Princeps, ac victoriosissimus et magnificus, resplendens virtutibus, Dominus Joannes Regnorum Portugalliæ Decimus, Algarbij Sextus Rex: et post generale Hispaniæ vastamen primus ex Christianis famosæ civitatis Septæ in Africa potentissimus Dominus præsentibus Dominus præsenti tumulo extat sepultus. Excellentissimus iste Rex nobilissimæ ac fidelissimæ civitatis Ulixbonæ ortus anno Domini 1358, extitit per serenissimum Dominum Petrum suum genitorem militaribus in ætate quinquennij ibidem decoratus insignijs: et suscipiens post decessum Regis Ferdinandi fratris sui, ipsius Lixbonensis urbis et aliarum complurium munitionum, quæ se illi subdiderunt, gubernamen: obsessam personaliter per Regem Castellæ novem mensibus Ulixbonam mari grandissima classe, et per terram ingenti valatam exercitu, et plurimis Portugallensium Regis Castellæ potentiam roborantibus circunseptam, adversus feras et multiplices impugnationes ipsam Ulixbonensem civitatem strenuissimè defensavit.

Deinde nobilis civitatis Conimbricæ anno Dñi 1385 jocundissimè sublimatus in Regem, per se et per suos bellicus proceres miranda exercuit guerrarum certamina: et pluries adversantium dominia, et terras intrando gloriosissimus triumphavit: et præcipuam, et Regiam circa istud Monasterium victoriam est adeptus: ubi Regem Castellæ Dominum Joannem suorum maximo firmatum robore nativorum, et plurium Portugallensium, et aliorum extraneorum fultum subsidijs iste invictissimus Rex, virtute Dei Omnipotentis potentissimè debellavit: et quamplures istius Regni munitiones et castra jam sub hostium redacta potestate, viribus recuperavit armorum, usque in suæ vitæ terminum virtuosissimè protegendo. Et Deo recognoscens, gloriosissimæque Virgini Mariæ Dominæ nostræ potissimam victoriam, quam in vigilia Assumptionis obtinvit in mense Augusti, hoc Monasterium in eorum laudem ædificari mandavit, præ cæteris Hispaniæ singularius et decentius. Et soli Deo optans honorem et gloriam exhiberi, et tantum ipsi aut propter eum maioritatem fore cognoscendam, descriptionem quæ suorum prædecessorum temporibus in publicis scripturis sub Æra Cæsaris notabatur, decrevit sub anno Domini nostri Jesu fore de cætero annotandam. Hoc actum est Æra Cæsaris M. CCCC. LX. et anno Domini 1422 tempore aliter defluendo.

Ist fœlicissimus Rex non minus reperiens quæ susceperat regna illicitis subjecta moribus, quam sævis hostibus. ipsa expurgavit cum diligentia salutari, et propriis actibus virtuosis usitata facinora extirpando: pullulare

fecit in his Regnis probitates honestas: et solicitus ad pacem cum Christianis amplectendam, eandem ante proprium decessum pro se suisque successoribus obtinuit perpetuam. Et succensus fidei fervore iste Christianissimus Rex comitante eundem serenissimo Infante Domino Eduardo suo filio et hærede, et Infante Domino Petro, et Infante Domino Henriquo, et Domino Alfonso Comite de Barcellos præfati Regis filijs et ingenti suorum naturalium impavida sociatus potentia, cum maxima classe plusquam ducentis viginti aggregata navigijs, quorum pars numerosior maiores naves et grandiores extitere triremes, in Africam transfretavit: et die prima qua telluri Afrorum impressit vestigia, nobilem et munitissimam civitatem Septam oppugnando in suam potestatem redegit mirificè, et postmodo eidem urbi plusquam centum mille (ut asseritur) Agarenorum ultra marinis et Granatæ pugnatoribus obsessæ idem gloriosimus Rex per suos illustres genitos Infantem Dominum Henricum, et Infantem Dominum Joannem, et Dominum Alfonsum Comitem de Barcellos, et alios Dominos et generosos succursum misit: qui fugantes de obsidione Agarenos, quam plurimos in ore gladij trucidando, ipsorum classe submersione, incendio et captura conquassata, prædictam liberavit civitatem Septam, quam decem et octo annis minus octo diebus anno Domini 1433 in mense Augusti vigilia Assumptionis Sanctissimæ Mariæ Virginis terminatis adversus bellicos Agarenorum multiplicatos insultus validissimè præsidiavit.

Mense autem et vigilia prædictis iste gloriosissimus Rex in civitate Ulixbonæ assistentibus suis filijs, et alijs quamplurimis generosis vitam fœliciter complevit mortalem, relinquens notabilem urbem Septam sub potestate altissimi potentissimique Domini Eduardi filii ejus, qui paternos actus viriliter imitando, eandem in fide Jesu Christi nititur prosperè gubernare. Iste autem excellentissimus, et virtuosissimus Rex Dominus Eduardus transtulit honorantissimè corpus Christianissimi Regis patris sui, assistentibus eidem suis germanis Infante Domino Petro Duce Collimbriæ et Montis maioris Domino, Infante D. Henrico Duce de Viseo, et Domino Covillianæ, et Gubernatore Magistratus Christi: Infante Domino Joanne Comitestabili Portugalliæ, et Gubernatore Magistratus Sancti Jacobi: et Infante Domino Ferdinando, et Domino Alfonso Comite de Barcellos filiis præfati Regis Domini Joannis, qui tempore sui obitus alios non habebat, præter duas filias, quarum una erat Domina Infans Elisabeth Ducissa Burgundiæ, et Comitissa Flandriæ, et aliorum Ducatuum, et Comitatuum: et alia Domina Beatrix Comitissa Hontinto et Arondel, quæ in suis terris permane-

bant. Habebat autem Dominus Joannes nepotes qui Dominicæ translationi affuerunt Dominum Alfonsum Comitem de Ourem, et Dominum Ferdinandum Comitem de Arrayollos filios Comitis de Barcellos: et habebat nepotem Dominum Infantem Alfonsum primogenitum Domini Eduardi, et alios nepotes, et pronepotes qui annumerati cum filijs erant viginti, tempore quo de præsenti sæculo migravit ad Dominum.

Affuerunt etiam hujus translationis celebritati omnes qui tunc in Cathedralibus Ecclesis istorum Regnorum Prælati erant, et alii complures cum multitudine clericorum et Religiosorum copiosa: et Domini et generosi hujus patriæ, civitatum etiam et munitionum procuratores extitere præsentes. Fuit autem venerandissimé delatum Regium corpus ejus ad istud monasterium trigesima die Novembris anno Domini supradicto, et in Capella maiori cum excellentissima et honestissima, et christianissima Domina Philippa ejus unica uxore prædictorum Regis Eduardi et Infantum, et Ducissa Illustrissima genitrice. Anno vero sequenti die decima quarta mensis Augusti fuere per Regem Eduardum et Infantes et Comites prælibata corpora prædictorum Regis, et Regina Philippæ cum honore mirifico ad hanc Capellam delata, quam ædificari pro sua sepultura imperavit. Huic deductioni extitere præsentes altissima et excellentissima Princeps Domina Leanor horum Regnorum Regina, et Infans Domina Elisabeth Ducissa Collimbriæ, et Infantis Domina Elisabeth uxor Infantis Domini Joannis, et præcipua pars Dominorum et generosorum istius terræ, qui interfuerunt sepulturis prædictorum Dominorum Regis et Reginæ, quibus Deus sua miseratione et pietate largiri dignetur sine fine felicitatem. Amen.

CAPITULO XXIV

Declara-se em vulgar o epitafio del-Rei latino.

Pareceo-nos acertado separar a tradução vulgar d'este elogio, assi por ser mui largo, como pera o acharem os curiosos cada hum por si distinto em sua lingoagem. O Portuguez diz assi.

«Em nome do Senhor: jaz n'esta sepultura o serenissimo, e sempre invicto, victoriosissimo, magnifico, e em virtudes esclarecido Principe dom João, decimo Rei de Portugal, e sexto do Algarve, e o primeiro entre todos os Christãos, que despois da perda geral de Espanha foi se-

nhor da famosa cidade de Ceita em Africa. Naceo este excellentissimo Rei na muito nobre, e muito leal cidade de Lisboa no anno do Senhor de mil e trezentos e sincoenta e oito, e n'ella foi armado cavalleiro em idade de sinco annos por mão do serenissimo Rei dom Pedro seu pai. E tomando á sua conta despois da morte del-Rei dom Fernando seu irmão o governo da mesma cidade, e de muitas outras forças, que se lhe entregarão, defendeo-a valerosamente contra el-Rei de Castella, que nove mezes a teve cercada por mar com mui grossa armada, e por terra com exercito acometendo-a com muitos apertados assaltos, e sendo ajudado de muitos Portugueses.

«Sendo despois levantado por Rei na cidade de Coimbra com geral alegria no anno de 1385, fez por sua pessoa, e de seus Capitães, grandes feitos em armas, e entrando muitas vezes polas terras de seus enemigos alcançou notaveis vitorias: e a principal, que teve, foi a que Deos lhe deu junto a este Convento, vencendo, e desbaratando em batalha campal a el-Rei dom João de Castella, que trazia comsigo hum poderoso exercito de seus vassallos, e vinha acompanhado de muitos Portugueses, e outros estrangeiros que o servião. E logo foi ganhando á força de armas muitas forças, e castellos, de que os enemigos se tinhão apoderado; que despois valerosamente sustentou, e defendeo por toda a vida. E conhecendo que Deos fora o que lhe dera a vitoria por intercessão da gloriosissima Virgem Nossa Senhora, que succedeo na vespora da sua festa da Assumpção por Agosto, mandou á sua honra edificar este Convento, que he a melhor obra de toda Espanha. E com desejos da maior gloria de Deos, e pertendendo que só a elle se reconhecesse n'este Reino superioridade em tudo, assentou que os annos, que polo tempo atrás se costumavão a contar nos autos, e instrumentos publicos pola era de Cesar, se reduzissem ao Nacimento de Nosso Senhor Jesu Christo: e fez que começasse a correr esta conta do anno de mil e quatrocentos e vinte e dous em diante, no qual andava a era de Cesar em M. CCCC. LX.

«E achando estes Reinos não menos estragados de costumes, que desbaratados das insolencias dos enemigos, poz diligencia em os emendar, e apurar desterrando com seu exemplo, e obras santas todas as devassidões, e maldades que geralmente se usavão, e prantou, e fez florecer em seu lugar obras de virtude, honestidade, e honra. E procurando escusar guerras com Christãos deixou antes de sua morte assentada com

elles paz perpetua pera si, e pera seus successores. E abrasado em fogo da fé passou em Africa com huma grossissima armada, em que havia mais de duzentas e vinte velas, a maior parte náos de grande porte, e galés Reaes: e foi acompanhado n'ella dos Infantes dom Pedro, e dom Enrique, e do Conde de Barcellos dom Affonso, seus filhos, e de grande poder, e numero de animosos vassallos: com os quaes no mesmo dia em que poz os pés em terra de Mouros, tomou de assalto com espanto do mundo a fortissima, e famosa cidade de Ceita. E pouco tempo despois vindo sobre ella (segundo se affirma) mais de cem mil combatentes Mouros de Berberia, e Granada, e tendo-a apertadamente cercada, elle a mandou soccorrer polos Infantes dom Enrique, e dom João, e polo Conde de Barcellos seus filhos, e por outros senhores, e fidalgos: os quaes acometendo aos Mouros os fizerão levantar, e fugir com morte de muitos, e toda sua armada desbaratarão, metendo muitos navios no fundo, queimando outros: e assi livrou a cidade.

«E havendo dezoito annos menos oito dias, que se comprião vespera da Assumpção da Virgem Nossa Senhora do anno de 1433, que a tinha tomado, e fortificado bastantemente contra todo acometimento de enemigos: no mesmo dia, mez, e anno acabou este gloriosissimo Rei bemaventuradamente sua vida na cidade de Lisboa, rodeado de seus filhos, e de grande parte da nobreza do Reino, deixando a cidade de Ceita em poder do mui alto, e mui poderoso Rei dom Duarte seu filho, que á imitação de tal pai procura mantel-a, e governal-a com estes Reinos na fé de Jesu Christo. O mesmo Rei dom Duarte tresladou com grande honra e magestade o corpo del-Rei seu pai, acompanhando-o seus irmãos o Infante dom Pedro Duque de Coimbra, e senhor de Monte mór, e o Infante dom Enrique Duque de Viseu, e senhor de Covilhã, e Governador do Mestrado de Christo, e o Infante dom João Condestabre de Portugal, e Governador do Mestrado de Santiago, e o Infante dom Fernando, e o Conde de Barcellos dom Affonso filho do dito Rei dom João: o qual ao tempo de seu falecimento não tinha outros, senão duas filhas, que estavão casadas, e vivião em suas terras com seus maridos, huma a Infanta dona Isabel Duqueza de Borgonha, e Condessa de Frandes, e senhora de outros muitos estados: e outra a senhora dona Beatriz Condessa de Hontinton, e Arondel em Inglaterra. Assistirão mais n'esta tresladação todos os netos, e bisnetos que havia del-Rei dom João, a saber: dom Affonso Conde de Ourem, e dom Fernando Conde de Arraiolos

filho do Conde de Barcellos. E tinha n'este tempo outro neto, que era o Infante dom Affonso, filho primogenito del-Rei dom Duarte: os quaes contados com os filhos fazião todos numero de vinte pessoas. Acodirão tambem, e forão presentes todos os Bispos que havia no Reino, com outros muitos Prelados, com grande numero de Clerizia, e Frades, e os Senhores de terras, e Alcaides móres, e Fidalgos particulares. Assi foi trazido o Real corpo com muita reverencia a este Convento: e entrou n'elle aos trinta dias do mez de Novembro do dito anno: e foi sepultado na Capella mór com a Rainha dona Filippa sua unica molher, e mãi Illustrissima del-Rei dom Duarte, e dos Infantes ditos. E no anno seguinte aos quatorze de Agosto forão os corpos ambos com nova pompa passados a esta Capella, que pera sua sepultura tinhão edificado. E acharão-se presentes a mui alta, e excellentissima Princeza dona Lianor Rainha d'estes Reinos, e as Infantes dona Isabel Duqueza de Coimbra, e dona Isabel molher do Infante dom João, com a maior parte dos Prelados, e nobreza do Reino, até ficarem recolhidos em suas sepulturas. As almas tenha o Senhor Deos em sua gloria. Amen.»

Estão mais esculpidos á cabeceira del-Rei sinco versos latinos, que são os seguintes (e escusamos traduzil-os, porque não dizem cousa de novo mais que o epitafio.)

Hoc tegitur tumulo fœlix Rex ille Joannes,
Magnanimus, pius, et cunctorum gloria Regum,
Militiæque decus, firmissima regula legum:
Qui tumidum Regem parvo cum milite fregit
Castellæ, et Septam sibi magna classe subegit,

CAPITULO XXV

Que contém huma parte da letra do epitafio da Rainha dona Filippa, com sua significação.

Mas não nos corre menos obrigação de dizermos alguma cousa da Rainha dona Filippa, por molher de tal Rei, por mãi de tantos, e taes Infantes, e por suas grandes, e excellentes virtudes. O modo já está achado, que he valermo-nos do epitafio, que estavamos obrigados a referir,

notado polo marido, mandado gravar polo filho, ambos Reis. E porque contém muita leitura, da qual huma grande parte serve pouco n'este lugar, por ser relação de gerações, e decendencias dos Reis de Inglaterra, lançaremos aqui sómente o que d'elle pertence á sua vida, e condições, deixando o mais pera as Cronicas do Reino. E tomado d'onde faz a nosso caso diz.

Hæc fœlicissima Regina á puellari ætate, usque in suæ terminum vitæ fuit Deo devotissima: et divinis officij Ecclesiastice consuetis tam diligenter intenta, quod clerici et devoti erant religiose per eandem sæpius eruditi: in oratione autem tam continua, quod demptis temporibus gubernationi vitæ necessarijs, contemplationi aut lectioni, seu devotæ orationi totum residuum applicabat. Plurimum vero fidelissime dilexit proprium virum: et moralissime proprios filios castigando virtuosissime doctinavit: et bona temporalia circa Ecclesias et monasteria distribuendo pauperibus plurima erogabat, generosis Dumicellis maritandis manus liberalissimas porrigebat. Erat enim integra populi amatrix, et pacis plena desideratrix, et efficax adjutrix ad pacem habendam cum Christicolis universis, et libenter assentiens in devastationem infidelium pro Dei injuria vindicanda: et tantum prona etiam ad indulgentiam, quod nunquam accepit de sibi errantibus, nec consensit vindictam fieri aliqualem. Virtuosissima ista Domina extitit fœminis maritatis bene vivendi regulare exemplar, Domicellis directio et totius honestatis occasio: cunctisque suis subjectis fuit curialis urbanitatis moderatissima doctrix. In his autem et alijs quam plurimis perseverando virtutibus, quarum plurimitatem hujus lapidis humilitas nequiret ullatenus præsentare, dictim et continue pervenit ad istius vivendæ mortalis limitem ordinatum: et sicut ejus vita fuit optima et valde sacra, sic mors extitit pretiosa in conspectu Domini, et nimium gloriosa: et receptis laudabiliter omnibus Ecclesiasticis Sacramentis proprios filios benedixit commendans eisdem quæ intendebat fore ad Divinum obsequium et honorem et profectum istorum Regnorum, et quæ in eis sperabat causatura crementum indubie: virtuosissime, taliterque hujus mundi labores finaliter adimplevit, quod præsentes qui relata audierunt firmam suæ salvationis spem retinent singularem. Obijt autem decima octava die Julij anno Domini 1415 et in monasterio do Odivellis ante Chorum Monjalium decima nona die mensis ejusdem extitit sepulta: et anno sequenti mensis Octobris die nona fuit pretiosum corpus ejus desepultum, integrum inventum et suaviter odo-

riferum, et victoriosissimum Regem Dominum Joannem ejus conjugem, et per serenissimos Infantes, scilicet, Dominum Eduardum suum primogenitum, et Dominum Petrum Collimbriæ Ducem, et Dominum Henricum Ducem Viseensem, et Dominum Joannem, et Dominum Fernandum, et Infantem Dominam Elisabeth ipsius gloriosissimi Regis, et fœlicissimæ Reginæ filios sociante Prælatorum, et Clericorum, et Relegiosorum copia numerosa, et Dominis et generosis Dominabus et Domicellis quamplurimis comitantibus, fuit corpus dictæ Reginæ honorandissime transiatum ad istud Monasterium de Victoria: et tumulatum in capella majori et principaliori, die mensis Octobris decima quinta anno Domini 1416: et postea fuit translatum ad hanc capellam in hoc tumulo reconditum cum corpore gloriosissimi Regis Domini Joannis sui conjugis virtuosissimi sub illa forma quæ in suo epitaphio continetur. Horum autem personas Deus Omnipotens glorificare dignetur perpetua fœlicitate. Amen.

Esta he a parte, que nos pareceo tresladar aqui do epitafio da Rainha dona Filippa. E pera se entender melhor a tradução, he de saber, que o Duque João de Lencastre, filho del-Rei Duarte de Inglaterra, houve este Ducado por casamento com dona Branca unica filha, e herdeira do Duque Anrique ultimo possuidor d'elle. E d'esta dona Branca teve filhos, que forão Anrique Rei de Inglaterra, quinto d'este nome, e a nossa Rainha dona Filippa: a qual o mesmo pai trouxe a este Reino pera casar com el-Rei dom João, em huma poderosa armada, com que veio fazer guerra aos Reinos de Castella que pretendia herdar, como patrimonio de sua segunda molher, filha del-Rei dom Pedro de Castella, que chamarão o Cruel. E o casamento se fez sendo el-Rei dom João de idade de vinte e nove annos, e ella de vinte e oito. E despois de terem muitos filhos, fazendo-se el-Rei prestes pera ir sobre Ceita, ella lhe pedio licença pera ficar recolhida com as freiras de Odivellas: onde adoeceo logo, e faleceo antes de se effeituar a jornada: e he fama, que na hora de seu transito a consolou a Virgem Nossa Senhora com sua gloriosa vista: e com este prologo passemos á tradução, que he a seguinte.

«Esta felicissima Rainha desde sua mininice até o fim da vida foi muito dada a Deos: e era tão pratica, e bem instruida na reza, e Officios Divinos da Igreja, que acontecia muitas vezes advertir com Real benignidade, e insinar algumas cousas a Sacerdotes letrados, e devotos. Na

oração era tão continua que fóra do tempo que lhe tomavão as occupações forçosas da vida, todo o restante empregava em contemplar, ou ler, ou rezar. A el-Rei seu marido amou sobre todo encarecimento: a seus filhos criou em toda a virtude, e bons costumes, com doutrina, repreensão, e castigo. Suas rendas particulares despendia com Igrejas, e Mosteiros, e á gente pobre fazia grossas esmolas: mas pera casamentos de donzellas nobres dava tudo, e com grande largueza. Do povo em geral era muito amiga, ninguem desejava mais a paz, ninguem com mais efficacia a persuadia, procurando que a houvesse entre os Christãos, e tomando bem fazer-se guerra aos infieis, em vingança das offensas que fazem a Deos. E com isto era tanta sua mansidão, que por erros comettidos contra sua pessoa nunca maltratou, nem consentio que fosse ninguem maltratado.

«Foi esta senhora hum modelo, e regra de virtude conjugal pera casadas; guia, e ensino pera donzellas; meio, e occasião de toda a honestidade pera o Reino: e porque não faltasse em nada, tiverão n'ella os que a servião huma mestra mui discreta, e grave da graça, e galantaria de palacio, e de toda a politica cortezã. E continuando n'esta, e outras muitas virtudes (de que esta pedra por grande que fora, não era capaz), e crescendo cada dia, e adiantando n'ellas, chegou ao praso ordinario da vida mortal: e como a sua foi sempre muito boa, e santa, assi a morte nos olhos de Deos foi preciosa, e muito bemaventurada. Recebidos devotamente todos os Sacramentos da Igreja, lançou a benção a seus filhos; e encomendando a cada hum o que entendia que convinha ao serviço, honra de Deos, e proveito d'estes Reinos, e aquillo que esperava lhes fosse occasião de acrescentar, e melhorar na virtude, de tal maneira deu remate aos trabalhos do mundo, que tanto nos que se acharão presentes, e forão testimunhas de vista, como nos ausentes que a relação ouvirão, deixou huma firme, e mui assentada opinião, que está gozando de Deos. Faleceo a dezoito de Julho de 1415, e foi sepultada no dia seguinte no antecoro das Freiras de Odivellas. E sendo desenterrada no anno adiante em nove de Outubro, foi achado seu corpo inteiro, e sem corrupção, e acompanhado de suave cheiro, e foi trazido a este Convento polo victoriosissimo Rei dom João seu marido, e polos serenissimos Infantes, a saber, dom Duarte seu filho primogenito, dom Pedro Duque de Coimbra, dom Anrique Duque de Viseu, dom João, e dom Fernando, e dona Isabel filhos d'elle, e d'ella: sendo acompanhados de

grande numero de Prelados, e Clerigos, e Frades, e de todos os senhores, e fidalgos da Corte, e de muitas donas, e donzellas illustres que seguião a Infante dona Isabel: e em quinze de Outubro do anno de 1416 ficou depositado na capella mór, d'onde foi despois tresladado a esta capella, e sepultura em companhia del-Rei seu marido, na fórma que no epitafio do dito Rei se declara. Ambos tenha o Senhor em sua gloria. Amen.»

Aqui pertence advirtirmos aos curiosos, que querem rezão de tudo, que a letra de huma pedra, que parece na Igreja á entrada da porta travessa contém hum breve epitafio Latino d'esta santa Rainha pera memoria da sua primeira tresladação pera esta Igreja, que fica contada, em quanto tardava a segunda pera a sua capella, que foi muitos annos despois.

CAPITULO XXVI

De hum caso milagroso, que se vio em Lisboa em hum Officio solene de exequias celebrado pola alma d'el-Rei dom João o primeiro.

Faltava pera ultimo comprimento das boas venturas del-Rei dom João sabermos que gosava da maior de todas, e sem a qual todas as do mundo são fumo, e vaidade: e porque esta lhe não faltasse, e d'isso tivessemos hum sinal dos que humanamente fazem em semelhantes casos grande prova, ordenou a Divina Providencia, que costumando el-Rei dom Duarte celebrar todos os annos solenes honras por sua alma (como ainda hoje se fazem nas vesperas de Nossa Senhora da Assumpção) succedesse caso tão prodigioso em hum Officio, que se fez no terceiro anno despois de seu falecimento na Sé de Lisboa, que geralmente foi havido por obra do Ceo, e testimunho de sua gloria: e como tal se autenticou por mandado do Arcebispo de Lisboa dom Pedro de Noronha, filho mais velho do Conde de Gijon, e Norvenha, e irmão do Conde primeiro de Alcoutim, que fundou a casa dos Marquezes de Villa Real. E porque foi justificado com fé de testimunhas, e d'elle se passarão instrumentos publicos, devemos á boa memoria d'este Rei, a quem o consentimento commum por suas obras deu este nome, de boa memoria, pormos aqui hum treslado em lugar de relação. E he o que se segue.

«Em nome da Santa, e individua Trindade, Padre, Filho, e Espirito Santo. Sejão certos quantos este publico estromento virem, que no an-

no do nacimento de Nosso Senhor Jesu Cristo de 1437 annos, quatorze dias de Agosto em a mui nobre, e leal cidade de Lisboa, na Igreja Metropolitana da dita cidade, estando ahi o muito honrado, e prezado senhor dom Pedro de Noronha, Arcebispo d'essa mesma cidade, e João Rodrigues Daião, Nuncio Apostolico, e Collector Geral, e Afonseanes Chantre, e Gonçalo da Silveira Thesoureiro, e Apostolico Protonotario, e Affonso Gonçalves Mestre-escola, e Rafael Perestrello, e Gomes Paes em Degredos Licenciado, Conegos, Beneficiados da dita Igreja. O muito honrado Pedreanes Lobato Cavalleiro, e Governador da casa do Civel, e Diogo Affonso Doutor utriusque juris do Desembargo del Rei, e Gonçalo Gonçalves Camello Chanciler da casa do Civel, e outras muitas honradas pessoas, assi Ecclesiasticas como segraes, em presença de mim Alvaro Affonso Notario, e pessoa publica por autoridade Real na dita cidade, e testimunhas ao diante escritas, o dito senhor Arcebispo disse: Muitas santas graças, e louvores sejão dadas ao muito alto Deos por quem elle he, e a sua Santissima Madre a Virgem gloriosa Santa Maria, por querer demostrar a nós peccadores o galardão que dá a seus devotos, e servidores por demonstração de milagres a olhos vistos, e palpaveis. E como assi seja, que o muito alto, e mui poderoso, e esclarecido, e temido el-Rei dom Duarte, cujo estado com longa vida seja acrecentado, tem ordenado des o apartamento que o mui vitorioso, e de toda a virtude comprido el-Rei dom João de boa memoria seu padre fez da presente vida, que segundo parece, fazer-se em cada hum anno solenes exequias no dia que fez seu acabamento, que foi aos quatorze de Agosto 1433, começarem-se as vesperas das ditas exequias, em as quaes ordenou serem acesos em o altar principal da dita Igreja seis cirios, cada hum de peso de huma livra de cera, e que acabadas as ditas vesperas se acendessem vinte e quatro tochas, cada huma de peso de terço de arroba, e se darem a vinte e quatro beneficiados da dita Igreja, que as tivessem acesas em quanto se dissesse o derradeiro responso, assi ás ditas vesperas como em o outro dia á Missa: as quaes forão celebradas especialmente com ajuntamento de toda a clerezia, e Religiosos da dita cidade. E acabadas as ditas exequias Gregorio Alvares, meio Conego da dita Igreja, que entom recebedor era da cera do dito Cabido, por saber como usavão os officiaes do dito senhor Rei em darem os ditos cirios, e tochas, fez pesar os ditos seis cirios que no altar principal acesos forão, e achou que pesavão assi queimados seis livras e meia: e por se fazer certo demandou Diogo

Lourenço Cerieiro, que fizera os ditos cirios, quanto pesavão, disse que pesarão seis livras. E com este dito se veio a nós onde eramos no Mosteiro de Santa Maria da Graça, da Ordem de Santo Agostinho, com o dito senhor Rei, em companhia da procissão, que ordenada he em cada hum anno fazer-se em louvor da Virgem da Graça, por a vitoria da batalha Real, que ella quiz demostrar, e dar ao dito Rei dom João: referendonos o que dito he, mandando-lhe que fizesse vir perante nós o dito Cerieiro, o qual veio, e dentro na Sacristia da dita Igreja, presente os sobreditos, démos juramento sobre os Santos Evangelhos ao dito Cerieiro que dissesse a verdade: o qual polo dito juramento disse, que quando entregara os ditos seis cirios com vinte e quatro tochas, que os cirios pesavão seis livras, e as tochas oito arrobas: e que o acharião escrito no livro do peso publico do Concelho, hu forão pesados, e escritos no livro da imposição da cera; e ainda escrito por João Alvares escrivão do thesouro do dito senhor Rei: os quaes seis cirios feitos polo dito Cerieiro assi queimados, e presente nós, e as ditas pessoas pesarão seis livras e meia: e mandámos pesar as tochas, e referido o peso por pessoas dignas de fé, e polo dito Cerieiro, e officiaes que pesarão as queimadas as ditas oito arrobas, como pesavão antes que acesas fossem. E visto por nós todo esto, com acordo do nosso Cabido, e com Doctores, e Letrados, e outros virtuosos, e entendentes pessoas que presentes erão, concludimos ser feito esto miraculosamente por o muito alto Deos, por petitorio de sua Madre Virgem gloriosa, cujo devoto servidor o dito Rei sempre foi. E em testimunho d'ello mandamos tanger todos os sinos da dita cidade. Sendo a nós pedidas cartas testimunhaveis, as quaes lhe mandamos dar de nosso sinal, e sello: e a mim dito Notario pedidos hum, e muitos estromentos. Testimunhas que a esto presentes forão os nomeados no dia, mez, e anno sobredito. E eu dito Alvaro Affonso, Notario publico por autoridade Real em a dita cidade, que este estromento escrevi por mandado, e requerimento do dito senhor Arcebispo, e dou minha verdadeira fé que se passou presente mim o que si sobe, como em este estromento se contém. Não seja duvida o respansado, que diz, com o dito senhor Rei em companhia da procissão que ordenada he em cada hum anno fazer-se em louvor: que eu dito Notario o corregi ao concertar. E porém em testimunho de verdade assinei aqui por minha mão do meu publico sinal que tal he.»

Este successo de crecer a cera, ou não se gastar nada, ou gastar-se em tão pouca quantidade, que lançada conta ao tempo que servio ardendo, parece exceder os termos naturaes, he hum argumento nos Officios dos fieis defuntos, de que ordinariamente se faz muito caso, junto com a boa opinião que deixão de vida, e costumes, pera se consolarem os que os amão, e se ratificarem no juizo que de suas obras fazião, havendo que tem por ellas galardão de gloria. Alguns semelhantes deve ter encontrado o leitor no que fica atrás escrito, e outros achará no que resta d'esta historia: porque não he bem deixarmos nada do que achamos apontado em credito, e honra d'aquelles de quem escrevemos. Mas pode-se fiar de nós, que em todos fizemos as diligencias que está obrigado quem sahe a publico, e deseja não ser julgado, ou por facil em crer, ou por temerario em contar.

CAPITULO XXVII

Do nacimento do santo Infante dom Fernando: e de sua religiosa vida, e santos costumes.

Segundo a ordem que até este ponto vamos seguindo de contar tudo o que achamos digno de memoria por qualquer via que seja em cada Convento: não pedirei perdão do titulo que damos ao capitulo presente. Porque onde concorre santidade, e pessoa Real, e tocar-nos tão de perto como em filho do fundador, e em Principe d'este Reino: e tal Principe que polos naturaes d'elle offereceo sua pessoa a hum duro cativeiro, e em fim deu a vida porque se não désse aos Mouros huma cidade importante: tudo convida a afinar em seu serviço o estylo, não só a referir o que lhe toca polo termo ordinario que levamos. Que se Roma estimou tanto os seus Decios, que não acaba de os pôr no Ceo com louvores (1), porque souberão disfarçar-se pera se lhe perder o respeito entre os enemigos, e poderem com sua morte fazer seus exercios vencedores. E se a mesma Roma fez igual caso de hum Regulo, porque se atreveo a aconselhar no Senado que não resgatasse cativos (2) sendo elle que o aconselhava, hum d'elles (e não erão os Decios nem Regulo mais que huns cidadãos ordinarios ainda que muito nobres) com que pagare-

(1) M. Tullius lib. 2. Tuscul. —Valer. Max. lib. 5. cap. 6. (2) Val. Max. lib. 1. cap. 1. —Horat. Carm. lib. 3. Ode 5.

mos nós ao Infante dom Fernando filho, e irmão de Reis, que se entrega aos enemigos da fê por salvar os seus que vê perdidos: e despois aconselha que se não entregue Ceita estando na entrega d'ella o remedio de sua vida, e liberdade? Com toda esta obrigação procuraremos abreviar suas cousas, assi porque andão livros d'ellas, como por tornarmos brevemente ao sujeito principal que temos á nossa conta de Religiosos de S. Domingos.

Foi este Infante ultimo filho del-Rei dom João, e da Rainha dona Filippa. Naceo em Santarem no anno de 1402 quasi por milagre. Andava a Rainha prenhada, adoeceo tão gravemente, que foi parecer dos medicos, que morreria do mal, se não procurasse abortar a creatura, que em suas entranhas trazia. Offereceo-lhe el-Rei seu marido de sua mão huma bebida composta pera o effeito: mas esteve tão longe de a tomar, que quanto mais certificada foi de sua morte, se tardava em a levar, tanto com maior valor a engeitou. Agradou este animo a el-Rei, mandou trazer reliquias de Santos, dar esmolas, fazer orações. E por tal caminho deu vida, e bom parto á enferma a pesar da medicina; e com elle hum filho que alegrou a Corte, e o Reino (quasi pronostico do muito que despois havia de fazer polo mesmo Reino). Como filho de dores, e perigo assi foi amado da Rainha pera o criar com dobrado cuidado: e como havido por orações, e sacrificios assi sahio em condições huma creatura celestial. Desde moço se entregou todo a Deos com exercicios, de sorte que sendo de quatorze annos rezava o Officio Divino como hum Sacerdote. E pera se desviar do trato ordinario da Corte, e conservar a preciosa joia da castidade, e pureza que toda a vida amou, e guardou, sahia raramente de casa, occupando todo o tempo, sem dar hora á ociosidade, em ler e estudar: e d'ahi veio que foi bom Latino, e na Sagrada Escritura tão versado, que parecia mais graça do Ceo, que força de estudo.

Obrigou-o el-Rei seu pai a mais cuidado dando-lhe cedo casa, e estado, e rendas particulares com duas villas, que forão Salvaterra de Magos, e a Atouguia. Aqui começou a descobrir huma prudencia, e siso de velho. Bem se diz que não se mede a velhice por cans, nem por annos, senão polo saber (1). Era sua casa hum reformado Convento na vida dos moradores, no governo, e concerto das cousas. Possuia menos renda que seus irmãos, como menor que era de todos, mas luzia-lhe muito

(1) Sap. 4.

mais. Em particular era de ver a ordem de sua capella na solenidade com que fazia celebrar os Officios Divinos, na virtude dos Capellães, na escolha dos Prégadores, na prata, paramentos, e ornato d'ella. Creceo despois tudo com a renda que el-Rei dom Duarte seu irmão lhe acrecentou fazendo-o Mestre de Avis. Aqui he de considerar que não pode el-Rei acabar com elle, que aceitasse esta dignidade sem primeiro lhe haver dispensação de Roma. Porque dizia, que sua tenção não era ser Religioso, e sendo leigo tinha escrupulo de gozar rendas Ecclesiasticas. Tal foi a pureza de sua consciencia, que não só estes bens refusava, mas he certo que nunca quiz aceitar de seu irmão fazendas confiscadas, por mais justificada que fosse a causa da confiscação. E não espantará isto despois que dissermos a vida que fazia em particular. Jejuava infallivelmente cada semana tres dias, quartas, e sestas, e sabados: e os sabados erão a pão, e agoa. Todas as vigilias das festas de Christo não comia mais que pão, e agoa, e por mais humildade, e mortificação não queria que o pão fosse alvo. O mesmo fazia nos tres dias antes da Paschoa, e n'estes assistia sempre na Igreja diante do Santissimo Sacramento. Muitas outras festas do anno, e Santos de sua devação jejuava as vesperas, e algumas tambem a pão, e agoa: entre as quaes erão todas as vigilias de Nossa Senhora por particular devação que lhe tinha. E he de notar, que sendo tantas abstinencias poderosas pera desbaratarem huma complexão mui robusta, era a do Infante naturalmente muito delicada, e fraca: porque desde seu nacimento foi sempre perseguido de achaques, e particularmente padecia grande mal de coração. Assi se via que todas estas obras nacião de força de espirito, e lhe ficavão mais custosas que a qualquer outro sujeito. Ao Santissimo Sacramento tinha tanta reverencia, que além de acodir prontamente a acompanhal-o quando o levavão aos enfermos, não se contentava com menos que levar huma tocha diante. E pola mesma rezão não consentia que lhe falassem na Igreja, nem dava n'ella audiencia a pessoa alguma. Da mesma causa procedia respeitar muito toda a gente Ecclesiastica, e Religiosa, e ser com ella facil, e affavel, e muito mais com os que sabia serem virtuosos, e devotos. Compadecia-se muito dos pobres, e affligidos, e ouvia suas lastimas com muita paciencia, e consolava-os de palavra, e obra, de maneira, que já era publico que ninguem sahia de sua presença descontente. Aos Mosteiros tinha particular gosto de acodir com suas esmolas, e ajudal-os nos Capitulos, pera participar de seus suffragios: e estendendo a charidade a

mais alto ponto, mandava celebrar muitas Missas por cativos, e naufragantes, e enfermos, especialmente lazaros de que muito se dohia. E em fim o dizimo de todas suas rendas de cada anno empregava em esmolas, e obras pias. E era tal a fama que de suas virtudes, e prudencia no Reino, e fóra d'elle corria, que o Papa Eugenio quarto lhe mandou offerecer o capello de Cardeal por hum Abbade da Camaldula de Florença, que veio por Nuncio a Portugal, e elle o não aceitou pola rezão que temos dito de que não determinava ser Religioso. Pola mesma causa lhe davão seus filhos com muito gosto, os fidalgos mais illustres do Reino pera o servirem, e se criarem em tão santa escola como sabião que era sua casa.

CAPITULO XXVIII

Embarca-se o Infante na jornada de Tangere, e chegando o Campo a ponto de se perder, offerece-se a ficar em poder dos Mouros, polo salvar.

Trinta e quatro annos tinha o Infante comprido na vida, e exercicios que atrás temos dito, quando el-Rei seu irmão determinou mandal-o com huma poderosa armada sobre a cidade de Tangere. Era jornada cheia de inconvenientes, e por isso encontrada de todos os homens de bom juizo: e o Infante era hum dos que mais a reprovavão. E el-Rei fazendo General d'ella ao Infante dom Anrique mandou-o embarcar com elle. Na hora que soube a vontade del-Rei dispoz-se ao servir com gosto, mas contra seu entendimento. E porque este lhe pronosticava dentro em sua alma o successo que havia de ter, ordenou logo as cousas de sua conciencia, como se ao sabido fora a morrer. E considerando que tinha grande familia de criados, huns que o não podião acompanhar, e outros a que tinha obrigação de satisfazer serviços passados, pedio a el-Rei quizesse satisfazer a todos em caso que elle Infante acabasse na jornada, polo que valia sua recamara, e baixella: e ao que isto não chegasse suprisse Sua Álteza das rendas da Coroa por cujo serviço se arriscava: porque assi iria mais quieto em sua conciencia, e entraria com mais gosto em todo perigo. Respondeo-lhe el-Rei á vontade, e n'esta conformidade ordenou seu testamento mandando dizer muitas Missas por todos os mosteiros antes de sua partida, e repartindo grossas esmolas entre pobres. E por lhe não ficar nada por fazer do que a huma

muito escrupulosa conciencia se podia representar, escreveo ás Justiças dos lugares, onde por algum tempo residira, que fizessem pregoar se houvesse algum queixoso de perda, ou dano, ou divida, ou agravo que de sua casa, ou criado se houvesse recebido, acodissem a certos ministros, que pera isso deputou, e serião inteiramente satisfeitos. E ajuntou huma clausula de animo verdadeiramente Christão, e humilde, dizendo que em caso que houvesse queixas de tal calidade, que com dinheiro se não podessem satisfazer, pedia a todos lhe perdoassem por amor de Deos. Com estas prevenções muito antes feitas se embarcou huma manhã despois de receber a santa Communhão em Nossa Senhora da Escada de mão do Padre Frei Gil Mendes da Ordem de S. Domingos, que por seu confessor levava: e no mesmo dia se fez á véla com toda a armada em vinte e seis de Agosto do anno de 1437.

Como o Infante padecia de ordinario segundo temos dito achaques, e indisposições de natureza fraca, com que sahio do ventre de sua mãi, effeitos da doença que em sua prenhez padeceo: logo lhe fizerão abalo os cuidados da jornada, e acodio-lhe huma defluxão de humor a huma perna, que sendo de tal calidade que em qualquer outra pessoa estorvara o entrar no mar, elle a dissimulou, e encobrio: e a dissimulação lhe causou muito dano. Porque vindo-lhe a furo no mar foi necessario tomar Ceita pera se curar, e ahi correo perigo de morte por grandes acidentes de dores, e febres ardentes. Com tudo como era filho de seu pai na viveza do espirito, sintindo huma leve melhoria se foi com a postema ainda aberta em huma galé a Tangere. Achou o nosso Campo em terra que se hia fortificando com suas trincheiras. e tinha já dado alguns assaltos á cidade: tomou logo parte no trabalho, como se chegara muito são, e acodindo aos assaltos dos Mouros que logo se começarão a receber muito a miudo, porque se juntou tanta multidão d'elles que de acometidos se fizerão acometedores. Aqui aconteceo ao Infante pelejar muitas vezes por sua pessoa, e trabalhar, e cansar tanto que era espanto a todos, mas maior aos seus, que sabião do mal que ainda padecia, o qual lhe causava tornar ardendo em febre quando vinha a descançar. Crecião entre tanto os Barbaros de todas as partes em tanto numero, que como hum diluvio assi cobrirão montes, e vales. Aponta a historia que só de cavallo erão noventa e seis mil, e os de pé passavão de seiscentos mil, numero ao parecer impossivel, se o não acreditarão as Cronicas antigas de Espanha falando da facilidade com que se junta-

vão estes Barbaros contra Christãos. Morrião infinitos em todos os acometimentos ás mãos dos Portugueses, mas nunca se sintia falta n'elles, e os nossos hião diminuindo tanto á pressa, que tudo erão mortos no arraial: e como he ordinario na guerra, acabavão os melhores, e d'estes estava tambem grande multidão inutil, huns de feridas, e outros de doenças. Assi foi o negocio dando volta, e mostrando tão differente rosto, que começou a entrar desconfiança entre os nossos. Porque sobre os assaltos que a toda hora recebião dos Mouros, sem terem momento livre pera repousasr de dia nem de noite, succedendo huns a outros, e acodindo sempre gente nova, e de refresco forão faltando mantimentos, ou porque não lançarão em terra quantos erão necessarios pera hum cerco dilatado, ao desembarcar: ou porque fizerão conta de os haver por seu braço, como lhes tinha acontecido em Ceita. E he mais de espantar a falta, porque de quatorze mil combatentes, que por livro embarcarão em Lisboa, erão consumidos n'estas brigas, e trabalhos a maior parte. Vendo-se os Infantes n'este aperto, e que não estavão em termos de poder esperar bom successo da empresa detendo-se: e se quizessem retirar-se, como pedia o estado das cousas, não era possivel embarcar sem evidente risco de se perderem todos: porque em pouco mais de hum mez estavão reduzidos a termos que não havia mais de tres mil homens que podessem tomar armas: assentarão por ultimo remedio tratar de algum meio de paz. Era Senhor de Tangere Salabensala, que ainda que se via livre do perigo primeiro, e tinha por certo que dos nossos lhe não escaparia homem com vida, de boa vontade deu ouvidos ao trato, com os olhos na honra que ganharia entre os Mouros se alcançasse por este meio a restituição de Ceita. Juntou-se esta cobiça com a nossa necessidade: foi facil o acordo. Assentou-se que o exercito Portuguez, ou reliquias d'elle, se embarcasse com armas, e munições, e bagagem: com partido que a cidade de Ceita se entregaria, ficando em poder do Mouro pera fiador hum dos Infantes: e Salabensala daria hum filho pera segurança da embarcação dos nossos: em troco do qual ficarião por arrefens em poder dos Mouros quatro fidalgos. Fizerão-se as capitulações de parte a parte com muitas lagrimas do povo, mas com grande animo do Infante dom Fernando, que por salvar a todos, e a pessoa de seu irmão, não só se offereceo de boa vontade, mas com alegria. Veio tomar entrega d'elle, e dos fidalgos Salabensala rebentando de so-

berba, e vangloria, e deixou juntamente aos nossos seu filho mais velho, que foi logo levado ás náos.

CAPITULO XXIX

Faz-se a entrega do Infante aos Mouros, levão-no a Tanger: e de Tanger a Arzilla, e a Fez. Conta-se a vida que fazia n'estas terras, e os trabalhos, e affrontas que padeceo.

Foi a entrega do Infante em dezeseis de Outubro d'este infelice anno de 1437, mandou-lhe trazer o Mouro hum cavallo, seguirão-n'o a pé os quatro fidalgos que erão Aires da Cunha, João Gomes do Avelar, Pero de Ataide da casa, e serviço do Infante, e Gomes da Silva Commendador de Noudar. Forão mais com elle pera o servirem Rodrigo Estevens seu amo, Frei Gil Mendes da Ordem dos Prégadores seu confessor, João Rodrigues seu colaço, João Alvares seu secretario, mestre Martinho fisico, Fernão Gil guarda roupa, e João Vasques seu cozinheiro mór, que todos merecem ficar em lembrança n'estes escritos por companheiros dos infortunios, e trabalhos de tal Principe. Com esta companhia entrou em Tangere, e foi metido em huma torre, onde tivera a primeira noite tal hospedagem, que bem antevirão logo as grandes infelicidades, que os esperavão, e em que por fim quasi todos acabarão. Gente fera, e barbara, enimiga de toda a humanidade, e cortezia deleitava-se em os ver padecer faltando-lhes na primeira noite com a cama, e comida: facil penitencia pera o Infante, sintida só polo que tocava aos companheiros.

Na semana seguinte determinou Salabensala passal-os a Arzila, e antes de partir quiz dar vista do Infante áquella multidão innumeravel que se lhe juntara de soccorro: e teve-o posto em um lugar alto feito alvo dos vituperios de povo infiel, rustico, e enemigo. Em Arzilla não passou menos affronta. Acharão a villa embandeirada como de triunfo, e o povo todo no campo, que o recebeo com outros tantos oprobrios de molheres, e mininos. Offerecia o santo Infante tudo ao Rei das eternidades dando-lhe graças por aquella adversidade; que como cria com viva fé lhe vinha de sua santa mão pera bem de sua alma, por mimo a contava, e por favor. Sete mezes o tiverão em Arzilla, e ainda que quasi sempre foi doente, todo o tempo occupava em oração, e em jejuns, tirando de

si pera empregar em manter pobres cativos, sustentando de secreto a muitos, e mandando vestir a outros por via de terceiros, e a outros resgatando, que estavão em risco de negar a fé por cruezas, e opressões de seus amos: e estes resgatados se achou que forão doze.

Entretanto era grande o sentimento que em todo Portugal se fazia pola infelice jornada, mas sobre todo mal magoava geralmente que cahisse a peor sorte sobre a melhor alma de todo o exercito, que era o Infante. Chamou el-Rei a Cortes pera saber o que sintia o Reino sobre se tornar Ceita aos Mouros, e alcançar o Infante sua liberdade. Assentou-se que Ceita se não desse por nenhum caso, e que polo Infante se pagasse a dinheiro tudo o que os Mouros pedissem, ou se arriscasse o Reino, fazendo-lhes nova guerra. Obrigou a este parecer aquella junta geral de estados, o voto do mesmo infante, que como verdadeiro Catholico, e amigo de sua patria, advertio em segredo a el-Rei que tratasse do maior bem de Espanha, e mais honra de Portugal, antes que da vida de hum só homem, vida que em breve havião de cortar, ou accidentalmente doenças, ou naturalmente pouco mais annos. Não quiz el-Rei que se declarasse tal resolução aos Mouros: e pera ser mais occulta suspendeo a entrega do filho de Salabensala: o qual ou por tirar o Infante de lugares maritimos, ou polo obrigar a tratar de si com mais calor, determinou passal-o a Fez, dando-lhe por rezão que o tinha prometido áquelle Rei por seu prisioneiro pola vontade com que o viera soccorrer, em caso que lhe não tornasse Ceita: e pois os Christãos tardavão em comprir o contrato, não queria elle fazer o mesmo em sua palavra. E deixando só os quatro fidalgos, que estavão á conta de seu filho, mandou-o levar a Fez com os que o servião: dos quaes faltava o nosso Frade Frei Gil Mendes seu Confessor, falecido de doença, e do máo trato dos infieis.

Foi este caminho de novo tormento pera o Infante, e seus companheiros: porque nos lugares que passavão acodia a escoria do povo de todo estado, sexo, e idade a maltratal-os de palavra, e obra, cospindo-lhes no rosto, atirando-lhes com lodo, e com páos, e pedras: fazendo-os dormir na terra nua, e comer por onças. O Infante hia em hum rocim buscado ácinte pera mover a riso, e escarneo, que de magro, e velho, e fraco não podia dar passo, a sela e freio tudo feito pedaços. N'esta forma entrou na cidade de Fez, onde, como a terra era maior, e de gente mais livre, assi houve mais injurias, e mais que merecer, Entrados no alcaçar del-Rei, meterão-nos em huma sala que chamavão do Conselho,

onde os fizerão descalçar, e assentar no chão. D'aqui forão passados a huma torre, e recolhidos em huma casa alta, na qual os emparedarão de maneira, que sem candeia se não podião ver huns a outros: porque de pedra, e cal lhe taparão janellas, e frestas, e sobre tal reclusão havia gente de guarda que os vigiava. N'esta casa passou o Infante quatro mezes consolando-se com Deos, porque tinha dentro hum capellão, e Missa todos os dias, e confessava-se, e commungava a miudo. Rezava suas horas Canonicas, que nunca deixou em quanto teve forças, e ajuntava mortificações, e penitencias voluntarias á violenta, e forçada em que vivia: com que animava grandemente os seus, vendo hum corpo enfermo, e delicado poder com tanto. No cabo d'este tempo entrou o Alcaide na casa, e mandou-os carregar de ferros a duas bragas mui grossas por cada hum: e logo lançal-os fóra, e leval-os á horta del-Rei, dando-lhes enxadas pera trabalharem. Foi o Infante o derradeiro nos ferros, e em quanto lh'os lançavão derão-lhe os Mouros no pobre fatinho, saquearão, e levarão tudo: e arrastando as bragas, foi guiado á estrebaria del-Rei. Aqui o esperava o Alcaide Lazarac, que era quem mandava tudo na terra: e vendo-o disse-lhe, que pois os Christãos faltavão na palavra como trédores em não tornarem Ceita, soubesse que era seu cativo: e como a tal lhe mandava curasse d'aquelles cavallos. O Infante respondeo gravemente com estas palavras: Os Christãos nunca fizerão treição, nem cabe n'elles tal nome: o que mandas farei, porque estando em teu poder, não perco n'isso honra, nem o servir me he vergonha; tu a deveras ter de tratar tão vilmente quem sabes que he filho de Rei. Logo lhe meterão na mão huma vassoura, e outros instrumentos de estrebaria: e o Santo com muito socego, e humildade começou a entender no officio, varrendo as immundicias, e alimpando os cavallos. Sobre tarde foi tornado á casa d'onde sahira, na qual achou novo genero de tormento: soube que erão lançados na cova da masmorra seus companheiros, e n'ella bem fechados. Entendeo que era quererem-no, como succedeo, apartar d'elles polo molestarem: causou-lhe o apartamento grande pena; e ainda que de noite a aliviou algum tanto falando-lhes de fóra, derão-lh'a os guardas no dia seguinte dobrada: porque o fizerão passar em amanhecendo a outro aposento, pera que não visse os companheiros quando sahissem a trabalhar. Isto angustiou tanto ao Santo Infante, que lhe causou hum forte accidente, e tal, que os guardas dando-o por morto forão correndo dar aviso a Lazarac. Bem conheceo o Mouro d'onde lhe nacia

o mal, e mandou que lhe dissessem, despois que tornou em si, que se queria estar em companhia dos seus, havia de ser estirando os braços com huma enxada, e trabalhando como qualquer d'elles. Foi este recado pera o Santo huma medicinal epitima: aceitou a enxada como por alvitre, e foi-se com ella ás costas aonde elles trabalhavão com passos alegres, ainda que cançados, e vagarosos do peso das bragas: vista pera os companheiros pranteada com lagrimas do coração. Mas o Santo ledamente lhes dizia, que junto com elles não havia mal que o cansasse, e mais queria suar alli, que descançar em sua ausencia: e logo foi cavando de tão boa graça, que os alegrava, e descançava: mas não passou adiante tal deshumanidade.

CAPITULO XXX

Como foi passado a huma masmorra, e despojado do vestido, e cama. Contão-se outras afflições que passou, até lhe chegarem novas do fallecimento del-Rei seu irmão.

No mesmo dia sabendo Lazarac que o Santo trabalhava como qualquer dos seus, mandou-lhe que largasse a enxada, acrecentando que tempo haveria pera a menear, se de Portugal tardasse bom despacho a seus negocios. Assi os acompanhou alguns dias. Mas não cabia na condição de Lazarac estar muito tempo sem o aperrear. Residia em Fez hum mercador Malhorquim por nome Mossem Christovão de Xalon. Veio á noticia do Mouro que provia este algumas vezes o Infante de cousas de comer, e dinheiro emprestado: mandou-o ameaçar. Não se atreveo o mercador a continuar. Começarão os presos a padecer muito: porque a ração, que tinhão, não era mais que dous pães secos por homem. Entretanto buscou o mercador piadosos meios pera em segredo os tornar a prover, que foi peitando ao Alcaide da prisão. Mas isto tambem, ou foi sintido, ou advinhado: e mandou-se publicar com pena de açoutes, que nenhum Mouro falasse com o Infante. E com lhe ficar tolhido por esta via todo o commercio dos que á conta de interesse lhe acodião com recados do mercador, ou d'outros cativos, ainda buscarão outro meio de lh'o estreitarem mais. Este foi meterem-n'o dentro na masmorra com os seus; e pera maior tormento, sendo o lugar tão estreito que agasalhava mal oito pessoas, meterão dentro tantos cativos mais, que vinhão a ser doze com elle, que era hum martyrio incomportavel.

Assi hia Deos aperfeiçoando aquella alma n'esta fornalha de afflições, que o Santo passava com animo tão constante, que se os companheiros de afadigados soltavão alguma palavra de impaciencia, elle os repreendia, lembrando-lhes amorosamente, que não erão os Mouros mais que huns algozes, e executores dos mandados de Deos: que não perdessem o merecimento do que padecião com attribuirem ás creaturas o que por seu grande bem lhes mandava o Creador. Hum dia, lastimado do muito trabalho que passavão, queixou-se a hum valido de Lazarac que achou na horta, e mandou-lhe por elle lembrar, que aquelles homens não erão cativos, nem arrefens obrigados a cousa alguma, mas sómente criados d'elle Infante, que polo servirem quizerão ficar com elle: e era grande semrezão serem tratados com a pena que elle só merecia. Pareceo a queixa justa até ao mesmo infiel; mas rendeo-lhe o que agora diremos. Vestia o Infante sobre gibão de fustão huma roupeta de panno preto forrada, e apertada, e cobria hum ferraroulo do mesmo, grande, e comprido: este lhe servia de capa entre dia, e de manta de noite, porque a cama não era mais que duas pelles de carneiro sobre a terra fria, cubertas com hum pedaço de alcatifa velha, e hum feixe de feno por travisseiro. Devia parecer aos Barbaros, que o mimo de tal vestido, e de tal cama lhe dava espiritos pera se resentir: levarão-lhe hum dia tudo, deixando-lhe pera vestido, e cama hum pedaço de manta de burel.

Não tinha o corpo mais que padecer: começarão-lhe a dar sobresaltos na alma. Humas vezes levando-lhe os companheiros a trabalhar longe, e fazendo-lhe crer que hião a açoutar, quando maior mal não fosse; outras mandando-lhe dizer, que era conselho dos Alfaquis, que pera o quebrantarem, lhe tirassem de todo a vista dos criados. Ajuntarão-se de fóra novas causas de afflição, e foi huma que pera perder de todo a esperança, que todavia tinha na bondade do seu Malhorquim, lhe saltarão em casa, e o despojarão de quanto tinha. Outra foi huma importunação de cartas, e queixumes continuos dos fidalgos de Arzilla, que não soffrião dilatar-se-lhe a liberdade, quando pendia de cousa tão leve, como era a troca do filho de Salabensala. Mas sobre todo mal, nenhum lhe foi mais pesado, que começarem-lhe a adoecer os companheiros de pura fome, e cansaço corporal; e sendo elle o que mais que todos padecia, fazia-o dissimular com seu mal, e ser consolador dos alheios, sua grande charidade, e a lembrança de quem era; animava-os, e aliviava-os feito seu enfermeiro, e fazia-os comer do pouco que havia, obrigando-os

com seu amor, e respeito. No mesmo tempo cansava-se em responder aos de Arzilla, e em escrever em seu favor a Portugal, pedindo o remedio d'elles com mais instancia que o proprio seu.

Espanto era como se sustentava huma vida cercada de tantas tribulações; mas vencendo todas com real valor, e com esperança certa que em Portugal se não tratava em outra cousa mais que traças de sua liberdade, succedeo caso que de todo lhe derribou o soffrimento. Quando mais descuidado estava manda-lhe dizer Lazarac, que era morto el-Rei seu irmão: e porque não cuidasse que era fingimento seu, confirmou-lhe pouco despois a triste nova com carta, que lhe veio ás mãos pera o mesmo Infante, de Fernão da Silva estribeiro mór del-Rei. N'este passo acabou o Infante de assentar comsigo, que era chegado o fim de seu cativeiro, e juntamente de sua vida: e com tudo era tal sua bondade, que se dava por causa principal da morte del-Rei, e isso lh'a fazia sentir mais. Despois de muitas lastimas, e prantos falou aos companheiros, encommendado-lhes que tratasse cada hum de sua alma, fazendo conta da morte mais que da liberdade: porque elle des d'aquella hora não faria outra: e como el-Rei seu irmão era morto, ordenaria logo novo testamento em que a elles sós faria seus herdeiros, porque os tinha por filhos, e esperava que morrendo elle terião mais remedio.

CAPITULO XXXI

De outras cruezas, e máos tratamentos que se fizerão ao Santo: e como adoeceo, e faleceo.

Seguimos na vida d'este Santo a relação que d'ella escreveu João Alvrez, Cavalleiro da Ordem de Avis, que foi seu Secretario, e com elle residio em Fez, reformada despois polo Padre Frei Hieronymo Ramos da Ordem de S. Domingos. Mas advertimos ao Leitor, que segundo parece de huma carta que se mostra no Convento da Batalha escrita polo Infante, a qual por brevidade não trazemos aqui, a força dos trabalhos que passou, e temos contado, não succedeo senão do anno de 1441 em diante despois de doze do mez de Junho em que foi feita. Porque n'ella diz que até então nem trazia ferros, nem trabalhava, nem dormia em masmorra: e com esta advertencia passemos adiante. Morto el-Rei dom Duarte, e governando o Reino o Infante dom Pedro por el-Rei dom

Affonso Quinto seu sobrinho que ficou minino, houve-se Lazarac por desenganado da entrega de Ceita, e determinou vingar-se no Infante, e nos seus: e como entre os Mouros reina hum erro antigo de que tudo se governa por fado, com que os ignorantes querem tirar o poder a Deos, e o livre alvedrio ao homem, fazia conta que por muito que o perseguisse, e maltratasse, não morreria, senão quando tivesse sua conta cheia: assi fartaria sua raiva, e não perderia hum grande resgate, se a vida lhe durasse. Estava o Santo affligido, sobre a falta de seu irmão, com nova desconsolação pola morte dos fidalgos de Arzilla, cansada da peste que andava por toda a terra de Africa. E como os Mouros nem se guardão d'este mal, nem contra elle fazem prevenção alguma, pola mesma rezão que dissemos do poder que attribuem ao Fado: tanto que deu na villa, não deixou cousa em pé. Foi gravissima ferida esta pera o Infante, dando-se por homicida de tão bons amigos. Mas no mesmo tempo que os chorava a elles, e a si, andando já a mesma contagião mui acesa em Fez, foi huma manhã tirado da masmorra, dizendo-lhe os que o tiravão, que seus criados serião logo levados a degolar: e a elles disserão que o Infante iria pera o mesmo: e arrebatadamente derão com elle no alcaçar del-Rei, em huma casinha terrea sem nenhum genero de luz mais que a que recebia pola porta, e tão estreita que não tinha feição de casa: e pera mais affronta era o sitio d'ella pegado com a latrina commum do alcaçar. O refrigerio que aqui achou, e que não teve por pequeno, foi hum poial que lhe ficou servindo de leito. N'este purgatorio começou huma vida de Anacoreta recluso: oração continua, ora vocal, ora mental, lição, e horas Canonicas: pera o que lhe sustentavão os seus huma alampada perpetua, que mais estimava que a comida. As lagrimas eram tantas, que tinha o rosto, e lagrimaes crestados: do pouco que lhe trazião pera comer cortava de maneira, que sempre fazia notavel abstinencia. Este genero de vida sobre seis annos de continuação, o apartamento dos seus, que raras vezes, e só ás furtadas o podião ver, a malencolia de tudo fez effeito de peste. Adoeceo com hum accidente de disenteria, que trouxe logo comsigo fastio, e aborrecimento a todo genero de comida, certos messageiros de morte. Avisado Lazarac polos guardas deu licença que entrasse com elle o seu Medico, e alguns Christãos. Alegrou-se o Santo hum pouco com a companhia: mas como quem sabia que acabava, lembrou-lhes, que lhe não falassem em outra cousa mais que de Deos, e do Ceo: porque de nenhuma da terra queria já sa-

ber parte. Estancou subitamente a disenteria, mas creceo a febre, e a fraqueza era estrema: mandou ao Confessor que o não deixasse: e julgando por sinal mortal a mudança que via na doença, confessou-se geralmente. No quinto dia levantou-se o Confessor ante manhã, e chegou-se ao Santo a ver se dormia: e pondo os olhos n'elle, vio que lhe sahia do rosto huma desacostumada claridade, notou-lhe o sembrante alegre, e risonho, e que tinha os olhos abertos, e cheios de lagrimas, e as mãos juntas, e levantadas. Maravilhado de tal novidade, e não sabendo que julgasse, chamou por elle tres vezes, perguntando-lhe se dormia. Á terceira respondeo o Santo que bem ouvia. Mas como não disse outra cousa, nem mudou postura, cessou o Confessor, parecendo-lhe que não queria que o inquietasse. Quando foi manhã, que os porteiros vierão abrir a porta, mandou o Infante ao Medico que se sahisse, porque queria falar com o Confessor. Como estiverão sós, disse o Infante: Vós me perguntastes esta madrugada se dormia, e não vos respondi, porque havia quem nos ouvisse. Agora, que estamos sós, me dai vossa palavra de guardardes segredo no que vos quero dizer, em quanto eu for vivo: e que nem despois de minha morte o descobrireis em outra parte, senão em Portugal, pera gloria de Deos, e da Virgem Maria sua Mãi. E descançando hum pouco tornou a dizer: Esta madrugada (podião ser duas horas antes de amanhecer) estava considerando as miserias da vida, e lembrando-me a gloria dos Bemaventurados, enchia-me todo de saudades do Ceo, e apoz ellas de hum ardente desejo de me ver fóra do mundo. N'este ponto abrindo os olhos contra aquella parede, ferio-me n'elles huma luz, que não sei comparar a cousa da terra: vejo logo no meio d'ella huma Senhora sobre hum throno assentada, com tal gesto, e magestade, que não duvidava ser a Virgem Nossa Senhora. Noto juntamente que de grande numero de Bemaventurados, que a cercavão, se lhe inclinava hum, e com muita humildade lhe pedia se doesse de mim, e me levasse pera sua companhia. Obrigou-me a petição a olhal-o com mais vontade: e vi que trazia em huma mão hum fermoso guião atravessado de huma Cruz, e da outra humas balanças penduradas. Chegava logo outro, e com a mesma reverencia rogava tambem por mim: e parecia-me que tinha nas mãos hum calis, e hum livro aberto, no qual se deixavão bem ler em letras de ouro as primeiras palavras do Evangelho de S. João: *In principio erat verbum.* Alegrava-me a vista da Senhora, e o requerimento dos que por mim falavão, que polas insignias não são

outros senão aquelles a quem sempre me encommendo: o Archanjo S. Miguel, e o amado de Jesus S. João Evangelista. A Virgem então pondo em mim os olhos de misericórdia, disse-me graciosamente: Hoje virás pera esta companhia. Desapareceo logo: mas o que ficou nesta alma de alivio, de consolação, e gosto he tanto, que dou por bem empregados todos os trabalhos, e tormentos passados por me renderem tal vista: e só me peza porque não forão muito maiores, pois o que agora vi, excede infinitamente tudo o que se póde dizér, e imaginar de gloria, e felicidades. Quando me chamastes acabava de me deixar esta visão, mas não acabava eu de me dar por despedido d'ella, polo sabor que lhe achava: e por isso vos não respondi logo,

Era o Confessor pessoa de virtude, e espirito: despois de o ouvir com muitas lagrimas pareceo-lhe que seria genero de consolação attribuir tudo a esperanças, e promessas de saude: e assi o foi fazendo. Mas o Santo levantando as mãos ao Ceo dizia: que outra saude não queria, nem outro bem senão o comprimento da palavra que ouvira: e entrando em devotos colloquios com Deos pola mercê prometida de haverem de ter termo seus trabalhos n'aquelle dia, estava tão contente, e bem assombrado, como qualquer outro enfermo podera estar com certeza de vida. Passou assi o dia todo, e quando foi sol posto sobreveio-lhe hum desmaio, do qual despois que sahio, ficou muito enfraquecido, e sintindo que acabava, fez a confissão geral, e huma devota protestação da fé, e pedio ao Confessor lhe aplicasse huma indulgencia plenaria, que pera aquella hora lhe tinhão concedido os Papas Martinho quinto, e Eugenio quarto; e recebendo com ella a benção do Confessor acabou em paz aos sinco de Julho do anno de 1443.

CAPITULO XXXII

Dos improperios que os infieis fizerão ao corpo do Santo: e das maravilhas que por elle obrou o Senhor: e como foi trazido a Portugal.

Falecido o Infante, mandou Lazarac aos seus que logo abrissem o corpo pera ser embalsamado: mas não houve nenhum que se atrevesse a pôr ferro em seu senhor, affirmando todos que morrerião primeiro que fazer tal officio. O que fizerão foi tirar-lhe as cadeas, e beijar-lhe cada hum os pés com devação, e humildade, como a Santo, e como a senhor

seu. Trouxerão logo os guardas outro cativo, que comprio o mandado, e despejado o corpo dos intestinos encheo o vazio de sal, e folhas de murta, e louro (que isto chamavão embalsamar) e os criados recolherão o coração, e mais interiores com tal ordem, e cuidado que vierão despois a Portugal, e como reliquias santas forão recebidos, e recolhidos na sua sepultura do Convento da Batalha. Mas os Mouros, tanto que o corpo foi a este modo composto, fizerão-no pendurar do muro junto a huma porta da cidade atado polos pés, e nú (bestial crueldade, e pouca lembrança da sorte humana) e não pararão aqui. Fez Lazarac ajuntar o povo, e trouxe a el-Rei, que por elle era governado, e mandado em tudo, ao triunfo de hum defunto. Jogarão canas, disserão affrontas, fizerão escarneos contra o corpo santo, permittindo o Senhor que tivesse ainda este genero de martyrio despois de morto, pera lhe augmentar gráos de gloria no Ceo, e nova honra na terra, como logo se vio, e foi assi.

Aos tres dias despois de pendurado passou polo lugar hum cego muito conhecido na cidade, que pedia de porta em porta o remedio de sua vida: e como tinha ouvido que estava alli o corpo do Santo, disse a hum minino que o guiava, que o chegasse bem perto aonde estava o Principe Christão. Parece que foi instincto do Ceo, e força de predestinação: chegou-se tanto, que ficou em parte, donde no vestido lhe cahirão humas gotas do humor que da santa Reliquia destilava: sentio-as, tentou-as com as mãos, e levando-as aos olhos no mesmo ponto se achou com vista, e luz n'elles: e foi tanta a que n'esta hora recebeo, que passou dos olhos á alma, e cheio de espirito do Senhor levantou altas vozes dizendo, que elle cria na fé d'aquelle Principe santo, que alli injustamente estava mal tratado, e n'ella queria viver, e morrer. Não foi necessario muita repitição de brados: aos primeiros foi arrebatado, e levado diante del-Rei; e não se desdizendo por nenhum medo nem ameaças, foi logo arrastado, e apedrejado. E aconteceo pera maior gloria de Deos, e de seus Santos, que sem saberem o que fazião, derão honra de Santo ao que hontem era infiel, e honrarão a quem cuidavão affrontar. Porque sendo morto o levarão a enterrar com festa popular fóra da cidade, e sobre o lugar levantarão por memoria da vingança hum cubelo cuberto de telha vidrada de branco, e azul, que ficou sendo memoria de triunfo, e santidade: e foi fama que muitas noites o virão os Mouros arder em resplandores.

Muitas outras maravilhas obrou o Senhor polo santo Infante entre in-

fieis: soube-se que levavão os Mouros a terra onde cahia aquella humidade que dissemos, pera remedio de enfermidades com effeito tão certo, com tanta pressa, e em tanta quantidade, que em pouco tempo havia no sitio huma grande concavidade aberta. Lançavão-na ao pescoço dos enfermos em suas nominas, até aos bois, e outros animaes, a que a aplicavão, dava saude. E pode ser que isto foi causa pera os que governavão, mandarem recolher o corpo em hum caixão, onde esteve muitos annos sobre o mesmo muro.

Passados alguns annos, forão resgatados o Secretario do Infante João Alvares, e seu Capellão Pero Vaz, e trouxerão comsigo as Reliquias que salvarão no dia em que, como dissemos, foi aberto, e postas em hum cofre entrarão com ellas em Santarem, onde se achava el-Rei dom Affonso quinto seu sobrinho, por Janeiro do anno de 1451, o qual as mandou recolher com solenidade na sua sepultura d'este Convento. Mas não quiz o Senhor que terra infiel, e enemiga comesse o corpo do seu Santo, e ordenou que vinte annos despois de chegadas as primeiras Reliquias, tendo o mesmo Rei conquistado a villa de Arzilla em Africa, e ganhado a cidade de Tangere, viesse inteiro a este Reino assi como estava sobre os muros da Fez. Nos meios, e modos por que foi trazido ha variedade entre os escritores, concordando todos na certeza da vinda. Chegando a Lisboa foi depositado no nosso mosteiro de Freiras do Salvador, onde a Cronica del-Rei dom Affonso diz, que prégou o Prior de S. Domingos da cidade, que era o Doutor Frei Affonso de Evora (1): e aponta que fora o sermão tão devoto, que toda a festa, e solenidade se convertera em lagrimas dos ouvintes. D'aqui foi passado com real pompa, e acompanhamento de Prelados, e Fidalgos ao Convento da Batalha: onde os muitos milagres que entre Frades, e por toda aquella comarca tem obrado sua intercessão, lhe grangearão tal fama, e devação, que perdido o nome proprio não he conhecido hoje, senão polo de Infante Santo. E porque nossa natureza de sofrega pera o que estima, e ama, não se contenta com menos que ver, e tocar: atreveo-se a curiosidade, ou a devação a dar furo ao marmore do moimento, polo qual os devotos, e necessitados tocão com huma vara os cofres de madeira em que estão encerradas as santas Reliquias, e beijando-a devotamente satisfazem com sua fé, e piadosa tenção.

(1) Cron. d'el-rei D. Affonso v. por Zurara.

CAPITULO XXXIII

Em que se faz memoria de alguns sinaes, e testimunhos calificados da virtude d'el-Rei dom João segundo, que n'este Convento esta em deposito.

Muitos Conventos ha insignes, e famosos por sepulturas de Reis, mas por Reis, e Principes santos ha mui poucos como este da Batalha, onde temos tantos, que o podemos chamar sacrario de santidade Real: porque alem do que temos visto do fundador d'elle dom João o primeiro, e sobre o estremo de virtudes da Rainha dona Filippa, e de seus dous filhos os Infantes dom Fernando de quem brevemente dissemos, e dom Enrique de quem poderamos dizer muito, merecião nova, e larga escritura a pessoa, e excellencias de bom governo (ainda que pouco venturoso em tempo, e successos) del-Rei dom Duarte, e da Rainha dona Lianer suma molher. E não merecião menos o braço invencivel contra Mouros del-Rei dom Affonso quinto, e a santidade da Rainha dona Isabel sua molher, filha do Infante dom Pedro, santidade acompanhada de perpetuas magoas, que lhe encurtarão a vida causadas de ver em discordia, e postos em campo os dous penhores que mais obrigação tinha de amar, e mais amava na terra, que erão seu pai, e seu marido. Se não fora desviarmo-nos de nosso intento mais do que permittem as leis da historia, poderamos dizer muito d'estes Principes: mas remettendo o leitor ás Cronicas do Reino, diremos brevemente alguma cousa do ultimo que aqui escolheo sepultura, e ainda hoje a não tem mais que por deposito, que he el-Rei dom João segundo. E já dissemos como está recolhido na Capella de Nossa Senhora da Piedade. Falecendo na villa de Alvor no Algarve, em idade de quarenta annos, e alguns mezes mais, foi enterrado na Sé Cathedral de Silves. Alli começou a correr fama que a terra de sua sepultura era remedio contra doenças de febres. Forão muitos os que acodirão a valer-se d'ella; e o successo foi tão provado, que o Bispo do Algarve mandou fazer inquirição polo seu Vigario Geral com o Conego Alvaro Fernandes por adjunto, polo qual parecem justificados seis casos distintos de pessoas conhecidas que sararão com aquella terra: e algumas das testimunhas affirmão de muitas outras sem nome, que alcançarão saude com o mesmo remedio. Do auto d'esta inquirição feito em Silves no anno de 1497 veio a nossas mãos hum tres-

lado authentico, assinado em publico por Luis Dias de Beça Tabalião, e concertado com Gonsalcanes Escrivão: e n'elle se declara que assistio á inquirição o Bacharel Estevão Dias, Corregedor do Algarve, por quem parece assinado o treslado que dizemos.

Verificão-se estes testimunhos com o que escreve Damião de Goes, que succedeo nas exequias solenes, que el-Rei dom Manoel lhe mandou fazer em sua tresladação quatro annos despois. Affirma este Cronista (1), que andando na voz do povo, que obrava Deos por elle alguns milagres, se publicara no sermão das exequias, que quando fora desenterrado em Silves se achara a madeira do caixão queimada, e quasi consumida da força da cal viva, com que o corpo fora cuberto pera se gastar brevemente, e assi a mortalha, e huma alcatifa: mas o corpo estava inteiro, limpo, e são, e a cabeça, e rosto cuberto de todo seu cabello, e barba, como quando vivia: e que espantando muito tal vista em corpo mortal, e corruptivel, por se ver que não fora acompanhado de nenhum genero de materiaes aromaticos, nem ajudado de outros feitios, que preservão de corrupção: causara mais espanto em todos os presentes hum cheiro suave, que d'elle procedia. Foi o Prégador dom Diogo Ortiz Bispo de Tangere, pessoa de provada virtude, que fora Capellão mór do mesmo Rei. Mas o que elle referio em voz, confirma hoje a vista de olhos, sendo compridos no anno de 1621, que isto vamos escrevendo, cento e vinte e sinco que foi enterrado. Está seu corpo tão inteiro como o dia que faleceo sem lhe faltar mais que a ponta do nariz: e em tudo o mais se mostra tão longe de corrupção, que huma colcha, e lençol em que foi envolto na tresladação conservão hoje sua primeira vista, força, e alvura, como se estiverão guardados em bons cofres, e entre roupa semelhante, ou lha pudera communicar hum corpo defunto. Informado el-Rei dom Sebastião do que temos dito quiz ver esta maravilha. Mostrou-se-lhe (que he facil de ver como está sem moimento de pedra.) Encheo-se o Rei moço de respeito com tal vista, e fez-lhe reverencia como a Santo. Passou despois a curiosidades, e como quem tinha brios de valente, e sabia que o fora Santo, quiz ver como lhe estava a espada na mão. Mandou-o levantar em pé, e meteo-lhe n'ella a sua propria, que no Convento se guardava: e vendo-o n'esta postura disse pera o Duque de Aveiro dom Jorge, que o acompanhava, que beijasse a mão a seu visavô: o que elle fez, beijando-a primeiro a quem lho mandava. Acrecentou el-

(1) Cron. d'el-Rei D. Manoel part. 1. cap. 15.

Rei falando com o Duque, e com os olhos no defunto estas palavras: Duque, este foi o melhor official que houve de nosso officio. E todas as vezes que succedia falar n'elle em outras occasiões, chamava-lhe o seu Rei. Ditoso, se o soubera imitar na prudencia, como o quiz passar na valentia.

Acharão-se a el-Rei dom João por morte algumas cousas guardadas, e fechadas de sua mão, que sendo desacostumadas em tão alto estado, conformão bem com o que vamos contando: erão instrumentos de penitencia, e devação. Isto affirma seu Cronista, escrevendo em tempo que não pode nenhum escrupuloso cuidar, que o faria desviar da verdade desejo vão de comprazer ou adular.

Mas cerraremos este capitulo com huma prova semelhante a outras que já vão n'esta escritura, que hum prelado nosso fez: não devia ser sem bom espirito, porque o tinha elle tal. Era Prior d'este Convento polos annos do Senhor de 1570 o Padre Frei Francisco de Orta, Mestre em sagrada Theologia. Quiz fazer hum officio solene a este Rei como he costume: e porque tinha ouvido dizer que se não gastava n'elle a cera, por muito que ardesse, mandou pesar em sua presença, e d'outros Padres vinte e seis tochas, e fez tomar por escrito o peso, que foi de sinco arrobas e sete arrateis e meio: e ordenou que se achassem presentes o escrivão das obras do mosteiro, que he ministro posto por el-Rei, e o cerieiro dono da cera, a quem tocava arderem bem por seu interesse. Arderão ás vesperas que forão cantadas, e despois no dia seguinte a todo o officio, Missa, e prégação (que já dissemos atrás he costume prégar-se n'estas honras, e nas de el-Rei dom João primeiro). Acabada a solenidade, pesou-se de novo a cera diante dos mesmos Padres, e acharão que do primeiro peso não quebrava mais em todas vinte e seis que hum só arratel, porque pesarão despois de ardidas ao justo sinco arrobas, e seis arrateis e meio. D'esta maravilha, que por tal foi havida por todos os que presentes forão a hum, e outro peso, mandou o Prior fazer auto publico em que assinarão elle, e os mais.

CAPITULO XXXIV

De algumas graças, que el-Rei dom Affonso quinto impetrou da Sé Apostolica pera este Convento.

El-Rei dom Affonso quinto, desejando honrar esta casa por todas as vias, impetrou em seu favor do Papa Pio segundo hum breve mui importante. Porque sendo de credito, e honra pera os Religiosos no espiritual, tambem redundou no temporal, como começarão a possuir bens de raiz. Foi o favor livral-os de pagar dizimos de suas quintas, e granjas, e izentou-os de lançamentos pera subsidios, e de outras obrigações, com que ficarão adiantando na renda tudo quanto estas cousas lhe fazião, ou podião fazer de dano, que não era pouco, além dos encontros, e molestias que tinhão com os Ordinarios nas pagas, e execuções d'ellas. Concedeo-lhes mais que o Prior possa nomear dous Religiosos, os quaes possão por todo o anno ouvir confissões, e absolver os penitentes de todos os casos que tocão aos Ordinarios exceito em dias Paschoaes. O Breve he o seguinte.

Pius Episcopus servus servorum Dei; dilectis filijs Ordinis Prædicatorum Collimbriensis Diœcesis salutem, et Apostolicam benedictionem. Sacræ Religionis, sub qua devotum et sedulum exhibetis Altissimo famulatum, promeretur honestas, ut vos et pro tempore existentes Priorem et fratres specialibus favoribus et gratijs prosequamur: illaque vobis et eis gratiosè concedamus, per quæ á perturbationibus securi possitis cum animi quiete Domino deservire. Hinc est, quod nos, charissimi in Christo filij nostri Alfonsi Portugalliæ et Algarbij Regis illustris in hac parte supplicationibus inclinati omnes et singulas exemptiones, gratias, immunitates, et privilegia vobis et domui vestræ, nec non præfato Ordini Prædicatorum sub quacumque verborum forma per prædecessores nostros Romanos Pontifices concessa, autoritate Apostolica tenore præsentium de speciali gratia in favorem Regum in dicto Monasterio sepultorum, quorum omnium et singulorum tenores, ac si de verbo ad verbum inserti forent præsentibus, haberi volumus pro expressis, ex certa scientia confirmamus et approbamus: ac vobis et pro tempore existentibus dicti Conventus Priori et Fratribus, quod illis et etiam alijs per Sedem Apostolicam concedendis, gaudere et uti liberé: nec non tertiam, quartam, seu quintam, aut alias, partem seu portionem occasione

fructum, bonorum mobilium, et immobilium, et semoventium à colonis, seu ab alijs quibusuis personis, vobis persolvendam integraliter absque diminutione et subtractione alicujus decimæ, tam in maiori anno, quam alias qualitercumque, et quomodocumque, quam vobis et ipsi Monasterio concedimus percipere, recipere, et retinere libere et licite valeatis, eadem autoritate indulgemus: præfatumque Monasterium vestrum à solutione cujuscumque; quartæ portionis, ratione funeris, aut alias quibusuis obventionibus quomodocumque et qualitercumque ipsi Monasterio datis, oblatis et concessis, sive redditis, dandis, offerendis, et relinquendis de novo, de speciali gratia perpetuo eximimus, et totaliter liberamus. Quodque etiam Monasterium ipsum, seu Priorem et Fratres ejusdem, ac ipsius gubernatores ratione domorum, locorum aut quorumcumque præfatorum bonorum mobilium, et immobilium, et semoventium seu quarumcumque possessionum, quæ et quas in præsentiarum ubilibet habent, et justis modis præstante Domino habebunt in futurum, seu alia quavis occasione, decimas prædiales prætextu fructum prædictorum bonorum, vel aliam partem, portionem, seu annuos redditus, aut censum, ubicumque possessiones ipsæ consistant, Ordinarijs, vel aliam subventionem legatis, seu delegatis, vel Nuntijs Sedis Apostolicæ et Ordinarijs locorum, aut Ecclesiarum Rectoribus, vel alijs quibuslibet personis, etiam sæcularibus dare et solvere minimè teneantur: neque ad id præfatum Monasterium possit compelli, vel super hoc, aut alias à quoquam quomodolibet Conventu per literas Apostolicas aut Legatorum, seu delegatorum, aut Notariorum ipsius, vel diœcesanorum, locorum, et Rectorum, terrarum Ecclesiæ Romanæ sive quorumcumque aliorum, etiam si in eisdem literis Apostolicis contineatur expressè, quod ad quævis exempta, vel non exempta se extendat, nisi expressam, ac de verbo ad verbum mentionem de præsentibus fecerint specialem: quodque Prior præfati Monasterij, vel præsidens duos fratres eligere, ipsosque pro tempore mutare ad confessiones secularium, exceptis diebus Paschalibus audiendas: qui quidam fratres electi personas utriusque sexus et Religionis cujuscumque diœcesis audire, easque ab omnibus casibus Ordinariorum absolvere, eisque pœnitentias salutares injungere, aliaque sacramenta conferre, quæ ad salutem animarum conferentur, libere valeant atque possint, eadem autoritate decernimus, et declaramus, ac pariter vobis concedimus per præsentes: non obstantibus quod omnia et singula præmissa, Constitutionibus, declarationibus, revocationibus, seu ordinationibus Apostolicis, ac statutis, vel consuetudinibus Provinciarum nec non privilegijs, gratijs, literis, concessionibus Aposto-

licis in genere, vel in specie quibusuis personis, seu Ecclesijs ac Monasterijs et locis concessis, aut in posterum concedendis sub quavis forma, vel expressione verborum, ac si de eis et earum toto tenore de verbo ad verbum habenda esset in præsentibus mentio specialis: et præsertim per felicis recordationis Clementem Quintum editam in Concilio Vienensi, quæ incipit, Dudum, etc. nec non piæ memoriæ Martinum Quintum et Eugenium Quartum, et Nicolaum Quintum, ac etiam Calixtum Tertium prædecessores nostros, et quoscumque alios Romanos Pontifices prædecessores nostros qualitercumque factis, aut aliis communis juris dispositionibus, sub quibus has nostras nolumus comprehendi, cæterisque contrarijs quibuscumque. Nulli ergo omnino hominum liceat hanc paginam nostræ confirmationis, approbationes, concessionis, exemptionis, liberationis, et declarationis infringere, vel ei ausu temerario contraire. Si quis autem hoc attentare præsumpserint, indignationem Omnipotentis Dei, et Beatorum Petri et Pauli Apostolorum ejus, se noverit incursurum. Datum Romæ apud S. Petrum anno Incarnationis Domini M. CCCC. LVIII. pridie Cal. Januarii Pontificatus nostri anno primo.

Não damos o vulgar d'este Breve, porque já apontamos a sustancia d'elle na entrada do capitulo, que basta pera os que não sabem Latim.

Do mesmo Papa Pio segundo, e no mesmo anno primeiro de seu Pontificado alcançou este Rei outro Breve, que começa: *Pia consideratione etc.* Polo qual dá licença pera se unirem a este Mosteiro pera a fabrica d'elle tres Igrejas do Padroado Real, de qualquer renda que sejão. Mostrava el-Rei animo de acrecentar muito este Convento, porque nos consta de outra semelhante graça, que á sua instancia lhe tinha concedido o Papa Nicolão quinto no anno sexto de seu Pontificado, que cahio no de 1452. E começa a Bulla: *Romanum Pontifex, etc.* Da qual se não contentou nem uzou, porque o Pontifice taxava a renda das Igrejas, que se havião de annexar, e mandava que não passasse de mil livras E por essa rezão procurou o Breve sem limite, de que agora falamos. E com tudo sendo tão cuidadoso em pedir o que estava em mão alheia, foi descuidado em dar o que tinha na sua. E na verdade por esta via podera estar hoje a casa não só competente, e abundantemente provida contra todos os danos, que o discurso do tempo vai causando em tudo, mas com forças, e nervo de dinheiro pera se acabar a capella imperfeita del-

Rei dom Manoel: e não se perder antes de chegada á sua perfeição huma obra de tantas excellencias.

CAPITULO XXXV

Das memorias que el-Rei dom Manoel deixou n'este Convento: e da renda que os Reis dom Filippe primeiro, e segundo de Portugal lhe derão.

El-Rei dom Manoel foi o que se aventejou a todos seus antecessores em augmentar, e ennobrecer este Convento com effeitos, e despesas, e mercês Reaes. Porque a grande, e custosa obra da capella, que chamamos imperfeita, ou naceo de sua traça e ordem, segundo parece dos muitos sinaes, que atrás deixamos em seu lugar apontados, ou de sua fazenda, e consentimento, sendo autora d'ella a valerosa Rainha dona Lianor sua irmã. E assi por huma, ou outra via a podemos contar por sua. Despois que as boas venturas, e grandezas do Oriente lhe fizerão cobiçar hum jazigo particularmente seu entre porfidos, e jaspes, e sobre elefantes, em testimuho das novas terras, que por seu poder tinha conquistado, deixou a casa alheia: e até as empresas, e letras enigmaticas, que n'ella estavão por suas, enjeitou, fundando o famoso Mosteiro de Belem sobre a barra de Lisboa. Mas se bem mudou o lugar, não perdeo nunca o amor ao Convento de seus maiores, pera deixar de lhe fazer honra, e mercê. Foi a primeira ordenar n'elle huma perpetua memoria sua, mandando celebrar huma Missa cantada aos Anjos no primeiro dia de cada mez: e quotidianamente no Coro tres Antifonas com suas orações: huma a Nossa Senhora, outra ao Archanjo S. Miguel, terceira ao Doutor da Igreja S. Jeronymo: e por tão leve obrigação fez esmola á casa por Março de 1501 de huns lagares, e moendas de azeite na villa de Torres novas, com seus assentos de casas, e levadas de agoa, fazenda de importancia, que mandara fabricar a Rainha dona Isabel sua primeira molher. Tambem lhe fez doação de huns grandes chãos com fornos de cal, e telhaes, que antigamente forão comprados pera serviço das obras do Convento quando se edificava, E ultimamente crecendo a povoação que hoje vemos ao longo d'elle com a commodidade, e nobreza do edificio em tanto numero de gente de todas sortes, e estados, que fazia já hum bom lugar, e usava do mesmo nome, que foi causa da fun-

dação do Convento, chamando-se o lugar da Batalha: e sendo assi que pola vizinhança pertencia seu julgado, e governo á cidade de Leiria, o mesmo Rei o desmembrou d'ella, e o fez villa, com todos os privilegios, honras, e liberdades das mais villas do Reino, e he conhecida pola villa da Batalha.

Reinando el-Rei dom João terceiro, hum Nuncio do Pontifice Paulo tercio, que n'este Reino assistia, que era o Bispo Valuense Pompeyo Zambicario, concedeo por autoridade Apostolica aos Priores d'este Real Convento, que podessem mandar dar n'elle Ordens sacras aos seus Religiosos, e escolher pera isso qualquer Bispo, como tevesse licença pera ordenar fóra de sua diocesi, e os ordenantes fossem idoneos: e alargando mais a graça acrecentou, que se podessem conferir, ainda que fosse extra tempora.

El-Rei dom Filippe primeiro de Portugal, e segundo de todos os mais Reinos de Espanha, respeitou tambem esta casa de maneira, que sem a ver nunca, foi aquelle que maior renda lhe deu, segundo o que atrás dissemos, quando tratámos das offertas dos Reis seus antecessores: porque com o novo orsamento que mandou fazer dos preços justos das cousas, a respeito do tempo presente, fazendo justiça nos fez mais favor que todos os passados.

Ultimamente el-Rei seu filho, que no mesmo mez e anno que isto vamos escrevendo se foi ao Ceo gozar os premios de sua grande, e natural bondade, como lhe foi semelhante no nome, não quiz ser differente nas obras pera com este Convento: e foi o primeiro que deu á execução os Breves Apostolicos impetrados por el-Rei dom Affonso quinto, aplicando pera a fabrica de pedra, e cal, e necessidades do edificio, o rendimento da Igreja da villa, e concelho de Luimil no Bispado de Lamego. He a Igreja do Padroado Real, e de tão bom rendimento, que tiradas despesas ordinarias manda liquidos ao Convento trezentos e sincoenta mil réis em cada hum anno.

CAPITULO XXXVI

Assentão-se estudos n'este Convento: faz-se memoria de alguns Religiosos que lhe pertencem, e do Padre Frei Amador Anriques filho d'elle.

Pedião as grandes calidades d'esta casa não lhe faltarem a Provincia,

e Padres d'ella em imitar os Reis no que de sua parte podessem fazer pera augmento de grandeza, e lustre. Assi ordenarão que fosse assento de huma das Universidades da Provincia: e foi feita esta ordenação no Capitulo Provincial, que em Lisboa se celebrou em vinte e cinco de Abril do anno de 1540, em que foi eleito em Provincial o Padre Mestre Frei Jeronymo de Padilha, hum d'aquelles Padres, que á instancia del-Rei dom João terceiro erão vindos de Castella a titulo de Reformadores da Observancia. Forão Difinidores n'este Capitulo o Padre Frei Paulo Sotelo, e os Doutores Frei Jorge Vogado, Frei Amador Anriques, e Frei Affonso de Madrid. As palavras das actas são as seguintes.

Quoniam circa studium summa est habenda diligentia certissimum ceret medium ad Ordinis custodiam, et ad profectum morum proferendum, propter quem Ordo noster dignoscitur institutus: ordinamus, et mandamus quòd in subsequentibus Conventibus studium semper vigeat. In primis in nostro Conventu de Victoria sit studium Artium et Theologiæ. Lectorem Artium assignamus Patrem Fratrem Bartholomæum das Martens, et in Lectorem Theologiæ, et estudij Regentem Fratrem Antonium Farto.

E he de saber, que até então não havia outra Universidade na Provincia, exceito a do Convento de Lisboa, instituida por el-Rei dom Manoel em fórma de Collegio, com titulo de Santo Thomas, pera certo numero de Collegiaes, e suas particulares leis, como diremos ao diante, quando chegarmos aos annos, em que foi tresladado pera a cidade de Coimbra, onde se lhe fez casa. O estudo dos mais Conventos, de que as actas falão, advertimos que erão sómente de Grammatica em muitos: e de Theologia moral, e Casos de consciencia em dous, que erão Santarem. e Guimarães. E porque el-Rei dom João o terceiro foi de parecer que se passasse este Real Collegio de Lisboa pera a Batalha, com tenção de o transferir d'ahi pera Coimbra, como fez tanto que houve gasalhado capaz no edificio que se começava: ficou Frei Bertolameu Leitor de Artes n'elle segunda vez, mudado sómente o lugar, como escrevemos em sua vida, porque por estes degráos foi subindo até chegar a se assentar na cadeira suprema, e Primacia de Espanha, que he a cidade de Braga. Desde então ficou tambem em Lisboa Universidade formada, por honra, e autoridade da cidade, e do Convento: e a outra ficou na Batalha, onde o lugar solitario, e a boa sombra da casa ajudão muito

o estudo, e exercicios das letras, e n'ellas tam produzido homens insignes: dos quaes nomearemos alguns em seus lugares, despois que dermos noticia, como he rezão, dos que d'ella forão filhos de habito, e merecerão por virtude, e partes terem lugar na Provincia, e fama, e honra no Reino.

Entre todos parece dever-se primeiro lugar ao Padre Frei Lourenço Lamprea, confessor do mesmo Rei, que nos deu a casa, pois de sua palavra, e testimunhos sabemos que por elle se inclinou a lhe parecer bem entregal-a á Ordem de S. Domingos. E não se póde duvidar que devião concorrer n'elle partes de virtude, letras, e conselho que o fizessem digno do lugar, que tinha com tal Rei. E como a grande antiguidáde nos escondeo a casa de que verdadeiramente foi filho, bem merece que fique com memoria n'esta que nos procurou.

O mesmo lugar nos está merecendo o Padre Frei João Martins, Mestre em Theologia, que por sinalado em virtudes foi o primeiro que a Ordem mandou assistir nos principios do Convento.

Mas he magoa qne muito se faz sintir por ser sem remedio, que em cento e dez annos que correrão desd'o anno 1388, em que el-Rei deu o Convento á Ordem, até o de 1498 não ficasse lembrança n'elle de nenhum filho, mais que do Padre Frei Amador Auriques, que n'elle professou em onze de Novembro d'este anno de mil e quatrocentos e noventa e oito. Foi este Padre Mestre em Theologia, e celebrado polos antigos por excellencia de pulpito: e governou muitos annos os Conventos d'este Reino, e o seu da Batalha. Na entrada do anno de 1534 foi eleito no Capitulo que se fez em Evora em Provincial a instancia, e por ordem del-Rei dom João o terceiro. Acabava então seu cargo o Provincial Frei Jorge Vogado, e Frei Amador era actualmente Prior da Lisboa. E notou-se que quiz el-Rei carregar tanto a mão em o favorecer, que sendo costume então ficar governando a Provincia com titulo de Vigario geral o Prior em cuja casa se tinha o Capitulo, atè ser confirmado o eleito: e tocando ao Prior de Evora esta honra, que era o Doutor Frei Antonio Freire, pessoa de grandes ca idades, foi traça do mesmo Rei, que largasse o cargo a Frei Amador, e fosse a negocio de seu serviço fóra da Provincia. Assi ficou Frei Amador governando logo. Mas ou fosse que o favor, e prosperidade o fizesse descuidar de suas obrigações, como acontece a muitos, ou que sua natureza fosso melhor pera obedecer que pera mandar: quando concluio seu quadriennio, foi peni-

tenciado no Capitulo com huma pena de gravior culpa, e condenado a seis mezes de reclusão no Convento da Serra de Almeirim. São as palavras do Diffinitorio.

Item quia frater Amator Anriquez in suo officio Provincialatus valde negligenter se habuit culpas dissimulando, et non corripiendo delinquentes, ut bonum pastorem decet: unde provincia desolata est, tam in spiritualibus, quam in temporalibus, ideó eum condemnamus ad pœnam gravioris culpæ simpliciter, et eundem ad officia omnia Ordinis in perpetuum inhabilitamus, et in Conventu de Serra assignamus, quem pro carcere per sex menses ei damus.

E he bem de considerar a inteireza dos Padres d'aquelle tempo, que não havendo no condenado culpas mais graves que de frouxidão, e negligencia, porque em sua pessoa se não achava tacha, essas bastarão pera o castigo. Mas não nos deve passar por alto a grande moderação del-Rei, que tendo feito tanto emprego de seu poder em favor do homem na eleição, quando veio á pena deixou correr a Ordem em seus estilos. Porém Frei Amador se governou n'esta adversidade com tanto entendimento, que lhe redundou em nova honra pera com a Religião, e em grandes gráos de gloria pera com Deos. Quando chegou o Capitulo seguinte, em que foi eleito Provincial o Padre Frei Jeronymo de Padilha, veio já assistir n'elle feito Prior da mesma casa que se lhe dera por carcere, que era o Convento da Serra, e foi Diffinidor no mesmo Capitulo. D'aqui se fez assinar n'este seu Convento da Batalha d'onde era filho, e n'elle se entregou todo a Deos, e acabou santamente, conhecendo muito o dia de sua morte; e declarando-o aos Frades ao certo.

CAPITULO XXXVII

Do Padre Mestre, e Inquisidor Frei Jeronymo da Azambuja, ou Oleastro.

Em seis de Outubro do anno de 1520 achamos, que professou n'este Convento o Padre Mestre Frei Jeronymo da Azambuja, tão conhecido por toda a Christandade polo nome de Oleastro, que na lingoa Latina he o mesmo que Zambujo, que poucos autores ha que o sejão mais. Deu-lhe esta fama a soberana erudição de seus escritos, só com huma pe-

quena parte que imprimio sobre os sinco livros de Moysés: digo pequena a comparação do muito que toda a vida escreveo, e trabalhou. Era mui versado na Theologia Escolastica, e ajudava-o hum grande conhecimento que tinha das lingoas Hebraica, e Grega: o que junto com hum juizo mui assentado, e acompanhado de grande agudeza de engenho produzia partos admiraveis. E tal he tudo o que deixou escrito assi na sustancia, como na ordem pera aproveitar aos estudiosos: porque declara primeiro o sentido literal, e logo vai moralizando os passos, e levantando conceitos com tanta erudição, e aviso, que ensinando muito, não deleita menos. Assi faz grande lastima a todos os homens de letras não acabarem de chegar a impressão suas obras: das quaes se póde temer que andando como andão escritas de mão, ou se virão a perder, ou publicar em nome alheio. As que deixou em limpo, e a ponto de poderem sahir em publico, são sobre os Psalmos, e sobre os livros dos Reis, sobre Isaias, e Jeremias, e sobre os doze Profetas menores: e affirma-se que tinha escrito sobre todo o restante da Biblia. Agora de proximo se imprimio em França á instancia do Padre Mestre Frei Pedro Calvo o que tinha escrito sobre Isaias. He hum grande volume lido com grande admiração de todos os doutos.

Como era conhecido por homem de tantas partes, despachou-o el-Rei por seu Theologo pera o Concilio de Trento, quando primeiramente se abrio por fim do anno de 1545 com outros dous Religiosos da mesma Ordem. E no pouco tempo, que d'esta vez durou aquella sagrada junta, deu grande sinal de suas letras, religião, e Christandade. D'onde naceo que tornando ao Reino desejou a Provincia aproveitar-se d'elle em governo, como tambem em premio do muito que trabalhava em serviço commum: e vindo-se ajuntar em Capitulo de eleição de Provincial por Julho do anno de 1551, foi eleito com trinta e seis votos, e com grande aplauso dos Capitulares, e a eleição confirmada polo Geral, e não desfavorecida do Pontifice Romano. Mas não houve effeito; porque el-Rei dom João estava persuadido que convinha pera quietação, e bom governo da Provincia não na tirar da mão dos reformadores que mandara vir de Castella, e secretamente se proveo de hum Breve da Penitenciaria, com que fez eleger outro. E estava el-Rei tão longe de cuidar que n'isso agravava os grandes sujeitos que então havia na Ordem, que pouco despois nomeou pera Bispos todos os tres Religiosos que mandara d'ella ao Concilio. Porém aceitando os dous sua promoção, só o Padre Frei Jero-

nymo recusou a dignidade: e foi o termo tão acompanhado de humildade, e modestia, que ainda que se podia cuidar lhe durava algum resintimento do encontro que dissemos de sua eleição, ficou el-Rei satisfeito que o movia amor de seu estudo, e quietação, e receio de entender com almas alheias, mais que lembrança de cousas passadas. Era o Bispado na ilha de S. Thomé.

Foi despois eleito em Prior d'este Convento de que era filho, e não perdendo ponto no que tocava ao bom governo, fazia espanto a continuação com que assistia sobre os livros. D'aqui o tirou o Cardeal Infante pera Inquisidor de Lisboa: e em fim a Provincia tornou a lançar mão d'elle, e o fez seu Provincial polo mez de Junho do anno de 1560 acabando seu tempo o Mestre Frei Luis de Granada. E porque vejão, e notem a alteza de espirito d'este Padre os que não podem por falta de letras conhecel-o de escritos mais levantados, poremos aqui duas memorias suas: e será a primeira huma carta que nos veio ás mãos, escrita por elle aos Conventos, quando foi eleito, que he bem de estimar, e por ser tal a daremos com sua tradução. A outra será o treslado de dous periodos das actas que então fez, muito dignos de os trazermos sempre na memoria. Segue a carta.

Reverendis Patribus Magistris, Prioribus, et Præsidentibus Conventuum, et cæteris nostræ Provinciæ Fratribus, frater Hieronymus ab Azambuja humilis Prior Provincialis, et servus, salutem et vitæ regularis observantiam. Cum in hoc nostro Capitulo Provinciali in definitorio conveniremus, et pro more, et instituto cæterorum Capitulorum aliqua ordinaremus, quæ ad retinendam et promovendam vitæ regularis disciplinam pertinerent, deprehendimus nihil penè à nobis animadversum, quod non ante in cæteris Capitulis præcedentibus esset diligenter et animadversum et provisum: quamvis esset à nonnullis negligenter observatum. Quam obrem si quid in nostris moribus, aut incuriæ aut remissionis est, non in culpa est defectus legum, sed defectus executionis earum. Leges enim sine excutione, non leges, sed literæ, vel picturæ sunt. Et ni si legi mortuæ (quæ litera est) ad sit lex viva (quæ prælatus est) nihil inde fructus consequetur. Quam obrem nom maiorem spem concepimus, quód hæc á nobis edenda diligentius servarentur, quam ab aliis jam ante edita, servata sint. Quod si ita est Patres mei, frustrá tot comitia nostra celebrantur, frustra tot laboribus, tot itineribus, tot expensis, tum Regiis, tum privatis ad Capitulum pervenitur frustrá

tot sumptus atque præparationes ante Capitulum fiunt: si oblivio, si incuria, si negligentia prælatorum cunctos abolere debet labores nostros. Actum est de Religionis nostræ sacrosancta dignitate, si quod diligentissimè præceptum est, negligentissimè custodiatur. Quid enim emolumenti habet legum conditio, nisi ad sit legum executio? Quorsum attinet leges mortuas condere, nisi eas vigilantia et cura præsidentium de morte excitent ad vitam, et veluti de potentia revocent in actum? Quarè rogámus vos, Patres, per viscera misericordiæ Christi, ut justissimam contra hujusmodi negligentias indignationem concipiatis: et nostrorum temporum calamitatem vobis ante oculos proponatis, in quibus maxima ferè pars Religionis nostræ ideo extinta est, quia collapsa est, si enim servasset quæ á maioribus accepit, servasset utique illam qui maiorum spiritum ad ejus institutionem suscitavit. Quamobrem quæso vos, Patres, vigilate, orate, laborate, date operam, ut qui Priores estis nomine, Priores etiam sitis in labore: et satagite ut per bona opera vestra Servator noster Christus exiguas has Ordinis nostri reliquias servet: quandoquidem scriptum est. Si volueris mandata conservare, conservabunt te. Valete, et pro me Dominum exorate.

A significação he a seguinte.

Aos Reverendos Padres Mestres, Priores, e Presidentes dos Conventos, e a todos os mais Religiosos d'esta Provincia, Frei Jeronymo da Azatubuja humilde Provincial, e servo, saude, e observancia da vida regular. Juntando-nos n'este difinitorio, e começando a entender, como he costume dos Capitulos, em algumas cousas concernentes á boa guarda, e adiantamento da religião, e observancia, achámos que quasi nenhuma advirtiamos, que dos Capitulos passados não estivesse já, não sómente advirtida com cuidado, mas provido n'ella de bastante remedio: assi não forão mal, e friamente guardadas por alguns. D'onde fica entendido, que se em nossos costumes ha frouxidões, e descuidos, não está a culpa nos defeitos das leis, senão no defeito da execução d'ellas. Porque leis sem execução, não são mais que humas pennadas de tinta, humas letras ou figuras pintadas. E se á letra morta (que he a lei) se não ajuntar a letra viva (que he o Prelado) nunca d'ella se seguirá fruito. Pola qual rezão não nos atrevemos a esperar, que no que hoje ordenarmos haverá melhor guarda, do que houve atégora no que outros deixarão ordenado. E se assi ha de ser, Padres meus, debalde nos cansamos em tantas juntas, e consultas, perdidos são tantos trabalhos, tantos caminhos, tantas des-

pesas publicas, e particulares, quantas se empregão em acodirmos aos Capitulos: perdidos são quantos gastos, e preparações pera elles se fazem: se o esquecimento, o descuido, e tibieza dos Prelados nos ha de baldar nossos trabalhos. Não ha que duvidar, senão que podemos dar por acabada a gloria de nossa Religião, se ás cousas, que com grande ponderação, e juizo assentarmos, ha de responder igual leviandade, e negligencia em se comprirem. Porque dizei-me, que proveito se ha de tirar da lei, não havendo quem a guarde? Ou de que serve fazer leis mortas, se a vigilancia, e boa diligencia dos que governão, e podem, as não houver de espertar da morte á vida, e como reduzir de potencia a acto? Por onde, Padres, polas entranhas da misericordia de Christo Senhor nosso vos pedimos, que contra semelhantes descuidos armeis os peitos de justa ira, e dor, como a rezão está obrigando a todos, e façais espelho das calamidades de nossos tempos, em que vemos acabada quasi a mór parte da nossa Religião, sem haver mais causa que ter começado a descahir. Que se toda a Ordem se desvelara em guardar as regras, e preceitos, que de nossos maiores ouvio, e recebeo: guardara-a a ella o mesmo Senhor, que a elles communicou o espirito, com que a doutrinarão. Polo que vos rogo, Padres, que vigieis com olhos, e entendimentos, orando, e trabalhando, e façais que os que sois Priores, e primeiros no nome, tambem o sejais no trabalho: e empregueis todas vossas forças, e juizo em fazer, que por meio de vossas boas obras nos guarde o Senhor este pequeno cantinho da nossa Religião: pois está escrito: Se guardardes a lei, ella vos guardará, etc.

Os periodos das actas são os seguintes.

Primum quidem in celebratione Divini Sacramenti admonemus omnes totius nostræ Provinciæ sacerdotes: ut sacrosancta mysteria purissime tractent; ad celebrandum non imparati, sed prævia super oratione, et meditatione accedant: celebratione, etiam oratione, et gratiarum ne subsequente. Commovemur enim graviter in eos, qui post non gravia colloquia (ne vana dicamus) statim ad Altare tremendum irrumpunt: et in eos, qui cursim et properanter, et ob id irrevereuter celebrant: unde omnes spirituales et temporales totius Religionis jacturas certo provenire credimus.

No Portuguez responde assi.

«Primeiro que tudo amoestamos a todos os Sacerdotes d'esta Provincia, que quando celebrarem o santo sacrificio da Missa, entendão n'aquelles sagrados mysterios com toda limpeza, e pureza, não chegando nunca a elles sem aparelho, mas antes precedendo sempre oração, e meditação: e seguindo-os despois com nova oração, e rendimento de graças. Porque na verdade nos obriga a hum gravissimo sentimento haver homens, que huns ou logo apoz o sono, ou trás palras, e conversações pouco graves (por não dizer ociosas, e vãs) se arremessão sem medo ao altar, que nos devia assombrar com terror, e medo: outros celebrão de corrida, e como pola posta: e pelo mesmo caso sem nenhuma reverencia; d'onde tenho por certo que nacem todos os estragos, e ruinas da Religião assi espirituaes, como temporaes.»

Este Padre não acabou o tempo de seu cargo: porque como servia no Tribunal do Santo Officio com grande continuação, e sobre o governo da Provincia não largava o estudo, que he lima surda, e polo gosto que dá a quem o ama, corta, e penetra sem se sentir, encurtou-lhe o trabalho os dias, e levou-o na entrada do anno de 1563 com grande sentimento de toda a Provincia, não tendo servido mais que dous annos e meio.

CAPITULO XXXVIII

Dos Bispos dom Frei Antonio Bernardes, e dom Frei João Bautista: e de outros Padres, filhos d'este Convento.

Succedem dous Bispos a hum, que sendo tambem eleito, como temos visto, constantemente recusou a dignidade, e ambos filhos d'este Convento. Dom Frei Antonio Bernardes professou n'elle no anno de 1537, e por suas letras, virtudes, e bom pulpito foi chamado de Coimbra pera Bispo titular d'aquella Igreja. Dom Frei João Bautista sendo mandado por el-Rei dom João terceiro a Roma a negocios de importancia, deu tão boa conta de si, e d'elles, que o houve por merecedor da mitra: e lá lhe mandou a nomeação da Igreja da ilha de S. Thomé, em tempo que vagara por renunciação, que d'ella fez dom Frei Bernardo da Cruz; e a não aceitou o Mestre Frei Jeronymo da Azambuja, sendo-lhe polo mes-

mo Rei (como dissemos) offerecida. Foi este prelado antes de sahir de Roma sagrado: e chegando a Portugal juntou comsigo doze Religiosos da Ordem, com que se embarcou pera sua diocesi, que jaz ao longo da costa de Africa, terra da Etiopia Occidental, e cahe direitamente debaixo da linha Equinocial, em meio da Zona torrida: chegando á ilha com boa viagem começou a batalhar animosa, e christãmente contra vicios, abusos, e liberdades introduzidas com a longa ausencia dos Prelados, e feitas tão caseiras entre os moradores, que despois de lhe custar muito trabalho de encontros, e contradições o remedio que procurava, emfim, vendo que todo o feitio era perdido com os poderosos; foi tal o desgosto que recebeo de ver que pastoreava ovelhas pola maior parte incuraveis, que lhe abreviou a vida. Os mais dos companheiros tinhão passado da ilha á terra firme a semear a palavra de Deos no estendido Reino de Congo, que então era sujeito a S. Thomé no espiritual, e ha muitos annos que com seu Rei obedece á Igreja Romana. Estenderão-se por elle occupados em seu ministerio, no qual acabarão a vida quasi todos, tornando só ao Reino os que se acharão na companhia do Bispo quando faleceo.

Assi como estes dous Padres forão tirados do remanso da Religião pera as ondas do mundo, e tempestades de que as dignidades se acompanhão, temos outros que no canto d'ella, e sem sahirem d'este Convento, passarão longos annos em mansa pobreza, não querendo ser conhecidos nem ouvidos, e entregues todos a hum só cuidado de salvar suas almas, que em fim he só o que importa na vida, e pera que se busca o deserto da Religião. Outros sendo occupados pola Provincia em cargos, ou em lição, e prégação, mudando só de Convento, não mudarão estilo de vida, e acabarão entre seus irmãos. Entre estes forão raros em rigor de vida, e amor de oração o Padre Frei Diogo de Vitoria, ou da Barreira nacido em huma pobre aldea d'este nome visinha ao mesmo Convento, que lhe deu o habito, e em que se fez estimar: e os Padres Frei Antonio de Ourem, e Frei Antonio da Cruz. D'este ultimo se conta hum estranho caso, que por ser de testimunho singular, nem o affirmamos, nem o quiseramos contar, ainda que acreditado com a simplicidade de quem o deu, e muito mais com a provada virtude, e pureza de vida do mesmo Padre, da qual fazemos mais caso que do milagre, quando bem fora mui calificado. Mas não parece rezão deixarmol-o esquecido, porque poderoso he Deos pera mostrar ainda maiores maravilhas em

seu favor, como tem mostrado nas partes da India Oriental polo Padre Frei Simão das Chagas seu irmão, que n'ellas he por Santo venerado, segundo veremos na terceira parte d'esta Cronica, se o Senhor nos chegar a escrevel-a. Na hora que este Padre Frei Antonio da Cruz foi lançado na cova, ao tempo de o começarem a cobrir de terra se virão cahir sobre sua cabeça muitas flores brancas miudas, e como desfolhadas, sem parecer d'onde vinhão, invisiveis pera toda a outra pessoa, senão pera os olhos de huma que muitas vezes então, e despois o contou diante de toda a Communidade.

Os que agora diremos falecerão fóra do Convento de que erão filhos, sendo chamados do Senhor em outros, onde servião a Ordem. O Padre Frei Lopo de Sousa despois de Prior duas vezes de Lisboa, e de outras casas da Provincia; e despois de ser d'ella Vigario Geral faleceo no Mosteiro de S. João de Setuval servindo áquellas Madres de seu Vigario.

Os Padres Frei Gaspar Coresma, e Frei João Aranha falecerão ambos em Coimbra: ambos famosos Prégadores: e este segundo Lente na Universidade da mesma cidade de Coimbra da Cadeira de prima de Escritura.

Não tenho duvida que haverá muitos mais filhos d'este Convento que mereção este lugar, e memoria, mas não chegarão á nossa noticia ou os nomes, ou as partes que nos obrigão a fazer d'elles lembrança. E com tudo temos hum raro espirito pera cerrar este numero, e este capitulo: o qual tambem se enterrou fóra do ninho do nacimento. Foi o Padre Frei Antonio de Sande, nobre por geração, qual he o appellido n'este Reino, e nos de Castella. Este Padre se fez amar, e estimar no Convento de Santarem, onde pola obediencia estava assinado por mui essencial religioso. E sendo-o nas mais partes de prégador Apostolico, e verdadeiro seguidor da pobreza de Christo, esmerou-se grandemente nas virtudes da charidade, e humildade. Era porteiro, e tinha a seu cargo repartir as esmolas de casa na porta. Não se vio nunca n'elle acto nem palavra de pouco soffrimento, sendo o officio com os de casa assaz trabalhoso, e com os de fóra, na repartição das esmolas cheio de importunações, e desconcertos, que ás vezes causa ou demasia de necessidade, ou falta de criação dos que buscão a mantença polas portarias dos Conventos. Elle repartia o que havia do refeitorio, e o que de fóra buscava, com tanta ordem, e concerto, com tanta brandura, e affabilidade, que não havia nenhum que o não amasse e respeitasse. Sabemos d'elle, que

faltando algumas vezes agoa de beber em casa, porque não faltasse na hora da comida aos pobres, por suas mãos a hia buscar, sendo já de sessenta annos, a hum poço mui alto, que está na cerca, e se chama de S. Frei Gil: elle a tirava, e trazia, e sendo o trabalho grande, a charidade lh'o adoçava tanto, que o tinha por passatempo.

Mas como a morte he o fiel, que com mais certeza descobre quem cada hum he, a sua nos confirmou as perfeições que havia em sua alma. Andava indisposto de hum achaque tão leve, que o passava na cella sem ir á enfermaria. Hum dia do anno de 1609 levantando-se da cama pola manhã sem febre de novo, nem alteração de pulso, nem dôr nenhuma, se foi á sacristia, confessou-se, e disse Missa: tornou-se logo á cella, e deitou-se, e pedio que lhe trouxessem as taboas, e lh'as posessem junto do leito. Damos este nome na Religião a huma pequena taboa cercada de aldrabas de ferro pendentes, que meneada serve de espertador das portas adentro, e de juntar a Communidade, quando algum Religioso está em passamento. Acodirão os Frades maravilhados de tal prevenção em pessoa, que a olhos de todos não tinha que temer. A huns parecia graça, a outros malencolia. Veio o medico que o costumava visitar, tomou-lhe o pulso, finava-se de riso não achando cousa de que formar pronostico de perigo, quanto mais de morte. Mas o Frade não quietou até que teve junto de si as taboas: e brevemente, como todos andavão em vigia sobre elle, virão que começava a desfalecer, e entrar em desmaios, com que foi pera o Ceo sem tardar muito, alegre, e profeta de seu bem. Sendo a morte por este modo quasi subita, assi se juntou logo todo o povo d'aquelle grande lugar a veneral-o, como se fora esperado de longos dias: e particularmente foi chorado por todo o genero de pobres, como seu pai, e como Santo. Enterrado como humilde, e ordinario religioso, foi Deos servido que ficasse honrado com hum elogio do Capitulo Geral de Roma, celebrado pola nossa Ordem no anno de 1612, o qual veio impresso nas actas d'elle, e declara brevemente parte do que temos dito, e he o seguinte.

Floruit etiam in Portugallia Frater Antonius de Sande Prædicator vere Apostolicus, qui maximo cum odore virtutum portarij munus exercuit in Conventu Sanctarenensi, acquisitas eleemosynas pauperibus summa cum humilitate et charitate distribuens: in cujus obitu ad ejus corpus venerandum frequentissimus cucurrit populus. Evolavit in cœlum anno Domini 1609 *sexagenarius.*

CAPITULO XXXIX

Do estado em que estavão as cousas da Provincia, e do Reino, polos annos em que se deu á Ordem este ultimo Convento da Batalha.

Bastava sem outra razão ter crecido tanto este volume pera lhe darmos termo, e guardarmos pera outro os Conventos que nos restão, que são muitos mais em numero, e não ha menos que dizer n'elles: juntando-se alem da Congregação da India, onde temos já grande numero de casas, Conventos em Africa, missões aos Reinos de Congo na torrida Zona, e expedições ao Brasil, parte do mundo novo: cousas todas que demandão muito papel, e muitas d'ellas estão apagadas na memoria dos homens, entre quem vivemos: sendo assi que todas nos tem levado, e consumido muitos e grandes espiritos d'esta Provincia com mortes, com perigos, com doenças, e naufragios: espiritos merecedores que se occuparão melhores pennas, que a nossa, em lhes restituir com fama, e louvores nova vida pola que perderão por honra de sua Ordem, e da patria, e por nos deixarem bom exemplo. Porém temos outras conveniencias que nos aprovão cortarmos aqui o fio: das quaes he a primeira acabar-se pontualmente por este tempo a união de governo que havia entre os Conventos d'este Reino com os de Castella. Porque dado que a distinção de Provincias não teve cumprimento formado, senão quasi trinta annos adiante d'este de 1388 em que vamos correndo, que veio succeder no Capitulo de Florença do anno de 1417 sendo Mestre Geral de toda a Ordem o Padre Frei Leonardo Estaço: com tudo em quasi todos elles se governavão já estes Conventos de Portugal por Vigarios Geraes, sem dependencia nem reconhecimento de outra pessoa mais, que do Geral Frei Raimundo de Capua, que estava com Urbano sexto, verdadeiro Pontifice: e não fazião caso do Provincial, que residindo em Castella seguia com aquelle Reino as partes do Antipapa scismatico. E estes Vigario geraes durarão por tanto tempo arrimados sempre com todo Portugal ao verdadeiro Vigario de Christo (que por tal era havido Urbano) e seus legitimos successores, quanto durou a scisma. E no cabo d'elles se fez logo a divisão formal, que já procedia em realidade.

Assi faço conta que acaba bem o volume quando fenece, e se desfaz a companhia das Provincias: e quando começarmos outro será começando esta nossa a fazer corpo, e gesto por si, com seus onze Conventos que

lhe temos dado até o anno de 1388, oito de Frades e tres de Freiras. E digo só onze, porque na divisão das Provincias fica Tuy com Castella.

Ficamos tambem dando ponto a este trabalho com a boa occasião de o darem juntamente algumas antigualhas do Reino, que com muita rezão se reformarão: como foi a do governo Ecclesiastico da maior, e melhor cidade d'elle, a quem os Reis honrão com nome de Princesa: digo Lisboa, que naceo, e foi levantada em nova dignidade no anno de 1390 por graça, e favor do Summo Pontifice Bonifacio nono, o qual de suffraganea que primeiro fora de Merida, e despois de Braga, a fez Metropoli: e lhe sujeitou por suffraganeos tres Bispados, a saber: Evora, e Badajoz, que então era da coroa de Portugal, e Silves no Algarve. E foi o primeiro Arcebispo dom João Escudeiro.

Acabou juntamente a mal introduzida, ou mal tolerada conta da Era de Cesar (vergonhosa conta pera os que não temos maior bem que a memoria, e annos de Jesu Christo.) Acabou de a desterrar d'este Reino el-Rei dom João, como fez a outros grandes monstros de máos costumes, se não foi precisamente por estes annos (polo muito que custa arrancar máos usos) ao menos em sua vida ficou esquecida, e apagada: e d'ahi em diante estaremos livres de reduções, e duvidas de annos.

E porque, cessando velhices, seja tudo novo, veremos no principio da obra seguinte levantar-se com ella valerosos espiritos amigos d'aquelle antigo fervor da nossa primitiva Ordem, que por demasiado antigo já parecia novo, e começar a pelejar contra a furia feia da claustra, que do mundo estava feita absoluta senhora com as desordens e liberdades, que acarrea a longa guerra, e mais quando he civil, como forão quasi todas as que houve nos tempos dos Reis dom Fernando, e dom João. Veremos por outra parte acrecentado logo o Reino em titulos de Conquistador dos Mouros de Africa com a tomada da famosa cidade de Ceita, recheada ainda d'aquellas mesmas armas, que forão instrumento da servidão, que por oitocentos annos opprimio Espanha. Em fim viremos a começar obra nova (se o Senhor for servido, que continuemos o que nos resta da Provincia) quando no Reino tambem começa tudo novo. E entre tanto rendamos as graças ao Pai, e Autor de todo bem, pola mercê de nos chegar a ver o fim d'esta primeira jornada: pola qual seja louvado com o Filho, e Espirito Santo in sempiterna secula. Amen.

LAUS DEO.

Sub censura Sanctæ Matris Ecclesiæ Romanæ.

TABOADA DOS CONVENTOS

DE QUE SE TRATA N'ESTE SEGUNDO VOLUME

CONVENTOS DE FRADES

5 Convento da cidade de Elvas, livro IV cap. 8.
6 Convento da villa de Guimarães, liv. IV cap. 12.
7 Convento da cidade de Tuy, liv. IV cap. 22.
8 Convento da cidade de Evora, liv. V cap. 1.
9 Convento da villa da Batalha, liv. VI cap. 12.

MOSTEIROS DE FREIRAS

2 S. Domingos das Donas, na villa de Santarem, liv. V cap. 20.
3 Corpus Christi, em Villa nova, junto á cidade do Porto, liv. VI cap. 2.

TABOADA

DOS CAPITULOS D'ESTA PRIMEIRA PARTE DA HISTORIA DE S. DOMINGOS PARTICULAR DO REINO E CONQUISTAS DE PORTUGAL CONTIDOS NO VOLUME SEGUNDO.

LIVRO IV

Pag.

Cap. I. De huma grande perseguição que em Portugal se levantou contra a Ordem: e dos favores com que a Sé Apostolica acodio aos Religiosos 1

Cap. II. Dos trabalhos que passavão os Religiosos em quanto lhes tardou o remedio de Roma: e como cessarão todos com as letras do Pontifice 5

Cap. III. Que contém huma Bula, pola qual o Summo Pontifice mandou festejar em Portugal, e reconhecer por Santos a S. Domingos, e a S. Pedro Martyr. Dá-se conta do muito que se estendeo polo Reino a devação de Nosso Padre S. Domingos 7

Cap. IV. Das Freguezias, e Ermidas que ha da invocação de S. Domingos no Arcebispado de Braga 9

Cap. V. Da Ermida de S. Domingos da Sovereira: e de hum estranho caso que n'ella obrou Nosso Senhor por intercessão do Santo em favor de hum cativo de terra de Mouros 13

Cap. VI. Prosegue o milagre do cativo: apontão-se algumas particularidades, que o confirmão 17

Cap. VII. Do sitio, e nomes de outras Freguezias, e Ermidas que ha no Reino da invocação de S. Domingos 20

Cap. VIII. Da antiguidade, e principios, e fundação do Convento de Nossa Senhora dos Martyres da cidade de Elvas 23

Cap. IX. Faz el Rei doação á Ordem da Ermida de Nossa Senhora dos Martyres pera assento do novo Convento. E o Bispo de Evora dá sua licença pera a obra 27

Cap. X. Da traça que se deu pera a Igreja do Convento: e das esmolas que se procurarão pera a fabrica: e de algumas mercês que polo tempo em diante houverão os Religiosos dos Reis . . 30

Pag.

Cap. xi. Das fazendas, e bens de raiz que algumas pessoas devotas dotarão ao Convento. Dá-se conta da vida, e partes de alguns filhos d'elle 33
Cap. xii. Fundação do Convento de S. Domingos da villa de Guimarães 36
Cap. xiii. Chama o governo de Guimarães aos Frades de S. Domingos pera morarem na villa. Dá-se-lhe sitio: edificão Convento: apontão-se os nomes das pessoas que lhe acodirão com esmolas 40
Cap. xiv. Derriba-se o Convento. Dá-se conta da rezão que pera isso houve: edifica-se de novo em outro lugar: faz-se memoria de algumas pessoas de grande calidade que ajudarão a obra 43
Cap. xv. Vida, e milagres do Santo Frei Lourenço Mendes, com a notavel obra que acabou da ponte de Cavez 46
Cap. xvi. De hum mysterioso caso que aconteceo ao Santo Frei Lourenço em terra de Chaves, continuando o santo ministerio da prégação 50
Cap. xvii. Da fórma, e feitio da caixa que o Anjo deo ao Santo Frei Lourenço: do numero, e calidade das reliquias que n'ella havia. Apontão-se alguns testimunhos que derão estrangeiros da santidade do Santo Frei Lourenço: e o sitio em que estão seus ossos 53
Cap. xviii. Da virtude, e santo fim de alguns filhos d'este Convento 56
Cap. xix. De outras antiguidades que ha n'este Convento dignas de memoria: e da grande devação que a villa, e comarca tem com S. Pedro Martyr, e Santa Caterina de Sena 59
Cap. xx. De alguns milagres de Santa Caterina de Sena, que se virão n'este Convento 62
Cap. xxi. Do que fizerão por este tempo os Religiosos da Provincia em serviço, e por mandado do Summo Pontifice 64
Cap. xxii. Fundação do Convento de S. Domingos da cidade de Tuy 67
Cap. xxiii. Do nacimento, e estudos do Santo Frei Pero Gonçalves Telmo. E das rezões que ha pera pertencer ao Reino de Portugal 71
Cap. xxiv. Da conversão do Santo Frei Pero Gonçalves: e dos meios porque Deos o trouxe á Religião, e do principio de seus milagres 74
Cap. xxv. Da ponte que o Santo fez sobre o rio Minho; e da continuação com que prégava: e de alguns milagres grandes que fez 78
Cap. xxvi. De hum notavel milagre que o Santo fez; e de seu bemaventurado transito na cidade de Tuy 82
Cap. xxvii. Como foi sepultado o Santo, e despois seu corpo tresladado pera a Sé: e n'ella melhorado de lugar duas vezes . . 84
Cap. xxviii. De alguns milagres que o Santo obrou despois de sua morte 87
Cap. xxix. Das luzes com que o Santo costuma acodir no mar aos

Pag.

devotos navegantes, que a elle se encommendão 91
Cap. xxx. Das grandes instancias com que a gente do mar de Portugal tem procurado, e pedido a canonização d'este Santo . . 95

LIVRO V

Cap i. Fundação do Convento de S. Domingos da cidade de Evora 100
Cap ii. Dos Padres Frei Alvaro Murzello, e Frei Fernando Amado, filhos d'este Convento. E dos principios de vida do Irmão Frei Pedro, Leigo 106
Cap. iii. Das penitencias que o Irmão Frei Pedro fazia despois de professo: do cuidado que tinha dos pobres sendo porteiro: e das grandes perseguições, que padeceo do Demonio, até o mudarem pera Evora 109
Cap. iv. Vai Frei Pedro mudado pera Evora, dá-se-lhe cuidado da portaria, e dos pobres. Referem-se alguns meios que buscava pera ser desprezado, e abatido 112
Cap. v. De alguns casos em que se notou o bom entendimento, e capacidade de Frei Pedro 115
Cap. vi. Das muitas perseguições que o Demonio fazia a Frei Pedro, e do valor, e paciencia com que se havia n'ellas 117
Cap. vii. Da opinião que commummente havia da santidade de Frei Pedro: e quanto caso se fazia de suas orações 120
Cap. viii. De alguns casos em que mostrou espirito de profecia . . 123
Cap. ix. Da gloriosa morte do santo Irmão Frei Pedro 127
Cap. x. Das exequias, e officio da sepultura do Irmão Frei Pedro, e do sentimento geral com que forão celebradas 129
Cap. xi. De outros filhos d'este Convento dignos de memoria . . 132
Cap. xii. Do insigne varão o Padre Mestre Frei Luis de Granada 134
Cap. xiii. Vem o Padre Mestre Frei Luis a Portugal a petição do Cardeal Infante: perfilha-se polo Convento de Evora. He eleito Provincial. Dá-se conta da ordem que tinha em Lisboa em sua vida, e estudos 137
Cap. xiv. Da pobreza voluntaria que o Padre Frei Luis seguia, e de sua grande humildade. Contão-se alguns casos em que se vio o que amava estas virtudes 140
Cap. xv. De sua morte, exequias, sepultura, e epitafio d'ella . . 143
Cap. xvi. Do grande credito que sua pessoa, e escritos tinhão por toda a Christandade entre todo genero, e estados de gente . . 144
Cap. xvii. Que contem humas letras Apostolicas com que o Summo Pontifice honrou sua pessoa 147
Cap. xviii. Do Padre Frei Reginaldo de Mello, filho d'este Convento 150
Cap. xix. Da estranha penitencia, e morte do Padre Frei Duarte de

Pag.
Oliveira 152
Cap. xx. Da fundação, e primeiros principios do Mosteiro de S. Domingos das Donas de Santarem 155
Cap. xxi. Mudão as emparedadas em encerramento commum o particular que tinhão: e ficão no mesmo posto em forma de Mosteiro. Recrecendo novas queixas, dá-lhes o Convento de S. Domingos o sitio da Madalena 158
Cap. xxii. Passão-se as reclusas ao novo sitio da Madalena. Dá-se rezão do nome de Donas com que até o presente se nomeão as Religiosas d'este Mosteiro 161
Cap. xxiii. Das diligencias que fizerão as emparedadas despois de mudarem o sitio, pera serem recebidas, e encorporadas na Ordem 164
Cap. xxiv. Que contêm a patente com que foi aceitado da Ordem o Mosteiro das Dônas de Santarem 167
Cap. xxv. Vão duas Religiosas do nosso Mosteiro de Chellas fundar o das Donas de Santarem. Dá-se conta das grossas esmolas que acodirão ao Mosteiro, tanto que foi admittido ao governo da Ordem 169
Cap. xxvi. Que contêm huma escritura que fez a Madre Dona Maria Mendes sendo reeleita em Prioressa, em reconhecimento de ser o sitio, e Mosteiro das Donas fazenda propria do Convento dos Frades 172
Cap. xxvii. Que contêm huma petição que o Mosteiro das Dônas fez ao Summo Pontifice pera ficar unido á Ordem pera sempre: e despacho que houverão 174
Cap. xxviii. De algumas Religiosas insignes em virtudes, que houve n'este Mosteiro desd'o principio da primeira reclusão . . . 177
Cap. xxix. Das Madres sor Sentiz, e sor Joanna Lourenço . . . 179
Cap. xxx. Da Madre sor Caterina Rodrigues: da grande tribulação em que viveo, e da gloriosa morte com que acabou 181
Cap. xxxi. Das Madres sor Eyria Alvares, e sor Breitiz Feijó, e outras duas sem nome 185
Cap. xxxii. Das Madres sor Caterina Nunes, sor Caterina Pacheca, e sor Caterina da Costa 188
Cap. xxxiii. Da Madre sor Breitiz Salema 190
Cap. xxxiv. Das Madres sor Anna Vitella, e sor Anna Carreira . . 193
Cap. xxxv. Das Madres sor Filippa de Castro, e sor Filippa Godinha 195
Cap. xxxvi. Da Madre sor Maria de Mendoça 197
Cap. xxxvii. Da Madre sor Guimar de Sousa 200
Cap. xxxviii. Das Madres sor Filippa de Paiva, sor Guimar Velha, sor Isabel da Rosa, sor Breitiz de Mendoça, e sor Lianor do Rosario 202
Cap. xxxix. Da Madre sor Micia dos Apostolos 205
Cap. xl. De outras virtudes da Madre Sor Micia, e de sua santa morte, e da Madre Lianor de Moraes 208
Cap. xli. Da Madre dona Jeronyma, Religiosa da Terceira Regra, e

Pag.

Ordem de S. Domingos 210
Cap. xlii. Como inviuvou, e fez profissão, e da vida, e penitencia que fazia despois de professsa 213
Cap. xliii. Da continuação, e fervor que tinha na oração, e dos grandes mimos, e favores que n'ella recebia do Senhor com visões, e particularidades extraordinarias 216
Cap. xliv. De algumas mercês que Deos fez a differentes pessoas por meio de suas orações, e de huma muito soberana que lhe fez a ella: e de seu bendito transito 220

LIVRO VI

Cap. i. Das causas, e rezões que se offerecem pera o Reino de Portugal ter produzido tanta gente santa como parece d'esta historia 225
Cap. ii. Do principio que teve o Mosteiro de Corpus Christi em Villa nova do Porto 229
Cap. iii. Pede o Cabido Juiz Apostolico ao Pontifice pera a causa dos embargos que tinha posto ao Mosteiro. Pede dona Maria licença pera fundar. Dá-se o Juiz, e dá-se a licença 232
Cap. iv. Dota a fundadora o Mosteiro em conformidade do Breve: vão duas Religiosas do Mosteiro das Donas de Santarem dar-lhe principio 236
Cap. v, Em que se faz memoria de algumas pessoas de grande calidade, que deixarão esmolas, e fazenda a este Mosteiro, e de outras que n'elle tomarão sepultura 238
Cap. vi. Da grande religião que n'este Mosteiro floreceo sempre: do rigor, e austeridades que se guardavão: e de alguns casos raros que ficarão n'elle om tradição 240
Cap. vii. Das Madres sor Brazia Annes, e sor Joanna da Gloria 244
Cap. viii. Das Madres sor Isabel de Abreu, e sor Isabel de Moraes 248
Cap. ix. Das Madres sor Caterina de Soagoa, sor Breitiz Rabella, e sor Isabel Affonso 250
Cap. x. Das Madres sor Justa Vieira, sor Violante, e sor Juliana . . 253
Cap. xi. De alguns grandes milagres que N. Senhor tem feito n'este Mosteiro por huma imagem que n'elle ha do P. S. Domingos . . 255
Cap. xii. Origem, e principio da fundação do Real Convento de Nossa Senhora da Vitoria, no lugar da Batalha 259
Cap. xiii. Do sitio que el-Rei escolheo pera o Mosteiro, e das rezões que o moverão a edificar n'elle 262
Cap. xiv. Descreve-se a Igreja pola parte interior, com as medidas e calidade do edificio 264
Cap. xv. Descreve-se a capella particular em que el-Rei jaz, e que que pera si escolheo como fundador 267

Pag.

Cap. xvi. Descreve-se a Igreja pola parte de fóra: e todo o edificio juntamente polo alto 274
Cap. xvii. Da Sacristia, e do thesouro de reliquias, ouro, prata, e ornamentos com que el Rei a enriqueceo 278
Cap. xviii. Descreve-se o mais interior do Convento 281
Cap. xix. Descreve-se a obra que hoje se vê na capella imperfeita, detrás da maior 283
Cap. xx. Dos suffragios que el-Rei ordenou n'esta sua casa por sua alma, e dos Infantes seus filhos: e da esmola, e offertas que com elles sinalou: e da dispensação que houve pera o Convento possuir proprios 289
Cap. xxi. Faz el-Rei doação de huma quinta ao Convento. Dá-se conta do cuidado que teve em seu testamento, que ficasse com bastante sustentação, e das causas que a tolherão 293
Cap. xxii. De algumas graças espirituaes, que el-Rei impetrou pera o Convento. E de outras cousas que ordenou pera bom governo d'elle, e conservação do edificio 297
Cap. xxiii. Que contém o epitafio latino da sepultura del-Rei dom João 298
Cap. xxiv. Declara-se em vulgar o epitafio del-Rei, latino . . . 303
Cap. xxv. Que contém huma parte da letra do epitafio da Rainha dona Filippa, com sua significação 304
Cap. xxvi. De hum caso milagroso, que se vio em Lisboa em hum officio solene de exequias celebrado pola alma del-Rei dom João o primeiro 308
Cap. xxvii. Do nacimento do santo Infante dom Fernando: e de sua gloriosa vida, e santos costumes 311
Cap. xxviii. Embarca-se o Infante na jornada de Tangere, e chegando o Campo a ponto de se perder, offerece-se a ficar em poder dos Mouros, polo salvar 314
Cap. xxix. Faz-se a entrega do Infante aos Mouros, levão-no a Tangere, e Arzilla, e a Fez. Conta-se a vida que fazia n'estas terras, e os trabalhos, e affrontas que padeceo 317
Cap. xxx. Como foi passado a huma masmorra, e despojado do vestido, e cama. Contão-se outras afflições, que passou, até lhe chegarem novas do falecimento del-Rei seu irmão 320
Cap. xxxi. De outras cruezas, e máos tratamentos que se fizerão ao santo Infante: e como adoeceo, e faleceo 322
Cap. xxxii. Dos improperios, que os infieis fizerão ao corpo do santo Infante: e das maravilhas que por elle obrou o Senhor: e como foi trazido a Portugal 325
Cap. xxxiii. Em que se faz memoria de alguns sinaes, e testimunhos calificados da virtude del-Rei dom João segundo, que n'este Con-

Pag.
vento está em deposito 328
Cap. xxxiv De algumas graças que el-Rei dom Affonso quinto impetrou da Sé Apostolica pera este Convento 331
Cap. xxxv. Das memorias que el-Rei dom Manoel deixou n'este Convento: e da renda que os Reis dom Filippe primeiro, e segundo de Portugal lhe derão 334
Cap. xxxvi. Assentão-se estudos n'este Convento: faz-se memoria de alguns Religiosos que lhe pertencem, e do Padre Frei Amador Anriquez filho d'elle 335
Cap. xxxvii. Do Padre Mestre, e Inquisidor Frei Jeronymo da Azambuja, ou Oleastro 338
Cap. xxxviii. Dos Bispos dom Frei Antonio Bernardes, e dom Frei João Bautista: e de outros Padres filhos d'este Convento . . 343
Cap. xxxix. Do estado em que estavão as cousas da Provincia, e do Reino, polos annos em que se deu á Ordem este ultimo Convento da Batalha 347

Uma Lição de florete, c. d em 3 actos..... 180
Trabalho e honra, c. em 3 actos 300
A Aristocracia e o dinheiro, c. em 3 actos..... 300
Coração de ferro, d phantastico em 5 actos..... 300
O Chale de Cachemira, comedia em um acto, por Alexandre Dumas. Traduzida livremente por A. Cesar de Lacerda..... 120
E' perigoso ser rico, comedia em um acto..... 160
As joias de familia c. d. em 3 actos..... 300

MENDES LEAL ANTONIO

Poesias, 1 vol..... 500
Abel e Caim, c. em 3 actos..... 240
Uma Victima, d. original em 3 actos..... 160
Dôr e Amor. c d. em 3 actos... 200

J. D'ABOIM

A' tarde entre a murta, comedia em 3 actos..... 240
O Recommendado de Lisboa, c. em 1 acto 80
O Homem põe e Deus dispõe, c. em dois actos..... 120
As nodoas de sangue, d. em 3 actos..... 160
Cada louco com sua mania, c. original em um acto..... 100

I. M. FEIJOO

Camões do Rocio, c. em 3 actos. 300
A Torre do Corvo, d. em 4 actos e um prologo..... 400
Carlos ou a Familia de um Avarento, c. em 4 actos..... 240
Pedro Cem, c. em 5 actos 300
Remechido, o Guerrilheiro, d. em 3 actos..... 300

E. BIESTER

Um Quadro da vida, d. em 5 actos..... 480
A Redempção, c. d. em 3 actos. 360
Duas epocas da vida, c. em 2 actos..... 240
Uma viagem pela litteratura contemporanea 200
As obras de Horacio, imitação, comedia em um acto..... 120
Um homem de Consciencia, c. em 2 actos 160
O Maestro Favilla, drama em 3 actos..... 200

ALFREDO HOGAN

As Brazileiras c. d. em 3 actos. 300
Ninguem julgue pelas apparencias, c. d em 3 actos..... 360
Os Dissipadores, c. em 4 actos . 400
É melhor não experimentar, c. em 1 acto..... 200
Memorias do Coração 240
A Irmã de Caridade, c. em 2 actos..... 160
Duas mulheres da epoca, romance contemporaneo..... 240
O Marido no Prégo, c. em um acto..... 160
Já não ha tolos!.. c. em um acto..... 80
Não desprese sem saber, c. em um acto..... 120
O Colono, c. d. em 3 actos..... 160
Segredos do Coração, c. d. em 3 actos..... 200
O Juizo do Mundo c. d. em 3 actos..... 240
A Mascara Social, c. d. em 3 actos..... 200
A Pelle do Leão, c. d. em 3 actos. 200
A Roda da Fortuna, c. d. em 3 actos..... 160
Nem tudo que luz é oiro, c. d. em 3 actos..... 200
O dia 1.° de Dezembro de 1640, c. heroica, original em 3 actos. 200
O ultimo dia dos Jesuitas em Portugal, drama original historico portuguez em 8 quadros 4 actos e um epilogo..... 200

JULIO CESAR MACHADO, E ALFREDO HOGAN

A Vida em Lisboa, c. d. em 4 actos 300
Primeiro o dever! c. d. em 3 actos..... 160

F. EVARISTO LEONI

Genio da Lingua Portugueza... 1:800

J. C. DOS SANTOS

O Segredo d'uma Familia, c. em 3 actos..... 240
O Pae prodigo, comedia em 3 actos..... 120
O Homem das Cautelas, c. em 2 actos..... 180
Gil Braz de Santilhana, comedia em 3 actos..... 608
Maria, ou o Irmão e a Irmã, c. em 3 actos..... 200
Uma chavena de chá, c. em um acto..... 120
Convido o coronel!!... c. em um acto..... 100
A Herança do tio Russo, c. em 3 actos..... 220

HENRIQUE VAN-DEITERS

Poesias, 1 vol..... 300
Os moedeiros falsos, c. d. original em 3 actos..... 160
Dois cães a um osso, c. em 1 acto 100
Não envenenes tu, a mulher quiproquo em 1 acto..... 102
Scenas intimas, comedia-drama em 1 acto 100

JOAQUIM AUGUSTO DE OLIVEIRA

A Corôa de Carlos Magno peça magica de grande espectaculo

em 4 actos 1 prologo, e 21 quadros, formada sobre a lenda= Les quatre fils Aymon..... 320
A Costureira, c. em um acto.... 100
Erros da Mocidade, c. em 3 actos. 160
A ave do Paraizo, comedia-magica em 20 quadros, formando 3 actos..... 360
O paraizo perdido, ou a creação e o Deluvio, peça biblica em 1 prologo, 3 actos, e 1 epilogo, formando 21 quadros..... 360

MANUEL ODORICO MENDES

Opusculo ácêrca do Palmeirim de Inglaterra e do seu autor no qual se prova haver sido a referida obra composta originalmente em portuguez..... 200

I. DE VILHENA BARBOSA

Cidades e villas da Monarchia Portugueza que teem Brasões d'Armas: 3 vol. 8.º fr. (com estampas lytographadas)..... 3:000

JULIO CESAR MACHADO

A esposa deve acompanhar seu marido, c. em um acto..... 140
O Capitão Bitterlin, c. em um acto..... 140

ARISTIDES ABRANCHES

Stambul, c. em 3 actos e 9 quadros..... 300
A mãe dos escravos, d. em 4 actos..... 200
Como se descobrem... mazellas, c. em 1 acto..... 120
Trovoadas de maio, c. em 1 acto 160
Os dois pescadores, c. em 1 acto. 80
Nem todo o mato e oregãos, c. em 1 acto..... 160

J. R. CORDEIRO JUNIOR

Amor e arte, drama em 3 actos. 220
O Arrependimento salva, drama em um acto..... 100
Fernando, comedia-drama em 4 actos..... 200

J. I. DE ARAUJO

A princeza de Arrentella, tragedia burlesca em 3 actos..... 160
A Sombra do Sineiro, tragedia burlesca em 3 actos..... 200
Um Bico em Verso, scena comica..... 60
O Princepe Escarlate, tragedia burlesca em 2 actos em verso. 180
Um homem que tem cabeça; c. em um acto..... 100
Ultimos momentos d'um Judas; entre-acto tragico-burlesco... 80

JOSÉ BENTO D'ARAUJO ASSIS

O segredo d'uma esmola, c. d. em 2 actos..... 180
As duas paixões, c. em 1 acto.. 120
Deus nos livre de mulheres, c. em um acto, ornada de coplas.. 120

J. A. DE MACEDO

A Creação, poema pelo P. José Agostinho de Macedo..... 120

ERNESTO MARECOS

As Primeiras Inspirações,—Poesias..... 600
Juca, a Matumbolla—Lenda.... 160

MANUEL MARIA PORTELLA

Ensaios poeticos.—Poesias..... 400

OBRAS DE DIVERSOS AUCTORES

Reflexões sobre a lingua portugueza, 2.ª ed..... 720
Cirurgia e medicina 1 vol 360
Camões e o Jão, scena dramatica. 100

NO PRELO

Historia de S. Domingos, por Fr. Luiz de Sousa.— Acha-se quasi completo o 3.º vol.
Savitri, Lenda indiana, por Ernesto Marecos.
Memorias da Mocidade, Romance pelo Conego Soares Franco.

PLEASE DO NOT REMOVE
CARDS OR SLIPS FROM THIS POCKET

UNIVERSITY OF TORONTO LIBRARY

BX
3542
A1C3
1866
v.2

Cacegas, Luiz de
Primeira [quarta] parte da
historia de S. Domingos

UTL AT DOWNSVIEW
D RANGE BAY SHLF POS ITEM C
39 15 15 15 09 009 6